Revista CECS

O campo que nos move

Dois anos de **história, com ciência e expansão** das *Constelações Sistêmicas no Brasil*



CECS
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM CONSTELAÇÕES SISTÊMICAS

cecsbrasil.org.br

Edição 2025

Sumário

Editorial | CECS 2025: Expansão, Ética e Responsabilidade no Campo Sistêmico.....06

Livro 'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética' representa um marco acadêmico global.....09

CECS fortalece laços com Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS) 18

Mestre Jakob Schneider aborda desafios da terapia de casal em encontro promovido pelo CECS.....25

"Juntos somos mais fortes": CECS celebra 1 ano de atividades com foco no amor e na conexão humana.....32

Conexão Mulheres discute saúde integral, cura sistêmica e autoconhecimento.....49

Constelações Familiares e avanços científicos: Dan Cohen aponta conexões entre trauma geracional, epigenética e biologia molecular.....70

Jakob Schneider encerra ciclo formativo no CECS com reflexão sobre vínculos entre agressor e vítima.....81

CECS reestrutura diretoria e define médica Dagmar Ramos como nova presidente.....90

Projeto Autoria reforça integração entre ciência, espiritualidade e prática clínica durante apresentação do livro 'Constelações Familiares na Medicina', de Dagmar Ramos.....100

Pesquisa da psicóloga Adriana Braz aponta efeitos positivos das Constelações Familiares na saúde mental.....109

Dagmar Ramos alerta sobre burnout e saúde emocional durante Congresso Cirurgia Ano 2025, em Divinópolis (MG).....125



Médica Dagmar Ramos participa de Workshop vivencial com integração entre Constelações Familiares e cuidado oncológico sob perspectiva sistêmica, em Divinópolis (MG).....136

Comissão de Direitos Humanos do Senado rejeita proibir Constelação Familiar em instituições públicas por unanimidade; CECS celebra conquista histórica.....138

Médico alemão revela como sintomas físicos são mensageiros de traumas ancestrais em evento inédito no Brasil.....148

Integração entre psicodrama e Constelações Sistêmicas marca live promovida pelo CECS.....162

Anngwyn St. Just, o trauma como fenômeno histórico e sistêmico: CECS aprofunda debate sobre condição humana em live internacional.....174

CECS rebate nota do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP), publicada no Instagram em 12 de junho de 2025, que condena o uso da abordagem por profissionais da área.....184

'O Despertar do Amor Sistêmico', de Ingra Lyberato: uma jornada entre consciência, arte, ciência e espiritualidade.....195

Em live com psicóloga Jane Rocha, Constelação Familiar Sistêmica é apresentada como caminho integrativo no enfrentamento da dor crônica.....216

Projeto Autoria apresenta o livro + Amor – Medo: um chamado sistêmico à reconciliação com a vida.....239

Reunião histórica de três entidades nacionais deflagra campanha em defesa do acesso às Constelações Familiares no SUS: "Uma questão de direitos humanos" 264

Escrita, cura e fenomenologia: Joaquim Marujo defende ética e profundidade nas Constelações Sistêmicas Familiares.....269

Joan Garriga defende humildade, escuta e ética rigorosa em live promovida pelo CECS sobre Constelação Familiar.....294





Alzira Cristina apresenta fundamentos éticos e técnicos das falas de solução nas Constelações Familiares Sistêmicas durante 5ª edição do Projeto Autoria.....310

Dagmar Ramos destaca lutas em defesa das Constelações e celebra união de entidades durante abertura do 3º Congresso do IBCF.....328

Erica Lopes apresenta obra sobre autoconstelação e revela triângulo emocional como mapa de cura e reconexão com a essência.....332

Mapa de Evidências reúne produção científica e redefine debate sobre Constelação Familiar e Sistêmica.....359

Dagmar Ramos defende Constelações Sistêmicas e apresenta estudo sobre florescimento humano durante 3º Ecopis, em Goiânia.....382

CECS lança Núcleo de Direito Sistêmico para fortalecer práticas, promover aperfeiçoamento e fomentar pesquisas na aplicação das Constelações na Justiça.....392

Irmgard Rauscher e a Yoni como centro simbólico e terapêutico do feminino nas Constelações Sistêmicas.....405

Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas participa do 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa, no Rio de janeiro.....422

Encontro de Comitês acolhe proposta do CECS para criação de Grupo de Trabalho nacional sobre práticas integrativas.....426

CECS participa do grupo global de advocacy no 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa.....437

Dagmar Ramos, o florescimento humano e o pertencimento sistêmico: a cidade como organismo vivo e campo de consciência coletiva.....440

‘Do Pé de Araçá às Leis do Amor’: Ercília Gonçalves propõe travessia entre vivência, teoria e escuta sistêmica.....448

A doença como expressão do inconsciente sistêmico: Dagmar Ramos inaugura projeto CECS Constela com abordagem fenomenológica dos sintomas.....471

Transtorno do Espectro Autista e vínculos sistêmicos: a criança como manifestação do campo familiar....483

Dagmar Ramos relata trajetória em defesa das Constelações durante encontro promovido pelo Raízes Instituto, de Florianópolis.....501

Exercício sistêmico é um treino de amor, ética e escuta, afirma Rose Militão.....514

Ressonâncias, campos e vínculos: Ternise Castelar Torres analisa relacionamentos afetivos e as complexidades sistêmicas.....530

Cuidado e poder: os desafios das práticas integrativas na saúde.....541

Daniel Rezende e o filme ‘O Filho de Mil Homens’, sucesso da Netflix: escuta, pertencimento e reorganização simbólica dos vínculos humanos.....557

Pensamento complexo e consciência sistêmica: a visão transdisciplinar de Cornelia Bonenkamp no CECS Constela.....585



Editorial

CECS 2025: Expansão, Ética e Responsabilidade no Campo Sistêmico

O ano de 2025 consolida o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) como uma das mais ativas e articuladas instituições dedicadas ao aprofundamento acadêmico, à qualificação ética e à defesa pública das Constelações Sistêmicas no Brasil e no cenário internacional.

Ao longo de 12 meses, o **CECS estruturou uma agenda intensa, contínua e estrategicamente orientada,** que **reuniu lives internacionais, congressos, lançamentos editoriais, projetos autorais, diálogos interinstitucionais e posicionamentos públicos** em *defesa da abordagem*

Trata-se de um volume expressivo de atividades que revela não apenas dinamismo institucional, mas compromisso consistente com a maturidade científica e ética do campo.

Em paralelo à programação formativa — que trouxe ao debate nomes de referência mundial como Jakob Schneider, Joan Garriga, Joaquim Marujo, Karl-Heinz Rauscher, Dan Cohen, Cornelia Bonenkamp, Nelson Filice, Anngwyn St. Just e tantos outros —, o CECS assumiu protagonismo na defesa técnica das Constelações diante de tentativas recorrentes de deslegitimação em espaços públicos e institucionais. A resposta nunca se deu por embate retórico vazio, mas por fundamentação ética, argumentação técnica e mobilização responsável. O Senado Federal rejeitou proposta que visava proibir a abordagem no SUS. O CECS rebateu nota crítica de conselho regional, articulou campanhas nacionais, participou de congressos internacionais com representantes de dezenas de países e lançou núcleos especializados, como o de Direito Sistêmico. Cada movimento reforçou um princípio central: a abordagem deve ser discutida com seriedade, conhecimento e responsabilidade.

Além da dimensão política e institucional, o CECS manteve firme o eixo formativo. O Projeto Autoria apresentou livros que dialogam com medicina, saúde mental, espiritualidade, direito e práticas integrativas.

O CECS Constela inaugurou encontros temáticos mensais. O projeto combina prática de Constelação, escuta qualificada e troca de saberes entre profissionais da abordagem.

Debates sobre trauma geracional, epigenética, ética fenomenológica, saúde emocional de profissionais da saúde, práticas integrativas e pensamento sistêmico complexo ampliaram o horizonte teórico da comunidade.

Essa densidade de produção intelectual e institucional não é fortuita. Ela dialoga diretamente com o legado de Bert Hellinger, criador das Constelações Familiares, cujo trabalho sempre apontou para a necessidade de ampliar a consciência sobre os vínculos humanos, a responsabilidade intergeracional e a inserção do indivíduo em sistemas maiores.

Em homenagem aos 100 anos de nascimento de Bert Hellinger, o CECS realizou em dezembro uma live especial com enfoque sistêmico sobre o filme 'O Filho de Mil Homens', sucesso da Netflix. A live contou com a participação do diretor e roteirista Daniel Rezende.

O ano de **2025 demonstrou que a defesa da abordagem não se sustenta apenas na prática clínica**, mas na *construção de bases éticas, técnicas e acadêmicas sólidas.* Em um **cenário de polarizações e simplificações**, o **CECS escolheu o caminho mais exigente:** o do *diálogo qualificado, da produção de conhecimento e da responsabilidade institucional*

CECS



O que se viu foi mais do que uma agenda cheia. Foi a consolidação de um projeto institucional que compreende as Constelações Sistêmicas como campo de estudo, prática e reflexão que exige rigor, consciência histórica e compromisso ético. A Revista CECS surge como desdobramento natural e estruturante de todo esse processo. A publicação fortalece a consolidação acadêmica da abordagem ao registrar, sistematizar e aprofundar os debates promovidos ao longo do ano.

Nas centenas de páginas que se seguem, estão detalhados os eventos, encontros, posicionamentos institucionais e produções intelectuais de relevância acadêmica e histórica que marcaram 2025, ao compor um panorama consistente da atuação do CECS em defesa, qualificação e expansão das Constelações Sistêmicas.

Ao encerrar o ciclo anual, permanece um movimento claro: fortalecer a abordagem não é apenas defendê-la, mas qualificá-la continuamente. E 2025 deixa registrado que essa qualificação está em curso, com intensidade, seriedade, ética e visão de futuro.

CECS

Livro *'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética'* representa **um marco acadêmico global**

Idealizada pela **pesquisadora PhD Roseny Flávia Martins**, diretora Científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas, a obra, lançada pela Editora Reino, reúne **colaboração de 23 profissionais consteladores de relevância nacional e internacional**. É um 'guideline' com **informações e atualização fundamentais para compreender o legado de Bert Hellinger.**

"Iniciativa histórica oferece base para novas pesquisas e práticas responsáveis", destaca a primeira presidente do CECS, Andréa Vulcanis. *"É motivo de grande alegria apoiar o lançamento e estimular a difusão dessa abordagem terapêutica transformadora"*, pontua médica Dagmar Ramos



O livro 'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética', lançado pela editora Reino, é resultado do trabalho de associados de três entidades que representam as Constelações Familiares/Sistêmicas no Brasil, entre elas, o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS)

O livro 'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética', recém-lançado pela Editora Reino, representa um marco na consolidação acadêmica das Constelações Sistêmicas. Idealizado pela pesquisadora PhD Roseny Flávia Martins, a obra surgiu como resposta às críticas infundadas que a prática enfrentava em 2022.

Resultado do trabalho conjunto de pesquisadores vinculados a três entidades nacionais dedicadas à prática e ao estudo do tema, entre elas o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), o livro oferece uma abordagem ampla e inovadora para profissionais, acadêmicos e interessados. A obra conta com colaboração de 23 profissionais consteladores de relevância no Brasil e com renome internacional.

Com mais de duas décadas de atuação em pesquisa científica, a diretora Científica do CECS, Roseny Flávia, vislumbrou a oportunidade de reunir uma base teórica e prática que resgatasse a credibilidade da abordagem, com utilização de dados sólidos e reflexões éticas. Como uma profissional dedicada e defensora apaixonada das Constelações Sistêmicas, ela percebeu que era hora de trazer luz a um tema frequentemente obscurecido por preconceitos.

A experiência acadêmica e prática - há mais de 20 anos atua com revisora de artigos científicos nacionais e internacionais -, aliada ao profundo compromisso com a ética e a pesquisa, fez com que Roseny enxergasse a necessidade de criar um projeto robusto que reunisse conhecimento teórico, histórico e científico sobre as Constelações Familiares. Ela sabia que a melhor forma de responder às críticas seria com fatos, estudos e reflexões baseados na experiência de renomados profissionais do setor.

Essa percepção foi o ponto de partida para a idealização do livro 'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética', uma obra pensada para resgatar a credibilidade e oferecer uma base sólida para consteladores, pesquisadores e interessados no tema.

A **atualização cientifica traz os últimos resultados das pesquisas em Constelações Familiares e Sistêmicas no Brasil e no Mundo**, além de auxiliar o leitor interessado em contribuir no âmbito acadêmico. **Reflexões sobre a ética** também foram apresentadas, com a opinião de profissionais renomados



"A obra contou com a colaboração e dedicação de profissionais consteladores de grande importância no Brasil e com renome internacional. É um 'guideline' com as informações e a atualização fundamentais para os profissionais da área, alunos e interessados em conhecer toda a vasta obra de Bert Hellinger", destaca Roseny Flávia.

A atualização cientifica traz os últimos resultados das pesquisas em Constelações Familiares e Sistêmicas no Brasil e no Mundo, além de auxiliar o leitor interessado em contribuir no âmbito acadêmico. Reflexões sobre a ética também foram apresentadas, com a opinião de profissionais renomados.



O prefaciador argumenta que as Constelações Familiares precisam se abrir ao diálogo acadêmico, com validação científica, maior criticidade e atualização de seus métodos, afastando-se de dogmatismos. Ele aponta avanços, como a existência de milhares de estudos internacionais, ainda que muitos careçam de robustez, e o crescente uso das Constelações Familiares em áreas como saúde e justiça. Contudo, reconhece que a pluralidade de práticas pode dificultar a padronização e a credibilidade. A obra defende que a integração entre ciência e Constelações Familiares é possível, e até necessária, para consolidar essa abordagem como um saber legítimo e útil. Pelizzoli sugere que, ao invés de polarizações, é preciso coragem para encarar críticas e aprendizados mútuos, buscando construir pontes entre diferentes campos do conhecimento. Ele propõe que as Constelações Familiares sigam um caminho semelhante ao da psicanálise: um estatuto próprio, mas dialogando com a ciência e as políticas públicas.

O prefácio encerra com um apelo ao equilíbrio. Pelizzoli rejeita tanto o tecnocentrismo quanto o misticismo, ao afirmar que o futuro das Constelações Familiares depende de sua capacidade de integrar o racional e o sensível, o científico e o espiritual, respeitando a complexidade humana. "Não precisamos de panaceias, mas de um ser humano integral", conclui.

A obra contou com a participação dos seguintes autores: Adriana Braz, Camila Grossi Vieira, Daniele C.A. Précoma, Eliane de Oliveira Borges, Flávia Padilha Barbosa Melo, Germana Carsten, Graça Guerra, Haline Cristina Medeiros, Inácio Junqueira Moraes Junior, Irinéia Meira, Isabela Oliveira, Jaqueline Cherulli, Lari Pedrosa, Lizandra Cericato, Luciane G.M Duarte Niemeyer, Marcelo L. Pelizolli, Marcos Castro, Marilise Einsenfelt, Pheulaine Vieira de Deus, René Schubert, Roberta A. Moreira dos Santos, Roseny Flávia Martins e Solange Bertão.

Reflexão e **Defesa Científica**

"No contexto em que a desinformação e o preconceito ameaçam no Brasil as Constelações Sistêmicas, é essencial contar com uma publicação que traz clareza científica e aprofundamento teórico" (Andréa Vulcanis)

A primeira presidente do CECS, advogada e procuradora federal Andréa Vulcanis, reforça a relevância do projeto para a valorização das Constelações no Brasil. "Esta obra simboliza a luta constante pela defesa e difusão ética das Constelações Familiares no nosso país", afirma.

"No contexto em que a desinformação e o preconceito ameaçam no Brasil as Constelações Sistêmicas, é essencial contar com uma publicação que traz clareza científica e aprofundamento teórico. Este livro não apenas resgata a credibilidade da abordagem, mas fortalece a presença nos cenários acadêmico e profissional, ao oferecer uma base sólida para novas pesquisas e práticas responsáveis", destaca Andréa Vulcanis.

"Com reflexões atualizadas, o livro 'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética' promete não apenas consolidar a abordagem como um campo científico respeitável, mas também inspirar estudos e alcançar novos avanços", acrescenta a presidente.

Consolidação e expansão global

Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, para a médica Dagmar Ramos a publicação representa um marco institucional e científico.

"O livro reúne pesquisadores e cientistas que realizaram um amplo estudo sobre a abordagem. Ele apresenta teorias, histórico e pesquisas científicas já existentes e em andamento. É uma obra indispensável para quem deseja aprofundar o conhecimento em uma prática que está presente em todo o mundo e continua a se expandir", enfatiza.

Dagmar Ramos, que é médica psiquiatra, homeopata e psicoterapeuta, destaca ainda o momento especial vivido pelas Constelações Sistêmicas. "Estamos em uma fase de consolidação em diversas áreas, e este livro celebra esse avanço. É motivo de grande alegria para nós, do CECS, apoiar o lançamento e estimular a difusão dessa abordagem terapêutica transformadora", pontua.

"A melhor forma de enfrentar o preconceito é com *ciência e ética*"

"A melhor forma de enfrentar o preconceito é com ciência e ética. Este livro é um guia indispensável para entender e aplicar as Constelações Familiares com consciência e responsabilidade", afirma Roseny Flávia Martins.

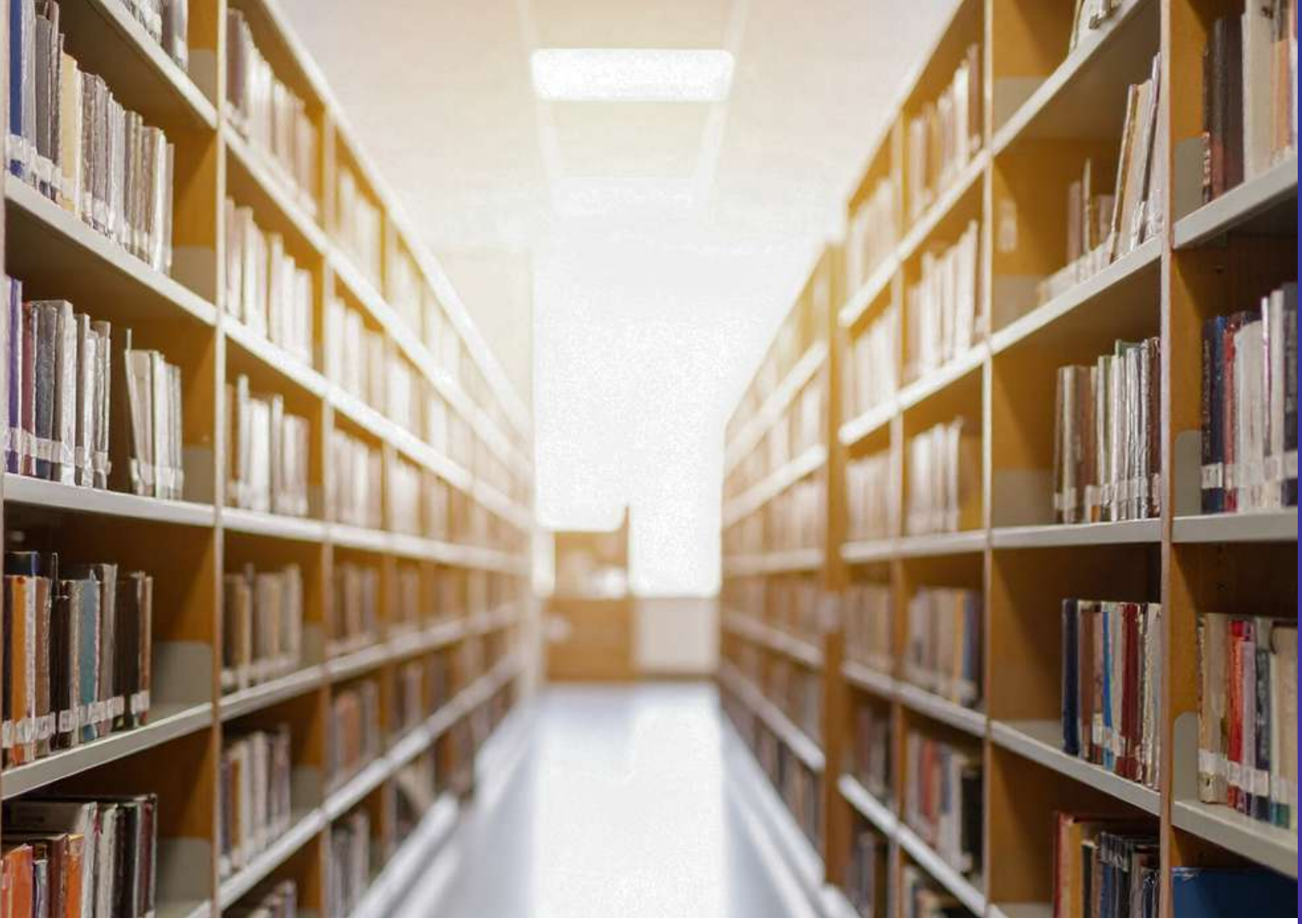
Ela já atuou como representante da International Systemic Constellation Association (ISCA) no Brasil e é precursora do movimento Volta ao Mundo com as Constelações. Roseny Flávia sempre buscou impulsionar a prática e a valorização das Constelações Familiares.

Na atuação como coordenadora da área de pesquisa da Rede Práticas Sistêmicas, Roseny desenvolveu iniciativas pioneiras, como a criação do site oficial da instituição e a elaboração da primeira planilha on-line para coleta e catalogação de dados científicos e gerais sobre Constelações Familiares no Brasil.

Foi nesse ambiente de inovação e dedicação que Roseny, em uma reunião com Daniele Précoma, teve a ideia de criar um guideline que reunisse informações fundamentais sobre a abordagem das Constelações Familiares.

A obra deveria não apenas apresentar os aspectos teóricos e práticos, mas também trazer uma atualização científica abrangente, a fim de refletir o progresso mundial das Constelações.

Com o objetivo de acolher a diversidade entre os consteladores, característica marcante dessa abordagem, o projeto ganhou o nome provisório de Manual das Constelações Familiares.



O entusiasmo de Roseny foi compartilhado por Daniele, e ambas decidiram assumir a coordenação e organização do projeto. A partir daí, iniciou-se um intenso processo de planejamento. Os convites foram enviados a renomados profissionais para atuarem como coautores, revisores de conteúdo e prefaciadores da obra. Para garantir a coesão e a qualidade do material, foram realizadas inúmeras reuniões on-line com os autores, com discussão de capítulos, ajustes e orientações específicas sobre essa escrita acadêmica.

Entretanto, como em qualquer projeto colaborativo de grande porte, desafios surgiram. Com 23 autores, além de revisores e organizadores envolvidos, os diferentes estilos de escrita e perspectivas exigiram diálogo e flexibilidade. Roseny, com sua habilidade de gestão e liderança, conduziu os ajustes necessários, garantiu que o projeto avançasse com harmonia e respeito entre os participantes.

Outro desafio significativo foi a escolha da editora. Após uma criteriosa análise, a Reino foi escolhida por sua excelência em publicações independentes e suporte especializado. A editora ofereceu capacitação on-line sobre exigências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), escrita acadêmica e organização bibliográfica, o que foi essencial para uniformizar o trabalho e garantir a qualidade final da obra.

A **jornada para criar** *'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética'* foi **intensa e desafiadora**, mas também profundamente **gratificante**

O livro não é apenas uma compilação de conhecimentos, mas um marco que reflete a dedicação, a ética e a paixão de Roseny Flávia Martins e de todos os envolvidos em promover e legitimar essa prática terapêutica. A obra, agora publicada, se posiciona como referência indispensável para consteladores, estudantes e pesquisadores do Brasil e do mundo.

Além de atuar como organizadora e autora do projeto, Roseny Flávia Martins também assumiu a coordenação da parte dedicada à pesquisa científica, ao demonstrar a habilidade de liderar e organizar dados em larga escala.

Durante o desenvolvimento do livro, ela percebeu a necessidade de oferecer suporte adicional aos colaboradores responsáveis pelos capítulos voltados à pesquisa. Com isso, idealizou e orientou o preenchimento de uma planilha detalhada, na qual foram catalogadas todas as referências bibliográficas das três revisões sistemáticas disponíveis na época, o que totalizou cerca de 200 fontes.

Esse esforço de organização não apenas simplificou o trabalho dos escritores envolvidos nos capítulos relacionados à pesquisa científica, mas também garantiu uma base sólida de informações verificadas e atualizadas. A planilha tornou-se uma ferramenta indispensável para a qualidade e precisão dos textos, permitiu que os autores estruturassem suas ideias com maior clareza e embasamento. A abordagem prática e visionária reflete o compromisso de Roseny Flávia Martins com a promoção da transparência científica e o fortalecimento da credibilidade das Constelações Familiares. Sua dedicação e liderança foram fundamentais para fazer do livro não apenas uma referência teórica, mas também uma obra enriquecida por recursos acessíveis e úteis para consteladores, estudantes e pesquisadores.

Agora, o próximo passo será a tradução dessa obra para os principais idiomas: inglês, espanhol e alemão. Assim, a comunidade internacional terá acesso ao livro.

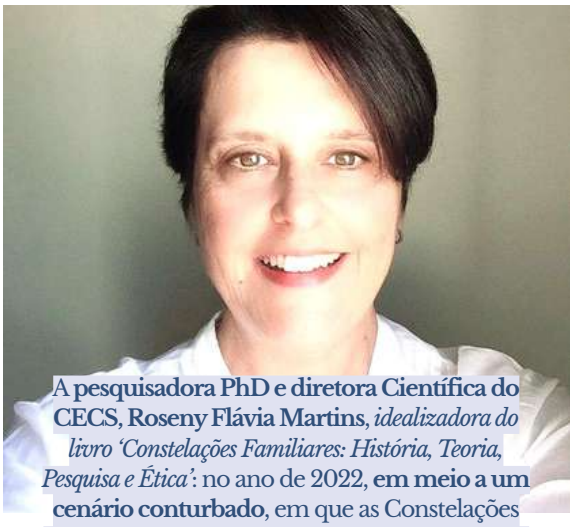
O desenvolvimento de recursos científicos para as *Constelações Familiares*

Roseny Flávia Martins exerce a função de diretora do Grupo de Trabalho Científico (GT Científico) do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), onde continua a expandir contribuições para o campo das Constelações Familiares e Sistêmicas.

Desde maio de 2024, ela lidera uma ampla coleta de dados que engloba não apenas trabalhos acadêmicos, como artigos, teses e dissertações, mas também todas as obras relacionadas a Bert Hellinger e às Constelações Sistêmicas, o que inclui livros e outros materiais relevantes.

O esforço monumental já resultou na catalogação de mais de 650 obras, com criação de um banco de dados sem precedentes na área. É uma fonte rica e organizada de informações para consteladores e interessados no tema.

A liderança no GT Científico do CECS é um reflexo da dedicação contínua em tornar o acesso ao saber cada vez mais amplo e acessível, a fim de consolidar o campo como uma prática ética, fundamentada e em constante evolução. *(Texto publicado em 06 de janeiro de 2025 e atualizado em 1º de janeiro de 2026)*



A pesquisadora PhD e diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, *idealizadora do livro 'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética'*: no ano de 2022, **em meio a um cenário conturbado**, em que as Constelações Familiares eram alvos de **opiniões desprovidas de embasamento científico**, ela **sentiu o chamado para agir**



A primeira presidente do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas, Andréa Vulcanis: *"No contexto em que a desinformação e o preconceito ameaçam a abordagem terapêutica, é essencial contar com uma publicação que traz clareza científica e aprofundamento teórico"*



A médica Dagmar Ramos: *"É uma obra indispensável para quem deseja aprofundar o conhecimento em uma prática que está presente em todo o mundo e continua a se expandir"*

CECS fortalece laços com *Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS)*

Instituições firmam diálogo. Encontro discute **perspectivas de cooperação internacional**.

"Tive a forte impressão de que aqui estão pessoas eticamente corretas, profissionais e comprometidas com o melhor. Esse é exatamente o tipo de iniciativa que gostamos de apoiar, pois faz parte do nosso propósito", afirma diretor do Conselho da associação alemã, Thomas Hafer. *"A troca de experiências nos inspira a fortalecer nossa entidade e a buscar excelência em tudo o que fazemos. Estamos no começo, mas já vemos um futuro promissor"*, destaca médica Dagmar Ramos.

A diretoria do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) realizou, no dia 12 de fevereiro de 2025, uma reunião com a Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), representada pelo diretor do Conselho da instituição, Thomas Hafer. O diálogo teve como objetivo fortalecer a cooperação internacional e aprimorar os processos de consolidação da entidade brasileira no país.

A médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos, segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, conduziu o encontro, que contou com tradução consecutiva da consteladora e psicanalista Susanne Dinger.

Durante a reunião, Hafer apresentou um panorama histórico da DGfS ao destacar os principais desafios e o papel que a associação desempenha atualmente na Alemanha e na formação de consteladores sistêmicos.

Segundo ele, a associação foi criada em 1995 por um grupo de profissionais próximos ao terapeuta Bert Hellinger, e teve papel crucial na disseminação e regulação da prática das Constelações Sistêmicas na Alemanha. Desde então, a instituição evolui, adapta-se a diferentes abordagens e promove eventos acadêmicos.

A DGfS tornou-se oficialmente uma associação de membros em 2004, quando passou a oferecer diferentes formas de adesão e estruturou-se como uma entidade formalmente constituída.

O propósito da associação é apoiar e disseminar o trabalho de Constelações Sistêmicas de forma interdisciplinar, tanto na pesquisa quanto na prática, em diversos campos de atuação.

A DGfS empenha-se por alta qualidade técnica e consciência responsável ao desenvolver critérios de qualidade transparentes e verificáveis para o trabalho de Constelações.

A revista 'Praxis der Systemaufstellung', fundada em 1998, consolidou-se como uma referência no campo das Constelações Sistêmicas. Inicialmente publicada em formato impresso, destacou-se pelo alto padrão jornalístico e pela profundidade das análises.

Atualmente, a revista 'A Prática das Constelações Sistêmicas' migrou para o ambiente digital, onde continua a ser produzida com o mesmo nível de engajamento e qualidade editorial, o que garante acesso a um público ainda mais amplo.

"Hoje tive a forte impressão de que aqui estão pessoas eticamente corretas, profissionais e comprometidas com o melhor. Esse é exatamente o tipo de iniciativa que gostamos de apoiar, pois faz parte do nosso propósito", destacou Thomas Hafer.

Para Dagmar Ramos, o encontro foi um marco importante. "Essa troca de experiências com a DGfS nos inspira a fortalecer nossa entidade e a buscar excelência em tudo o que fazemos. Estamos no começo, mas já vemos um futuro promissor", pontuou.

Durante o diálogo, Thomas Hafer destacou a importância de Susanne Höhn, responsável pelas relações internacionais da DGfS. "Ela é nossa referência. É advogada, experiente consteladora e fala português e espanhol", explicou.

Susanne Höhn está aberta a participar do diálogo com o CECS tendo em vista ampliar a cooperação e fortalecer os laços entre as duas instituições.

Essas diretrizes garantem que os profissionais tenham formação adequada e estejam alinhados aos princípios éticos e metodológicos da abordagem.

A DGfS é organizada como uma associação sem fins lucrativos, com membros que pagam anuidades para manter a estrutura operacional. A associação conta com um escritório central e uma equipe dedicada, o que inclui um gerente em tempo integral. A instituição possui 10 grupos regionais que promovem atividades locais e facilitam a participação dos membros nas decisões. A diretoria é eleita a cada dois anos.

O Leitungsgremium (comitê diretivo) reúne-se a cada dois meses e é composto pelos líderes dos grupos regionais. Esse comitê é responsável por coordenar as atividades da associação e garantir que os padrões de qualidade sejam mantidos.

Um dos **principais desafios da DGfS foi consolidar padrões de qualidade e reconhecimento profissional**. Em 2008, **a associação estabeleceu diretrizes claras para a formação de consteladores**, dividida em três níveis: *constelador certificado, instrutor e formador de consteladores*

Além disso, a DGfS oferece suporte financeiro para eventos em regiões onde o interesse público é menor, a fim de garantir que as Constelações Sistêmicas sejam acessíveis em todo o país.

Desafios filosóficos e coexistência de abordagens

Um dos temas centrais discutidos foi a coexistência de diferentes abordagens dentro da DGfS, especialmente entre as correntes construtivista e fenomenológica. Enquanto a primeira enfatiza a construção subjetiva da realidade, a segunda se baseia nos princípios fenomenológicos desenvolvidos por Bert Hellinger, como as Ordens do Amor e a reconciliação com o sistema familiar.

Apesar das diferenças filosóficas, a DGfS mantém um ambiente de respeito e colaboração entre os profissionais. "É surpreendente como conseguimos conviver com essas diferenças de forma amigável e produtiva. Isso fortalece a associação e enriquece a prática das Constelações", afirmou Hafer.



O diretor do Conselho da Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), Thomas Hafer: *"Hoje tive a forte impressão de que aqui estão pessoas eticamente corretas, profissionais e comprometidas com o melhor. Esse é exatamente o tipo de iniciativa que gostamos de apoiar, pois faz parte do nosso propósito"*



A tradução consecutiva da reunião entre CECS e DGfS foi feita por Susanne Dinger, psicanalista e facilitadora de constelações sistêmicas há mais de 25 anos



A médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos, segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS: *"Essa troca de experiências com a DGfS nos inspira a fortalecer nossa entidade e a buscar excelência em tudo o que fazemos. Estamos no começo, mas já vemos um futuro promissor"*

Pesquisa e formação continuada

Na área de pesquisa científica, a DGfS mantém diversos grupos focados no estudo das Constelações Sistêmicas. Entre os temas investigados estão a eficácia de diferentes abordagens, analisada por meio de resultados, e as características ou possíveis distinções entre as modalidades presencial e on-line.

Os dados coletados e avaliados de forma científica estão sendo publicados e servem como base para outros pesquisadores universitários. Esse trabalho representa uma contribuição significativa para a legitimação da prática.

A DGfS disponibiliza uma ouvidoria, gerida por dois consteladores experientes, com um site dedicado para receber e *esclarecer reclamações relacionadas a práticas de consteladores e formadores associados*

Além de atender clientes de membros da associação, a ouvidoria também pode ouvir e orientar clientes de profissionais não associados, quando necessário.

Em situações mais graves, a diretoria é acionada para medidas disciplinares. Dependendo da análise dos fatos, pode resultar até na exclusão do constelador ou formador da associação.

O objetivo, segundo a instituição, é garantir a integridade da prática e evitar que condutas inadequadas prejudiquem a credibilidade da abordagem.

Além disso, a DGfS integra um fórum maior de associações voltadas à ética em práticas terapêuticas e educacionais. Esse órgão externo possibilita que reclamações sobre a própria entidade sejam analisadas de forma imparcial, o que contribui para maior transparência no setor. A regulamentação ética também inclui um compromisso formal: qualquer profissional que deseja se tornar formador dentro da DGfS precisa assinar um documento de adesão a diretrizes de conduta. Esse mecanismo visa assegurar padrões elevados de atuação e reforçar a confiança do público na abordagem sistêmica.



Integrantes da diretoria do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) durante reunião virtual com a Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), representada pelo diretor do Conselho da instituição, Thomas Hafer: diálogo teve como objetivo fortalecer a cooperação internacional e aprimorar os processos de consolidação da entidade brasileira

Nos últimos anos, **a DGfS observou um aumento na aceitação e no reconhecimento das Constelações Sistêmicas na sociedade alemã.** Embora a cobertura da mídia sobre o tema tenha diminuído, *a prática ganhou espaço em universidades e em produções culturais, como filmes e séries de TV*

"Hoje, as Constelações Sistêmicas são mencionadas de forma natural em diversos contextos, o que mostra que a abordagem se torna parte do vocabulário cotidiano", destacou Hafer.

Para Dagmar Ramos, o diálogo com a DGfS oferece insights valiosos para superar obstáculos, fortalecer a prática no Brasil e ampliar a visibilidade sobre essa abordagem transformadora.

Quem é Thomas Hafer?

Thomas Hafer, diretor do Conselho da Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), tem uma trajetória marcada pelo interesse profundo em filosofia, literatura e linguística, áreas que estudou com entusiasmo na cidade de Aachen durante a década de 1980. Nos anos 1990, ampliou os horizontes ao se dedicar à autoconsciência e à psicoterapia, campo no qual encontrou inspiração para sua trajetória.

Durante esse período, teve a oportunidade de aprender com professores renomados e logo percebeu que esse era o caminho que desejava seguir. O aprofundamento na área se consolidou ao longo de 15 anos de estudos com Hunter Beaumont, psicoterapeuta e psicólogo americano que viveu e trabalhou na Alemanha por mais de 30 anos. Ele foi professor na Universidade de Munique, constelador e coeditor, juntamente com Gunthard Weber, do livro "A Simetria Oculta do Amor", a primeira obra sobre o trabalho de Bert Hellinger publicada no Brasil, em 1999. Também teve aprendizado com Gila Rogers, renomada terapeuta clínica e facilitadora de Constelações Sistêmicas. As experiências moldaram a atuação profissional e o compromisso com o desenvolvimento humano.

Sobre a DGfS

A Sociedade Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS) é uma associação sem fins lucrativos fundada em 1995, com o objetivo de promover e regulamentar a prática das constelações sistêmicas na Alemanha. Teve como um de seus principais idealizadores e primeiros dirigentes, o médico e professor de psiquiatria da Universidade de Heidelberg, Gunthard Weber. A associação oferece certificação para consteladores, instrutores e formadores, além de promover eventos, publicações e pesquisas na área. *(site: systemaufstellung.com)*

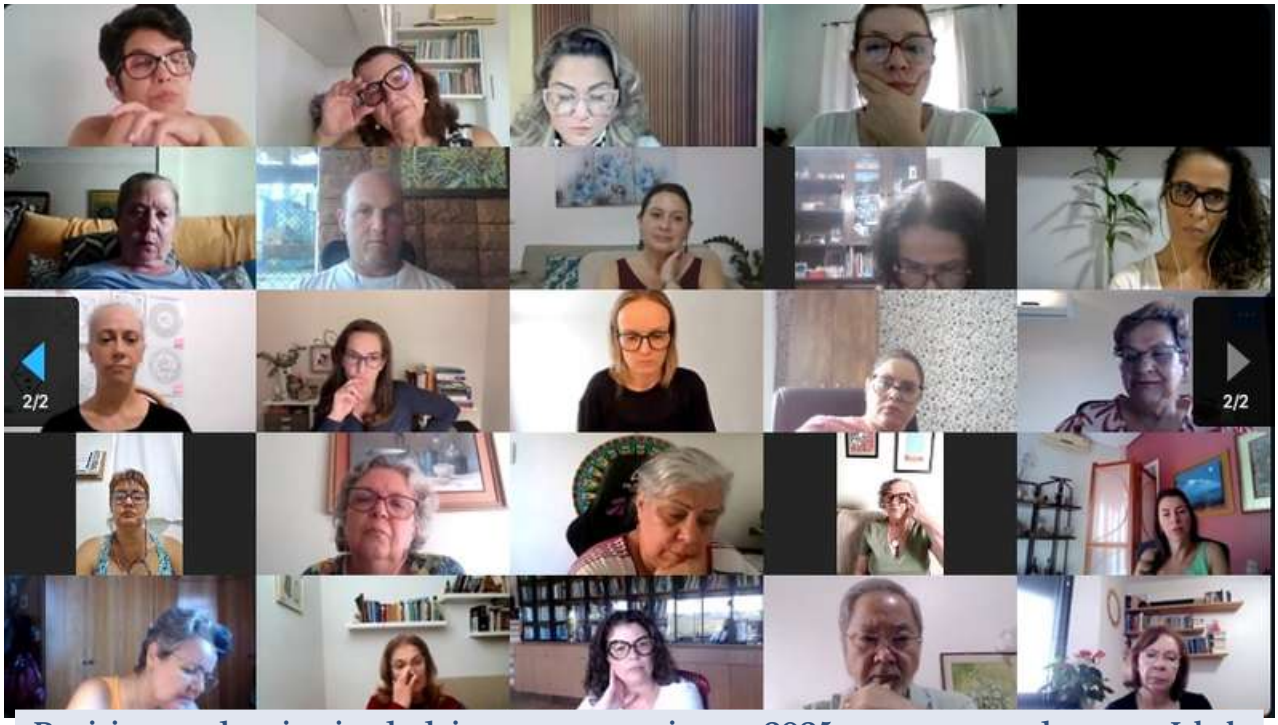
Sobre o CECS

Fundado em 22 de fevereiro de 2024 com base nos princípios filosóficos de Bert Hellinger, o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) é uma associação civil sem fins lucrativos, com autonomia administrativa e financeira. Busca estabelecer padrões de qualidade e ética na prática das Constelações no país, difundir os benefícios dessa abordagem transformadora, promover a integração entre profissionais e instituições do setor. (Reportagem publicada em 14 de fevereiro de 2025 e atualizada em 1º de janeiro de 2026)



Mestre Jakob Schneider aborda **desafios da terapia de casal** em *encontro promovido pelo CECS*

Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas realiza primeiro de dois **encontros ao vivo em 2025 com terapeuta alemão**, um dos *pioneiros da abordagem*. Evento **marca início das celebrações alusivas ao primeiro ano de atividades da instituição**. "É uma *oportunidade para ouvir, sentir no coração e dar passos consistentes nesse aprendizado contínuo*", afirma a **primeira presidente do CECS, Andréa Vulcanis**. *Tradução consecutiva* ficou a cargo da **consteladora e psicanalista Susanne Dinger**



Participantes do primeiro de dois encontros ao vivo em 2025 com o renomado mestre Jakob Schneider, evento promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS): "A vinculação entre os destinos do casal" foi o tema que explorou as dinâmicas que unem parceiros em relacionamentos

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) realizou no dia 15 de fevereiro de 2025 o primeiro de dois encontros ao vivo naquele ano com o renomado mestre Jakob Schneider, terapeuta alemão, um dos pioneiros da abordagem sistêmica.

O evento, que contou com tradução da consteladora e psicanalista Susanne Dinger, marcou o início das comemorações pelo primeiro ano de atividades do CECS e atraiu profissionais interessados em aprofundar conhecimentos e elevar o patamar profissional.

Jakob Schneider já havia conduzido uma série de quatro encontros virtuais realizados pelo CECS em 2024, o que contribuiu para a formação e aprimoramento de consteladores.

O primeiro encontro de 2025 focou "A vinculação entre os destinos do casal", e explorou as dinâmicas que unem parceiros em relacionamentos.

Considerada uma oportunidade histórica para profissionais da área, a iniciativa reforça a missão do CECS de promover excelência e disseminar conhecimentos avançados em Constelações Sistêmicas.

Mensagem de *gratidão e otimismo*

A primeira presidente do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Andréa Vulcanis, em sua participação no evento, transmitiu uma mensagem de gratidão e otimismo. Ela destacou o início positivo do ano e a alegria de reunir profissionais para aprofundar conhecimentos e promover trocas significativas. "É uma oportunidade para ouvir, sentir no coração e dar passos consistentes nesse aprendizado contínuo", afirmou.

Andréa Vulcanis fez um agradecimento especial ao mestre Jakob Schneider ao ressaltar a importância da parceria. Ela também mencionou os resultados positivos do recente encontro com a Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), representada pelo diretor do Conselho da instituição, Thomas Hafer. O diálogo teve como objetivo fortalecer a cooperação internacional. "Temos muita gratidão por todo o apoio que recebemos", disse, ao também manifestar gratidão a Susanne Dinger, que fez a tradução dos dois eventos.



A tradução consecutiva do upgrade com Jakob Schneider ficou a cargo de Susanne Dinger, psicanalista e facilitadora de Constelações Sistêmicas



A primeira presidente do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas, Andréa Vulcanis, em sua participação no evento, transmitiu uma mensagem de gratidão e otimismo: "É uma oportunidade para ouvir, sentir no coração e dar passos consistentes nesse aprendizado contínuo"

União e *crescimento coletivo*

Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, a médica psiquiatra, homeopata e psicoterapeuta Dagmar Ramos expressou gratidão ao saudar Jakob Schneider. Ela relembrou o encontro em Munique, na Alemanha, em 2024, onde discutiu a fundação da entidade no Brasil e a proposta do mestre no sentido de contribuir com o seu crescimento.

Dagmar destacou a importância do curso oferecido por Schneider e a parceria com outros mestres, como Dr. Gunthard Weber, professor de Medicina e Psiquiatria da Universidade de Heidelberg. Ela também citou o recente diálogo com Thomas Hafer, diretor do Conselho da Associação Alemã de Constelações Sistêmicas, que trouxe insights valiosos para o Centro de Excelência. Ao final, ela agradeceu a todos os associados pela presença e pelo apoio contínuo.



O mestre Jakob Schneider: Encontro reforçou a importância de uma abordagem sistêmica para entender as complexidades dos relacionamentos e ajudar os casais a encontrar equilíbrio e harmonia.

A atriz, escritora e consteladora Ingra Lyberato, diretora de Comunicação do CECS, destacou a importância da união e do crescimento coletivo durante a saudação ao mestre Jakob Schneider.

Ingra Lyberato agradeceu a todos os participantes do evento, consteladores associados e não associados, pela contribuição ao fortalecimento da entidade. A mensagem reforçou o compromisso coletivo com a excelência e o amor, quando a instituição celebra um ano de atividades.



“Um dos **primeiros desafios ao trabalhar com casais em terapia é a postura com que eles chegam ao consultório**. Alguns **enxergam o terapeuta como um mecânico**, e **esperam que ele substitua ou conserte uma peça para que o relacionamento volte a funcionar**. Outros o veem como **um juiz, encarregado de decidir quem está certo e quem está errado na relação**”
(Jakob Schneider)

CECS

“**Esse olhar inicial pode influenciar profundamente o processo terapêutico** e exige do profissional *uma abordagem cuidadosa para ajudar o casal a compreender as dinâmicas inconscientes* que afetam sua relação”, explicou.

Desafios na terapia de casal

Em sua fala inicial, Jakob Schneider abordou os principais desafios enfrentados por terapeutas no atendimento a casais. Ele ressaltou que, frequentemente, os pacientes chegam ao consultório com visões pré-definidas sobre a função do profissional. Segundo o mestre, “outros nos consideram como uma autoridade que deveria dar uma orientação, façam isso ou aquilo, aí tudo vai voltar a uma situação boa. E têm também casais que esperam que sejamos a boa mãe, o bom pai, que pega a gente na mão e leva para um bom lugar”, afirmou.

“Se o terapeuta concordar em entrar em uma dessas opções que agora descrevi, a terapia de casais não vai acontecer. Nós como terapeutas consteladores não temos o perigo de cair numa dessas armadilhas a que me referi no início. Podemos rapidinho dizer, após uma curta conversa: Então vamos olhar a situação”, observou.

"Nossa função é ajudar o casal a olhar juntos para a situação, sem que fiquem presos em brigas ou disputas. A convenção de colocar cada um em seu lugar dentro da família, especialmente em casos complexos com múltiplos casamentos e enteados, pode ser extremamente útil", completou Jakob Schneider.

Vínculos anteriores e primeiros amores

Schneider também abordou a importância de compreender os vínculos anteriores dos parceiros, o que inclui relacionamentos da juventude que, embora não tenham envolvido casamento ou filhos, foram marcantes e intensos.

"Muitas vezes, **os primeiros amores são esquecidos, mas carregam uma carga emocional significativa que pode influenciar os relacionamentos atuais**" (Jakob Schneider)



Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos, expressou gratidão ao saudar Jakob Schneider: Ela relembrou o encontro em Munique, na Alemanha, em 2024, onde discutiu a fundação da entidade no Brasil e a proposta do mestre no sentido de contribuir com o seu crescimento

Ele exemplificou com o caso de um homem que participou de um de seus grupos. Após dois casamentos e um terceiro relacionamento longo, o participante ainda carregava marcas emocionais de seus primeiros amores, que impactavam sua dinâmica conjugal.

Schneider também analisou outras situações, ao destacar como vínculos anteriores, mesmo que aparentemente superados, podem continuar a influenciar as relações atuais. No final, respondeu a questões dos participantes.

O encontro reforçou a importância de uma abordagem sistêmica para entender as complexidades dos relacionamentos e ajudar os casais a encontrar equilíbrio e harmonia.

Mestre Jakob Schneider encerrou o encontro ao agradecer a todos pela presença e pelo interesse demonstrado.

Ele também expressou gratidão à tradutora Susanne Dinger e aos envolvidos na organização do evento, que tornaram o momento possível. **(Texto publicado em 18 de fevereiro de 2025 e atualizado em 05 de janeiro de 2026)**

“Juntos somos mais fortes” *CECS celebra 1 ano de atividades* com foco no amor e na conexão humana

Evento virtual reúne fundadores, associados e convidados em uma programação que mesclou *momentos de reflexão, depoimentos emocionantes e lançamento do site oficial*. Desde a fundação, em 22 de fevereiro de 2024, **Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas consolidou-se como referência na defesa e promoção da abordagem.** Ao longo do período, **desenvolveu ações estratégicas que fortaleceram a base institucional e ampliaram o diálogo com a sociedade.**

"Agradecemos a todos que compartilham conosco a crença de que é possível, por meio de um trabalho coletivo e harmonizado, levar a humanidade para um lugar melhor", destaca **primeira presidente do CECS, Andréa Vulcanis**

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) completou 1 ano de atividades no dia 22 de fevereiro de 2025. A celebração, um evento virtual realizado em 20/02/25, destacou a importância do amor e da conexão humana como pilares da abordagem, além de ressaltar as conquistas e desafios superados ao longo do ano. Transmitido via Zoom, o encontro reuniu fundadores, associados e convidados em uma programação que mesclou momentos de reflexão, depoimentos emocionantes e o lançamento do site oficial da instituição.

O CECS consolidou-se como referência na defesa e promoção da abordagem, vítima de críticas na mídia. Ao longo de 1 ano, desenvolveu ações estratégicas que fortaleceram a base institucional e ampliaram o diálogo com a sociedade.

“Juntos, somos mais fortes e podemos construir um futuro melhor, baseado no amor e na conexão que as Constelações Sistêmicas nos proporcionam”, destacou a primeira presidente do CECS, Andréa Vulcanis, ao abrir o evento com meditação e mensagem inspiradora que enfatizou a força da construção coletiva. "Agradecemos a todos que compartilham conosco a crença de que é possível, por meio de um trabalho coletivo e harmonizado, levar a humanidade para um lugar melhor", disse.

Andréa Vulcanis citou Bert Hellinger, fundador das Constelações Familiares. "Aquilo que nos leva para o maior, para o mais, é o que nos transforma e nos conecta com nossa essência. É isso que buscamos no CECS", afirmou.

“Nosso objetivo sempre foi **estruturar um conhecimento baseado no amor e na conexão,** capaz de **aliviar a dor, o sofrimento, e promover a transformação humana**” (Andréa Vulcanis)



A primeira presidente do CECS, Andréa Vulcanis, ao abrir o evento que celebrou 1 ano de atividades com meditação e mensagem inspiradora que enfatizou a força da construção coletiva: “Juntos, somos mais fortes e podemos construir um futuro melhor, baseado no amor e na conexão que as Constelações Sistêmicas nos proporcionam”



Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) completou 1 ano de atividades no dia 22 de fevereiro de 2025: A celebração, um evento virtual em 20/02/25, reuniu fundadores, associados e convidados em uma programação que mesclou momentos de reflexão, depoimentos emocionantes e o lançamento do site oficial da instituição

O evento contou com a presença da responsável pelas relações internacionais da Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), Susanne Höhn, que fala português e saudou a instituição pelo primeiro ano de atividades.

"Estamos sendo acompanhados por pessoas da Argentina, da Alemanha e de outros lugares. É muito bom compartilhar esses momentos e sentir a força dessa rede que se forma", afirmou Andréa Vulcanis.

O CECS recebeu mensagens de congratulações da presidente da Fundação Constelações Familiares da Argentina, Verónica Molina; Stella Maris Vera, Mabel Meschiany, Adriana Goldemberg e Alejandro Reyes, do Conselho Diretivo.

O evento contou com uma programação cuidadosamente elaborada, que incluiu uma meditação guiada, depoimentos de fundadoras e associados, e a leitura de mensagens de apoio enviadas por participantes.

Reflexões sobre construção coletiva e desafios superados

Durante o evento de comemoração do primeiro aniversário do CECS, a primeira presidente da instituição, Andréa Vulcanis, relembrou os momentos marcantes da trajetória do CECS, desde as primeiras reuniões realizadas ainda em 2023 até os desafios de construir uma associação que acolhe valores, pensamentos e formas de direcionar energia.

Um dos momentos marcantes foi o 1º Encontro Presencial que reuniu, em 24 de novembro de 2024, diretores e associados dos Grupos de Trabalho (GTs) na sede da Faybel Escola do Pensamento Sistêmico, localizada no bairro Vila Mariana, em São Paulo, fundada pela psicóloga e psicoterapeuta Maria Izabel Rodrigues, primeira diretora-executiva do CECS, uma das fundadoras presentes no evento de aniversário.

"Fazer construção coletiva é um processo desafiador, mas também é um caminho de aprendizado constante", afirmou Andréa Vulcanis, ao ressaltar que, apesar das diferenças, o grupo busca pontos em comum e estratégias para fortalecer o coletivo.

A presidente também destacou o impacto transformador das Constelações Sistêmicas na vida das pessoas, desde os membros do CECS até aqueles que participam dos processos de facilitação.

Ela comparou o movimento a uma "corrida de passada de bastão", na qual cada um contribui com seus talentos e virtudes para o crescimento do grupo.

Andréa citou ainda a importância de fortalecer a rede de colaboração, ao convidar os presentes a compartilhar experiências e estimular a participação de novos membros.

"Cada passo que damos abre 10 possibilidades à frente. Precisamos de *talentos, força e coragem* para **continuar avançando"** (Andréa Vulcanis)

Andréa também enfatizou a importância de agradecer a todos que contribuíram para a construção do CECS, desde os primeiros dias até os que se juntaram ao movimento recentemente. "Fica o nosso muito obrigado a todos que acreditam que juntos podemos levar a humanidade para um lugar melhor, em um coletivo harmonizado que trabalha com amor e coração", disse.

A primeira presidente ainda destacou que o CECS busca fortalecer uma construção coletiva que leve ao "mais", expressão usada por Hellinger para definir o caminho de crescimento e evolução. "Aquilo que nos leva para o maior, para o mais, é o que nos torna seres melhores, conectados pela nossa essência, que é o amor", afirmou. Ela reforçou que o movimento não é apenas local, mas global, e que a união de diferentes culturas e perspectivas fortalece a missão da instituição.

CECS nasce da resistência e mobilização em defesa das Constelações Sistêmicas

A presidente do CECS, Andréa Vulcanis, relembrou os desafios enfrentados no início da trajetória do movimento.

Tudo começou com a reação a uma nota técnica do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que criticava duramente as Constelações Sistêmicas e gerou um impacto significativo na comunidade de profissionais.

"Tivemos que nos posicionar diante daquela nota técnica. Refletimos sobre como nos sentíamos, como nosso corpo e nossa alma reagiam àquelas afirmações", afirmou Andréa. Ela destacou o papel fundamental de seis psicólogas que, diante da crítica do CFP, redigiram uma carta aberta.



Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, a médica Dagmar Ramos lembrou os momentos mais dramáticos em que a abordagem estava diante de um forte bombardeio na mídia: A urgência e a seriedade da situação foram o motor para a criação de uma resposta coletiva, movida por uma força maior, "a força do campo das Constelações"

O manifesto inicial, corajoso e mobilizador, *deu origem a um movimento maior*, o *"Sou da Constelação"*, que reuniu mais de duas mil pessoas em torno da defesa da abordagem



A psicóloga clínica, escritora, palestrante e uma das fundadoras do CECS, Rose Militão, transmitiu uma mensagem de apoio e gratidão aos participantes: "Essa é uma batalha que não é de uma ou duas pessoas, mas de um movimento de paixão. Estão aqui os apaixonados por aquilo que nos move profundamente"

"Foi um momento de união e resistência. Criamos uma logomarca, grupos de WhatsApp, iniciativas para fortalecer o diálogo e mostrar o valor das constelações", explicou Andréa Vulcanis.

Ela também mencionou o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que, na época, buscou banir as Constelações do Poder Judiciário, bem como a criação de comissão no Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania para avaliar a abordagem. Esses episódios, segundo avaliou, geraram sentimentos diversos entre os participantes do movimento, como medo, insegurança, mas também coragem para seguir adiante. "Acompanhamos tudo de perto. Foi um processo de aprendizado e fortalecimento coletivo", afirmou.

A presidente ressaltou que, apesar das adversidades, o movimento cresceu, se consolidou, e culminou na criação do CECS. "Hoje, olhamos para trás e vemos que cada desafio nos trouxe até aqui. A união e a determinação de todos foram essenciais para construir um espaço de excelência e respeito pelas Constelações Sistêmicas", pontuou.

CECS



“O que esse movimento despertou em nossos corações?”

Em um momento de profunda reflexão durante a celebração do primeiro aniversário do CECS, a primeira presidente Andréa Vulcanis conduziu uma dinâmica que convidou os participantes a olharem para a trajetória percorrida e para os desafios superados. "Observemos como nos sentimos hoje, após um ano de lutas, conquistas e transformações. O que esse movimento despertou em nossos corações?", questionou, ao citar a importância de reconhecer o crescimento individual e coletivo ao longo desse período.

"Passamos por momentos difíceis, mas também por encontros inspiradores, como os eventos com o mestre Jakob Schneider, as parcerias internacionais com a Alemanha, e as colaborações com consteladores da Argentina e do México", afirmou. Ela ressaltou que cada evento, reunião e ação administrativa contribuiu para fortalecer a instituição e ampliar seu impacto.

Andréa Vulcanis também destacou o trabalho científico desenvolvido pelo CECS, que resultou em um documento robusto que hoje possui 650 referências bibliográficas, artigos e pesquisas sobre Constelações Sistêmicas, um trabalho gigantesco realizado pelo GT Científico, coordenado pela diretora Roseny Flávia Martins. Ela citou ainda as lives e publicações que ajudaram a disseminar informações científicas e práticas sobre o tema.

Andréa encerrou a reflexão com uma mensagem de gratidão e esperança, ao lembrar que o CECS está a serviço de um propósito maior: contribuir para uma humanidade mais bela, justa e pacífica. "Cada passo que damos nos conduz a um futuro melhor", pontuou, ao reforçar o compromisso da instituição em continuar o trabalho com ética, dedicação e coragem.

Dagmar Ramos lembra ação coletiva e luta em defesa das Constelações

Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, a médica Dagmar Ramos, lembrou os momentos mais dramáticos em que as Constelações estavam diante de um forte bombardeio na mídia. A urgência e a seriedade da situação foram o motor para a criação de uma resposta coletiva, movida por uma força maior.

"É a força do campo das Constelações", destacou Dagmar Ramos. Ela relatou como a união de pessoas com um objetivo comum e uma visão clara do que estava em jogo possibilitou a construção de uma diretoria unida em torno de um propósito histórico. "Egos nós temos, mas deixamos de lado para construir uma estrutura sólida com o melhor que tínhamos naquele momento", afirmou, ao evidenciar o foco no coletivo.

"Apesar das dificuldades, conseguimos formar essa equipe, e recebemos pessoas com muita afinidade de propósito, disposição e capacidade. Elas agora vão conduzir o trabalho neste novo ano", comentou.

Dentre as vitórias conquistadas, **Dagmar Ramos destacou a suspensão da votação no** *Conselho Nacional de Justiça (CNJ) do Projeto de Lei 2166/24*, que **proibia a prática de Constelações Familiares no Poder Judiciário**, o que **exigiu grande esforço e articulação**

"Não foi uma coisa simples, foi um trabalho árduo", afirmou. Ela ressaltou a importância do apoio de outras associações, como a ABC, que também se uniu à causa.

Dagmar Ramos fez uma homenagem especial ao terapeuta alemão Gunthard Weber, um dos pilares das Constelações Sistêmicas, que, ao conhecer as características e os objetivos do Centro de Excelência, prontamente ofereceu seu apoio. "Ele ficou muito feliz quando soube da nossa associação e rapidamente se propôs a nos ajudar. Fez a intermediação com Jakob Schneider, que foi essencial para nossa missão", pontuou.

Dagmar concluiu ao citar a importância da continuidade do trabalho em equipe, com uma visão positiva sobre o futuro. "Este ano foi um período de estruturação, mas agora estamos mais tranquilos e preparados para o que está por vir", projetou.

Rose Militão transmite mensagem de apoio e gratidão aos participantes

A psicóloga clínica, escritora, palestrante e uma das fundadoras do CECS, Rose Militão, transmitiu uma mensagem de apoio e gratidão aos participantes. Conectada desde o sul da Espanha, ela compartilhou a paixão pelo movimento e relembrou os desafios que a levaram a se afastar temporariamente das atividades.



A psicóloga Solange Rolla, que coordenou a diretora de Eventos do CECS, compartilhou uma mensagem cheia de esperança: “Passamos pela fase do bebê, que dá muito trabalho, e agora estamos prontos para avançar com mais sintonia e harmonia”

"Precisei me afastar por questões de saúde do meu marido e outros aspectos pessoais, mas isso me custou um altíssimo preço emocional. Mesmo distante, meu amor e minha torcida por esse movimento permanecem intactos", afirmou.

Rose destacou que o CECS nasceu de uma paixão coletiva pelas Constelações Sistêmicas, impulsionada inicialmente pela indignação diante de uma nota técnica do Conselho Federal de Psicologia que criticava a abordagem.

A psicóloga reforçou a importância de escolher as batalhas certas e dedicar-se àquilo que realmente importa.

"Essa é **uma batalha que não é de uma ou duas pessoas, mas de um movimento de paixão**. *Estão aqui os apaixonados por aquilo que nos move profundamente*" (Rose Militão)

Ela também expressou gratidão por participar do evento. "Vi esse movimento nascer e, de alguma forma, dei minha contribuição. É um privilégio estar aqui hoje e ver o quanto ele cresceu", afirmou. Rose encerrou com uma mensagem de amor e apoio, ao desejar sucesso ao CECS e ao reforçar o compromisso com a causa. "Minha bênção e torcida estão com vocês. Que sigamos firmes nessa jornada de transformação", concluiu.

Psicóloga Solange Rolla reforça **esperança e gratidão**

A psicóloga Solange Rolla, que coordenou a Diretoria de Eventos do CECS, compartilhou uma mensagem cheia de esperança e gratidão. Ela também precisou se afastar temporariamente das atividades por questões de saúde e outras demandas pessoais, mas ressaltou que seu coração sempre permaneceu conectado ao movimento.

"Vivi um luto ao me afastar, mas nunca me desconectei de alma e coração. Estou presente e com muita gratidão por esse momento e por todos que continuam a abraçar essa causa", afirmou.

Solange Rolla destacou a **importância do "amor maior"**, *conceito que considera central* **tanto para a instituição quanto para as Constelações Sistêmicas**

"Durante a meditação, Andréa falou sobre o campo do amor, e para mim essa é a maior proposta do CECS e das constelações. É nesse campo que encontramos a verdadeira transformação", disse Solange. Ela expressou confiança de que, após superar os desafios iniciais, o movimento está pronto para alcançar novos patamares. "Passamos pela fase do bebê, que dá muito trabalho, e agora estamos prontos para avançar com mais sintonia e harmonia", afirmou Solange. "Gratidão, gratidão, gratidão. Que sigamos juntos nessa jornada de transformação", concluiu.



A psicanalista Susanne Dinger compartilhou um depoimento sobre sua trajetória e conexão com o CECS: "Meu coração está cheio de gratidão por todo o tempo, conhecimento e dedicação de cada um a esse movimento. Chegamos até aqui graças a esse trabalho conjunto"

Psicanalista Suzanne Dinger celebra avanços do CECS

A psicanalista Susanne Dinger compartilhou um depoimento sobre sua trajetória e conexão com o movimento. Ela relembrou que, antes da criação do CECS, muitas vezes se sentiu isolada em sua prática, ao trabalhar sozinha e ao questionar a falta de critérios claros para a atuação dos consteladores. "Eu me perguntava: o que mais posso fazer para garantir qualidade e ética nessa prática? Assino embaixo a minha própria qualidade, mas e os demais?", refletiu.

Suzanne destacou que, embora não tenha enfrentado ameaças profissionais diretas como as psicólogas — já que atua como psicanalista —, o movimento liderado por essas profissionais a inspirou a se engajar ainda mais.

"Quando **surgiu o movimento das psicólogas em defesa das Constelações, algo em mim se acendeu.** Fiquei muito feliz e *senti que precisava contribuir*" (Susanne Dinger)

Ela expressou o desejo de encontrar um caminho para se envolver mais ativamente. "Quero participar e contribuir mais. Sinto que há muito a ser feito", disse.

"Meu coração está cheio de gratidão por todo o tempo, conhecimento e dedicação de cada um a esse movimento. Chegamos até aqui graças a esse trabalho conjunto", concluiu.

Professora Vera Bassoi supera acidente grave e reforça importância da união no CECS

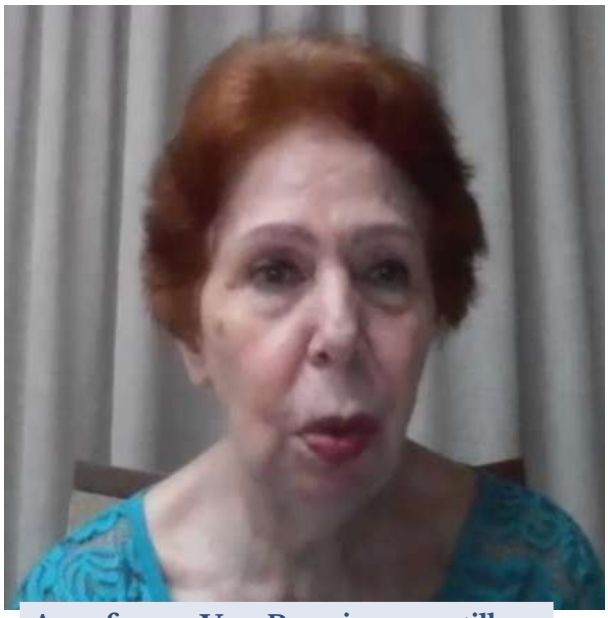
A professora Vera Bassoi compartilhou sua experiência de superação após um acidente grave que a afastou das atividades por quatro meses. Ela relatou que caiu de uma escada, bateu a coluna em cada degrau e, ao chegar ao chão, colidiu com a cabeça.

Ela sofreu fratura na vértebra L2 — uma das principais da coluna — e uma lesão que exigiu nove pontos na cabeça. "Eu desmaiei no meio de uma poça de sangue. Foi um momento em que a vida some de repente. Eu estava bem, e de repente, tudo mudou", contou.

Vera destacou que, durante o período de recuperação, refletiu sobre a fragilidade da vida e a importância de continuar a contribuir. "Pensei no caso do cantor Agnaldo Rayol, que caiu no banheiro de casa, bateu a cabeça e morreu. Eu poderia ter morrido também, mas não podia. Ainda tenho muito a contribuir", afirmou. Ela ressaltou que, mesmo afastada, manteve contato com a primeira presidente do CECS, Andréa Vulcanis, expressou a vontade de retomar as atividades e colaborar com o movimento.

A professora Vera Bassoi incentivou os presentes a aproveitarem ao máximo a participação no CECS, ao destacar a *importância do apoio mútuo*

"A troca de ideias ilumina a mente e abre novos caminhos. Quem ainda não se associou, convido a se juntar a nós", concluiu, ao emocionar os participantes com sua resiliência e mensagem de esperança.



A professora Vera Bassoi compartilhou sua experiência de superação após um acidente grave que a afastou das atividades por quatro meses

Diretora de Ética reforça importância de práticas responsáveis e código de conduta

A professora Alzira Cristina da Silva, diretora de Ética do CECS, destacou a importância de um código de conduta para orientar e consolidar práticas responsáveis no campo das Constelações Sistêmicas.

Em sua apresentação, ela enfatizou que a ética é a base para qualquer ação voltada ao bem-estar coletivo. "Sem ela, nada é possível fazer para o outro", afirmou, ao reforçar o compromisso do CECS em estabelecer diretrizes que promovam relacionamentos saudáveis e práticas alinhadas aos valores da instituição.

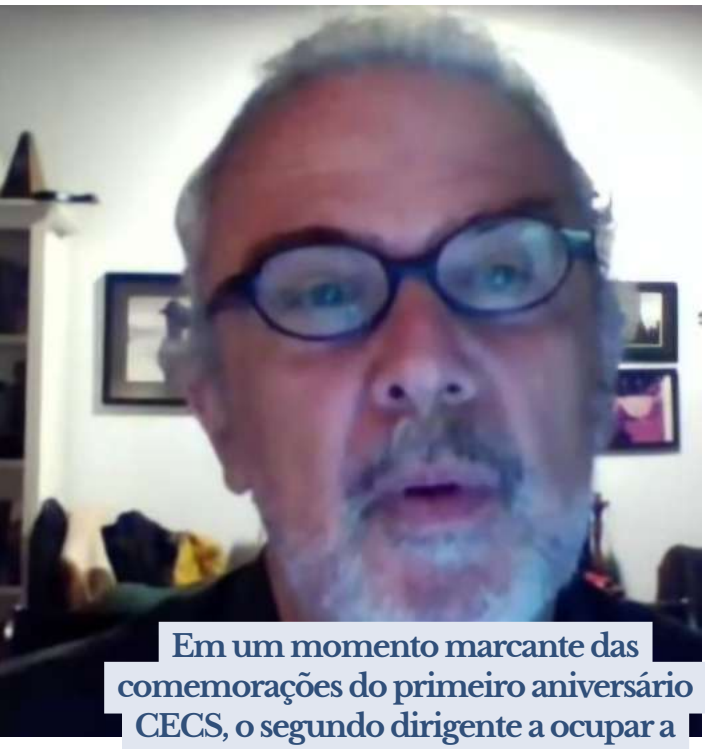
"Muitos questionam por que a ética é necessária nesse campo, mas os ataques que as Constelações sofreram surgiram, em grande parte, devido à falta de ética", explicou.

Ao final, Alzira reforçou a necessidade de um código de conduta claro e acessível, que oriente os profissionais e fortaleça a credibilidade das Constelações Sistêmicas.

"Precisamos de diretrizes que garantam a excelência e a responsabilidade em nossa prática. É assim que *construiremos um futuro sólido para o CECS* e para todos os que confiam em nosso trabalho" (Alzira Cristina da Silva)



A professora Alzira Cristina da Silva, diretora de Ética do CECS, destacou a importância de um código de conduta para orientar e consolidar práticas responsáveis no campo das Constelações Sistêmicas: “Precisamos de diretrizes que garantam a excelência e a responsabilidade em nossa prática”



Em um momento marcante das comemorações do primeiro aniversário CECS, o segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, diretor de Relações Internacionais, Ricardo Mendes, compartilhou uma mensagem inspiradora de autoria dos Anciãos da Nação Hopi, de Oraibi, Arizona: “Nós somos aqueles por quem estivemos esperando”

A mensagem compartilhada por Ricardo Mendes: “Nós somos aqueles por quem estivemos esperando”

Em um momento marcante nas comemorações do primeiro aniversário da instituição, o segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, diretor de Relações Internacionais, Ricardo Mendes, compartilhou uma mensagem inspiradora e cheia de esperança.

Ele leu a mensagem dos Anciãos da Nação Hopi, de Oraibi, Arizona:

“Temos dito ao povo que esta é a undécima hora Agora precisamos voltar a eles e dizer que esta é a Hora
E existem coisas a serem consideradas:
Onde você está vivendo?
O que está fazendo?
Você está na relação certa?
Onde está a sua água?
Conheça o seu jardim.

É tempo de dizer a verdade
Criar a sua comunidade
Ser bom com o outro
Não ficar procurando o líder fora de você.

Esta é a boa hora!

Existe um rio correndo muito rápido agora.
Ele é imenso e veloz e alguns irão temê-lo e tentarão se segurar nas margens.
Sentirão que estão sendo rasgados e sofrerão muito

Saiba que o rio tem seu próprio destino.
Os Anciãos dizem que devemos soltar as margens e entrar no rio mantendo os olhos abertos e a cabeça sobre a linha da água.
Veja quem está lá com você e celebre.

Neste momento da história não devemos tomar nada como pessoal, menos ainda nós mesmos.
No momento em que agimos, nosso crescimento espiritual e a nossa jornada chegam a um impasse.
A hora do lobo solitário chegou ao fim.
Juntem-se!
Eliminem a palavra “luta” das suas atitudes e do seu vocabulário.

Tudo o que vocês fizerem agora deve ser feito de maneira sagrada.
E em celebração.
Nós somos aqueles por quem estivemos esperando”.

CECS lança plataforma digital com vasto acervo sobre Constelações Sistêmicas

Durante as comemorações do primeiro aniversário do CECS, a atriz, escritora, consteladora e diretora de Comunicação do CECS, Ingra Lyberato, e o palestrante e constelador sistêmico, Fabrício Nogueira, apresentaram a nova plataforma digital da instituição.

Ingra Lyberato, compartilhou uma mensagem inspiradora. "Como na Constelação, sabemos apenas qual é o próximo passo. E, nesse 1 ano, cada passo foi dado com firmeza e confiança em uma guiança maior e no coletivo", afirmou.

O site foi criado para ser uma referência na difusão das Constelações Sistêmicas, ao oferecer *acesso a documentos históricos, pesquisas atualizadas e materiais educativos*

"A proposta é que o site nunca fique pronto, mas esteja sempre em movimento, com conteúdo novo sendo adicionado semanalmente", explicou Fabrício.

A plataforma reúne uma série de documentos importantes, como a carta das psicólogas que defendeu as Constelações diante do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e as respostas produzidas pelo CECS.

"Agora temos um espaço para mostrar o que são as Constelações, como se trabalha com elas e o impacto positivo que geram. É um lugar de orgulho e referência", afirmou Fabrício. Ele destacou que o site também inclui reportagens, lives e outros materiais que ajudam a fortalecer a abordagem sistêmica.

Fabrício ressaltou que a criação da plataforma foi um trabalho coletivo, feito com "muito amor e carinho".

"Queremos que esse seja um espaço acessível e útil para todos", disse. Ele também agradeceu à equipe envolvida no projeto, especialmente à diretora Científica da instituição, Roseny Flávia Martins, que liderou a compilação do acervo bibliográfico.

“Que sigamos firmes e fortes”

Ao final do evento, Andréa Vulcanis reforçou o compromisso do CECS com a transformação humana. “Que sigamos firmes e fortes, ao mostrar que é possível sermos a mudança que queremos ver no mundo”, pontuou.

A celebração do primeiro ano de atividades não apenas marcou uma trajetória de sucesso, mas também reafirmou a missão do CECS de promover o bem-estar e a conexão humana por meio das Constelações Sistêmicas, concluiu Andréa Vulcani.

Breve cronologia: fatos marcantes que fazem a história do primeiro ano do CECS

A trajetória do primeiro ano do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) foi marcada por uma intensa agenda de atividades, que incluiu encontros presenciais e virtuais, lives com especialistas renomados, participação em fóruns nacionais e internacionais, além de iniciativas voltadas à produção científica e ao diálogo com autoridades.

Além disso, o CECS promoveu uma série de encontros formativos com grandes nomes das Constelações Sistêmicas, como o mestre Jakob Schneider, um dos pioneiros da abordagem. Esses eventos, que reuniram centenas de participantes, consolidaram a instituição como um espaço de excelência para o aprendizado e a troca de conhecimentos. A atuação do CECS também se destacou no âmbito internacional. Em fevereiro de 2025, a diretoria da entidade realizou uma reunião estratégica com a Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), representada por Thomas Hafer, diretor do Conselho da instituição. O diálogo fortaleceu a cooperação entre as duas entidades e abriu caminho para novas parcerias e intercâmbios de conhecimento.

No campo cultural, o CECS celebrou a visibilidade global das Constelações Sistêmicas com a turnê da roteirista turca Nuran Evren Sit, criadora da série ‘Another Self/Uma Nova Mulher’, que levou o tema para as telas da Netflix. Eventos realizados em Goiânia, Rio e São Paulo, em novembro de 2024, destacaram o impacto da abordagem sistêmica na cultura popular e sua capacidade de inspirar transformações pessoais e coletivas.

O CECS manteve um diálogo constante com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, ao apresentar estudos, dados e perspectivas sobre a aplicação das Constelações Sistêmicas em políticas públicas.

A solicitação de ingresso no Grupo de Trabalho de Constelação Familiar, conforme estabelecido pela Resolução nº 17/23, reforçou o compromisso da entidade com a promoção de práticas que contribuam para a justiça social e o bem-estar coletivo.

Essa série de conquistas e atividades não apenas consolidou o CECS como uma instituição de excelência, mas também reforçou a importância das Constelações Sistêmicas como ferramenta de transformação humana e social. **(Texto publicado em 22 de fevereiro de 2025 e atualizado em 05 de janeiro de 2026)**



A diretora de Comunicação do CECS, Ingra Lyberato, o palestrante e constelador sistêmico, Fabrício Nogueira, apresentam a nova plataforma digital da instituição: "A proposta é que o site nunca fique pronto, mas esteja sempre em movimento, com conteúdo novo sendo adicionado semanalmente"



O evento contou com a presença da responsável pelas relações internacionais da Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), Susanne Höhn, que fala português e saudou a instituição pelo primeiro ano de atividades

Conexão Mulheres discute saúde integral, cura sistêmica e autoconhecimento

Bruna Drummond e Laudelina Inácio lideram, no Instituto Lis, evento com **participação especial da médica psiquiatra Dagmar Ramos** e do **terapeuta Christiano Rocha Ferreira.** Por meio da *mediação e da Constelação Familiar*, evento ensina abordagens eficazes para que elas consigam **romper ciclos de sobrecarga, equilibrar suas vidas e atuar com mais leveza e propósito.** Casos como de paciente terminal e tratamento de infertilidade emocionam presentes. **Iniciativa contou com apoio do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS)**



Bruna Drummond, consteladora familiar, e Laudelina Inácio, advogada e mediadora sistêmica, idealizadoras do Conexão Mulheres, ao lado da médica psiquiatra Dagmar Ramos, cofundadora do SUS

O projeto Conexão Mulheres realizou um encontro especial em Goiânia, no dia 13 de março de 2025 em torno do tema “O Adoecer e o Curar no Olhar Sistêmico”. Com a presença da médica psiquiatra Dagmar Ramos, especialista em Medicina Preventiva, Homeopatia, cofundadora do SUS e segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, o evento abordou a saúde integral, com integração de corpo, mente e emoções.

"Esta aula foi dedicada à minha mãe, Tereza, que em 13 de março de 2025, completaria 89 anos", homenageou a médica Dagmar Ramos. "Ela partiu jovem, aos 55, mas deixou em mim as marcas mais luminosas de sua existência: a alegria inquebrantável e a força sagrada de ser mulher", destacou.

As organizadoras, consteladora familiar Bruna Drummond, advogada e mediadora sistêmica, Laudelina Inácio, promoveram reflexões sobre desafios femininos, sobrecarga emocional e ferramentas práticas para equilíbrio pessoal e profissional.

Casos emocionantes, como a paz para paciente terminal e avaliação de infertilidade, ilustraram a força das Constelações Sistêmicas. O terapeuta Christiano Rocha Ferreira, do InVida Instituto, também trouxe inovações que unem terapias orientais e tecnologia de ponta, o que reforça a importância de tratamentos integrativos.

O evento, realizado no auditório lotado do Instituto Lis, destacou a conexão entre saúde física, emocional e histórias sistêmicas, o que ofereceu caminhos para autoconhecimento e cura. A iniciativa conta com o apoio do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS).

Dagmar Ramos é autora do livro ‘As Constelações Familiares na Medicina’. Com vasta experiência em saúde mental e visão sistêmica, ela abordou temas como o equilíbrio entre o cuidado com os outros e consigo mesma, ferramentas práticas para lidar com desafios profissionais de forma mais leve e eficiente e novos olhares sobre como os sintomas podem ser trabalhados a nosso favor.

O Conexão Mulheres se diferencia por oferecer um olhar profundo sobre a maneira como os desafios femininos podem ser enfrentados. Por meio da mediação e da Constelação Familiar, o evento ensina técnicas eficazes para que as mulheres consigam romper ciclos de sobrecarga, equilibrar suas vidas e atuar com mais leveza e propósito. Com um público formado majoritariamente por mulheres, o evento destacou a importância de equilibrar o cuidado com os outros e consigo mesma, além de apresentar ferramentas práticas para lidar com desafios profissionais e pessoais.

Laudelina Inácio abriu o encontro com um discurso que enfatizou a necessidade de "trazer leveza" às discussões sobre conflitos internos. A proposta, segundo ela, é conectar diferentes áreas profissionais para abordar desafios femininos sob uma perspectiva sistêmica. "Optamos por fugir das narrativas tradicionais sobre violência e agressões, tão comuns no Mês da Mulher. Queremos falar em paz, solução de conflitos sem brigas e saúde integral", explicou.



Auditório do Instituto Lis, em Goiânia, lotado por profissionais de saúde, consteladoras e mulheres interessadas em métodos alternativos de cura, durante o evento Conexão Mulheres

Laudelina Inácio chamou atenção para a **sobrecarga enfrentada por mulheres que acumulam funções profissionais, familiares e sociais.** *"Cuidamos de todos, mas quem cuida de nós? Precisamos refletir sobre como conflitos internos impactam nossa saúde mental, espiritual e emocional"*, disse

O projeto, segundo Laudelina Inácio, nasceu para oferecer técnicas que permitam "romper ciclos de exaustão e atuar com propósito".

“Queremos mostrar como é possível resolver embates sem brigas, com foco na saúde mental, espiritual e emocional”, observou Laudelina. “Estamos com o coração em festa ao abordar um tema que toca a essência humana: o cuidado interior. A presença da doutora Dagmar Ramos, que trouxe para Goiás o conhecimento transformador das Constelações, enche-nos de alegria. Seu compromisso com a saúde integral do ser humano inspira nosso propósito”, afirmou, diante de um auditório lotado por profissionais de saúde, consteladoras e mulheres interessadas em métodos alternativos de cura.

"Estou aqui para compartilhar minha experiência como mediadora, consteladora, advogada, ex-delegada de polícia, professora e, principalmente, como mãe e avó. São os movimentos da vida que me trouxeram até esta missão", afirmou Laudelina. A mediadora enfatizou que sua atuação em áreas aparentemente distintas — do direito criminal à mediação de conflitos — é guiada por uma visão integral do ser humano. "A Justiça não se faz apenas em tribunais. Ela começa em casa, no cuidado com os nossos, na escuta ativa e na compreensão das dinâmicas que nos moldam", disse.

Ao citar a maternidade e a avó como pilares de sua identidade, Laudelina conectou sua história pessoal ao propósito do Conexão Mulheres. "Ser mãe e avó me ensinou que toda transformação coletiva nasce do respeito às individualidades. É isso que buscamos aqui: acolher histórias e oferecer ferramentas para que cada uma encontre seu caminho de paz", ensinou.

A consteladora familiar Bruna Drummond surpreendeu os participantes do Conexão Mulheres com uma abordagem pessoal durante sua saudação inicial. Em vez de seguir o roteiro previsto, optou por compartilhar parte de sua trajetória e convidar a plateia a refletir sobre jornadas individuais.

“A **alegria genuína passa pelo caminho do autoconhecimento.** Para construir a *‘Conexão Mulheres’*, primeiro **precisamos nos conectar com nossa ancestralidade e nossa história interna.** Só então **criamos laços sólidos com o próximo e com o mundo**” (Bruna Drummond)

A mudança no programa, segundo ela, teve o objetivo de aproximar as participantes. “Decidi me apresentar de forma mais íntima e convidar cada uma a fazer o mesmo. Sou Bruna Drummond, filha de Ricardo e Claudia, e trago na bagagem a fisioterapia, o agronegócio, a mediação e, agora, a Constelação Familiar. Todas essas etapas me guiaram até esta missão: facilitar o autoconhecimento por meio da visão sistêmica”, explicou.



A fala da consteladora destacou a importância de integrar múltiplas experiências de vida. “Minha jornada mostra como áreas aparentemente distintas — da saúde ao campo — podem convergir para um propósito maior. Hoje, uso esses conhecimentos para mediar conflitos e ajudar mulheres a encontrarem leveza em suas histórias”, destacou.

Autora do livro “As Constelações Familiares na Medicina”, Dagmar Ramos trouxe ao debate sua experiência de décadas na interface entre saúde pública e abordagens holísticas.

A médica destacou a importância de olhar para as dinâmicas familiares e sociais como parte do processo de cura, um método que ganha espaço em consultórios e hospitais.

Dagmar Ramos iniciou a apresentação com reflexões sobre a trajetória profissional e pioneira como cofundadora do Sistema Único de Saúde (SUS). “Tenho orgulho de dizer que participei ativamente da estruturação desse sistema, que hoje é referência mundial, apesar dos desafios”, afirmou. Em tom emocionado, ela rememorou seus anos como estudante de medicina na Universidade Federal de Goiás (UFG), nos anos 1980, e o engajamento político que marcou sua trajetória na defesa dos direitos humanos.

Dagmar relacionou sua experiência no SUS com o tema do evento, “O Adoecer e o Curar no Olhar Sistêmico”.

“A saúde não se resume a tratar sintomas. Envolve compreender contextos sociais, históricos e familiares. O SUS nasceu dessa visão integral, e é isso que defendemos até hoje”, explicou Dagmar, ao citar casos em que abordagens sistêmicas ajudaram a resolver conflitos em comunidades vulneráveis.

“Eventos como este resgatam o espírito coletivo que nos moveu nos anos 1980 e 1990. Precisamos manter viva a chama da transformação social, seja na saúde pública ou no autoconhecimento”, pontuou a médica. Nascida em uma família com forte ligação com o espiritismo e o trabalho social, Dagmar contou que o interesse pela homeopatia surgiu ainda na infância, quando um tratamento alternativo a livrou de uma cirurgia de vesícula aos 10 anos. “Meu pai recusou a operação e me levou a um homeopata. O resultado foi tão transformador que decidi, ali, seguir essa especialidade”, relatou. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e, após atuar na estruturação do SUS, especializou-se em Homeopatia e Medicina Preventiva em São Paulo.

A psiquiatria entrou em sua vida de forma orgânica. “No consultório, recebia muitos pacientes com transtornos psiquiátricos. Decidi me especializar para atendê-los com mais rigor”, explicou. A escolha a levou a trabalhar no Hospital Espírita de Goiás, instituição que sua mãe ajudou a fundar como voluntária.

"Os **sintomas físicos e emocionais são mensageiros**. Eles *revelam desequilíbrios* que **podem ser tratados com clareza e amor**" (Dagmar Ramos)

"Ela dirigiu o hospital quando eu estava na faculdade. Sua dedicação aos carentes me inspirou a unir saúde pública e acolhimento espiritual", disse Dagmar.

A médica não escondeu a dor de perder a mãe precocemente. "Ela faleceu aos 55 anos, após cinco anos em coma. Era uma mulher forte, humilde e presente, que me ensinou a enxergar a saúde além do físico", afirmou, emocionada. O legado materno a motivou a seguir na psiquiatria transpessoal, campo que integra dimensões emocionais, sociais e espirituais no tratamento.

Hoje, Dagmar acumula funções como médica da instituição Casa de Eurípedes - Hospital Psiquiátrico — que herdou o trabalho iniciado por sua família —, consteladora, escritora e palestrante. Mãe de dois filhos, um deles batizado em homenagem à mãe, ela pontuou: "A medicina exige que escutemos as histórias por trás dos sintomas. É isso que fazemos: curar corpos e almas".

Legado familiar e Constelações Sistêmicas em jornada pela saúde integral

Ao falar sobre a mãe, Dagmar Ramos observou que "sinto sua presença aqui. Ela foi minha inspiração para enxergar a saúde além do físico".

Em 2002, conheceu o trabalho do alemão Bert Hellinger, criador das Constelações Familiares, que revolucionaram sua prática clínica. "Eu já era psiquiatra e homeopata, mas o impacto da abordagem foi transformador", relatou.

Participou da segunda formação internacional em Constelações no Brasil e, mais tarde, foi convidada pelo psiquiatra Gunthard Weber — um dos principais nomes da abordagem — para coordenar um estudo multicêntrico inédito sobre a relação entre sintomas físicos e dinâmicas familiares.

"Reunimos sete equipes de diferentes países. Foi uma oportunidade de mergulhar na ciência por trás das constelações, especialmente na ligação entre doenças e histórias sistêmicas", explicou. O trabalho resultou em parte do livro As Constelações Familiares na Medicina, lançado em 2018. "Escrevê-lo foi uma alegria, mesmo com os desafios editoriais", brincou.

Com mais de 20 anos de aplicação das Constelações em consultórios e hospitais, Dagmar reforçou a necessidade de integrar técnicas holísticas à medicina tradicional.

"Doenças são mensageiras de desequilíbrios que vão além do corpo. Cabe a nós decifrá-las", disse, ao citar casos em que conflitos familiares se manifestaram como sintomas físicos em pacientes.

A psiquiatra Dagmar Ramos detalhou, durante palestra no Conexão Mulheres, o processo de criação do Instituto Brasileiro de Soluções Sistêmicas (IBS Sistêmicas), iniciativa que nasceu de um desafio lançado pelo alemão Gunthard Weber, um dos principais nomes das Constelações Familiares no mundo. "Ele me olhou nos olhos e disse: 'Você precisa criar um instituto no Brasil para sustentar esse trabalho'. Sou sagitariana, corajosa e obediente. Aceitei mesmo sem saber como", brincou a médica, referindo-se à influência de seu signo astrológico na personalidade.

O instituto, sediado em Goiânia, foi fundado em 2005 e se tornou referência na formação de consteladores sistêmicos. "Já capacitamos cerca de 600 profissionais no Brasil e em outros países. Após a pandemia, ampliamos os cursos para o formato on-line, o que permitiu alcançar mais pessoas", explicou Dagmar.

A médica ressaltou a importância do conceito de "campo" nas Constelações Familiares — ideia que define a energia coletiva que emerge durante as sessões.

"Estar rodeada de pessoas que fazem parte da minha história e dessa rede é uma alegria. **O trabalho sistêmico se fortalece quando honramos essas conexões**" (Dagmar Ramos)

Além de coordenar o IBS, Dagmar segue ativa na formação de novos consteladores e na divulgação de pesquisas científicas sobre o tema. “As Constelações ajudam a decifrar conflitos que afetam a saúde física e emocional. Nosso papel é garantir que essa ferramenta chegue a quem precisa, com rigor técnico e humanidade”, concluiu.

Meditação coletiva para promover conexão interna

Dagmar Ramos conduziu uma meditação coletiva com o objetivo de ajudar os participantes a se desconectarem de preocupações externas e se concentrarem no momento presente.

Com os olhos fechados, os participantes foram guiados a visualizar a energia do grupo. “Sintam o campo que se forma aqui. Reconheçam as pessoas ao lado e a força dessa conexão”, disse Dagmar. A médica destacou a importância de práticas que integrem corpo e mente: “Essa desconexão do exterior nos permite ressignificar dores e encontrar clareza para os desafios diários”.

Conexão entre sintomas físicos e histórias sistêmicas

Em diálogo com participantes, a médica destacou como a ansiedade, a depressão e a desconexão consigo mesmo podem ser reflexos de histórias familiares e sociais não resolvidas.

“Adoecemos quando nos tornamos prisioneiros do que não identificamos”, afirmou Dagmar, ao citar autores que relacionam doenças a conflitos internos.

“Um sintoma não é apenas uma dor ou um desconforto. É uma mensagem do corpo, uma revelação de algo que precisa ser observado”, explicou.

A médica reforçou que a abordagem das Constelações Familiares permite criar um “campo terapêutico” para decifrar essas mensagens, ao oferecer às pessoas uma pausa para enxergar padrões repetitivos.Dagmar vinculou as Constelações ao conceito de pensamento sistêmico complexo, que entende o ser humano como parte de uma rede de conexões.

“Nada é isolado. Nosso **jeito de ser, sintomas e até genes carregam memórias ancestrais** e **vivências** *que moldam quem somos*” (Dagmar Ramos)

A médica citou a epigenética — área que estuda como fatores externos influenciam a expressão genética — para ilustrar como experiências de vida modificam nossa biologia. “Não somos apenas herança genética. Conexões (ou a falta delas) desde o nascimento — ou mesmo antes — alteram nosso desenvolvimento.”

Durante a palestra, Dagmar demonstrou como as Constelações funcionam na prática. “Posicionamos o cliente estrategicamente, muitas vezes com assistentes que representam elementos de seu sistema. O objetivo é criar um espaço seguro para que ele observe, de fora, dinâmicas que o aprisionam”, explicou. A abordagem, segundo ela, ajuda a identificar padrões como lealdades familiares invisíveis ou repetição de traumas entre gerações. A médica relacionou o tema do evento — focado em saúde integral — aos desafios modernos de ansiedade e desconexão. “A dificuldade de estar presente, de silenciar a mente, é uma epidemia. As Constelações e outras terapias sistêmicas são ferramentas para resgatar essa conexão”, disse.

Conexão entre transtornos mentais e dinâmicas familiares

A médica ilustrou como sintomas como depressão, pensamentos suicidas e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (Tdah) podem estar ligados a contextos sistêmicos não resolvidos.

“Um sintoma nunca é isolado. Ele faz parte de uma rede que inclui a família biológica, adotiva, o meio social e até traumas transgeracionais”, explicou Dagmar. A médica citou o caso de um menino de 7 anos diagnosticado com Tdah, cujo comportamento agitado foi associado a dinâmicas familiares durante uma Constelação. “Na sessão, a mãe (representada por uma assistente) mostrava-se ausente, o pai parecia excluído, e a criança buscava atenção de forma caótica. A cena revelou um padrão que se repetia há gerações”, relatou. Dagmar abordou a medicalização excessiva na psiquiatria moderna. “Vivemos uma epidemia de diagnósticos como ‘espectro bipolar’ ou ‘espectro autista’, muitas vezes influenciados pela indústria farmacêutica. É preciso questionar se o sintoma é realmente uma doença ou um reflexo de contextos não resolvidos”, disse. A médica reconheceu avanços na ciência, mas alertou: “A epigenética prova que genes são influenciados por experiências, mas isso não justifica enquadrar tudo em rótulos”.

Ao descrever as Constelações Familiares, Dagmar destacou seu papel na identificação de padrões ocultos.

"Posicionamos *representantes para membros do sistema do paciente*. **Em minutos, surgem cenas que revelam lealdades invisíveis**, como uma criança a *repetir o comportamento de um avô excluído* ou uma mãe a *reproduzir traumas de sua infância*" (Dagmar Ramos)

Para a médica, o primeiro passo é reconhecer as conexões. "Depois, trabalhamos para integrar essas memórias de forma saudável. Não se trata de apagar o passado, mas de ressignificá-lo", afirmou.

Ela citou casos em que a técnica ajudou pacientes a entenderem dores crônicas ou transtornos de ansiedade como "mensagens" de conflitos familiares não resolvidos.

Traumas familiares e conexão entre depressão e história sistêmica

A psiquiatra Dagmar Ramos compartilhou detalhes profundos da história familiar, marcada por uma tragédia que impactou gerações. A morte violenta do avô materno obrigou a família a enfrentar dificuldades extremas. "Minha mãe precisou abandonar os estudos para trabalhar e sustentar a casa. Só pôde retomar anos depois, já casada, formando-se em sociologia pela Universidade Federal de Goiás", relatou.

A mãe de Dagmar, descrita como "inteligente e determinada", enfrentou a pobreza e a dor para conquistar seu espaço acadêmico. "Ela sempre quis estudar, mas a vida a obrigou a adiar esse sonho. Mesmo assim, tornou-se socióloga e dirigiu o Hospital Espírita de Goiás como voluntária", contou a médica. Apesar da força, a figura materna carregava uma tristeza profunda, reflexo de perdas e responsabilidades precoces.

Dagmar revelou que casos de depressão permeiam sua família. Aos 13 anos, viveu seu primeiro episódio depressivo, com choro frequente e isolamento. “Eu era uma criança alegre, líder natural, mas de repente me vi enclausurada no quarto, sem entender o motivo”, disse. Anos depois, em uma sessão de Constelação Familiar, descobriu uma coincidência perturbadora: a mesma idade em que ela enfrentou a tristeza era a que sua mãe tinha quando perdeu o pai. “Fiz um diálogo interno com ela: ‘Querida mãe, imagino o quanto sofreu’. Aquela conexão me trouxe paz”, explicou.

A médica relacionou os transtornos mentais da família a traumas não resolvidos. “Padrões depressivos, ansiedade e até Tdah em crianças muitas vezes refletem histórias sistêmicas. São mensagens de um passado que precisa ser acolhido, não medicado”, afirmou. O relato reforçou a tese central de sua palestra: doenças físicas e emocionais estão ligadas a dinâmicas familiares e sociais. Apesar das adversidades, a família de Dagmar construiu uma trajetória de resistência. Seus tios prosperaram no agronegócio e em outras áreas, mas “às custas de muita luta e sofrimento”.

A médica *Dagmar Ramos fez apelo*: **“Precisamos olhar para trás com compaixão. *Só assim* quebramos ciclos de dor e escrevemos novas histórias”**

Dagmar destacou pesquisas acadêmicas que validam a abordagem. "A Universidade de Heidelberg, na Alemanha, desenvolveu protocolos rigorosos sobre Constelações. Estudos controlados mostram sua eficácia não só no diagnóstico, mas na resolução de conflitos", afirmou. Ela participou de um estudo multicêntrico que associou sintomas físicos a dinâmicas familiares, publicado em revistas internacionais.

"Ao revelar que doenças psiquiátricas em crianças podem estar ligadas a histórias não curadas dos pais, as Constelações revolucionam a abordagem terapêutica", explicou.

Uma viagem marcada por imprevistos

Dagmar Ramos narrou detalhes de uma viagem traumática à Alemanha que expôs a dualidade entre o caos e a bondade humana. O relato, extraído de seu livro 'As Constelações Familiares na Medicina', descreve uma sequência de eventos adversos que culminaram em um desfecho emocionante.

A jornada começou com um pressentimento incomum. "Sou otimista, mas tive pensamentos negativos: 'E se roubam meu passaporte?'", contou Dagmar. O temor se materializou em Roma, onde foi vítima de furto. Sem documentos e com a bagagem extraviada, enfrentou burocracias na embaixada brasileira e perdeu conexões de voo. "Foi uma novela. Consegui um novo passaporte, mas precisei pagar caro por um último voo para Munique", relatou.

Já em solo alemão, Dagmar enfrentou novos desafios. Na espera de trem rumo a uma cidade no interior, um homem embriagado sentou-se ao seu lado, o que aumentou o desconforto. "Estava exausta, sem comer, e temia o pior", disse. Ao descer na estação central de Munique, próximo à meia-noite, deparou-se com um grupo de skinheads. "Pensei: 'Só falta ser atacada'. Mas a polícia apareceu e me tranquilizou", relembrou. O episódio, segundo ela, ilustra como crises podem revelar resiliência e conexões inesperadas.

Experiência vivida por Dagmar Ramos na Alemanha reforçou a **crença na dualidade humana. "Vivi a sombra da negatividade, mas também a luz da delicadeza.** *Essas polaridades moldam nosso trabalho nas Constelações Familiares*, que **buscam equilibrar histórias ocultas**", refletiu

CECS

A lealdade invisível à mãe e encontro emocionante

Ao reencontrar o mentor Gunthard Weber após a série de percalços na Alemanha, a psiquiatra Dagmar Ramos se quebrou em lágrimas. O alemão, conhecedor de sua história familiar, abraçou-a forte e apontou uma conexão sistêmica crucial: Dagmar tinha a mesma idade que sua mãe ao morrer — 55 anos — e inconscientemente reproduzia um padrão de autossabotagem. “Ele me disse: ‘Olhe nos olhos de sua mãe e diga: Mother, it’s enough [Chega, mãe].’ Foi quando entendi que minha angústia era uma lealdade à dor dela”, relatou durante o evento Conexão Mulheres em Goiânia.

A mãe de Dagmar morreu após cinco anos de uma doença neurológica degenerativa, que a deixou em estado vegetativo. “Era como se eu não permitisse ser feliz ou desfrutar conquistas, pois minha mãe sofreu tanto. Como ousaria ter uma vida plena se ela não pôde?”, questionou. A viagem à Alemanha, revelou-se um gatilho: “Eu me sabotei porque, no fundo, acreditava que não merecia aquela oportunidade”.

Advogada Laudelina Inácio relaciona diagnóstico de câncer a desequilíbrio emocional

A advogada criminalista e mediadora sistêmica Laudelina Inácio revelou, durante o evento Conexão Mulheres, que um diagnóstico de gamopatia monoclonal (presença de células cancerígenas no sangue) a levou a buscar respostas em obras como "A Doença como Caminho" e "A Doença como Linguagem da Alma", dos autores Thorwald Dethlefsen e Rüdiger Dahlke.

Ao receber o diagnóstico, a advogada associou a condição às teorias dos autores, que interpretam doenças como manifestações de desarmonias internas.

“Segundo Dahlke, células cancerígenas surgem quando há um desequilíbrio emocional profundo. A quimioterapia ou radioterapia podem combater as células, mas não resolvem a causa original”, explicou. Laudelina defendeu a necessidade de “trabalhar o emocional” para restaurar a harmonia fisiológica.

A mediadora relacionou a abordagem dos livros ao método das Constelações Familiares, tema central do evento. "Assim como nas Constelações, a cura exige olhar para além do sintoma. É preciso identificar qual desarmonia do sistema familiar ou individual está gerando a doença", afirmou. Ela citou exemplos de casos em que conflitos não resolvidos se manifestaram como enfermidades crônicas. Sobre como conciliar tratamentos convencionais e abordagens holísticas, Laudelina foi enfática: "Não se trata de substituir a medicina, mas de complementá-la. A cura física depende do equilíbrio mental e espiritual". A advogada, que segue em acompanhamento médico, reforçou que está focada em "entender as mensagens" que seu corpo envia.

Dagmar Ramos reforçou a tese de que doenças físicas estão ligadas a estresse e conflitos emocionais

"O estresse, seja por relações conflituosas ou mágoas não resolvidas, desencadeia doenças físicas, imunológicas e psíquicas. Células cancerígenas, por exemplo, podem surgir de uma desarmonia interna", afirmou Dagmar.

A médica relacionou o tema à medicina tradicional chinesa, que há mais de 5 mil anos associa órgãos a emoções — como pulmões à tristeza e fígado à raiva. "Poetas do século XIX, consumidos pela melancolia, morriam de tuberculose. Não é coincidência", exemplificou.

Dagmar questionou o excesso de especialização na medicina moderna. "Médicos focados em uma única área podem perder a visão do todo. Doenças são sistêmicas: uma tosse, um tumor não existem isolados", disse.

Ela defendeu abordagens integrativas, como homeopatia e Constelações Familiares, que tratam o paciente como um conjunto de sintomas físicos, emocionais e históricos.

A médica, que também é homeopata, explicou como a prática difere da alopatia. "Não tratamos apenas um diagnóstico, mas a pessoa em sua totalidade. O remédio homeopático deve cobrir tanto a tosse quanto o estado emocional do paciente", afirmou. Para ela, métodos que integram corpo e mente são essenciais.

O caso de paciente terminal que encontrou paz em sessão de Constelação Familiar

Dagmar Ramos narrou, durante o evento Conexão Mulheres em Goiânia, o caso emocionante de uma paciente terminal que encontrou serenidade diante da morte após uma sessão de Constelação Familiar. O relato, extraído de seu livro 'As Constelações Familiares na Medicina', ilustrou como abordagens sistêmicas podem transformar o enfrentamento de doenças graves.

A paciente, uma mulher de Belo Horizonte com câncer em estágio avançado, recusava-se a aceitar o diagnóstico. Com posses e acostumada ao controle, ela evitava resolver questões práticas como o testamento e mantinha-se em negação. "Ela estava cheia de raiva e dor, física e emocionalmente. Os medicamentos não aliviavam seu sofrimento", contou Dagmar. A situação mudou quando a mulher aceitou participar de uma Constelação Familiar conduzida Gunthard Weber.

Weber montou uma dinâmica com representantes simbólicos: uma pessoa para encarnar a paciente, outra para a "vida", uma para a "morte" e outra para o "destino". Dagmar, que atuou como representante do destino, descreveu a cena como hipnótica. "Senti uma paz profunda, como nunca experimentei em meditações. Era como se tudo estivesse certo, mesmo na iminência da morte", relatou. Durante a sessão, a paciente, inicialmente resistente, começou a demonstrar aceitação.

Após a Constelação, a mulher surpreendeu familiares e médicos. *"Ela parou de sentir dor, dormiu pela primeira vez sem morfina e chamou um advogado para organizar o testamento*", disse Dagmar. Em menos de uma semana, faleceu de forma serena, em seu quarto, sem sofrimento. "**Ninguém esperava reverter a doença, mas a Constelação trouxe a paz que ela precisava para partir**", destacou a médica

O caso reforça a aplicação de métodos integrativos em situações-limite. "A doença terminal não é só um fracasso da medicina. É uma etapa que exige cuidado multidimensional", explicou Dagmar, ao citar o livro 'A Doença como Caminho', de Rüdiger Dahlke. Para ela, a Constelação atua como "ponte" entre a resistência e a aceitação, permite que pacientes enfrentem a morte com dignidade. O relato reacendeu discussões sobre a integração de terapias holísticas à medicina convencional. "Não se trata de substituir tratamentos, mas de oferecer alívio emocional onde a ciência tradicional esbarra", defendeu a psiquiatra.

Mãe em quadro depressivo expõe desafios na relação familiar e cuidados noturnos com bebê

Em um relato emocionante, a médica Dagmar Ramos compartilhou um caso que ilustra a complexidade da depressão pós-parto e os impactos de dinâmicas familiares desequilibradas. A paciente, uma jovem mãe de uma bebê de um ano, chegou ao consultório em prantos, ao revelar exaustão física e emocional. A criança, ainda dependente do aleitamento noturno, despertava duas vezes por noite, perpetuando um ciclo de privação de sono que agravava o estado depressivo da mãe.

"Expliquei a ela que, após um ano, é crucial priorizar o descanso. A amamentação noturna já não é necessária, e a transição para alimentos sólidos, como papinhas reforçadas, ajudará a bebê a dormir melhor", detalhou Dagmar, referindo-se a orientações baseadas em métodos como os do pediatra americano Benjamin Spock, que defendem limites claros para o desmame. "Avise ao marido: ele precisa assumir parte das noites. A criança sente o cheiro do leite e vai chorar, mas com apoio, em dois dias o ciclo se ajusta", acrescentou.

O caso, segundo a médica, reflete um padrão sistêmico: mães sobrecarregadas, que internalizam a culpa por não corresponder a expectativas de "dedicação total", e parceiros excluídos dos cuidados. "É uma relação simbiótica e doentia. A criança pode adoecer, e o casal se afasta", alertou. A paciente relatou resistência do marido em participar dos cuidados, um cenário que Dagmar atribui a normas culturais arraigadas. "Feminismos avançaram, mas muitos homens ainda não se veem como cuidadores. É preciso romper isso", disse.

A médica citou ainda o livro O Corpo Fala — clássico da psicossomática — para reforçar que sintomas físicos, como a depressão, muitas vezes sinalizam desequilíbrios familiares.

Doenças são mensageiras. Ninguém é totalmente vítima ou culpado, mas todos são responsáveis por ajustar o sistema", enfatizou, ao defender uma abordagem terapêutica que inclua constelação familiar e redistribuição de papéis. Enquanto a paciente recebeu orientações práticas — como cardápios noturnos com cereais integrais —, a lição mais urgente, segundo Dagmar, foi sobre autopreservação: "Ser 'boa mãe' não significa anular-se. Cuidar de si é cuidar dos que ama". O desfecho do caso ainda é incerto, mas a médica ressalta: "A cura começa quando permitimos que outros nos ajudem a carregar o peso".

Constelação Familiar revela medos ocultos em caso de infertilidade sem causa orgânica

Em relato, Dagmar Ramos detalhou um caso intrigante de infertilidade sem causa orgânica. Durante uma sessão de Constelação Familiar um casal escolheu, sem saber, pessoas que também enfrentavam desafios reprodutivos.

A surpresa veio quando o representante do homem tentou "esconder" o símbolo da fertilidade da esposa, gerando questionamentos.Ao investigar a cena, Dagmar descobriu que o homem carregava um trauma herdado: sua mãe, grávida dele, foi diagnosticada com câncer e recebeu prognósticos de que não sobreviveria para criá-lo.

Apesar de ela ter se recuperado após o parto, o paciente internalizou o medo de que sua esposa morreria ao engravidar. "Ele nunca havia percebido essa conexão até a constelação trazer à tona a imagem do 'esconderijo'", explicou a médica.

A abordagem busca identificar padrões familiares inconscientes que impactam a vida atual. No caso, a revelação do medo não resultou em gravidez, mas trouxe clareza ao casal.

"Eles entenderam que a infertilidade estava ligada a uma crença limitante, não a uma falha biológica", destacou Dagmar. O casal optou por não insistir na maternidade biológica e hoje dedica-se a projetos sociais com crianças.

Dagmar Ramos reforçou a **importância da neutralidade do constelador**: "Não podemos impor respostas. **O papel é facilitar, não ditar caminhos**". Ela *criticou posturas autoritárias na área* e **lembrou que a ferramenta deve ser usada com "frio na barriga"**, expressão cunhada por Hellinger para enfatizar cautela em casos sensíveis

O desfecho, segundo Dagmar, mostra que a cura não está necessariamente na resolução do sintoma inicial, mas na compreensão das dinâmicas ocultas. "Eles encontraram paz ao acolher seu medo e redirecionar o propósito. A felicidade não depende de um modelo único de família", pontuou.

InVida Instituto: terapias orientais e tecnologia de ponta revolucionam tratamentos em Goiânia

Terapeuta e fundador do InVida Instituto, Christiano Rocha Ferreira foi outro convidado especial do 'Conexão Mulheres'. Ele informou que reuniu conhecimentos de tradições milenares e tecnologias modernas para criar um espaço único em Goiânia. Com formação em Educação Física e especializações em medicina tradicional chinesa (China), biofísica (Alemanha) e medicina japonesa (Japão), desenvolveu um método que integra equipamentos de última geração a abordagens holísticas. "Rastreamos desequilíbrios físicos, emocionais e espirituais para restabelecer a saúde", explica.

O instituto utiliza dispositivos como câmeras térmicas e scanners de ressonância de origem russa, capazes de identificar padrões de desarmonia no organismo antes mesmo do surgimento de sintomas. "Detectamos desde alterações térmicas até padrões de pensamento que influenciam a saúde", afirma Christiano. Em um caso relatado, o terapeuta identificou tendências suicidas em uma paciente apenas a observar sua postura e expressões faciais.



Christiano Rocha Ferreira, terapeuta e fundador do InVida Instituto, compartilhou técnicas que unem terapias orientais e tecnologia de ponta, ao lado das organizadoras Bruna Drummond e Laudelina Inácio, e da médica Dagmar Ramos

O carro-chefe do espaço é o Jardim Multissensorial, projetado para "reverberar vibrações curativas". Segundo Christiano, o local já auxiliou na recuperação de pacientes com câncer, síndrome do pânico e insônia. "É um ambiente vivo, que interage com as energias do indivíduo", descreve. O jardim também seria sensível a fenômenos cósmicos, como tempestades solares, que alterariam o comportamento de crianças autistas atendidas no local.

A abordagem do InVida enfrenta desafios para ser reconhecida pela medicina tradicional. Christiano ressalta que as técnicas são complementares: "Não curamos doenças, restauramos padrões de harmonia". O terapeuta afirma já ter acompanhado casos de remissão de câncer, mas evita generalizações: "Cada processo é único. Somos mediadores, não milagreiros".

Para o terapeuta, o sucesso do instituto reflete uma demanda crescente por tratamentos que unam corpo e mente. "Vivemos a era da consciência energética. Equipamentos que leem campos vibracionais serão comuns em breve", prevê. Enquanto isso, o InVida se prepara para expandir serviços, incluindo atendimento a bebês e idosos.

Conexão Mulheres encerra edição com celebração de laços

A advogada criminalista e mediadora sistêmica Laudelina Inácio fez um agradecimento emocionado a todos os envolvidos na realização do Conexão Mulheres, durante o encerramento do evento sobre saúde.

"Cada palestrante, jornalista, voluntário e participante enriquece nossa caminhada e nos fortalece para que possamos, por sua vez, fortalecer quem está ao nosso lado", declarou, ao reforçar o propósito de construir redes de apoio multidisciplinares.

A consteladora familiar Bruna Drummond agradeceu a colegas, amigos e familiares durante o encerramento da programação. "É uma honra dividir este momento com quem transformou minha trajetória".

Bruna destacou que o evento, embora focado em mulheres, contou com participação masculina significativa: "Homens maravilhosos estiveram aqui, e reforçaram que a transformação é coletiva".

"São essas conexões que fazem a vida seguir adiante, mesmo em momentos densos", refletiu. Ao final, a consteladora reforçou o propósito do encontro: "Não se trata só de networking, mas de criar laços que sustentam desafios profissionais e existenciais". A plateia respondeu com aplausos. **(Texto publicado em 07 de março de 2025 e atualizado em 05 de janeiro de 2026)**



Imagem do evento 'Conexão Mulheres' voltado para saúde no Instituto Lis, em Goiânia: Com um público formado majoritariamente por mulheres, o evento destacou a importância de equilibrar o cuidado com os outros e consigo mesma, além de apresentar ferramentas práticas para lidar com desafios profissionais e pessoais

Constelações Familiares e avanços científicos: Dan Cohen aponta *conexões entre trauma geracional, epigenética e biologia molecular*

CECS promove live especial com pesquisador norte-americano PhD em Psicologia pela Saybrook University e MBA pela Boston University. Evento aborda tema *"Constelações Familiares Sistêmicas: Conexões e Descobertas em Artigos de Pesquisa"* e discute **integração entre ciência, espiritualidade e práticas terapêuticas. Diretora Científica Roseny Flávia Martins aponta avanços científicos da instituição**, como a *catalogação de 650 referências bibliográficas relacionadas à abordagem*. Ela também destaca a **publicação do Mapa de Evidências Científicas: Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica, em dezembro de 2024**. Tradução consecutiva ficou a cargo da convidada especial Susana Germano

A relação entre as Constelações Familiares e os avanços científicos ganham cada vez mais espaço no debate acadêmico e terapêutico. No evento promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), o pesquisador norte-americano Dan Cohen, PhD em Psicologia pela Saybrook University e MBA pela Boston University, trouxe reflexões profundas sobre a interseção entre trauma geracional, epigenética e biologia molecular.

Em uma discussão enriquecedora, Cohen explorou como os princípios das Constelações se conectam com a consciência não local e com fenômenos quânticos, e reforçou a relevância da abordagem no cenário científico contemporâneo. A live especial, realizada via Zoom no dia 17 de março de 2025, abordou o tema "Constelações Familiares Sistêmicas: Conexões e Descobertas em Artigos de Pesquisa" e reforçou a missão do CECS de promover a difusão do conhecimento científico. Desde o início de 2024, o Grupo de Trabalho (GT) Científico do CECS dedica-se à catalogação de 650 referências bibliográficas relacionadas às Constelações Sistêmicas. O acervo, disponível no site da instituição (cecsbrasil.org.br) para associados, é resultado de uma colaboração entre especialistas.

Além disso, o CECS promove encontros on-line para análise comentada de artigos científicos, com discussões sobre resultados e leituras críticas de materiais relevantes.

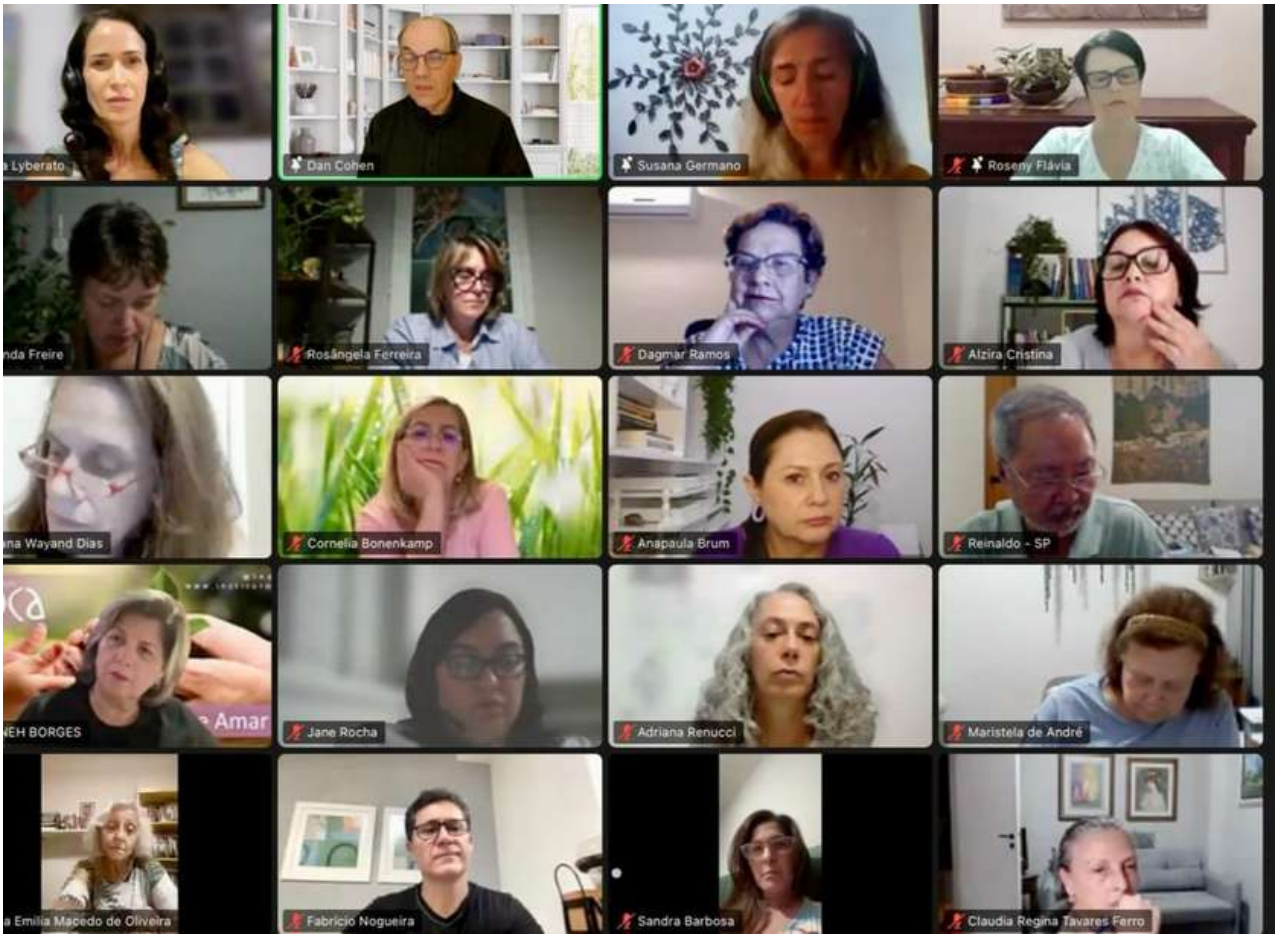
Dan Cohen, primeiro convidado da série de lives exclusivas do CECS, é autor do livro “I Carry Your Heart in My Heart: Family Constellations in Prison”. Residente nos Estados Unidos, realiza workshops e cursos de treinamento em 18 países.

A iniciativa fortalece a conexão entre consteladores brasileiros e internacionais. A live contou com tradução consecutiva da convidada especial Susana Germano.

Um presente para a comunidade de consteladores

Segunda dirigente a ocupar a presidência do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a médica psiquiatra Dagmar Ramos abriu o evento com uma saudação especial.

"Conheci o livro de Dan Cohen logo após o lançamento nos Estados Unidos. Ele foi fundamental para nossas Constelações no âmbito do Judiciário no Brasil. É um prazer tê-lo aqui conosco", afirmou.



Participantes durante live organizada pelo CECS para discutir o tema "Constelações Familiares Sistêmicas: Conexões e Descobertas em Artigos de Pesquisa": Pesquisador norte-americano Dan Cohen aborda temas como trauma geracional, epigenética e física quântica, com mais de 125 inscritos

Ela também destacou o aniversário do CECS, que completou um ano de fundação em 22 de fevereiro de 2025, e fez convite a consteladores para que sejam associados da instituição. "Este é um presente que recebemos de Dan Cohen e que oferecemos a todos vocês. Convidamos aqueles que ainda não são associados a conhecer nossa plataforma e a construir conosco este Centro de Excelência", disse Dagmar Ramos. O evento contou com 125 inscritos.

Acervo bibliográfico com 650 referências

A diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, durante saudação destacou as atividades realizadas ao longo de 2024. Ela ressaltou o orgulho pelo corpo de associados que sustenta o projeto e pelo acervo bibliográfico disponibilizado no site da instituição. A iniciativa já conta com 650 referências. Inclui artigos científicos, livros, teses, dissertações, vídeos e links de formadores de constelações ao redor do mundo.

A planilha de referências, *organizada pelo Grupo de Trabalho (GT) Científico*, tem **como objetivo inspirar e facilitar o acesso a informações para pesquisadores interessados em temas relacionados às Constelações Sistêmicas**

A meta é expandir ainda mais esse acervo, com a inclusão de novos dados e a tradução de materiais para o português. "Quem deseja iniciar um estudo, um trabalho ou escrever um livro terá essa ferramenta à disposição", afirmou Roseny.

Ela expressou gratidão pela presença de Dan Cohen na live, ao pontuar sua relevância como pesquisador e facilitador de Constelações Familiares. "Seu trabalho está presente em muitas das referências do nosso acervo, e esperamos que possa contribuir ainda mais com seu conhecimento, especialmente por meio de artigos científicos", disse.

Roseny Flávia Martins destaca publicação de estudo inédito: **O Mapa de Evidências Científicas: Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica**, publicado em *dezembro de 2024 pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin), em parceria com Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme)/Organização Pan-Americana da Saúde (Opas)/Organização Mundial da Saúde (OMS)*

Roseny Flávia Martins destacou outro evento de relevância: a publicação do Mapa de Evidências Científicas: Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica.

A Associação Brasileira de Consteladores (ABC), o Instituto Brasileiro de Consteladores Familiares (IBCF) e o Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin) realizaram uma live no dia 17 de março de 2025 em que apresentaram ao vivo os resultados do Mapa de Evidências Científicas da Constelação Familiar, com uma análise detalhada dos estudos incluídos.

Roseny Flávia Martins celebrou o lançamento do mapa. "Ele traz uma análise da efetividade e da eficácia das Constelações em diversos aspectos, o que reforça a validação científica e os estudos padrão de relevância que já estão sendo realizados ao redor do mundo", afirmou.

A diretora destacou que o CECS colabora com o estímulo à pesquisa e à divulgação da abordagem, por meio de um acervo bibliográfico que reúne artigos científicos, teses, dissertações, livros e links relevantes. Essa atitude inspira a difusão das Constelações não só no âmbito acadêmico, mas em todas as suas interfaces.

Mapa de Evidências Científicas: Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica está disponível no site do CECS (cecsbrasil.org.br).

Agradecimentos e reconhecimento ao trabalho realizado no Brasil

Dan Cohen é reconhecido internacionalmente como pesquisador, cientista e facilitador de Constelações Familiares. Autor de livros e artigos científicos, ele realiza workshops em diversos países.

"Estou muito feliz de estar aqui. Como Dagmar Ramos mencionou, ela foi uma das primeiras pessoas a conhecer meu livro no Brasil, e mantivemos contato ao longo dos anos. É um prazer reconhecer o belo trabalho que continua a ser realizado no País", afirmou Cohen.

"Trabalhe de sua própria forma", aconselhou *Bert Hellinger*



Dan Cohen, PhD em Psicologia pela Saybrook University e MBA pela Boston University: "As Constelações Familiares ajudam os indivíduos a liberar-se dos impactos do trauma relacional que influencia comportamentos atuais e relacionamentos"

O pesquisador destacou a evolução de seu trabalho e destacou a forma única como as Constelações Familiares se desenvolveram ao longo do tempo. Cohen relembrou seu primeiro contato com Bert Hellinger, no ano 2.000, e os anos de treinamento e colaboração com o fundador da abordagem.

Ao concluir seu treinamento com Hellinger, Cohen recebeu um conselho que marcou sua trajetória: "Não trabalhe da forma que você me viu trabalhando, trabalhe de sua própria forma".

Hellinger enfatizou a importância de não buscar respostas prontas, mas sim **compreender de onde as respostas surgem.** Esse ensinamento *influenciou a abordagem de Cohen*, que **busca integrar teoria e prática de maneira autêntica e inovadora**

Durante a live, Cohen discutiu seu mais recente artigo, publicado em 2024, que oferece recursos teóricos para compreender fenômenos no campo das Constelações Sistêmicas.

Ele destacou a importância de conectar teoria e prática, além de compartilhar insights sobre como as Constelações podem ser aplicadas em diferentes contextos, o que inclui prisões e comunidades carentes.

Resolução de padrões e emaranhamentos ancestrais

Dan Cohen pontuou o papel das Constelações Familiares no desvelamento e resolução de padrões e emaranhamentos ancestrais. Ele explicou que esse processo ocorre por meio do acesso à consciência não local dentro de um ambiente terapêutico.

"As Constelações Familiares ajudam os indivíduos a liberar-se dos impactos do trauma relacional que *influenciam comportamentos atuais e relacionamentos*"
(Dan Cohen)

Conexões com biologia evolutiva e molecular

Cohen estabeleceu uma ponte entre as Constelações Familiares e as ciências biológicas, em particular a biologia evolutiva e molecular.

O pesquisador ressaltou que a biologia evolutiva estuda como as formas de vida se adaptam e mudam ao longo do tempo, enquanto a biologia molecular investiga os processos biológicos que incluem DNA e expressão gênica.

O pesquisador ressaltou que a biologia evolutiva estuda como as formas de vida se adaptam e mudam ao longo do tempo, enquanto a biologia molecular investiga os processos biológicos que incluem DNA e expressão gênica.

"Cientistas têm descoberto uma conexão entre biologia e consciência no nível quântico", acrescentou.

O papel dos representantes nas Constelações

O pesquisador abordou o fenômeno dos representantes nas Constelações Familiares, indivíduos desconhecidos que, de alguma forma, acessam informações relevantes para o sistema em questão.

"Por mais de 20 anos, investiguei de onde vêm essas informações. À medida que essa pergunta foi respondida, as Constelações Familiares se tornaram cada vez mais extraordinárias", explicou Cohen.

Cohen mencionou seu artigo publicado no *Journal of Progress in Biophysics and Molecular Biology*, uma revista de alto impacto no campo das ciências duras. **O trabalho explora como as Constelações Familiares operam com a consciência não local, um conceito que ele descreveu como fundamental para compreender a eficácia da abordagem**

Células vivas possuem propriedades quânticas

O pesquisador destacou que as células vivas possuem propriedades quânticas, conforme descobertas recentes da ciência.

"As células vivas funcionam tanto no nível físico quanto no cósmico, como pequenas máquinas quânticas", afirmou. Essa perspectiva integra as Constelações Familiares a uma visão mais ampla da biologia e da física quântica, e amplia seu potencial terapêutico.

Pesquisador explora conexão entre trauma geracional e Constelações Familiares

Dan Cohen explicou que os organismos vivos interagem constantemente com o campo quântico, recebem e devolvem informações. Ele destacou que esse campo, conhecido por diversos nomes em diferentes tradições, é denominado de "campo quântico" no contexto científico.

"O campo quântico é a base para a troca de informações que ocorre em nível molecular e celular", afirmou. O pesquisador abordou o impacto do trauma geracional, ao citar descobertas da genética dos últimos 25 anos.

"O trauma geracional pode deixar marcas epigenéticas, *que alteram a expressão dos genes sem modificar o DNA*. **Essas marcas são herdadas e afetam a saúde e o comportamento das gerações futuras"**
(Dan Cohen)

Ele mencionou exemplos como o trauma da imigração, a escravidão africana e a história dos povos indígenas no Brasil. Ressaltou que esses traumas afetam praticamente todos os indivíduos. Os EUA têm origem idêntica.

Constelações familiares e liberação de traumas

Cohen descreveu como as Constelações Familiares podem alterar as marcas epigenéticas e liberar traumas do corpo.

"As Constelações parecem mudar a epigenética, liberam não apenas os traumas do cliente, mas também dos ancestrais com os quais o trauma se originou", disse.

Ele ilustrou o processo com um exemplo em que um cliente e o representante de uma tataravó se abraçam ao final da Constelação, o que resulta na sensação de um grande peso liberado.

Conexão entre biologia e Constelações Familiares

O pesquisador estabeleceu uma conexão entre as Constelações Familiares e a biologia quântica.

"As Constelações utilizam os mesmos caminhos que a consciência quântica emprega. Quando nos sintonizamos em uma Constelação, usamos nossos corpos para receber e transmitir informações no campo quântico, assim como as células fazem", explicou. Cohen detalhou o processo de cura nas Constelações, que começa com a intenção do indivíduo.

"Perguntamos o que impede o cliente de realizar sua intenção e adicionamos um representante para personificar esse obstáculo. O representante percebe como o sentimento existe no cliente e, ao dar um passo atrás, assume o papel de um ancestral, como a mãe, por exemplo. Isso permite que o cliente libere o trauma e avance", pontuou.

Ao dar passos atrás, os representantes acessam sentimentos cada vez mais intensos até que o trauma se libere.

"O representante volta para a avó, onde o sentimento é mais intenso, e depois para a tataravó. Esse movimento permite que o trauma seja liberado tanto para o cliente quanto para os ancestrais", afirmou.

Alívio quântico e efeito do observador

Cohen introduziu o conceito de "alívio quântico", que ocorre quando o emaranhamento entre vivos e mortos se desfaz. Ele comparou esse processo ao efeito do observador na física quântica, quando tal observação altera o estado do sistema.

"Bert Hellinger chamava isso de amor iluminado. Quando a tataravó e a tataraneta se observam, o trauma é liberado, e a energia do corpo do cliente se transforma", explicou.

O pesquisador destacou que seu estudo sobre Constelações e biologia quântica foi publicado em uma revista científica de alto impacto.

"Isso não significa que é uma verdade absoluta, mas que o trabalho é válido o suficiente para ser discutido academicamente", disse.

Ele incentivou os participantes a acessarem o artigo, disponível em open access, e a traduzir para o português, se necessário.

Dan Cohen propõe integração entre ciência e espiritualidade

Dan Cohen questionou a visão predominante nas ciências neurológicas, que limita a consciência ao cérebro. Ele destacou que, nas Constelações Familiares, os representantes sentem algo que não se origina em suas mentes.

"Isso sugere que a consciência vai além do cérebro e pode ser acessada de forma concreta", afirmou. O pesquisador ressaltou que tentar enquadrar as Constelações apenas na neurociência pode sabotar o processo terapêutico.

Cohen defendeu a teoria quântica como uma resposta às limitações da neurociência tradicional.

"Biologistas e geneticistas já utilizam conceitos de consciência quântica. Acredito em uma terceira via, que integra ciência e espiritualidade", explicou.

Ele propôs que essa abordagem híbrida pode ampliar a compreensão dos fenômenos observados nas Constelações Familiares.

Meditação coletiva e conexão com as avós

Cohen conduziu uma meditação guiada. Ele pediu que os participantes fechassem os olhos e se conectassem com suas avós. **"Elas vêm cheias de amor, mesmo que tenham tido vidas trágicas ou difíceis. As amarras de seu sofrimento caíram ao ver que você vive após tudo o que elas passaram"**, disse

Durante a meditação, Cohen descreveu imagens simbólicas, como avós que formam um círculo e meninas pequenas cercadas por flores.

"As avós não são apenas velhas senhoras. Elas são mães, meninas e bebês, todas cheias de amor. A mensagem delas é simples: 'A avó te ama, e você é a avó do futuro'", concluiu.

Ele encerrou a meditação ao convidar os participantes a permanecerem com essa conexão até estarem prontos para retornar.

Agradecimento de Dagmar Ramos

Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos expressou gratidão pela participação de Cohen e manifestou interesse em futuras colaborações.

"Espero que em outra ocasião possamos conversar mais sobre as Constelações nos Estados Unidos, especialmente em relação às críticas e à respeitabilidade do método. Também queremos saber mais sobre seu trabalho com Constelações em presídios", afirmou. Ela ressaltou o prazer de ter Cohen no Brasil, seja presencialmente ou on-line, e agradeceu à equipe da OCA Editorial, de Portugal, pela divulgação do livro.

Dagmar Ramos encerrou o evento com um convite para que mais consteladores se associem ao CECS. "Insistimos que todos conheçam mais do nosso trabalho, visitem o site e se somem aos associados que já temos no Brasil. Queremos crescer e fortalecer a sustentação e a qualificação das Constelações no Brasil e no mundo", concluiu. **(Texto publicado em 10 de março de 2025 e atualizado em 05 de janeiro de 2026)**



A segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica psiquiatra Dagmar Ramos: "Este evento é um presente para a comunidade de consteladores. Convidamos todos a conhecer nossa plataforma e construir conosco este Centro de Excelência"



A diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins: "Nosso acervo já reúne 650 referências. Queremos expandir esse material e facilitar o acesso para quem deseja aprofundar os estudos e validar cientificamente as Constelações"



A live realizada pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas contou com tradução consecutiva da convidada especial Susana Germano

Referências bibliográficas: COHEN, D. Family Constellation therapy: A nascent approach for working with non-local consciousness in a therapeutic container. Progress in biophysics and molecular biology, V. 186, P. 33-38. 2024 Jan. 2024.
Livro: Cohen DB. Levo seu coração no meu coração - As Constelações Familiares e o sistema penitenciário. Oca. 2019. 230p
https://www.familiasistemica.com/produtos/levo-seu-coracao-no-meu-coracao-livros-para-constelacao-familiar/

Jakob Schneider encerra ciclo formativo no CECS com **reflexão sobre vínculos entre agressor e vítima**

Durante **seis encontros realizados em 2024 e 2025, terapeuta alemão compartilha expertise com profissionais brasileiros**, aborda *traumas transgeracionais, limites terapêuticos* e destaca *importância do trabalho em grupo para dinâmicas sociais profundas.* **Médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos celebra parceria.** *"Encerramos com chave de ouro"*, destaca. "*Agradecemos por nos oferecer experiências tão ricas"*, pontua **atriz e escritora Ingra Lyberato.** Tradução consecutiva fica a cargo da **consteladora e psicanalista Susanne Dinger**



Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas concluiu série de seis encontros virtuais com o renomado mestre Jakob Schneider, terapeuta alemão, um dos pioneiros da abordagem sistêmica: O tema foi "O Vínculo Entre Agressor e Vítima"

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) concluiu no dia 05 de abril de 2025 a série de seis encontros virtuais com o mestre Jakob Schneider, terapeuta alemão, um dos pioneiros da abordagem sistêmica. O tema foi "O Vínculo Entre Agressor e Vítima". O upgrade teve início em 2024 e se estendeu com dois módulos extra em 2025. A tradução consecutiva ficou a cargo da consteladora e psicanalista Susanne Dinger.

Segunda dirigente a ocupar a presidência do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), médica Dagmar Ramos reforçou a importância da participação do terapeuta alemão Jakob Schneider no ciclo de seis encontros promovidos pela instituição. Ela destacou o privilégio de contar com a expertise do mestre no início das atividades da instituição.

"É um privilégio muito grande termos essa qualidade de presença em nossa jornada", afirmou Dagmar Ramos. "Agradecemos pelos dois módulos extras, que foram além dos quatro inicialmente planejados, com temas tão relevantes", completou.

Ela ressaltou a simbologia do encerramento com um tema desafiador: "Terminar com a questão do agressor e da vítima é fechar este curso, como dizemos aqui, com chave de ouro". Para Dagmar Ramos, essa é uma das temáticas em que "as Constelações Sistêmicas oferecem sua maior contribuição para a humanidade".

"Ter o mestre Jakob Schneider conosco neste início de jornada abriu as portas do Centro de Excelência para seu verdadeiro propósito", declarou Dagmar Ramos.

Ela lembrou que muitos dos presentes já foram alunos de Schneider e de sua esposa, Sieglinde Schneider, enquanto outros tiveram seu primeiro contato com o mestre por meio desses encontros. "Este privilégio é imenso, e nós o reconhecemos", pontuou.

“Espero que este **seja o primeiro de muitos outros** *upgrades*”



Ingra Lyberato, Jakob Schneider, Susanne Dinger e Dagmar Ramos: Com temas que vão desde os fundamentos clássicos até as complexidades dos traumas familiares, os encontros consolidam o CECS como referência na área e inspira novos caminhos para a terapia sistêmica no país

A atriz, escritora, consteladora e diretora de comunicação do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Ingra Lyberato, abriu o encontro com palavras de gratidão e reconhecimento.

Ela destacou a importância dos módulos para o aprimoramento profissional dos participantes e agradeceu a Schneider pela generosidade em compartilhar seu conhecimento acumulado em décadas de prática. "Agradecemos profundamente por sua disponibilidade em conduzir estes seis encontros ao nos oferecer experiências tão ricas", afirmou.

Lyberato também enalteceu o trabalho da tradutora Susanne Dinger, que atuou de forma voluntária. "Seu trabalho foi essencial para que pudéssemos acessar todo esse conhecimento", disse.

A diretora ainda reconheceu a equipe do CECS pela dedicação na organização dos eventos e os participantes que acompanharam os encontros ao vivo ou gravados: "Agradecemos a cada profissional e interessado que reconheceu o valor deste processo e se dedicou a ele. E àqueles que, por algum motivo, não puderam estar aqui hoje, mas assistirão depois".

Em nome do CECS, Ingra Lyberato encerrou a saudação ao projetar o futuro. "Destaco pessoalmente o valor desta jornada e espero que este seja o primeiro de muitos outros upgrades para nosso aprimoramento nesse caminho".

Jakob Schneider aborda limites e cuidados ao trabalhar com vítimas em Constelações



Jakob Schneider iniciou a exposição com uma reflexão pessoal. "Ontem fui ao cinema com minha esposa Sieglinde assistir a uma produção brasileira sobre a ditadura militar", contou, referindo-se ao vencedor do Oscar de melhor filme internacional, “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles.



O terapeuta alemão e referência mundial em Constelações Sistêmicas, Jakob Schneider: “A vida sempre traz possibilidades de renovação”

Schneider destacou a *dualidade de abordagens possíveis* quando se trabalha com dinâmicas de agressor e vítima nas Constelações Sistêmicas: **"Podemos observar tanto da perspectiva social quanto da individual, quando alguém busca ajuda por meio da Constelação para questões pessoais de vitimização"**

O constelador alertou para os cuidados necessários ao trabalhar com traumas pessoais: "Quando alguém chega com um histórico de abuso, por exemplo, é crucial primeiro fazer um trabalho terapêutico individual antes de abordar o contexto sistêmico".

Ele ressaltou que muitas vezes os participantes não revelam traumas pessoais antecipadamente, o que exige preparo do profissional para lidar com situações que emergem durante as Constelações.

Quando o passado emerge: os desafios de lidar com traumas ocultos

Com base na vasta experiência, Schneider compartilhou um caso marcante de sua prática: um homem de origem sul-asiática adotado por um casal suíço que, durante uma Constelação, teve uma reação intensa ao ser aproximado de representantes de seus pais biológicos.

"Ele era um acadêmico brilhante, mas a busca pelas origens biológicas levou a uma crise durante a Constelação", relatou Schneider. O episódio ocorreu quando o terapeuta tentou conectar o homem a representantes dos pais biológicos - pessoas sobre quem não havia qualquer informação. "Foi necessário um grande esforço para acalmá-lo e trazê-lo de volta ao presente", admitiu o especialista.

O mestre alemão enfatizou a importância de contextos ampliados para trabalhar com essas dinâmicas complexas: "Percebi que meu consultório era pequeno demais para as grandes questões de agressão e vitimização. É necessário um trabalho em público, com grupos maiores, para abordar adequadamente esses temas sociais profundos".

Schneider concluiu esta parte de sua exposição ao destacar que raramente os clientes chegam explicitamente com questões de agressor-vítima em consultórios, mas que essas dinâmicas frequentemente emergem durante o processo constelar, o que exige extrema cautela por parte dos profissionais.

O mestre alemão demonstrou como essas dinâmicas familiares ocultas podem manifestar-se em dificuldades atuais, o que exige dos terapeutas tanto técnica quanto sensibilidade extrema.

Constelações revelam padrões transgeracionais de trauma e violência

Constelações Sistêmicas (CECS), Jakob Schneider apresentou casos clínicos que ilustram como dinâmicas de agressor e vítima se repetem por intermédio das gerações. O experiente terapeuta alemão demonstrou como traumas familiares não resolvidos podem manifestar-se em comportamentos atuais.

Jakob Schneider abordou o fenômeno da "compulsão à repetição". Segundo explicou, "Muitas vezes, a pessoa assume inconscientemente o papel de vítima para equilibrar injustiças anteriores na família". Ele descreveu como uma cliente assumiu o sofrimento de mulheres croatas violentadas na guerra, apesar de não ter relação direta com os eventos. "Ela se igualava às vítimas para não sentir culpa pela agressão cometida por seu avô", analisou.

Schneider enfatizou a necessidade de discernimento: **"Nem sempre a Constelação deve ser o primeiro passo. Em casos de trauma severo, o trabalho individual é essencial antes de abordar o contexto sistêmico"**

O terapeuta abordou também um caso alemão pós-Segunda Guerra Mundial. Uma psicoterapeuta procurou Schneider porque a filha desenvolvera psicose após o nascimento do neto. A Constelação Familiar revelou que o episódio crítico ocorreu quando médicos levaram o bebê para cirurgia. "A jovem mãe surtou, acusando-os de querer matar a criança", relatou Schneider. A crise levou à internação psiquiátrica.

"O avô paterno organizava transportes de crianças judias para campos de concentração", relatou Schneider sobre o caso. "Sua psicose manifestava o medo de que lhe roubassem o filho, repetindo o trauma histórico", explicou o terapeuta.

"Mesmo dos eventos mais terríveis pode brotar vida"

Jakob Schneider destacou o processo de reconciliação em constelações familiares:

Reconhecimento dos fatos: As vítimas e agressores devem ser vistos, os fatos nomeados.

Assumir responsabilidade: O agressor deve reconhecer seus atos.

Olhar conjunto: O cliente precisa ver tanto agressor quanto vítima.

Distância saudável: Pedir para seguir com a própria vida.

Sobre casos de violência contemporânea, Schneider observou: "As vítimas buscam ajuda, mas raramente os agressores - isso é um desafio social". Ele enfatizou que a reconciliação só é possível quando os fatos são reconhecidos por todas as partes envolvidas.



A médica psiquiatra, homeopata e psicoterapeuta Dagmar Ramos: "É um privilégio termos essa qualidade de presença em nossa jornada"

Schneider concluiu com uma mensagem de esperança: **"Mesmo dos eventos mais terríveis pode brotar vida. Podemos fazer algo pequeno e benéfico com nossa existência. Confiamos que a vida sempre traz possibilidades de renovação"**

O CECS consolidou a trajetória de excelência com a série de seis encontros virtuais conduzidos pelo terapeuta alemão Jakob Schneider.

Os eventos, realizados em 2024 e 2025, abordaram temas essenciais para a compreensão das dinâmicas familiares e relacionais.

Veja série de seis encontros virtuais com Jakob Schneider

A jornada começou em 13 de julho de 2024, com o tema "A Constelação Familiar Clássica" que marcou o primeiro dos quatro encontros programados para o ano. O evento histórico reuniu quase 200 inscritos, e destacou a relevância do trabalho de Schneider no campo das Constelações Sistêmicas. No 07 de setembro de 2024, o segundo encontro explorou "As Ordens do Amor", base teórica fundamental para a compreensão dos vínculos familiares. Transmitido ao vivo pelo Zoom, o módulo reforçou a importância dos princípios de pertencimento, hierarquia e equilíbrio nas relações.

Em 19 de outubro de 2024, o terceiro encontro abordou "A Constelação entre Questões Metodológicas e a Experiência do Espírito", que mergulhou na interseção entre técnica e transcendência. O ciclo de 2024 foi encerrado em 16 de novembro, com o tema "Sintomas - Representação de Traumas nas Famílias", no qual Schneider discutiu como padrões e dores transgeracionais se manifestam no presente.Em 15 de fevereiro de 2025, o CECS iniciou as atividades do ano com um encontro especial sobre "A Vinculação Entre os Destinos do Casal", agenda que também marcou as comemorações pelo primeiro aniversário da instituição. A série foi concluída no sábado (05/04) com o tema "O Vínculo entre Agressor e Vítima", que encerrou um ciclo de aprendizado que se estendeu por quase um ano.Outro destaque histórico: no dia 23 de março de 2024, ao lado da esposa Sieglinde Schneider, Jakob também foi protagonista do primeiro evento oficial do CECS após a fundação. A live especial teve como tema “Início, desenvolvimento e novas perspectivas das Constelações Sistêmicas Fenomenológicas”.

A **parceria entre o CECS e Jakob Schneider fortalece a difusão das Constelações Sistêmicas no Brasil**, oferece *insights profundos e ferramentas transformadoras* para terapeutas e estudiosos



A atriz, escritora, consteladora Ingra Lyberato: "Experiências tão ricas que nos conectam com o verdadeiro propósito do nosso Centro"



Susanne Dinger, psicanalista clínica e consteladora: agradecimento especial pelo trabalho voluntário e essencial na tradução consecutiva dos encontros

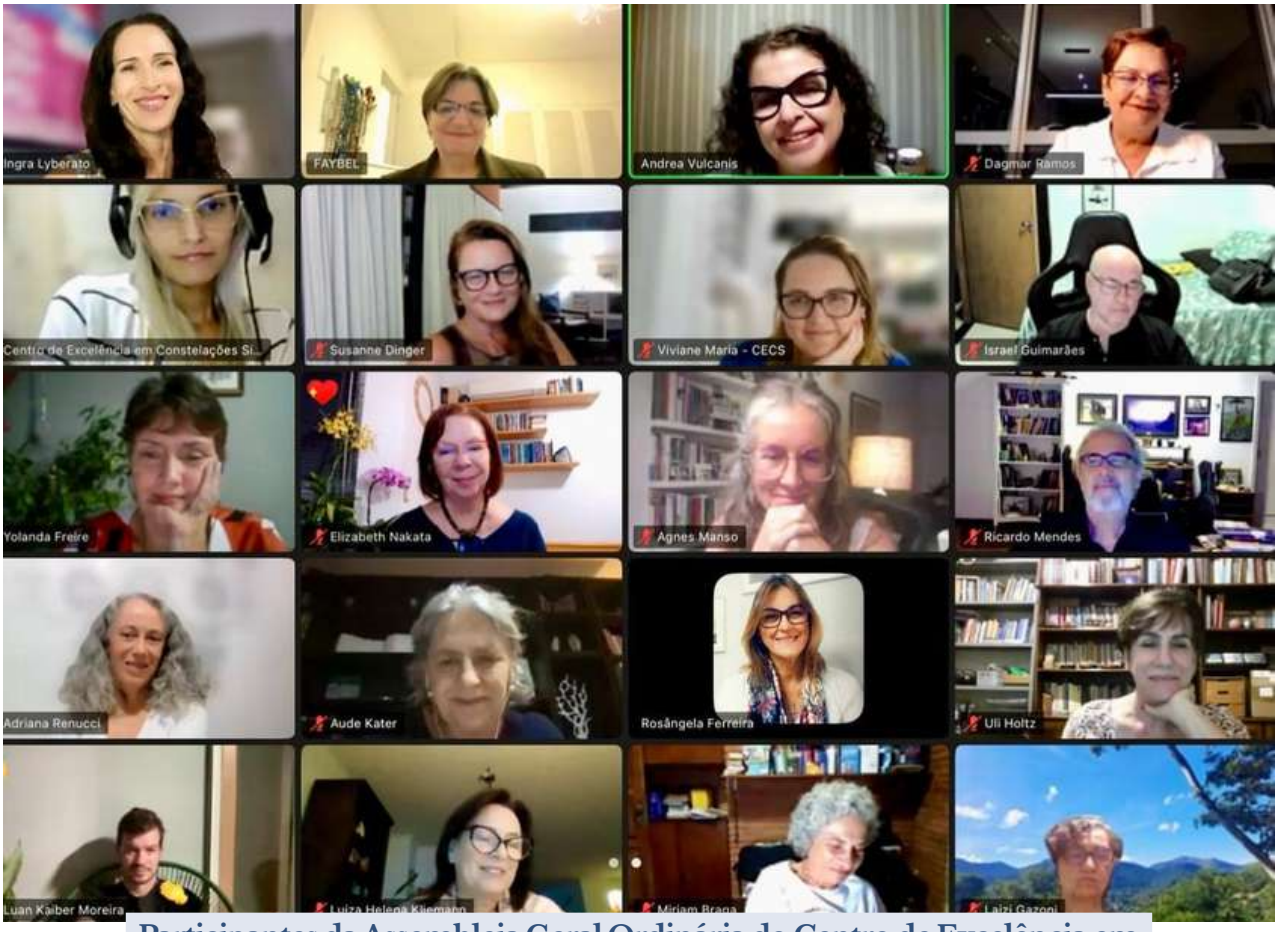
Com temas que vão desde os fundamentos clássicos até as complexidades dos traumas familiares, os encontros consolidam a instituição como referência na área e inspira novos caminhos para a terapia sistêmica no país. **(Texto publicado em 07 de abril de 2025 e atualizado em 13 de janeiro de 2026)**

CECS reestrutura diretoria e define médica Dagmar Ramos como *nova presidente*

Assembleia Geral Ordinária confirma Ricardo Mendes como vice-presidente e Agnes Manso diretora-executiva. "Nossa *maior conquista foi manter a integridade das Constelações nos espaços institucionais e assegurar a excelência em tudo que construímos*", pontua **Andréa Vulcanis, que conduziu entidade no primeiro ano.** "Entendo que **o bastão que recebo agora é daqueles em que a gente coloca na horizontal, com muitas mãos a sustentá-lo.** *Vou segurar a minha parte, mas é com o apoio de todos que seguimos*", destaca **Dagmar Ramos**

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) realizou no dia 10 de abril de 2025 Assembleia Geral Ordinária em formato virtual. O encontro marcou a reestruturação da diretoria para o ciclo de 2025 e o encaminhamento de deliberações, como as alterações no estatuto.

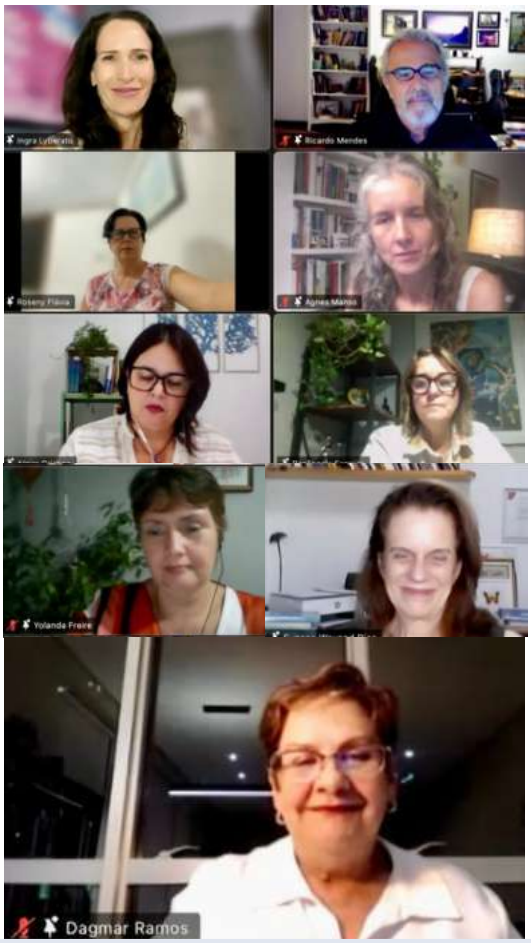
A médica psicoterapeuta Dagmar Ramos foi confirmada como nova presidente da instituição. Ela sucede a Andréa Vulcanis, que conduziu o CECS desde a fundação. A vice-presidência fica a cargo do arteterapeuta e constelador Ricardo Mendes. Ambos integram a diretoria desde a origem do projeto. Agnes Manso assume a diretoria-executiva. Dagmar Ramos é também homeopata, especialista em Medicina Preventiva e Social. Formada em Constelações Sistêmicas Familiares e Organizacionais. Diretora do IBS Sistêmicas. Autora do livro 'As Constelações Familiares na Medicina' (Cultrix). Participou da fundação do Sistema Único de Saúde (SUS). Ricardo Mendes é arteterapeuta, docente internacional de Constelações Familiares e Xamanismo. Dirige há 19 anos o Instituto Iralem no Rio de Janeiro. Agnes Manso é arquiteta, urbanista e consultora em Feng Shui — técnica milenar chinesa voltada à harmonização de ambientes e à promoção do bem-estar. Possui formação em Constelações Sistêmicas pela Faybel – Escola do Pensamento Sistêmico. Terapeuta transpessoal formada pela Unipaz (SP).



Participantes da Assembleia Geral Ordinária do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS): encontro marca a reestruturação da diretoria para o ciclo de 2025 e encaminha deliberações

Mudanças no estatuto do CECS

Entre as mudanças propostas no estatuto do CECS, está a criação do Conselho de Administração como órgão consultivo e orientativo. Previsto para se reunir trimestralmente de forma ordinária e, extraordinariamente, por convocação da diretoria ou da maioria dos associados, o colegiado terá a função de revisar, orientar e propor aperfeiçoamentos ao planejamento e à execução das atividades do Centro, tendo em vista o fortalecimento da governança institucional.



A nova diretoria do CECS para o exercício de 2025: Dagmar Ramos (presidente), Ricardo Mendes (vice-presidente e diretor de Relações Internacionais), Agnes Manso (diretora-executiva), Suzana Wayand Dias (diretora de Estruturação Acadêmica e Qualificação de Facilitadores em Constelações Sistêmicas), Roseny Flávia Martins (diretora Científica), Ingra Lyberato (Comunicação), Alzira Cristina da Silva (Ética), Rosângela Ferreira (Eventos) e Yolanda Freire (Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações)

Diretoria para 2025 é oficializada

As mudanças em cargos na estrutura do CECS acontecem dentro do previsto pelo artigo 53 do estatuto da entidade, que autoriza ajustes na composição da diretoria durante o primeiro mandato. A nova gestão permanece no cargo até a próxima eleição oficial. A composição ficou definida da seguinte forma:

Presidente: Dagmar da Silva Ramos
Vice-presidente: Ricardo Mendes Pimentel de Vasconcellos
Diretora-Executiva: Agnes Manso
Diretora de Estruturação Acadêmica e Qualificação de Facilitadores em Constelações Sistêmicas: Suzana Wayand Dias
Diretora Científica: Roseny Flávia Martins
Diretora de Comunicação: Ingra Lyberato
Diretora de Ética: Alzira Cristina da Silva
Diretora de Eventos: Rosângela Ferreira
Diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações: Yolanda Freire
Diretor de Relações Internacionais: Ricardo Mendes Pimentel de Vasconcellos

Andréa Vulcanis reforça espírito coletivo e transição responsável

Em sua fala de despedida, a primeira presidente Andréa Vulcanis destacou o avanço institucional promovido desde a criação do CECS e agradeceu a participação dos associados.

"Nossa maior conquista foi manter a integridade das Constelações nos espaços institucionais e assegurar a excelência em tudo que construímos" (Andréa Vulcanis)

Andréa Vulcanis confirmou que seguirá vinculada ao CECS, com foco nos assuntos jurídicos e institucionais. "Assumi o compromisso de continuar no acompanhamento dos processos relativos ao Conselho Federal de Psicologia (CFP) e Conselho Nacional de Justiça (CNJ). É uma contribuição que posso oferecer com segurança", pontuou.

Durante sua fala, ela também destacou avanços obtidos na gestão, como a formalização jurídica do CECS, a articulação política com órgãos reguladores e a estruturação da governança interna.

"Nosso maior legado foi manter a credibilidade do CECS diante dos desafios externos. Hoje, somos de fato uma instituição com relevância nacional no campo das Constelações Sistêmicas", afirmou.

Dagmar Ramos destaca força coletiva e maturidade da instituição

A médica psiquiatra Dagmar Ramos fez sua primeira manifestação como nova presidente da entidade. Ela afirmou assumir a função com clareza sobre a responsabilidade, mas confiante no apoio da equipe e na maturidade institucional construída ao longo do tempo.

"Entendo que o bastão que recebo agora é daqueles em que a gente coloca na horizontal, **com muitas mãos a sustentá-lo**. Vou segurar a minha parte, mas **é com o apoio de todos que seguimos**" (Dagmar Ramos)

Dagmar também destacou o papel contínuo de integrantes da gestão anterior que não seguirão na nova diretoria, mas que permanecem atuantes no CECS.

A nova presidente disse acreditar que a entidade vive um momento de união e crescimento.

“Construímos algo grandioso, com a preocupação de sermos um espaço onde as pessoas possam expandir. Seguimos com maturidade e abertura para reconhecer erros, ajustar rotas e continuar os avanços sempre juntos”, pontuou.

Dagmar ainda celebrou a composição da nova diretoria, formada por Ricardo Mendes na vice-presidência e Agnes Manso como diretora-executiva. “Essa formação me dá confiança. Somos, de fato, um coletivo”, concluiu.

Maria Izabel Rodrigues celebra consolidação do CECS como associação estruturada

Psicóloga, psicoterapeuta, formada em Constelações Familiares e Constelações Organizacionais e formadora de consteladores há mais de 20 anos, Maria Izabel Rodrigues se despediu formalmente da diretoria-executiva do CECS durante a Assembleia Geral Ordinária realizada na quinta-feira (10/04). Em fala emocionada, ela comparou o início do projeto a um “tsunami” que, ao lado de Andréa Vulcanis e Dagmar Ramos, as conduziu à linha de frente do movimento. “Não entrei para ocupar cargo. Foi o campo que me levou, por amor à causa”, disse. Ela afirmou ter cumprido seu compromisso inicial de permanecer por um ano e celebrou a consolidação do CECS como uma associação estruturada, com recursos financeiros e visão institucional.

“Hoje **o CECS tem pernas, tem força.** Sinto que cumpri minha tarefa, inclusive espiritual” (Maria Izabel Rodrigues)

Para substituí-la, foi indicada Agnes Manso, ex-aluna de Maria Izabel, cuja nomeação já havia sido discutida internamente. A ex-diretora confirmou que seguirá em apoio à nova gestão: “Me coloco à disposição, com o compromisso de ajudar no que eu puder.”

Dagmar Ramos e Andréa Vulcanis destacaram o papel estratégico de Maria Izabel Rodrigues na consolidação do CECS e reconheceram a dedicação da diretora-executiva e seu impacto na sustentabilidade da entidade.

“Sem o perfil administrativo da Bel, o CECS não teria alcançado a solidez que tem hoje”, disse Dagmar Ramos. Andréa Vulcanis completou: “Constituí na Bel, minha mestra. Tenho certeza de que chegamos até aqui graças à sua força, espírito e dedicação”.

Ricardo Mendes assume vice-presidência do CECS e reafirma compromisso com legado e continuidade

O terapeuta constelador Ricardo Mendes foi oficialmente anunciado como novo vice-presidente do CECS. Em sua fala, ele destacou a importância da fase de estruturação vivida pela entidade e afirmou que o trabalho desenvolvido até aqui pavimenta o caminho para avanços futuros.

“O primeiro ano de uma instituição é sempre o mais difícil. Agora, a próxima diretoria já encontrará uma base sólida, com processos organizados e estrutura funcional. Isso permite mais agilidade e consistência nas decisões”, afirmou.

Ricardo ressaltou que a busca por excelência é contínua e que o próprio nome da entidade representa um compromisso interno e coletivo.

“A excelência é um movimento, não um estado. *Estamos sempre em construção*, sempre em busca de algo melhor” (Ricardo Mendes)

Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, ele também citou o legado filosófico e terapêutico de Bert Hellinger, criador das Constelações Familiares, como inspiração central para o trabalho à frente da entidade.

“Contribuir com essa construção é uma forma de agradecer por tudo que recebemos desse legado. Como filhos, não conseguimos devolver aos pais tudo que nos foi dado, mas podemos fazer algo bom com isso”, avaliou.

Ele finalizou com uma citação de Hellinger que considera marcante:

“Quem aprende a agradecer, *não precisa pedir* mais nada.”

E completou: “Agradeço a confiança e me comprometo a dar o meu melhor.”

CECS homenageia Miriam Braga como primeira membra benemérita da instituição

Durante a Assembleia Geral Ordinária do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a então presidente Andréa Vulcanis anunciou a indicação da socióloga Miriam Coelho Braga como a primeira membra benemérita da entidade.

A proposta foi aprovada sem objeções e recebeu apoio da nova dirigente, Dagmar Ramos, e da diretoria.

Coordenadora de pós-graduação lato sensu em Constelação Familiar e com atuação reconhecida na saúde pública e nas terapias corporais, defensora intransigente do SUS, Miriam Braga foi apontada como uma das principais responsáveis pela difusão da abordagem sistêmica no país.

“As Constelações devem muito à sua força aguerrida. Você promoveu a primeira especialização no tema, trouxe mestres, estimulou redes e apoiou o CECS desde o primeiro dia”, afirmou Vulcanis, em sua justificativa.



Miriam Braga, Andréa Vulcanis, Maria Izabel Rodrigues e Dagmar Ramos: reconhecimento às mulheres que fazem história no CECS

Visivelmente emocionada, Miriam agradeceu o reconhecimento e sugeriu que o título fosse ampliado para outras mulheres que contribuíram para a fundação do CECS. “Me vejo como a mais velha desse trio fundador. Andréa, Dagmar e Bel foram verdadeiras benfeitoras”, declarou. Ela também mencionou sua dedicação voluntária, mesmo diante de dificuldades de saúde, e reiterou o compromisso com a continuidade do movimento. Segundo Miriam, o envolvimento com o trabalho voluntário proporciona ganho coletivo e pessoal.

Dagmar Ramos também homenageou a indicada.

“Você entendeu a importância deste movimento desde o início e nos apoiou com coragem, mesmo vindo de outra associação. Sua presença aqui tem um peso histórico”, destacou.

O título de membro benemérito integra o estatuto do CECS como forma de reconhecimento institucional a profissionais que tenham contribuído de maneira significativa para o desenvolvimento das Constelações Sistêmicas no Brasil.

Transição e avanço coletivo

Em sua mensagem final como presidente do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Andréa Vulcanis agradeceu a participação ativa dos associados na Assembleia Geral Ordinária e celebrou o que classificou como um ciclo de excelência. “É uma alegria ver que conseguimos construir tanta coisa em tão pouco tempo, com contribuições tão qualificadas. Nossa Assembleia hoje foi, mais uma vez, uma Assembleia de excelência”, destacou.

Em sua mensagem final durante a Assembleia Geral Ordinária, a segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos, reforçou o compromisso com a continuidade do trabalho coletivo e destacou a maturidade alcançada pela entidade.

Dagmar Ramos ressaltou o fortalecimento do grupo: **“Construímos algo grandioso, com foco em manter a ordem e cultivar um espaço em que todos se sintam acolhidos”**



Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos: “Construímos algo grandioso, com foco em manter a ordem e cultivar um espaço em que todos se sintam acolhidos”



A primeira presidente do CECS, Andréa Vulcanis: “Nosso maior legado foi manter a credibilidade do Centro diante dos desafios externos. Hoje, somos de fato uma instituição com relevância nacional no campo das Constelações Sistêmicas”



Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, diretor de Relações Internacionais, Ricardo Mendes: “A excelência é um movimento, não um estado. Estamos sempre em construção, sempre em busca de algo melhor”



A psicóloga e psicoterapeuta Maria Izabel Rodrigues se despediu formalmente da diretoria-executiva: "Hoje o Centro tem pernas, tem força. Sinto que cumpri minha tarefa, inclusive espiritual"



A primeira membra benemérita do CECS: Miriam Coelho Braga, socióloga especialista em Saúde Pública, coordenadora de pós-graduação Especialização Lato Sensu Sistêmica Fenomenológica (Constelação Familiar) e terapeuta corporal

A presidente celebrou a nova composição da diretoria. "Essa transição não marca apenas a chegada de novos nomes, mas o fortalecimento do nosso coletivo. Sigo com alegria e confiança de que estamos mais unidos, mais conscientes e prontos para os próximos passos", concluiu. **(Texto publicado em 12 de abril de 2025 e atualizado em 13 de janeiro de 2026)**

Projeto Autoria reforça *integração entre ciência, espiritualidade e prática clínica* durante apresentação do livro **'Constelações Familiares na Medicina', de Dagmar Ramos**

Médica, homeopata e psicoterapeuta, segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS destaca *relação entre saúde, doença e dinâmicas familiares ocultas.* Durante live com mediação da psicóloga Yolanda Freire, ela também **aborda a contribuição da Psicossíntese e o cuidado ético no atendimento**



O que as histórias revelam sobre
sintomas, doenças e cura

A relação entre saúde, doença e as dinâmicas familiares ocultas foi o tema central da estreia do Projeto Autoria, realizado no dia 23 de abril de 2025, iniciativa do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) dedicada à valorização da produção intelectual dos associados. Com apresentação da segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica, homeopata e psicoterapeuta Dagmar Ramos, e mediação da psicóloga Yolanda Freire, o evento reuniu profissionais e estudiosos para refletir sobre a integração entre ciência, espiritualidade e prática terapêutica sistêmica. Realizada pela plataforma Zoom, a live inaugurou o programa com a apresentação do livro 'Constelações Familiares na Medicina', de Dagmar Ramos, e evidenciou a importância de práticas éticas e humanizadas no atendimento sistêmico.

Projeto Autoria: uma *construção coletiva de saberes*

A abertura ficou a cargo da diretora de Eventos do CECS, Rosângela Ferreira, que destacou o caráter coletivo da criação do Projeto Autoria. Segundo ela, a iniciativa nasceu para promover o compartilhamento de produções entre os associados e aproximar leitores e autores no campo das Constelações Sistêmicas.

Diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do CECS, psicoterapeuta há 39 anos, Yolanda Freire reforçou que o projeto busca não apenas divulgar livros e artigos, mas construir um espaço de troca e de desenvolvimento profissional, com incentivo à reflexão crítica e à construção conjunta do saber sistêmico.



Os participantes do Projeto Autoria, iniciativa do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), durante a live em que a médica Dagmar Ramos, apresentou o livro 'Constelações Familiares na Medicina'

Histórias que curam: relatos e prática clínica sistêmica

Com vasta experiência em medicina preventiva, homeopatia e Constelações Sistêmicas, Dagmar Ramos integra o Instituto IBS Sistêmicas e tem se dedicado à formação de consteladores no Brasil.

Ao comentar o livro *'Constelações Familiares na Medicina',* **Yolanda Freire destacou a habilidade da autora em integrar relatos clínicos a conceitos teóricos e oferecer um percurso claro para profissionais**

CECS

Segundo ela, a obra discute a postura ética do constelador, a qualidade da escuta e da presença terapêutica — aspectos fundamentais que ganham crescente atenção no campo das Constelações.

Durante sua apresentação, Dagmar Ramos leu um trecho do livro e compartilhou um caso de atendimento que ilustra a complexidade dos temas abordados. Tratava-se de uma gestante portadora de mielodisplasia, uma doença hematológica grave, cuja gravidez agravava o quadro clínico. Embora houvesse autorização para a interrupção da gestação, a paciente resistia em tomar essa decisão.

Dagmar descreveu o processo de atendimento em que, por meio de uma escuta atenta e da observação dos sinais não verbais, emergiu um fato oculto de grande impacto: a morte por suicídio da avó materna da paciente.

A identificação inconsciente com a avó conduzia a jovem a repetir o destino trágico. A partir da Constelação, a paciente reconheceu a dinâmica oculta e optou pela preservação da própria vida. Outro fato inusitado: no dia seguinte, antes da realização do procedimento médico, foi constatado um aborto espontâneo

Dagmar destacou que o caso exemplifica a profundidade das lealdades sistêmicas e a necessidade de que o constelador mantenha uma postura ética, respeite o tempo do campo e evite conclusões precipitadas. Segundo ela, a constelação, ao revelar histórias ocultas, pode transformar destinos e permitir escolhas mais conscientes.

A contribuição da Psicossíntese: integração de múltiplos "eus"

Durante a live, Yolanda Freire introduziu um tema para reflexão: a influência da Psicossíntese no trabalho de Dagmar Ramos.

Criada pelo psiquiatra italiano Roberto Assagioli, contemporâneo de Freud e Jung e considerado o pai da Psicologia Transpessoal, a Psicossíntese propõe uma visão integral do ser humano, compreendendo-o como um conjunto de subpersonalidades em busca de integração e unidade.

Yolanda destacou que, ao longo de 'Constelações Familiares na Medicina', Dagmar incorpora conceitos da Psicossíntese no trabalho sistêmico.

A autora vai além da representação tradicional de membros familiares e sintomas. **Traz também a representação do "eu adoecido", do "eu real" e de outras instâncias internas do cliente.** Segundo Yolanda Freire, **essa abordagem proporciona um salto qualitativo nas práticas de Constelação, enriquece o olhar terapêutico e amplia os processos de consciência dos atendidos**

Ela convidou Dagmar a comentar como integra essas múltiplas dimensões do ser em suas sessões e de que maneira essa construção teórica e prática influencia os resultados do atendimento sistêmico.

Dagmar explicou que sua identificação com a Psicossíntese surgiu a partir dessa compreensão da dimensão espiritual da experiência humana. Ela lembrou que Assagioli criticava a visão limitada de Freud, que comparava o ser humano a uma casa sem considerar os andares superiores, e defendeu uma abordagem mais abrangente, que incluía o inconsciente superior e a essência espiritual.

A médica relatou que aprofundou os estudos sobre a Psicossíntese após ter vivido na Itália, onde realizou um estágio em saúde mental. Esse contato permitiu não apenas a fluência na língua italiana, mas também o acesso direto às fontes originais da obra de Assagioli.

Em diálogo constante com o psiquiatra alemão Gunthard Weber, Dagmar propôs a integração dos conceitos da Psicossíntese às práticas das Constelações Sistêmicas, a fim de ampliar o método ao incluir representantes para subpersonalidades, como o “eu adoecido” e o “eu real”.

Esse desenvolvimento foi apresentado por Dagmar em um congresso internacional na Alemanha, onde conduziu um workshop que unia Psicossíntese e Constelações. A proposta encontrou acolhida entre profissionais de diversas áreas, como psicólogos e psiquiatras, que já buscavam integrar essas duas abordagens. Dagmar afirmou que continua a desenvolver essa linha de trabalho, especialmente em Constelações de sintomas e doenças, e observou resultados promissores. O último capítulo de seu livro já antecipa essa evolução, e novos projetos devem aprofundar o conceito da "Constelação do eu", que integra os ensinamentos de Bert Hellinger e Roberto Assagioli.

O cuidado ético no atendimento sistêmico

A importância do cuidado ético e da proteção dos representantes durante as Constelações foi outro eixo do evento. Yolanda Freire destacou a atenção constante de Dagmar à integridade emocional do grupo, algo ainda pouco discutido no campo sistêmico.



A médica, psicoterapeuta e homeopata Dagmar Ramos, autora de 'Constelações Familiares na Medicina': "Que venham muitos outros projetos, porque temos autores e contribuições lindíssimas para o avanço da abordagem"

Dagmar Ramos destaca **importância do zelo não apenas com o cliente principal, mas também com todos os representantes** envolvidos na dinâmica

A médica compartilhou aprendizados adquiridos com mestres como Jakob e Sieglinde Schneider, Gunthard Weber, Stephan Hausner e Joan Garriga, ao ressaltar que a atenção aos representantes constitui um diferencial para a qualidade do trabalho.

Segundo Dagmar, a permanência excessiva de um representante em uma posição de forte impacto emocional pode ser prejudicial. Torna-se imprescindível a intervenção cuidadosa e o encerramento oportuno da representação.

Para ilustrar esse princípio, ela narrou uma experiência marcante que viveu como representante em uma Constelação conduzida por Gunthard Weber. No caso, uma paciente em fase terminal de câncer facial foi atendida durante aprimoramento em Belo Horizonte. Dagmar foi escolhida para representar o "destino" da paciente, ao lado dos representantes para a vida, a morte e a própria cliente. Ela descreveu a experiência como profundamente transcendental, ao relatar a sensação de caminhar em estado meditativo, ao recolher simbolicamente elementos do caminho até o coração e a face.

A Constelação foi breve e intensa, e a paciente, que antes enfrentava grande sofrimento, alcançou paz interior. Dias depois, ela faleceu em casa, sem dor e em tranquilidade, após ter resolvido questões emocionais e relativas ao testamento pendentes. Para Dagmar, o episódio exemplifica a profundidade e a eficácia de um trabalho sistêmico conduzido com respeito, ética e presença plena.

Dagmar Ramos aponta que **a Constelação de sintomas e doenças, em especial, desafia continuamente o conhecimento dos profissionais e abre novas perspectivas de integração** entre *ciência e espiritualidade*

A médica citou como avanço recente a criação de uma comissão de medicina e espiritualidade pelo Conselho Federal de Medicina, que reconhece formalmente a importância desse diálogo.

Por fim, Dagmar relatou sua atuação na defesa pública das Constelações Sistêmicas no Brasil. Mobilizada pelas ameaças que a prática enfrentava, ela articulou, junto a outros profissionais, o movimento "Eu Sou da Constelação", que culminou na fundação do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), instituição que hoje lidera e que busca garantir a qualidade, a ética e o reconhecimento da prática no país.

Herança familiar e chamado para o serviço

Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, diretor de Relações Internacionais, Ricardo Mendes, trouxe uma reflexão sobre o papel da herança sistêmica nas escolhas profissionais e de vida.

Ele observou que, à medida que os profissionais aprofundam sua prática nas Constelações Sistêmicas, tornam-se mais conscientes das influências invisíveis que moldam suas trajetórias. Ao citar a experiência de Dagmar Ramos em um hospital vinculado à sua história familiar, ele questionou como ela percebeu, ao longo da caminhada, que muitas das escolhas pessoais e profissionais poderiam, na verdade, ser expressões de lealdades sistêmicas e heranças inconscientes.

Ao responder à pergunta, Dagmar Ramos detalhou a profunda ligação entre sua trajetória profissional e a herança familiar representada pela Casa de Eurípedes, hospital espírita de Goiânia. Fundado por seus pais há mais de 40 anos, a instituição consolidou-se como uma referência regional no atendimento psiquiátrico, filantrópico e espiritual. Mantém parcerias com o Sistema Único de Saúde (SUS) e com convênios particulares.

Ela relatou que, após um período afastada para dedicar-se a estudos e projetos pessoais, foi convocada a retornar ao hospital em uma nova função: a implantação definitiva da homeopatia na instituição. Ao conciliar esse retorno com as atividades à frente do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Dagmar afirma viver um momento de grande realização, apesar das exigências de tempo e energia.

Dagmar Ramos **destaca a introdução das Constelações Sistêmicas no atendimento** *dos pacientes da Casa de Eurípedes, hospital espírita de Goiânia*, com **resultados positivos, especialmente em casos de depressão grave e ideação suicida**

A médica mencionou o entusiasmo de todos em particular com as Constelações e afirmou que pretende, futuramente, estruturar estudos científicos para documentar esses efeitos terapêuticos.

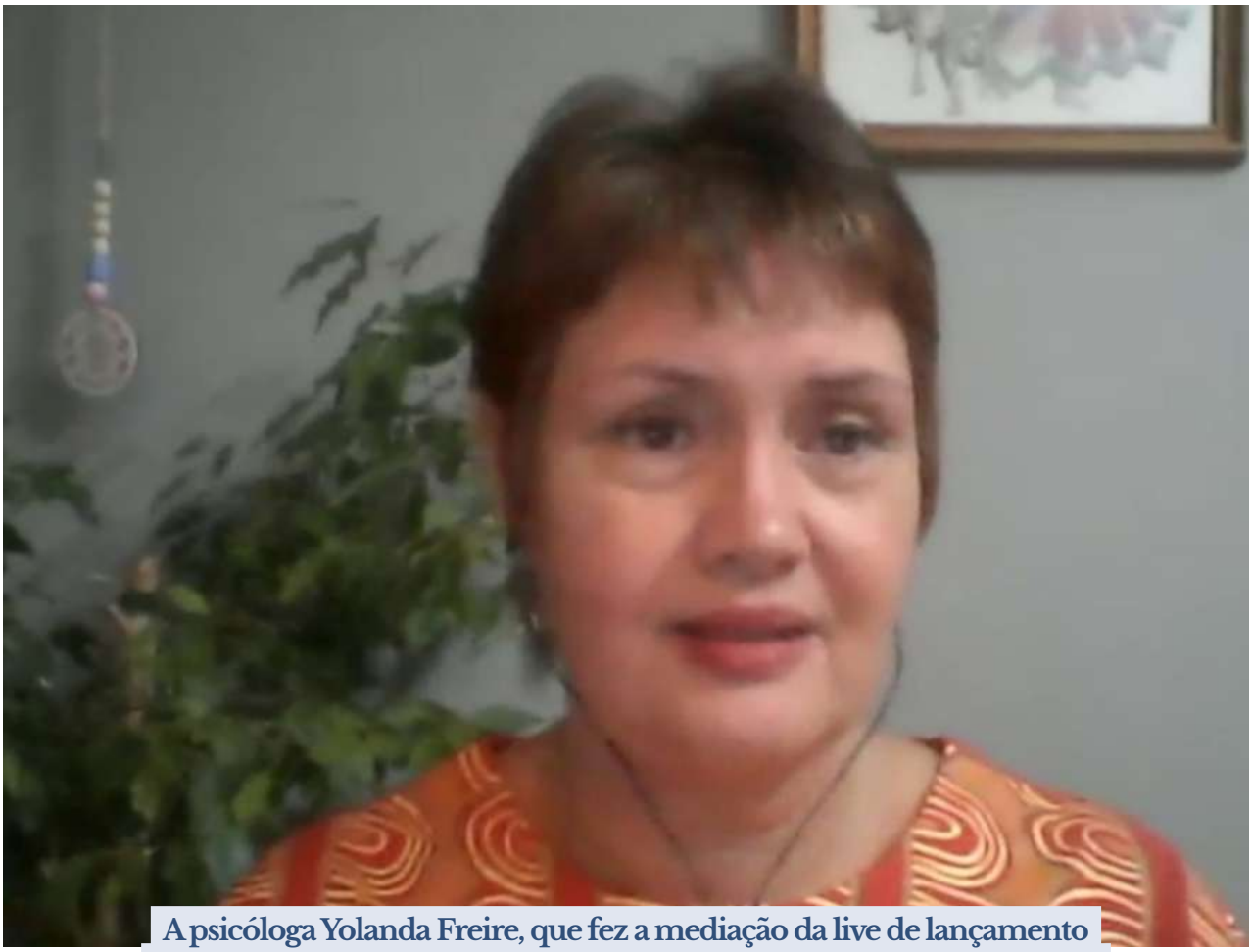
Gratidão e construção de futuros caminhos

Na parte final do evento, Dagmar Ramos respondeu a perguntas de associados. Abordou temas como a importância do SUS e os desafios da saúde mental, especialmente em casos de esquizofrenia. Os presentes expressaram reconhecimento pelo privilégio de ter acesso ao conhecimento e à experiência da médica. As manifestações de gratidão reforçaram o impacto da contribuição da médica na formação de profissionais e na consolidação da prática sistêmica no país. No encerramento da live, a âncora Yolanda Freire destacou a generosidade e a profundidade da convidada. Para ela, o livro 'Constelações Familiares na Medicina' revela a abundância de conhecimento e experiência que a autora partilha com simplicidade e clareza.

Dagmar Ramos concluiu o encontro com a leitura de *um trecho do escritor português Valter Hugo Mãe*: **"A felicidade está na atenção a um detalhe, como se o resto se ausentasse para admitir a força de um instante perfeito"**

Ela associou essa ideia à prática das Constelações, ao destacar que, nos atendimentos, especialmente nos casos que envolvem sintomas e doenças, a verdadeira transformação muitas vezes se revela nesses instantes de silêncio e presença plena.





A psicóloga Yolanda Freire, que fez a mediação da live de lançamento do Projeto Autoria: livro 'Constelações Familiares na Medicina' revela a "abundância de conhecimento e experiência que Dagmar Ramos partilha com simplicidade e clareza"

Dagmar agradeceu à Yolanda Freire, à equipe do CECS e aos presentes que acompanharam o lançamento do Projeto Autoria. Reafirmou a alegria em fazer parte da construção coletiva do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas e expressou o desejo de que novos projetos continuem a valorizar os autores e pesquisadores do campo sistêmico.

"Que venham muitos outros projetos, porque temos autores e contribuições lindíssimas para o avanço das Constelações", concluiu Dagmar Ramos ao convidar os presentes para os próximos eventos já agendados. **(Texto publicado em 28 de abril de 2025 e atualizado em 13 de janeiro de 2026)**

Pesquisa da psicóloga **Adriana Braz** aponta *efeitos positivos* das **Constelações Familiares na saúde mental**

Doutora em Psicologia da Saúde e consteladora sistêmica apresenta **resultados de tese em live promovida pelo CECS**. Com base em *entrevistas e devolutivas psiquiátricas*, **estudo identifica alívio emocional, reorganização psíquica e fortalecimento dos vínculos familiares em pacientes com transtornos mentais**. Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, **médica Dagmar Ramos e diretora Científica Roseny Flávia Martins destacam relevância metodológica e contribuição pioneira ao campo científico das práticas integrativas**

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) promoveu a live 'PsiConstelação – A saúde mental na perspectiva sistêmica', conduzida pela psicóloga e pesquisadora Adriana Braz. A apresentação revelou os resultados da tese de doutorado defendida na Universidade Metodista de São Paulo, que investigou os impactos das Constelações Familiares em pacientes com transtornos mentais, como ansiedade, esquizofrenia, depressão, burnout e dependência química.

Com base em entrevistas, Constelações gravadas e devolutivas psiquiátricas, o estudo identificou alívio emocional, reorganização psíquica e fortalecimento dos vínculos familiares. A pesquisa, com apoio da Capes, foi destacada pela segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica Dagmar Ramos, e pela diretora Científica da instituição, Roseny Flávia Martins, por sua relevância metodológica e contribuição pioneira ao campo científico das práticas integrativas.

A live, realizada no dia 29 de abril de 2025, discutiu o tema 'PsiConstelação – A saúde mental na perspectiva sistêmica: um estudo sobre o uso de Constelações Familiares em casos de transtornos psicológicos'. A iniciativa integra as ações do Grupo de Trabalho (GT) Científico do CECS, criado para fomentar a produção acadêmica na área das Constelações Sistêmicas.

Especialista em Psicologia Transpessoal, Adriana Braz também atua como consteladora sistêmica, com formação acadêmica que inclui mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, doutorado em Psicologia da Saúde e pós-graduação em Psicossomática.

É autora das obras 'Constelações Familiares – A Inovadora Estratégia para Resolução de Conflitos no Judiciário'; 'Psicologia Transpessoal – A Ciência da Consciência', e coautora de 'Constelações Familiares – História, Teoria, Pesquisa e Ética'.

Além da experiência clínica, **a trajetória de Adriana Braz inclui mais de 25 anos nas artes cênicas e sete anos de residência na China**, onde estudou acupuntura. Formada como *instrutora de yoga na Índia*, realiza atendimentos e cursos na clínica Orienterapias, em Santos (SP), **com foco em vivências de autoconhecimento com grupos, após viagens de imersão em mais de 40 países**

Na abertura do evento, a diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, ressaltou o compromisso da instituição com a qualificação técnica e acadêmica. Segundo ela, a realização do encontro integra os esforços do GT para, nos próximos anos, receber convidados de excelência e aprofundar o vínculo entre pesquisa e prática terapêutica.

"Todos os associados já conhecem a planilha de referências que disponibilizamos em nosso site. São 650 entradas, entre artigos, dissertações, teses, livros e documentos jurídicos. Um material vasto, cuidadosamente compilado, que pode inspirar consteladores e pesquisadores em formação", afirmou.

Em seguida, Roseny apresentou a convidada Adriana Braz de Oliveira, ao destacar sua atuação como psicóloga clínica, consteladora e agora PhD em Psicologia da Saúde.

A tese defendida por Adriana em 2024 na Universidade Metodista de São Paulo, intitulada 'Psiconstelação – A saúde Mental na Perspectiva Sistêmica', investiga o uso de Constelações Familiares em casos de transtornos psicológicos.

Para Roseny Flávia Martins, trata-se de um marco na produção científica brasileira. "Fiz questão de convidar Adriana Braz de Oliveira porque o estudo que realizou inaugura um movimento importante no país: a sistematização científica das Constelações Familiares aplicadas à saúde mental".



Participantes durante a live 'PsiConstelação – A Saúde Mental na Perspectiva Sistêmica', conduzida pela psicóloga Adriana Braz: Evento reúne associados ao CECS para debater o uso das Constelações na saúde mental

Experiência clínica e contribuição científica

A psicóloga e consteladora Adriana Braz iniciou a participação com agradecimento à presença dos associados e destacou a importância do espaço acadêmico para o reconhecimento das Constelações Familiares como estratégia terapêutica.

Ela citou a presença da diretora Científica Roseny Flávia Martins na banca de defesa da tese de doutorado, ao ressaltar sua atuação como especialista na temática. “No meio acadêmico, falar de Constelações Familiares ainda é desafiador. Tê-la na banca foi uma honra”, afirmou.

Adriana ressaltou que sua formação acadêmica inclui também um mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Católica de Santos.

A dissertação investigou a aplicação das Constelações Familiares no Judiciário da Vara de Família de São Vicente (SP), em atendimento a uma demanda da magistrada responsável, que solicitou uma avaliação científica da prática. O trabalho revelou que, além da facilitação de acordos legais, cerca de 80% dos participantes relataram impactos positivos no campo emocional.

Aplicação clínica e resultados observados

Na continuidade da apresentação, a pesquisadora descreveu a metodologia da tese de doutorado. Participaram do estudo seis pacientes adultos com diagnóstico médico de transtornos psiquiátricos, incluindo esquizofrenia, ansiedade, depressão e dependência química. Todos passaram por triagem com médico psiquiatra colaborador e assinaram termo de consentimento.

A coleta de dados envolveu entrevistas individuais, questionários e sessões de Constelação Familiar, realizadas em quatro etapas: **entrevista prévia, vivência da Constelação, avaliação uma semana após a sessão e nova entrevista quatro meses depois**

Os dados foram organizados em núcleos de significação. As frases-chave pronunciadas durante as Constelações foram comparadas com os relatos das entrevistas, a fim de compor um mapeamento inédito dos efeitos psicológicos observados.

Casos clínicos revelam padrões transgeracionais e efeitos terapêuticos

Adriana Braz apresentou os casos que evidenciam como dinâmicas inconscientes familiares impactam o sofrimento psíquico e como as Constelações Familiares podem contribuir para a reorganização subjetiva dos pacientes.

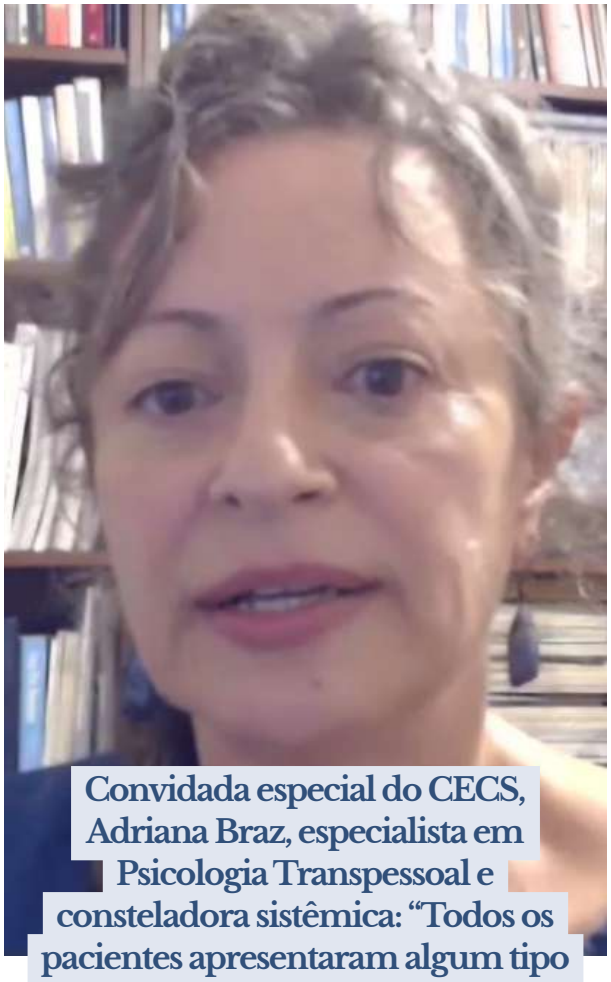
No primeiro caso, uma mulher de 47 anos, diagnosticada com transtorno de ansiedade e ideação suicida, revelou em entrevistas e nas sessões de Constelação uma profunda sensação de indignidade relacionada à sua posição na ordem familiar. Filha mais velha, sentia que vivia "no lugar do irmão falecido" e que jamais fora aceita pelo pai por não ser o filho homem desejado.

A Constelação trouxe à tona episódios descritos com forte carga traumática. A paciente mencionava episódios de escuta de vozes e tentativas anteriores de suicídio. Após a Constelação, descreveu uma melhora significativa. Relatou, uma semana depois, ter acordado sozinha, em paz e sem vozes pela primeira vez.

"Essa frase foi muito significativa: 'acordei em paz, só eu'. É um dado clínico e simbólico que não pode ser ignorado", afirmou Adriana.

A pesquisadora concluiu que o cruzamento entre os dados obtidos na abordagem, as entrevistas posteriores e a devolutiva do psiquiatra responsável apontam para o potencial das Constelações Familiares como abordagem complementar no cuidado à saúde mental.

Segundo o parecer do psiquiatra responsável, após a vivência terapêutica, a paciente apresentou remissão dos sintomas depressivos e uma postura mais autônoma frente à própria história.



Convidada especial do CECS, Adriana Braz, especialista em Psicologia Transpessoal e consteladora sistêmica: "Todos os pacientes apresentaram algum tipo de melhora. Talvez não se trate de curar o transtorno, mas de abrir espaço para outras possibilidades de existência"

Narrativas familiares e esquizofrenia

O segundo caso envolveu um paciente de 48 anos com diagnóstico de esquizofrenia, cuja participação direta foi inviabilizada pelas limitações clínicas. A Constelação foi realizada com membros da família: pai, mãe e irmão.

O histórico revelou exclusões sistêmicas severas, com repetição de padrões como rejeição parental, maus-tratos e surtos psicóticos em outros integrantes da árvore genealógica.

O paciente vive atualmente com o irmão, que também apresenta transtorno de ansiedade. Na devolutiva, o pai reconheceu mudanças significativas após a Constelação: maior afeto, espontaneidade e expressão emocional.

"Ele passou a pleitear pequenas escolhas, algo que nunca fazia", afirmou. A constatação do psiquiatra apontou para uma abertura relacional inédita entre o paciente e os familiares, apesar da rigidez psicótica.

Síndrome de Burnout, resgate da essência e reintegração emocional

O terceiro relato apresentou o caso de uma mulher de 40 anos, diagnosticada com Síndrome de Burnout e crises recorrentes de ansiedade.

Criada em ambiente campestre, com estímulo artístico desde a infância, abandonou a trajetória na arte para atender expectativas familiares marcadas por hiperprodutividade e ansiedade coletiva.

Relatou que "abortou a arte" e se tornou gerente em um setor corporativo que agravou sua condição psíquica. A Constelação evidenciou uma fidelidade inconsciente à avó materna, pintora, e à lógica de exaustão familiar.

Após a vivência, a paciente relatou redução dos sintomas e retomada de atividades relacionadas às artes. "Ela voltou ao balé e às aulas de trapézio, atividades que simbolizam um retorno à liberdade expressiva", explicou Adriana.

O psiquiatra que acompanhou o caso relatou que, embora as mudanças fossem inicialmente sutis, elas apontavam para uma reorganização subjetiva importante. A paciente reconheceu, pela primeira vez, que não precisava corresponder às expectativas alheias.

Segundo a pesquisadora, a Constelação foi encerrada com a paciente abraçada a uma representante da arte, o que marcou, simbolicamente, a reintegração de sua identidade criativa. "A Constelação abriu meu inconsciente. Consegui cortar alguns elos emocionais", afirmou a paciente.

Reelaboração do passado e afirmação do presente

No quarto caso, RA, uma mulher de 77 anos diagnosticada com transtorno depressivo, apresentava sintomas clássicos de dependência emocional e desmobilização. Ex-gerente bancária, havia contraído sequelas da Covid-19, que afetaram sua fala e locomoção.

A paciente declarou, durante a entrevista inicial, que sua expectativa para a Constelação era "ver o namorado" que não pôde ter na juventude. A resposta surpreendeu a pesquisadora, mas revelou, ao longo do processo, o núcleo de dor psíquica não elaborado. Assim como sua mãe, que também não se casou com seu grande amor, RA seguia há décadas fixada em um luto simbólico amoroso.

Durante a Constelação, foi possível representar esse vínculo interrompido e realizar, em campo terapêutico, uma despedida emocional. O marido atual acompanhou toda a vivência.

Ao final, RA foi orientada a reconhecer o marido como seu companheiro presente. Na entrevista posterior, afirmou: "Fui esquecendo dele... pelo menos a parte que me judiou a vida inteira, eu esqueci".

O psiquiatra observou sinais concretos de empoderamento. A paciente, antes totalmente dependente do marido até para atender o telefone, passou a verbalizar decisões, recusou o uso da rampa que antes considerava indispensável e retomou atividades como o tricô. Também reestabeleceu o contato com irmãos após anos de silêncio.

"Ela se transformou de uma velhinha esperando a morte para uma idosa que quer viver", escreveu o profissional. As alterações de comportamento incluíram discussões pontuais com o marido, interpretadas como indício de maior assertividade e afirmação pessoal. "Ao recuperar a autonomia afetiva, ela pôde deixar o passado e se recolocar no presente com dignidade", concluiu Adriana.

Processos de reconciliação e ressignificação emergem de vivências sistêmicas

A psicóloga Adriana Braz prosseguiu a apresentação com a exposição de mais dois casos clínicos e a sistematização dos principais resultados obtidos na pesquisa de doutorado.

As análises, conduzidas sob referencial da psicologia sistêmica, demonstram **como a Constelação Familiar pode favorecer reorganizações psíquicas profundas**, especialmente *em contextos de sofrimento decorrente de rupturas, exclusões e vínculos interrompidos*

No quinto caso, LA, um homem de 39 anos, apresentava histórico de alcoolismo, dependência química e sentimentos intensos de rejeição. Órfão de mãe biológica — que se suicidou grávida de gêmeos — e desconhecedor do pai, um traficante, foi adotado ainda bebê.

Durante a Constelação, verbalizou raiva profunda contra os pais biológicos, especialmente a mãe. O trabalho fenomenológico permitiu que ele, pela primeira vez, reconhecesse a importância de sua origem como condição de existência. “Foi um primeiro passo”, destacou Adriana Braz.

O psiquiatra relatou melhora na estabilidade emocional e redução da agressividade. LA assumiu espontaneamente o papel de cuidador em uma casa de sublocações, onde convive com outros pacientes em vulnerabilidade. Administra remédios e mantém a organização — tarefas que antes não realizava nem para si mesmo.

Pertencimento e herança emocional

O sexto caso, de XP, homem de 28 anos com diagnóstico de depressão, revelou uma dinâmica marcada por sentimento de rejeição, luto não elaborado e triangulações familiares.

O paciente passou a cuidar do padrasto gravemente doente, enquanto convivia com a sensação de que o pai biológico favorecia outro filho, de casamento anterior.

A Constelação evidenciou como a imagem do pai era transmitida a partir do olhar ressentido da mãe. “A abordagem permitiu a XP compreender o quanto absorvera a dor materna como sua”, apontou Adriana Braz.

Nas entrevistas posteriores, XP relatou maior serenidade, superação parcial da raiva e alívio psíquico. “Sinto que algo mudou. Não sei exatamente o quê, mas sinto”, afirmou.

Quatro meses depois, o paciente abandonou a psicoterapia, mas relatou estar bem por meio de relatos indiretos da mãe, que seguia em atendimento com o mesmo psiquiatra.

Categorias de significação e efeitos terapêuticos

A pesquisadora apresentou, em seguida, os núcleos de significação extraídos dos relatos dos participantes. Entre as categorias identificadas estão:

– **Alívio emocional:** Sentimentos de angústia, culpa e raiva foram expressos como atenuados logo após a Constelação. Participantes como LA, XP e JK relataram sensação de leveza e bem-estar psíquico imediato.

– **Compreensão de si mesmo:** Os relatos mostraram que os participantes obtiveram insights importantes sobre suas emoções e padrões de relacionamento. Casos como o paciente com ideação suicida, e de LA apontaram para ressignificações marcantes: “Parece que eu nasci depois da Constelação”.

– **Resolução de conflitos:** A vivência sistêmica favoreceu o perdão e a reconciliação, como evidenciado por XP e JK, que passaram a interpretar antigas mágoas sob nova perspectiva.

– **Fortalecimento dos laços familiares:** Em casos como o de CD, pai de um paciente com esquizofrenia, a constelação facilitou uma aproximação emocional antes inexistente.

Mudanças comportamentais positivas: Os relatos indicaram adoção de **posturas mais assertivas, reconexão com interesses pessoais e retomada de atividades do cotidiano**. RA, por exemplo, voltou a tricotar, a fazer ligações familiares e a decidir por si mesma

– **Aumento da resiliência:** Os participantes demonstraram maior capacidade de enfrentar adversidades após a vivência.

– **Sentimento de libertação:** Diversos depoimentos indicaram um desprendimento de vínculos limitantes do passado. RA resumiu: "Pelo menos a parte que me judiou a vida inteira, eu esqueci".

Síntese metodológica e contribuição para o campo

Adriana Braz destacou que a análise comparativa entre entrevistas prévias e a vivência em campo, associada ao retorno do psiquiatra, compôs o eixo central da metodologia.

O caráter pioneiro do trabalho consistiu na sistematização de Constelações em estudo clínico-acadêmico, com utilização de ferramentas da psicologia qualitativa. "A escuta do psiquiatra trouxe devolutivas não percebidas pelo próprio paciente, o que amplia a profundidade da análise", pontuou a pesquisadora. Cada passo da pesquisa foi documentado com rigor metodológico. As constelações foram gravadas em vídeo, analisadas frase por frase e correlacionadas com os dados obtidos nos questionários e entrevistas.

Esse cruzamento permitiu a identificação precisa de recorrências simbólicas, com destaque para a coerência entre vivência subjetiva e estrutura narrativa. "A cada análise, novas descobertas surgiam. Isso tornou o processo extremamente rico e profundamente revelador", afirmou a pesquisadora. Os casos, todos com diagnósticos de transtornos mentais formalmente estabelecidos, responderam positivamente à proposta terapêutica.

A pesquisa forneceu respostas afirmativas à pergunta central do projeto: seria a Constelação Familiar útil no campo da saúde mental? Ainda que reconheça a necessidade de novos estudos, Adriana argumentou que o trabalho inaugura um campo fértil de investigação em psicopatologias diversas.

“O que é, afinal, a cura? E o que significa viver melhor? *Todos* os participantes apresentaram algum tipo de melhora. Talvez não se trate de resolver integralmente o transtorno, mas de abrir espaço para outras possibilidades de existência” (Adriana Braz)

Para ela, o estudo contribui com um olhar ampliado sobre a saúde mental e reforça a urgência de pesquisas que respeitem a complexidade dos fenômenos humanos.

Critérios de inclusão e papel do psiquiatra no processo de triagem

Após concluir sua exposição, a psicóloga Adriana Braz passou a responder às perguntas dos associados. A primeira questão abordou os critérios utilizados para definir os participantes da pesquisa. Segundo ela, o desenho metodológico, prévia e rigorosamente estabelecido, contou com a atuação direta de um médico psiquiatra, responsável pela triagem clínica dos envolvidos.

“Foram seis participantes no total, conforme previsto desde o início do projeto. Os critérios de inclusão exigiam que o paciente estivesse em acompanhamento psiquiátrico há pelo menos alguns meses e apresentasse condições emocionais estáveis para compreender e participar de todas as etapas”, explicou. Casos com desorganização psíquica severa foram excluídos do estudo, conforme previsto.

A pesquisadora destacou ainda que o caso de esquizofrenia incluído no projeto foi conduzido com os familiares do paciente, e não com ele diretamente. A Constelação foi realizada com familiares, o que, segundo Adriana, produziu efeitos indiretos perceptíveis no próprio paciente. “Essa experiência foi muito rica. O campo é o sistema. Mesmo sem estar presente na sessão, o rapaz apresentou mudanças relevantes no comportamento e na afetividade”, afirmou.

Reconhecimento institucional e rigor metodológico

A diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins, ressaltou a importância do apoio concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) ao projeto desenvolvido por Adriana Braz.

Segundo Roseny, o reconhecimento por parte da Capes confere credibilidade acadêmica e atesta a seriedade metodológica da pesquisa. “O apoio da Capes exige um nível elevado de estruturação teórica e rigor metodológico. Relatórios detalhados precisam ser apresentados ao longo de todas as etapas”, afirmou.

Roseny destacou ainda que a pesquisa de Adriana foi construída a partir de uma fundamentação sólida, que incluiu reflexões sobre patologização da loucura, psicose sob a ótica sistêmica, a contribuição de Bert Hellinger e o mapeamento do estado da arte no campo das Constelações.

Para a diretora, a aceitação do projeto pela Capes representa um marco no reconhecimento das Constelações Familiares como objeto legítimo de investigação científica. "É um aval institucional importante que, ao abrir essa porta, sinaliza que a abordagem sistêmica pode e deve ser estudada com seriedade, também no Brasil", pontuou.

Dagmar Ramos destaca impacto da pesquisa em contextos clínicos

Após as explanações e a rodada de perguntas, a presidente do Centro de Excelência em Constelações médica Dagmar Ramos fez uma saudação à psicóloga Adriana Braz, ao destacar a relevância científica e clínica da pesquisa apresentada.



A médica Dagmar Ramos: Durante live, ela destacou a premiação internacional recebida pelo psiquiatra Alexander Moreira-Almeida por pesquisas que integram espiritualidade e saúde mental

> "Já existem muitos trabalhos sendo feitos, mas **essa pesquisa representa um marco ao sistematizar conhecimento dentro de um protocolo acadêmico, com rigor metodológico e compromisso científico**" (Dagmar Ramos)

Dagmar relembrou experiências anteriores no interior de Goiás, onde participou da aplicação de Constelações Sistêmicas em contextos de saúde pública. Segundo ela, os resultados observados à época já indicavam o potencial terapêutico da abordagem, mesmo antes da difusão crítica e dos atuais debates científicos.

"Encaminhávamos para as Constelações e os resultados eram muito expressivos. Faltava exatamente o que você faz: a sistematização, o estudo, a formalização teórica", pontuou a presidente.

Atualmente, Dagmar Ramos atua na Casa de Eurípedes, hospital psiquiátrico de grande porte em Goiânia, onde, segundo ela, as Constelações transformaram a dinâmica do ambiente terapêutico.

“As falas dos seus pacientes são as mesmas que escuto aqui. Eles relatam alívio, compreensão e um novo olhar sobre a própria dor. Muitos são gratos não apenas pela própria vivência, mas pela oportunidade de representar outras histórias. Isso tem valor terapêutico real”, destacou Dagmar Ramos.

A médica mencionou que os próprios pacientes demonstram envolvimento e entusiasmo com as Constelações. “Isso mostra o quanto essa prática ressoa neles, mesmo em quadros psiquiátricos severos”, argumentou.

Dagmar Ramos reiterou admiração pelo trabalho apresentado. “É uma pesquisa que abre portas. E eu, com muita gratidão, quero agradecer pela presença, entrega e por contribuir de forma tão sólida com esse campo que ainda está em desenvolvimento, mas que já mostra tanto impacto positivo”, ressaltou.

Dagmar Ramos cita trabalho do psiquiatra brasileiro Alexander Moreira-Almeida, agraciado com o Prêmio Oskar Pfister 2025

Dagmar Ramos também destacou a relevância do momento atual para a integração entre espiritualidade e ciência na área da saúde mental. Ela mencionou o trabalho do psiquiatra brasileiro Alexander Moreira-Almeida, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que recentemente foi agraciado com o Prêmio Oskar Pfister 2025 pela Associação Americana de Psiquiatria (APA). Este prêmio reconhece contribuições significativas no estudo da relação entre religião, espiritualidade e saúde mental.

Moreira-Almeida é o primeiro latino-americano a receber essa honraria. Ele se destaca pelas pesquisas que investigam a continuidade da consciência após a morte e a integração da espiritualidade na prática psiquiátrica.

O psiquiatra coordena o Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (Nupes) da UFJF e atua na elaboração de diretrizes internacionais que incentivam a inserção da dimensão espiritual nos diagnósticos e tratamentos psiquiátricos.

Dagmar Ramos enfatizou que o reconhecimento internacional do trabalho de Moreira-Almeida reforça a importância de pesquisas que explorem abordagens não convencionais, como as Constelações Familiares, na compreensão e tratamento de transtornos mentais.

Ela ressaltou que o momento é propício para ampliar os estudos nessa área, buscar evidências que possam fundamentar cientificamente essas práticas e integrá-las de forma responsável ao cuidado em saúde mental.

Escolha dos representantes e ética no manejo das Constelações

Durante a fase de perguntas da live promovida pelo CECS, a psicóloga Adriana Braz respondeu a uma questão sobre a seleção dos representantes que participaram das Constelações realizadas durante a pesquisa. Segundo ela, a escolha foi cuidadosamente planejada e seguiu princípios éticos e metodológicos, em respeito à integridade dos pacientes e à neutralidade do campo fenomenológico.

"Os representantes eram pessoas da cidade de Santos, onde a pesquisa foi realizada. Todos já tinham algum nível de familiaridade com a abordagem sistêmica e participavam de encontros com interesse real em vivenciar os temas propostos. No entanto, não conheciam previamente os pacientes nem os detalhes dos casos", explicou Adriana. A psicóloga reforçou que o sigilo foi preservado durante todo o processo, e que os participantes da Constelação nunca foram expostos ou identificados publicamente.

"Eu não revelo quem são os representantes nem quem são os envolvidos. Mesmo durante a Constelação, evito nomear papéis abertamente. Pergunto no ouvido da pessoa constelada se ela reconhece determinado papel, e só após essa identificação é que as frases começam a ser utilizadas", afirmou.

Adriana destacou que essa metodologia visa proteger os envolvidos e garantir a autenticidade da vivência sistêmica. "Não é uma dinâmica de exposição. Trata-se de um processo de escuta e percepção profunda, onde o importante é que aquilo faça sentido para quem está sendo constelado. O restante, se não compreendido por todos, não invalida a experiência", completou.

Antes de cada Constelação, a pesquisadora realiza uma breve introdução sobre os fundamentos teóricos do trabalho, o que inclui explicações sobre as "Ordens do Amor" e princípios sistêmicos. Também propõe um exercício inicial para preparar o grupo, especialmente os novatos.

“O campo é sensível, exige **preparação e escuta refinada**. Por isso, **começo com um alinhamento teórico e energético.** *A simplicidade do processo*, na verdade, *exige um nível elevado de presença e respeito*” (Adriana Braz)

Ao responder a uma pergunta sobre sua trajetória, Adriana Braz relatou ter feito sua formação principal com o médico, psiquiatra, psicólogo e psicoterapeuta Mario Koziner, além de módulos complementares no Instituto Hellinger e com outros facilitadores internacionais. “A formação foi construída ao longo dos anos, com experiências em diferentes abordagens e ênfase especial no campo da saúde mental”, disse.

Evento do CECS encerra com chamado à construção acadêmica das Constelações Familiares

Ao final da live ‘PsiConstelação – A Saúde Mental na Perspectiva Sistêmica”, promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a diretora Científica da instituição, Roseny Flávia Martins, responsável pela coordenação do evento, fez as considerações finais. Ela reforçou a importância da consolidação teórica e metodológica da abordagem sistêmica no campo da saúde mental.

Em tom emocionado, Roseny destacou a generosidade e o comprometimento acadêmico da psicóloga Adriana Braz, convidada especial da noite. “Mesmo envolvida em uma tese de doutorado densa e complexa, ela se dispôs a colaborar como coautora no livro ‘Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética’, ao compartilhar os achados de sua pesquisa de mestrado”, afirmou.

A diretora científica enfatizou que a contribuição da pesquisadora representa um passo importante na construção de uma base teórica sólida para as Constelações Familiares no Brasil.

“Estamos no início de um caminho longo, que visa dar às Constelações o mesmo percurso de amadurecimento científico trilhado por outras abordagens psicológicas. Elas já são reconhecidas por facilitadores e usuários, agora queremos avançar no ciclo acadêmico”, pontuou.

Roseny também agradeceu à Universidade Metodista de São Paulo, instituição que acolheu o projeto de doutorado de Adriana Braz, e à orientadora Clarissa de Franco, pelo apoio ao desenvolvimento do estudo. “Foram fundamentais para validar o desenho metodológico e garantir que a pesquisa pudesse ser realizada com a seriedade exigida pelo campo científico”, ressaltou.

Ao encerrar o encontro, Roseny Flávia Martins convidou o público a acompanhar a agenda de atividades do CECS. Reforçou o compromisso da instituição com a produção de conhecimento e a promoção de espaços de formação e diálogo.

“Sigamos com entusiasmo, ética e disposição para servir. Esse é o espírito da nossa comunidade. Gratidão a todos que estiveram conosco”, concluiu a diretora. **(Texto publicado em 03 de maio de 2025 e atualizado em 13 de janeiro de 2026)**



A diretora Científica do CECS, pesquisadora PhD, Roseny Flávia Martins, que coordenou a live: “Queremos dar às Constelações o mesmo percurso científico trilhado por outras abordagens reconhecidas”

Dagmar Ramos alerta sobre **burnout e saúde emocional** durante *Congresso Cirurgia Ano 2025*, em Divinópolis (MG)

Com **dados científicos e reflexões sobre espiritualidade, médica e psicoterapeuta defende cuidado integral ao profissional da saúde**. Evento discute *esgotamento profissional e estratégias baseadas em meditação, espiritualidade e humanização*



A saúde mental dos profissionais de saúde esteve em foco durante o Congresso Cirurgia Ano 2025, realizado pela Fundação de Pesquisa e Ensino em Cirurgia (Fupec) entre os dias 1º e 03 de maio de 2025, em Divinópolis (MG), com o tema "Evidências Cirúrgicas: Passado, Presente e Futuro". A participação da médica psicoterapeuta e homeopata Dagmar Ramos foi um dos destaques do evento. Ela integrou a Mesa 22, dedicada ao debate sobre os desafios emocionais enfrentados por médicos e profissionais do setor. Com o tema "Um olhar sobre o burnout em médicos cirurgiões: realidade e prevenção", Dagmar Ramos, segunda dirigente a ocupar a presidência do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), apresentou reflexões e evidências clínicas sobre o desgaste físico e emocional enfrentado por quem atua sob alta pressão nas salas cirúrgicas, e apontou caminhos para prevenção e cuidado.

A mesa teve coordenação da psicóloga Adriana Aguilar Mendes Lodi, também cofundadora do CECS, que contribuiu com a palestra "Dor alheia, 'amor cego', 'lealdades invisíveis' e o adoecimento do profissional de saúde", em que abordou aspectos sistêmicos e emocionais que afetam o cotidiano de quem cuida.

Segundo Dagmar Ramos, a participação do CECS na mesa sobre saúde mental de médicos, cirurgiões e equipes no Congresso da Fupec atraiu um público expressivo e gerou repercussão positiva. A mesa contou com ampla assistência e engajamento por parte dos congressistas. De acordo com a médica, a gravidade do burnout entre profissionais da saúde despertou grande interesse, o que levou à confirmação de um novo convite para o congresso do próximo ano, em Belo Horizonte. Dagmar destacou que os dados e propostas apresentados despertaram atenção por abordarem, com base em evidências científicas, estratégias de enfrentamento ao adoecimento psíquico. Entre elas, práticas como meditação, mindfulness, espiritualidade e religiosidade. "Não são apenas formas de aliviar sintomas, mas caminhos possíveis para prevenir o burnout", afirmou. Ao fim da participação, os representantes do CECS sugeriram um novo slogan para inspirar futuras ações da fundação organizadora: "Doente é gente — e o doutor também".

"**Doente é gente**, e **doutor também é gente**. Precisamos **cuidar do cirurgião, porque um médico emocionalmente equilibrado cuida melhor do paciente**" (Beatriz Deoti e Silva Rodrigues)

Alma coletiva conectada por **um propósito nobre**: *lembrar que o médico também é gente*

A psicóloga Adriana Aguilar Mendes Lodi, que coordenou a mesa com o título "Saúde mental: o caminho para lidar com os desafios da vida e ser útil", destacou a importância de criar um espaço sensível e significativo para tratar de um tema que considera urgente: o adoecimento psíquico de médicos, especialmente cirurgiões, que atuam no limite entre a vida e a morte.

"Coordenar essa mesa foi uma honra e uma alegria. Foi como formar uma alma coletiva conectada por um propósito nobre: lembrar que o médico também é gente", afirmou. A psicóloga ressaltou que a proposta do debate foi despertar nos profissionais a consciência de que também precisam receber cuidado, afeto e acolhimento.

"É necessário **humanizar a relação médica**, e isso passa por **reconhecer que o cirurgião também pode se fragilizar**, precisa **se permitir deitar-se no leito e ser cuidado**" (Adriana Aguilar Mendes Lodi)



A segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica Dagmar Ramos, ao lado da professora Beatriz Deoti e Silva Rodrigues, diretora-presidente da Fupec e presidente do Congresso Cirurgia Ano 2025: durante palestra em Divinópolis (MG), médica e psicoterapeuta aborda esgotamento emocional de profissionais de saúde e estratégias de prevenção ao burnout

Ela relembrou ainda o legado do professor Alcino Lázaro da Silva, fundador da Fupec, ao citar o tema do congresso — “Doente é gente” — e propôs o complemento: “e o doutor também”.

Inspirada pela poesia e pelas imagens simbólicas dos ipês amarelos, que marcaram a trajetória de Alcino Silva, Adriana afirmou que a mesa foi além do previsto no roteiro. “Conectamos ciência, sensibilidade e espiritualidade. Levar essa perspectiva ao congresso e perceber a ressonância com o Projeto Fupec foi um dos momentos mais especiais da minha trajetória profissional”, destacou.

Dados alarmantes revelam prevalência de burnout entre cirurgiões

Em sua apresentação sobre o tema "Um olhar sobre o burnout em médicos cirurgiões: realidade e prevenção", Dagmar Ramos alertou para a dimensão preocupante do esgotamento emocional entre profissionais da cirurgia. Segundo uma revisão sistemática e meta-análise publicada no Journal of the American College of Surgeons, cerca de 41% dos cirurgiões atendem aos critérios clínicos para diagnóstico de burnout. O estudo analisou 103 pesquisas realizadas ao longo de 25 anos, com dados de 63.587 profissionais da área.

Outro levantamento citado por Dagmar, conduzido pela Society of American Gastrointestinal and Endoscopic Surgeons (Sages), apontou uma taxa ainda mais alarmante: 69% dos membros da sociedade apresentaram sinais de burnout. A pesquisa utilizou o instrumento Maslach Burnout Inventory, que identificou altos níveis de exaustão emocional e despersonalização entre os participantes.

Uma terceira fonte, publicada no Journal of Surgical Education, mostrou variações expressivas nas taxas de burnout conforme a especialidade e o nível de formação. Residentes de cirurgia geral apresentaram índices que variaram entre 20% e 95%, enquanto os cirurgiões gerais já formados registraram taxas entre 25% e 44%.

De acordo com a médica, os dados confirmam a prevalência do burnout entre profissionais em diferentes estágios da carreira. A variação nos índices reflete, segundo ela, tanto os critérios distintos de avaliação quanto fatores ligados à especialidade e ao ambiente de trabalho. Para Dagmar, o reconhecimento desses números é fundamental para que se desenvolvam políticas de prevenção e cuidado voltadas à saúde emocional dos cirurgiões.

CECS

Oito dimensões do bem-estar: um modelo para prevenção

Durante a apresentação, Dagmar Ramos destacou que o enfrentamento do burnout entre médicos cirurgiões exige uma abordagem ampla e fundamentada em evidências. Ela citou as oito dimensões do bem-estar propostas pelo American College of Surgeons (ACS), que devem orientar estratégias preventivas.

São elas: emocional, ocupacional, intelectual, social, física, financeira, ambiental e espiritual. Para a médica, reconhecer e integrar essas esferas no cotidiano do profissional é essencial para mitigar os impactos do estresse crônico e da exaustão.

A médica também trouxe uma série de estudos recentes que reforçam a eficácia de práticas baseadas em meditação, respiração e atenção plena na redução dos sintomas de burnout. Entre as pesquisas mencionadas está um programa de ioga on-line desenvolvido para médicos residentes em Quebec, no Canadá, que demonstrou impactos positivos na saúde mental dos participantes, segundo artigo publicado no BMJ Open em setembro de 2024.

Outro destaque foi um ensaio clínico publicado pela Jama Network Open que avaliou a prática da técnica de respiração Sudarshan Kriya Yoga entre médicos com resultados promissores na prevenção do esgotamento profissional.

Estudos adicionais, como os publicados nas revistas Paediatric Anaesthesia, Revista Médica de Chile e JMIR Mhealth and Uhealth, apontaram melhorias em sintomas de ansiedade, bem-estar geral e na qualidade da relação clínica com os pacientes após intervenções com elementos de mindfulness.

Uma revisão sistemática publicada no International Journal of Environmental Research and Public Health também confirmou que intervenções psicológicas com foco em atenção plena podem melhorar a empatia, promover o bem-estar e reduzir significativamente os níveis de burnout entre profissionais da saúde.

Segundo Dagmar, a ciência avança na comprovação de que o cuidado emocional do médico é tão importante quanto o cuidado que ele oferece ao paciente.

“Não se trata apenas de aliviar sintomas, mas de transformar a maneira como esses profissionais se sustentam em um ambiente de alta pressão” (Dagmar Ramos)

Ao abordar a dimensão espiritual do cuidado com a saúde mental, Dagmar Ramos ressaltou que religiosidade e espiritualidade deixaram de ser temas marginais no debate médico. Ela destacou o reconhecimento oficial do Conselho Federal de Medicina (CFM), que passou a considerar a espiritualidade como elemento relevante no processo terapêutico.

Para Dagmar Ramos, essa diretriz marca uma mudança histórica na forma como os profissionais de saúde compreendem a integralidade do cuidado. “Não se trata apenas de fé, mas de evidências que mostram benefícios concretos à saúde mental e emocional”, afirmou. A psiquiatra citou estudos que reforçam a relação entre espiritualidade e bem-estar psíquico. Uma pesquisa publicada no Geriatric Nursing Journal mostrou que estratégias de enfrentamento baseadas em religiosidade contribuíram para a redução de sintomas depressivos em cuidadores informais de idosos hospitalizados.

Outro estudo, disponível na plataforma da Wiley Online Library, comparou estudantes de enfermagem do Brasil e de Portugal e apontou percepções positivas sobre a influência da espiritualidade na saúde.

Em diferentes contextos clínicos, os dados se mantêm consistentes. Pesquisadores da Hindawi identificaram que, em ambientes militares brasileiros, níveis mais altos de religiosidade foram associados a menor prevalência de depressão entre idosos.

Já um levantamento realizado em centros de reabilitação ambulatorial, publicado pela Journal of Rehabilitation Medicine, indicou que a religiosidade também impacta positivamente a percepção da dor, a qualidade de vida e a saúde mental em geral.

Para Dagmar Ramos, incorporar essa dimensão ao cuidado não significa abandonar critérios científicos, mas ampliar o olhar sobre o ser humano. A avaliação é de que a espiritualidade pode ser uma fonte de força, esperança e sentido para o paciente e, muitas vezes, também para o profissional. Reconhecer isso é essencial para uma abordagem verdadeiramente humanizada.

Dagmar Ramos cita psiquiatra Alexander Moreira-Almeida, autor do livro 'Ciência da Vida Após a Morte'

Para ilustrar a conexão entre ciência e espiritualidade no campo da saúde mental, Dagmar Ramos citou o trabalho do psiquiatra Alexander Moreira-Almeida, autor do livro 'Ciência da Vida Após a Morte'. Na obra, o pesquisador apresenta estudos clínicos e experimentais sobre experiências de quase-morte. Ele defende que a espiritualidade deve ocupar um lugar legítimo no escopo científico, desde que abordada com rigor metodológico.

Segundo Dagmar, o livro contribui para ampliar os limites tradicionais da ciência sem romper com sua base racional.

A médica já havia mencionado em eventos anteriores o trabalho do brasileiro Moreira-Almeida, que recentemente foi agraciado com o Prêmio Oskar Pfister 2025 pela Associação Americana de Psiquiatria (APA). Este prêmio reconhece contribuições significativas no estudo da relação entre religião, espiritualidade e saúde mental.

Moreira-Almeida é o primeiro latino-americano a receber essa honraria. Ele se destaca pelas pesquisas que investigam a continuidade da consciência após a morte e a integração da espiritualidade na prática psiquiátrica.

Dagmar Ramos enfatizou que **o reconhecimento internacional do trabalho de Moreira-Almeida reforça a importância de pesquisas que explorem abordagens não convencionais**, como as *Constelações Familiares*, na *compreensão e tratamento de transtornos mentais*

Ela ressaltou que o momento é propício para ampliar os estudos nessa área, buscar evidências que possam fundamentar cientificamente essas práticas e integrá-las de forma responsável ao cuidado em saúde mental.

Alexander Moreira-Almeida é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e coordena o Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (Nupes), referência internacional na produção científica sobre o tema..

O psiquiatra compartilha reflexões, estudos e entrevistas em seus canais oficiais nas redes sociais, como o perfil @alex.nupes no Instagram e @nupesufjf no YouTube, com foco em tornar acessível o diálogo entre espiritualidade e ciência. Ao encerrar a participação no Congresso Cirurgia Ano 2025, Dagmar Ramos destacou a importância de resgatar o sentido da existência também na prática médica. Com voz serena, citou a escritora Adélia Prado: "A vida é mais tempo alegre do que triste. O melhor é ser." **(Texto publicado em 06 de maio de 2025 e atualizado em 18 de janeiro de 2026)**



Médica Dagmar Ramos, professora Beatriz Deoti e Silva Rodrigues, psicólogas Adriana Aguilar Mendes e Ercília Gonçalves e diretora de Eventos do CECS, historiadora, jornalista e psicanalista Rosângela Ferreira durante a programação científica do Congresso Cirurgia Ano 2025, em Divinópolis (MG)

Médica **Dagmar Ramos participa de Workshop vivencial com integração entre Constelações Familiares e cuidado oncológico** sob *perspectiva sistêmica*, em Divinópolis (MG)

Médica psicoterapeuta e homeopata foi a convidada especial do evento coordenado pelas *psicólogas Adriana Aguilar e Ercília Gonçalves*, com *apoio institucional do CECS e presença da jornalista e psicanalista Rosângela Ferreira*. Atividade trouxe **um olhar especial para o cuidado com pacientes oncológicos** e explorou **como a abordagem terapêutica das Constelações Familiares pode contribuir no enfrentamento do câncer**



Participantes do workshop vivencial "As Constelações Familiares na Oncologia, Sintomas e Doenças", realizado em Divinópolis (MG), que abordou a saúde sob a perspectiva sistêmica e terapêutica das Constelações Familiares

A médica psicoterapeuta e homeopata Dagmar Ramos, foi a convidada especial do workshop vivencial "As Constelações Familiares na Oncologia, Sintomas e Doenças", realizado em Divinópolis (MG), no dia 04 de maio de 2025. O CECS apoiou o evento, que fez uma imersão teórica e vivencial voltada à compreensão das dinâmicas sistêmicas na saúde, à ampliação de perspectivas e à integração de novos recursos terapêuticos. A diretora de Eventos da instituição, historiadora, jornalista e psicanalista Rosângela Ferreira, integrou as atividades.

Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos é referência nacional na aplicação das Constelações Familiares na medicina. O workshop foi aberto à comunidade e aconteceu logo após o Congresso Cirurgia Ano 2025, realizado pela Fundação de Pesquisa e Ensino em Cirurgia (Fupec), instituição comprometida em transformar a experiência de saúde dos pacientes e que trabalha para tornar o atendimento médico mais humano e acessível.

O workshop foi coordenado pela psicóloga e terapeuta sistêmica Adriana Aguilar, criadora do Método DPS (Desenvolvimento de Posturas Sistêmicas) e por Ercília Gonçalves, socióloga, psicóloga, terapeuta sistêmica e consteladora familiar. Ambas são sócias fundadoras do CECS.

O workshop trouxe um olhar especial para o cuidado com pacientes oncológicos, seus familiares e cuidadores. O evento explorou como a abordagem terapêutica das Constelações Familiares pode contribuir no enfrentamento do câncer.

Workshop vivencial foi estruturado em três eixos temáticos

O workshop vivencial foi estruturado em três grandes eixos temáticos. O primeiro abordou o Paradigma Sistêmico como base para a compreensão das doenças e dos processos terapêuticos, ao promover uma visão ampliada sobre a saúde.

No segundo eixo, os participantes tiveram acesso a reflexões sobre as Constelações Familiares e as dinâmicas sistêmicas envolvidas na gênese das doenças, com ênfase na compreensão, aceitação e fortalecimento dos tratamentos.

Por fim, no terceiro eixo o encontro ofereceu vivências coletivas e Constelações individuais voltadas a pacientes oncológicos e pessoas com outras enfermidades, o que proporcionou um espaço de acolhimento e escuta profunda.

Dagmar Ramos destaca valor terapêutico das Constelações no cuidado com pacientes oncológicos

Dagmar Ramos classificou o encontro como altamente proveitoso e relevante, ao destacar a oportunidade de aprofundar a compreensão do adoecimento sob a ótica das Constelações Familiares.

Para a médica, a vivência reforçou o papel das Constelações como ferramenta complementar no enfrentamento de doenças graves. “Foi um momento de partilha, escuta e expansão do olhar terapêutico, que deixou em todos os presentes o desejo de continuidade. Já estamos com propostas para novos encontros voltados a essa temática”, pontuou.

Ela ressalta que o foco principal do workshop vivencial foi na oncologia, ao discutir o acolhimento e novas possibilidades de compreensão emocional e sistêmica diante dos desafios que envolvem o diagnóstico e o tratamento da doença.

Adriana Aguilar ressalta potência terapêutica e integração entre medicina e Constelações em evento sobre oncologia

A psicóloga e terapeuta sistêmica Adriana Aguilar, uma das coordenadoras do workshop vivencial “As Constelações Familiares na Oncologia, Sintomas e Doenças”, realizado em Divinópolis (MG), definiu o evento como uma experiência transformadora e profundamente significativa.

“Tivemos a **presença de pacientes com câncer**, e **realizamos Constelações que abordaram, de maneira sensível e profunda, questões como** *vínculos familiares, lealdades invisíveis e traumas transgeracionais* presentes na origem desses quadros clínicos” (Dagmar Ramos)

Segundo ela, o encontro representou uma poderosa união entre diferentes propostas, ao integrar os projetos do Congresso Médico da Fupec com a atuação do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS). Adriana destacou a presença da médica Dagmar Ramos como um dos pontos altos do encontro ao elogiar não apenas sua prática clínica, mas o envolvimento humano e emocional que trouxe à vivência. "Ela compartilhou conosco mais do que conhecimento. Entregou sua alma ao trabalho, com sensibilidade e domínio notáveis", afirmou.

A terapeuta classificou a experiência como uma grande realização profissional e pessoal. Para ela, o evento renovou a esperança de enxergar a dor física por uma nova perspectiva — mais respeitosa, mais integrada e voltada à cura emocional e espiritual.

"O grupo que se formou aqui nos deu esse presente: **a possibilidade de honrar uma prática em que acreditamos, que seguimos a construir com amor e propósito**" (Adriana Aguilar)

Adriana também agradeceu à equipe do CECS, especialmente à diretora Rosângela Ferreira, e comemorou a adesão dos participantes. "Foi uma extensão do congresso, mas também uma semente para novas jornadas", pontuou.

Ercília Gonçalves celebra impacto do workshop sobre Constelações e oncologia realizado em Divinópolis

A socióloga, psicóloga, terapeuta sistêmica e consteladora familiar Ercília Gonçalves, uma das coordenadoras do workshop vivencial "As Constelações Familiares na Oncologia, Sintomas e Doenças", destacou a importância e o simbolismo do evento realizado em Divinópolis (MG). Em tom de celebração, ela definiu o encontro como um marco para a cidade, ao unir teoria, prática e sensibilidade no cuidado com pacientes oncológicos e seus familiares.

Segundo Ercília, a presença da médica Dagmar Ramos deu brilho especial ao evento. "Tivemos Constelações de tamanha grandeza que tocaram profundamente todos os presentes. O grupo saiu emocionado e fortalecido", afirmou.



Ercília Gonçalves (socióloga, psicóloga e terapeuta sistêmica), Dagmar Ramos (médica psicoterapeuta e homeopata), Adriana Aguilar (psicóloga e criadora do Método DPS), e Rosângela Ferreira (diretora de Eventos do CECS, historiadora, jornalista e psicanalista) durante o workshop em Divinópolis (MG)

Ercília Gonçalves concluiu a fala com gratidão a todos que tornaram possível a realização do workshop, ao **reforçar o impacto positivo da vivência sistêmica na abordagem da dor e do processo de adoecimento**

A terapeuta agradeceu ao CECS pelo apoio e ressaltou o papel da instituição na viabilização do encontro. “Foi um evento bonito, significativo e necessário. Para nós, é uma honra trazer essa abordagem para Divinópolis e oferecer um espaço de escuta, acolhimento e transformação”. **(Texto publicado em 07 de maio de 2025 e atualizado em 18 de janeiro de 2026)**



Dagmar Ramos, Adriana Aguilar e Ercília Gonçalves durante workshop sobre Constelações e oncologia em Divinópolis

Comissão de Direitos Humanos do Senado rejeita proibir Constelação Familiar em instituições públicas por unanimidade; CECS celebra conquista histórica

Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas classifica resultado como reconhecimento da seriedade, eficácia e base ética do trabalho realizado. "*Abordagem é capaz de mostrar com simplicidade e profundidade onde está raiz de um distúrbio, e indicar solução prática e amorosa de pertencimento, respeito e equilíbrio*", destaca senador Eduardo Girão, que foi relator da matéria. Para médica Dagmar Ramos, **posicionamento do Senado representa vitória da saúde pública e da inclusão terapêutica**. Advogada Andréa Vulcanis aponta **conquista significativa da maturidade institucional sobre discursos desinformados**. Para terapeuta constelador Ricardo Mendes, **decisão é estímulo para fortalecer atuação das entidades no Brasil e no exterior.** Juíza de direito, Lizandra Cericato cita **reconhecimento da prática por parte dos dois principais congressos de pesquisa jurídica do país.**

Por unanimidade, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado da República rejeitou, no dia 07 de maio de 2025, uma sugestão legislativa para proibir o uso da Constelação Familiar por instituições públicas, como o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Poder Judiciário. De autoria do cidadão Mateus França, do Rio Grande do Sul (Portal e-Cidadania), a proposta foi relatada pelo senador Eduardo Girão (Novo-CE). O texto segue agora para o arquivo.

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) celebrou a conquista e destacou a dimensão histórica do posicionamento da Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado ao barrar sugestão legislativa que visava proibir o uso da abordagem em instituições públicas.

A diretoria do CECS ressaltou que a decisão do Senado representa uma vitória significativa para o contexto das Constelações Sistêmicas no Brasil, e que a conquista é resultado de um trabalho contínuo de esclarecimento e de defesa de sua aplicação ética e responsável.

A decisão da Comissão de Direitos Humanos foi recebida com entusiasmo por consteladores, terapeutas, juristas e profissionais de saúde integrativa e de diversos setores em todo o Brasil. O CECS classificou o resultado como **reconhecimento institucional da seriedade, eficácia e base ética do trabalho realizado**

A mobilização da comunidade e das associações representativas, com apoio técnico, jurídico e acadêmico, mostrou o impacto positivo das Constelações na promoção da saúde mental e na resolução de conflitos sociais.

As Constelações Familiares vêm sendo aplicadas no Poder Judiciário com muito êxito em variados tribunais brasileiros, ao promover acordos em mais de 90% dos casos, especialmente em processos relacionados ao Direito de Família.



A Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado da República durante reunião no dia 07 de maio de 2025, oportunidade em que rejeitou uma sugestão legislativa para proibir o uso da Constelação Familiar por instituições públicas, como o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Poder Judiciário

Matéria foi recebida na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal em 23 de fevereiro de 2022

No parecer, o senador Eduardo Girão informou que a matéria foi recebida na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal em 23 de fevereiro de 2022. Em março deste ano, foi redistribuída para sua relatoria.

Argumentos de inconstitucionalidade

O relator sustentou que a sugestão incorre em vício de inconstitucionalidade ao interferir na competência técnica do Ministério da Saúde e do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Segundo o senador Girão, a Portaria nº 702/2018 do Ministério da Saúde, que incorporou a Constelação Familiar à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), foi editada dentro dos limites legais e constitucionais. O texto também ressalta que o SUS tem autonomia para incorporar procedimentos terapêuticos que considere adequados .No Judiciário, a prática se ampara na Resolução nº 125/2010 do CNJ, que institui a Política Judiciária Nacional de tratamento adequado de conflitos.

Para o relator, proibir a Constelação Familiar nessas instâncias representaria afronta à separação dos Poderes, cláusula pétrea da Constituição.



O senador Eduardo Girão, relator da sugestão legislativa que visava proibir Constelações em instituições públicas: sugestão legislativa incorre em vício de inconstitucionalidade ao interferir na competência técnica do Ministério da Saúde e do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)

Técnica com base científica e aplicação voluntária

O senador Eduardo Girão defendeu as Constelações como abordagem terapêutica legítima, sem conotação religiosa em sua aplicação atual, e voltada ao tratamento de conflitos familiares, emocionais e psicológicos.

"Abordagem é capaz de mostrar com simplicidade, profundidade e praticidade onde está raiz de um distúrbio, e indicar solução prática e amorosa de pertencimento, respeito e equilíbrio", afirmou.

O relatório ressaltou que sua aplicação, tanto no SUS quanto no Judiciário, é voluntária. O relator argumentou que excluir essa ferramenta das instituições públicas seria negar o acesso das camadas mais vulneráveis à mesma qualidade de cuidado disponível no setor privado.

Reconhecimento internacional e evidência empírica

Entre os dados citados, 92% dos alemães entrevistados consideraram a técnica útil. Já na Hungria, 209 participantes relataram melhora em 23 de 26 indicadores analisados. Em tratamento de dependência química na Alemanha, 81% dos participantes que fizeram Constelação completaram o tratamento, contra 50% no grupo de controle.

Resultados no Judiciário brasileiro

O relatório também destacou os dados divulgados pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), que apontam o aumento nos índices de conciliação nas varas cíveis e de família a partir da adoção da Constelação Familiar. O CNJ também registrou avanços semelhantes com o uso da abordagem.

O parecer incluiu estudos internacionais que apontam resultados positivos com a aplicação da abordagem. Uma revisão sistemática realizada pela *Universidade de Groningen (Países Baixos)* mostrou que **a Constelação Familiar promoveu aumento de bem-estar e capacidade de enfrentamento em participantes de países como** *Áustria, Alemanha, França, Rússia e Hungria*

Rejeição por unanimidade

A Comissão aprovou por unanimidade o parecer que rejeita a sugestão legislativa.

Para o relator, **a proibição significaria retrocesso e abriria precedente para excluir das políticas públicas técnicas já legitimadas e utilizadas com base em experiências práticas**, *inclusive reconhecidas por organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS)*

Presidente da Comissão de Direitos Humanos defende abordagem terapêutica

A presidente da CDH, senadora Damares Alves (Republicanos-DF), também saiu em defesa da abordagem terapêutica conforme está sendo usada pelas instituições públicas atualmente.

"Existe todo um critério para escolher quem vai conduzir a Constelação Familiar. Conforme pesquisas publicadas, tem dado certo. Famílias estão sendo resgatadas, especialmente para os dependentes químicos", destacou a senadora.

Sessão da CDH tem presença representativa: 25 senadores acompanham votação sobre Constelações Familiares

Na 20ª Reunião Extraordinária da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado, realizada em 07 de maio de 2025, estiveram presentes os senadores titulares Ivete da Silveira, Giordano, Sergio Moro, Plínio Valério, Jussara Lima, Mara Gabrilli, Astronauta Marcos Pontes, Fabiano Contarato, Humberto Costa e Damares Alves, que presidiu a sessão.

Também participaram como suplentes os senadores Alessandro Vieira, Styvenson Valentim, Márcio Bittar, Vanderlan Cardoso, Eduardo Girão (relator da matéria), Jorge Seif, Weverton, Augusta Brito, Paulo Paim e Laércio Oliveira. Além dos membros da comissão, estiveram presentes na reunião os senadores Wilder Morais, Angelo Coronel, Beto Faro, Nelsinho Trad e Izalci Lucas, que não integram formalmente a CDH, mas acompanharam os trabalhos da sessão.

Foram registrados os seguintes números de presença na 20ª Reunião Extraordinária da Comissão de Direitos Humanos do Senado: 10 senadores titulares presentes; 10 senadores suplentes presentes; 5 senadores não membros da comissão presentes.



Para segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica Dagmar Ramos, a decisão do Senado representa uma vitória da saúde pública e da inclusão terapêutica: "Trata-se de uma abordagem séria, com pesquisas publicadas e resultados clínicos observáveis, especialmente na saúde mental e nos atendimentos psiquiátricos"

Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos avalia que a decisão do Senado representa vitória da saúde pública e da inclusão terapêutica. Segundo ela, impedir o uso da Constelação Familiar no Sistema Único de Saúde seria "elitizar o acesso a uma abordagem que cresce no mundo inteiro e já apresenta evidências científicas de eficácia".

"É cada vez mais evidente **como as Constelações têm ajudado pessoas e** como **sua presença no SUS garante que não apenas quem pode pagar por sessões particulares tenha acesso à abordagem**" (Dagmar Ramos)

"Decisão do Senado representa vitória da saúde pública e da inclusão terapêutica", diz **médica Dagmar Ramos**

De acordo com Dagmar Ramos, as Constelações Sistêmicas ganharam relevância internacional e hoje estão presentes nos cinco continentes, sendo aplicadas em diversos contextos culturais e profissionais.

Países como Alemanha — berço da abordagem criada por Bert Hellinger —, além de Espanha, Itália, Inglaterra e Estados Unidos, adotaram as Constelações em áreas que vão da psicoterapia ao direito, pontua Dagmar.

A prática também se expandiu por regiões da Ásia e está fortemente difundida em toda a América Latina, especialmente no Brasil, onde tem sido integrada a iniciativas em escolas, tribunais e empresas, o que demonstra sua adaptabilidade e impacto em diferentes realidades sociais, diz a presidente.

Dagmar Ramos também destacou a relevância da abordagem no campo jurídico — no chamado Direito Sistêmico — e na área educacional, sempre com resultados consistentes.

"Trata-se de uma abordagem terapêutica séria, com pesquisas publicadas e resultados clínicos observáveis, especialmente na saúde mental e nos atendimentos psiquiátricos. Negar esse recurso ao serviço público seria contrariar os direitos humanos, pois toda a população precisa ter acesso a terapias eficazes", completou. A médica afirmou notar "efeitos muito positivos" em atendimentos familiares e em casos clínicos. Para ela, a rejeição da proposta pelo Senado evitou um retrocesso que afetaria especialmente os segmentos mais vulneráveis da sociedade.

Andréa Vulcanis destaca vitória significativa da seriedade e da maturidade institucional sobre discursos desinformados

Primeira presidente a comandar o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Andréa Vulcanis celebrou a decisão da Comissão de Direitos Humanos do Senado, que rejeitou a proposta de banimento das Constelações Familiares em instituições públicas. Para ela, a decisão representa uma vitória significativa da seriedade e da maturidade institucional sobre discursos desinformados.

"Foi uma vitória importante. Ter representantes no Congresso, especialmente no Senado, que compreendem a profundidade da abordagem sistêmica e reconhecem seus resultados positivos mostra que avançamos", afirmou.

Vulcanis destacou a articulação direta com o relator da proposta, Eduardo Girão, durante os momentos mais críticos da tramitação. "Eu estive com o senador em diferentes ocasiões, levei dados e argumentos em defesa da abordagem", pontuou.

Ela atribuiu o resultado à mobilização coordenada de entidades da área, entre elas o CECS, ao destacar o papel dessas organizações na promoção de um debate técnico, ético e baseado em evidências. "As Constelações foram alvo de muitos ataques injustos. Agora colhemos os frutos de uma atuação honesta e comprometida com a verdade", ressaltou. Andréa Vulcanis também fez um agradecimento público ao Senado Federal e parabenizou consteladores, associações e profissionais que defendem a abordagem em todo o país.

"É uma conquista coletiva, construída por quem acredita na potência transformadora das Constelações" (Andréa Vulcanis)

Ricardo Mendes vê decisão do Senado como "mais um grande estímulo"

Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, terapeuta constelador Ricardo Mendes avalia que a decisão da Comissão de Direitos Humanos do Senado é "mais um grande estímulo para que nós, do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas e as demais instituições brasileiras ligadas às Constelações, sigamos na direção de amparar o crescimento dessa abordagem por meio de treinamentos, publicações, eventos e da aproximação com organizações semelhantes de outros países".

Constelação Familiar "é um poderoso recurso para ampliar as possibilidades de nos relacionarmos em todas as esferas da vida com mais harmonia, compaixão e amorosidade. É disso que o mundo contemporâneo está mais necessitado" (Ricardo Mendes)



Primeira presidente a comandar o CECS, advogada Andréa Vulcanis celebrou a decisão da Comissão de Direitos Humanos do Senado, que rejeitou a proposta de banimento das Constelações Familiares em instituições públicas: decisão representa uma vitória significativa da seriedade e da maturidade institucional sobre discursos desinformados



Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes avalia que a decisão da Comissão de Direitos Humanos do Senado é "mais um grande estímulo para que instituições brasileiras ligadas às Constelações sigamos na direção de amparar o crescimento dessa abordagem por meio de treinamentos, publicações, eventos e da aproximação com organizações semelhantes de outros países"

Juíza de direito Lizandra Cericato celebra a rejeição da proposta pelo Senado

A juíza de direito do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS), Lizandra Cericato, também celebrou a rejeição da proposta pelo Senado. Em publicação nas redes sociais, destacou o reconhecimento acadêmico da Constelação Familiar como abordagem pedagógica, filosófica e terapêutica.

Lizandra Cericato citou o reconhecimento dos dois principais congressos de pesquisa jurídica do país — o Encontro de Administração da Justiça (EnJUS) 2025 e o Congresso Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito (Conpedi). Destacou, também, o Mapa de Evidências Científicas da Constelação Familiar, desenvolvido com apoio do Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin).

Lizandra Cericato é reconhecida por idealizar o Projeto Justiça Sistêmica no Sistema Penal, uma iniciativa que combina práticas sistêmicas com uma abordagem científica rigorosa, validada por publicações em revistas acadêmicas de alto padrão, como a Humanidades e Inovação (Qualis B2). Essa atuação tem impacto direto na reabilitação de pessoas privadas de liberdade e na promoção de uma justiça mais humanizada.



A juíza de direito do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS), Lizandra Cericato, celebrou a rejeição da proposta pelo Senado: ela destacou o reconhecimento acadêmico da Constelação Familiar como abordagem pedagógica, filosófica e terapêutica

A magistrada cita a ex-primeira-dama dos Estados Unidos, Eleanor Roosevelt: "O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos". A frase remete à visão de que o avanço da justiça depende da coragem para inovar.

"Prática das Constelações não está proibida para psicólogos", afirmou *presidente do CFP,* Pedro Paulo Bicalho, no 13 de junho de 2024, durante *reunião com diretoria do CECS*

A diretoria do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) se reuniu no dia 13 de junho de 2024, com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), que esteve representado pelo presidente Pedro Paulo Gastalho de Bicalho e dirigentes da entidade.

O presidente do CFP afirmou durante a reunião que a prática das Constelações não está proibida para psicólogos, uma vez que a Nota Técnica nº 01/2023 não tem caráter deliberativo, mas orientativo, conforme dispõe o §1º do art. 5º da Portaria 06/21 da própria entidade, não podendo os psicólogos serem alvo de quaisquer procedimentos coibitivos por parte dos Conselhos Regionais de Psicologia.

De acordo com o presidente Pedro Paulo Bicalho, "não está vedada a prática por psicólogos e psicólogas. Nós não temos nenhuma resolução. Somente resoluções são capazes de vedar uma prática profissional".

Ainda de acordo com o presidente, "existem hoje 1.104 resoluções assinadas por 19 presidentes do Conselho Federal de Psicologia. Nenhuma delas fala sobre Constelação Familiar. Nós não temos vedação". **(Texto publicado no dia 09 de maio de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**

CECS

Médico alemão revela **como sintomas físicos são mensageiros de traumas ancestrais** em evento inédito no Brasil

Ciência, espiritualidade e trauma: Um **diálogo profundo entre saberes. Dr. Karl-Heinz Rauscher emociona participantes durante live internacional promovida pelo CECS** e apresenta métodos *"Constelações de Sintomas"* e *"Vozes de Cura"*. **Médico Marcelo Bertelli, profissional com trajetória consolidada em práticas integrativas**, é **responsável pela mediação do encontro.** Tradução simultânea fica a cargo de consteladora familiar e intérprete especializada em eventos internacionais **Malú Scardazzi Martins.** *"Obrigado por abrir nossos corações,"* agradece **diretora Científica Roseny Flávia Martins**

A primeira participação do médico alemão Dr. Karl-Heinz Rauscher no Brasil emocionou os participantes ao unir ciência, espiritualidade e práticas ancestrais em torno do tema "Constelação: Sintomas do Trauma, Sons da Cura". O evento promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) na sexta-feira (09/05) trouxe reflexões profundas sobre o corpo como veículo de mensagens traumáticas. A live destacou o método das Constelações de Sintomas, desenvolvido por Rauscher, como instrumento de escuta e cura.

Com uma abordagem que integra medicina, psicoterapia e tradição xamânica, o especialista abordou o papel do campo energético e das Vozes de Cura na restauração da alma humana. A participação brasileira se destacou pela defesa institucional das Constelações, pela valorização do saber integrativo e pela abertura para uma colaboração internacional pautada na ética, formação rigorosa e sensibilidade terapêutica.

Escuta do corpo e cura sistêmica marcam abordagem de Karl-Heinz Rauscher

O médico Dr. Karl-Heinz Rauscher é formado em Constelação Familiar por Bert Hellinger e atua desde 1994 com workshops e treinamentos internacionais.

Desenvolveu os métodos "Constelações de Sintomas" e "Vozes de Cura", que integram conhecimentos sobre corpo, mente e espiritualidade para revelar as causas ocultas do sofrimento humano.

Seu trabalho convida o participante a ouvir o próprio corpo como aliado na busca pela cura.

O encontro abordou como sintomas físicos e emocionais podem carregar mensagens profundas ligadas a traumas pessoais, transgeracionais e coletivos.

Mediação do evento ficou a cargo do médico Marcelo Bertelli

O responsável pela mediação do encontro foi o médico Marcelo Bertelli, profissional com trajetória consolidada na medicina e nas práticas integrativas.

Formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) entre 1986 e 1991, ele realizou residência médica em Pediatria na mesma instituição nos anos de 1992 e 1993.

Em seguida, especializou-se em Gastroenterologia Infantil. Atuou também no Hospital de Clínicas de Porto Alegre entre 1995 e 1998.



Live realizada pelo CECS com o tema "Constelação: Sintomas do Trauma, Sons da Cura", primeira participação do médico alemão Dr. Karl-Heinz Rauscher no Brasil, emocionou os participantes ao unir ciência, espiritualidade e práticas ancestrais

Nos últimos anos, Bertelli aprofunda atuação nas áreas de saúde integrativa e Constelações Sistêmicas. Entre 2014 e 2016, formou-se em Constelações Familiares pelo Espaço Merkabah, em Porto Alegre.

Ampliou essa base com estudos em Medicina Psicossomática (Centro de Estudos Re-Criar), Reiki (Instituto Ardas), Análise Transacional (com Lena Gibran) e Constelações Estruturais (com Guillermo Echegaray).

Atualmente, coordena o Núcleo de Saúde Terapêutico Maraca, em Caxias do Sul (RS), onde integra sua ampla formação técnica com abordagens complementares.



Dr. Karl-Heinz Rauscher, durante a primeira participação em um evento brasileiro sobre Constelações Sistêmicas: O médico alemão, que já atuou em 15 países, demonstrou como ferramentas xamânicas potencializam a cura de traumas armazenados no corpo

Consteladora familiar Malú Scardazzi Martins foi a responsável pela tradução

A tradução simultânea da live conduzida pelo médico alemão Dr. Karl-Heinz Rauscher ficou sob a responsabilidade de Malú Scardazzi Martins, consteladora familiar e intérprete especializada em eventos internacionais da área.

Malú é uma buscadora e entusiasta do autoconhecimento, praticante de yoga e meditação. Encontrou na Constelação Familiar o seu caminho para conduzir outras pessoas em processos de assentimento, de conexão com a vida, com o destino, com nossas origens e nosso lugar.

Roseny Flávia Martins destaca avanço institucional e defende legitimidade científica das Constelações

A diretora Científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Roseny Flávia Martins, abriu a live com o Dr. Karl-Heinz Rauscher ao celebrar um momento decisivo para o campo das Constelações Sistêmicas no Brasil.

Na saudação, ela destacou a recente decisão da Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal, que rejeitou a proposta legislativa de proibição das Constelações em instituições públicas. A proposta, formulada em 2022, chegou a ganhar força nacional, e ameaçou iniciativas já consolidadas no sistema público e no Judiciário. “Foi uma força massiva tentando desmoronar todo o trabalho feito”, afirmou.

Roseny Flávia agradeceu ao movimento que, mesmo em meio aos ataques, impulsionou a produção de conhecimento. “Fomos levados a editar o primeiro mapa de evidências científicas do mundo, que comprova a eficácia e a efetividade das Constelações Sistêmicas”, declarou. A publicação, segundo ela, representa um marco para o reconhecimento internacional da abordagem e reforça o compromisso do CECS com o rigor acadêmico e a ética profissional.

Roseny Flávia Martins reafirmou o **papel estratégico do CECS na articulação global entre consteladores.** *“Um dos nossos objetivos é promover essa conexão internacional entre os facilitadores”*, disse

Para ela, o futuro das Constelações Sistêmicas depende da construção de pontes entre ciência, prática clínica e responsabilidade institucional — tarefa que o Centro, segundo ela, cumpre com firmeza.

Pesquisadora PhD na área de práticas integrativas, com mestrado e doutorado pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Roseny Flávia Martins é a idealizadora do livro 'Constelações Familiares: História, Teoria, Pesquisa e Ética'. A obra começou a ser gestada em 2022, como resposta acadêmica ao cenário de críticas infundadas contra as Constelações, e teve a primeira publicação em 2024, pela Reino Editorial.

Homenagem com gratidão e reverência

Responsável por conduzir a mediação do encontro promovido pelo CECS, o médico Marcelo Bertelli fez considerações iniciais em tom emocionado e reverente.

Agradeceu à diretora científica Roseny Flávia Martins, à médica Dagmar Ramos, e a todos os presentes. Ressaltou que o momento marcava mais do que uma live: tratava-se de um reencontro com um dos mestres que mais o influenciaram em sua jornada profissional e pessoal.

“A **beleza e a profundidade do movimento de cura que o Dr. Karl Heinz realiza nos tocam** profundamente”, afirmou **médico Marcelo Bertelli**

Em seguida, Bertelli apresentou a biografia de Karl-Heinz Rauscher, ao destacar sua formação médica em Munique e na Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Com passagem pela clínica médica e pela psicoterapia humanista, Rauscher aprofundou-se na dinâmica de grupos e formou-se em Constelações Sistêmicas com Bert Hellinger. Desde 1994, conduz workshops e treinamentos internacionais ao oferecer formações em inglês, alemão e espanhol.

Métodos próprios e escuta do corpo como linguagem

O mediador destacou os métodos desenvolvidos por Rauscher: "Ele observa órgãos e doenças como mensageiros de algo mais profundo, inclusive de histórias não resolvidas em linhagens transgeracionais", explicou Bertelli. Para ele, o trabalho de Rauscher oferece uma nova dimensão à medicina e à psicoterapia.

Para ilustrar o impacto da abordagem de Rauscher, Marcelo Bertelli compartilhou um caso clínico de um jovem paciente com taquicardia. Após exames e diálogo inicial, convidou o menino a ouvir um dos vídeos da série Vozes de Cura. A resposta foi imediata: o paciente, comovido, fechou os olhos, segurou as mãos dos pais e disse, ao fim da escuta: "Acho que fui resgatado." Ele encerrou a saudação com gratidão: "Sua presença aqui é um presente para todos nós."

Primeira participação no Brasil emociona Karl-Heinz Rauscher

O médico e constelador alemão Dr. Karl-Heinz Rauscher iniciou a apresentação com agradecimento à recepção calorosa dos brasileiros e à organização do evento, promovido pelo CECS. Em sua fala de abertura, destacou o valor simbólico de finalmente apresentar seu trabalho no país.

"Já estive em 15 países com este método, mas nunca no Brasil. Hoje, estou com o coração tocado por essa escuta", afirmou. Ele também comentou a história compartilhada pelo mediador Marcelo Bertelli sobre um menino que encontrou alívio para uma arritmia cardíaca ao ouvir um de seus vídeos terapêuticos: "Ver que crianças continuam a se beneficiar das 'Vozes de Cura' é profundamente comovente para mim."

Coração como órgão de escuta e memória

Na primeira parte da apresentação, Rauscher explorou o papel simbólico e energético do coração. Afirmou que os órgãos se comunicam com o ser humano por meio de sintomas — dores, disfunções ou alterações fisiológicas — e que tais manifestações muitas vezes carregam mensagens ocultas de traumas antigos.

"O coração não fala com palavras, mas expressa sua sabedoria por meio dos sintomas. E *tudo está conectado: passado, presente e futuro*" (Dr. Karl-Heinz Rauscher)

Para Rauscher, a Constelação oferece uma linguagem de tradução para essa escuta corporal, permite acessar conteúdos armazenados em um campo de informação invisível, mas sempre presente. Ele detalhou seu método, que começa sempre com o sintoma no centro da dinâmica. A partir desse ponto, busca-se o trauma não resolvido que deu origem ao sofrimento físico ou emocional do cliente. Para isso, desenvolveu um recurso chamado Teste das Quatro Colunas, que em poucos minutos identifica a raiz do problema entre quatro fontes principais: a família de origem, o sistema familiar atual, os traumas desta vida e de vidas passadas.

"Em cerca de 60% dos casos, a Constelação de Sintomas revela-se uma Constelação Familiar", explicou. "Mas ela pode se tornar uma Constelação de trauma pessoal ou até de vida passada, dependendo do resultado do teste", pontuou.

Campo informacional e percepção humana

Karl-Heinz Rauscher comparou o campo sistêmico a uma espécie de "Wi-Fi informacional" que armazena dados sobre relações humanas, dores ancestrais e experiências de encarnações anteriores.

"Assim como usamos um computador para acessar o Wi-Fi, nós, humanos, somos os receptores desse campo. A Constelação Sistêmica é o enquadramento que permite essa recepção", explicou. Para ele, esse campo não apenas conecta memórias individuais, mas também registros transgeracionais, culturais e históricos que influenciam a saúde e os vínculos familiares.

A interligação entre corpo, alma e campo energético

Após contextualizar a origem do método das Constelações de Sintomas, Dr. Karl-Heinz Rauscher deu sequência à apresentação com uma reflexão sobre o conceito de campo energético.

Segundo ele, todo ser humano carrega ao redor de si um campo sutil que se estende para além do corpo físico e se conecta a múltiplas camadas: familiares, ancestrais, coletivas e até planetárias.

"Estamos ligados ao campo energético da Mãe Terra, das estrelas, das plantas, dos animais e de tudo que compõe a natureza. Esse campo *nos nutre, mas também pode carregar fardos oriundos de traumas não resolvidos*" (Dr. Karl-Heinz Rauscher)

Rauscher explicou que o trauma, quando não resolvido, provoca um efeito de congelamento em partes da alma humana.

Esse estado impede o fluxo natural de energia vital e pode se perpetuar por décadas ou até atravessar gerações.

"As emoções associadas ao trauma — medo, dor, horror, agressividade — se fixam no campo energético familiar e, mesmo quando não conscientes, continuam a operar no presente", disse. Para ele, a cura consiste em reintegrar esses fragmentos ao self, liberando-os do congelamento.

Chamado pessoal para acolher a energia de cura

O médico compartilhou com o público um episódio marcante de sua trajetória. Durante uma tenda do suor indígena na Alemanha, há cerca de 20 anos, começou a receber sons e palavras desconhecidas, que mais tarde nomearia como Vozes de Cura.

“Naquele momento, não me considerei digno de usar aquilo. Eu era médico, não xamã. Reprimi esse dom por um tempo”, revelou. Foi apenas após enfrentar uma grave doença que compreendeu a importância de liberar essa energia para os outros. “Prometi que, se me recuperasse, usaria isso a serviço das pessoas. E assim nasceu o trabalho com as vozes que curam”, informou.

Rauscher destacou que a compreensão racional do trauma — embora valiosa — nem sempre basta para restaurar o equilíbrio.

“Entender a origem do sintoma já traz alívio, mas não necessariamente liberta a alma presa ao trauma”, pontuou. Nessas situações, defende, é necessário recorrer a forças de cura sutis, como as manifestações energéticas ou xamânicas que atuam além da lógica intelectual.

Constelação sobre traumas da Segunda Guerra Mundial

Rauscher relatou um caso marcante no qual recorreu às Vozes de Cura durante uma Constelação de sintomas que envolveu traumas da Segunda Guerra Mundial. As energias xamânicas, segundo ele, tiveram efeito imediato.

“As vozes desempoderaram as forças dos perpetradores no campo energético da cliente e da sua família. As almas das vítimas foram libertadas. E a neta, que sofria de depressão há décadas, se sentiu livre pela primeira vez em anos. Em poucas horas, a dor se dissolveu”, relatou.

Desde esse episódio, ele passou a incluir as Vozes de Cura em cerca de 95% das Constelações, considerando-as uma etapa essencial do processo de liberação e reequilíbrio.

O trauma como herança sistêmica e espiritual

Dr. Karl-Heinz Rauscher reiterou que os traumas podem ser herdados, atravessar gerações e até encarnações.

“A criança que sobrevive a um trauma pode deixar ali uma parte de si congelada. ***Curar é trazer essa parte de volta,*** **permitir que ela se reintegre ao presente”** (Dr. Karl-Heinz Rauscher)

Segundo ele, a Constelação é o método capaz de identificar e decodificar essas dores, revelar o que o sintoma quer comunicar. E, com o apoio das forças de cura, abrir espaço para o assentimento e a libertação.

Rauscher relata expansão internacional da abordagem e aproximações com tradições brasileiras

Na apresentação, Dr. Karl-Heinz Rauscher compartilhou reflexões sobre a expansão de seu trabalho ao redor do mundo. Segundo ele, grande parte das pessoas que chega até as Constelações o fazem por recomendação de outras que já vivenciaram resultados positivos.

"Elas vêm porque ouviram falar. Vêm em busca de ajuda com sintomas e problemas. Depois, compartilham a experiência com amigos. E assim o trabalho se amplia, sempre de forma orgânica e acolhedora", afirmou.

Rauscher destacou que, apesar de ainda haver quem desconheça ou não se interesse pela abordagem, sua experiência internacional foi majoritariamente marcada por acolhimento e resultados positivos.

Dagmar Ramos destaca profundidade técnica e valor terapêutico

Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica Dagmar Ramos avaliou como altamente enriquecedora a live internacional realizada com o alemão Dr. Karl-Heinz Rauscher, referência mundial em Constelações de Sintomas e abordagens terapêuticas integrativas. Para ela, o encontro on-line revelou a complexidade e o rigor de um método que reúne espiritualidade, experiências xamânicas e escuta profunda do corpo por meio das Constelações.

"O evento foi muito rico, muito interessante. O Dr. Karl demonstrou domínio técnico e um desenvolvimento profundo de sua prática, ao integrar dimensões que ampliam o alcance terapêutico do trabalho sistêmico", afirmou Dagmar. Segundo a presidente do CECS, a conferência também ofereceu novas perspectivas para a aplicação clínica da Constelação, indo além do que tradicionalmente se conhece na abordagem fenomenológica.



A médica Dagmar Ramos: Encontro on-line revelou a complexidade e o rigor de um método que reúne espiritualidade, experiências xamânicas e escuta profunda do corpo por meio das Constelações

A médica destacou ainda o interesse da instituição em promover uma experiência presencial com o especialista, tendo em vista ampliar o contato direto dos profissionais brasileiros com a metodologia desenvolvida por Rauscher.

"Dr. Karl-Heinz nos trouxe **possibilidades de expansão, nos alertou para novos caminhos**. É um profissional sério, estudioso, e *ficamos sinceramente gratos por tê-lo conosco nesse encontro*" (Dagmar Ramos)

Interseções entre práticas ancestrais e abordagem sistêmica

Em sua participação no encontro, o segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes, compartilhou com o Dr. Karl-Heinz Rauscher uma reflexão sobre as semelhanças entre a visão xamânica e o olhar sistêmico das Constelações.

Ele relatou sua própria trajetória iniciada há três décadas no xamanismo, ao ressaltar o cuidado que sempre teve para manter distintas as práticas espirituais e o trabalho com Constelações Familiares.

"O que resolveu um dos casos mais difíceis foi justamente uma intervenção com um chocalho, uma maraca, num momento decisivo", afirmou. Para ele, elementos como o respeito aos ancestrais, a compaixão e a capacidade de acessar outras realidades são pontos de convergência entre as duas abordagens.

Na sequência, Mendes direcionou sua pergunta ao convidado internacional. Indagou como a incorporação de elementos xamânicos ao trabalho sistêmico vem sendo recebida na Alemanha.

"Sabemos que as constelações enfrentam críticas em vários países. Como tem sido integrar o xamanismo às constelações aí?", questionou, ao abrir espaço para uma análise sobre o cenário europeu diante de práticas terapêuticas não convencionais.

Em resposta, Dr. Karl-Heinz Rauscher compartilhou que seu trabalho tem sido bem recebido na Alemanha e em outros países.

Segundo ele, a procura por abordagens integrativas continua a crescer, especialmente entre pessoas que enfrentam sintomas persistentes ou questões existenciais. “É um movimento que cresce de forma natural, sem resistência”, afirmou. Embora reconheça que ainda existam públicos que desconhecem ou não se interessem pelo tema, ele garante que não enfrentou reações negativas em sua trajetória com o uso das Vozes de Cura em contexto terapêutico. Rauscher destacou ainda que a receptividade positiva se dá principalmente pelos resultados percebidos pelos participantes das Constelações. “O trabalho fala por si. A experiência de cura e transformação é o que move as pessoas”, afirmou. A fala do convidado reforça que, mesmo em contextos mais céticos, a legitimidade de práticas como o xamanismo integrativo encontra espaço quando aliada à escuta respeitosa e à prática responsável.

Aplicações terapêuticas abrangem transtornos psíquicos

Em resposta à pergunta enviada por participantes da live — intermediada pelo médico Marcelo Bertelli — o Dr. Karl-Heinz Rauscher confirmou que o método das Constelações de Sintomas pode ser utilizado no tratamento de questões relacionadas à saúde mental.

“Nada está excluído. Pode-se aplicar esse trabalho a qualquer problema ou sintoma, inclusive depressão, ansiedade e esquizofrenia”, afirmou. O especialista reforçou que o alcance do método vai além dos sintomas físicos, alcança dimensões emocionais e psíquicas.

Reconexão com saberes ancestrais

A diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins, aprofundou a discussão ao perguntar a Rauscher sobre a desconexão entre o Ocidente moderno e a memória ancestral ligada às práticas de cura. Mencionou que o xamanismo, como movimento de reconexão com a Terra e o cosmos, também inspira as Constelações Familiares, sobretudo pelas raízes africanas e indígenas da tradição. A questão propôs uma reflexão sobre a marginalização histórica desses saberes. Rauscher respondeu com contexto histórico. Segundo ele, a cisão entre espiritualidade e práticas ancestrais se aprofundou a partir do domínio das religiões patriarcais, especialmente na Idade Média.



Médico e mediador do encontro, Marcelo Bertelli emocionou-se ao relatar caso de um jovem com taquicardia “resgatado” após ouvir as "Vozes de Cura": Ele destacou a eficácia da integração entre medicina convencional e saberes ancestrais

“Essas religiões tentaram eliminar os métodos de cura indígenas, matando quem os praticava”, declarou. Ele associou essa violência à tentativa de dominação cultural e religiosa que visava retirar das populações o seu próprio poder de cura. “As culturas matriarcais estavam conectadas com a totalidade e sabiam como convidar essas forças de cura para suas comunidades. Mas foram silenciadas”, disse.

Rauscher ressaltou que esse trauma histórico permanece presente no campo energético coletivo. Muitas pessoas, segundo ele, ainda sentem medo ao se conectar com práticas xamânicas — não pela energia em si, mas por memórias de perseguição e morte. “Algumas pessoas têm medo de morrer se entrarem em contato com essas forças. É o eco de vidas passadas, de experiências em que ser um curador significava risco de vida”, explicou.

Segundo o médico alemão, essas barreiras não costumam ser conscientes. “Talvez eu esteja a praticar a cura por meio dessas forças de cura xamânicas, mas um bloqueio inconsciente pode surgir e impedir esse caminho”, afirmou. Para ele, o método das Constelações de Sintomas, aliado às Vozes de Cura, permite identificar esses bloqueios e o trauma não resolvido que os sustenta.

“Quando esse trauma é reconhecido e tratado, abre-se o caminho para você exercer plenamente essa vocação de cura”, completou.

Encerramento destaca gratidão, parcerias futuras e convite à participação

Ao final da live internacional com o Dr. Karl-Heinz Rauscher, a diretora Científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Roseny Flávia Martins, fez as considerações finais em nome da instituição.

Agradeceu a presença do convidado e a participação do público, ao destacar o impacto do encontro. “Quero agradecer profundamente por este momento e pela generosidade do Dr. Karl em compartilhar conosco sua sabedoria e experiência”, afirmou. Roseny também anunciou a intenção do CECS de firmar uma parceria para viabilizar a tradução oficial do curso desenvolvido por Rauscher, tornando-o acessível a profissionais de língua portuguesa.



A diretora Científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas, Roseny Flávia Martins, fez convite para associação ao CECS: “Estamos a organizar muitas outras atividades, palestras, cursos e encontros. Tudo preparado com muito cuidado e amor para a nossa comunidade”

“Estamos em contato para trazer essa formação ao Brasil, com tradução integral, para que mais pessoas possam se beneficiar dessa sabedoria ancestral”, disse. A iniciativa faz parte do esforço da instituição em consolidar a articulação internacional de saberes no campo das Constelações Sistêmicas.

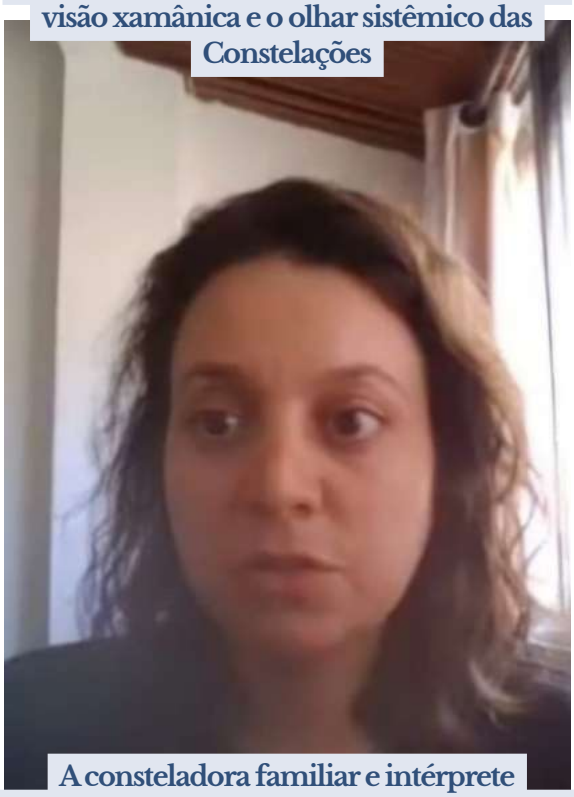
Roseny Flávia aproveitou a ocasião para convidar o público a se associar ao CECS. “Estamos a organizar muitas outras atividades, palestras, cursos e encontros. Tudo preparado com muito cuidado e amor para a nossa comunidade”, afirmou. Segundo ela, o envolvimento ativo dos profissionais da área é fundamental para fortalecer a rede de conhecimento, pesquisa e práticas sistêmicas no Brasil.

A live representou não apenas uma troca de conhecimento, mas também a **abertura de caminhos para novas conexões internacionais e uma expansão ética e profunda do campo das Constelações Sistêmicas**

Roseny Flávia concluiu a participação ao agradecer ao convidado: “Obrigado, Dr. Karl, por abrir nossos corações.” A frase sintetizou o tom do evento, marcado pela integração entre ciência, espiritualidade e tradição. **(Texto publicado no dia 13 de maio de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



O terapeuta constelador Ricardo Mendes, compartilhou com o Dr. Karl-Heinz Rauscher uma reflexão sobre as semelhanças entre a visão xamânica e o olhar sistêmico das Constelações



A consteladora familiar e intérprete especializada em eventos internacionais da área, Malú Scardazzi Martins, foi responsável pela tradução simultânea da live

Integração entre psicodrama e Constelações Sistêmicas marca *live promovida pelo CECS*

Evento com apresentação da psicóloga Ariani Cabral Mol explora obra pioneira *'Integrating Psychodrama and Systemic Constellation Work'*, de **Karen Carnabucci e Ronald Anderson**, e articula **conceitos técnicos entre as abordagens. Diretora Científica Roseny Flávia Martins** destaca envolvimento da convidada nas *ações de pesquisa e qualificação do conhecimento*



Participantes da live promovida pelo CECS, que debateu as interfaces entre psicodrama e Constelações Sistêmicas, com apresentação da psicóloga Ariani Cabral Mol: A iniciativa aprofundou a integração entre as abordagens como método terapêutico complementar

A relação entre o psicodrama e as Constelações Sistêmicas foi o eixo central da live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) no dia 30 de maio de 2025 com participação da psicóloga Ariani Cabral Mol.

O evento apresentou a integração metodológica entre os dois campos terapêuticos, com destaque para a obra pioneira Integrating Psychodrama and Systemic Constellation Work: New Directions for Action Methods, Mind-Body Therapies and Energy Healing, de Karen Carnabucci e Ronald Anderson (2011).

O tema foi "Uma contribuição do psicodrama para as Constelações". A live representou uma oportunidade valiosa para aprofundar as conexões entre as abordagens terapêuticas, com uma profissional reconhecida na área.

A proposta da live foi ampliar a compreensão sobre como o psicodrama — uma metodologia que integra ação, emoção e representação simbólica — pode enriquecer o campo das Constelações Sistêmicas. A participação de Ariani Cabral Mol trouxe profundidade e sensibilidade à discussão, favoreceu reflexões sobre a complementaridade entre técnicas terapêuticas na escuta e no cuidado dos vínculos humanos.

Na abertura dos trabalhos, a segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica Dagmar Ramos, fez um panorama das lutas em Brasília na defesa das Constelações Familiares Sistêmicas.

Uma trajetória que conecta teoria, prática e inovação

Com trajetória que atravessa diferentes campos da psicologia, Ariani Cabral Mol se destaca por sua atuação interdisciplinar e pela capacidade de unir técnicas terapêuticas com propósito e sensibilidade. Psicóloga de formação, é também psicodramatista e especialista em Constelações Sistêmicas — combinação que guia sua jornada clínica, acadêmica e formativa.

Com especialização em neuropsicologia clínica e institucional, Ariani também carrega em seu currículo uma formação em psicodrama com cavalos pelo Instituto Eddy Keller, o que ilustra sua busca contínua por abordagens inovadoras e experiências vivenciais no cuidado emocional.

Ao longo das últimas décadas, construiu uma trajetória sólida: são 29 anos de atuação na área organizacional, 20 anos de experiência clínica e mais de uma década em que conduz grupos terapêuticos com psicodrama e Constelações Sistêmicas. Desde 2018, também atua como docente em cursos de formação de facilitadores, oportunidade em que compartilha seu conhecimento com novas gerações de profissionais.

Ariani é coautora de baralhos terapêuticos — como Bússola, voltado ao sucesso profissional, e Estratégias Criativas para a Psicoterapia Infantil — e integra a coletânea Mulheres na Psicologia, da Editora Leader, o que reafirma o compromisso com a criatividade, o protagonismo feminino e a democratização do conhecimento terapêutico.

Roseny Flávia Martins exalta contribuição de Ariani Cabral ao revelar obra internacional que une psicodrama e Constelações Sistêmicas

Durante a abertura da live, a diretora Científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Roseny Flávia Martins, destacou o envolvimento da convidada Ariani Cabral Mol nas ações de pesquisa e qualificação do conhecimento sobre Constelações Sistêmicas no Brasil.

Pesquisadora PhD, especialista em violência doméstica e saúde da mulher, Roseny Flávia Martins coordena o Grupo de Trabalho Científico da instituição e lidera esforços para mapear referências bibliográficas relevantes da área.

Segundo ela, ao longo do último ano, o CECS conduziu um levantamento exaustivo das publicações nacionais e internacionais que abordam os termos “Constelação Familiar”, “Constelação Sistêmica” e “Bert Hellinger”. Os dados foram sistematizados em uma planilha técnica, de acesso exclusivo dos associados, com cerca de 650 referências bibliográficas. Ariani Cabral Mol integrou esse processo como colaboradora ativa, realizou buscas e contribuições bibliográficas. “Foi um trabalho árduo, extenso e meticuloso, que exigiu muitas horas de dedicação”, afirmou Roseny.

A pesquisadora também ressaltou a importância da descoberta feita por Ariani durante esse processo: a identificação do único livro publicado até o momento que articula diretamente o psicodrama às Constelações. Trata-se da obra ‘Integrating Psychodrama and Systemic Constellation Work: New Directions for Action Methods, Mind-Body Therapies and Energy Healing’, de Karen Carnabucci e Ronald Anderson (2011) que embasou a apresentação da live.

No âmbito institucional, Ariani participou da elaboração da contranota técnica que respondeu à manifestação crítica do Conselho Federal de Psicologia (CFP). “É uma alegria contar com sua presença nesta noite. Esse comprometimento aquece o coração de todos nós”, destacou Roseny.

Integração de abordagens e pioneirismo: o relato de Ariani Cabral Mol

Na apresentação, a psicóloga e psicodramatista Ariani Cabral Mol abordou a escassez de literatura que articula o psicodrama às Constelações Sistêmicas. Expôs a própria trajetória, marcada pela busca por referências, e contextualizou a importância do livro, obra que se tornou o eixo central de sua fala.

Segundo Ariani, trata-se da única publicação encontrada até o momento que propõe uma integração formal entre as duas abordagens. Ariani relatou ter iniciado seu contato com as Constelações em 2013. Anos mais tarde, ao concluir sua formação pelo Instituto Alzira Cristina, assumiu a docência no módulo que trata da relação entre psicodrama e Constelações. Desde então, passou a investigar como os princípios do psicodrama oferecem sustentação técnica e metodológica à prática sistêmica.

“O psicodrama contorna e fortalece a prática das Constelações, especialmente *para quem inicia a formação”* (Ariani Cabral Mol)



Ariani Cabral Mol, psicóloga, psicodramatista e especialista em Constelações Sistêmicas apresentou a obra ‘Integrating Psychodrama and Systemic Constellation Work’, de Karen Carnabucci e Ronald Anderson: “O psicodrama investiga. A Constelação transforma. Cada técnica com sua força e lugar. Juntas, ampliam a escuta e o alcance do processo terapêutico”

Ao refletir sobre a distância entre as duas comunidades profissionais, apontou sentir-se isolada em congressos de psicodramatistas, onde não encontrava espaço para discutir Constelações. Ressaltou a ausência de conhecimento recíproco entre os campos, apesar das afinidades conceituais e metodológicas. “Vivenciei a potência das Constelações desde 2018, mas os psicodramatistas, em sua maioria, desconhecem a abordagem”, afirmou.

A obra apresentada na live, 'Integrating Psychodrama and Systemic Constellation Work', de Karen Carnabucci e Ronald Anderson, segundo Ariani, representa um marco.

Ronald Anderson, um dos autores, formou-se com Jacob Levy Moreno — criador do psicodrama — e com Bert Hellinger, sistematizador das Constelações. "Ele traz em sua formação as duas grandes matrizes. Honrar essa trajetória é essencial para compreendermos a integração entre as abordagens", destacou.

Ariani dedicou sua exposição a Karen Carnabucci e ao próprio Ronald Anderson, já falecido. A psicóloga também mapeou contribuições anteriores que, embora pontuais, tangenciam a interface entre psicodrama e Constelações.

Citou obras como O Rio Nunca Olha Para Trás, da Dra. Ursula Franke-Bryson, artigos publicados entre 2009 e 2019, e estudos mais recentes voltados à transmissão transgeracional de traumas.

Ressaltou, ainda, a base epistemológica do psicodrama, originado na socionomia — ciência que estuda as relações sociais e grupais — e explicou como a técnica atravessa diferentes abordagens terapêuticas contemporâneas.

Ariani finalizou esse trecho da apresentação com menção à sua própria pesquisa longitudinal, realizada com constelados 30 dias após os atendimentos.

O estudo visa identificar indicadores de transformação, e reforça o compromisso da terapeuta com a produção de evidências no campo. Também agradeceu a colaboração de colegas do Grupo de Trabalho Científico do CECS.

Integração metodológica: psicodrama e Constelações em diálogo clínico e teórico

A psicóloga Ariani Cabral Mol aprofundou, na apresentação, os pontos de convergência e complementaridade entre o psicodrama e as Constelações Sistêmicas.

Ao aprofundar a obra 'Integrating Psychodrama and Systemic Constellation Work', destacou a originalidade do conteúdo e classificou o livro como referência pioneira ao propor um diálogo estruturado entre os dois métodos terapêuticos.

Segundo Ariani, **o psicodrama baseia-se na ação, na representação simbólica e na escuta do inconsciente relacional.** Trabalha com a *espontaneidade como eixo central do processo clínico e visa restaurar a criatividade do indivíduo*

"O psicodrama resgata a espontaneidade que perdemos ao longo da vida sob o peso da conserva cultural. Ele oferece respostas novas para padrões antigos", afirmou. Para ela, esse princípio se aproxima da proposta das Constelações, ao possibilitar reconfigurações simbólicas e afetivas por meio da vivência e da expressão.

A convidada explicou que o psicodrama se organiza dentro da ciência denominada socionomia, voltada ao estudo das relações grupais e coletivas. Destacou que, apesar de muito associado à clínica, o psicodrama também se aplica a contextos organizacionais e educacionais.

Ressaltou a exigência de graduação superior para formação na área e esclareceu a diferença entre psicodramatistas clínicos e sociodramatistas, conforme a formação de base do profissional.

Ariani classificou Moreno como um precursor sistêmico. Lembrou que técnicas como a cadeira vazia, comumente associadas à Terapia Cognitivo-Comportamental, originam-se do psicodrama. Criticou a falta de reconhecimento formal a esse legado. Segundo ela, muitos recursos usados em outras abordagens nasceram da prática psicodramática, mas perderam a atribuição de origem ao longo do tempo.

A psicóloga narrou a estrutura de sua prática profissional ao unir as duas abordagens. Inicia com o psicodrama, no qual o cliente projeta a cena interna, utilizando figuras, bonecos ou pessoas. Em seguida, realiza a leitura simbólica da imagem formada. Conclui com a Constelação, que promove os movimentos que reorganizam a cena original.

"O **psicodrama investiga**. A **Constelação transforma**. Cada técnica com sua força e lugar. *Juntas, ampliam a escuta e o alcance do processo terapêutico*" (Ariani Cabral Mol)

Ao abordar a obra de Carnabucci e Anderson, destacou que o livro diferencia o inconsciente individual, escutado no psicodrama, do inconsciente coletivo, acessado nas Constelações. A obra também apresenta estudos de caso, conceitos teóricos, fundamentação histórica e paralelos entre Moreno e Bert Hellinger.

"Esse livro honra o psicodrama ao mostrar, com profundidade, como ele vive dentro das Constelações", afirmou Ariani. Segundo ela, a obra não propõe fusão, mas integração respeitosa, em que cada abordagem mantém identidade e especificidade.

Ariani também se posicionou diante das resistências de parte da comunidade acadêmica. Relatou críticas recebidas tanto por psicólogos quanto por psicodramatistas, mas defendeu a ampliação do diálogo. "O livro rompe com o achismo. Mostra, com rigor, como as terapias se complementam. Psicodramatistas deveriam estudar as Constelações antes de rejeitá-las", afirmou.

Concluiu com a ideia de que o verdadeiro avanço terapêutico exige abertura epistemológica. "As Constelações não vieram para ocupar o lugar do psicodrama. Vieram para ir além, levando consigo aquilo que o psicodrama já construiu com solidez", declarou.

Diferenças metodológicas e convergências terapêuticas: o diálogo entre psicodrama e Constelações

Ao longo da exposição, Ariani Cabral Mol aprofundou a análise técnica das distinções e afinidades entre o psicodrama e as Constelações Sistêmicas. Apresentou paralelos estruturais, fundamentos epistemológicos e experiências práticas que embasam a integração possível entre as duas abordagens terapêuticas.

Ariani enfatizou a importância do aquecimento no psicodrama, etapa preparatória indispensável antes da dramatização. A qualidade dessa fase determina a profundidade da cena e a eficácia terapêutica.

No psicodrama, o protagonista ocupa o centro do trabalho, cercado por ego-auxiliares e orientado por um diretor. Ao final da dramatização, ocorre o compartilhamento, momento terapêutico em que o grupo reflete sobre os aprendizados gerados pela ação. "O compartilhamento acolhe, amplia a percepção do protagonista e gera ressonância coletiva", afirmou.

Nas Constelações, o procedimento difere. Após a representação, recomenda-se silêncio e interiorização, com preservação do campo vivenciado. A condução baseia-se em frases de solução e na escuta sensível dos movimentos sistêmicos.

> “Enquanto **o psicodrama externaliza, a Constelação silencia** para **permitir que a imagem ressoe internamente**” (Ariani Cabral Mol)

Ariani também esclareceu que a saúde emocional do indivíduo depende da flexibilidade e equilíbrio entre os papéis sociais que desempenha. Ter poucos papéis pode gerar limitação; muitos, sobrecarga.

“O psicodrama desenvolve novos papéis por meio de técnicas específicas, como o role-play e a matriz de identidade. Foi assim que trabalhei meu papel de professora”, relatou.

Role-play, também conhecido como dramatização ou jogos de interpretação de papéis, é uma técnica que envolve a simulação de uma situação ou evento real, geralmente com o objetivo de aprender, treinar ou explorar diferentes perspectivas. É uma forma de encenação em que os participantes assumem papéis específicos e interagem de acordo com as características e situações definidas.

Ao explicar técnicas fundamentais, Ariani apresentou o espelhamento — quando um auxiliar reproduz características do protagonista —, a inversão de papéis, a cadeira vazia, o duplo e outras mais de 300 técnicas sistematizadas por Moreno.

Ressaltou ainda o conceito de ‘tele’, a empatia recíproca essencial para que o vínculo terapêutico aconteça. “Sem tele, não existe relação. Nas constelações, a escolha do representante é télica, e por isso ele consegue acessar com precisão o campo daquele papel”, explicou.

Em termos simples, a ‘tele’, no contexto do psicodrama de Moreno, refere-se à capacidade de reconhecer e se conectar com o outro de forma genuína, sem distorções ou projeções, o que cria uma relação interpessoal saudável. É uma espécie de "dupla empatia", onde ambos os envolvidos se percebem e se sentem mutuamente.

A terapeuta apresentou um quadro comparativo entre as duas abordagens, ao ressaltar que ambas são fenomenológicas, mas divergem em seus focos temporais. O psicodrama retorna ao locus nascente do problema na vida do protagonista; a Constelação, à origem transgeracional do sistema familiar.

No psicodrama, o palco delimita a ação e permite que o papel seja encerrado com clareza. Já nas Constelações, o facilitador convida o cliente a agradecer e liberar os representantes, para que não permaneçam com a carga simbólica.

Ariani também detalhou a estrutura formal da formação em psicodrama — composta por três níveis: atendimento clínico, docência e supervisão — e relatou a criação de sua própria técnica integrativa, que combina psicodrama, Constelações e árvore genealógica.

Defendeu que o uso combinado das abordagens amplia as possibilidades de intervenção e fortalece os resultados clínicos. “O psicodrama trabalha com a verdade do indivíduo no aqui e agora. As constelações revelam a verdade sistêmica oculta no passado. Ambas iluminam a experiência humana com profundidade”, afirmou. Concluiu com um convite à superação das resistências.

Aprofundamento teórico: papéis, tele e a base estruturante das conexões terapêuticas

Ariani Cabral Mol prosseguiu a explanação ao detalhar os fundamentos estruturais que diferenciam e conectam o psicodrama às Constelações Sistêmicas. Ela aprofundou um dos conceitos centrais abordados, o de tele, desenvolvido por Jacob Levy Moreno, como base das relações empáticas e espontâneas entre indivíduos.

Para Ariani, o conceito representa a qualidade da conexão mútua e autêntica entre dois sujeitos. “Sem tele, não há vínculo. Sem vínculo, não há processo terapêutico possível”, afirmou. No psicodrama, a tele estrutura as escolhas dramáticas e justifica o uso de técnicas como espelhamento, inversão de papéis, cadeira vazia, duplicação e declarações de reconciliação.

As Constelações, por sua vez, absorveram o conceito e as levaram a uma dimensão mais profunda, ao acessar o que Ariani definiu como o “campo de informação”, descrito por Rupert Sheldrake como campo morfogenético. Hellinger, segundo ela, transformou a tele em uma escuta sistêmica ampliada, ao atuar fora do tempo e do espaço.

Ariani explicou que, enquanto o psicodrama se ancora na presença física, na cena ativa e na observação sociométrica — que permite medir distâncias, proximidades e tensões nos vínculos grupais —, as Constelações operam num plano sutil. "As distâncias observadas entre os representantes são leitura direta do campo. Herdamos do psicodrama a estrutura para entender essa linguagem", declarou.

Outro ponto relevante da apresentação foi a discussão sobre matriz de identidade. No psicodrama, trata-se de um mapa que organiza a história dos papéis do sujeito: familiares, profissionais, afetivos e sociais. A saúde emocional, segundo Ariani, depende do equilíbrio entre esses papéis. Ter poucos restringe a expressão; assumir muitos pode gerar sobrecarga.

"A matriz permite visualizar as transições entre as fases da vida e os papéis emergentes. Quando comecei a dar aulas, usei o psicodrama para desenvolver meu papel docente", relatou. Já nas Constelações, o foco recai sobre o sentir sistêmico, sem a análise prévia da identidade dramática. O campo revela o essencial. "Enquanto o psicodrama propõe construção identitária por meio da ação, as Constelações permitem que o campo mostre o que precisa emergir", disse.

Ariani também abordou o processo do aquecimento no psicodrama — etapa obrigatória antes da dramatização — e reforçou sua importância para a eficácia da intervenção. Sem aquecimento adequado, não há transformação. "A dramatização depende de um solo fértil. Sem ele, nada floresce", explicou.

Ela apresentou uma analogia entre os dois métodos: o psicodrama atua como avô do método sistêmico. Ambos valorizam o grupo, a cena, a percepção do corpo, o vínculo e o movimento em direção à verdade do cliente. No entanto, o psicodrama se ancora no aqui e agora, enquanto as Constelações penetram camadas transgeracionais, acessam destinos interrompidos, amores não resolvidos e lealdades invisíveis.

Ariani descreveu a *pirâmide da Constelação Sistêmica*: **na base, a interrupção do amor; acima, a lealdade inconsciente; em seguida, o reconhecimento sem julgamento; no topo, a reconciliação e o fluxo restaurado**

A prática evidencia que até 70% dos conflitos atuais derivam de vínculos ancestrais não integrados, segundo estimativas.Ariani Cabral Mol concluiu ao reafirmar a importância da obra de Carnabucci e Anderson, que apresentou as semelhanças e diferenças das duas abordagens pela primeira vez em nível mundial. “Esse livro mostrou que não estou sozinha. Há um caminho anterior, construído com seriedade e abertura”, afirmou. Segundo ela, apesar do ceticismo, a integração entre psicodrama e Constelações gera resultados consistentes, amplia as possibilidades clínicas e formativas no campo da psicoterapia contemporânea.

“Ampliar fronteiras internas e coletivas”

A psicóloga Ariani Cabral Mol encerrou a apresentação com reflexões sobre a jornada que culminou na descoberta da obra ‘Integrating Psychodrama and Systemic Constellation Work: New Directions for Action Methods, Mind-Body Therapies and Energy Healing’, de Karen Carnabucci e Ronald Anderson. Segundo ela, o acesso ao livro só se tornou possível graças à atuação no Grupo de Trabalho Científico do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS).

“Se eu não integrasse o GT Científico, talvez nunca tivesse encontrado essa obra na Pensilvânia”, afirmou. Para Ariani, a descoberta representa não apenas um marco bibliográfico, mas também uma experiência de expansão de consciência e pertencimento. “Há um sentimento profundo de gratidão. A sensação é de estarmos a ampliar fronteiras internas e coletivas”, declarou.

Ariani reconheceu que a leitura e a apresentação do livro ultrapassaram o aspecto técnico e tocaram dimensões simbólicas e afetivas da trajetória profissional.

Ressaltou o impacto da obra para a comunidade de consteladores e psicodramatistas, ao destacar a importância de integrar referências sólidas com respeito às tradições epistemológicas de cada abordagem.

A psicóloga reiterou o compromisso com a pesquisa séria e a divulgação de materiais qualificados que contribuam para o avanço ético e técnico da abordagem.

“Estamos, de fato, em um processo de construção coletiva de saberes, que honra os que vieram antes e inspira os que virão”, concluiu.

Encerramento institucional e chamada à mobilização coletiva

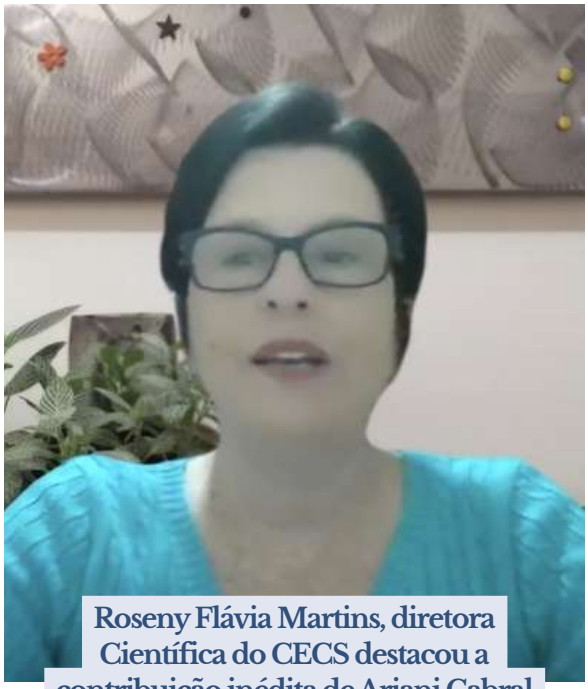
Ao encerrar a live, a diretora Científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Roseny Flávia Martins, agradeceu a participação de todos os presentes e ressaltou a importância do momento coletivo de aprendizado e reflexão. Em tom afetivo e institucional, convocou os participantes a ampliarem o movimento associativo em torno da instituição.

Diretora Roseny Flávia Martins destacou que **o CECS vive uma fase estratégica de consolidação e expansão, na qual o fortalecimento institucional exige maior adesão de consteladores e estudiosos**

"Nosso objetivo agora é crescer como família, atrair mais pessoas comprometidas com a ampliação da consciência e com a estruturação crítica das Constelações Sistêmicas", apontou. A diretora reconheceu a relevância das contribuições feitas durante a live, agradeceu à apresentadora Ariani Cabral Mol e a todos que, com suas falas, aprofundaram a discussão sobre as interfaces entre psicodrama e Constelação. "Cada colocação ampliou o campo de compreensão que buscamos construir", pontuou.

Roseny também mencionou a equipe de bastidores, responsável pela mediação técnica e suporte ao evento, além de agradecer aos integrantes do CECS que atuam na promoção contínua da abordagem com seriedade e dedicação.

"Seguimos comprometidos com a consolidação ética e científica das Constelações Familiares e Sistêmicas", finalizou. Roseny concluiu a participação ao agradecer ao convidado: "Obrigado, Dr. Karl, por abrir nossos corações." A frase sintetizou o tom do evento, marcado pela integração entre ciência, espiritualidade e tradição. **(Texto publicado no dia 04 de junho de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



Roseny Flávia Martins, diretora Científica do CECS destacou a contribuição inédita de Ariani Cabral Mol à pesquisa e à bibliografia internacional das Constelações, ao identificar a única obra que integra formalmente o psicodrama à abordagem sistêmica

Anngwyn St. Just, o trauma como fenômeno histórico e sistêmico: CECS aprofunda *debate sobre condição humana* em live internacional

Traumatologista social de orientação sistêmica, historiadora cultural e educadora somática sustenta que *trauma é fenômeno relacional e transgeracional*, inscrito em forças coletivas e contextos históricos mais amplos. Encontro é **mediado por Roseny Flávia Martins**, diretora científica do CECS, e pelo **médico Marcelo Bertelli**, com **tradução simultânea de Malú Scardazzi Martins**, consteladora familiar e intérprete especializada em eventos internacionais



O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) realizou, em 17 de junho de 2025, uma live dedicada ao tema "Trauma e a nossa condição humana", com participação da traumatologista social de orientação sistêmica Anngwyn St. Just, PhD. A mediação esteve a cargo da diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins, ao lado do médico Marcelo Bertelli, profissional com sólida atuação em práticas integrativas e medicina sistêmica.

Na abertura, Roseny contextualizou a criação do CECS, instituído em fevereiro de 2024, com a missão de promover a excelência nas Constelações Sistêmicas, com ênfase na fundamentação científica da abordagem.

O CECS atua na divulgação de obras de reconhecido valor acadêmico, na promoção de palestras com facilitadores internacionais e na organização sistemática de referências técnicas e científicas. Atualmente, o grupo reúne mais de 650 registros catalogados, entre estudos científicos e dados gerais relacionados às Constelações Sistêmicas.

A diretora científica **Roseny Flávia Martins enfatizou o compromisso institucional do CECS** no sentido de *sustentar o debate acadêmico e responder criticamente aos questionamentos dirigidos à abordagem.* Segundo destacou, **as Constelações Sistêmicas possuem força por estarem conectadas à memória e à sabedoria ancestral,** dimensão que fundamenta sua compreensão sobre a condição humana

CECS

Marcelo Bertelli integra o grupo de trabalho científico do CECS e contribui para a sistematização das referências técnicas da área.

Médico com formação em pediatria, medicina psicossomática, práticas integrativas e complementares, Constelação Organizacional, análise transacional e terapia cognitivo-comportamental, possui também formação em estudos do trauma e experiência em práticas sistêmicas aplicadas à saúde.

Anngwyn St. Just é PhD em traumatologia social com orientação sistêmica. Possui formação no Western Institute for Social Research e na University of California, Berkeley. Historiadora cultural, psicoterapeuta e educadora somática, dirige o Arizona Center for Social Trauma e a ACST International.

Mantém há mais de quatro décadas colaboração profissional com Peter Levine, e desenvolve métodos transculturais multimodais voltados à educação e à recuperação de traumas individuais e coletivos.

Peter Levine, PhD em Física Médica pela University of California, possui doutorado em Psicologia pela International University. Ele trabalha com trauma e stress há mais de 40 anos.

A transmissão contou com tradução simultânea de Malú Scardazzi Martins, consteladora familiar e intérprete com ampla experiência em eventos internacionais especializados em Constelações.

Compromisso formativo e centralidade histórica no estudo do trauma

Na apresentação da convidada, o médico Marcelo Bertelli manifestou satisfação pela presença de Anngwyn St. Just e ressaltou a expectativa de um encontro voltado ao aprofundamento teórico e prático sobre o trauma. Em relato pessoal, mencionou que, durante sua formação em Constelações Sistêmicas, identificou o trauma sistêmico como um campo de atuação de grande profundidade e relevância, percepção que descreveu como decisiva em sua trajetória profissional. A partir de sua experiência como aluno da Virtual Trauma University, afirmou ter reconhecido a possibilidade de trabalhar o tema de maneira efetivamente curadora, por meio de uma abordagem estruturada que integra dimensões somáticas e sistêmicas. Destacou o caráter pedagógico do método desenvolvido por Anngwyn, voltado à transmissão clara de conceitos aplicáveis à educação e à recuperação de traumas.

Acrescentou que a pesquisadora atuou junto a populações afetadas por traumas de guerra, inclusive na Rússia, e manteve colaboração próxima com Bert Hellinger ao longo de anos. Como eixo conceitual de sua obra, sublinhou a afirmação recorrente da autora de que "a história sempre importa", princípio que orienta a compreensão do trauma em suas dimensões individual e coletiva.

Trauma como dimensão constitutiva da condição humana

Anngwyn St. Just iniciou a exposição ao afirmar que o trauma constitui o eixo central de sua trajetória intelectual e profissional.

Reconheceu que o tema não é confortável para todos, mas sustentou, com convicção, que o trauma pode curar.

Como historiadora, argumentou que o trauma é intrínseco à condição humana e atravessa a história das sociedades.

Ela denomina seu trabalho de "Trauma e a condição humana".

Relatou que, antes de conhecer Bert Hellinger, em 1997, já desenvolvia trabalho em parceria com Peter Levine, criador da Experiência Somática (Somatic Experiencing).

Ambos lançaram o primeiro treinamento em Berkeley, em um grupo inicial de 15 participantes, sem imaginar a expansão internacional que o método alcançaria.

Ao longo de seis décadas de atuação com trauma — grande parte delas ao lado de Levine — concentrou-se inicialmente no atendimento individual, em contexto terapêutico.

Com formações distintas — Levine na área biomédica e ela com base em história da arte, posteriormente complementada por estudos em psicologia e terapia familiar —, a abordagem integrou perspectivas corporais, históricas e relacionais.



Anngwyn St. Just, PhD, em live no CECS: traumatologista social de orientação sistêmica, historiadora cultural, psicoterapeuta, educadora somática, diretora do Arizona Center for Social Trauma e da ACST International: com mais de quatro décadas de atuação, integra perspectivas somáticas, fenomenológicas e históricas no estudo

O primeiro contato com Hellinger ocorreu nos Estados Unidos, quando participou de um pequeno workshop conduzido por ele, com tradução de Hunter Beaumont. Impressionou-se com o formato direto do trabalho, sem exposições teóricas prévias, e com a condução fenomenológica de uma Constelação que revelou um assassinato encoberto no sistema representado. A experiência foi descrita como decisiva.

Em diálogo posterior, afirmou a Hellinger que ele possuía "a peça que faltava" para o trabalho com trauma. Recebeu como resposta que também detinha um elemento essencial para o desenvolvimento das Constelações.

A partir desse encontro, participou de projetos-piloto em prisões britânicas com condenados por assassinato, voltados ao estudo da dinâmica vítima-perpetrador, e posteriormente residiu na Suíça para acompanhar de perto a evolução do trabalho de Hellinger.

Pontuou ainda o encontro entre Hellinger e Peter Levine, realizado em Lucerna, na Suíça, do qual participou como mediadora intelectual entre a Experiência Somática e as Constelações Sistêmicas.

O diálogo evidenciou convergências e diferenças metodológicas, o que culminou na decisão de desenvolver um trabalho denominado "Constelação Sistemicamente Orientada", ao preservar a autonomia conceitual de cada abordagem.

Ao analisar a **trajetória de Bert Hellinger,** Anngwyn St. Just destacou o **caráter multidisciplinar e fenomenológico das Constelações**. Segundo explicou, **a abordagem evoluiu à medida que o próprio campo revelava informações que contrariavam pressupostos iniciais do autor** — como a *influência de não nascidos na ordem de nascimento* ou a *consideração de conteúdos associados a vidas passadas*. O **trabalho, inicialmente centrado na terapia familiar, expandiu-se para sistemas coletivos**

Esse movimento ganhou força no início dos anos 2000, quando Hellinger passou a abordar sistemas maiores que a família, ao investigar dinâmicas vítima-perpetrador no contexto do Holocausto, do colonialismo e de traumas transgeracionais. A palestra "A importância das forças maiores", proferida na Cidade do México em 2016, foi apontada como marco dessa ampliação teórica, ao enfatizar o papel do contexto histórico, social e cultural na constituição do trauma.

A partir dessa trajetória, Anngwyn sintetizou sua compreensão central: não existe trauma puramente individual. O trauma ultrapassa o diagnóstico psicodinâmico e deve ser compreendido como fenômeno relacional, histórico e coletivo, inscrito em sistemas humanos mais amplos.

Grandes forças históricas e a dimensão sistêmica do trauma

Na continuidade da exposição, Anngwyn St. Just aprofundou a compreensão do trauma como fenômeno relacional e histórico. Sustentou que um indivíduo traumatizado impacta todo o seu entorno, especialmente quando o trauma permanece não resolvido.

Segundo afirmou, essa condição compromete vínculos de confiança, intimidade e a própria capacidade de exercer funções parentais, com efeitos ampliados em contextos marcados por guerras, genocídios, revoluções e conflitos econômicos.

Anngwyn St. Just destacou que o trauma não resolvido é transmitido por gerações — realidade já reconhecida em narrativas históricas, literárias e artísticas, ainda que sob diferentes linguagens simbólicas, como a ideia de "maldição". Para ela, as dinâmicas permanecem as mesmas.

Ao retomar a reflexão de Bert Hellinger sobre as "grandes forças", enfatizou a necessidade de considerar o contexto histórico que molda indivíduos e sistemas.

Guerras, epidemias, colapsos econômicos, migrações, desastres naturais, incertezas políticas e até a radiação foram apontados como fatores estruturantes dos sistemas humanos. Ilustrou com a Peste Negra, que, ao dizimar grande parte da população europeia, provocou transformações socioeconômicas que contribuíram para o surgimento da classe média e do Renascimento. De modo análogo, citou a pandemia de Covid-19 como catalisadora de mudanças sociais globais.

Defendeu que especialistas em trauma devem investigar a história familiar ampliada do cliente — origem geográfica dos pais, motivos de migração, destinos daqueles que ficaram para trás e ordem de nascimento. Destacou descobertas recentes relacionadas à gestação múltipla e às tecnologias reprodutivas, ao observar que, segundo o trabalho das Constelações, embriões sobreviventes "sabem" das perdas ocorridas no sistema. Ao abordar a evolução do pensamento de Hellinger, ressaltou a centralidade do "campo de informações", ao qual os representantes nas Constelações se sintonizariam, ao trazer dados que ultrapassam o conhecimento racional imediato.

A partir dessa trajetória, reafirmou sua tese: o trauma não é estritamente individual nem meramente psicodinâmico. Trata-se de fenômeno sistêmico, inscrito em contextos históricos e coletivos que moldam gerações.

Formação em trauma sistêmico e centralidade histórica no treinamento

Em questionamento formulado pela psicóloga Anapaula Brum sobre a dinâmica do treinamento oferecido pela Trauma University, Anngwyn St. Just explicou que a estrutura on-line reproduz a lógica dos encontros presenciais.

Cada módulo parte de um tema central e articula momentos de consulta e trabalho prático. Recentemente, a formação passou a organizar-se em duas linhas de tempo: uma inteiramente teórica e outra dedicada à prática.

Esclareceu que não tem como objetivo ensinar técnicas de Constelação, área já amplamente contemplada por outros formadores. O foco está no trauma sistêmico, especialmente na inter-relação entre indivíduo e coletivo.

Ao retomar a noção das "grandes forças", Anngwyn St. Just afirmou que **muitos fatores históricos operam como pontos cegos nos sistemas familiares.** Exemplificou com **contextos nacionais**: na *Alemanha, a Segunda Guerra Mundial* e o *período pós-guerra*; na *América do Sul*, o *colonialismo*; na *Austrália*, a *colonização britânica* e os *impactos sobre populações originárias*



Mediadora Roseny Flávia Martins: diretora Científica do CECS enfatizou o compromisso institucional de sustentar o debate acadêmico e responder criticamente aos questionamentos dirigidos à abordagem



Mediador Marcelo Bertelli: médico com formação em pediatria, medicina psicossomática, práticas integrativas e complementares, Constelação Organizacional, análise transacional e terapia cognitivo-comportamental: atua no grupo científico do CECS



Malú Scardazzi Martins, responsável pela tradução simultânea do encontro: consteladora familiar e intérprete com ampla experiência em eventos internacionais especializados

Sustentou que compreender esses contextos é fundamental para o equilíbrio sistêmico, pois a história molda gerações.

Defendeu que profissionais das áreas de cuidado incorporem a investigação histórica ao seu trabalho clínico, a começar pela própria genealogia: datas de nascimento, eventos familiares marcantes, origens geográficas e destinos daqueles que ficaram para trás.

Ao atuar em países cuja história desconhece, afirmou realizar pesquisa prévia, sobretudo sobre períodos coloniais e pré-coloniais. Segundo concluiu, o estudo do trauma exige ampliação do olhar para além da psicologia individual, ao integrar contexto histórico e forças coletivas que estruturam os sistemas humanos.

Pandemia, forças históricas e polarização nos sistemas familiares

Sustentou que a pandemia de Covid-19 deve ser compreendida como uma das "grandes forças" catalisadoras de mudança social e que seus efeitos sistêmicos ainda se desdobram.

Argumentou que as medidas adotadas durante o período impactaram profundamente famílias, relações intergeracionais, educação e confiança institucional.

Relatou experiência conduzida na Austrália em que "Covid" foi posicionado como representante em Constelação; segundo descreveu, quando a "verdade" entrou no campo, o representante do vírus enfraqueceu.

Para Anngwyn St. Just, a **verdade atua como elemento regulador,** enquanto a **polarização amplia rupturas**. Destacou que **decisões associadas à pandemia produziram conflitos de lealdade** — entre *Estado e família* —, gerou **divisões em casamentos e sistemas familiares**

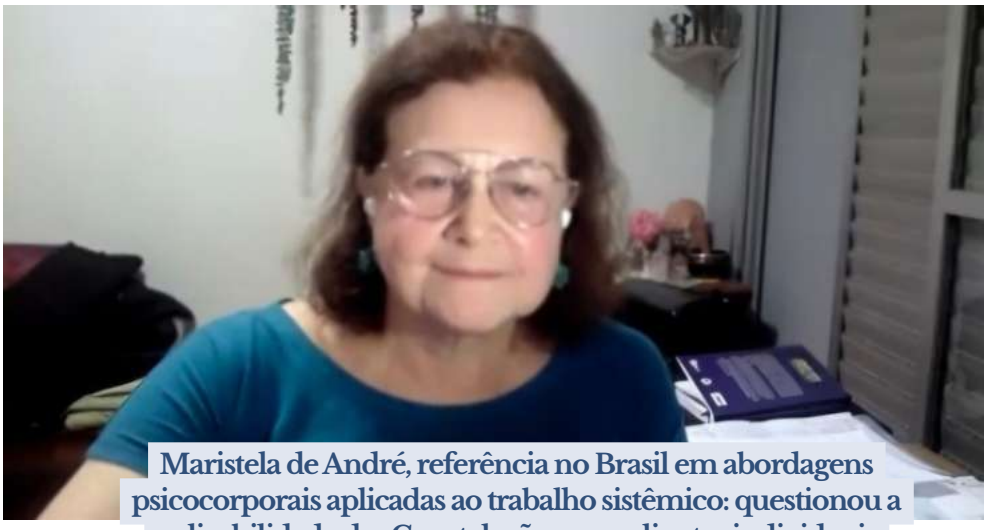
Observou que a intolerância às escolhas divergentes aprofundou fraturas ainda não curadas, com reflexos na confiança em instituições políticas e midiáticas. Sob perspectiva histórica, comparou a Covid-19 à Peste Negra como evento catalisador de transformações estruturais. Introduziu a imagem do "anjo da história" como recurso simbólico para ampliar a consciência diante de crises complexas. **(Texto original relativo à live com Anngwyn St. Just, PhD em traumatologia social com orientação sistêmica, no dia 17 de junho de 2025, e atualizado em 12 de fevereiro de 2026)**



O vice-presidente do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Ricardo Mendes, agradeceu a presença de Anngwyn St. Just e destacou a relevância da contribuição para o debate contemporâneo sobre as Constelações

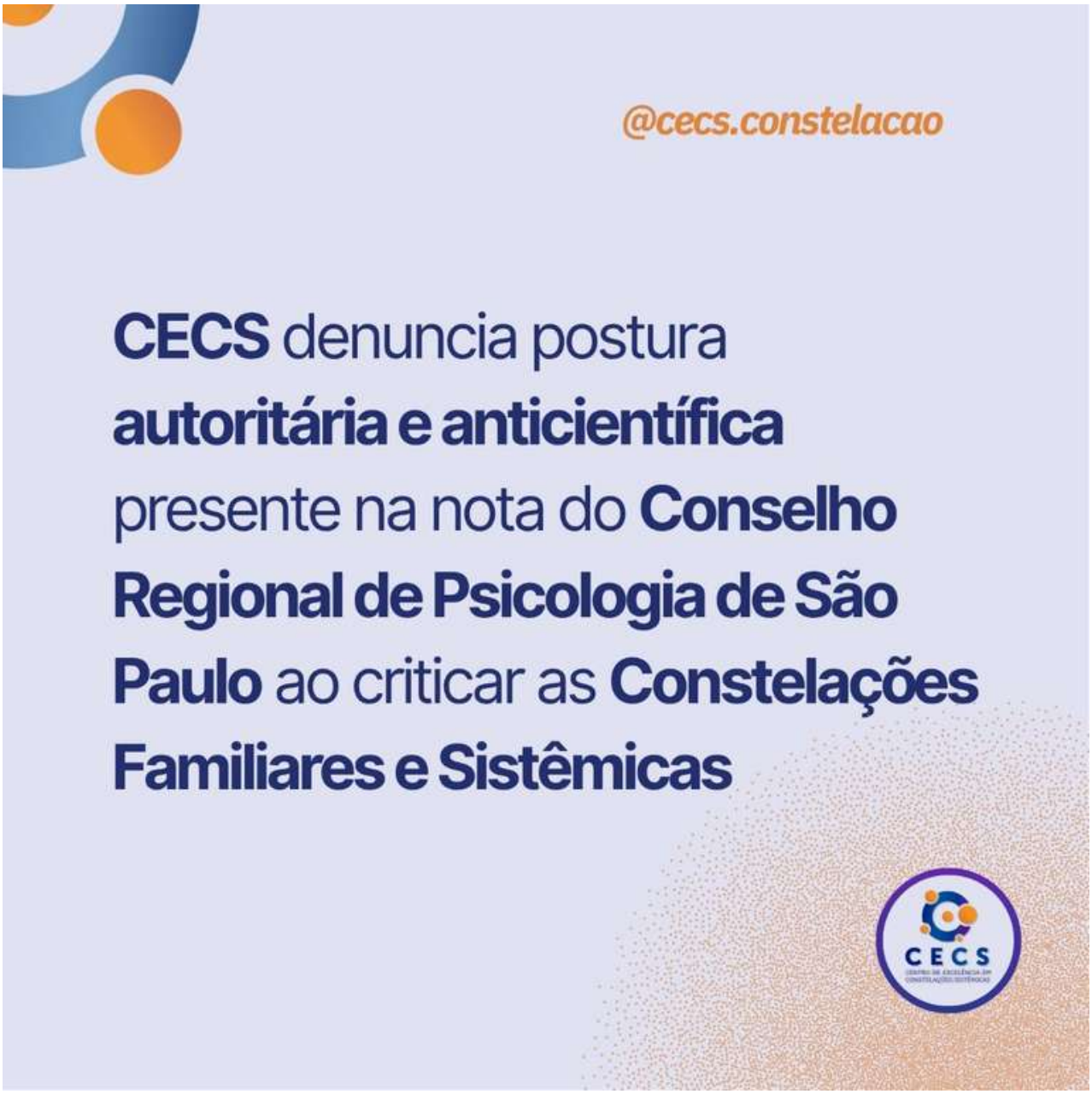


Psicóloga Anapaula Brum contribuiu com questionamento técnico sobre a estrutura formativa da Trauma University e a aplicação sistêmica na prática



Maristela de André, referência no Brasil em abordagens psicocorporais aplicadas ao trabalho sistêmico: questionou a aplicabilidade das Constelações para clientes individuais

CECS rebate nota do *Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP)*, publicada no Instagram em 12 de junho de 2025, que **condena o uso da abordagem por profissionais da área**



Os Conselhos Regionais de Psicologia não precisam temer o crescimento das Constelações Familiares e Sistêmicas no Brasil

Em publicação no dia 12 de junho de 2025 na rede social Instagram, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP) retomou a Nota Técnica nº 01/2023, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que condena o uso das Constelações Familiares e Sistêmicas por profissionais que atuam na área.

A Nota Técnica do CFP, no entanto, é duramente contestada por profissionais e entidades como o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), que denunciam a falta de fundamentos técnicos e legais no documento.

A Constelação Familiar Sistêmica é uma abordagem terapêutica simples e profunda, que conquista cada vez mais espaço no Brasil e no mundo.

Psicólogos, médicos, assistentes sociais, enfermeiros, advogados, juízes, consultores organizacionais e CEOs de empresas **buscam treinamentos em Constelações Sistêmicas por reconhecerem seu potencial em promover clareza emocional, resolução de conflitos e tomadas de decisão mais conscientes**

É uma prática complementar que dialoga com necessidades atuais e tem respaldo em formações sérias, experiências clínicas e institucionais. Neste sentido, os Conselhos Regionais de Psicologia não precisam temer o crescimento das Constelações Familiares e Sistêmicas no Brasil.

Resoluções e normativas: Resposta técnica à tentativa de deslegitimação das Constelações

O CRP SP reforça que "pressupostos teóricos da Constelação Familiar se mostram contrários a resoluções e outras normativas do Sistema Conselhos de Psicologia". A alegação não tem fundamento legal nem técnico. A Constelação não se propõe como substituta da psicologia, mas sim como uma abordagem complementar com raízes em teorias sistêmicas, fenomenológicas e transdisciplinares reconhecidas em diversas áreas do conhecimento.

Não há, até o momento, qualquer decisão judicial ou parecer técnico-científico que declare a prática das Constelações como ilegal ou antiética. Pelo contrário. A Portaria nº 702/2018 do Ministério da Saúde incorporou oficialmente a Constelação Familiar à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC), reconhecendo-a como uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS).

Mais de **25 mil atendimentos e sessões foram realizados no Sistema Único de Saúde (SUS),** voltados à **promoção da saúde emocional, mental e relacional das famílias atendidas.**

No sistema de justiça, a aplicação da abordagem nos tribunais brasileiros apresenta índices de acordo superiores a 90% nos casos submetidos às Constelações Sistêmicas, com ênfase em soluções humanizadas de conflitos e fortalecimento de dinâmicas familiares.

A Nota Técnica do CFP desconsidera esse contexto e não apresenta referências científicas para sustentar a crítica. Além disso, ignora o direito constitucional à liberdade de abordagens terapêuticas e à autonomia profissional quando aplicados fora do campo exclusivo da psicologia clínica.

O CRP SP insiste numa visão restritiva e desconectada da realidade vivida por inúmeros profissionais que atuam com ética, responsabilidade e resultados efetivos.

As Constelações não se subordinam à psicologia, muito menos mostram-se contrária às resoluções do CRP, pois são práticas interdisciplinares de ajuda.

Na Nota Técnica assinada por 123 psicólogos e psicólogas de todo o Brasil, o conteúdo aponta que as Constelações Familiares Sistêmicas não se sustentam no campo de conhecimento da psicologia. Estão fundamentadas em uma base multidisciplinar.

Além dos dados empíricos de aplicação prática, destaca-se o 'Mapa de Evidências Científicas: Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica', publicado em dezembro de 2024 pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin), em parceria com Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme)/Organização Pan-Americana da Saúde (Opas)/Organização Mundial da Saúde (OMS).

O Mapa de Evidências Científicas, primeiro do tipo no Brasil, analisou 16 estudos científicos, dos quais 90% dos desfechos indicaram efeitos positivos ou potencialmente positivos da Constelação Familiar e Sistêmica. (*Tenha acesso ao documento no site cecsbrasil.org.br).*

As **Constelações não afrontam o campo da psicologia**, mas *dialogam com ele de forma complementar, ética e transformadora*. **Rejeitar esse diálogo é limitar avanços legítimos em nome de uma visão reducionista** do cuidado humano

1."Justificativas para uso da violência": Imprecisão conceitual, distorção ética e acusação com viés ideológico

A afirmação de que "fundamentos teóricos da Constelação Familiar admitem explicações ou justificativas para o uso da violência como mecanismo de restabelecimento de hierarquia" é infundada e irresponsável.

Essa declaração publicada pelo CRP SP fere o princípio da boa-fé, atenta contra a pluralidade do cuidado, exibe viés ideológico e epistemológico incompatível com o rigor científico e o respeito institucional que se espera de um órgão representativo.

Os fundamentos da Constelação não legitimam hierarquias opressoras, nem responsabilizam vítimas. Na verdade, ética e epistemologicamente, a Constelação atua para revelar dinâmicas inconscientes que perpetuam sofrimento, inclusive ciclos de violência familiar. Por meio da consciência, promove movimentos de superação e cura.

Não há incentivo à culpa, mas **sim à reconciliação e à dignidade**. Reduzir a abordagem a uma *suposta apologia à violência* **distorce profundamente seus princípios e compromissos com a integridade humana**

2."Estados de sofrimento ou desorganização psíquica": Imputação sem qualquer base empírica, desprovida de responsabilidade ética

A afirmação de que sessões de Constelação Familiar "podem suscitar abrupta emergência de estados de sofrimento ou desorganização psíquica" é falaciosa, equivocada e absolutamente carente de embasamento científico.

Jamais foram apresentados, por parte dos Conselhos de Psicologia, casos concretos ou estudos clínicos que sustentem tal alegação. Trata-se de uma imputação grave, feita sem qualquer base empírica ou respaldo estatístico, desprovida de responsabilidade ética.

É inaceitável que se propague uma generalização dessa magnitude sem documentação técnica, sem levantamento de ocorrências, sem perícia, sem publicações indexadas ou relatos consistentes oriundos da prática profissional.

A ausência completa de comprovação revela um discurso movido mais por preconceito e desinformação do que por qualquer compromisso com a ciência ou com os direitos humanos.

A Constelação Sistêmica constitui uma ferramenta de apoio ao autoconhecimento e à *resolução de conflitos, sem substituir tratamentos médicos ou psicológicos*

Complementa abordagens interdisciplinares com respeito e cuidado. O efeito de cada experiência é vivido individualmente e os resultados acontecem no que é possível para cada pessoa e para cada sistema.

Portanto, insistir na difusão de um risco nunca demonstrado é não apenas uma atitude irresponsável: é um desserviço ao debate plural e honesto sobre práticas integrativas no campo do cuidado humano.

3."Transmissão aberta das sessões": Consensualidade, natureza pública e autonomia dos participantes

"As Constelações Familiares muitas vezes são realizadas com a transmissão aberta das sessões, até mesmo on-line – conduta incompatível com o sigilo profissional, conforme dispõe o Código de Ética da Psicologia".

A precipitada distorção contida na mensagem, de violação de sigilo profissional, ignora a natureza pública e consensual das Constelações. As Constelações Sistêmicas são processos fenomenológicos e vivenciais, e não sessões psicológicas.

Não existe diagnóstico nem intervenção terapêutica no âmbito da psicologia. Portanto, o Código de Ética dos Psicólogos, desenhado para profissionais da área, não se aplica automaticamente a essa modalidade — o que reforça o argumento legal da ação judicial em curso.

Diferentemente de atendimentos clínicos sigilosos, a prática da Constelação, especialmente em grupo, ocorre com pleno consentimento dos participantes e em espaços apropriados para vivências coletivas, sem violar privacidade ou expor dados sensíveis indevidamente.

A transmissão on-line — caso ocorra — é feita com autorização formal e consciente, em profundo respeito à autonomia individual.

É *um grande equívoco* aplicar o Código de Ética da Psicologia a práticas que não se propõem como atendimento psicológico

Transmissões públicas reforçam a abordagem educativa e empoderadora das Constelações, ao democratizar o acesso ao autoconhecimento e ao ampliar a escuta. Além de contribuir para o fortalecimento da prática, esse formato segue protocolos rigorosos de formação, supervisão, proteção de direitos e confidencialidade. A ética nas Constelações se pauta pelo respeito, escuta e não julgamento, valores que também resguardam a dignidade e integridade dos participantes.

Reconhecimento por parte de entidades reguladoras

A crítica do CFP à transmissão on-line de sessões de Constelação ignora um aspecto fundamental do cenário atual: o uso de plataformas digitais nos atendimentos psicológicos e terapêuticos é uma realidade consolidada e reconhecida por diversas entidades reguladoras.

Desde a pandemia de Covid-19, o atendimento remoto não apenas foi regulamentado, como passou a ser amplamente incentivado por conselhos profissionais, inclusive os de Psicologia e Medicina, justamente como forma de ampliar o acesso aos cuidados de saúde mental em regiões geográficas mais distantes ou com carência de serviços especializados.

É evidente que qualquer prática terapêutica — seja ela psicológica, médica, educacional ou integrativa — deve seguir padrões éticos, sobretudo no que diz respeito ao sigilo e à proteção da intimidade dos atendidos. No entanto, afirmar que a utilização da internet ou de recursos audiovisuais caracteriza, por si só, uma violação ética, é uma generalização imprópria.

O que **precisa ser combatido são condutas específicas que desrespeitam o consentimento ou expõem indevidamente o participante** — *e não a ferramenta tecnológica em si*

A internet, usada com responsabilidade, é um canal legítimo de democratização do cuidado, do conhecimento e do acolhimento.

Desqualificar esse meio sem considerar seu potencial ético, seguro e transformador é retroceder em avanços fundamentais na promoção da saúde e da equidade.

4."Assujeitamento frente aos genitores": A Constelação não propõe subserviência, mas sim o reconhecimento do lugar de cada membro no sistema familiar

A afirmação de que as "bases teóricas da Constelação Familiar consagram uma leitura acerca do lugar da infância e da juventude marcado por um viés de naturalização da ausência de direitos e de assujeitamento frente aos genitores – o que conflita com normativas dos Conselhos de Psicologia e do próprio ECA" é absurda, desarrazoada e destituída de respaldo acadêmico.

Tal acusação ignora os princípios centrais da abordagem sistêmica, que valoriza, sobretudo, a dignidade e autonomia dos sujeitos — incluindo crianças e adolescentes. É inaceitável a acusação de que a Constelação Familiar nega direitos ou subjuga crianças e adolescentes.

A **abordagem sistêmica não propõe subserviência**, mas sim o **reconhecimento do lugar de cada membro no sistema familiar** como *parte essencial da ordem e da harmonia relacional*

Em momento algum a prática nega os direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Pelo contrário, promove o respeito à criança como sujeito de dignidade, amplia a escuta e o entendimento sobre vínculos familiares.

Reduzir a complexidade das Constelações a um suposto assujeitamento ignora o contexto terapêutico simbólico da abordagem e sua contribuição para a ressignificação de conflitos intergeracionais de forma respeitosa e não impositiva.

As Constelações Sistêmicas não promovem assujeitamento, mas sim o reconhecimento profundo dos vínculos e pertencimentos familiares como base para o desenvolvimento da autonomia e da saúde relacional.

A reprodução da crítica infundada, ao afirmar que a abordagem promove a naturalização da ausência de direitos ou submissão infantil, revela um equívoco conceitual.

A abordagem sistêmica fenomenológica, conforme desenvolvida por Bert Hellinger e aprofundada por diversos autores contemporâneos, reconhece o valor do lugar de cada membro na estrutura familiar sem jamais justificar abusos, negligências ou desrespeito a direitos fundamentais.

Ao contrário, a abordagem busca trazer à luz dinâmicas ocultas que, muitas vezes, perpetuam sofrimento silencioso ou desordens relacionais, justamente com o objetivo de restabelecer equilíbrio, dignidade e segurança nos vínculos. Não se trata de submeter a criança aos pais de forma autoritária, mas de trabalhar a reconexão com a origem, para que os filhos possam se fortalecer emocionalmente e construir sua própria trajetória com mais leveza.

As Ordens do Amor — pertencimento, hierarquia e equilíbrio —, quando bem compreendidas, não eliminam a liberdade ou os direitos do sujeito, mas oferecem uma base simbólica de estruturação psíquica saudável, em consonância com princípios humanistas.

Portanto, afirmar que a Constelação nega os direitos da infância ou conflita com o ECA é uma leitura descontextualizada, que ignora a finalidade terapêutica da abordagem e o seu compromisso com a dignidade e o bem-estar dos envolvidos.

5."Diretrizes normativas sobre gênero e sexualidade": A Constelação parte da restauração de vínculos afetivos rompidos, em respeito profundo às escolhas e contextos de cada pessoa

A afirmação de que a "prática da Constelação Familiar viola as diretrizes normativas sobre gênero e sexualidade consolidadas pelo CFP" é grave, infundada e reflete um juízo enviesado, não sustentado por dados empíricos nem por análise honesta da prática sistêmica.

A Constelação não é uma abordagem clínica da psicologia, nem se propõe a substituir tratamentos terapêuticos convencionais. Trata-se de uma prática integrativa de caráter fenomenológico, centrada no campo relacional, na ampliação de consciência e no respeito às experiências subjetivas do indivíduo.

É igualmente inaceitável a acusação de que a abordagem "reproduz conceitos patologizantes das identidades de gênero, das orientações sexuais, das masculinidades e feminilidades que fogem ao padrão hegemônico".

Nenhum dos princípios da Constelação autoriza a patologização de identidades, orientações sexuais ou expressões de gênero.

Não há, em sua literatura, fundamentos que promovam exclusão, preconceito ou enquadramento de indivíduos em padrões hegemônicos.

A Constelação parte da escuta respeitosa, da observação de dinâmicas transgeracionais e da restauração de vínculos afetivos rompidos, *em respeito profundo às escolhas e contextos de cada pessoa*

A acusação extrapola sua competência institucional e, ao fazer isso, compromete a ética do próprio exercício do Conselho, ao disseminar informações incorretas sobre práticas reconhecidas em políticas públicas e respaldadas por portarias do Ministério da Saúde e do Conselho Nacional de Justiça.

Além disso, não existe qualquer evidência objetiva de que a Constelação reproduza padrões excludentes sobre masculinidades, feminilidades ou sexualidades dissidentes. O que existe é o uso político de acusações genéricas sem comprovação científica ou análise crítica qualificada.

A responsabilidade pública de um Conselho de classe exige rigor, seriedade e compromisso com a verdade.

Acusações dessa natureza apenas alimentam o preconceito institucional contra práticas integrativas, dificultam o avanço do diálogo interdisciplinar e violam os princípios do pluralismo e da escuta democrática que deveriam orientar qualquer órgão de classe.

A Constelação como abordagem restaurativa dos Direitos Humanos

A Constelação Sistêmica não é apenas uma abordagem terapêutica: é uma ontologia da escuta. Seu foco não é interpretar ou diagnosticar, mas criar um espaço de presença e revelação, onde as vozes silenciadas — inclusive as transgeracionais — possam emergir.

Essa escuta radical rompe com o narcisismo do saber técnico unilateral e reconhece que todo sofrimento tem raízes relacionais.

Em vez de impor categorias, a Constelação ouve o que se apresenta, respeita o ritmo, o silêncio e a complexidade do outro.

O que se revela no campo fenomenológico é sempre mais profundo que qualquer julgamento. Assim, a Constelação se torna um exercício de ética viva.

Onde a psicologia muitas vezes busca explicar, a Constelação busca compreender

A Constelação Familiar opera a partir de uma ética do reconhecimento, não da exclusão. Seu princípio é restaurativo: trabalha para reintegrar os que foram marginalizados, esquecidos, culpabilizados ou excluídos das histórias familiares e sociais.

Ao *oferecer pertencimento e dignidade até aos mais rejeitados*, a **Constelação promove justiça no sentido mais profundo**: *aquele que devolve humanidade a todos os envolvidos*. É, portanto, **uma das mais potentes dinâmicas contemporâneas de promoção dos direitos humanos**, especialmente em contextos de vulnerabilidade, violência e desigualdade

Sua missão não é normatizar, mas restaurar o vínculo. Não impõe diagnósticos, mas acolhe histórias, dores e silêncios com radical respeito. Onde a psicologia muitas vezes busca explicar, a Constelação busca compreender. É esse silêncio atento e inclusivo que a torna uma das formas mais potentes de cuidado relacional.

Em pleno século XXI, emerge a intolerável posição de inquisidor

É profundamente lamentável testemunhar que o Conselho Federal de Psicologia — instância que deveria zelar pelo avanço plural do saber e pela escuta ética do humano — se coloque, em pleno século XXI, na posição de inquisidor.

O eco simbólico dessa postura nos remete às sombras da Idade Média, onde **o medo do novo sufocava o florescimento da consciência**

Ao invés de fomentar o diálogo, o CFP opta por levantar um tribunal de sentenças sobre práticas que emergem justamente do desejo de acolher o sofrimento humano com novos olhares. **(Texto publicado no dia 23 de junho de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**

O futuro das práticas de cuidado não se constrói com muros, mas com pontes. Que o *tempo, a ciência e a compaixão revelem o que a rigidez ainda não consegue ver*



‘O Despertar do Amor Sistêmico’, de **Ingra Lyberato:** uma jornada entre *consciência, arte, ciência e espiritualidade*

No **terceiro Projeto Autoria do CECS,** pensamento **expandido da atriz e consteladora mergulha na prática terapêutica para mapear fronteiras.** “*Escrevi para aqueles que deixaram de acreditar nas promessas de felicidade que nunca se cumprem e estão prontos para pegar as rédeas da própria vida*”, afirma. Mediadora Yolanda Freire define livro como *jornada de individuação*. **Terapeuta Claudina Ramírez celebra neutralidade sistêmica da autora** que voa alto. Mãe da escritora, **Alba Liberato exalta “conversão da fama em saber e influência profunda”**



Live do terceiro Projeto Autoria, promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas no dia 25 de junho de 2025 com a atriz, escritora e consteladora Ingra Lyberato: reflexões sobre o novo livro 'O Despertar do Amor Sistêmico', integração entre saber, experiência e ancestralidade

A atriz, escritora e consteladora Ingra Lyberato protagonizou mais uma edição do Projeto Autoria, promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), por meio da Diretoria de Fundamentos e Teoria, no dia 25 de junho de 2025, oportunidade em que apresentou o terceiro livro de sua autoria: 'O Despertar do Amor Sistêmico'.

Em uma travessia entre arte, espiritualidade, psicologia e ciência, o encontro revelou a sensibilidade da obra: um tratado sobre percepção, ancestralidade, reconciliação e transformação. "Ela pode dizer: Esta é minha verdade e respeito a sua", destacou a professora Claudina Ramírez, referência na formação terapêutica, ao exaltar a integridade ética e criativa da autora.

Alba Regina Liberato, mãe da escritora, celebrou a conversão da fama em sabedoria. A educadora e terapeuta Selma Horta abordou o tema da experiência corporal e fenomenológica na arte. O encontro, realizado pela plataforma Zoom, teve a mediação da psicóloga e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, que abriu o evento ao sublinhar a importância do Projeto Autoria como espaço de articulação teórica e partilha entre consteladores. Ela definiu a obra como uma jornada de individuação. No livro, publicado pela Maquinaria Editorial, com linguagem sensível, clara e reflexiva, Ingra propõe uma jornada de reconexão com o amor essencial e oferece exercícios práticos e provocações terapêuticas.

"Escrevi para aqueles que deixaram de acreditar nas promessas de felicidade que nunca se cumprem e estão prontos para pegar as rédeas da própria vida", afirma a escritora, ao refletir sobre o esgotamento do "modo automático de viver".

Em suas páginas, *Constelação Familiar, Arte e Xamanismo* **se entrelaçam**, apontam **caminhos de reconciliação** com as **raízes e com a verdade interior**

"O Projeto Autoria é sustentado pela troca e partilha entre o grupo de trabalho de fundamentação teórica, formado por associados que vêm se debruçando sobre os conteúdos que dão sustentação à prática sistêmica", afirmou Yolanda Freire. Segundo ela, a proposta do projeto não se limita a dar visibilidade aos livros de consteladores associados, mas também visa integrar novos participantes e promover encontros com experiências autorais significativas.

Na abertura, a mediadora destacou o caráter simbólico do evento, ao reconhecer o esforço coletivo de toda a diretoria do CECS e o apoio constante da presidente Dagmar Ramos e do vice-presidente da instituição, Ricardo Mendes.

"É uma alegria **trazer o olhar da Ingra**, com um livro que é *muito especial*. Nele, vemos sua **trajetória como atriz e consteladora**, mas, sobretudo, o **compromisso com a ampliação da consciência** por meio de *uma linguagem acessível e profunda*" **(Yolanda Freire)**

Em tom emocionado, ela celebrou o livro como um presente à comunidade sistêmica. "Você convoca as pessoas para um olhar diferente, até para aquelas que já passaram por experiências com constelação, mas ainda não compreenderam a dinâmica. Isso é muito generoso", destacou. "Ingra, querida, nos desperte mais um pouquinho. A palavra está com você", disse.



O nascimento de 'O Despertar do Amor Sistêmico'

Ingra Lyberato iniciou a apresentação no Projeto Autoria com uma declaração de humildade e reverência: "Para mim é uma grande honra ocupar esse lugar, com reverência a cada pessoa aqui presente". Ela compartilhou o percurso que a conduziu à escrita de 'O Despertar do Amor Sistêmico', ao destacar a transição das artes cênicas para o estudo profundo das Constelações Familiares e Sistêmicas.

Relatou o medo visceral da exposição e a timidez que marcaram a infância e a juventude, antes de se tornar atriz. Seu primeiro livro, 'O Medo do Sucesso', surgiu como um processo de autocura e uma profunda autoanálise aos 50 anos, uma verdadeira catarse de enfrentamento das próprias fragilidades. A partir dessa obra, iniciou-se o processo transformador que a impulsionou para formações em terapias e psicologia, como a Ecopsicologia.

Criada em um ambiente familiar de intensa conexão com a natureza e espiritualidade, destacou a influência dos pais artistas e a formação não convencional. Sem televisão até os 12 anos, foi exposta às obras do psiquiatra e analista suíço Carl Gustav Jung e a filmes vanguardistas. "Arte, cotidiano e espiritualidade eram uma coisa só", afirmou.

Ingra relembrou a profunda influência da consteladora Cida Rabelo e a série de experiências vividas nos campos sistêmicos desde os anos 1990, com forte contato com os ensinamentos do criador Bert Hellinger. Reconheceu a seriedade da Constelação Familiar e Sistêmica e sua resistência inicial em assumir o papel de consteladora.

Destacou a formação com a professora Claudina Ramírez em Salvador e a experiência impactante da primeira Constelação facilitada, que gerou uma "libertação profunda da ilusão do controle". Essa experiência marcou a entrega de corpo e alma ao campo da abordagem.



A atriz, escritora e facilitadora sistêmica Ingra Lyberato durante terceiro Projeto Autoria defende linguagem que combine arte, ciência, cotidiano e espiritualidade: "Quanto mais a gente aprofunda nossas raízes, mais sustenta esse outro lugar de percepção diferenciada"

Sobre o livro, **Ingra Lyberato relatou o desafio de traduzir em palavras um fenômeno tão intangível e multidimensional**. O processo levou quatro anos, **impulsionado por um pedido de seu empresário para explicar, de forma clara e acessível, o que é Constelação Familiar e Sistêmica.** *"A ideia é que pessoas que não conhecem a abordagem possam entender"*, afirmou

No livro, Ingra apresenta um raciocínio didático e exemplos da própria vida, além de experiências com clientes a partir da preservação do sigilo. Integra arte, espiritualidade, xamanismo e ciência. Inspirada no biólogo britânico Rupert Sheldrake, revisita conceitos como campo mórfico e propõe distinções entre campos de repetição e movimentos de inovação, vinculando-os à evolução e ao papel essencial das Constelações Familiares e Sistêmicas como trampolim para transcender padrões. "Esse livro é um compartilhamento da minha experiência, com base na entrega, na observação e no respeito profundo ao campo e à alma humana", pontuou.

Leitura corporal e expansão da consciência no processo de facilitação sistêmica

A mediadora, psicóloga e consteladora Yolanda Freire, destacou o livro como uma jornada de individuação.

Para ela, trata-se de um processo simultâneo de aprofundamento e expansão de consciência.

Segundo avalia, o livro evidencia uma trajetória de diferenciação de uma consciência experiencial que escolhe o próprio caminho.

CECS

Yolanda Freire sublinhou a seriedade do trabalho terapêutico apresentado e o **preparo pessoal** envolvido. Ressaltou que **ser facilitador exige mais do que compreender dinâmicas individuais: requer aprofundamento da percepção**. A *experiência corporal de Ingra*, oriunda da dança, contribui para esse processo ao **transformar o corpo em antena perceptiva para o campo informacional**

Ao longo do livro, Ingra mostra como o corpo traduz sensações, sentimentos e percepções que não pertencem ao repertório individual. Há um trabalho de escuta do campo que se manifesta por meio de sinais, dores, olhares, posturas e emoções. Para Yolanda Freire, isso revela a importância da postura fenomenológica e da percepção diferenciada que o facilitador precisa desenvolver.

Ela também ressaltou a presença de um conteúdo técnico e ao mesmo tempo intuitivo. A função intuitiva descrita por Jung e observações da física contemporânea já reconhecem essa competência humana de captar sinais e decodificá-los sem racionalização direta. A Constelação, nesse contexto, não busca resolver problemas de forma linear, mas promover a expansão de consciência, destacou Yolanda.

A mediadora enfatizou que o livro apresenta um passo a passo preciso sobre como facilitar o processo. Aborda conceitos como liberação, inovação e o rompimento com padrões repetitivos, sempre com o objetivo de não apenas evitar emaranhamentos, mas evoluir. “Ingra traz uma visão clara sobre as máscaras, a persona, e os aspectos masculino e feminino internos, conduzindo à compreensão profunda da Constelação Familiar e Sistêmica como ritualística de transformação”, apontou.

“É o que vemos em Jung ao descrever a função intuitiva: uma escuta sutil que permite captar sinais e decodificá-los. A física contemporânea também começa a abordar essa competência humana. “Assim, Ingra apresenta o compromisso de não permanecer emaranhada, mas de evoluir.

“Você fala de consciência, liberação e inovação, e expõe, ponto a ponto, esse movimento de avanço. O que, afinal, se libera? Ao abordar o ato de soltar as máscaras, sair da persona, aprofundar no autoconhecimento e olhar para as forças femininas e masculinas internas, você revela com precisão um processo de expansão da consciência”, analisou.

Para Yolanda, o livro revela também o modo como a Constelação, enquanto ritualística de processo, pode ser descrita com clareza. “Você vai dizendo como é que você faz esse passo a passo, que é muito importante para quem tentar entender o que acontece”, disse.

Yolana Freire enfatizou a dimensão biológica dessa percepção. “É humana, mas também animal. Animais, mesmo a quilômetros de distância, percebem o que ocorre. Movem-se para se aproximar, afastar ou simplesmente esperar o tempo certo. Nós, humanos, também possuímos essa competência — uma capacidade que assusta, pois escapa ao controle racional”, pontuou.

Segundo a mediadora, essa competência permite acessar informações e uma sabedoria interna. “Quem facilita a Constelação está ali a trazer o diálogo possível entre o inconsciente e aquela consciência que se coloca em atendimento”, afirmou.

Ela destacou ainda o efeito coletivo do processo. “Você mostra como todos se beneficiam durante uma Constelação. Essa dimensão humana, natural e presente, também pode ser chamada de espiritual ou extrassensorial — e você consegue nomeá-la com precisão e profundidade”, explicou



A psicóloga e diretora de Fundamentos Teóricos do CECS Yolanda Freire foi a mediadora do encontro: “Você fala de consciência, liberação e inovação. Mostra esses passos ponto a ponto no livro”

CECS

A ciência dos campos e a alma como matriz do movimento evolutivo

Ingra Lyberato abordou as possíveis interpretações místicas do seu trabalho. “Talvez a minha postura pareça, para muitas pessoas, mística, porque eu falo desse chamado do Universo. Mas isso tudo também tem uma base científica muito forte que está no livro.” Explicou que o uso do termo “chamado” remete à sincronicidade descrita por Jung. “Vejo um caminho todo marcado, com uma percepção fina dos sinais. Meu coração responde ou se fecha. Há uma auto-observação constante nesses processos.”

Declarou-se de natureza científica: “Quero entender.” Por isso, participou de um curso com Rupert Sheldrake, com quem teve aulas gravadas e encontros ao vivo: “Falo dele há mais de 20 anos”. Com base no curso, esclareceu que o campo mórfico, ao contrário do que se divulgava, não libera o novo. “O campo mórfico é só de repetição.” Citou o exemplo do centésimo macaco. “O próprio Rupert disse: essa experiência nunca aconteceu. É um exercício imaginativo.” A partir dessa distinção, reconheceu a necessidade de nomear uma nova dimensão: “Ok, existe o campo de repetição, mas há também uma força que impulsiona o movimento. Essa força é a alma — no livro, chamo de campo psíquico.”

Indicou que a própria ciência usou o termo alma para esses campos de informação, mas evitou a palavra por seu vínculo com a espiritualidade. “Resolveram chamar de campo. Mas é egrégora, é alma, é a mesma coisa.”

(Egrégora é uma força espiritual ou energia coletiva criada pela interação de pensamentos, sentimentos e intenções de um grupo de pessoas).

Concluiu que a evolução se baseia no equilíbrio entre dois movimentos: repetição e inovação.

“Nesse campo que rege uma espécie ou grupo, existe o campo mórfico da repetição e existe um outro movimento que pede inovação. A ciência da biologia aponta que a evolução depende desses dois vetores” (Ingra Lyberato)

A Constelação como biotecnologia orgânica de captação do campo de informação

Ingra Lyberato prosseguiu com a abordagem ao destacar a dimensão ancestral e biológica da percepção humana. “Carrega no nosso inconsciente arcaico todo o registro da história da humanidade e da natureza”, afirmou.

Com base na ecopsicologia, mencionou que há milhares de pesquisas que indicam como a biotecnologia fisiológica humana foi moldada pelos reinos animal, vegetal e mineral. “Nós temos tudo isso no nosso ser”, declarou.

Sublinhou a importância da Constelação como instrumento de orientação e expansão. “É importante lembrar o poder, a seta de futuro que a abordagem nos traz.”

Relatou que acompanha aulas de cientistas, neurocientistas e físicos, e apontou uma constatação comum entre os que trabalham com ciência de fronteira: “Hoje a ciência explica 5% do universo. 95% não é medível pelos aparelhos de laboratório, nem pelos telescópios mais potentes.”

Citou o médico Sérgio Felipe, pioneiro no estudo da glândula pineal, que questiona como perceber os 95% restantes do universo. Segundo ele, será preciso recorrer a uma tecnologia que não depende de máquinas nem computadores.

Para Ingra, esse é o ponto de convergência com a Constelação. “Nós somos essa biotecnologia de ponta, orgânica, de captação de campo”, afirmou. E concluiu com convicção: “A Constelação ainda vai crescer muito nesse sentido da ciência também.”

A escuta do campo e a humildade diante do inconsciente

A mediadora Yolanda Freire retomou a fala com uma crítica à predominância da mente racional na compreensão da consciência humana.

“Isso ainda revela uma falta de humildade diante do todo que somos”, afirmou.

Segundo ela, a formação do neocórtex consolidou a ideia de supremacia da inteligência mental sobre outras formas de saber, como a corporal, a emocional e a espiritual.

Referindo-se ao conteúdo do livro de Ingra Lyberato, a mediadora **Yolanda Freire** observou: **“Você aborda a inteligência do corpo, das emoções e aquilo que hoje se reconhece como espiritual, por estar conectada ao sutil”**

Yolanda mencionou o conceito junguiano do diálogo entre Ego - Self e destacou a importância de reverência ao inconsciente como instância dotada de ordem e sabedoria próprias.

“Da mesma forma, você fala da inteligência do todo. Jung também afirma que as sincronicidades se manifestam no coletivo, não apenas no interior do indivíduo”, acrescentou.

Para ela, essas conexões surgem da interação entre sujeito e campo, por meio de percepção refinada capaz de captar o tempo, o espaço e a narrativa oculta em cada posição numa Constelação.

Yolanda sublinhou o papel essencial do facilitador: “Você descreve esse caminho de tradução entre os sinais e a configuração que envolve quem conduz.” Ressaltou que preparo técnico e sensibilidade afinada são indispensáveis. “Sem canais de percepção desenvolvidos e sem capacidade de escuta e diálogo com o inconsciente, o trabalho fica limitado.”

Alertou para os perigos das projeções: “É fácil projetar o que penso, o que acho, o que sinto.” E elogiou a abordagem de Ingra, que propõe escuta fundamentada no respeito: “Coragem não é fazer tudo o que nos atravessa. Existe um lugar de reverência. E quem estabelece a medida é a informação que chega.” Fez, ainda, uma observação sobre a ética da prática sistêmica: “Os bons consteladores dizem: ‘Isso me parece?’, ‘Isso me indica?’ E quem responde é o movimento, o representante, o campo.” Para ela, Ingra revela na obra essa disposição ao diálogo entre o eu e uma consciência maior. “E isso não é fantasia.”

Aprendizado e escuta ativa como pilares da prática terapêutica sistêmica

Yolanda Freire destacou o caráter pedagógico das experiências descritas no livro de Ingra Lyberato. “Confirma-se, suaviza-se, as pessoas emocionam-se, sinalizam leveza. Cada experiência relatada constitui ensinagem. Isso mostra o caminho da liberação em curso”, declarou.

Para ela, o valor reside na postura de escuta e na qualidade do processo: “Atingimos o êxito quando ouvimos de verdade.”

Yolanda exaltou a humildade metodológica de Ingra: “Você revela camadas e aberturas para estabelecer diálogo com o campo presente.” Ela ressaltou a multiplicidade de abordagens integradas: “Ao incorporar TSFI, xamanismo e música, surgem convites sensíveis.”

Destacou que esses elementos ampliam a sensibilidade do facilitador: “Quem constela aprimora-se nas afinidades e nas sensibilidades próprias.” Para Yolanda, esse percurso exige atenção interior: “Você relata o quanto se percebeu nesse processo, recursos que permitiram avançar.”

Ela observou que a repetição não ocorre de forma fixa: “O fenômeno repete-se, porém em instâncias que propiciam inovação e liberação.” A mediadora também sublinhou a abordagem do pertencimento apresentada no livro.

Ela sintetizou com clareza: “Participo a partir da inovação, pois isso também representa a expectativa do meu sistema.”

O corpo como canal de consciência e transformação nas Constelações Familiares e Sistêmicas

Ingra Lyberato trouxe uma reflexão sobre o impulso natural por mudança. “A própria natureza nos pede para fazer diferente, para dar um novo passo”, afirmou. Ampliar a percepção não implica deixar de honrar o passado, mas sim expandir o olhar. “Não é o meu pai e a minha mãe. Tem um pai e uma mãe maior, a própria existência.” Reforçou que a escolha dos termos — “Deus”, “inteligência maior” ou “plano maior” — não limita. “Fico trazendo todos esses nomes para as pessoas se identificarem.”

Comentou que o processo de escrita exigiu cortes significativos. “Esse livro está com quase 300 páginas, mas tive que cortar muita coisa. A editora disse: ‘Ingra, entrega, e começa outro, por favor’, porque já passava de 400.”

Cada pessoa carrega e desenvolve ferramentas próprias. Citou Caetano Veloso: “A vida me deu, a Bahia me deu régua e compasso”, para ilustrar como experiências corporais e artísticas se entrelaçam com as bases da Constelação Familiar e Sistêmica. Lembrou que Bert Hellinger iniciou a prática a partir da terapia primal.

"Construiu uma sala toda protegida para terapia primal, e só depois começou a desenvolver a Constelação da maneira como está hoje", ressaltou.

A Constelação nasce do corpo, não de gestos mecânicos. "Não é só um corpo que dá um passo para frente, outro para trás, ou para o lado. Vem de um corpo que sente."

Destacou a importância da liberdade para expressão corporal como meio de acessar conteúdos profundos. "O trauma está no corpo. Ele é o inconsciente materializado."

Desde a formação em dança, compreendeu que "os traumas precisam ser tocados e liberados vibracionalmente".

Nem toda Constelação apresenta essa intensidade, mas há casos com manifestações físicas inevitáveis. "Pode ser só um uivo, ou um soco em um saco de boxe."

Relatou uma vivência durante a formação com Claudina: "Na casa dela, havia um saco de boxe na varanda. Às vezes a pessoa precisa expressar aquilo."

Por fim, mencionou o papel da música, trazido por Alexandra Caymmi, suíço-brasileira, psicopedagoga e psicoterapeuta, criadora da TSFI – Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa. "Ela incorpora a música como parte do processo de transformação da vibração no campo. Vai direto ao coração. Realmente transforma."

A expressão ancestral e espiritual na Constelação Familiar e Sistêmica

Ingra Lyberato aprofundou a discussão sobre a diversidade de abordagens dentro das Constelações Familiares e Sistêmicas, ao destacar a importância do silêncio, do movimento e da autenticidade de cada facilitador.

"Venho da Constelação clássica. Acho que o silêncio é fundamental. Precisa de silêncio, precisa do movimento", afirmou. Para ela, cada constelador traz um dom pessoal ao processo. Citou Claudina como exemplo: "A constelação dela tem muita música. Meu Deus, só ela consegue fazer isso desse jeito."

Relatou a precisão com que Claudina combina palavras, melodias e o campo que se forma na Constelação. "Ela intui a música. Cada palavra representa o campo que acontece ali".

Ingra explicou que **sua prática na TSFI envolve musicoterapia e traumoterapia**, com **espaço ampliado para expressão corporal.** Em sua trajetória, a música surge de forma diferente: **"Tenho experiência no xamanismo. Conheço profundamente hinos espirituais que chegaram para tocar a pessoa de uma maneira que às vezes nem ela mesmo entende como a transformação aconteceu"**

Descreveu esses cantos como alquimia, forças naturais que se movem e provocam transformações internas: "A pessoa nem sabe por que, mas aquilo liberou algo. Sons ancestrais, que tocam o coração e despertam conexão com o planeta."

Alertou para manifestações mais intensas nas sessões de Constelação. "Vejo pessoas que não sabem o que fazer diante de uma manifestação mais intensa. Acho que cada um tem que saber o que dá conta, mas talvez seja interessante se preparar."

Defendeu que as formações incluam preparação específica para lidar com essas situações. Relatou uma vivência marcada pela repressão religiosa vivida por uma ancestral afrodescendente. "Facilitei uma Constelação em que o grande trauma do sistema era a supressão da expressão espiritual dessa antepassada. E, naquele momento, era isso que precisava emergir."

Reforçou a importância de não se assustar diante de manifestações semelhantes à incorporação: "Não estamos em um terreiro, nem em uma igreja. Trata-se de um trabalho terapêutico. Mas pode, sim, ocorrer uma manifestação. E isso também é Constelação".

Ela avançou na exposição ao enfatizar o papel da Constelação Familiar e Sistêmica como um espaço de acolhimento profundo das ancestralidades, especialmente daquelas ligadas a expressões religiosas e espirituais. "Tudo pode vir à tona para ser liberado, visto e abençoado", afirmou. Para ela, o processo exige abertura de coração, inclusão e, sobretudo, respeito e humildade.

A facilitadora rejeitou qualquer protagonismo individual no processo. "Se eu acreditasse que sou eu que estou produzindo alguma coisa ali, ficaria muito pesado para mim", declarou. Disse sentir leveza e coragem justamente por não se considerar autora dos movimentos: "Não crio teorias ou soluções para os representantes."

Descreveu o trabalho como uma escuta ativa do campo e das manifestações que surgem. "Pergunto, o representante fala: 'estou com medo, estou com muito medo'. Dali vem uma frase para traduzir isso que ele já sente."

Quando o participante se sente seguro para atravessar esse medo com o corpo, ocorre uma liberação: "Isso é libertado, compreendido e transformado."

Ao abordar manifestações mais intensas, respondeu à pergunta frequente sobre o peso emocional da prática: "Saio muito leve. Porque não sou eu que realiza isso. É pura expressão do campo."

Ingra compartilhou a leitura de um trecho marcante da obra de Bert Hellinger. Há cinco anos conduz um grupo de estudos sobre os livros. Citou a metáfora do constelador como guerreiro: "Ele entra num campo de batalha, com sangue, gente caída, vai até a ferida mais exposta sem medo, acolhe a pessoa que agoniza, inclui e permite que a coisa aconteça."

Para Ingra, a recusa em olhar certos conteúdos já configura interferência do ego. Ressaltou, no entanto, que é possível se preparar para enfrentar essas situações com responsabilidade e competência.

A Constelação que acontece antes da Constelação

Ingra Lyberato deu sequência à reflexão sobre os caminhos de desenvolvimento da sensibilidade e da percepção ampliada no campo das Constelações Familiares e Sistêmicas. Ao abordar sua experiência com o xamanismo, destacou esse saber ancestral como um dos veículos possíveis para o aprimoramento da escuta interna. Ressaltou, porém, que a sensibilidade não se limita a esse caminho. "Qual é o seu canal de aprimoramento, de liberação?" — questionou, ao sugerir que cada indivíduo deve descobrir sua própria via de conexão com as informações mais sutis.

Ingra mencionou práticas corporais e a importância de aprofundar as raízes como forma de sustentação para acessar essas dimensões. Citou exemplos de formações e experiências pessoais que a ajudaram a consolidar esse percurso. "Quanto mais a gente aprofunda nossas raízes, mais sustenta esse outro lugar de percepção diferenciada."

A autora explicou que nem tudo que é desenvolvido em seu percurso pessoal é aplicado diretamente no espaço da Constelação Familiar e Sistêmica. Existe, segundo ela, um filtro ético e técnico que determina o que é apropriado para o campo. Reforçou a importância da presença e da intencionalidade no ato de facilitar, ao destacar que quem chega para constelar também chega como agente de transformação.

"Está se trazendo, está trazendo seu sistema, está atuando no sistema", evidenciou. Ingra enfatizou que o processo de Constelação não começa no momento da facilitação. Para muitos, ele se inicia muito antes, no lugar de representante.

"É a Constelação que acontece antes da Constelação." Citou a experiência de pessoas que frequentam como representantes por um longo período antes de se sentirem prontas para constelar seu próprio sistema. "Muita gente espera o seu tempo de 'agora eu posso', mas elas já estão ali em preparação."

O tempo expandido da Constelação

Ingra Lyberato explica que o processo da Constelação Familiar e Sistêmica se inicia quando o interessado agenda a sessão.

"Eu até aviso: presta atenção nos sonhos, sintoma físico, insight, sincronicidade, porque o processo começa já quando a pessoa marca", disse.

A reflexão conduziu a uma questão recorrente entre os participantes: a necessidade de presença física para constelar. Ingra afirmou que o trabalho pode ocorrer também em grupo e de forma não presencial.

Relembrou conversas com Yolanda Freire sobre a existência de outras dimensões além daquelas reconhecidas pelos sentidos físicos.

"Tudo isso hoje já está sendo muito explicado pela física, pela ciência. Já foram comprovadas mais de doze dimensões."

Ingra defendeu que **há uma base científica sólida para compreender o funcionamento das Constelações** em contextos não locais. Referiu-se à **teoria do emaranhamento quântico**, aos **estudos sobre hereditariedade** e aos **impactos inconscientes nas escolhas individuais**: *"A ciência caminha totalmente nessa direção"*

Ao ilustrar a dimensão não local, recorreu ao comportamento do elétron na física quântica. “O elétron não desapareceu. Ele só se localiza, só se revela quando o observador observa com uma determinada intenção.” Para ela, a ausência do elétron em nossa dimensão indica que ele habita outro plano: “Não local significa que não é aqui na terceira dimensão.“ Concluiu que a Constelação atua em dimensão fora do tempo e do espaço convencionais. “É fora do tempo linear.” Citou como exemplo uma experiência pessoal: “Uma vez por mês faço um encontro gratuito em que sorteio uma Constelação virtualmente para quem nunca conheceu, para sentirem no corpo, experimentarem.”

A Constelação como experiência não linear de tempo

Ingra Lyberato relatou uma vivência que ilustrou sua compreensão da Constelação Familiar e Sistêmica como prática situada fora dos limites do tempo linear. Em um dia comum, ao retornar de uma caminhada, descreveu ter sentido uma intensa descarga energética saindo de sua mão. Afirmou já ter vivenciado essa sensação em experiências de respiração profunda e renascimento: “Como se um cometa estivesse saindo da mão, uma luz, algo que não sei explicar, mas muito forte.”



Destacou o caráter inesperado do fenômeno. “Nem pensava nisso. De repente aconteceu.” A surpresa se intensificou quando, horas depois, no sorteio habitual de uma Constelação virtual, conduziu o atendimento de uma participante da Bahia. A temática da sessão girava em torno da relação da cliente com a espiritualidade e sua prática terapêutica.

Sem saber previamente do conteúdo da demanda, Ingra afirmou que a Constelação revelou um dom de cura pelas mãos, posteriormente confirmado pela constelada: “O campo veio falar comigo antes dela ser sorteada.” A experiência, segundo Ingra, demonstra a atuação do campo fenomenológico em uma dimensão não local e atemporal. “É outro lugar. É uma viagem no tempo.” Ressaltou que tanto a ciência contemporânea quanto os saberes ancestrais indicam a existência de realidades além da lógica cartesiana: “O paradigma da ciência de ponta, assim como da nossa ancestralidade originária, quebra essas barreiras da mente.”

A Constelação além da presença física

A mediadora Yolanda Freire destacou a validade das Constelações realizadas em ambiente virtual, ao reforçar que o campo fenomenológico atua de forma não local: “Os clientes posicionam os representantes, que relatam sensações e percepções. Existem várias formas de constelar on-line, e sim, acontece.”

Segundo ela, a pandemia da Covid-19 obrigou profissionais da área a se reinventarem. A Constelação, como outras práticas, adaptou-se à nova realidade: “Entramos numa nova dinâmica. Foi uma grande doença coletiva e aprendemos a fazer de outro jeito.”

Yolanda ressaltou que as experiências em ambiente digital não perdem intensidade: “Acontece em grupo, com gente em Nova York, Portugal, no Brasil, duas pessoas no Sul, três no Nordeste, a consteladora no Rio de Janeiro ou na Bahia. Em São Paulo. E as Constelações acontecem. Profundas.”

A experiência artística como campo de consciência

Selma Horta, educadora, terapeuta e fundadora do espaço Daraluz – Clareando Horizontes, construiu uma trajetória entrelaçada à Educação, à Saúde e à Cultura. Formada em Letras e Educação Física, iniciou-se cedo em práticas integrativas voltadas ao desenvolvimento humano. Há 29 anos, atua na promoção de atendimentos, eventos e ações em saúde complementar para pessoas físicas e instituições.

Durante o encontro, Selma levantou uma questão sobre a vivência corporal na arte. Ao mencionar o preparo físico da artista, especialmente na dança, perguntou: “Você não acha que, mesmo sem falar em Constelação, esse corpo já acessa um campo?” E completou: “Gostaria que você comentasse esse paralelo, porque quem não conhece ou rejeita a Constelação, muitas vezes por desconhecer os fundamentos, tende a ver tudo como algo excêntrico.”



A educadora e terapeuta e fundadora do espaço Daraluz – Clareando Horizontes, Selma Horta, construiu uma trajetória entrelaçada à educação, à saúde e à cultura

Ingra Lyberato respondeu de modo enfático: “A vida é um grande campo. A vida é um fenômeno.” Para a atriz, o corpo e suas memórias formam uma rede vibracional de informações que nos habita e guia. “Tudo é fenomenológico.”

Ao refletir sobre a própria trajetória artística, Ingra reconheceu que cada personagem vivenciado por ela revelou um campo específico: “Eu fui convocada para viver aquelas histórias. Hoje sei que todas tinham algo profundo sobre maternidade.”

A construção das personagens sempre partiu de um processo de imersão. “Vou criar uma história passada, uma relação com pai e mãe. Se o autor não me disse, eu crio esse pai, essa mãe. Vou mergulhar e me conectar com um campo que não sei qual é”. Segundo ela, a criação artística é apropriação de campo, ainda que com outro nome.

“Escrevo cartas para esse pai, essa mãe, para um amor antigo. Crio memórias de infância, descubro roupas, medos, desejos. Isso é apropriação de um campo que chegou para mim, só que tem outro nome: criação artística. Mas é a mesma coisa”, pontuou.

Ela comparou dinâmicas familiares às práticas teatrais da Grécia Antiga, ao ressaltar a busca por visualização das imagens internas. Lembrou que o teatro grego promoveu catarse coletiva ao representar medos, desejos e tragédias, exigiu até a presença de paramédicos diante das intensas reações emocionais.

“O processo catártico do teatro tem a ver com autoconhecimento, autoliberação, cura de traumas”, afirmou.

Para ela, a Constelação Familiar e Sistêmica opera de forma semelhante. A grande diferença, destacou, reside na dissociação do ego: “Na vida real, estamos dominados pelo ego. Briguei com minha mãe, mas a vaidade do ego impede que peça desculpas.” Já na Constelação, representantes, livres da vaidade do ego, expressam diretamente sentimentos profundos.

“Um representante diz: ‘Estou com vergonha da minha mãe’. Então vai e abraça. Essa mãe acolhe, porque também carregava vaidade”, constatou. Esse mecanismo, segundo Ingra, promove a liberação de nós emocionais e viabiliza o movimento de reconciliação.

CECS

“A **Constelação traz sentimentos puros e verdadeiros**, sem comando do ego. Ali **aquilo que estava bloqueado se desfaz**, o *nó se solta*, o **movimento ocorre**” **(Ingra Lyberato)**

E acrescentou que esse processo liberta vaidades e arrogância a ponto de tornar a Constelação desnecessária ao permitir que a vida mesma ocupe esse lugar. “Quanto mais nos libertamos, menos precisamos de Constelação. A vida já oferece tudo que é necessário.”

Destino entre o inconsciente e a libertação

Ingra Lyberato sustenta que “a Constelação apresenta forças psíquicas que conduzem nossa vida. Elas são inconscientes, instintivas e grupais.” Se não houver tomada de consciência dessas forças, alertou, o indivíduo repetirá padrões ancestrais.

O estudo dessas dinâmicas, segundo a facilitadora, oferece chaves para superar essa prisão psíquica. Sem conscientização das bases familiares, ressaltou, o indivíduo busca criar nova história, mas permanece preso ao passado. “Enquanto não reconhece e não inclui no coração tudo que foi vivido e escolhido por eles, que fizeram o melhor que puderam, a gente fica preso”, pontuou.

Ingra observou que esse processo inconsciente se manifesta como destino.

“O destino pode ser um processo inconsciente de repetição, que na Constelação chamamos de dinâmicas ocultas.” Ao trazê-lo à consciência, afirmou, é possível libertar-se e iniciar novas trajetórias.

“Talvez as histórias não sejam totalmente novas, mas de alguma forma inovamos nossa existência e vivemos novas experiências”, destacou.

Claudina Ramírez e o encontro entre técnica, arte e ética

Claudina Ramírez é terapeuta sistêmica com atuação internacional e trajetória marcada pela união entre técnica, espiritualidade e compromisso social. Bacharela em Direito, formou-se em Psicologia Social pela Escola de Pichon Rivière e atualmente aprofunda seus estudos no DEP. Coordena a Formação em Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa (TSFI) na Bahia, com interlocução entre Brasil e Suíça. É criadora do método ConstelaSom, ao lado do musicoterapeuta André Bertotti. Fundadora do Espaço Brilha Yewá, no sul da Bahia, conduz retiros baseados em saberes ancestrais, práticas sistêmicas e escuta corporal.

Ela iniciou sua fala ao lembrar o vínculo com Ingra Lyberato desde os tempos de escola. “Quando chegou ao meu espaço, reconheci a menina que brilhou desde cedo”, relatou, ao citar o retiro localizado no sul da Bahia.

Destacou a importância do primeiro livro de Ingra, ‘O Medo do Sucesso’, como porta para processos profundos de autoconhecimento. Chamou atenção para relevância das referências familiares: pais que se dedicaram às artes, culturas originárias e espiritualidade. “Dona Alba exala histórias e poesias”, afirmou, ao reforçar o valor da ancestralidade na formação da autora.

Claudina elogiou a qualidade de neutralidade de Ingra em debates ideológicos. Enfatizou que seu caminho como representante a libertou da necessidade de persuadir ou impor ponto de vista. “Ela pode dizer: ‘Esta é minha verdade e respeito a sua.’” Expressou confiança na trajetória da amiga: “Que você voe muito alto. Escreva outros 20, 30, quem sabe 100 livros.” Por fim, abordou a convergência entre diferentes metodologias na coordenação da formação TSFI na Bahia. Citou o trabalho profundo de corpo da DEP (Dinâmica Energética do Psiquismo) na distinção entre densas e sutis vibrações, como base técnica e ética.

“Para mim, não pode haver exclusão. A TSFI reconhece todos os níveis vibracionais e os integra em seus exercícios”, pontuou.



A terapeuta sistêmica e professora Claudina Ramírez: “Que você voe muito alto. Escreva outros 20, 30, quem sabe 100 livros”

Alba Regina Liberato e a neutralidade filial

Mãe de Ingra Lyberato, Alba Regina Liberato é artista plástica, escritora, roteirista e poetisa. Formada como professora, decidiu se dedicar às artes ao lado do esposo, o cineasta Chico Liberato e à criação dos cinco filhos num sítio situado em Salvador.

Foi ativista dos direitos humanos e da cultura do Norte e Nordeste como expressão do Brasil profundo.

Desenvolveu uma educação dentro da arte e da natureza para os cinco filhos e para centenas de jovens que frequentaram e ainda hoje frequentam a casa Liberato para aprender sobre o fazer artístico. Alba destacou a neutralidade como qualidade marcante na relação entre mãe e filha e ideal que guia na vida pública de Ingra Lyberato. "Você não concorda comigo, mas também não me corrige com sermão", disse. Para ela, esse equilíbrio fortalece o vínculo e oferece segurança emocional.

A artista plástica, escritora, roteirista e poetisa expressou gratidão pelo modo como Ingra direcionou sua visibilidade. "Você soube converter fama em saber e influência profunda", afirmou, ao ressaltar a disciplina e dedicação ao ser humano como marcas da trajetória da filha. Ela concluiu ao convidar Ingra a continuar na trajetória como escritora: "No escrever você consolida conhecimento e transfere esse capital recebido de amigas e formadoras para outras pessoas".



A mãe de Ingra Lyberato, Alba Regina Liberato: "No escrever você consolida conhecimento e transfere esse capital recebido de amigas e formadoras para outras pessoas"

Gratidão e reverência marcam o encerramento do encontro

Ingra Lyberato encerrou a participação com uma homenagem emocionada a Alba Regina Liberato. "Minha mãe é muito apaixonante. Sempre reverencio e muitas vezes peço bênção mesmo", disse.

Reconheceu que a convivência não é idealizada, mas sim pautada por uma cumplicidade profunda: "Nossa parceria também é para mergulhar nas nossas sombras. Iluminar e transformar, porque já entendemos por que estamos aqui e não queremos desperdiçar esse tempo sagrado de uma existência."

A atriz reforçou o compromisso com o processo de evolução mútua e agradeceu à mãe pela vida e pelas bênçãos recebidas. Yolanda Freire, mediadora do evento, seguiu na mesma linha afetiva. Dirigiu-se a Alba Liberato com deferência: "Gratidão aqui pela cota que estou a ancorar, a cota das pessoas que têm a bênção de encontrar a Ingra."

Agradeceu também à autora pelo presente do livro e ao público pela confiança: "As trocas foram profundas. Muito grata por tudo que esse encontro reverbera e continuará a reverberar em nós." **(Texto publicado no dia 29 de junho de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**

Em live com **psicóloga Jane Rocha, Constelação Familiar Sistêmica** é apresentada como *caminho integrativo no enfrentamento da dor crônica*

Para pesquisadora, **abordagem amplia olhar sobre sofrimento humano e ressignifica lugar do sintoma, sem negar a medicina tradicional.** Encontro virtual promovido pelo CECS aprofunda tema *'A utilização da Constelação Familiar Sistêmica como técnica complementar para enfrentamento do tratamento do portador de doença inflamatória intestinal (DII)'.* Evento tem **mediação de Roseny Flávia Martins**, que enfatiza o espaço de compartilhamento do saber acadêmico, e **Erica Lopes Ferreira, que destaca rigor ético e científico do estudo**



O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) promoveu, no dia 07 de julho de 2025, uma live que trouxe novas perspectivas sobre o cuidado integral em saúde. O evento teve como tema central "A utilização da Constelação Familiar Sistêmica como técnica complementar no enfrentamento do tratamento do portador de doença inflamatória intestinal (DII)". A psicóloga e psicoterapeuta Jane Rocha apresentou os resultados da pesquisa de sua autoria, que evidencia a contribuição da abordagem sistêmica na qualidade de vida de pacientes com doenças crônicas.

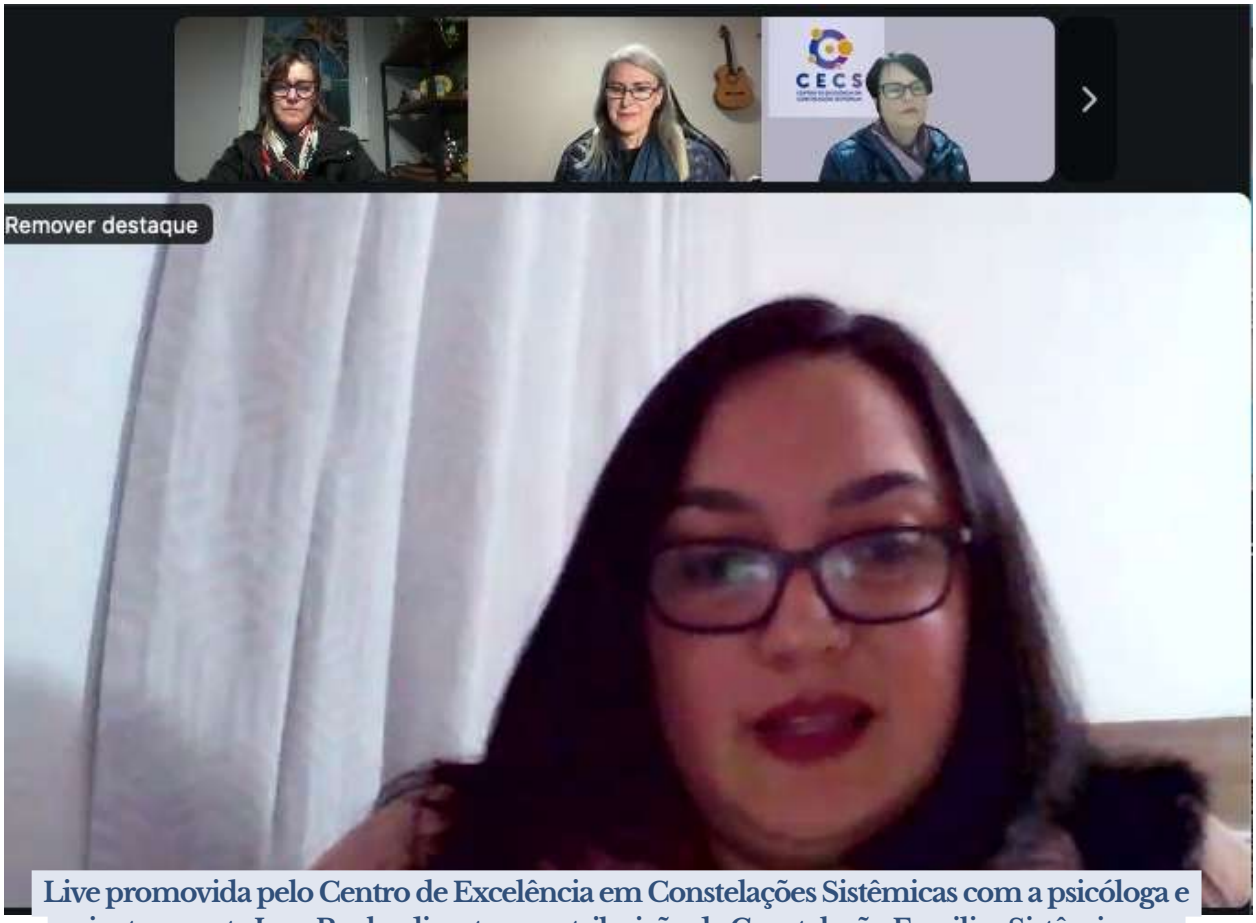
A mediação ficou sob responsabilidade da diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, pesquisadora PhD e referência na área e Erica Lopes Ferreira, cirurgiã-dentista formada pela UFPR, que cumula produção científica nacional e internacional, formação em Constelação Familiar na água, psicossomática e consciência sistêmica. Roseny destacou o papel do CECS como espaço de construção científica e ética no campo sistêmico, ao lembrar a robusta produção bibliográfica mapeada pela instituição. Erica enfatizou a importância de trabalhos como o de Jane Rocha, que combinam rigor acadêmico e aplicação prática no SUS, o que democratiza o acesso ao cuidado integrativo.

Ao longo da apresentação, **Jane Rocha revelou a trajetória pessoal marcada pela vivência com a doença de Crohn** e descreveu com profundidade o percurso acadêmico que a levou a *integrar Constelação, ética científica e cuidado clínico*

A pesquisadora defendeu que a Constelação Familiar amplia o olhar sobre o sofrimento humano e ressignifica o lugar do sintoma, sem negar a medicina tradicional.

A live reuniu ainda considerações valiosas das consteladoras Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do CECS; Selma Horta, educadora e terapeuta e Eliana Medina, consultora e pesquisadora sistêmica. Elas elogiaram a coragem e o rigor da pesquisa, além de apontarem novos caminhos para futuras investigações na área.

A psicóloga Jane Rocha é CEO do FlordeGi – Espaço Terapêutico Integral em Saúde. Possui pós-graduação em psicologia hospitalar, Constelação Familiar Sistêmica, psicologia sistêmica e terapia familiar sistêmica. É psicoterapeuta de práticas integrativas: auriculoterapia, reiki e cromoterapia. Palestrante, escritora e pesquisadora.



Live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas com a psicóloga e psicoterapeuta Jane Rocha discute a contribuição da Constelação Familiar Sistêmica no enfrentamento da doença inflamatória intestinal: ciência e prática clínica integrativa

Espaço de compartilhamento do saber acadêmico e do conhecimento disponível na esfera digital

Na abertura do encontro, Roseny Flávia Martins saudou o público e ressaltou a robustez do trabalho científico conduzido pelo CECS. Ela afirmou que, desde maio de 2024, o grupo realiza um levantamento bibliográfico sistemático, capaz de mapear as principais referências acadêmicas e publicações digitais em bancos de dados e plataformas da web.

"Hoje já contamos com mais de 650 referências catalogadas. Cada colaborador, de forma voluntária, selecionou obras e autores de destaque, o que permitiu convidar pesquisadores relevantes para enriquecer este espaço de compartilhamento do saber acadêmico e do conhecimento disponível na esfera digital", destacou Roseny. Ela enfatizou o papel estratégico de Erica Lopes Ferreira no projeto. "Ela coordena a supervisão do banco de dados bibliográfico", informou.

“Quando **nos aproximamos da pesquisa**, ela **passa a circular em nossas veias como** *algo vital*”

Erica Lopes Ferreira abriu sua fala ao ressaltar a importância do rigor científico no campo das práticas integrativas e sistêmicas. “Quando nos aproximamos da pesquisa, ela passa a circular em nossas veias como algo vital”, afirmou.

A mediadora destacou que o trabalho da psicóloga Jane Rocha emergiu com destaque no acervo bibliográfico do grupo, não apenas pelo caráter autoral, mas pela relevância prática e científica das abordagens voltadas às Constelações Familiares no Brasil.

> “**Jane Rocha tornou-se uma referência importante**, pois seu estudo traz **uma contribuição concreta e acessível**, especialmente para quem busca aprofundar-se cientificamente neste campo. **Seu olhar oferece novos caminhos à compreensão do tratamento de doenças complexas sob a perspectiva sistêmica**” (Erica Lopes Ferreira)

Na sequência, Erica apresentou a orientadora do estudo, Daniela Jakubaszko, doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e graduada em Linguística e Português pela mesma universidade. Pesquisadora nas áreas de storytelling, memória e ficção audiovisual, iniciou sua trajetória em Constelação Familiar em 2009 e atua como facilitadora desde 2019. É especialista em Constelação Sistêmica pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul e membro do comitê de ética da instituição, onde avalia projetos acadêmicos.

‘A **Constelação** *não rompe com a ciência*, **amplia o olhar terapêutico**’

A psicóloga e psicoterapeuta de práticas integrativas Jane Rocha iniciou sua apresentação com um relato pessoal e acadêmico que fundamenta sua trajetória na pesquisa e no atendimento clínico. Ela destacou que a motivação nasceu de uma inquietação pessoal, e não de uma exigência curricular. “Escolhi realizar esta pesquisa por convicção própria. Hoje, as pós-graduações nem sempre exigem trabalhos científicos, mas reconheci que este estudo poderia oferecer dados concretos e reflexões relevantes sobre as Constelações Familiares no contexto da saúde”, afirmou.

Ao contextualizar seu percurso, Jane explicou que a trajetória acadêmica na pesquisa começou ainda na graduação em Psicologia pela Universidade de Guarulhos. Na ocasião, investigou aspectos da personalidade de usuários de substâncias psicoativas e aplicou o teste de Wartegg em uma clínica de reabilitação. O projeto foi submetido ao comitê de ética e aprovado, o que proporcionou dois anos de dedicação direta à pesquisa e à prática clínica em Psicologia Social.

Na pós-graduação em Psicologia Hospitalar, Jane aprofundou temas relacionados à qualidade de vida e analisou relações entre depressão, alcoolismo e insuficiência renal crônica em pacientes submetidos à hemodiálise. Apesar de ter elaborado a monografia, percebeu a ausência de aplicação prática da pesquisa. Por essa razão, após concluir a especialização, retornou à Universidade de Guarulhos e desenvolveu um novo projeto sob orientação de um de seus professores, que também submeteu ao comitê de ética.

Com mais de uma década de atuação clínica junto a pacientes renais crônicos, Jane descreveu com precisão a rotina desses indivíduos submetidos à hemodiálise, detalhou o ambiente hospitalar e o funcionamento das máquinas utilizadas no tratamento.

Em 2018, assumiu funções na atenção básica em saúde, onde atuou na Estratégia da Saúde da Família, ampliou a escuta clínica e fortaleceu o olhar sistêmico.

Vivência pessoal com a doença de Crohn

A psicóloga compartilhou a vivência pessoal com a doença de Crohn, condição inflamatória intestinal crônica e autoimune que afeta com maior frequência o intestino delgado e o cólon. O diagnóstico transformou sua percepção sobre a dor e o sofrimento.

“**A dor nos iguala.** *Estive do outro lado da cadeira.* Onde antes atendia pacientes em hemodiálise, **passei a ocupar o lugar de paciente em infusão medicamentosa.** Compreendi, então, **o que significa depender de um tratamento crônico, submeter-se a cirurgias** e a uma **rotina terapêutica rigorosa**” (Jane Rocha)

Jane relatou que conheceu as Constelações Familiares em 2007, enquanto cursava a graduação. Naquele momento, manteve uma postura cética, influenciada por uma formação mais cartesiana. Com o tempo, amadureceu sua compreensão sobre o método e evoluiu de cliente para pesquisadora e facilitadora. “O estudo e a prática mostraram que a Constelação não rompe com a ciência, mas amplia o olhar terapêutico”, afirmou.

Em 2018, aprofundou a aplicação da abordagem sistêmica no campo da saúde pública, especialmente no atendimento a famílias em situação de vulnerabilidade. A experiência profissional e pessoal consolidou o olhar com que estruturou a pesquisa sobre o enfrentamento da inflamação intestinal crônica, tema central do estudo apresentado.



A psicóloga e psicoterapeuta integrativa Jane Rocha defende que a Constelação Familiar amplia o olhar terapêutico e ressignifica o lugar do sofrimento no campo sistêmico

Trajetória pessoal e acadêmica molda pesquisa sobre enfrentamento da doença

A psicóloga e psicoterapeuta de práticas integrativas Jane Rocha descreveu a atuação em Unidade Básica de Saúde, na periferia de São Paulo. Nesse contexto, aplicou o olhar sistêmico ao atendimento dos usuários do SUS, ao incorporar exercícios e metodologias das Constelações Familiares nos acompanhamentos clínicos.

Durante esse período, enfrentou um processo pessoal delicado ao adoecer na pandemia de Covid-19. Diante dessa experiência, buscou novos caminhos e ingressou na pós-graduação na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

Segundo ela, o adoecimento e o ambiente crítico da pandemia a impulsionaram a aprofundar os estudos. Recordou, emocionada, o impacto da primeira reunião no Senado sobre Constelações, que descreveu como uma experiência hostil: “Senti-me como uma bruxa prestes a ser queimada. Foi um momento energeticamente pesado, mas ali compreendi meu papel: desenvolver a pesquisa e contribuir para a ciência”.

Essa vivência a motivou a iniciar o estudo com portadores de doença inflamatória intestinal. Ela ressaltou que sua primeira vivência prática com Constelação Sistêmica — realizada ainda no primeiro dia de aula presencial, sob protocolos sanitários e uso de máscaras — abordou justamente a experiência com a doença de Crohn. “A abordagem trouxe-me de volta à vida”, afirmou.

A partir dessa trajetória pessoal e acadêmica, Jane estruturou a pesquisa, que evoluiu até 2022 e 2023. Nesse período, participou da elaboração de uma carta aberta sobre Constelações e psicologia, que reuniu mais de 15 mil assinaturas.

Também contribuiu na elaboração da nota técnica assinada por 123 psicólogos e consteladores, a fim de construir um novo olhar sobre a interface entre psicologia e práticas sistêmicas.

Além disso, atuou como diretora adjunta no Grupo Técnico de Estudos (GTE) de Práticas de Constelação e Especializações do CECS. Nesse espaço, colaborou na construção de uma linha do tempo das formações sistêmicas no Brasil, organizou seminários internacionais e compilou dados sobre as fases da constelação segundo Bert Hellinger, apresentados em eventos presenciais.

O rigor metodológico como base da prática sistêmica

Jane Rocha destacou que as dificuldades na pesquisa — como a escassez de financiamento, carência de infraestrutura e a excessiva burocracia — representam desafios constantes para pesquisadores independentes.

Ressaltou que a dedicação à pesquisa científica exige renúncia pessoal, sendo movida por propósito e amor ao conhecimento. “Desenvolvi este estudo por vontade própria, sem apoio financeiro ou institucional, motivada pela convicção de que a ciência precisa caminhar por novos horizontes”, pontuou.

Ela apontou a importância da submissão dos projetos ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, apontou a necessidade de critérios claros e rigorosos para assegurar a integridade ética dos estudos. Seu projeto foi cuidadosamente delineado, ao contemplar objetivo geral e específicos, hipóteses e justificativas claras.

O estudo defendeu a Constelação Familiar Sistêmica como prática integrativa capaz de auxiliar no enfrentamento e na melhoria da qualidade de vida de pessoas com doença inflamatória intestinal. .

Para isso, estruturou uma introdução abrangente sobre a condição crônica, os modos de enfrentamento e as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), ao fundamentar a Constelação como técnica de apoio.

O método seguiu um delineamento casuístico rigoroso. A amostra contou com cinco voluntários, selecionados por critérios específicos, e o estudo ocorreu integralmente on-line, em sessões individuais. A autora aplicou instrumentos validados no Brasil, como a Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas (Emep) e o Instrumento de Qualidade de Vida WHOQOL-bref reconhecidos internacionalmente. Cada etapa seguiu o protocolo aprovado pelo Comitê de Ética, o que inclui procedimentos de segurança e critérios para encerramento da pesquisa.

Jane relatou dificuldades na publicação do artigo. A primeira revista recusou o estudo, sem justificativa científica, o que evidencia o preconceito ainda existente contra as Constelações Sistêmicas no meio acadêmico. Após oito meses e uma revisão, a pesquisa foi finalmente publicada em periódico classificado pelo Sistema Qualis na categoria B.

Ao concluir esta etapa da apresentação, Jane sublinhou que a pesquisa científica só avança com orientação qualificada.

Reforçou a importância de contar com orientadores que, além de titulação acadêmica, possuam abertura ao diálogo interdisciplinar. “Realizei este percurso com autonomia e organização, sempre em respeito aos princípios éticos e metodológicos que norteiam a ciência responsável”, ressaltou.

Responsabilidade ética no desenvolvimento de pesquisas científicas em saúde

Na continuidade da apresentação, Jane Rocha abordou a importância da responsabilidade ética no desenvolvimento de pesquisas científicas em saúde. Relatou sua própria experiência ao acessar medicamentos de alto custo pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ao exemplificar que, quando o paciente segue corretamente os protocolos oficiais, o acesso ao tratamento ocorre de forma eficiente.

“As pessoas costumam criticar o sistema, mas quando seguimos as normas e apresentamos a documentação correta, o processo funciona. Saí com o medicamento em mãos sem enfrentar obstáculos, porque cumpri todas as exigências”, afirmou.

Ela associou essa experiência ao rigor necessário no processo de submissão e aprovação de pesquisas junto aos Comitês de Ética. Para Jane, muitas críticas surgem não por excesso de burocracia, mas pela necessidade legítima de proteger os participantes.

“O comitê não está ali para impedir. Ele existe para garantir a segurança do pesquisador e, principalmente, do participante da pesquisa”, enfatizou.

Ao comentar a própria trajetória, explicou que enfrentou apenas uma devolutiva do Comitê de Ética, corrigiu os ajustes solicitados e obteve aprovação na etapa seguinte. Reforçou que, apesar de trabalhoso, o processo se torna viável quando o pesquisador segue rigorosamente as normas. “Hoje o sistema está mais acessível. Na minha época de graduação, tudo era em papel. Agora todo o trâmite ocorre on-line, o que facilita muito”, pontuou.

Sobre a condução da pesquisa com constelação familiar sistêmica, detalhou que adotou critérios rigorosos para garantir o suporte emocional aos voluntários. Como psicóloga, ofereceu acompanhamento clínico aos participantes e contou com o apoio de colegas consteladores e psicólogos para casos de necessidade. Dos cinco voluntários, apenas uma participante precisou de suporte adicional, prontamente oferecido.

Jane destacou que, em **pesquisas que envolvem Constelação Familiar e campo sistêmico**, o *cuidado emocional é fundamental*, já que as práticas **acessam conteúdos profundos da história pessoal** dos indivíduos

“É imprescindível que o pesquisador assegure apoio psicológico ao participante, que pode vivenciar emoções intensas ao acessar aspectos inconscientes da própria trajetória”, explicou.

Ao refletir sobre os desafios enfrentados por pesquisadores independentes, reconheceu que a maior dificuldade está em encontrar orientadores qualificados e instituições que acolham estudos fora do ambiente tradicional da pós-graduação stricto sensu.

"Na universidade, o caminho está mais claro. Fora dela, o pesquisador precisa construir sua própria rede de apoio. Mas é possível. Basta buscar centros de pesquisa sérios e montar equipes comprometidas com o rigor científico", afirmou.

Jane defendeu a necessidade de estudos longitudinais que avaliem os efeitos da Constelação Familiar ao longo do tempo. Na pesquisa apresentada, avaliou os participantes em três momentos: antes da intervenção, imediatamente após a Constelação e 21 dias depois. Aplicou instrumentos validados, como a Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas (Emep) e a Escala de qualidade de vida WHOQOL-bref, além de questionários qualitativos.



A amostra restrita a cinco participantes refletiu sua preocupação com a qualidade e não com a quantidade.

"Escolhi trabalhar com poucos voluntários para garantir a profundidade e a integridade. Trata-se de um estudo qualitativo e exploratório. O objetivo não foi produzir estatísticas amplas, mas compreender as transformações subjetivas", explicou.

As sessões de Constelação ocorreram em ambiente on-line, gravadas com autorização dos participantes

Jane relatou que estruturou todo o protocolo em plataformas digitais, desde a aplicação dos termos de consentimento até a coleta de dados por meio do Google Forms. As sessões de Constelação ocorreram em ambiente on-line, gravadas com autorização dos participantes para garantir a segurança metodológica.

Na análise dos resultados, observou um aumento nas pontuações das escalas de enfrentamento de problemas e qualidade de vida, o que indicou percepção de melhora emocional e psicológica após a Constelação. Relatou, ainda, exemplos concretos de mudanças significativas no discurso dos participantes, o que evidencia um reposicionamento interno diante do adoecimento.

Entre os relatos, destacou a trajetória de uma participante que inicialmente atribuía à família a responsabilidade por seu bem-estar. Após a Constelação, passou a assumir um papel mais ativo no enfrentamento da doença e retomou projetos pessoais, como os estudos.

"Percebi que ela **deixou de esperar que os outros resolvessem sua vida e passou a construir os próprios caminhos.** Essa transformação foi visível tanto nos relatos quanto nos instrumentos aplicados" **(Jane Rocha)**

A Constelação como prática integrativa no enfrentamento da doença

Jane Rocha destacou que alcançou o principal objetivo da pesquisa: demonstrar que a Constelação Familiar Sistêmica representa uma prática integrativa em saúde, capaz de restabelecer as ordens do amor no sistema do constelado e de revelar as raízes ocultas da doença no campo familiar.

"As falas dos participantes e as mudanças observadas comprovam que, ao reorganizar as dinâmicas familiares, há um impacto positivo tanto na relação com a enfermidade quanto nos vínculos afetivos", explicou.

Relatou casos em que os participantes experimentaram transformações significativas no cotidiano. Um deles, que antes mal saía de casa devido à gravidade dos sintomas, passou a viajar internacionalmente após o processo terapêutico.

"Essa mudança de atitude representa um movimento para a vida. Quem trabalha com Constelação reconhece esse tipo de transformação: a pessoa amplia seu horizonte, reencontra o sentido da existência", afirmou.

Jane também ressaltou que a Constelação, ao favorecer o reconhecimento das histórias familiares e a aceitação dos próprios limites, gera maior leveza no enfrentamento do adoecimento. "A prática amplia a capacidade da pessoa de se posicionar com mais autonomia diante das questões familiares e existenciais, o que melhora a qualidade de vida não apenas de quem tem doença crônica, mas de qualquer indivíduo", pontuou.

Transformações internas e impacto na prática clínica

A psicóloga compartilhou que, ao constelar outras pessoas, também transformou aspectos de sua própria história com a doença de Crohn. Afirmou que cada sessão possibilitou novas compreensões sobre sua trajetória, ajudando-a a reconhecer a doença como parte da vida, e não como sua totalidade. "O Crohn integra minha história, mas não define quem eu sou", disse.

Ao refletir sobre o impacto da pesquisa, **Jane Rocha relatou que viveu um processo pessoal de remissão da doença**. *"Eu mesma me surpreendi ao perceber que meu corpo estava em remissão. A inflamação intestinal havia diminuído, e minha qualidade de vida melhorou significativamente"*, relatou

Jane frisou que a Constelação não substitui o tratamento médico, mas atua como um recurso complementar que pode favorecer a estabilidade emocional e psicossomática. Defendeu, ainda, que esse cuidado integrativo deve estar disponível não apenas na rede privada, mas também no serviço público de saúde.

Pesquisa qualitativa e compromisso com a ciência ampliada

Jane Rocha comentou que a pesquisa, mesmo com metodologia qualitativa e exploratória, exigiu rigor na elaboração dos instrumentos de avaliação.

Utilizou escalas validadas no Brasil para medir qualidade de vida e modos de enfrentamento, além de questionários específicos sobre a experiência da Constelação. Destacou que a ciência qualitativa enfrenta desafios no meio acadêmico, principalmente quando trata de temas subjetivos como as Constelações.

"As perguntas e instrumentos aplicados buscaram tornar visível o impacto da Constelação na vida das pessoas, ainda que a prática tenha um caráter não palpável e difícil de mensurar estatisticamente", explicou. A motivação principal foi contribuir com a ciência e com a vida das pessoas. "No Senado, quando assisti àquele debate duro sobre as constelações, me perguntei: qual é a minha gota neste oceano? Escolhi pesquisar e trazer dados, em vez de apenas criticar. Essa foi a minha contribuição", enfatizou.

Abordagem cuidadosa e emergências do campo sistêmico

A educadora e terapeuta Selma Horta parabenizou a pesquisadora e trouxe uma reflexão sobre o alcance e a delicadeza do estudo. Em sua pergunta, buscou compreender o modo como Jane Rocha abordou os participantes da pesquisa, especialmente diante da novidade da Constelação Familiar para alguns deles.

"Fiquei curiosa para saber como você realizou essa aproximação. Afinal, trata-se de algo novo, que talvez eles não conhecessem. E quero parabenizá-la por essa gota tão pioneira e generosa. A história mostrará a importância desse passo", afirmou.

Em resposta, Jane Rocha relatou que o processo de seleção dos participantes ocorreu de forma orgânica e colaborativa. Ao divulgar publicamente o diagnóstico de Crohn em seu perfil no Instagram, foi convidada pela ONG DII Brasil (Associação Brasileira de Colite Ulcerativa e Doença de Crohn), para atuar como membro científico e psicóloga voluntária. A partir desse vínculo, a diretoria ampliou a divulgação da pesquisa, atraiu interessados que conviviam com a condição clínica.

"Recebi muitas mensagens de pessoas dispostas a participar. Como o estudo previa apenas cinco vagas, selecionei os primeiros que demonstraram interesse e preencheram os critérios", explicou Jane. Além da ONG, algumas pessoas que mantinham perfis informativos sobre doenças inflamatórias intestinais também ajudaram na divulgação e ampliou a rede de contatos.

Jane destacou que, apesar da diversidade dos participantes, a conexão emocional com a doença criou um campo comum de partilha e compreensão.

"Não os conhecia pessoalmente, mas houve uma identificação imediata pela história compartilhada. No dia da Constelação, esclareci todos os pontos do estudo, enviei previamente os termos de consentimento e conduzi o processo de forma clara e acolhedora", afirmou.

Ela relatou ainda sua atuação voluntária em iniciativas de conscientização sobre as doenças inflamatórias intestinais, como o projeto "Quebra o Silêncio", vinculado à DII Brasil. Nessas ações, participou de lives e rodas de conversa, onde pacientes relataram dificuldades para obter diagnóstico precoce.

“Infelizmente, no Brasil, muitas pessoas demoram mais de um ano para receber o diagnóstico. Isso prejudica severamente a qualidade de vida e, em casos extremos, leva à perda de parte do intestino e à necessidade de colostomia”, explicou. Jane observou que o envolvimento com a ONG e os pacientes fortaleceu o compromisso com a pesquisa e ampliou a compreensão sobre o impacto social e emocional das doenças inflamatórias intestinais. “Deus conhece os caminhos. Essa rede de apoio me encontrou e, juntos, conseguimos dar visibilidade a uma realidade muitas vezes silenciada”, pontuou.

O respeito pelo caminho pessoal e a ciência que nasce do cuidado: reflexões sobre uma pesquisa que abre novos horizontes

A psicóloga e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, parabenizou Jane Rocha pela seriedade e sensibilidade da pesquisa. Destacou o cuidado ético e pessoal da pesquisadora. Ressaltou a importância de preservar o respeito por si e pelo objeto de estudo ao longo do processo científico.

“Primeiramente, parabéns, Jane. É muito emocionante acompanhar um trabalho tão sério, bem cuidado e profundamente respeitoso.

Infelizmente, vemos pesquisadores que não se preservam no processo. Por isso, é inspirador perceber em sua trajetória esse zelo por si mesma. Ao ouvi-la, tocou-me ver o percurso de alguém que caminhou com amor e respeito, sem confundir dedicação com sacrifício ou auto violência”, destacou Yolanda.

“Prestei atenção em um ponto essencial: sua pesquisa representa um passo inicial fundamental. Sem estudos como o seu, as investigações quantitativas não avançam, pois faltaria uma descrição cuidadosa do processo e do caminho terapêutico.

No futuro, certamente surgirão trabalhos que avaliem o antes e o depois da Constelação, comparando grupos constelados e não constelados.

E isso poderá incluir variáveis importantes, como o tipo de religiosidade dos participantes, que já é reconhecida como fator relevante no enfrentamento das doenças”, acrescentou.

“Vejo que seu estudo aponta para algo ainda maior: *não apenas* **mudanças na consciência ou no autocuidado,** mas também os **efeitos quando a Constelação promove um corte,** uma **transformação que proporciona melhor funcionamento, menos reincidência e mais saúde**. Essa visão pode inspirar outras situações clínicas” (Yolanda Freire)

“Gostaria de saber, mesmo com uma amostra pequena, se surgiram temas comuns nas Constelações. Quem trabalha com essa prática sabe que há padrões que frequentemente aparecem. Naquele período, vivíamos um contexto coletivo marcado pela lealdade aos mortos da pandemia, um campo de memória e dor transgeracional. Por isso, fiquei curiosa: houve repetições, configurações familiares semelhantes ou temas recorrentes que criaram um campo comum entre os participantes?”, questionou Yolanda.

Jane reconheceu que essa é uma questão que merece aprofundamento futuro, possivelmente em um novo artigo ou apresentação em congresso científico. Explicou que a pesquisa revelou aspectos inesperados, como casos de gemelares ocultos no campo sistêmico e gêmeos reconhecidos no nascimento que emergiram durante as Constelações.

Ela esclareceu que, embora tenha conduzido a pesquisa durante a pandemia, a maioria dos participantes já possuía diagnóstico de longa data. O foco da abordagem inicial foi estabelecer um protocolo de escuta que partisse do sintoma físico e emocional, conduzindo cada indivíduo a reconhecer seus próprios caminhos e significados dentro da história familiar.

“Cada Constelação seguiu a necessidade emergente do momento de vida da pessoa. Houve quem estivesse em conflito com irmãos, quem vivenciasse o luto recente da avó. O campo conduziu para onde o olhar precisava ir”, explicou.

Jane relatou ainda que uma das participantes, por meio da Constelação, reconstruiu o vínculo com a linhagem paterna, com a qual não mantinha proximidade.

"Essa aproximação surgiu espontaneamente, em conversas paralelas à pesquisa, mostra como o campo pode transcender o objetivo inicial do estudo", contou.

Jane destacou um conceito central da prática sistêmica: o sintoma não desaparece, mas reduz sua intensidade e deixa de ocupar o espaço central no campo do indivíduo. "O custo sistêmico permanece, mas passa a ser responsabilidade do sistema, não do indivíduo isoladamente. Com isso, a pessoa pode ocupar seu próprio lugar e lidar com o que lhe cabe no presente", afirmou.

Ela ressaltou que, em situações como o autismo, por exemplo, reconhece-se um legado transgeracional, mas quando se permite que a questão permaneça no nível transgeracional, o peso do viver cotidiano se torna mais leve. "Cada um precisa enfrentar o custo que sua história impõe, porque isso faz parte da vida. Mas o reconhecimento dessas raízes permite que o presente flua com mais leveza", apontou.

Jane reconheceu que esse tema abre margem para novas pesquisas, amplas e aprofundadas, capazes de produzir dados mais robustos sobre as dinâmicas ocultas que se revelam no campo sistêmico.

A boa pesquisa abre caminhos, não os fecha

Durante a apresentação, Jane Rocha compartilhou um depoimento pessoal que evidenciou a profundidade do processo terapêutico também para o constelador. Relatou que, ao atender pacientes com doenças inflamatórias intestinais, revisitou a própria história de dor e perda. Revelou que passou por um aborto gemelar, cuja dimensão oculta foi desvelada no contexto das Constelações Familiares.

"As Constelações mostraram que se tratava de um aborto gemelar. Essa descoberta ressoou profundamente em mim e, ao mesmo tempo, ecoou no campo das pessoas que eu atendia. Existe uma troca contínua entre quem facilita e quem constela. Ambos se transformam no processo", afirmou.

Ela exemplificou com o caso de uma participante que reconstruiu a relação com a linhagem paterna, mas cuja lealdade familiar originava-se do lado materno. No caso desta participante, a doença já havia se manifestado no filho, e, segundo Jane, o movimento terapêutico precisou acessar as gerações futuras, pois o sintoma já fazia parte da história familiar do descendente.

Cada Constelação revelou um percurso singular, mas todas partiram do mesmo ponto: o sintoma como porta de entrada para a história do sistema. A boa pesquisa abre caminhos, não os fecha.

Está em construção um espaço de análise crítica e científica sobre Constelações

A mediadora Roseny Flávia divulgou o 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa, organizado pelo Centro de Apoio à Pesquisa em Saúde Integrativa (Cabsin). Destacou que o conclave está em fase de estruturação do Comitê de Constelações, que reunirá inicialmente doutores da área e, futuramente, abrirá espaço para pesquisadores e clínicos com diferentes formações.

“Está em construção um espaço de análise crítica e científica sobre Constelações. A proposta é ampliar o debate sobre pesquisa e prática clínica”, explicou.

A mediadora Roseny Flávia convidou Jane a se filiar ao Centro de Apoio à Pesquisa em Saúde Integrativa (Cabsin), organização que mantém parcerias com a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Roseny destacou que a instituição reúne pesquisadores e profissionais comprometidos com o desenvolvimento e a validação científica das práticas integrativas e complementares em saúde no Brasil e no mundo. "O Cabsin agrega cientistas e instituições que buscam construir uma base sólida de evidências para as práticas integrativas. Será uma honra ter você como afiliada", pontuou.

Roseny mencionou ainda a relevância do levantamento bibliográfico que o CECS realiza desde 2024. A planilha conta atualmente com mais de 650 referências, das quais aproximadamente 50% são livros e 25% compõem artigos científicos, dissertações e teses. Ressaltou que, mesmo com metodologias rigorosas de análise de evidências, como o padrão-ouro em revisões sistemáticas, a literatura científica sobre Constelações já apresenta um corpo considerável.

“Nos bancos de dados internacionais, identificamos mais de 7 mil artigos relacionados às Constelações, embora apenas 16 tenham atendido aos critérios metodológicos mais rígidos. Ainda assim, o volume inicial demonstra que a produção acadêmica sobre o tema existe e precisa ser considerada”, pontuou.

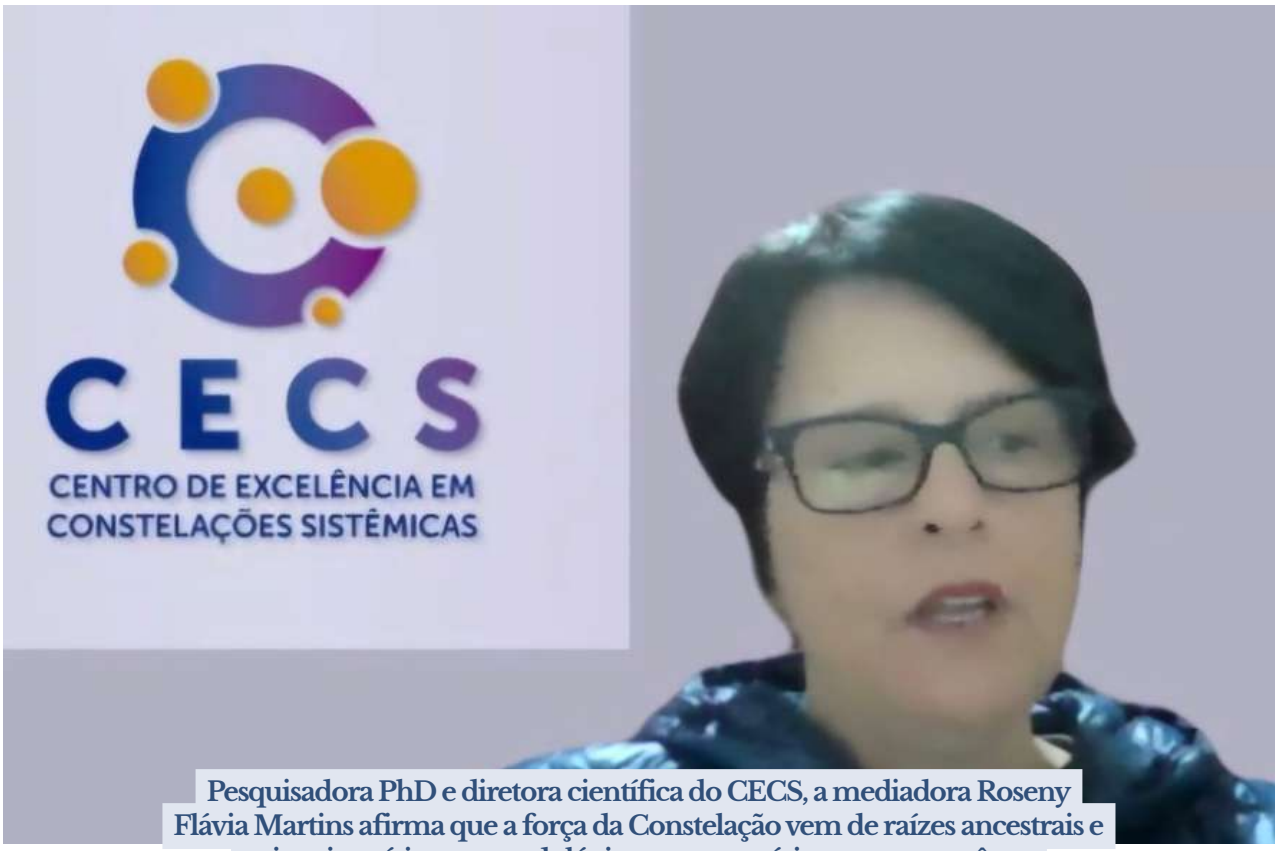
Ela lembrou que toda construção científica começa com pequenos passos, como estudos de caso e pesquisas qualitativas, para posteriormente evoluir para investigações multicêntricas e quantitativas de grande escala.

"A ciência avança por etapas. ***Estamos no início,*** em formação da base, mas **caminhamos com seriedade e propósito"** (Roseny Flávia Martins)

Ela elogiou o percurso acadêmico e pessoal de Jane Rocha. Reconheceu a seriedade do estudo e a coragem de transformar uma experiência individual em contribuição científica.

"Quero te parabenizar não apenas pelo rigor metodológico, mas também pela sensibilidade em converter seu sintoma em um caminho de acolhimento e transformação. Você ressignificou sua trajetória e usou a própria dor como linguagem da alma", destacou.

Roseny ressaltou a importância do formato on-line da pesquisa, que ampliou o acesso gratuito e universal, alinhado aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). "O fato de ter realizado a pesquisa de forma remota democratiza o acesso e amplia o alcance dos benefícios. Esse é o espírito do SUS: levar cuidado e ciência a quem mais precisa, sem barreiras financeiras ou geográficas", afirmou.



Pesquisadora PhD e diretora científica do CECS, a mediadora Roseny Flávia Martins afirma que a força da Constelação vem de raízes ancestrais e exige rigor ético e metodológico em sua prática contemporânea

Reconhecimento da **seriedade metodológica** e *reflexões sobre o campo emocional da doença*

A consultora, terapeuta e consteladora Eliana Medina expressou admiração pelo trabalho apresentado ao destacar o rigor metodológico e o comprometimento pessoal de Jane Rocha. “Quero parabenizá-la pela seriedade com que conduziu a pesquisa. Em um meio onde tantas vezes a rebeldia nos distancia dos protocolos, você demonstrou disciplina e respeito pelos passos necessários. Isso, para mim, é profundamente significativo”, afirmou.

Eliana trouxe uma referência ao livro “Transcendência Natural”, de Bert Hellinger, no qual o autor afirma que, quando alguém responde ao chamado do Espírito, os recursos necessários para superar os desafios surgem ao longo do caminho. “Sua trajetória mostra exatamente isso: você seguiu um chamado interno e encontrou, no meio das dificuldades, as pessoas e as circunstâncias que tornaram a pesquisa possível”, ressaltou.

Ela também compartilhou a experiência clínica com pacientes portadores de doença de Crohn, e afirmou compreender a complexidade emocional que envolve o diagnóstico.

Em seguida, elogiou os resultados da pesquisa, especialmente no que diz respeito às mudanças no modo de enfrentamento da doença. Eliana destacou a importância da escala de enfrentamento de problemas Emep e das respostas qualitativas, que evidenciaram o movimento de responsabilidade pessoal dos participantes diante do adoecimento.

Mencionou, ainda, a correlação entre os achados da pesquisa e os conceitos da Nova Medicina Germânica, segundo a qual o Crohn está associado a conflitos de contrariedade no âmbito familiar.

“Na Nova Medicina, a doença de Crohn expressa um conflito emocional onde a pessoa recebe, ao mesmo tempo, algo nutritivo e algo indesejado no ambiente familiar. O que sua pesquisa mostrou é exatamente isso: participantes que assumiram a própria vida e deixaram de esperar da família aquilo que os contrariava. Essa transição do apoio familiar para o enfrentamento pessoal ficou muito clara”, afirmou.

Eliana incentivou Jane a dar continuidade às pesquisas e a expandir os estudos sobre os movimentos de cura gerados pela Constelação Familiar.

“Precisamos de investigações que aprofundem o que acontece no campo emocional e sistêmico das pessoas. Seu trabalho traz contribuições fundamentais para compreendermos como a Constelação transforma o lugar do sintoma — sem eliminá-lo magicamente, mas reposicionando-o no sistema de forma saudável. São conclusões preciosas”, enalteceu.

Reconhecimento da ética e dos desafios na publicação científica

A mediadora Erica Lopes Ferreira expressou reconhecimento pelo rigor e profundidade do trabalho apresentado por Jane Rocha. Destacou a consistência ética que permeou todas as etapas da pesquisa, desde a seleção dos participantes até a condução das constelações.

“Foi um prazer imenso estudar seu trabalho e observar como ele foi construído com base em critérios sólidos e diretrizes éticas claras. Cada passo respeitou o participante e o processo terapêutico”, afirmou.

Ela comentou que, a partir da fala da autora, percebeu que a maior dificuldade enfrentada não esteve no desenvolvimento metodológico da pesquisa, mas na publicação do artigo científico.



A cirurgiã-dentista e especialista em consciência sistêmica Erica Lopes Ferreira ressalta que a pesquisa precisa caminhar pela veia da vida e democratizar o acesso ao cuidado integrativo

“Você transcorreu com segurança por todas as etapas da pesquisa, mas o entrave maior surgiu no momento de tornar público o trabalho. Ainda assim, conseguiu superar a barreira e hoje o estudo está acessível, livre e disponível, o que é extraordinário”, destacou.

Erica Lopes refletiu sobre o desafio de acesso à produção científica, especialmente no Brasil, onde muitos artigos permanecem restritos a plataformas pagas ou exigem vínculo institucional.

“Quantas vezes buscamos artigos relevantes e esbarramos na limitação de acesso. O fato de sua pesquisa estar disponível publicamente representa um avanço importante para a democratização do conhecimento”, enfatizou.

Ela agradeceu a participação de Jane e destacou a alegria em apresentar o trabalho no Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas. “Fiquei muito feliz por termos conseguido trazer seu estudo para este espaço. Conversamos sobre isso lá no começo do ano passado, e hoje celebramos essa realização. Sua presença engrandece o CECS e contribui muito com nosso propósito”, finalizou.

Superação das barreiras na publicação e defesa da seriedade científica da Constelação

Na fala de encerramento, Jane Rocha compartilhou os desafios enfrentados no processo de publicação do artigo científico. Explicou que contou com o apoio fundamental de sua orientadora, Daniela Jakubaszko, que buscou uma revista Qualis B, reconhecimento acadêmico e acesso gratuito.

“A Dani sempre me orientou a buscar um periódico que tivesse peso científico, mas que ao mesmo tempo fosse acessível ao público, a fim de democratizar o conhecimento”, relatou.

Jane descreveu as dificuldades enfrentadas nas primeiras submissões, que envolveram negativas e longos períodos de espera sem clareza sobre o andamento do processo editorial. “A primeira revista recusou o artigo. A segunda trouxe incertezas, porque não sabíamos se a negativa era definitiva ou se ainda havia chances. Esse período foi angustiante, porque eu pensava: fiz tudo certo, o comitê aprovou, o relatório final foi entregue, mas e se isso não for publicado?”.

Com o incentivo da orientadora, persistiu no processo e, finalmente, conseguiu a publicação. Compartilhou ainda um episódio recente em que o site da revista ficou temporariamente fora do ar, o que lhe causou preocupação momentânea. “Por um instante pensei que o artigo tivesse sido retirado. Mas era só um problema técnico na página. Logo depois, tudo se normalizou”, contou.

Jane afirmou que o próximo passo será divulgar amplamente o estudo a fim de consolidar o reconhecimento da Constelação como uma prática científica legítima.

"É fundamental que fique registrado e documentado que a Constelação Familiar Sistêmica tem base científica. Não se trata de pseudociência. É possível realizar um trabalho sério, comprometido com a transformação da vida das pessoas e com a responsabilidade ética", ressaltou.

Jane Rocha finalizou com **uma reflexão crítica sobre o preconceito** que recai sobre a abordagem: **"Quando há erros, muitas vezes culpam o método em vez de questionar a atuação do profissional.** *O problema não está na Constelação em si, mas no modo como ela é conduzida.* Assim como ocorre na medicina ou em qualquer outra profissão, **a seriedade do resultado depende da ética e do preparo do profissional"**

Por fim, reforçou o compromisso com a responsabilidade científica e com a integridade do cuidado terapêutico. "Com profissionalismo e ética, qualquer abordagem pode gerar resultados positivos. Quando faltam esses pilares, o risco aparece — não importa o método. O que importa é quem conduz", concluiu.

Agradecimentos e convite à continuidade do movimento em prol das Constelações

Ao encerrar o evento, a mediadora Roseny Flávia Martins expressou, em nome do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), gratidão a todos os presentes.

"Agradeço profundamente a todos que estiveram conosco nesta noite e àqueles que assistirão a esta gravação posteriormente. É um privilégio reunir profissionais e simpatizantes que acreditam no potencial transformador das Constelações Sistêmicas e trabalham por sua excelência", declarou.

Roseny fez um convite especial àqueles que desejam aprofundar seu envolvimento com o campo sistêmico.

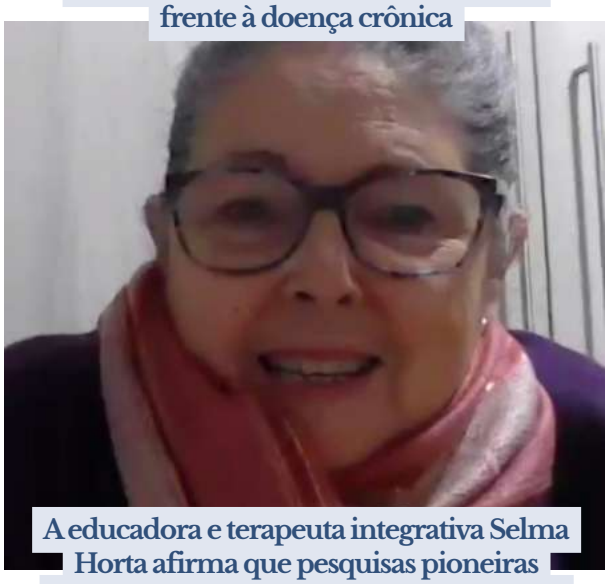
“Quem tiver interesse em se juntar a nós, pode se associar ao CECS e fazer parte deste movimento que reúne pesquisadores, profissionais e pessoas que reconhecem a efetividade da abordagem sistêmica, independentemente de sua validação acadêmica inicial. Sabemos da força ancestral que sustenta as Constelações, uma força que Bert Hellinger canalizou e que tem raízes profundas na tradição africana e no inconsciente coletivo”, argumentou.

Destacou ainda o papel de cada integrante da equipe e agradeceu nominalmente à colaboradora Erica Lopes Ferreira, responsável pela supervisão científica da planilha bibliográfica do CECS, e à pesquisadora Jane Rocha, cuja trajetória inspirou o encontro.

“Muito obrigada, Erica, pela dedicação e seriedade na construção do nosso acervo científico. Jane, nossa querida pesquisadora, gratidão pela entrega e coragem em transformar sua história pessoal em contribuição científica”, finalizou. **(Texto publicado no dia 11 de julho de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



A Psicóloga e diretora de fundamentos teóricos do CECS, Yolanda Freira, observa que a Constelação permite novos caminhos de aceitação e autocuidado frente à doença crônica



A educadora e terapeuta integrativa Selma Horta afirma que pesquisas pioneiras como a de Jane Rocha são gotas preciosas que transformarão a história das práticas integrativas



A consultora e consteladora sistêmica Eliana Medina destaca a importância de respeitar o rigor metodológico sem perder a escuta sensível aos movimentos do campo emocional

Projeto Autoria apresenta o livro + **Amor – Medo**: um chamado sistêmico à reconciliação com a vida

Quarta edição promovida pelo CECS destaca narrativa de **Ricardo Mendes, que percorre três grandes concordâncias** — *com o mundo, com o outro e consigo mesmo* — apresentadas como **chaves para reconciliação, presença e propósito**. Segundo ele, **obra oferece um caminho de reconciliação com a essência afetiva, orientada por valores como compaixão, cuidado e presença**. *"O sentido da vida é cooperativo, não competitivo"*, pontua. Mediadora **Yolanda Freire** afirma que *"quando leio, eu ouço o autor, dialogo com ele, passeio por dentro do texto. Livros são espaços de conversa e expansão"*. Médica **Dagmar Ramos** destaca que *"as Constelações abrem espaço de compreensão para identificar onde o amor está bloqueado e onde o medo precisa ser reconhecido"*

A quarta edição do Projeto Autoria, promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) no dia 23 de julho de 2025, fez um mergulho em questões existenciais, simbólicas e metodológicas associadas ao campo das Constelações.

O evento teve como centro a obra + Amor – Medo, do segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes. O autor é arteterapeuta, docente internacional em Constelações Familiares e Xamanismo. Dirige há 19 anos o Instituto Iralem, no Rio de Janeiro.

O encontro foi realizado pela plataforma Zoom e contou com a mediação da psicóloga clínica e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, mestre em psicologia social e da personalidade. A live destacou o valor do olhar sistêmico como eixo de compreensão do sujeito e do mundo. O livro foi posicionado como uma síntese da jornada pessoal e profissional do autor. A narrativa construída por Ricardo Mendes percorre três grandes concordâncias - com o mundo, com o outro e consigo mesmo - apresentadas como chaves para reconciliação, presença e propósito.

O **evento promoveu um diálogo** *entre teoria, vivência clínica e espiritualidade.* Abordou temas como os **Mitos de Criação**, a **fragmentação entre ser humano e natureza**, a **banalização do medo** como *instrumento social*, **financeiro**, de **manipulação política** e a **importância de retomar a alegria essencial** como *expressão legítima do ser*

A mediação sensível de Yolanda Freire enriqueceu a leitura com articulações refinadas sobre identidade, responsabilização emocional e potência transformadora da escrita.

A médica Dagmar Ramos, em sua intervenção, reafirmou o amor como força política, ética e terapêutica que sustenta a prática sistêmica diante dos desafios contemporâneos.



Encontro do Projeto Autoria apresenta o livro + Amor – Medo, de Ricardo Mendes, como um convite à reconciliação interna e à transformação coletiva ao integrar identidade, Constelações e espiritualidade como caminhos de consciência

Aprofundamento, partilha e troca de *conhecimentos em Constelação Sistêmica*

Na saudação de abertura do evento, a mediadora Yolanda Freire reafirmou que o encontro faz parte do grupo de trabalho de fundamentação teórica do CECS, “que busca trazer o aprofundamento, a partilha, a troca de textos e de conhecimentos em Constelação Sistêmica".

Yolanda destacou o compromisso do grupo com a consistência acadêmica e a diversidade de vozes da comunidade. “A gente traz o olhar sistêmico, que é aquele que envasa o trabalho, que fundamenta a nossa compreensão do que acontece no processo das Constelações, nas dinâmicas que se revelam e se tornam visíveis ao longo do atendimento”.

Ela pontuou que o Projeto Autoria nasceu com o objetivo de reunir autores e autoras que fazem parte do CECS, ao proporcionar um espaço onde a vivência clínica e a produção escrita possam dialogar.

“Temos associados que são autores, associadas que são autoras. Algumas mais voltadas para a academia, para a escrita; outras com textos oriundos do trabalho terapêutico, com as Constelações. Tem sido uma grata surpresa esses encontros”, constatou.

Yolanda ressaltou ainda a natureza afetiva e coletiva do projeto, que vai além da leitura dos livros apresentados.

“Para além do livro, a gente acaba por **trocar experiências, contar histórias**. Temos **uma oportunidade muito bonita de olhar melhor para o autor**, para a autora, e de ver o livro de um outro lugar, *esse lugar da construção*. Tem sido **muito rico, muito interessante**. Um *presente*” (Yolanda Freire)

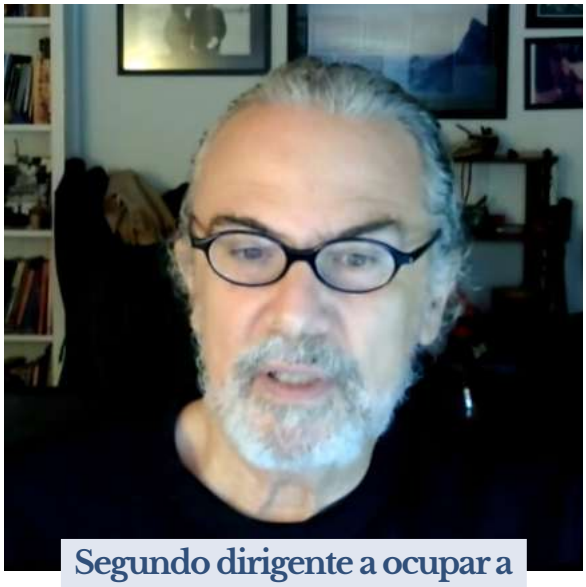
Ao final da sua introdução, Yolanda saudou oficialmente o convidado da noite: “Esse olhar que nós trocamos aqui é um olhar de aprofundamento, de consistência e de valor para aquilo que a gente faz e acredita. Hoje recebemos Ricardo Mendes, que está aqui como autor de + Amor - Medo. Tivemos o prazer de olhar esse livro com todo carinho”. Na sequência, a mediadora fez a leitura do prefácio da obra, descrevendo-o como um texto “muito gentil”, cuja autoria seria revelada aos participantes logo em seguida.

Veja o prefácio do livro: "A polaridade do amar, que ampara e expande, e do medo, que afasta, descuida e contrai"

"Talvez não seja prudente nem ortodoxo fazer referência a mim mesmo ao iniciar a apresentação do livro de Ricardo Mendes, mas o farei por um simples motivo. Como abençoada surpresa, sinto seu texto muito em sintonia com minhas próprias ideias e escritos, especialmente com as que desenvolvo em meu livro Viver na Alma. Amar o que é, amar o que somos e amar os que são. Esta tríplice direção do amor, que reflete o subtítulo, diz muito – quase tudo o que é essencial – e não é muito diferente do que encontraremos na trama central de + Amor – Medo: o tema das três concordâncias que se refere justamente a concordar com o que é, com o outro e conosco mesmos.

Que bom chegarmos juntos a ideias similares, partindo cada um de sua própria matriz criativa. Compartilhamos, sim, uma vasta experiência no que diz respeito ao acompanhamento de pessoas em sofrimento, à assimilação do universo sistêmico das Constelações Familiares, e à nutrição das raízes humanistas e espirituais mesmo que não sejam da mesma origem.

Claro, o texto é um canto a umas tantas verdades sobre a viagem bem-sucedida de uma vida, com suas regras, convites e potencialidades. Saber navegar os ventos cambiantes da realidade, evitando o excesso apego ou a rejeição amedrontada. Saber integrar os pais e reconhecer um outro verdadeiro em qualquer pessoa, como genuína expansão da nossa consciência e crescimento. Saber governar esta assembleia de partes internas que configura a estrutura de quem somos: alma e corpo físico, emocional, mental e energético. Saber ser amável e carinhoso com a criança interior e com as proteções que lhe serviram de defesa, que, como adultos, já não precisamos já que se permanecermos nelas, perseveramos no medo.



Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, arteterapeuta, constelador e autor Ricardo Mendes: "Precisamos estar em paz com o mundo, com o outro e com nós mesmos para poder entregar a nossa grandeza"

Livro criativo, inteligente, com estilo próprio, imbuído de aroma artístico, plasmado em evocadoras fotos, apresenta profundas histórias e metáforas que transmitem sementes do que é relatado. E Brahma, deidade criadora do panteão hinduísta, sobrevoa o livro sugerindo respeito e dignidade na direção de todo movimento criador, em especial o de receber nossos pais, a vida e muito mais. Brahma, a grande criadora, configura com Vishnu, deidade conservadora do criado, e com Shiva, deidade destruidora e semeadora de morte, a famosa trimúrti (trígono) do panteão hinduísta, preenchida de sacralidade. Trimúrti dialética que integra a dualidade da unidade da vida.

O autor nos mergulha nestas danças de muitas formas diferentes: como reconhecer nosso lugar e caminho na vida, as forças que nos impulsionam e como lidar com a dualidade que colore todas as coisas antes do transcendente unitário.

Que seu livro, querido Ricardo, ao tornar-se um veículo transmissor de tantas ideias e propostas preciosas da alma de Bert Hellinger, seja para muitos auspiciosa fonte de inspiração e ajuda". **(Joan Garriga Bacardí | Dezembro 2020 | Port de la Selva – Espanha)**

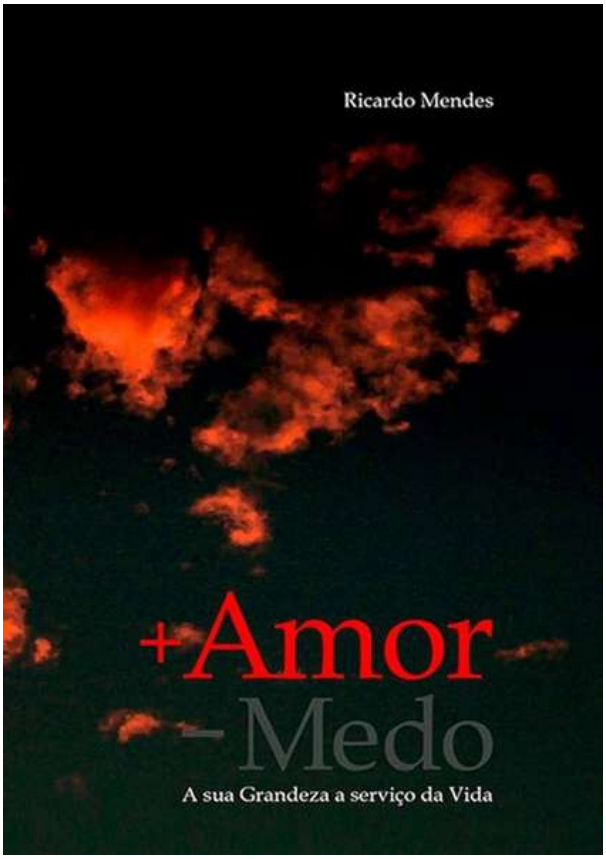
Após destacar que o prefácio do livro + Amor –Medo foi escrito pelo psicólogo e psicoterapeuta gestáltico espanhol Joan Garriga Bacardí, uma das maiores referências internacionais em Constelações Sistêmicas, Yolanda Freire deu início à apresentação do autor com um convite direto e acolhedor.

"Ricardo, conte um pouco dessa grande jornada que você relata no livro, desses caminhos que a gente passa. Queria até que você começasse a falar um pouquinho como é que é esse lugar de escrever, de se colocar. Como é isso para você? E depois você fala do seu caminho, do que quiser trazer do livro para nós."

"Há 20 anos eu conheci as Constelações Familiares, que mudaram a minha vida"

Em sua fala inicial, Ricardo Mendes compartilhou aspectos da trajetória pessoal e intelectual que deram origem à obra. Segundo ele, o encontro com as Constelações Familiares foi determinante.

"Há 20 anos eu conheci as Constelações Familiares, que mudaram a minha vida. Exatamente. Mudou, criou, me trouxe... Muitas coisas aconteceram", testemunhou.



O autor explicou que + Amor – Medo é o segundo de três livros produzidos no período de duas décadas e representa uma síntese do que havia compreendido até o ano de 2018. A estrutura da obra, segundo Ricardo, dialoga com o formato da formação que ele mesmo oferece. Os textos, escritos ao longo de vários anos, foram reunidos em uma sequência construída cuidadosamente. "Eu tinha uma mesa grande de jantar. Botava os textos lá na frente, trocava várias vezes. 'Não, acho que esse veio antes disso'. 'Não, agora ele veio depois disso'. Foi um quebra-cabeça feito ao longo de vários anos", citou.

Ricardo expressou profunda satisfação com o resultado e afirmou que os conteúdos reunidos refletem compreensões e conhecimentos essenciais adquiridos ao longo de sua jornada.

Para ele, tais aprendizados são fundamentais para qualquer processo de transformação.

"Foram compreensões e alguns conhecimentos que chegaram para mim ao longo desses anos e que eu considero as coisas mais importantes. Não consigo enxergar nada mais importante do que isso", sentenciou.

Ricardo Mendes *sintetizou o espírito* da obra: **"Compreender determinadas coisas e encontrar nosso lugar são a base para a gente trazer o nosso mundo melhor"**

Três concordâncias e o caminho da inteireza: *uma leitura vivencial da obra*

Na continuidade do encontro, a psicóloga Yolanda Freire ofereceu uma leitura refinada da obra + Amor –Medo, ao enfatizar o modo como o livro introduz e sustenta um olhar profundamente alinhado com as Constelações Sistêmicas.

Ao dirigir-se ao autor, destacou que a obra é uma porta de entrada sensível e acessível para quem busca compreender as bases da construção sistêmica do sujeito.

"A ênfase é muito boa para quem quer começar a olhar para essa construção sistêmica: o que nos afeta, o que nos toca, o que toca essa construção do indivíduo supostamente único, supostamente separado", refletiu.

Yolanda ressaltou que a estrutura narrativa do livro convida o leitor a percorrer, de forma gradual e envolvente, a passagem entre o individual e o coletivo — da parte ao todo — em uma integração que favorece o autoconhecimento e a identidade ancorada na inter-relação.

"Você faz um caminho no livro, não só dessa compreensão do todo e da parte, desse mais amplo que nos envolve, que nos abraça, mas, ao mesmo tempo, essa construção de uma identidade, de uma diferenciação que se reconhece nesse todo", pontuou. A mediadora apontou, ainda, o caráter vivencial da leitura proposta por Ricardo Mendes. Para ela, o leitor não entra em contato apenas com um conteúdo teórico, mas com um espelho que o conduz ao autoencontro.

"A leitura ajuda a pessoa, porque é um convite. Ela olha uma teoria, mas a partir do que você traz no livro. É muito interessante, porque o leitor se recoloca ali", analisou. Yolanda destacou um dos núcleos conceituais mais importantes da obra: as três concordâncias — com o mundo, com o outro e consigo mesmo — apresentadas como um caminho possível para uma existência mais inteira e presente. Segundo ela, esse eixo atravessa o livro como um convite prático e sensível.

“Você traz as **três concordâncias como um caminho essencial**. Esse **+ amor - medo convida mesmo para uma vida com mais integridade, com mais presença**” (Yolanda Freire)

Autor apresenta o livro como uma convocação à reconexão com a essência amorosa do ser

Ao aprofundar sua explanação, Ricardo Mendes destacou a motivação fundamental de sua obra + Amor – Medo, caracterizando-a como uma convocação existencial e uma provocação reflexiva. “O nome do livro é uma convocação, uma provocação, é um alerta, é uma série de coisas”, afirmou, ao comentar o impulso inicial que o levou à escrita. Para ele, o título expressa um apelo à reconexão com o núcleo mais autêntico do ser: a amorosidade.

O autor apontou que esse afastamento da essência afetiva não se limita à experiência individual, mas reflete uma condição coletiva. “A nossa essência é amorosa”, disse, ao acrescentar que inúmeros aspectos da realidade indicam um distanciamento dessa base interna. Em sua leitura, o cenário atual ilustra essa desconexão: “Se a nossa natureza fosse bélica, estaríamos muito mais satisfeitos com o mundo do jeito que está.” Ao abordar o impacto da comunicação contemporânea, Ricardo Mendes enfatizou o papel da mídia na intensificação da ansiedade. Para ele, o foco constante em acontecimentos trágicos distorce a percepção global.

“A mídia descobriu que, quando carrega nos acontecimentos difíceis, a audiência aumenta. Não é que o mundo esteja só em guerra... Muitas coisas lindas estão acontecendo”, disse.



A psicóloga, consteladora e diretora de Fundamentos Teóricos do CECS, Yolanda Freire, que fez a mediação do encontro: “As Constelações oferecem uma ritualística que facilita essa travessia e permite o reencontro com a potência interior”

O autor compartilhou uma inquietação íntima que o acompanhou ao longo da vida. Apesar de perceber a existência como um dom, sempre lhe pareceu insuficiente limitar-se ao simples fato de estar vivo.

"Sempre achei a vida uma bênção, um presente incrível, mas, ao mesmo tempo, sempre achei pouco o sentido de só estar aqui e viver", afirmou. A busca por um propósito maior atravessa a obra, marcada por momentos de plenitude afetiva e por episódios de distanciamento e conflito interior.

Ele destacou a importância das Constelações Sistêmicas como recurso para facilitar a reconexão com esse campo essencial.

"Quando uma Constelação entra no coração do cliente, o que se sente *é alívio*. **O alívio mostra** o quanto *a gente se reconectou com a nossa essência*" (Ricardo Mendes)

Essa experiência, segundo ele, é concreta, perceptível e revela um reencontro com o que há de mais legítimo no sujeito.

A composição da obra segue essa lógica: parte da dimensão abrangente até alcançar situações específicas. Essa dinâmica, que guia tanto o conteúdo quanto a proposta formativa, traduz a perspectiva sistêmica que sustenta o trabalho. "O medo chega por meio do que é amplo. Meu olhar no livro é do amplo para o específico."

Ao estruturar esse caminho, Ricardo Mendes recorreu a mitos de criação como recurso interpretativo. Inspirou-se nas narrativas fundantes de diversas tradições, com ênfase nas que moldaram o pensamento ocidental.

"Fui direto para os mitos de criação. Estudei bastante a mitologia grega, porque venho do teatro. Mas também considerei os mitos judaico-cristãos, os mitos islâmicos, os mitos hindus... Todos eles carregam ideias que continuam a nos impactar até hoje", informou.

Mencionou, ainda, as contradições e influências simbólicas presentes nessas histórias, que se manifestam em padrões de comportamento e crenças coletivas.

"A mitologia grega é recheada de parricídios... São novas gerações que eliminam as antigas. Isso aparece nas guerras, nas competições, nas rupturas. Já o mito judaico-cristão traz dogmas pesados. Eu mesmo, sem ser teólogo ou especialista, senti o impacto dessas ideias", contou.

Mencionou, ainda, as contradições e influências simbólicas presentes nessas histórias, que se manifestam em padrões de comportamento e crenças coletivas. "A mitologia grega é recheada de parricídios... São novas gerações que eliminam as antigas. Isso aparece nas guerras, nas competições, nas rupturas. Já o mito judaico-cristão traz dogmas pesados. Eu mesmo, sem ser teólogo ou especialista, senti o impacto dessas ideias", contou.

Segundo ele, + Amor – Medo propõe uma reflexão sobre essas heranças culturais e psicológicas. Ao mesmo tempo, oferece um caminho de reconciliação com a essência afetiva, orientada por valores como compaixão, cuidado e presença. Uma trilha possível para restaurar a inteireza no modo de viver.

Crítica aos mitos fundadores e à fragmentação entre ser humano e natureza

Na sequência da apresentação, Ricardo Mendes articulou uma análise das narrativas arquetípicas da tradição ocidental, com atenção aos efeitos simbólicos dessas histórias na forma como o ser humano se posiciona diante do planeta, da espiritualidade e das responsabilidades existenciais. Ao citar o livro de Gênesis, apontou como a ideia de dominação da Terra e dos seres vivos legitimou um modelo de separação. Segundo ele, essa lógica promoveu o distanciamento entre humanidade e ambiente natural, ao ignorar a condição de pertencimento.

"Se a gente acabar com a natureza, a gente acaba junto também", afirmou, ao constatar que ainda falta clareza sobre essa interdependência.

Ao comentar o episódio bíblico da expulsão do paraíso, o autor abordou a associação histórica entre pecado e sexualidade, sobretudo em relação à mulher. Destacou o impacto duradouro dessa simbologia na formação de culturas patriarcais e na naturalização da culpa como ferramenta de opressão.

"Tem alguma coisa que não bate", disse, ao problematizar a narrativa de um Deus onipotente que se exime da criação do pecado. A crítica estendeu-se às consequências sociais desse pensamento, como o feminicídio e o controle sobre o corpo feminino.

Segundo Ricardo, essas construções simbólicas ainda sustentam a crença de que o feminino representa uma ameaça à ordem.

Responsabilidade, espiritualidade e crítica às mediações religiosas

O autor questionou o papel das instituições religiosas na mediação entre humanidade e o sagrado. Criticou práticas que oferecem perdão automático sem confronto real com as consequências dos próprios atos, o que, segundo ele, enfraquece a construção da responsabilidade pessoal.

Apontou que a terceirização da espiritualidade estimula passividade. Em contraposição, destacou a experiência com o xamanismo, que integra sua trajetória há três décadas. Descreveu esse caminho como uma prática de acesso direto ao plano espiritual, sem hierarquias ou dogmas. Enfatizou que a autonomia individual se fortalece quando há liberdade para desenvolver rituais internos sem interferência institucional.

O mito dos Aruás e a valorização das diferenças

Durante a escrita de + Amor – Medo, Ricardo conheceu o mito brasileiro dos Aruás, incluído em uma compilação de inspiração junguiana. A narrativa apresenta dois irmãos com perfis distintos — um ativo, outro contemplativo. Acostumado aos enredos trágicos dos mitos ocidentais, esperava um desfecho violento.

No entanto, surpreendeu-se com a aceitação das diferenças e com a possibilidade de coexistência. "Como seria a nossa civilização se tivéssemos nascido debaixo de um mito de criação que não quer excluir ninguém?", questionou. Segundo ele, histórias como essa ampliam o repertório simbólico e oferecem alternativas mais inclusivas para lidar com o diverso.

Ao abordar as **três concordâncias** — conceito central em sua obra —, **Ricardo Mendes concentrou-se na primeira**: *aceitar o mundo como ele é*. Inspirado por Bert Hellinger, **desenvolveu uma formulação própria a partir da prática terapêutica**. Para ele, **concordar com as condições fundamentais da vida** — *nascimento, crescimento e morte* — é o **primeiro passo para construir uma existência com inteireza**

Ele criticou os esforços modernos para negar a passagem do tempo, como a obsessão por reverter o envelhecimento. “Tem coisas que a gente precisa aprender a dizer sim”, afirmou, ao defender o reconhecimento da transitoriedade como aspecto essencial da maturidade.

Cosmos, culturas e o convite à presença

No encerramento desta parte da apresentação, Ricardo propôs uma reflexão sobre os contrastes da realidade contemporânea. Enquanto parte da humanidade investe em viagens interplanetárias, comunidades indígenas preservam formas de vida tradicionais. Essa coexistência revela o quanto há para aprender com diferentes modos de estar no mundo.

O autor afirmou que muitas pessoas que procuram terapias ou Constelações trazem dores ligadas à origem — sentimentos de exclusão, dúvidas sobre pertencimento ou marcas de rejeição. “A vida acontece daqui pra diante”, declarou, ao defender que apenas a reconciliação com o passado permite construir um caminho possível. A primeira concordância, nesse contexto, sustenta todo movimento de transformação.

A segunda concordância e a superação do olhar acusatório

Em continuidade ao diálogo, a mediadora Yolanda Freire aprofundou a discussão sobre a segunda concordância proposta por Ricardo Mendes — concordar com o outro como ele é — e trouxe uma análise sobre a tendência humana de julgar e rotular. Segundo ela, esse comportamento frequentemente nasce das próprias carências não reconhecidas. “A nossa criança interna, com suas faltas, cobra dos pais e repete esse padrão nos relacionamentos”, apontou.

Yolanda destacou que, nas Constelações, o objetivo não está em perdoar no sentido tradicional, mas em mudar a forma de se posicionar diante das experiências. Para ela, não se trata de absolver, mas de assumir responsabilidades.

“Eu posso dizer: eu fiz coisas que não foram tão boas assim. E posso também olhar para quem me feriu e afirmar: Isso me doeu, isso me fez falta.” A proposta está em sair da posição de juiz e recusar a desqualificação, tanto do outro quanto de si.

Riqueza pessoal sob ameaça do olhar coletivo

Yolanda observou que, muitas vezes, **o que representa força e singularidade em alguém desperta medo nas pessoas** à sua volta. Em vez de acolher a diferença, preferem desqualificar aquilo que não compreendem: **"Uma das estratégias mais comuns para se defender do que assusta no outro é declarar que ele está errado. Que é culpado. Que não é bom"**

Ela citou o caso da moça que carregava o peso de olhares que a fizeram duvidar de sua própria integridade. Aquilo que poderia se apresentar como potência se transformou em culpa, por causa da dificuldade do meio em reconhecer e validar o diferente. Segundo Yolanda, esse mecanismo se repete socialmente e empobrece as relações.

Na sequência, leu um excerto da obra + Amor – Medo que revela o impacto da dependência emocional sobre a maturidade psíquica. O trecho, situado no capítulo da segunda concordância, convida o leitor a refletir sobre as implicações da recusa em assumir o próprio caminho:

"Quais os presentes que os Outros nos trazem?

Ao esperarmos que ele deixe a sua própria Vida de lado para vir nos atender, permanecemos dependentes. Acontece que onde nos recusamos a crescer e assumir o protagonismo da nossa vida, ela não prospera.

Pai, mãe, avós, irmãos, terapeuta. Quem está disponível à sua volta? Quem se sente irresistivelmente atraído em fazer por você? A quem você entrega suas tarefas com alegria, fingindo que não percebe? E se um dia não houver ninguém à volta para acudir?

Ao entregarmos o nosso poder ao Outro, abdicando da ação e dos riscos, caminharemos para um mundo repleto de Maiores Abandonados que ainda esperam por um milagre".

Ao concluir a leitura, Yolanda afirmou que o texto interpela com firmeza e aponta a urgência da autorresponsabilidade. "É uma bela provocação" — completou, ao reconhecer que esse trecho propõe um corte radical com a lógica da espera passiva e abre espaço para o exercício pleno da potência individual.

A necessidade de parar e investigar a própria trajetória

Ricardo Mendes comparou a jornada existencial à experiência de conduzir um veículo. Quando o carro apresenta ruídos ou baixo desempenho, o condutor precisa interromper o percurso e investigar as causas.

"Na nossa vida, raramente fazemos isso. Seguimos sem olhar para o que precisamos". O autor afirmou que muitos comportamentos adultos ainda refletem estratégias infantis de sobrevivência. "Alguém que cresceu sendo o filho coitadinho, sempre em dependência, pode acreditar que é assim e que o mundo deve cuidar dele".

Para o autor, essa permanência em padrões antigos impede a autonomia. O adulto saudável, segundo ele, deve reconhecer quando não sabe, buscar ajuda adequada e assumir o protagonismo da própria história.

"Nada impede um adulto de resolver as situações que surgem. Basta reconhecer limites e buscar soluções reais", apontou.

Crenças formadas na infância e as consequências emocionais

O autor abordou com precisão os efeitos de experiências mal compreendidas durante a infância. Um exemplo simples — como puxar o rabo de um gato e, no mesmo dia, presenciar a separação dos pais — pode originar crenças distorcidas que atravessam décadas. A criança, sem acesso a interpretações racionais, conclui que suas ações provocaram a perda de alguém amado.

"Ela pode crescer acreditando que cada erro afasta quem ama", pontuou.

Esse tipo de construção simbólica, ao se fixar na estrutura psíquica, compromete a expressão emocional. O indivíduo que internaliza a necessidade de agradar acaba por reprimir sentimentos legítimos, como raiva, tristeza ou frustração. "Essa pessoa pode explodir um dia. Ou adotar posturas ambíguas: gentil com uns, cruel com outros. Tudo por não ter elaborado o impacto daquele momento original."

A terceira concordância como reconhecimento da própria singularidade

Ao finalizar esse bloco, Ricardo apresentou a terceira concordância: concordar consigo mesmo. Para ele, aceitar a própria existência como única é um passo essencial para habitar o mundo com inteireza.

Ricardo Mendes destacou que até o corpo carrega essa afirmação da diferença. "A impressão digital prova que não há dois iguais entre bilhões de pessoas. Isso não é dogma, está no corpo." Ao compreender esse dado, o indivíduo deixa de negar quem é e se autoriza a ocupar seu lugar. A vida, então, se torna espaço de expressão legítima, onde a potência de cada um se soma ao conjunto com sentido e direção.

"Cada um precisa reconhecer sua singularidade, seu valor, sua diferença." A existência humana, afirmou, não suporta *homogeneidade*. **A diversidade não é erro,** mas *acerto da criação*

O propósito de vida como expressão da grandeza pessoal

Em uma das passagens mais enfáticas de sua fala, Ricardo Mendes sublinhou a urgência de cultivar paz interior como fundamento para o engajamento com o mundo.

Defendeu que o alinhamento com o próprio centro permite revelar a grandeza que cada ser humano carrega.

"Precisamos estar em paz com o mundo, com o outro e com nós mesmos. Precisamos cuidar de nós para poder entregar ao mundo a nossa grandeza".

Segundo o autor, não basta permanecer em espaços de conforto ou crítica improdutiva. A vida exige presença ativa, sobretudo em tempos de descrença.

"Não adianta dizer que o mundo não quer, que não tem mais jeito. É uma pena, porque faz falta. Todo mundo faz falta."

Para Ricardo, a ausência de contribuição consciente empobrece o coletivo e perpetua a sensação de impotência.

A jornada do autoconhecimento como base da cooperação

Ao refletir sobre o caminho que leva ao propósito, Ricardo Mendes convocou uma análise direta: por que estudar, refletir, buscar o autoconhecimento? O que justifica tanto esforço interior?

"Se fosse para viver como uma bananeira — nascer, frutificar e morrer — seria mais simples. Mas não é. Temos outras possibilidades", comparou.

A consciência dessas possibilidades exige movimento e escolha. Para ele, o sentido da vida não se resume à realização pessoal, mas se manifesta no encontro com o outro. "O propósito é cooperativo, não competitivo."

Nesse ponto, o autor retomou o mito do Senhor Brahma como metáfora para a contribuição individual. Cada pessoa manifesta uma parte do divino. Mostrar essa parcela com integridade é, ao mesmo tempo, ato de entrega e celebração da vida. "Agradecemos ao Senhor Brahma por nos permitir mostrar uma parte dele. Que essa parte seja bela, autêntica, digna de somar ao conjunto."

Grandeza como ato de presença e comprometimento

Para Ricardo Mendes, reconhecer a própria grandeza não configura vaidade nem afirmação narcisista. Trata-se de assumir o compromisso com a potência que cada um carrega.

O mundo, afirmou, não pode dispensar talentos nem calar vozes legítimas. A construção do sentido de vida emerge quando alguém compreende que seu gesto, sua presença e sua palavra fazem diferença. E por isso, precisam ocupar espaço.

Ao final dessa reflexão, o autor reafirmou que **o destino de cada ser humano não está pronto, mas disponível.** O **movimento em direção ao propósito exige coragem para se tornar o que se é.** *Não basta repetir o ciclo biológico.* É necessário **dar forma, nome e direção à singularidade que habita cada pessoa**. Esse é o *chamado da vida.* Esse é o **convite do livro + Amor – Medo**

Durante sua análise, a mediadora Yolanda Freire destacou que a Constelação, embora valiosa, não deve ser tratada como solução única. Segundo ela, o medo de não corresponder às expectativas pode levar consteladores a assumirem um lugar equivocado, como se estivessem "carregando um pote com a solução para tudo". Reforçou, assim, que o trabalho com a abordagem sistêmica é apenas um entre muitos caminhos possíveis rumo à consciência e à integração pessoal.

Yolanda reconheceu a contribuição do livro + Amor – Medo por oferecer múltiplas formas de ampliar o olhar. Ressaltou que a Constelação não apenas acolhe a dor individual como também provoca reflexões coletivas. "Quando eu atendo em Constelação, sempre agradeço à pessoa que vem. Ela traz sua questão pessoal, mas também uma provocação preciosa que nos leva a olhar para a nossa história, nossos vínculos e nossos papéis", constatou.

A representação como experiência de ressonância e cura

A mediadora também abordou a experiência dos representantes, sobretudo nas Constelações ocultas, nas quais os participantes não conhecem previamente os papéis que assumem. Para Yolanda, há uma escolha profunda e silenciosa. "A alma escolhe a dedo quem pode representar, porque compartilha do mesmo tema essencial."

Essas vivências se revelam oportunidades de cura e reflexão, permitem que o campo traga à tona conteúdos inconscientes que ecoam em quem observa, participa ou representa.

Entre aceitar e concordar: o poder de soltar

Yolanda diferenciou com clareza o sentido de aceitar e concordar, segundo a proposta do autor.

Para ela, aceitar pode carregar certo conformismo — um gesto sem profundidade. Já a concordância implica um movimento mais maduro e libertador.

"Aceitar é dizer: aceito porque não tem outro jeito. Se surgir outro, já não aceito mais. Concordar é soltar."

Com isso, a mediadora reiterou que concordar (com o que foi) não significa justificar ou minimizar dores. Pelo contrário, é reconhecer com inteireza.

"Olhar para nossos pais na humanidade deles e dizer: isso me feriu, isso me faltou, isso me pesou. Não para fingir que tudo está bem, mas para parar de carregar o que não é mais necessário", pontuou.

Ao finalizar, Yolanda mencionou uma Constelação realizada recentemente, marcada pela emoção e pelo simbolismo. Com esse exemplo, reforçou o quanto as práticas sistêmicas revelam dimensões profundas da experiência humana e criam espaços de escuta, reverência e transformação.

A potência de respeitar os limites do outro

Ao relatar o caso de uma mulher que buscou apoio após a rejeição do próprio pai em relação à neta nascida por inseminação artificial, Ricardo Mendes ressaltou a importância de honrar o tempo e as limitações de cada um. A criança, prestes a completar dois anos, havia sido vista apenas uma vez pelo avô, cuja recusa em se aproximar parecia ir além da racionalidade. Segundo Ricardo, o sintoma físico do pai, que chegou a sofrer um AVC no dia do encontro marcado, revelava um bloqueio mais profundo, ainda não elaborado.

Na Constelação realizada, a mãe pôde se dirigir simbolicamente ao pai, ao reconhecer sua dificuldade e, ao mesmo tempo, ao reafirmar seu vínculo com a filha. A prática evidenciou que, muitas vezes, o sofrimento nasce da tentativa de forçar uma concordância que o outro não pode oferecer. “A gente perde tempo na espera que o mundo concorde com a nossa maneira de ser, em vez de aprender a aceitar a diferença do outro”, refletiu o autor.

O marketing do medo e o deslocamento da responsabilidade

Ricardo Mendes também criticou o uso generalizado do medo como motor da economia e da sociedade. Ao abordar sua formação em marketing, pontuou que o foco original da área — identificar necessidades e atendê-las — foi substituído por estratégias que alimentam inseguranças.

“Hoje, não se trata de satisfazer uma necessidade real, mas de explorar preocupações para vender soluções ilusórias”, afirmou.

Como exemplo, citou a indústria de seguros e os chamados planos de saúde, que, segundo ele, não garantem bem-estar, mas apenas reforçam o receio de adoecer.

“O melhor plano de saúde é cultivar relações amorosas, ter propósito, alimentar-se bem, morar num lugar que faça sentido”. Para o autor, muitas escolhas são feitas a partir do medo, o que nos distancia da potência transformadora do amor.



Crítica à banalização do consumo e à conivência social

Ricardo Mendes ainda questionou a naturalização da propaganda de produtos prejudiciais à saúde, como refrigerantes, cigarro e bebidas alcoólicas. Considerou paradoxal que esses itens sejam amplamente promovidos, mesmo com o conhecimento de seus efeitos negativos. “No final, colocam um aviso tímido: ‘Beba com moderação’. Mas o certo seria dizer: ‘Se puder, não beba’”.

Essa lógica, para ele, reflete uma sociedade movida pelo lucro e pela indiferença. Enfatizou que, embora as transformações coletivas sejam necessárias, o ponto de partida está sempre no indivíduo. “Quais das minhas escolhas estão ligadas ao medo? Quais nascem do amor?”

O poder da escolha individual em um mundo dominado pela angústia

Ao concluir essa parte da exposição, Ricardo Mendes apontou a influência nociva da mídia e da repetição de narrativas violentas na saúde emocional das pessoas.

“Quem assiste ao noticiário toda noite certamente dorme mal e vive em estado de alerta.” **Para ele, a indústria da notícia prioriza o impacto negativo, pois eleva a audiência e sustenta os anunciantes**

Diante disso, propôs uma atitude ativa de discernimento: ocupar o próprio lugar no mundo com consciência.

“A mídia alimenta a angústia, mas somos nós que escolhemos nos expor. Quando entendemos isso, começamos a recuperar o poder que entregamos ao medo”, ressaltou.

A alegria como expressão do ser essencial

Na etapa final do encontro, a mediadora Yolanda Freire destacou a dimensão mais profunda do percurso proposto por Ricardo Mendes em + Amor – Medo: o caminho em direção ao eu essencial. Segundo ela, esse processo implica atravessar camadas de crenças limitantes e liberar emaranhamentos que obstruem o fluxo natural da vida. "As Constelações oferecem uma ritualística que facilita essa travessia e permite o reencontro com a potência interior", afirmou.

Yolanda ressaltou que a alegria a que Ricardo Mendes se refere em sua obra não se confunde com uma euforia superficial ou com o entusiasmo infantil. Trata-se de uma manifestação serena e íntegra do ser ancorada na autonomia, na partilha e no pertencimento. "É uma alegria que nasce da expressão do que se é, e não de um contentamento artificial sustentado por distrações ou medicações."

A cultura da anestesia e a negação da frustração

A mediadora observou que, na sociedade contemporânea, existe uma pressão constante para eliminar o desconforto e evitar qualquer forma de dor emocional.

"As pessoas recorrem a remédios para silenciar dores que são naturais, tentam fugir da frustração a qualquer custo." Para ela, essa cultura da anestesia afasta os indivíduos de seu processo de crescimento e bloqueia o acesso à verdadeira alegria.

Yolanda enfatizou que, ao estimular a introspecção, Ricardo Mendes convida o leitor a permanecer com o que é, sem evitar o confronto com as próprias sombras. "O livro chama as pessoas para olhar para dentro, para revisitar suas camadas internas e reavaliar as crenças que sustentam."

A escolha consciente de novas crenças

A reflexão avançou para o papel das crenças na construção da realidade pessoal. Yolanda sublinhou que a transformação não se resume à troca de uma crença por outra, mas requer discernimento.

"Que crenças me fazem bem? Quais estão em sintonia com o meu ser? Quais ampliam minha capacidade de respirar com presença?"
(Yolanda Freire)

Ao concluir a reflexão, ela reforçou que o alívio gerado por esse percurso não representa apenas um descanso momentâneo, mas a entrada em um novo estado de consciência. “Não se trata de um simples ‘ufa’. É uma respiração que vem de outro lugar, mais profundo, mais livre.”

Dagmar Ramos destaca a força do amor como resposta ao medo

Ao final do evento, a segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica Dagmar Ramos, prestou uma homenagem à obra de Ricardo Mendes, ao destacar a sensibilidade com que o autor abordou questões essenciais da existência.

Ela classificou + Amor – Medo como uma leitura transformadora, capaz de tratar temas profundos com leveza e profundidade. “É um livro que nos conecta, nos toca e fala diretamente sobre dois aspectos fundamentais da vida: o amor e o medo.”

Dagmar compartilhou sua experiência com os livros de Ricardo. Ressaltou a relevância do conteúdo, especialmente no contexto do atendimento a clientes com questões psiquiátricas e no campo das Constelações, onde as emoções essenciais se revelam com intensidade.



Médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos: “Fomos movidos por muito amor. Amor por essa abordagem, por Bert Hellinger, por nós mesmos, e pelo próprio amor”

“O amor e o medo são forças que atravessam cada atendimento. As Constelações abrem um espaço de compreensão para identificar onde o amor está bloqueado e onde o medo precisa ser reconhecido”, constatou Dagmar.

Do amor infantil ao amor maduro: uma travessia necessária

Em sua fala, a presidente reiterou a importância da transição do amor inocente, típico da infância, para o amor maduro, construído na vida adulta. Referiu-se à contribuição de Bert Hellinger nesse entendimento e ao modo como o autor também desenvolve esse olhar em sua obra. “Bert já havia nos mostrado com clareza a diferença entre o amor da criança e o amor do adulto.”

Dagmar mencionou ainda o impacto de obras complementares, como o livro da escritora, atriz e consteladora Ingra Lyberato sobre o medo do sucesso, para ilustrar como essa emoção se manifesta de forma sutil em diferentes aspectos da vida. **[Ingra Lyberato - O Medo do Sucesso - A vida nos palcos, no cinema e na televisão - L&PM Editores (https://acesse.one/XAc4w)].**

Declarou que reconhece essa mesma sombra em si, o que reforça o valor da leitura de + Amor – Medo como um convite à autorreflexão.

Amor como motor de resistência e transformação coletiva

Ao celebrar o encontro promovido pelo CECS, Dagmar Ramos refletiu sobre o esforço coletivo necessário para sustentar o campo das Constelações diante de resistências e ataques. Afirmou que o grupo decidiu vencer o medo e se comprometer com a missão de defender e expandir a abordagem.

"Fomos movidos por muito amor. Amor *por essa abordagem*, por *Bert Hellinger*, por *nós mesmos*, e *pelo próprio amor*" (Dagmar Ramos)

Por fim, dirigiu palavras de gratidão à mediadora Yolanda Freire, em reconhecimento ao seu cuidado, profissionalismo e leitura sensível da obra de Ricardo Mendes. Com emoção, encorajou o autor a continuar a escrever.

"É muito bom ler você. Continue escrevendo mais. Estamos com você", incentivou.

Livros como portais de encontro e transgressão: a leitura como ato revolucionário

Em um momento de emoção, a mediadora Yolanda Freire compartilhou seu vínculo profundo com o universo dos livros e celebrou a obra de Ricardo Mendes como uma expressão legítima de arte e humanidade.

Declarou que os livros funcionam como portais, capazes de criar encontros e ampliar percepções.

"Quando leio, eu ouço o autor, dialogo com ele, passeio por dentro do texto. Livros são espaços de conversa e expansão."

Yolanda descreveu o hábito da leitura como uma prática ativa e sensível, onde cada obra se transforma a partir do encontro com o leitor.

Para ela, mesmo os títulos mais técnicos e teóricos ganham dimensão estética quando revelam o humano em profundidade. “Vejo cada livro como arte. É ali que encontro o humano em sua expressão mais bonita.”

A escrita como gesto de resistência no cenário nacional

A mediadora também refletiu sobre o desafio de escrever e publicar no Brasil, ao classificar a escrita como uma atitude política e transformadora. Afirmou que lançar um livro no país representa um ato de coragem e desobediência criativa.

> **“Escrever é um gesto revolucionário. É um processo de transgressão da ordem estabelecida,** que *ainda valoriza excessivamente o que vem de fora*” (Yolanda Freire)

Ao exaltar a importância de autores nacionais, Yolanda pontuou que escutar vozes brasileiras no campo das Constelações e do pensamento sistêmico amplia o repertório coletivo e fortalece o campo de saber.

“Receber os autores entre nós, ouvi-los diretamente, é algo de enorme valor. Eles nos aproximam de nós mesmos”, ensinou.

Concluiu sua fala com um gesto de gratidão e reconhecimento pela contribuição de Ricardo Mendes, ao enfatizar a alegria de viver um encontro atravessado por arte, presença e afeto.

Encerramento celebra espírito de colaboração e anuncia nova edição do Projeto Autoria

Ao final do encontro, a mediadora Yolanda Freire compartilhou reflexões sobre o significado do Projeto Autoria, ao destacar o valor da generosidade e da parceria como forças que sustentam a iniciativa. Reconheceu a contribuição dos diretores do CECS como protagonistas não apenas institucionais, mas também simbólicos, ao inaugurarem com seus próprios livros essa etapa experimental do projeto.

“A intenção é acolher as publicações dos nossos associados. Começamos com os diretores também como forma de honrar o trabalho voluntário que tem sido feito com tanto cuidado”, afirmou.

Yolanda também anunciou a próxima edição do Projeto Autoria, que terá como destaque a psicóloga clínica Alzira Cristina da Silva, diretora de Ética do CECS, professora universitária, especialista em Docência na Educação Superior e coordenadora do Instituto IAC.

A próxima conversa terá como foco as frases que surgem nos processos de Constelação e sua ressonância nas vivências terapêuticas. O livro de Alzira já se encontra em fase final de revisão, na versão impressa.

A noite se encerrou com palavras de gratidão ao CECS pela criação de um espaço fértil para encontros significativos.

“Estamos todos a viver esse passo adiante, como diz Ricardo Mendes em seu livro. Pertencer ao sistema, sim, mas com coragem de viver a liberdade possível”, concluiu Yolanda Freire. **(Texto publicado no dia 27 de julho de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**

Reunião histórica de três entidades nacionais deflagra campanha em defesa do acesso às Constelações Familiares no SUS: *"Uma questão de direitos humanos"*

Movimento surge a propósito da Resolução nº 06/2025, do **Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH)**, que instituiu um **Grupo de Trabalho (GT)** para **analisar as Constelações no Brasil** *sem a presença de representantes vinculados às entidades legalmente reconhecidas*. Medida avança no sentido de **propor restrições arbitrárias à continuidade da abordagem nos serviços públicos**. *Plenária on-line reúne cerca de 300 lideranças de todo o país* e marca **uma nova fase da articulação institucional em defesa do acesso gratuito às práticas sistêmicas no SUS**

A **plenária** *marca uma nova fase de articulação institucional* em **defesa do acesso gratuito às práticas sistêmicas na saúde pública brasileira**

Em plenária on-line que reuniu cerca de 300 lideranças de todo o país, foi lançada oficialmente no dia 29 de julho de 2025 a campanha nacional "As Constelações Familiares no Sistema Único de Saúde – uma questão de direitos humanos".

O movimento surge a propósito da Resolução nº 06/2025, do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), que instituiu um Grupo de Trabalho (GT) para análise das Constelações Familiares Sistêmicas no Brasil.

O GT ora instaurado pelo CNDH foi constituído sem a presença de qualquer representante técnico, institucional ou profissional vinculado às entidades legalmente estabelecidas, e avança no sentido de propor restrições arbitrárias e sem base empírica à continuidade das Constelações nos serviços públicos.

O evento apontou os vícios de origem do GT, a ausência de representatividade técnica, a condução política e antidemocrática que visa cercear de forma indevida a presença das Constelações no Sistema Único de Saúde (SUS) e no Sistema de Justiça.

Participaram consteladores, profissionais do SUS, trabalhadores da saúde, pesquisadores, usuários, representantes da sociedade civil organizada e defensores dos direitos humanos.

A ação foi liderada pelas três entidades representativas do campo no Brasil: Associação Brasileira de Consteladores Sistêmicos (ABC), Instituto Brasileiro de Consteladores Familiares (IBCF) e Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS).

O encontro consolidou uma frente institucional coesa diante da tentativa de exclusão das Constelações da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), especialmente no contexto do SUS, onde a abordagem incorporada oficialmente pela Portaria nº 702/2018 do Ministério da Saúde já soma mais de 25 mil atendimentos gratuitos nos últimos dois anos.

As mensagens das lideranças reforçaram que a pauta da exclusão não é técnica, mas política e antidemocrática. Representa um grave retrocesso no direito de acesso à saúde integral de populações vulneráveis.

Segundo as entidades, *impedir a oferta das Constelações Familiares pelo SUS* é **restringir o cuidado profundo apenas a quem pode pagar**, o que *fere os princípios da equidade e universalidade* que regem o sistema

O evento também destacou dados do Mapa de Evidências Científicas, publicado em 2024 pelo Cabsin, em parceria com a Bireme/Opas/OMS, que analisou 16 estudos e apontou que 90% dos desfechos foram positivos ou potencialmente positivos.

Os três presidentes reforçaram o compromisso com o fortalecimento técnico, ético e institucional da abordagem sistêmica no Brasil.

Tarso Firace, *presidente da ABC, escritor e terapeuta* com mais de **30 obras publicadas** e **5 mil atendimentos** realizados, **celebrou a convergência das gerações em torno de um novo ciclo de maturidade e autorregulação**

Inácio Junqueira, *presidente do IBCF, consultor de negócios, educador e especialista em cooperativismo*, destacou a **urgência de unificar discursos, padronizar formações e honrar o legado de Bert Hellinger com responsabilidade institucional**



Em plenária on-line que reuniu cerca de 300 lideranças de todo o país, foi lançada no dia 29 de julho de 2025 a campanha nacional “As Constelações Familiares no Sistema Único de Saúde – uma questão de direitos humanos”

Dagmar Ramos, *segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica psiquiatra, psicoterapeuta, homeopata, especialista em medicina preventiva e social*, reafirmou que **manter as Constelações no SUS é uma bandeira de justiça social e uma ação de defesa da saúde como direito fundamental**

As Constelações Sistêmicas foram reafirmadas no encontro como uma abordagem integrativa de impacto social crescente, com aplicações reconhecidas nos campos da saúde pública, do sistema de justiça, das organizações e da educação.

Ao fim do encontro, foi reforçado que a abordagem, ao promover reconciliação, pertencimento e fortalecimento dos vínculos humanos, é, em sua essência, um instrumento de defesa da dignidade humana — e, por isso, um direito que deve ser garantido a todos. **(Texto publicado no dia 1º de agosto de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



Em plenária on-line que reuniu cerca de 300 lideranças de todo o país, foi lançada no dia 29 de julho de 2025 a campanha nacional "As Constelações Familiares no Sistema Único de Saúde – uma questão de direitos humanos"

Escrita, cura e fenomenologia: Joaquim Marujo *defende ética e profundidade* nas Constelações Sistêmicas Familiares

Professor, psicoterapeuta transpessoal, PhD em antropologia social, pesquisador e constelador português *apresenta em live internacional promovida pelo CECS* reflexões sobre a escrita como instrumento de cura e a prática fenomenológica como caminho de transformação. "A *Constelação não é um ritual de respostas, é um convite à escuta profunda"*, afirma. **Médica Dagmar Ramos enfatiza importância da união de esforços em prol da valorização desse conhecimento**: "Celebrar a abordagem é celebrar a vida". **Diretora Científica Roseny Flávia Martins cita importância da construção de um espaço de aprendizado contínuo. Mediadora Erica Lopes Ferreira chama atenção para importância das heranças emocionais na criança interior**

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) realizou, no dia 30 de julho de 2025, uma live internacional com o português Joaquim Marujo, psicoterapeuta transpessoal, doutor em antropologia e mestre em Clínica Saúde Mental.

A partir do tema 'Escrita e cura: um encontro com as Constelações em Portugal', o autor compartilhou trajetória e estudos que integram práticas terapêuticas e reflexão acadêmica sobre a narrativa como caminho de cura e autoconhecimento.

A mediação ficou sob responsabilidade da diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, pesquisadora PhD e referência na área e Erica Lopes Ferreira, cirurgiã-dentista formada pela UFPR, que acumula produção científica nacional e internacional, formação em Constelação Familiar na água, psicossomática, física quântica e consciência sistêmica.

Joaquim Marujo defendeu que a narrativa escrita é um gesto de consciência que integra corpo, mente e alma ao promover processos profundos de reorganização interna.

Durante o encontro, ele enfatizou a importância de uma postura ética por parte do facilitador. "A Constelação não é um exercício de controle, mas um campo de escuta fenomenológica e de suspensão do saber", afirmou. Ele alertou sobre os riscos das interpretações prematuras e das práticas invasivas que desrespeitam a singularidade das histórias de cada cliente.

"**A Constelação não é ciência no sentido reducionista.** Ela é *uma ética paciente de ver o que é, como é, e deixar que se manifeste*", afirmou **Joaquim Marujo**. "A **verdadeira cura acontece quando deixamos de querer controlar** e *passamos a escutar*", pontuou

Segundo observa, a alma se revela na presença silenciosa, no acolhimento respeitoso e na ausência de qualquer tentativa de controle ou interpretação apressada. Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica, homeopata e psicoterapeuta Dagmar Ramos, especialista em medicina preventiva e social, destacou a responsabilidade do facilitador diante da potência da abordagem.

Roseny Flávia Martins ressaltou a urgência de promover espaços de escuta ética e de aprofundamento acadêmico. Erica Lopes Ferreira chamou atenção para a integração das heranças emocionais de traumas e dinâmicas dentro do sistema familiar e a criança no campo sistêmico. Dentro do contexto das Constelações Familiares, solicitou a contribuição do professor Joaquim em relação ao trabalho com a criança interior.

O evento reafirmou o **compromisso do CECS com a construção de uma base acadêmica sólida para as Constelações**, ao *articular teoria, prática clínica e responsabilidade ética*

O convidado especial Joaquim Marujo anunciou a produção de um e-book exclusivo para a instituição, a fim de ampliar os recursos didáticos para formação de consteladores no Brasil.

Compromisso com a defesa da abordagem sistêmica

Na abertura do evento, a médica Dagmar Ramos deu as boas-vindas ao convidado e aos participantes. Destacou a relevância do momento para a comunidade das Constelações no Brasil.

Citou a recente reunião entre as três associações que defendem a abordagem no país: Associação Brasileira de Consteladores Sistêmicos (ABC), Instituto Brasileiro de Consteladores Familiares (IBCF) e Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS). Ela enfatizou a importância da união de esforços em prol da valorização desse conhecimento.

Dagmar ressaltou o trabalho de articulação do CECS que, desde a fundação em 22 de fevereiro de 2024, promove iniciativas para ampliar a presença das Constelações na sociedade e no campo acadêmico.

“Celebrar as Constelações é celebrar a vida. Elas transformaram as nossas práticas profissionais e têm impactado positivamente a existência de muitas pessoas. Nosso compromisso é continuar na defesa e no fortalecimento dessa abordagem no Brasil”, pontuou.

GT Científico amplia base de referências acadêmicas sobre Constelações Sistêmicas

Roseny Flávia Martins iniciou a participação na live com destaque para os avanços do Grupo de Trabalho (GT) Científico na produção e organização de referências acadêmicas sobre Constelações Familiares e Sistêmicas. Segundo ela, a equipe atua de forma contínua na construção de uma base sólida de materiais teóricos e práticos, essenciais para o fortalecimento da abordagem.

O GT Científico realizou um extenso levantamento bibliográfico ao catalogar referências disponíveis sobre Constelações, informa Roseny. Como resultado, foi elaborada uma planilha que atualmente reúne mais de 650 referências, sendo aproximadamente 50% compostas por livros, 25% por artigos científicos e o restante por materiais diversos, o que inclui documentos técnicos, vídeos e publicações especializadas.

Durante sua fala, Roseny enfatizou a relevância do professor Joaquim Marujo como membro integrante do GT Científico. Ressaltou sua atuação direta no apoio às atividades de pesquisa e na consolidação de uma produção teórica que dialogue com as práticas de Constelações Sistêmicas, especialmente no contexto europeu.

“Ele nos auxilia de maneira muito valiosa, traz uma perspectiva internacional e uma base teórica densa para o nosso trabalho”, afirmou.

O **tema da live – ‘Escrita e cura: um encontro com as Constelações em Portugal’** - foi apontado por Roseny Flávia como **uma oportunidade ímpar para aprofundar as discussões sobre a narrativa como instrumento terapêutico.** A proposta, segundo ela, foi **explorar como a escrita pode se articular à prática sistêmica**, ao p*romover processos de autoconhecimento e reorganização interna nos indivíduos*, referendada pelo professor **Joaquim Marujo**



Participantes da live internacional com professor Joaquim Marujo que teve como tema "Escrita e Cura: um encontro com as Constelações em Portugal" em evento promovido pelo CECS que discutiu a narrativa como instrumento terapêutico de autoconhecimento e transformação

O trabalho desenvolvido pela equipe científica do CECS, conforme salientado pela diretora, busca legitimar e ampliar o campo de estudos sobre Constelações Familiares, a fim de assegurar uma base acadêmica robusta que dialogue com práticas clínicas e a realidade dos profissionais que atuam na área.

Erica Lopes Ferreira destaca volume expressivo da produção científica de Marujo

Erica Lopes Ferreira apontou a participação do professor Joaquim Marujo no evento como um marco para o aprofundamento acadêmico e científico das Constelações Sistêmicas no Brasil. Ela enfatizou que a presença do convidado representa um momento de grande relevância para o CECS pela qualidade de sua trajetória e pela profundidade de suas pesquisas.

Durante a introdução, Erica destacou a publicação do livro 'A puta da evidência científica versus a ingênua fenomenologia sistêmica e psicológica nas Constelações Sistêmicas Familiares', obra de autoria de Joaquim Marujo que já se encontra na terceira edição. Ela apontou que a leitura do livro é essencial para compreender os desafios contemporâneos enfrentados pela abordagem, especialmente no cenário brasileiro. "Recebi o livro como um presente e faço questão de agradecer publicamente, pois é uma obra de extrema relevância, que dialoga com o contexto atual que vivemos no Brasil", pontuou. A edição atual do livro, revista e aumentada, conta com o título atualizado 'A cura da loucura ou a loucura que cura - Constelações Familiares entre a Fenomenologia e a Ciência'. A aquisição no Brasil pode ser feita por meio da Loja Uiclap

Erica leu a biografia do convidado e salientou o volume expressivo da produção científica de Marujo, com dezenas de artigos e publicações em jornais acadêmicos e de divulgação científica, voltados às áreas de psicologia e gerontologia. Ele integra doze associações internacionais de pesquisa e prática em Constelações, entre elas o próprio CECS, onde atua como membro ativo do GT Científico.

Joaquim Marujo defende ética e profundidade na prática terapêutica

Joaquim Parra Marujo é PhD em antropologia social, com extensa atuação como investigador e terapeuta transpessoal em Portugal e em outros países da Europa. CEO da Unitranspessoal – Unidade de Investigação em Gerontologia e Psicologia Transpessoal. Atua como formador em psicologia transpessoal e Constelações Familiares, Organizacionais e Pedagógicas em Lisboa, Leiria, Polônia, Malta, Noruega e Brasil.

O professor iniciou a participação na live internacional do CECS ao relatar o contexto que motivou a escrita de seu mais recente livro sobre Constelações Familiares. Explicou que, após convite de sua editora e de alunos, foi desafiado a produzir a obra em apenas três meses.

O livro 'A puta da evidência científica versus a ingênua fenomenologia sistêmica e psicológica nas Constelações Sistêmicas Familiares' surgiu a partir da necessidade de refletir criticamente sobre os desafios enfrentados pelas Constelações Sistêmicas no campo científico, bem como de defender a legitimidade e a complexidade da abordagem fenomenológica frente aos discursos que desconsideram sua contribuição para a saúde e o bem-estar.

Assim, Marujo assumiu a responsabilidade de elaborar uma obra que confrontasse a desinformação com fundamentos científicos e filosóficos, ao oferecer uma defesa qualificada da abordagem sistêmica.

Marujo destacou que a escrita terapêutica nas Constelações não se reduz a uma narrativa linear, mas deve ser compreendida como gesto, símbolo e presença.

Para ele, a escrita é um ato de consciência que integra corpo, mente e alma. Permite ao indivíduo resgatar e reorganizar fragmentos dispersos de sua história.



“A **escrita constelativa** *não é uma técnica*, é **uma abordagem multidimensional** que *atravessa territórios íntimos* **da alma humana**” (Joaquim Marujo)

Ele descreveu a escrita como um canal que transita do trauma ao sentido, da dor à lucidez, e da separação à unidade.

Enfatizou que, quando associada às Constelações Familiares, ultrapassa a esfera do individual e acessa campos coletivos, ancestrais e transgeracionais.

Marujo alertou para os riscos de interpretações precipitadas e generalizações. Reforçou que a abordagem exige uma escuta ética, uma postura fenomenológica e uma profunda reverência à singularidade de cada história.

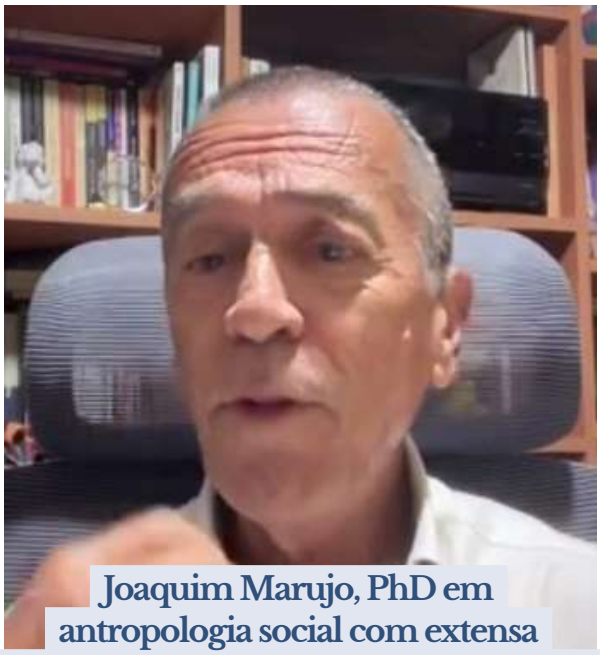
Ética constelativa e os riscos da popularização sem critérios

Joaquim Marujo manifestou preocupação com a popularização indiscriminada das Constelações. Criticou cursos de baixa qualidade e práticas que desrespeitam princípios éticos e epistemológicos.

Ele relatou exemplos de condutas inadequadas, como diagnósticos apressados e interpretações invasivas por parte de facilitadores que impõem ao cliente narrativas não confirmadas, o que gera traumas secundários e rompimento da aliança terapêutica.

A escrita, segundo Marujo, deve ser conduzida com extrema cautela. Condenou o uso de exercícios padronizados de perdão, que ignoram a história pessoal do cliente e forçam reconciliações artificiais.

Para ele, a escrita constelativa deve emergir de forma espontânea, como um espaço de expressão livre e profunda, sem imposições ou expectativas de resultado.



Joaquim Marujo, PhD em antropologia social com extensa atuação como investigador e terapeuta transpessoal em Portugal e em outros países da Europa: “A alma não se controla. Ela se manifesta quando o facilitador sustenta o silêncio, respeita o tempo do cliente e permite que a dor revele seu sentido”

A Constelação como campo de escuta e suspensão do saber

O convidado defendeu que o verdadeiro papel do facilitador é ocupar o lugar de uma "testemunha humilde", capaz de sustentar o campo constelativo sem invadir ou interpretar prematuramente os fenômenos que emergem.

Ele criticou práticas que atribuem significados fixos a imagens simbólicas. Ressaltou que o campo das Constelações não oferece provas, mas indícios, e que cabe ao cliente reconhecer, no seu tempo, o sentido de sua experiência.

Marujo enfatizou que a abordagem trabalha com verdades existenciais, e não empíricas.

"A Constelação não opera por explicações causais, mas pela aparição dos fenômenos. O foco é no que se mostra, não no porquê", afirmou.

Ele alertou para os riscos de uma atuação terapêutica contaminada por crenças pessoais. Defendeu uma ética da escuta inspirada nos filósofos Emmanuel Lévinas e Paul Ricoeur, em que o outro é reconhecido como sujeito irredutível.

Lévinas e Ricoeur são dois importantes filósofos franceses do século XX, cujas obras compartilham foco na ética e na relação com o outro.

A prática da escrita constelativa: limites e possibilidades

Marujo propôs diretrizes para uma prática ética que incluem o respeito à autonomia do cliente, sigilo e confidencialidade, contenção e neutralidade do facilitador, e distinção clara entre escrita criativa e constelativa.

Joaquim Marujo reiterou que a verdadeira ajuda no contexto das Constelações não é salvar ou corrigir o outro, mas sustentar um campo de presença que permita à pessoa caminhar em seu próprio ritmo, em respeito à complexidade de sua trajetória.

"A **Constelação** *não é um ritual de respostas*, mas **um convite à escuta profunda** e ao **reconhecimento das múltiplas dimensões da alma humana**" (Joaquim Marujo)

O psicoterapeuta transpessoal Joaquim Marujo aprofundou sua explanação sobre os fundamentos das Constelações ao destacar a alma como elemento central do campo sistêmico.

Ele utilizou a metáfora do átomo para explicar como o espaço vazio, onde a matéria não é visível, representa a alma dentro de uma Constelação.

Segundo Marujo, o verdadeiro conteúdo não se encontra nos elementos visíveis, mas no vazio que abriga a informação sistêmica.

"Quando um representante entra em campo, ele ocupa apenas 0,1% da informação disponível. O restante permanece no campo invisível, à espera de ser percebido sem julgamentos", afirmou.

Para Marujo, a Constelação não é um processo de repetição mecânica, mas um fenômeno único, que exige do facilitador uma postura fenomenológica: escutar sem rotular, observar antes de interpretar e permitir que o fenômeno se manifeste com integridade.

Ele ressaltou que a alma sistêmica abarca vínculos familiares, padrões transgeracionais e dimensões transpessoais. Integra ordens ocultas que só emergem pela abertura do campo.

Campos mórficos e a ressonância da alma coletiva

Marujo trouxe a teoria dos campos mórficos do biólogo britânico Rupert Sheldrake para ilustrar como estruturas invisíveis modelam padrões de comportamento ao longo do tempo. Ele mencionou as ideias do biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy sobre a auto-organização dos organismos como sistemas abertos, ao reforçar que a Constelação opera numa lógica de ressonância intersubjetiva.

Durante o processo, os representantes acessam emoções, dores e intuições que não lhes pertencem individualmente, mas refletem desordens, exclusões e repetições presentes na alma coletiva. "O campo revela o que estava oculto, traz à consciência aquilo que precisa ser integrado e curado", disse Marujo.

A atitude do facilitador: escuta e suspensão do saber

O professor português frisou a importância de uma postura ética por parte do facilitador. Ele destacou que a verdadeira função do terapeuta é sustentar o campo com uma escuta ativa e sem interpretações precipitadas.

“A **alma** *não se controla*. Ela **se manifesta quando o facilitador sustenta o silêncio, respeita o tempo do cliente** e **permite que a dor revele seu sentido**” (Joaquim Marujo)

Marujo apontou que sintomas e doenças devem ser vistos como caminhos de revelação, e não como anomalias a serem corrigidas.

Ele propôs que a alma, dentro da Constelação, atua como uma ponte entre a personalidade e o self, ao integrar dimensões arquetípicas, espirituais e cósmicas.

Trabalhar com a alma significa reconhecer os ciclos naturais da existência, aceitar a impermanência e integrar as polaridades que habitam a experiência humana.

A Constelação como prática multidimensional

Marujo sugeriu a incorporação de outras práticas complementares, como a respiração holotrópica e as Constelações Xamânicas, para aprofundar o acesso à alma.

Ele defendeu uma visão integrativa em que diversas técnicas terapêuticas se articulam para escutar os movimentos internos do cliente e dos representantes.

A palavra escrita, o silêncio do campo e a escuta do corpo foram apontados como veículos essenciais para acessar as dimensões mais profundas da alma. Ele criticou a cultura da busca por soluções imediatas. Enfatizou que a Constelação propõe um caminho de pausa e de reverência à complexidade dos processos internos.

“A Constelação não é ciência no sentido reducionista. Ela é uma ética paciente de ver o que é, como é, e deixar que se manifeste”, afirmou.

Humildade do terapeuta como ato de cura

Marujo concluiu sua fala ao destacar a humildade como virtude central do terapeuta fenomenológico. Ele relembra a trajetória de Bert Hellinger, ao mencionar que, nos anos 1980, a Constelação era vista em Portugal como uma prática religiosa, até ganhar espaço nos contextos clínicos e sociais. Segundo observa, a alma se revela na presença silenciosa, no acolhimento respeitoso e na ausência de qualquer tentativa de controle ou interpretação apressada.

Ao final, Marujo convidou os participantes à reflexão sobre a alma como presença que transcende métodos e protocolos, ao integrar ciência, espiritualidade e ética fenomenológica. “A verdadeira cura acontece quando deixamos de querer controlar e passamos a escutar”, concluiu.

A criança interior e as heranças emocionais prática multidimensional

Após a exposição do convidado Joaquim Marujo, a mediadora Erica Lopes Ferreira trouxe uma reflexão a partir das ideias apresentadas em seu livro, ao destacar um ponto crucial sobre as Constelações Familiares em relação à criança interior e aos traumas infantis.
Ela observou que, com frequência, a prática das Constelações é erroneamente interpretada como insuficiente para lidar com as feridas da infância, restringindo-se apenas às dinâmicas familiares sistêmicas.
Erica citou uma frase do próprio livro de Marujo: “São heranças emocionais de traumas e dinâmicas dentro do sistema familiar”, ao ressaltar a clareza e a profundidade desse enunciado. Para a mediadora, a afirmação evidencia que a Constelação não se limita a trabalhar com as gerações anteriores, mas se estende aos aspectos mais íntimos e delicados da psique individual, o que inclui as memórias traumáticas da infância.

Erica Lopes Ferreira provocou uma *reflexão* sobre **como heranças emocionais** *não apenas* **atravessam o sistema familiar**, mas também **se cristalizam no corpo e na mente da criança,** ao **influenciar suas estruturas emocionais e comportamentais ao longo da vida**

Segundo Erica, compreender essa perspectiva é fundamental para desmistificar a ideia de que a Constelação não tem efetividade no tratamento das dores infantis.

Em sua interpelação, convidou Joaquim Marujo a comentar de forma mais aprofundada sobre a importância do trabalho com a criança interior dentro do campo das Constelações a partir da interrelação entre as dinâmicas familiares transgeracionais e os traumas precoces que marcam a experiência subjetiva do indivíduo.

A criança interior como núcleo da identidade emocional

Ao responder a interpelação de Erica Lopes Ferreira, Joaquim Marujo destacou que o trabalho com a criança interior é um pilar essencial na formação de consteladores.

Ele explicou que, em seus cursos ministrados em Lisboa, Malta e Varsóvia, todos os alunos são obrigados a realizar 12 sessões de terapia individual, com foco na reconexão com a criança interior, antes de iniciarem a prática das Constelações após 470 horas de formação teórica e prática.

Marujo enfatizou que a criança interior representa o coração vivo da existência. Constitui a identidade emocional mais autêntica do ser humano.

Ele descreveu essa dimensão como sensível, espontânea, curiosa e emotiva, sempre em busca de amor, carinho e reconhecimento.

Para o professor, a criança interior armazena as primeiras experiências de vida, o que inclui memórias de amor, abandono, medo, vergonha e traições que moldam profundamente a psique adulta.

Heranças emocionais e padrões comportamentais na vida adulta

Joaquim Marujo relatou casos clínicos que exemplificam como os traumas da infância perpetuam padrões comportamentais na vida adulta. Ele descreveu a história de uma mulher incapaz de estabelecer limites e de dizer "não", comportamento enraizado na infância, quando a necessidade de agradar para ser aceita foi internalizada como mecanismo de sobrevivência. Mencionou também um homem tímido, que desenvolveu medo de ser ridicularizado devido a experiências de rejeição na infância.

Marujo compartilhou um episódio pessoal, no qual um comentário depreciativo de seu pai sobre um desenho infantil bloqueou por décadas sua expressão artística. Esse relato evidenciou como pequenas feridas emocionais da infância podem reverberar ao longo da vida ao limitar potenciais e sonhos.

A escrita como ferramenta de reconexão e cura

O convidado propôs a escrita terapêutica como instrumento essencial no processo de reconexão com a criança interior.

Ele sugeriu que cada pessoa escreva uma carta à sua criança, em três dias de exercício, seguido de um desenho feito com a mão não dominante, como forma de acessar registros profundos e ressignificar experiências.

Marujo defendeu que esse processo deve culminar com a declaração de um compromisso de amor incondicional do adulto para com sua criança interior, reconhecer a necessidade de nutrir, proteger e valorizar essa parte essencial do ser.

Ele ressaltou que a escrita, quando aplicada dentro do contexto das Constelações, torna-se um ato de cura quântica, capaz de resgatar fragmentos da alma e criar um novo futuro.

Marujo alertou que, sem esse trabalho de integração, as feridas da infância perpetuam inseguranças, a síndrome do impostor, autossabotagem e ansiedades persistentes.

O conhecimento como compromisso ético do constelador

Joaquim Marujo finalizou a resposta ao criticar a superficialidade de profissionais que atuam sem base teórica consistente. Para ele, o constelador deve cultivar uma postura de estudo contínuo, atualizando-se constantemente.

Ele compartilhou sua prática pessoal de adquirir livros em todas as viagens ao Brasil. Ressaltou a importância de manter-se em permanente aprendizado. “Constelador sem leitura é um analfabeto funcional”, afirmou.

Joaquim Marujo destacou que **seu livro foi escrito como uma obra de amor**, dedicada a todos os **consteladores que buscam uma prática ética, profunda e verdadeiramente transformadora**

Na sequência do evento, a diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins, dirigiu uma questão ao professor Joaquim Marujo, ao alinhar o debate ao processo de construção do Código de Ética da instituição.

Ela agradeceu a profundidade das reflexões apresentadas, destacou que muitos dos pontos abordados por Marujo oferecem subsídios valiosos para a revisão da postura ética do constelador no campo e em sua formação profissional.

Roseny enfatizou a necessidade de repensar o lugar do corpo dentro das práticas constelativas.

Ela observou que, em diversos contextos, existe uma tendência a reprimir a expressão corporal dos representantes, ao restringir movimentos espontâneos sob justificativas de formalidade ou controle.

"Há uma resistência em autorizar que o corpo fale, que se mova, que se expresse e manifeste aquilo que está presente no campo", pontuou.

A diretora trouxe exemplos práticos dessa limitação, ao mencionar proibições comuns, como a restrição de deitar-se no chão ou realizar movimentos mais bruscos durante as Constelações.

Ela questionou Joaquim Marujo sobre sua visão a respeito dessas interdições, solicitou uma análise sobre como o corpo deve ser compreendido e respeitado dentro da fenomenologia sistêmica.

No momento em que o CECS inicia formalmente a discussão sobre diretrizes éticas para a prática das Constelações, a questão da liberdade de expressão do corpo emerge como um tema central, o que exige uma reflexão profunda sobre os limites e possibilidades dessa manifestação no campo terapêutico, aponta Roseny.

A expressão corporal como elemento indispensável na Constelação Sistêmica

Ao responder à questão de Roseny Flávia Martins, Joaquim Marujo foi categórico ao afirmar que proibir o corpo de se manifestar é uma das atitudes mais graves e limitadoras dentro da prática terapêutica.

Ele destacou que essa repressão interrompe o fluxo natural de comunicação entre mente e corpo, cria uma cisão artificial e prejudicial que compromete a integridade do processo constelativo.

Marujo enfatizou que o corpo possui uma linguagem própria, que não pode ser silenciada sem consequências profundas.

Para ele, as manifestações corporais – tremores, sons internos, impulsos de movimento – representam expressões diretas da alma, que devem ser acolhidas e interpretadas com respeito e atenção.

Reprimir essas manifestações equivale a negar o próprio campo fenomenológico da Constelação.

O corpo como veículo de cura e memória viva

Joaquim Marujo relatou casos concretos em que a liberação do corpo foi determinante para o desbloqueio emocional e a transformação profunda dos participantes.

Ele narrou a história de uma jovem vítima de abuso sexual, cuja raiva represada foi canalizada em um exercício simbólico de agressão, ao liberar tensões acumuladas que acessaram a possibilidade de olhar para o agressor.

Marujo defendeu que, nesses momentos, o papel do facilitador é criar um espaço seguro e ético, onde a agressividade pode ser elaborada sem riscos de transgressão física ou emocional.

O risco de silenciar o corpo e as implicações éticas

Marujo alertou que inibir a expressão corporal dentro de uma Constelação bloqueia o campo energético e transforma a prática em um exercício mental e interpretativo, desconectado da experiência direta.

Ele frisou que a escuta do trauma não pode ser silenciada e que o processo terapêutico perde sua potência quando o corpo é reduzido a um papel passivo.

Ele defendeu que o constelador precisa desenvolver uma postura ética, fenomenológica e profundamente respeitosa, capaz de conter e acolher as manifestações do campo sem julgamentos ou dramatizações.

O facilitador, segundo Marujo, deve confiar na sabedoria autoreguladora do corpo e do campo sistêmico, ao assegurar que a expressão corporal ocorra dentro de um espaço protegido e legítimo.

A necessidade de uma formação sólida e responsável

Marujo criticou a formação superficial de muitos consteladores. Apontou a proliferação de cursos de poucas horas como uma ameaça à seriedade da abordagem. Ele defendeu a necessidade de uma formação extensa, que inclua teoria densa e participação ativa em múltiplas Constelações antes que o aluno esteja apto a conduzir processos de forma autônoma.

Para ele, a banalização da formação compromete a ética, a qualidade do trabalho e expõe os participantes a riscos emocionais graves."É o corpo que cura, não a mente", diz Joaquim Marujo. Negar essa expressão seria como tentar escutar o silêncio com tampões nos ouvidos.

Para **Joaquim Marujo**, a **verdadeira Constelação acontece quando o facilitador se posiciona como testemunha humilde, *r*espeita o fluxo espontâneo do corpo e do campo**, sem *jamais reduzir o fenômeno à lógica racional*

Constelação do eu e a multiplicidade de identidades

A médica Dagmar Ramos trouxe uma reflexão pessoal ao convidado Joaquim Marujo ao destacar um tema central no trabalho com sintomas e doenças no campo das Constelações: a multiplicidade de identidades internas que emergem durante o processo terapêutico.

Dagmar direcionou sua atenção à prática clínica e aos desafios de abordar pacientes psiquiátricos, casos de sintomas físicos e emocionais complexos, nos quais frequentemente observa-se a manifestação de diferentes "eus" internos. Ela relatou que, em sua experiência, ao trabalhar com traumas profundos, percebe a emergência de aspectos distintos do cliente, como a criança ferida e o eu sobrevivente.

Essa constatação a levou a desenvolver, inspirada pela psicossíntese de Roberto Assagioli, uma abordagem que denominou de "Constelação do Eu", na qual múltiplos representantes são posicionados no campo para dar voz a essas subpersonalidades, o que inclui representantes específicos para o sintoma ou para a doença.

Dagmar destacou que essa prática tem permitido um aprofundamento das questões apresentadas, ao favorecer uma escuta mais ampla e integrada das fragmentações internas que coexistem no cliente.

Ela enfatizou que, ao dar espaço para esses diferentes "eus", o processo constelativo ganha profundidade e oferece resultados terapêuticos mais consistentes.

A presidente do CECS perguntou diretamente a Joaquim Marujo se ele também utiliza, em sua prática, a estratégia de posicionar representantes para sintomas, doenças ou subpersonalidades, como a criança ferida, a fim de ampliar o campo para abarcar as múltiplas dimensões do ser.

Joaquim Marujo defende a inclusão de representantes fenomenológicos no campo

Em resposta à presidente do CECS, Dagmar Ramos, sobre o uso de representantes para sintomas, doenças e subpersonalidades como a criança ferida, o psicoterapeuta Joaquim Marujo afirmou que tais elementos são fundamentais em sua prática constelativa.

Ele explicou que sempre inicia as Constelações definindo sintoma ou doença. Posiciona representantes específicos para essas manifestações no campo.

Para Marujo, esse procedimento é clássico, pois todo sintoma, sem exceção, carrega consigo uma lealdade invisível a algum aspecto oculto do sistema familiar.

Marujo descreveu que o sintoma e a doença devem ser convidados a se expressar livremente no espaço, com movimentos e verbalizações espontâneas, sem restrições.

Ele ressaltou que, na maioria dos casos, a doença revela exclusões ou esquecimentos dentro do sistema, e resgata figuras que foram silenciadas ao longo das gerações.



Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos, especialista em medicina preventiva e social: "As Constelações transformaram as nossas práticas profissionais e têm impactado positivamente a existência de muitas pessoas"

Medicamentos como representantes e a dinâmica dos excluídos

O terapeuta avançou em sua análise ao relatar a prática de incluir representantes para os medicamentos que os clientes utilizam, principalmente em casos de transtornos psiquiátricos.Ele destacou que, ao posicionar os remédios no campo, frequentemente emergem dinâmicas de exclusão associadas a pessoas do sistema que foram apagadas da memória familiar, não por crimes ou lealdades trágicas, mas por simples indiferença ou esquecimento.

Marujo compartilhou exemplos clínicos nos quais os medicamentos, ao serem representados, revelaram histórias de humilhações, abortos clandestinos e relações extraconjugais mantidas em segredo. Ele sublinhou que esses movimentos, aparentemente desconexos, são frequentemente os portadores de conteúdos profundos e essenciais para o processo de cura do cliente.

O uso da roupa e das marcas como portais de acesso ao inconsciente familiar

Além de sintomas e medicamentos, Marujo revelou um elemento singular de sua prática: a observação atenta das roupas, acessórios e até tatuagens dos participantes como indicadores fenomenológicos.

Ele afirmou que as inscrições, símbolos e cores presentes nas vestimentas podem oferecer pistas preciosas sobre os conteúdos ocultos que precisam emergir no campo.

Em um dos exemplos citados, uma âncora tatuada e o histórico familiar de construção naval abriram caminho para a revelação de dinâmicas transgeracionais relacionadas a exclusões e abusos.

Marujo explicou que, diante de situações em que a Constelação parece bloqueada ou confusa, a roupa frequentemente fornece a chave para desbloquear o campo.

Ele considera esse tipo de observação uma forma de leitura fenomenológica, onde o facilitador deve aguçar sua percepção e intuição para captar as mensagens que o campo oferece em sua materialidade mais sutil.

A doença como ponto de partida e não como história

Marujo foi incisivo ao declarar que, em suas Constelações, não busca narrativas elaboradas ou explicações prévias dos clientes sobre suas histórias de vida.

Para ele, as histórias tendem a distorcer o olhar do facilitador e desviam a atenção do fenômeno vivo que se manifesta no campo.

“Eu só quero o problema, não quero a história”, afirmou.

Ele ressaltou que a Constelação começa quando o representante do problema é colocado no campo, ao permitir que o verdadeiro enredo se revele a partir da movimentação fenomenológica e não da narrativa construída.

Responsabilidade ética e o risco de interpretações superficiais

Marujo também fez um alerta sobre os perigos das interpretações apressadas e da manipulação do campo.

Criticou práticas que conduzem o cliente a estados alterados de consciência sem a devida preparação e cuidado. Ele defendeu que a Constelação, ao dar voz ao sintoma e à doença, exige do constelador uma escuta ética, isenta de julgamentos, capaz de sustentar o campo com neutralidade e profundidade.

Marujo reiterou **a importância de uma formação extensa e criteriosa**, que **capacite o constelador a trabalhar com as nuances do campo** *sem reduzir os fenômenos a explicações simplistas*

Ele reafirmou sua abordagem fenomenológica em que a observação direta, a escuta do corpo e a atenção às sutilezas do campo prevalecem sobre qualquer roteiro pré-concebido.

Formação profunda do constelador e a responsabilidade do trabalho interno

Na sequência do encontro, a diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, Yolanda Freire, trouxe uma reflexão sensível e profunda sobre a importância da formação do constelador.

Ela agradeceu ao professor Joaquim Marujo e descreveu a experiência de escutar suas palavras como ondas intensas que, mesmo à distância, reverberavam de forma impactante.

Yolanda mencionou que, diante da força das informações recebidas, decidiu não se preocupar em anotar, na confiança de que o conteúdo permaneceria gravado não só nos registros eletrônicos, mas também em sua própria percepção.

A diretora ressaltou a relevância da abordagem de Marujo sobre a preparação do facilitador. Para ela, a formação do constelador transcende a mera aquisição de técnicas e abrange um processo contínuo de enriquecimento interno.

Yolanda destacou que os recursos que cada constelador traz — sejam oriundos do Xamanismo, das abordagens terapêuticas tradicionais, da fenomenologia, dos campos mórficos ou das múltiplas vertentes da psicologia — precisam ser integrados de maneira consciente, a partir de um trabalho rigoroso sobre si mesmo.

O facilitador como espaço de acolhimento e honra ao outro

Yolanda enfatizou que a verdadeira escuta do cliente só se torna possível quando o facilitador percorre um caminho de autoconhecimento e de expansão da própria consciência. Segundo ela, o papel do constelador é sustentar um espaço onde o outro possa se manifestar de forma autêntica, sem julgamentos ou projeções, a fim de permitir que seus temas mais profundos encontrem ressonância e acolhimento. Ela afirmou que, para honrar verdadeiramente quem se apresenta no campo, é necessário um compromisso constante com o próprio processo interno.

A diretora reconheceu que, dentro das formações em Constelações, muitas vezes o debate sobre a responsabilidade pessoal do facilitador é deixado à margem, priorizando-se técnicas e conceitos teóricos.



A diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, Yolanda Freire, agradeceu ao professor Joaquim Marujo e descreveu a experiência de escutar suas palavras como "ondas intensas" que, mesmo à distância, reverberavam de forma impactante

Yolanda pediu que o professor comentasse sobre a importância do trabalho interno contínuo, não apenas como um processo de formação técnica, mas como uma jornada de desenvolvimento pessoal, indispensável para que o constelador possa sustentar, com ética e reverência, a presença diante do outro. A diretora concluiu a fala ao comparar esse aprendizado ao movimento das ondas: cada nova informação, cada experiência vivida, traz consigo a oportunidade de expandir a consciência e fortalecer a capacidade de acolhimento no campo sistêmico.

Para Yolanda Freire, *o que Joaquim Marujo trouxe ao encontro* foi **um chamado à responsabilidade ética e existencial do constelador**: a *qualidade da presença* e a *profundidade da escuta dependem diretamente do nível de consciência* que **o profissional desenvolve sobre si mesmo**

A formação do constelador como caminho iniciático e a essência fenomenológica da Constelação

Em resposta à diretora Yolanda Freire, Joaquim Marujo aprofundou a reflexão sobre a formação do constelador. Defendeu que a preparação não se limita à aquisição de técnicas, mas constitui um verdadeiro caminho iniciático. Marujo afirmou que, para atuar com integridade no campo das Constelações, é indispensável que o facilitador esteja engajado em um processo contínuo de desenvolvimento pessoal, que abranja tanto a formação acadêmica quanto o trabalho interior.

Para ele, uma associação séria de consteladores deveria estabelecer critérios rigorosos de certificação, nos quais o profissional fosse avaliado não apenas por horas de curso, mas também pela prática supervisionada e pela constante atualização. Ele comparou esse modelo com programas internacionais de hipnose, nos quais a manutenção da certificação exige créditos anuais, o que demonstra o compromisso do terapeuta com seu aprimoramento.

A espiritualidade como dimensão integrante do campo

Marujo trouxe exemplos práticos de sua atuação para ilustrar como a dimensão espiritual está intrinsecamente ligada ao trabalho fenomenológico. Ele relatou uma Constelação em que colocou a morte como representante em um caso de câncer metastático. A cliente, ao abraçar a morte, não encontrou medo, mas sim um espaço de reconciliação e aceitação. Para ele, esse momento revela que a espiritualidade não precisa de dogmas para emergir no campo. Ela se manifesta pela presença autêntica e pela reverência ao mistério da impermanência. Marujo citou Viktor Frankl, neuropsiquiatra austríaco e fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, e sua obra sobre a busca de sentido para enfatizar que a Constelação não é um exercício de controle ou de manipulação, mas sim um convite ao reconhecimento das dimensões invisíveis que atravessam a existência humana. O professor sublinhou que trabalhar com sintomas, doenças ou traumas é, em última instância, uma prática de reconciliação com as forças da vida e da morte, o que exige do constelador uma escuta ética e espiritualizada.

O campo fenomenológico e a observação sem interpretação

Joaquim Marujo destacou que a verdadeira Constelação é um exercício de observação pura. Ele criticou abordagens que se apressam em oferecer explicações causais ou interpretações precipitadas. Alertou que o papel do constelador não é fornecer respostas, mas sustentar um espaço onde o fenômeno possa se revelar em sua complexidade.

Marujo afirmou que, no campo, tudo se torna sagrado e que a Constelação exige do facilitador uma capacidade de olhar sem preconceitos. Para ele, não importa se o tema trazido envolve sexualidade, raça ou qualquer outra condição. O compromisso é com a escuta fenomenológica, sem julgamentos, ao acolher a verdade que emerge no presente.

A essência mística da Constelação e a limitação da ciência

Ao finalizar sua resposta, Joaquim Marujo declarou que a Constelação é uma prática essencialmente mística, que a ciência convencional não consegue abarcar em sua totalidade.

Ele reiterou que a Constelação não busca estatísticas ou replicabilidades, mas se baseia na experiência direta, naquilo que se manifesta no campo de forma única e irrepetível.

Marujo defendeu que **o constelador precisa reconhecer a Constelação como um** *organismo vivo*, onde **as soluções emergem organicamente,** *respeitando os tempos e os movimentos internos do sistema*

Para ele, a fenomenologia é o caminho mais profundo para compreender as dinâmicas sistêmicas, e que o facilitador deve cultivar a humildade de sustentar o campo sem a ânsia de compreender tudo.



A diretora científica do CECS e pesquisadora PhD Roseny Flávia Martins: "A noite foi marcada por um conteúdo denso e transformador, que exigirá uma 'digestão profunda' de todos os participantes, dada a amplitude de perspectivas sobre a abordagem fenomenológica das Constelações Sistêmicas"

Ricardo Mendes destaca liberdade de pensamento e afinidade com o espírito de Bert Hellinger

Durante a live internacional promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), o segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes, fez um depoimento emocionado em homenagem ao constelador português Joaquim Marujo.

Arteterapeuta e docente internacional em Constelações Familiares e Xamanismo, Ricardo destacou a admiração pessoal e profissional por Marujo. Evocou lembranças marcantes e afinidades profundas com a abordagem fenomenológica de Bert Hellinger.

"Eu escuto você falar, Joaquim, e escuto o espírito do Bert Hellinger", declarou Ricardo, ao reconhecer na postura livre e curiosa do convidado as mesmas qualidades que via no criador das Constelações Familiares.

Para ele, Marujo carrega o traço essencial da fenomenologia: a recusa em se deixar limitar por ideias fixas ou discursos cristalizados.

"Você é um ser fenomenológico e *é por isso que você segue*. Sua *liberdade*, sua *recusa em entregar essa liberdade,* sua *alegria de continuar curioso e aprendendo* **são profundamente inspiradoras"** (De Ricardo Mendes sobre Joaquim Marujo)

Ricardo Mendes também rememorou sua convivência com Bert Hellinger em diversas ocasiões. Destacou a aversão do mestre alemão a qualquer tentativa de aprisionamento conceitual. "A coisa que mais irritava o Bert era quando alguém o confrontava com algo dito há 15 anos, ao tentar colocá-lo dentro de um pensamento antigo. Ele já estava em outro lugar, com outros olhares", completou.

Ele celebrou ainda a participação no mais recente livro de Joaquim Marujo – 'A puta da evidência científica versus a ingênua fenomenologia sistêmica e psicológica nas Constelações Sistêmicas Familiares'. Mencionou um encontro especial ocorrido no Rio de Janeiro, que gerou identificação imediata entre ambos.

“Foi uma surpresa, uma alegria e uma honra poder contribuir com essa obra que já começa por quebrar todas as expectativas, inclusive pelo título”, afirma.

Ao encerrar sua fala, Ricardo Mendes expressou o desejo de reencontro e o reconhecimento por um companheiro de caminhada que mantém viva a essência da liberdade e da presença. “Uma alegria imensa poder estar contigo nesse momento.”

Joaquim Marujo agradece participação de Ricardo Mendes em nova edição de livro

Joaquim Marujo respondeu com carinho e reconhecimento às palavras do vice-presidente do CECS, Ricardo Mendes. Em tom informal e afetuoso, anunciou a chegada da terceira edição de sua obra, agora ampliada e com conteúdo adicional.

“Essa nova versão já está pronta, com muito mais conteúdo. São cerca de 60 páginas a mais, e por isso enviarei novamente o exemplar atualizado”, disse Marujo, referindo-se ao livro que conta com uma colaboração especial de Ricardo Mendes.

“Você continua a fazer parte desse parecer que adorei ter recebido. Precisava de alguém no Brasil que escrevesse algo significativo, e você foi a escolha natural. Era quem eu conhecia com mais proximidade e confiança”, assinalou Marujo.

Roseny Flávia Martins encerra encontro com agradecimento a Joaquim Marujo

No encerramento da live internacional promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a diretora científica Roseny Flávia Martins dirigiu um agradecimento especial ao psicoterapeuta Joaquim Marujo. Destacou a profundidade e a relevância das reflexões compartilhadas ao longo do evento. Em nome da instituição, Roseny ressaltou que a noite foi marcada por um conteúdo denso e transformador, que exigirá uma "digestão profunda" de todos os participantes, dada a amplitude de perspectivas sobre a abordagem fenomenológica das Constelações Sistêmicas. Ela destacou que o encontro proporcionou uma expansão significativa da compreensão sobre o papel do constelador, sobre as sutilezas do campo sistêmico e sobre a responsabilidade ética que permeia a prática.

Roseny Flávia **enfatizou a importância de espaços como o CECS** para a **promoção de diálogos qualificados** e para o *fortalecimento de uma rede de profissionais comprometidos* com a **seriedade e a profundidade do trabalho sistêmico**

A diretora aproveitou o momento para convidar os participantes da live e aqueles que venham a assistir à gravação a se associarem ao CECS. Ela afirmou que a instituição mantém como compromisso central a promoção de encontros que ampliem a consciência coletiva, respeitem a diversidade e acolham a pluralidade de olhares e experiências no campo das Constelações.

Roseny expressou gratidão ao convidado especial Joaquim Marujo em nome de toda a equipe do CECS. Reforçou que eventos como este são fundamentais para a construção de um espaço de aprendizado contínuo e de fortalecimento da abordagem fenomenológica como um campo legítimo de estudo e intervenção. **(Texto publicado no dia 08 de agosto de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



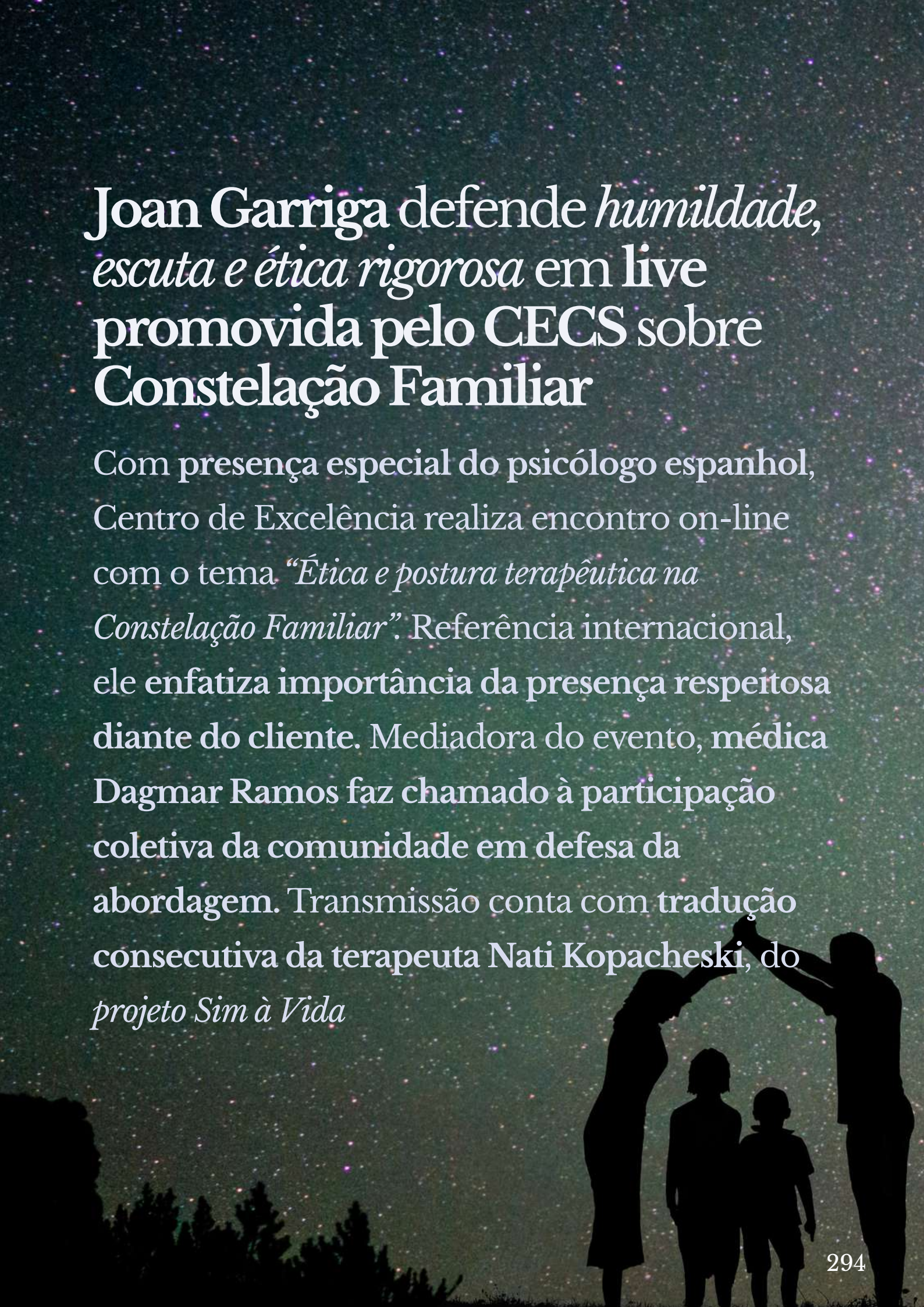
A pesquisadora Erica Lopes Ferreira, cirurgiã-dentista formada pela UFPR que acumula produção científica nacional e internacional, mestre em Educação – Pedagogia Universitária destacou o volume expressivo da produção científica de Joaquim Marujo, com dezenas de artigos e publicações em jornais acadêmicos e de divulgação científica



Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes fez um depoimento emocionado em homenagem ao constelador português: “Eu escuto você falar, Joaquim, e escuto o espírito do Bert Hellinger”

Joan Garriga defende *humildade, escuta e ética rigorosa* em **live promovida pelo CECS** sobre **Constelação Familiar**

Com **presença especial do psicólogo espanhol**, Centro de Excelência realiza encontro on-line com o tema *"Ética e postura terapêutica na Constelação Familiar"*. Referência internacional, ele **enfatiza importância da presença respeitosa diante do cliente.** Mediadora do evento, **médica Dagmar Ramos faz chamado à participação coletiva da comunidade em defesa da abordagem.** Transmissão conta com **tradução consecutiva da terapeuta Nati Kopacheski**, do *projeto Sim à Vida*



O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) recebeu, no dia 09 de agosto de 2025, o psicólogo e escritor espanhol Joan Garriga Bacardí durante a live especial com o tema "Ética e postura terapêutica na Constelação Familiar".

Referência internacional na abordagem fenomenológica sistêmica, Garriga apresentou reflexões críticas sobre a atuação do terapeuta, enfatizou a importância da humildade, da escuta e da presença respeitosa diante do cliente.

"A relação é o mais desafiador. O cliente não vem pronto. Ele chega como pode, e nosso trabalho começa ali", afirmou.

Garriga criticou posturas autoritárias, defendeu o "não saber" como chave da fenomenologia e destacou: "O essencial é que a Constelação aproxime o cliente de sua própria voz"

Durante o evento, ele questionou condutas excessivamente interventivas, defendeu a prudência diante de casos graves — como doenças terminais — e alertou contra a imposição de narrativas por parte do constelador: "Não devemos operar como oráculos. A Constelação precisa servir ao cliente, não à vaidade do terapeuta."

A discussão percorreu temas como o papel da espiritualidade no campo sistêmico, formação ética, limites da intuição clínica, risco das chamadas "fantasias terapêuticas" e uso equivocado de interpretações fixas.

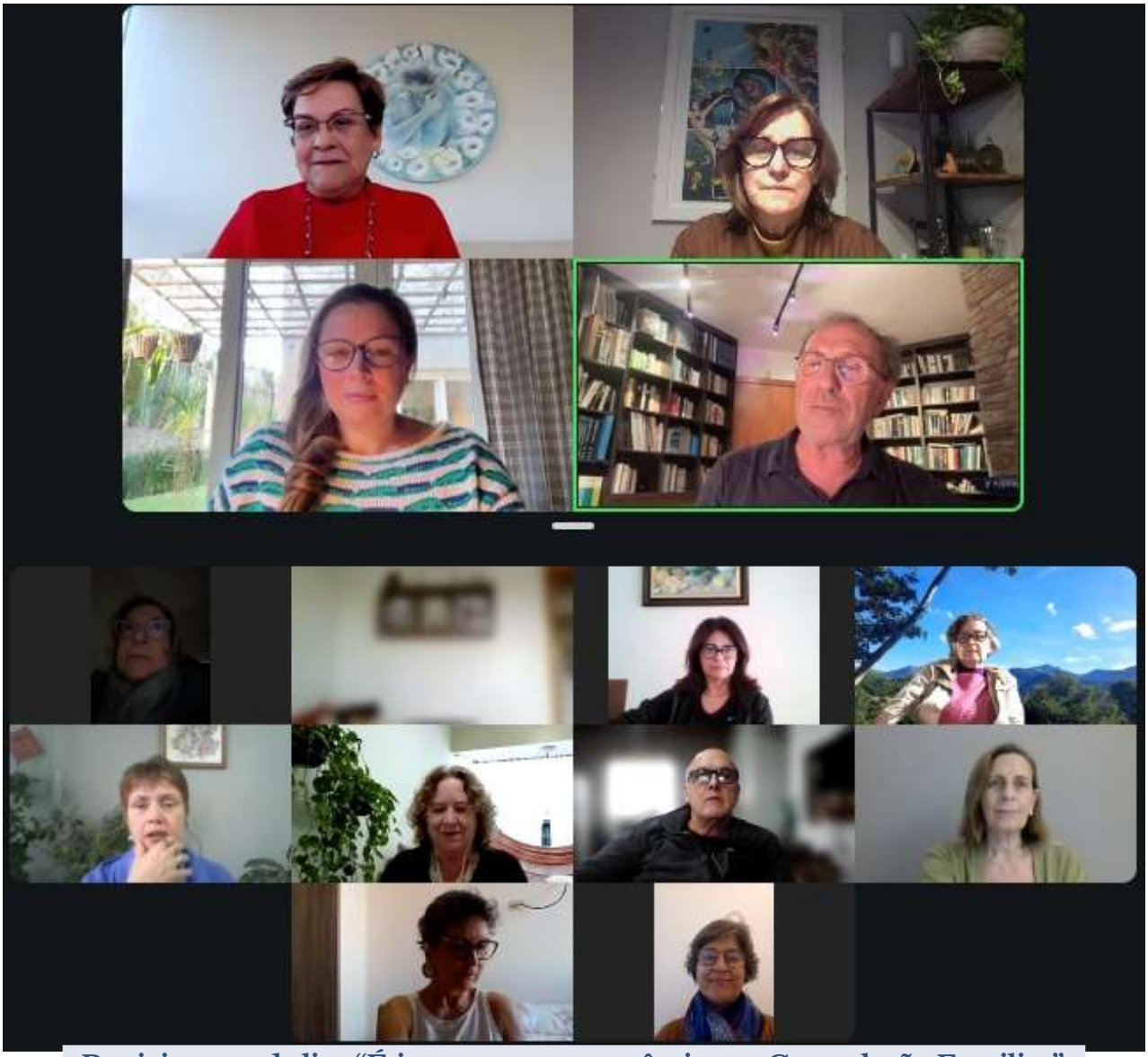
Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos, médica e psicoterapeuta, especialista em psiquiatria, homeopatia, medicina preventiva e social, foi a mediadora do evento. Ela recomendou a leitura do livro de Garriga: 'Constelar a vida: Do amor cego ao amor lúcido'.

Ela compartilhou experiências clínicas marcantes e reforçou a necessidade de estabelecer padrões responsáveis para a prática no Brasil.

"A Constelação ***não é uma resposta mágica*****. É uma escuta do campo e da alma"** (Dagmar Ramos)

Dagmar Ramos fez um chamado à participação da comunidade consteladora em defesa da abordagem e reforçou convite à associação ao CECS. Fundada em 24 de fevereiro de 2024, a entidade atua na articulação institucional, no diálogo com autoridades e desenvolve ações voltadas para o avanço científico das Constelações Familiares Sistêmicas.

A transmissão contou com tradução consecutiva da terapeuta Nati Kopacheski, do projeto Sim à Vida. Ela fez convite para dois eventos com Joan Garriga no Brasil: de 07 a 09 de novembro, em Porto Alegre, e de 13 a 16 de novembro, em retiro de quatro dias em Vinhedo (SP).



Participantes da live "Ética e postura terapêutica na Constelação Familiar", promovida pelo CECS no dia 09 de agosto de 2025, com presença especial do psicólogo espanhol Joan Garriga Bacardí

Perfil

Psicólogo espanhol licenciado pela Universidade Central de Barcelona, Joan Garriga Bacardí especializou-se em terapia Gestalt, programação neurolinguística (PNL), abordagem ericksoniana e métodos cênicos e corporais.

Em 1986, fundou e passou a dirigir o Instituto Gestalt de Barcelona. Aprofundou a formação com Claudio Naranjo, tornou-se discípulo e colaborador nos programas SAT e de psicoterapia integrativa.

Em 1999, foi o responsável por introduzir na Espanha o trabalho de Bert Hellinger. Desde então, consolidou-se como um dos principais expoentes das Constelações Familiares no cenário internacional.

Autor de diversos livros, incluindo Constelar a Vida – Do Amor Cego ao Amor Lúcido, Garriga é reconhecido pela firmeza e delicadeza na condução de casos complexos.

É também professor e palestrante em formações e eventos na Espanha e em vários países ao redor do mundo.

Abertura com emoção e reconhecimento

Dagmar Ramos iniciou o encontro com um discurso de acolhimento e gratidão. Destacou a presença de Joan Garriga Bacardí como um presente para a comunidade brasileira de consteladores. Reconheceu a contribuição voluntária do convidado e a colaboração da terapeuta Nati Kopacheski, responsável pela tradução consecutiva. Dagmar relembrou o momento em que conheceu Garriga, em 2006, no Encontro Internacional de Constelações e Pedagogia Sistêmica, em Sevilha, e descreveu o impacto profundo que uma de suas conduções causou em sua trajetória profissional.

Ela ressaltou que a escolha do tema "Ética e postura terapêutica na Constelação Familiar" nasceu da relevância que a conduta do terapeuta possui na criação de um campo propício para a prática. Afirmou que Garriga sintetiza, em sua obra, aspectos cruciais para o exercício responsável dessa abordagem, ao unir profundidade técnica e sensibilidade humana. A live buscou extrair de sua experiência as percepções sobre os cuidados, os acertos e os equívocos mais comuns na atuação de consteladores.

A primazia da pessoa sobre a Constelação

Autor do livro 'Constelar a vida: Do amor cego ao amor lúcido', Joan Garriga Bacardí afirma que o centro do trabalho não é a Constelação, mas a pessoa que a vivencia.

Prefere apresentar-se como alguém que acompanha pessoas por meio das Constelações Familiares, ao articular o que aprendeu em mais de duas décadas de atuação.

> "A **pessoa tem palavra, corpo, emoção, congruências e incongruências, feridas e potencialidades**. *O essencial é a presença do terapeuta* para **estar com ela tal como é**" (Joan Garriga Bacardí)

Para ele, a tarefa inicial consiste em estabelecer confiança; a partir desse vínculo, o cliente pode dialogar com a Constelação e alcançar núcleos traumáticos que dificultam o fluxo da vida.

Humildade como antídoto contra a arrogância

Outro pilar de sua abordagem é a humildade, entendida como a consciência de que a realidade é maior que o terapeuta. Trabalhar em aliança com a realidade, mesmo quando dolorosa, é, segundo ele, fundamental. Em casos de doença, por exemplo, o terapeuta deve "inclinar-se" diante dela, explorar seu sentido e função.

A humildade, afirma, protege contra a arrogância e ajuda o terapeuta a manter-se próximo da verdade do cliente, em vez de impor interpretações ou soluções.

Uma prática respeitosa e verdadeira

Garriga diz que sua forma de trabalhar e ensinar reflete não apenas o que considera eficaz, mas também como gostaria de ser tratado caso estivesse no papel de cliente: com respeito, verdade, transparência, presença, delicadeza e compaixão diante das feridas mais profundas. Ele reconhece que há profissionais que atuam de maneira diferente — inclusive de forma mais autoritária — e que também obtêm bons resultados. "Eu ensino o que funciona para mim e como imagino que um terapeuta de Constelação deveria se portar comigo", resume.

A importância de caminhar um passo atrás

Garriga defende que o terapeuta "ande um passo atrás" do cliente, com respeito ao que se mostra possível em cada momento.

Ele condena posturas autoritárias que colocam o profissional "um passo à frente" do paciente.

Tal condução, observa, pode infantilizar o cliente e transformar autoridade clínica em controle. "O mais belo da relação terapêutica é o encontro verdadeiro entre dois seres humanos verdadeiros", afirma.

A autoridade do terapeuta e o "não saber"

A autoridade, diz, não reside em indicar o rumo do outro, mas em manter consciência do que acontece consigo e colocar isso a serviço da relação. Valoriza a posição do "não saber" por considerá-la mais fiel ao método fenomenológico.

Relata que nunca supõe de antemão "a trama" do cliente e que, quando intuições surgem, evita impô-las. Prefere o diálogo contínuo — "isso faz sentido para você?" — e entende a Constelação como narrativa com a qual o cliente pode conversar para transformar vínculos.

Uma prática respeitosa e verdadeira

O psicólogo reconhece que há profissionais que atuam de modo diferente — inclusive com traço autoritário — e obtêm resultados. Ele, porém, ensina o que experimenta como eficaz e o que desejaria receber: respeito, verdade, transparência, presença, delicadeza e compaixão diante das feridas profundas.

Segundo resume, o trabalho em Constelações Familiares ganha densidade quando o terapeuta sustenta a pessoa, preserva limites e permite que o sentido emerja do encontro.



Psicólogo espanhol licenciado pela Universidade Central de Barcelona, Joan Garriga Bacardí especializou-se em terapia Gestalt, programação neurolinguística (PNL), abordagem ericksoniana e métodos cênicos e corporais: ele questiona modelos autoritários e defende uma escuta fenomenológica nas Constelações Familiares

'Fantasias terapêuticas' nas Constelações Familiares

Dagmar Ramos, mediadora da live, chamou a atenção para o que considera um desvio crescente na prática de alguns profissionais: as chamadas "fantasias terapêuticas".

O termo, usado por Joan Garriga em seu livro 'Constelar a Vida', descreve situações em que o constelador induz o cliente a verbalizar frases ou aceitar interpretações que não se apoiam em qualquer verificação objetiva.

Segundo Dagmar, trata-se de enunciados que se repetem em diversos atendimentos, como se fossem verdades reveladas ou intuições infalíveis do terapeuta, mas que, na prática, partem de projeções pessoais.

"São falas que escuto com frequência no Brasil, e que, a meu ver, representam um viés preocupante. Há casos de consteladores dizendo a um cliente, por exemplo: 'Este pai não é seu pai' ou 'você teve um irmão gêmeo que não evoluiu'. Sem qualquer comprovação, essas afirmações podem provocar grande transtorno na vida da pessoa", afirmou.

A médica e psicoterapeuta considera o fenômeno uma distorção ética séria e pediu a Garriga que aprofundasse o tema, a fim de avaliar os riscos e limites dessa postura no contexto das Constelações Familiares.

Joan Garriga critica uso de 'oráculos' e defende que Constelações aproximem o cliente de sua própria voz

O psicólogo espanhol Joan Garriga Bacardí afirmou que ainda se irrita ao ouvir relatos de pessoas que saem de uma Constelação Familiar com supostas "revelações" desconectadas de sua experiência direta.

"Às vezes me dizem que descobriram ter um irmão gêmeo, ou que na linhagem materna ocorreram abusos sexuais. E eu pergunto: como essa Constelação ajudou você? Como isso está a seu serviço?", pontua

Para **Joan Garriga**, há **profissionais que tratam a Constelação** *como um oráculo* e **assumem para si o papel de sacerdotes dessa revelação**, algo que *considera equivocado*

Ele comparou com a tradição grega, em que oráculos como o de Delfos eram consultados em busca de respostas, mas ressaltou que o processo terapêutico não deve se limitar a esse tipo de discurso.

"O essencial é que a Constelação sirva para aproximar o cliente de sua própria voz, não da voz do terapeuta", destacou.

Ele citou sua formação em Gestalt e lembrou que o criador da abordagem, Fritz Perls, adotava um estilo agressivo e confrontativo, tendência que se disseminou entre terapeutas gestálticos.

Já Bert Hellinger, fundador das Constelações Familiares, possuía uma autoridade natural e profundo respeito ao fenômeno ao evitar interpretações categóricas. "Ele registrava hipóteses, mas não as impunha. Dizia 'parecem abortos', e não 'são abortos'", exemplificou.

Garriga defendeu que o terapeuta mantenha atenção constante às próprias hipóteses para não as projetar sobre o cliente. Como exemplo, mencionou a diferença entre consteladores treinados na teoria do "gêmeo evanescente", que tendem a identificar muitos casos desse tipo, e outros que, sem essa premissa, praticamente não os encontram.

"O mais importante é como o cliente olha para a Constelação e reconstrói suas vivências sobre seus vínculos", pontuou.

Dagmar Ramos relatou um episódio que vivenciou ao lado de Bert Hellinger, fundador das Constelações Familiares, durante um seminário realizado em Goiânia.

O caso envolvia um paciente psiquiátrico com transtorno obsessivo-compulsivo grave, cuja primeira Constelação havia revelado a imagem de várias pessoas caídas no chão, aparentemente mortas. Pela dinâmica do trabalho e pelas falas dos representantes, Dagmar interpretou a cena como um possível registro de mortos em batalha, ligados à história familiar do cliente.

Meses depois, a terapeuta levou o caso para supervisão com Hellinger, em um encontro marcado por forte impacto emocional.

O ator Ramon Recino, amigo próximo de Dagmar e falecido pouco tempo depois, foi o escolhido para representar o paciente. A cena que se formou repetiu a anterior: muitos corpos estendidos no chão. Ao observar, Hellinger comentou: "Parecem abortos".

"Quando vejo consteladores que afirmam categoricamente determinadas interpretações, sem espaço para a dúvida, percebo que corremos o risco de induzir erros e causar problemas. A pessoa pode tomar aquilo como uma verdade absoluta, e isso, a meu ver, é um dos grandes equívocos na condução de uma Constelação", afirmou.

Tradição terapêutica e enquadramento clínico

Joan Garriga Bacardí destacou que o modo como um constelador conduz o trabalho está diretamente ligado à tradição terapêutica com a qual se formou.

Segundo ele, existem enquadramentos clínicos que determinam lugares específicos para o terapeuta e para o paciente, e Bert Hellinger adotava um modelo baseado no "encontro real e verdadeiro entre duas pessoas".

Nesse formato, explicou, Hellinger podia levantar hipóteses — como dizer "parecem abortos" ou "parecem mortos de batalha" — e, em seguida, devolver ao cliente a reflexão, ao perguntar como aquela cena chegava a ele e que informações adicionais poderiam trazer.

"Muitas vezes, afirmo para o cliente que não sabemos exatamente como os fatos aconteceram. O que vemos é que, na Constelação, há pessoas caindo ao chão, seguidas por outras. Então pergunto: como você se sente diante disso? Isso tem sentido para você?", exemplificou.

Intuições não são verdades absolutas

Garriga defendeu que, embora as intuições sejam frequentes no trabalho com Constelações Familiares, não devem ser tratadas como verdades absolutas. Ele relatou o caso de uma cliente que, ao sentar-se para iniciar a Constelação, lhe despertou um pensamento persistente: "Esta mulher tem um santo que a protege". Ao compartilhar isso, deixou claro que era apenas uma percepção pessoal. A mulher confirmou e revelou o nome do santo, contando depois um episódio traumático de infância: a mãe, diagnosticada com esquizofrenia, ouvia vozes e chegou a perguntar a elas, na presença da filha de cinco anos, se deveria matá-la.

"Que maravilha é a estrutura da vida, que permitiu a essa mulher criar a figura de um santo protetor", observou.

Formação e responsabilidade do facilitador

O psicólogo enfatizou que o papel do terapeuta é acompanhar o cliente para que ele dialogue com a Constelação, e não impor interpretações.

"No universo das Constelações, falta aos facilitadores mais trabalho pessoal e formação além das próprias Constelações. Sem isso, não se compreende bem o enquadramento terapêutico, o lugar do terapeuta e o lugar do cliente", afirmou.

Intuições não são verdades absolutas

Ele acrescentou que, em países como a Espanha, ainda há olhares de desconfiança sobre a abordagem, especialmente entre outros profissionais da área da saúde, que veem as Constelações Familiares como um recurso fora dos parâmetros clínicos.

"É uma pena, porque poderiam ser aplicadas dentro de um enquadramento terapêutico claro. E isso não depende de a pessoa ser ou não psicóloga", ressaltou.

Espiritualidade integrada à prática terapêutica

Dagmar Ramos destacou a relevância do modo como Joan Garriga Bacardí aborda a espiritualidade em sua obra. Para ela, o tema aparece de forma "interessante e profunda", integrando-se de maneira prática à condução terapêutica.

Dagmar questionou como a experiência de mais de duas décadas com as Constelações Familiares influenciou as crenças filosóficas e a visão espiritual de Garriga.

"Quando você fala em uma espiritualidade para a vida real e coloca Bert Hellinger dentro dessa perspectiva mais concreta, isso me chama atenção", afirmou.

A médica e psicoterapeuta relatou que sua própria trajetória — marcada por raízes familiares na tradição espírita brasileira — foi transformada pela prática das Constelações. Segundo ela, a abordagem favoreceu uma visão mais ampla e integrativa da espiritualidade, "menos como algo externo e mais como algo que acontece dentro de mim".

Formação e responsabilidade do facilitador

O psicólogo enfatizou que o papel do terapeuta é acompanhar o cliente para que ele dialogue com a Constelação, e não impor interpretações.

"No universo das Constelações, falta aos facilitadores mais trabalho pessoal e formação além das próprias Constelações. Sem isso, não se compreende bem o enquadramento terapêutico, o lugar do terapeuta e o lugar do cliente", afirmou.

Intuições não são verdades absolutas

Ele acrescentou que, em países como a Espanha, ainda há olhares de desconfiança sobre a abordagem, especialmente entre outros profissionais da área da saúde, que veem as Constelações Familiares como um recurso fora dos parâmetros clínicos.

"É uma pena, porque poderiam ser aplicadas dentro de um enquadramento terapêutico claro. E isso não depende de a pessoa ser ou não psicóloga", ressaltou.

Espiritualidade integrada à prática terapêutica

Dagmar Ramos destacou a relevância do modo como Joan Garriga Bacardí aborda a espiritualidade em sua obra. Para ela, o tema aparece de forma "interessante e profunda", integrando-se de maneira prática à condução terapêutica.

Dagmar questionou como a experiência de mais de duas décadas com as Constelações Familiares influenciou as crenças filosóficas e a visão espiritual de Garriga.

"Quando você fala em uma espiritualidade para a vida real e coloca Bert Hellinger dentro dessa perspectiva mais concreta, isso me chama atenção", afirmou.

A médica e psicoterapeuta relatou que sua própria trajetória — marcada por raízes familiares na tradição espírita brasileira — foi transformada pela prática das Constelações. Segundo ela, a abordagem favoreceu uma visão mais ampla e integrativa da espiritualidade, "menos como algo externo e mais como algo que acontece dentro de mim".

Dagmar ressaltou que, em sua experiência como facilitadora, busca trazer à prática terapêutica essa dimensão espiritual que não se confunde com religião, mas se aproxima do "sentido verdadeiro da religiosidade, do religare". Para ela, o trabalho de Garriga oferece uma contribuição singular ao interpretar e transmitir o pensamento de Bert Hellinger.

"Você teve **um contato profundo com Bert Hellinger** que não vi nem no livro autobiográfico dele. **É uma compreensão ímpar** *não apenas sobre o ser humano que ele foi*, mas **sobre a filosofia que nos deixou** e a **forma como ela pode ser aplicada**" (Dagmar Ramos)

Joan Garriga Bacardí afirmou que seu livro 'Constelar a Vida' é também uma homenagem a Bert Hellinger, a quem dedicou a obra. "Ele tinha um ouvido para o espírito", disse, ao destacar os anos de meditação, interiorização e mística que marcaram a trajetória do criador das Constelações Familiares.

Segundo Garriga, Hellinger percorreu "um caminho completo do ego ao ser" ao encontrar um lugar interno capaz de aceitar a vida tal como é.

Ao citar a monja budista Pema Chödrön, ele lembrou que o ego pode ser definido como "tudo aquilo que se opõe ao que é" e considerou que Hellinger alcançou níveis profundos de transcendência, o que confere às Constelações uma dimensão que vai além da técnica psicológica.

O autor observa que o trabalho constante com traumas, perdas e situações devastadoras coloca o terapeuta diante de algo que o "eu pessoal" não consegue manejar sozinho.

"Com sorte, rendemo-nos e nos abrimos para algo que está por trás do eu, que é a essência, e cuja única qualidade é ser amorosa e estar em sintonia com tudo tal como é", destacou.

Ele relatou que, aos 30 anos, ouviu de um mestre da Gestalt que terapeutas com muitos anos de experiência tendem a se tornar alcoólatras ou espirituais.

Para **Joan Garriga**, lidar com *pessoas marcadas pela tragédia* e *acompanhá-las até o ponto de rendição* pode revelar **"uma outra dimensão da doçura da existência"** — algo que, segundo ele, **também foi moldado pelo próprio sofrimento que viveu**

Ao recordar seu encontro com Hellinger, acompanhado do amigo Ramon Recino, Garriga disse ter perguntado se sua abordagem era espiritual. "Ele se irritou e respondeu: espiritual é uma mãe que cria oito filhos." Para o psicólogo, a resposta reflete a essência da espiritualidade na visão de Hellinger: quando a palavra é usada em excesso, perde seu sentido.

Com o tempo, no entanto, Hellinger passou a falar sobre um dos conceitos que se tornariam centrais em seu legado — os "movimentos do espírito" —, ao explicar que "o espírito pensa tudo tal como é" e que render-se a ele é curador, enquanto resistir ao que é conduz ao adoecimento. "Isso não é algo que se decide de manhã para a noite, mas um processo interior que, por vezes, leva muito tempo", apontou Garriga.

Pode-se constelar pelo parceiro amoroso?

A mediadora Dagmar Ramos leu uma questão enviada no chat: a dúvida era se uma pessoa poderia participar de uma Constelação Familiar em nome do parceiro amoroso. Ela explicou que o questionamento surgiu porque a participante havia ouvido uma opinião de Bert Hellinger sobre o tema e queria conhecer também a perspectiva de Joan Garriga Bacardí.

A mediadora acrescentou que a pergunta poderia se estender para um âmbito mais amplo, explorando se é possível constelar não apenas pelo companheiro, mas também em nome de outra pessoa com quem se mantém um vínculo afetivo direto.

Ao responder à questão, Joan Garriga Bacardí disse não se recordar de Bert Hellinger realizar Constelações Familiares em nome de parceiro amoroso. "A maioria das vezes, quando alguém vem com esse pedido, é um enredo que não corresponde trabalhar e pode ser uma impertinência", afirmou. O psicólogo espanhol contou que só abriu uma exceção em situação extrema: quando uma ex-companheira, hospitalizada com uma doença grave e sem condições de participar, pediu que ele realizasse uma Constelação em seu nome. "Depois, transmiti a ela tudo que havia surgido", disse.

Segundo Garriga, é comum receber casos de clientes que querem trabalhar questões de casal e, nessas situações, ele pode incluir o parceiro ou parceira na dinâmica. No entanto, evita avançar para incluir pais ou familiares da outra pessoa. "Me sinto mal se faço isso. É entrar em um território onde quem poderia trabalhar não está presente", afirmou.

Ele comparou com propostas que já recebeu para realizar Constelações políticas, como entre israelenses e palestinos. "Eu não faço, a menos que sejam políticos com responsabilidades ou pessoas diretamente envolvidas no conflito. Caso contrário, podemos até ver e aprender algumas coisas, mas não vai servir para muito."

Joan Garriga defende prudência ao lidar com Constelações em casos de doenças terminais

Ao responder à pergunta de um médico sobre a postura do constelador diante de pacientes em estado terminal, o psicólogo espanhol Joan Garriga Bacardí foi categórico: o ponto de partida deve ser "respeito, verdade, realidade e reconhecimento".

Ele destacou que o trabalho depende do momento em que a pessoa se encontra e do que deseja. "Precisamos ser realistas. Não está demonstrado que uma Constelação faça curas milagrosas. Pode haver melhorias em alguns casos, mas nunca vi um processo terminal ser revertido por meio dessa abordagem", afirmou.

Segundo Garriga, em situações assim, o diálogo franco com o paciente é essencial, inclusive para compreender como ele se relaciona com a possibilidade de morrer e o quanto consegue aceitá-la. "Talvez a Constelação possa ajudar a ordenar coisas que estão no coração, mas eu seria prudente ao oferecer uma Constelação com promessa de cura", ponderou.

O psicólogo contou já ter trabalhado com pessoas em estágio avançado de doença, mas admitiu que hoje evitaria certos casos. "Às vezes, o problema não é o paciente, mas um familiar que não aceita a morte dele. Nessas circunstâncias, o foco pode se deslocar para a pessoa errada", afirmou.

Garriga também relatou que médicos espanhóis o procuraram para discutir o papel das Constelações no cuidado de fim de vida.

“Eles diziam que as pessoas morrem mal porque não estão em paz com seus familiares, e viam nas constelações uma possibilidade de promover essa reconciliação. Mas talvez um bom acompanhamento, conversas francas e a presença dos filhos tenham mais impacto que a Constelação em si”, ponderou.

Caso narrado por Dagmar Ramos mostra impacto emocional em paciente terminal

A mediadora Dagmar Ramos compartilhou uma experiência que descreveu como uma das mais marcantes de sua carreira, e que está registrada em seu livro ‘Constelações Familiares na Medicina’.

O episódio ocorreu durante uma Constelação conduzida pelo médico alemão Gunther Weber, com uma paciente diagnosticada com câncer terminal e uma extensa tumoração no rosto. “Ela não aceitava a morte, não queria fazer testamento, estava revoltada e sentia muitas dores. Mas aceitou participar da Constelação”, contou. Weber escolheu representantes para a paciente, a vida, a morte e o destino — papel atribuído a Dagmar. “Foi uma vivência transpessoal e meditativa muito profunda. Recolhi algo no chão, levei ao coração e depois ao rosto, sentindo uma paz absoluta”, relatou.

Ao final, Dagmar abraçou a paciente, que ainda escondia o rosto com um véu. Quinze dias depois, soube que a mulher havia se reconciliado com familiares, resolvido pendências e feito o testamento e a passagem em paz. “Foi um resultado belíssimo para uma paciente terminal. Mostrou que, mesmo sem curar, a Constelação pode trazer serenidade e fechamento”, afirmou.



Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos, médica e psicoterapeuta, especialista em psiquiatria, homeopatia, medicina preventiva e social: ela fez um chamado à participação da comunidade consteladora em defesa da abordagem e reforçou convite à associação à entidade

Garriga encerra participação ao destacar a importância da benevolência no trabalho terapêutico

Em suas palavras finais, o psicólogo espanhol Joan Garriga Bacardí afirmou ter apreciado o encontro e a oportunidade de refletir a partir das questões apresentadas. Ele destacou, em especial, a relevância do tema da morte e de como ele desperta reflexões profundas sobre o papel do terapeuta.

Garriga agradeceu o diálogo e disse ter sido "muito bonito" compartilhar ideias e experiências no encontro. **(Texto publicado no dia 14 de agosto de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



A transmissão contou com tradução consecutiva da terapeuta Nati Kopacheski, do projeto Sim à Vida

"Há uma última coisa que *considero importante quando acompanhamos pessoas*: **a benevolência.** Ela **é o sentimento claro de que desejamos tudo de bom para o outro**" (Joan Garriga Bacardí)



Alzira Cristina apresenta *fundamentos éticos e técnicos* **das falas de solução nas Constelações Familiares Sistêmicas** durante 5ª edição do Projeto Autoria

Em *evento on-line promovido pelo CECS*, psicóloga apresenta livro *'Falas de Solução – Manual Prático'*. Autora **enfatiza que expressões bem-organizadas fortalecem o processo e favorecem transformações efetivas. Mediadora Yolanda Freire ressalta importância da clareza, ética e cuidado na condução do campo sistêmico**

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), por meio da Diretoria de Fundamentos e Teoria, realizou no dia 20 de agosto de 2025 a 5ª edição do Projeto Autoria.

O encontro contou com a presença da psicóloga clínica e consteladora Alzira Cristina, diretora de Ética do CECS. Ela apresentou o livro de sua autoria 'Falas de Solução – Manual Prático'.

A obra serve como referência para consteladores, alunos, formadores e simpatizantes da abordagem.

Com linguagem clara e acessível, introduz conceitos fundamentais da Constelação Familiar Sistêmica e explica as leis que a sustentam. Organiza, de forma prática, as falas utilizadas durante os trabalhos, o que inclui exemplos e uma tabela de consulta.

Alzira também destaca a importância dessas falas para a tomada de consciência, o movimento pós-Constelação e outros aspectos centrais da abordagem.

O encontro ocorreu de forma on-line, via plataforma Zoom, com mediação da psicóloga e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS.

Durante o evento, destacou-se a importância das falas como instrumentos de consciência, ética e cuidado.

Yolanda Freire reforçou que as intervenções devem preservar a integridade do cliente e valorizar a intuição do constelador.

O *encontro* **consolidou o Projeto Autoria** como **espaço de partilha académica e fortalecimento da prática sistêmica** com *base ética, técnica e científica* ao **fomentar o diálogo** e ao **promover a formação continuada**

Durante o evento, destacou-se a importância das falas como instrumentos de consciência, ética e cuidado. Yolanda Freire reforçou que as intervenções devem preservar a integridade do cliente e valorizar a intuição do constelador.

Alzira Cristina: 17 anos dedicados à Constelação Familiar Sistêmica

Com mais de 20 anos de atuação como psicóloga clínica e 17 anos dedicados à Constelação Familiar Sistêmica, Alzira Cristina coordena e leciona nos cursos de formação no método de Bert Hellinger.

Já formou 33 turmas, sendo 24 delas em pós-graduação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Especialista em Docência na Educação Superior, mantém turmas em andamento e inscrições abertas. Consolida-se como referência na área.

Saudação aos participantes

Na abertura da live, a segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica Dagmar Ramos deu as boas-vindas aos participantes da live, relatou conquistas em Brasília contra tentativas de deslegitimar as Constelações e afirmou que a instituição segue atenta e firme na defesa da abordagem.

Dagmar reforçou a importância de o Projeto Autoria abrir espaço para que diferentes autores divulguem seus livros e enfatizou que o CECS existe justamente para fomentar esse tipo de produção acadêmica e a prática com ética no campo das Constelações Sistêmicas.

A escrita como instrumento de partilha de experiências e de construção de conhecimento

Na sequência, a diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do CECS, psicóloga clínica, mestre em psicologia social e da personalidade, Yolanda Freire, realizou a saudação inicial.



Participantes da 5ª edição do Projeto Autoria, promovido pelo CECS, com apresentação do livro 'Falas de Solução – Manual Prático', da psicóloga e consteladora Alzira Cristina: encontro on-line reafirmou a relevância das Constelações Sistêmicas como prática ética e transformadora

O **Projeto Autoria se consolida** como **um espaço de diálogo entre consteladores** ao **valorizar a escrita** como *instrumento de partilha de experiências* e de **construção de conhecimento**

Yolanda sublinhou que o projeto amplia horizontes além das salas de aula e dos cursos formais, cria um ambiente de troca que se estende à vida prática dos participantes.

Informou que o CECS avança na organização de um caminho para que os associados possam ter ao menos uma publicação registrada no site da instituição, um reforço ao compromisso com a autoria e com a difusão de reflexões teóricas e experiências clínicas.

A mediadora fez a apresentação da convidada da noite e assinalou a relevância do livro 'Falas de Solução – Manual Prático' como instrumento de reflexão e consulta. Para ela, a obra se configura como um portal de entendimento, capaz de integrar teoria e prática, ao oferecer um repertório que nasce da experiência cotidiana dos profissionais da área.

Apresentadora Alzira Cristina explica origem de seu nome e trajetória

A apresentadora Alzira Cristina abriu sua fala com esclarecimentos sobre a origem de seu nome e a maneira como se identifica no contexto profissional.

"Alzira é o nome da minha avó materna, que passei a usar após os 46 anos, depois de um processo significativo de reflexão. Hoje, acolho ambos os nomes: Alzira, que simboliza minha conexão com a ética e a coordenação dos cursos de Constelação, e Cristina, que representa minha identidade como psicóloga e professora", disse.

Ela enfatizou que a escolha dos nomes reflete a integração entre sua trajetória pessoal e profissional ao estabelecer vínculos entre experiência de vida e atuação clínica.

Falas de solução: objetivo do livro e método de ensino

Alzira destacou o propósito central do encontro: o lançamento do livro 'Falas de Solução – Manual Prático'. A obra organiza de maneira prática as falas utilizadas em trabalhos de Constelação, permite consulta rápida e aplicação direta durante os processos.

Lançada como e-book na plataforma Hotmart, a publicação atende à abordagem prática e dinâmica da autora, que valoriza a aplicabilidade na transmissão do conhecimento.A psicóloga explicou que, ao longo de mais de 17 anos dedicados à Constelação Familiar Sistêmica, conduziu dezenas de turmas e acompanhou a evolução de diferentes modelos de Constelação.

"Minha formação percorreu caminhos de psicanálise, psicodrama e programação neurolinguística (PNL) que foram integrados às Constelações. Essa base multidisciplinar possibilitou construir um método de ensino que une teoria e prática de forma clara e eficiente", afirmou.

Diferenciação entre modelos de Constelação

Alzira esclareceu as distinções entre os modelos tradicionais e contemporâneos de Constelação.

Ela observou que as chamadas "novas Constelações" utilizam movimentos simbólicos e mínimas falas, enquanto o modelo tradicional mantém a fala como ferramenta central do processo.

"Essas novas abordagens ainda demandam estudos e observação detalhada, mas não substituem o valor das Constelações clássicas, que permanecem essenciais para a compreensão profunda das relações familiares e sistêmicas", explicou.



Experiência prática e trajetória em projetos sociais

A autora compartilhou experiências práticas obtidas desde os primeiros grupos que conduziu ao detalhar os projetos implementados em seu consultório e em instituições sociais.

"Iniciei um pequeno grupo em meu consultório e, posteriormente, expandi para um projeto social em uma igreja ao oferecer Constelação para a comunidade. Desde então, trabalho com as falas de solução, que representam ferramentas fundamentais para conscientização e transformação de padrões familiares", relatou. Alzira enfatizou que o termo fala de solução é preferível ao conceito de fala de cura, pois indica a aplicação direta para resolução de questões familiares, emocionais e relacionais. Ela exemplificou atendimentos realizados ao descrever como a escolha de representações dentro de uma Constelação facilita a análise de conflitos e proporciona caminhos para resolução.

Processos vivenciados em sessões de Constelação

Alzira Cristina conduziu a apresentação com relatos aprofundados sobre processos vivenciados em sessões de Constelação. Ela destacou como a posição dos representantes e a energia entre os participantes influenciam a compreensão das dinâmicas familiares.

Exemplificou um caso em que trabalhou com um cliente e sua filha. Relatou que a filha e o pai interagiram de maneira simbólica durante a Constelação. Isso permitiu que sentimentos e memórias emergissem de forma segura.

"A energia masculina precisava ser trabalhada. Ao final da sessão, percebi que os participantes haviam processado emoções profundas sem necessidade de discussão racional, preservando a reverberação do impacto da Constelação na alma de cada um", disse

"Cada Constelação reflete ***a história singular*** **de seus participantes.** As **falas de solução orientam o processo** e **promovem percepções** que ***permitem transformações efetivas nas dinâmicas familiares"***
(Alzira Cristina)

Ela reforçou a importância de respeitar o tempo individual durante as Constelações e explicou que a percepção intuitiva é fundamental para identificar relações e padrões familiares.

"Os participantes não comentam durante a sessão, pois a reflexão ocorre internamente. A Constelação acontece no campo energético, antes de se traduzir em palavras", acrescentou.

Diferenças entre modelos de Constelação

A especialista explicou a distinção entre Constelações tradicionais e novas Constelações. "Ao longo de sete anos, utilizei o modelo norte-americano, que muitos consideram inovador. Esse método traz clareza e permite observar movimentos sutis sem intervenção direta. Cada Constelação possui valor próprio", afirmou.

Alzira descreveu exemplos de aplicação: em um grupo feminino, discussões sobre experiências traumáticas surgiam em eventos familiares, como aniversários e encontros. A Constelação permitiu compreender como essas memórias afetavam a neta do grupo.

Em outro caso, um cliente enfrentava julgamento empresarial. A Constelação evidenciou antigas dores e perdas dentro da organização, o que possibilitou a liberação emocional necessária antes do confronto legal.



Com mais de 20 anos de atuação como psicóloga clínica e 17 anos dedicados à Constelação Familiar Sistêmica, Alzira Cristina coordena e leciona nos cursos de formação no método de Bert Hellinger: já formou 33 turmas, sendo 24 delas em pós-graduação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)

Falas de solução promovem percepção e transformação

Alzira reforçou que, em sua prática clínica, utiliza predominantemente falas de solução, mas reconhece a utilidade de Constelações sem falas em situações específicas.

"Cada Constelação possui um propósito distinto. As falas de solução orientam o processo e promovem percepção e transformação, enquanto modelos sem fala são valiosos para trabalhos muito específicos, como experiências traumáticas ou padrões complexos de relacionamento", explicou.

Alzira Cristina destaca a **importância** da *observação* e da *escuta atenta* **na prática de Constelação**: "O método *não se limita* à execução técnica. **Cada intervenção envolve sensibilidade, compreensão do sistema familiar** e *respeito pela experiência única de cada participante*"

Intervenção de Yolanda Freire destaca cuidado e clareza na condução de Constelações

A mediadora Yolanda Freire explicou a importância de transformar as informações percebidas pelos representantes em falas de solução ao manter sempre a proteção do cliente e a integridade da situação. Segundo ela, o trabalho exige atenção redobrada para que a interpretação das ações dos representantes não cause impactos negativos sobre aqueles que estão sendo representados.

"É fundamental observar com clareza os caminhos que as informações percorrem quando são sentidas pelos representantes. Ao transformar essas percepções em falas de solução, promovemos clareza e direção dentro da Constelação. É preciso garantir, ao mesmo tempo, que o cliente permaneça protegido. O constelador deve ter sensibilidade para selecionar quais informações podem ser trazidas à tona e como apresentá-las, de forma a preservar a experiência do participante", afirmou Yolanda.

A mediadora reforçou que esse cuidado não diminui a eficácia do processo, mas potencializa a compreensão do sistema familiar. Permite que os clientes tenham acesso a insights transformadores sem exposição desnecessária a conteúdos sensíveis.

Narrativa e repetição: o valor das falas na Constelação

Alzira Cristina abordou a relevância das falas repetitivas dentro das Constelações Sistêmicas. Segundo ela, mesmo que as expressões pareçam recorrentes, não se trata de repetição vazia.

"As falas carregam o impacto emocional de todos os presentes. Quando alguém expressa algo como 'mãe, eu esperava algo de você e não recebi', outras pessoas sentem ressonância, mesmo que não estejam diretamente representando", explicou.

Alzira destacou que cada participante projeta experiências próprias, como relações com o pai ou a mãe, o que cria uma conexão universal: "Todo mundo tem um pai, presente ou ausente, conhecido ou não. É isso que dá padrão às falas, sem que elas percam singularidade."

Folha em branco: autonomia do sistema

A apresentadora explicou seu conceito de folha em branco, desenvolvido a partir de experiências de formação e práticas acadêmicas.

Segundo Alzira, o constelador atua sem imposição: "O sistema é que indica os próximos passos. Escolhemos os elementos iniciais, mas a direção surge do campo. É a própria Constelação que revela os movimentos, não o desejo do condutor."



A diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do CECS, psicóloga clínica, mestre em psicologia social e da personalidade, Yolanda Freire, que fez a mediação do encontro: obra de Alzira Cristina se configura como um portal de entendimento, capaz de integrar teoria e prática, ao oferecer um repertório que nasce da experiência cotidiana dos profissionais da área

Foco nos fatos: função das falas de solução

Alzira Cristina reforçou que a função central das falas de solução é trazer clareza aos fatos e estabelecer hierarquia emocional.

"A fala permite que o participante reconheça o peso de determinadas posições dentro do sistema familiar. Um filho que sustenta a família percebe a sobrecarga e entende o lugar de seu pai, devolvendo a força que não lhe cabia", exemplificou.

A psicóloga destacou que a narrativa não se restringe à verbalização, mas cria espaço de aprendizado: "As falas não devem ser sobre histórias ou dores; elas estruturam o diálogo e ensinam como equilibrar receber e doar. Esse equilíbrio é essencial para que cada membro do sistema ocupe o lugar que lhe corresponde."

Observação e condução: integrar participantes e representantes

A condução da Constelação exige observação detalhada do comportamento dos representantes e da reação do campo.

Alzira Cristina descreveu que cada gesto e posição indica movimentos que precisam ser respeitados.

"Quando o filho olha para o pai e reconhece o seu lugar, a energia do sistema se ajusta. As falas permitem essa transição. O pai se levanta, o filho compreende seu papel, e o equilíbrio se restabelece", pontuou. Ela enfatiza que a Constelação é um processo de percepção, narrativa e reorganização. O papel do condutor é guiar o campo, interpretar os sinais e garantir que cada participante encontre clareza sobre seu lugar no sistema.

Sintonia com o cliente: cada fala importa

Alzira Cristina ressaltou a importância da atenção constante ao cliente durante as Constelações Sistêmicas. Segundo a psicóloga, toda intervenção no campo deve ser observada sob a perspectiva de quem está sendo representado. "Cada fala que é feita, eu olho para o cliente para avaliar se faz sentido para ele, se ele entende o meu posicionamento", explicou.

O movimento no campo é resultado direto das falas, mesmo quando envolve múltiplos representantes, explicou. "Às vezes há sete representantes em cena. Passo uma fala de duas pessoas e alguém distante se movimenta. Uma ação tão simples gera transformações no sistema", disse Alzira ao reforçar que cada expressão contribui para organizar os remanescentes e conduzir à solução.

Alzira Cristina defendeu o **uso das falas como ferramenta essencial na narrativa da Constelação**: "É *por meio delas* que **o caminho se revela**, que **os emaranhados se desfazem**. Por isso, *sempre defendo o trabalho com falas*, esse **percurso que proporciona clareza e movimento dentro do campo**"

A escuta intuitiva como guia no campo das Constelações

Yolanda Freire destacou a importância de abrir espaço para a intuição do constelador durante os trabalhos. Segundo a mediadora, não se trata de seguir um roteiro fixo ou reproduzir falas padronizadas.

"Quando alguém muda uma fala ou surge algo inesperado, é um sinal de que o campo se expressa de forma própria. É preciso escutar com atenção, num nível sutil, perceptivo, em respeito ao que o sistema apresenta", afirmou.

Ela ressaltou que a estrutura apresentada nos manuais serve como base, mas não substitui a sensibilidade do profissional. "A folha em branco simboliza essa escuta: ela permite que a fala surja de maneira respeitosa, guiada pelo que o campo revela, e não pelo 'eu sei' do constelador", explicou Yolanda. A mediadora reforçou que todo o processo deve manter o foco na pessoa atendida.

> "O **olhar do constelador** *precisa avaliar* se o **que surge faz sentido para quem está sendo atendido**. É **um exercício de humildade e atenção** *constante*, garantindo que **a percepção do campo contribua efetivamente para o bem-estar do cliente**" (Yolanda Freire)

O simples ato de verbalizar gera informações valiosas sobre os relacionamentos

Alzira Cristina ressaltou que o uso da fala é essencial para o processo das Constelações Familiares. Segundo a psicóloga, o simples ato de verbalizar coloca ordem no sistema e gera informações valiosas sobre os relacionamentos.

Ela exemplificou: “Quando o filho se sente maior que o pai, a fala permite reorganizar o lugar de cada um. Colocamos a pessoa sentada, ajustamos corpo e palavra. O diálogo não é apenas verbal, é corporificado, e isso dá clareza ao campo”.

A psicóloga explicou que ferramentas como tabelas e livros fornecem parâmetros para orientar o trabalho. “Lá estão separadas as falas dos pais para os filhos, dos filhos para os pais, e os bônus do organizacional. Essas falas trazem a narrativa dos fatos que o campo revela e ajudam a colocar ordem no sistema”, afirmou.Para a psicóloga, a interação corporal e verbal é um elemento curador.

“Olhar para alguém como se fosse a mãe, abraçar, sentir presença: isso é curador. A Constelação permite expressar sentimentos que não foram resolvidos, promove paciência, aceitação e consciência sobre os relacionamentos”, ressaltou.

Programação neuroendócrina e consciência

Alzira relacionou as falas às práticas de programação neuroendócrina.

“A fala é uma forma de programar o cérebro. Usamos palavras, escrita, símbolos e gestos para dar forma à dor e transformá-la. Por exemplo, amassar um papel com um símbolo de sofrimento ajuda a liberar ansiedade e gerar calma. É uma programação consciente para quem busca equilíbrio emocional”, disse.

A psicóloga destacou que o aprendizado da Constelação não se limita à sala de aula.

“Quando um aluno aprende a colocar-se no seu lugar, a lidar com pais ou filhos, leva essa consciência para a vida. O que é feito ali se manifesta no cotidiano, nas relações e na forma de olhar para si e para o outro”, enfatizou.



Na abertura da live, a médica e terapeuta Dagmar Ramos relatou conquistas em Brasília contra tentativas de deslegitimar as Constelações e afirmou que a instituição segue atenta e firme na defesa da abordagem

Parâmetros claros de comunicação entre pais e filhos

Segundo a apresentadora, recursos como tabelas e livros de referência auxiliam no posicionamento dos participantes e no estabelecimento de parâmetros claros de comunicação entre pais e filhos.

"Quando o aluno está com a tabelinha, ele observa, sente e percebe o que está acontecendo. Eu tiro a tabelinha, mostro o espaço e fica evidente: é preciso estar neste canto, neste lugar. Quando sentimos o que ocorre no campo, a observação, a percepção e a intuição aparecem. O processo nos ensina, mesmo quando diz que não ensina. A informação está lá, pronta para ser assimilada", explicou.

Fala na Constelação Familiar integra corpo e emoção

Alzira Cristina enfatizou que a fala na Constelação Familiar integra corpo e emoção. Ao posicionar o participante sentado no chão e guiá-lo em suas falas, é possível transmitir de forma concreta a relação hierárquica ou afetiva. A programação neurolinguística (PNL) se baseia na reprogramação do cérebro por meio da fala, escrita e simbologia, explicou a psicóloga.

"A fala, o gesto e a simbologia trabalham juntos para reorganizar o emocional. Por exemplo, minha filha, antes de uma cirurgia, transformou simbolicamente sua ansiedade em um objeto manipulável, atribuindo cor e textura. Isso diminuiu o medo e trouxe segurança emocional", detalhou.

Cristina explicou que o uso consciente da fala permite enviar comandos internos de autonomia e reconciliação.

"Quando se diz 'mãe, você é grande, eu sou pequena', não se trata apenas de palavras. É o cérebro que recebe instruções para reconhecer limites e promover consciência sobre o próprio lugar. A fala, nesse contexto, é uma ferramenta de transformação profunda", observou.

Constelação Familiar aplicada no cotidiano

Alzira Cristina reforçou que a Constelação Familiar deve ser integrada à vida cotidiana.

"Um aluno disse que sempre brigava com o pai, mas após a Constelação, ao chegar em casa, percebeu que não precisava ter razão diante dele", informou.

“A **Constelação leva para a vida**: *olhar para o pai, para a mãe, para os filhos,* **compreender o lugar de cada um** e **usar a fala no cotidiano** promove *consciência*” (Alzira Cristina)

Ela exemplificou ainda com experiências inusitadas, como a Constelação Veterinária.

“Durante a pandemia, promovi um curso de Constelação Veterinária. Para minha surpresa, percebi que projetava sentimentos humanos no meu gato. Ele não é meu marido, sou tutora. Precisei dar um novo significado à relação. Isso também é aprendizado da Constelação Familiar: compreender o papel de cada ser e reorganizar a percepção emocional no cotidiano”, destacou.

Primeira Constelação proporciona reencontro simbólico com o pai falecido

A apresentadora relatou que a primeira experiência em Constelação Familiar marcou profundamente sua trajetória emocional. Seu pai havia falecido antes que ela completasse oito anos, e a dor da ausência ainda permanecia, mesmo após diversas terapias.

Durante a sessão, ao observar o representante do pai, sua irmã apontou: “Esse é o seu pai”. Naquele instante, ela sentiu, de forma intensa e imediata, a presença do genitor. Isso demonstrou que o emocional humano permanece atemporal. O abraço trocado e as palavras ditas na Constelação proporcionaram alívio profundo, curou parte da dor acumulada ao longo dos anos.

“Quando abracei aquele homem e ele disse: ‘Minha filha, você pode me abraçar mais uma vez?’, senti cura e equilíbrio emocional”, revelou.

Para ela, a experiência simbolizou um reencontro com o pai e reforçou o poder das Constelações Familiares na ressignificação de vínculos e na reconciliação com o passado.

Ordem dentro do sistema familiar

A mediadora Yolanda Freire destacou a importância das falas durante as Constelações Familiares. Expressões como “eu sinto muito” ou “deixo com você” permitem aos participantes assumir responsabilidades e reorganizar emocionalmente as relações. Segundo ela, essas declarações não apenas promovem alívio e dignidade, mas também estabelecem ordem dentro do sistema familiar.

"Quando o representante diz 'eu sinto muito', a pessoa percebe o peso que recebe, mas ao mesmo tempo ganha dignidade, sai da fragilidade e assume a responsabilidade pelo que foi feito", explicou Yolanda. Ela acrescentou o assumir de responsabilidades e que a clareza sobre o lugar de cada um no sistema evita que conflitos antigos sejam ampliados e promove uma reorganização emocional profunda.

A mediadora ressaltou ainda a dimensão multidimensional da Constelação. "A experiência não ocorre apenas na consciência, mas também no campo sutil. Quando o participante compreende e toma posse do que aconteceu na Constelação, isso se transforma em um processo de mudança pessoal duradoura. É como um portal para uma nova consciência que sustenta transformações reais na vida da pessoa", afirmou.

Para Yolanda Freire, **a Constelação** *permite* que **cada indivíduo assuma o lugar na própria história** ao **reconhecer a sua experiência e a do outro**. Ela enfatizou que **o uso das falas funciona** *como um recurso de mestria*. Auxilia no **desenvolvimento emocional** e no **fortalecimento das relações**

Ingra Lyberato destaca papel do autoperdão e da verdade de cada Constelação

A atriz, escritora, consteladora e diretora de Comunicação do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Ingra Lyberato, abordou a relevância do autoperdão e da naturalidade das falas no processo das Constelações Familiares.

Em sua intervenção, Ingra explicou que, diferentemente de outras terapias que utilizam o perdão como ferramenta de liberação, na abordagem de Bert Hellinger o perdão tradicional pode gerar desnível entre os participantes.

"Não é que eu apago o que aconteceu, mas libero, tiro do meu coração. Muitas vezes, dentro da Constelação, a pessoa quer dizer 'eu te perdoo'. Eu oriento para que se pratique o autoperdão: 'Eu me perdoo por ter entrado nesse relacionamento, por ter me enganado durante anos'. Não se perdoa o outro, mas a si mesmo", explicou Ingra.

Ela ressaltou que essa perspectiva rompe com a conotação hierárquica do perdão em contextos religiosos, em que o padre atua como representante divino e confere superioridade a quem concede o perdão.

A diretora do CECS também enfatizou a importância da espontaneidade nas falas durante as Constelações.

"O campo traz a própria frase. Não há invenção do constelador, tudo é visto e dito com clareza. Às vezes, o representante ainda não está pronto para expressar a frase de solução. Nesses casos, eu não forço, deixo o tempo necessário para que a fala surja naturalmente", afirmou.



A atriz, escritora, consteladora e diretora de Comunicação do CECS, Ingra Lyberato, abordou durante o encontro on-line a relevância do autoperdão e da naturalidade das falas no processo das Constelações

Segundo Ingra Lyberato, **respeitar o momento do participante é fundamental** para que **a experiência se transforme** *em aprendizado profundo* e em *um processo de cura emocional autêntico*, o que mantém a **integridade** e a **eficácia** da **Constelação**

Alzira Cristina alerta para cuidado com falas e formação de consteladores

A psicóloga Alzira Cristina reforçou a importância da responsabilidade e do discernimento nas Constelações Familiares, em comentário a partir da intervenção de Ingra Lyberato. Segundo ela, a forma como são conduzidas as falas durante uma Constelação pode impactar profundamente os participantes, especialmente quando se trata de frases mais densas.

"Não é toda fala que se usa de forma literal. Muitas vezes precisamos transformar a frase do representante em algo que faça sentido emocional e respeite os limites do outro. Por exemplo, ao invés de dizer 'eu não gosto de você', o correto seria: 'Eu estou presa na minha dor e busco aprender a amar'", explicou.

Alzira também enfatizou a importância do autoaperfeiçoamento contínuo dos Consteladores.

"A formação não pode ser superficial, feita em apenas um fim de semana. É necessário um treinamento prolongado, que prepare o aluno do começo ao fim, para que ele saiba conduzir o processo com ética, responsabilidade e respeito ao participante", afirmou.

Alzira ressaltou que a Constelação não é um processo de copiar e colar métodos, mas sim um trabalho profundo de compreensão, estudo e vivência. "É preciso participar, ser constelado diversas vezes e desenvolver discernimento para usar o perdão e as falas no momento certo. Formar um constelador é uma responsabilidade que envolve preparo técnico e sensibilidade humana", apontou.

Na sequência, Ingra Lyberato fez uma intervenção sobre o papel do constelador e a sensibilidade necessária na condução das sessões. Lyberato explicou que o constelador deve repetir múltiplas vezes uma frase de solução para compreender plenamente seu efeito no coração. "É preciso sentir como a frase transforma, respeitando o tempo e a percepção de cada participante", afirmou.

Ingra Lyberato reforçou a necessidade de conduzir as Constelações com extrema delicadeza, principalmente quando surgem feridas profundas. Ela citou um exemplo de uma mãe sobrecarregada com o vício de um filho, cuja situação poderia gerar impacto emocional se tratada de forma abrupta. "Quando lidamos com dores profundas, é preciso não forçar, buscar sempre a sensibilidade e o respeito", alertou.

A atriz concluiu ao destacar que os aprendizados adquiridos devem ser compartilhados para que a prática das Constelações Familiares se fortaleça e alcance mais pessoas de forma ética e cuidadosa.

Delicadeza e cuidado marcam intervenção de Selma Horta

A educadora e terapeuta Selma Horta, fundadora do espaço Daraluz – Clareando Horizontes, destacou a profundidade da condução da live realizada pela psicóloga Alzira Cristina durante a apresentação de seu livro. Ela ressaltou que a abordagem da autora não se limitou à exposição de conteúdo, mas teve caráter terapêutico ao envolver todos os participantes de maneira sensível e ética.

Segundo a terapeuta, a delicadeza e o cuidado demonstrados durante as falas criaram uma experiência única. “A fala que se coloca para um representante, quando fidedigna, transmite emoção e conexão. Alzira abriu seu coração, sem direcionar olhares ou expectativas. Gerou uma cumplicidade genuína com todos”, afirmou.

A educadora também ressaltou o impacto coletivo da apresentação. Destacou que a sensibilidade da autora permitiu que os participantes percebessem nuances essenciais das Constelações e de sua prática. Por fim, Horta afirmou ter rebatizado simbolicamente o livro como Falas de Aconchego que Abrem Caminhos de Solução, em reconhecimento ao cuidado e à atenção demonstrados.

Reflexão sobre delicadeza e cuidado com o cliente

Ao final do evento, a mediadora Yolanda Freire destacou a importância do respeito e da atenção ao cliente no trabalho das Constelações. Segundo ela, as práticas apresentadas permitem que a pessoa atendida compreenda o que ocorre em sua vida e siga adiante com consciência ampliada.

Freire ressaltou o cuidado na transmissão das falas a fim de buscar que cada participante receba aquilo que consegue sustentar, valorizando o equilíbrio entre entrega e acolhimento.

Agradecimento e perspectivas futuras

A apresentadora Alzira Cristina encerrou o encontro com agradecimento à participação de todos e ao enfatizar a gratidão pelas reflexões compartilhadas.

Alzira também disponibilizou informações para aquisição de seu livro e reiterou a importância de manter as Constelações como instrumento de aprendizado e troca, além das fronteiras do conhecimento técnico. **(Texto publicado no dia 26 de agosto de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



A educadora e terapeuta Selma Horta destacou a profundidade da live conduzida pela psicóloga Alzira Cristina durante apresentação do livro: abordagem da autora não se limitou à exposição de conteúdo, mas teve caráter terapêutico ao envolver todos os participantes de maneira sensível e ética

Dagmar Ramos destaca lutas *em defesa das Constelações* e celebra união de entidades durante abertura do 3º Congresso do IBCF

A convite do *Instituto Brasileiro de Consteladores Familiares*, em mensagem on-line, médica atualizou as mobilizações em Brasília para frear atividades do Grupo de Trabalho constituído no âmbito do Conselho Nacional de Direitos Humanos em mais uma tentativa de deslegitimar as Constelações no Brasil. Ela ressaltou a união das três entidades que atuam na área e defendeu a força transformadora do legado de Bert Hellinger. *"Quando estamos juntos, criamos um campo de proteção poderoso"*, afirmou. Líder do IBCF, Inácio Junqueira pontuou que a abordagem "é viva, dinâmica e está em constante aprimoramento"

Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, a médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos marcou presença no dia 29 de agosto de 2025 durante abertura do 3º Congresso de Constelação Familiar, promovido pelo Instituto Brasileiro de Consteladores Familiares (IBCF), em São Paulo.

Em mensagem on-line, Dagmar Ramos saudou os participantes do congresso e relatou as recentes mobilizações em Brasília em defesa das Constelações diante da resolução nº 06/2025, do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), que instituiu um Grupo de Trabalho (GT) sem representantes das entidades da área.

Segundo Dagmar Ramos, o GT tinha como objetivo excluir de forma arbitrária a presença das Constelações nos serviços públicos, sob o argumento de que a prática seria inadequada para o enfrentamento da violência doméstica.

"Conseguimos frear esse processo dentro do próprio Conselho. O GT estava sendo conduzido de forma viciada, com interesses de grupos que não reconhecem a força das práticas integrativas", pontuou Dagmar Ramos.

Ela avalia que a união das três entidades [Associação Brasileira de Consteladores Sistêmicos (ABC), Instituto Brasileiro de Consteladores Familiares (IBCF) e Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS)] neste momento consegue frear mais esse movimento contra a abordagem. "Essa vitória mostra que, quando estamos juntos, criamos um campo de proteção poderoso", afirmou.

Dagmar ressaltou que os ataques não são novos, mas refletem resistência à abordagem criada por Bert Hellinger.

"Há **uma política deliberada** de *desqualificar um trabalho* que já **transformou milhares de vidas em todo o mundo.** *Tentam tachar as Constelações* como *uma prática que fere direitos humanos*, quando **na verdade o que trazem é paz e reconciliação**" (Dagmar Ramos)

“Somos guardiões desse legado e precisamos defendê-lo com coragem, porque ele impacta não apenas o campo jurídico, mas também a medicina, a psicologia, a psiquiatria e tantas outras áreas do conhecimento humano”, ressaltou a presidente do CECS.

Dagmar Ramos lembrou ainda que o movimento de união institucional é recente, mas já produz efeitos visíveis. Ela citou a jornada empreendida pela entidade que preside.

“Estamos há menos de dois anos à frente do CECS e já conseguimos mobilizar entidades históricas para caminhar juntas. Esse é um passo fundamental para dar voz ao campo das Constelações diante de ataques infundados e de interesses que não têm compromisso com o bem-estar social”, concluiu.



A médica Dagmar Ramos durante mensagem on-line aos participantes do 3º Congresso de Constelação Familiar IBCF: “Somos guardiões de um legado que traz paz e precisa ser defendido contra tentativas de deslegitimação”

Voz do IBCF

A participação de Dagmar Ramos no congresso ocorreu a convite do presidente do IBCF, Inácio Junqueira. Ao saudar a convidada, ele ressaltou o caráter institucional do encontro e a importância de reforçar a imagem das Constelações diante de desafios externos.



Participantes do 3º Congresso de Constelação Familiar IBCF: evento aconteceu em São Paulo, em agosto de 2025, com transmissão on-line, vivências práticas e debates sobre o presente e o futuro das Constelações Sistêmicas no Brasil

"Nosso trabalho é mudar a forma como as Constelações Familiares são vistas no Brasil. Queremos acolher quem chega agora, apoiar quem já caminha há décadas e mostrar que essa abordagem é viva, dinâmica e está em constante aprimoramento. Cada congresso é um marco para fortalecer nossa comunidade e reafirmar nossa legitimidade", pontuou Inácio Junqueira.



O presidente do IBCF, Inácio Junqueira: "O congresso fortalece nossa imagem e une associações em torno da defesa das Constelações Familiares"

Ele destacou ainda que a força das associações está em sua união: "O IBCF sempre será um espaço democrático, que dá voz a diferentes entidades e que defende a liberdade de escolha das pessoas em buscar práticas que tragam clareza, pertencimento e propósito." **(Texto publicado no dia 31 de agosto de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**

CECS

Erica Lopes apresenta *obra sobre autoconstelação* e revela **triângulo emocional como** *mapa de cura e reconexão com a essência*

CECS promove 6ª edição do Projeto Autoria com apresentação do *livro 'Autoconstelação – Método do Triângulo Emocional'*. **Cirurgiã-dentista, professora universitária e mestre em Educação**, autora afirma que *"quando o fluxo do amor é interrompido, a vida perde sua rota"*. Mediadora do evento, psicóloga **Yolanda Freire destaca que publicação é resultado "de uma grande jornada pessoal e profissional, que revela aprendizados, processos de autoconhecimento e caminhos de compreensão teórica a partir da prática"**. Terapeuta **Adriana Renucci participou de sessão demonstrativa**

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), por meio da Diretoria de Fundamentos e Teoria, realizou no dia 17 de setembro de 2025 a 6ª edição do Projeto Autoria. O encontro ocorreu de forma on-line, via plataforma Zoom, e contou com a participação da cirurgiã-dentista e consteladora Erica Lopes, que apresentou o livro 'Autoconstelação – Método do Triângulo Emocional'.

A mediação foi conduzida pela psicóloga e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do CECS. Entre os participantes estava o português Joaquim Marujo, psicoterapeuta transpessoal, doutor em antropologia e mestre em Clínica Saúde Mental.

A obra apresenta uma técnica de autoconstelação na água que emprega o método desenvolvido a partir da visualização do ser humano como um triângulo emocional.



Participantes da 6ª edição do Projeto Autoria que trouxe apresentação do livro 'Autoconstelação – Método do Triângulo Emocional', da cirurgiã-dentista, professora e consteladora Erica Lopes, com mediação da psicóloga e consteladora Yolanda Freire

"O **Triângulo Emocional** é uma abordagem que revela *três dimensões essenciais da experiência humana*: os **vínculos familiares e seus efeitos no sistema**, os **padrões de comportamento** que *adotamos ou adaptamos* e a **forma como aprendemos a amar** e a **nos relacionar**. Essa perspectiva permite **identificar onde o fluxo do amor foi** *interrompido ou invertido*" (Erica Lopes)

Segundo ela, “ao tomar consciência desses pontos, torna-se possível realinhar caminhos, integrar feridas e liberar cargas que não nos pertencem. O resultado é uma vida mais autêntica, livre de padrões repetitivos e profundamente conectada com a própria essência”.

Perfil da autora

Erica Lopes é cirurgiã-dentista, professora universitária e de cursos de pós-graduação lato sensu, servidora pública e empresária. Mestre em Educação, com concentração em Pedagogia Universitária, desenvolveu pesquisas sobre o “aprender a aprender” em direção à autonomia.

Nos últimos anos, dedicou-se ao estudo das Constelações Familiares e desenvolveu o Método do Triângulo Emocional para Autoconstelação, que pretendia disponibilizar de forma acessível, especialmente aos consteladores. Tornou-se escritora e o livro apresentado representou o primeiro volume de uma trilogia em desenvolvimento.



Abertura e saudação da mediação

A mediação da 6ª edição do Projeto Autoria coube à psicóloga e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do CECS. Em saudação inicial, ressaltou o caráter transformador do projeto, que nasceu para valorizar autores associados e oferecer ao público a oportunidade de crescimento a partir da partilha de experiências em forma de livros.

Segundo a mediadora, o Projeto Autoria tem cumprido a missão de reunir profissionais brilhantes — terapeutas, consteladores e consteladoras — que, a partir de aulas, palestras e práticas cotidianas, transformam conhecimento em obras escritas. "É um caminho de expansão de consciência", destacou.

Yolanda enfatizou ainda que a presença de Erica Lopes representava um passo adiante para o CECS, pela abertura de fronteiras em torno de novas expressões teóricas e vivenciais. Para ela, o livro 'Autoconstelação – Método do Triângulo Emocional' é fruto de um mergulho profundo na prática da Constelação e no autoconhecimento da própria autora.

"Esse livro **nasce de uma experiência viva** e *não apenas de uma experimentação técnica*. É **resultado de uma grande jornada pessoal e profissional**, que *revela aprendizados*, processos de *autoconhecimento* e **caminhos de compreensão teórica** a partir da prática. Trata-se de **uma obra que ajuda também o leitor e a leitora em sua própria jornada de autopercepção**" (Yolanda Freire)

A mediadora classificou a leitura como um presente, tanto pelo conteúdo quanto pela trajetória que Erica compartilha em sua obra: "Foi um presente percorrer o caminho que esse livro propõe. E é uma honra apresentar a autora ao nosso grupo, com a riqueza de sua experiência como consteladora e escritora."

O início da jornada

Erica Lopes relata que sua aproximação com a Constelação Familiar ocorreu em 2009, diante do adoecimento de uma cunhada com câncer. Naquele momento, ela buscou obras de Bert Hellinger publicadas pela editora Atma, que já não existe mais, e passou a estudar intensamente o tema. Contudo, devido às atividades profissionais, só em 2019, às vésperas da aposentadoria e após enfrentar problemas de saúde, decidiu mergulhar de forma mais sistemática no aprendizado da abordagem.

Sua formação passou por cursos de psicologia, pedagogia e até inteligência artificial, sempre com a convicção de que o conhecimento exige dedicação reflexiva. "Não basta comprar cursos, é preciso elaborar para que o aprendizado se consolide", explicou.

O encontro com a escrita

A autora afirma que a experiência pessoal, marcada por relacionamentos rompidos e uma história familiar complexa, impulsionou a necessidade de escrever. Relata que acordava de madrugada com ideias e começou a registrá-las, o que chegou a acumular material equivalente ao de um livro extenso. Buscou uma mentoria de escrita e passou a organizar o conteúdo.

O resultado foi um processo intenso, acompanhado por supervisões da abordagem com colegas, que culminou na estruturação de um método próprio.

> "*Não queria produzir um texto técnico*, mas **algo que traduzisse a vivência e a reflexão** no **campo das Constelações**" (Erica Lopes)



Erica Lopes, cirurgiã-dentista, professora universitária, mestre em Educação: Quando o constelador amplia sua própria consciência — inclusive em níveis espirituais —, torna-se capaz de influenciar o campo ao seu redor por ressonância

Memórias e tragédias familiares

Erica reconhece que sua trajetória foi marcada por tragédias que atravessaram gerações. Entre elas, o assassinato brutal de uma irmã, cujo corpo jamais foi devidamente sepultado, um suicídio silenciado por décadas na família paterna e a morte precoce de uma tia do lado materno, que redefiniu o destino de sua mãe. Esses eventos, muitas vezes tratados como segredos, alimentaram sua busca por compreensão sistêmica.

A construção do método

Da reflexão pessoal nasceu um método próprio, resultado de anos de Constelações, estudos e supervisões. A autora afirma que percorreu o caminho desde as formulações mais elementares — "eu e a mamãe, eu e o papai" — até a compreensão da dinâmica do campo ao valorizar a investigação pessoal e o aprendizado por descoberta. "Quando tudo é entregue pronto, o processo se torna superficial", reforça.

O livro e o kit

A obra, que será lançada na 1ª Bienal do Livro do Paraná, inclui um kit desenvolvido pela autora. O material busca facilitar a compreensão prática para leitores com dificuldade de absorver conceitos abstratos. A ideia surgiu a partir da experiência de uma leitora que, após adquirir o e-book, confeccionou sozinha o kit e passou a utilizá-lo.



CECS

Trabalho conduzido individualmente

A autora relacionou esse princípio à proposta de seu kit de autoconstelação, que trabalha de maneira concentrada com a primeira geração — pais e avós. Segundo ela, esse recorte é suficiente para que a pessoa consiga integrar questões fundamentais, fortalecer sua estrutura e ampliar sua consciência. O processo exige disciplina emocional, já que o trabalho é conduzido individualmente, sem supervisão externa. Ao se aprofundar nesse exercício, Erica afirmou ter encontrado emaranhamentos familiares de gerações passadas. "São questões que emergem no campo e que precisam ser reconhecidas para liberar a energia bloqueada", destacou.

Capítulos centrais

O livro traz sessões de perguntas e respostas, elaboradas para provocar leitores ou pacientes resistentes, que relutam em olhar para si mesmos. Outro capítulo destacado pela autora aborda as "consciências dos relacionamentos", onde integra reflexões próprias ao célebre poema de Bert Hellinger sobre o cavalo e o timoneiro ao ressaltar a necessidade de reconhecer a existência de um condutor que guia a vida até o porto.

A perspectiva do destino

Erica Lopes defende que cada indivíduo precisa concluir seu propósito de vida para que o campo sistêmico se mantenha equilibrado. "Um destino bem definido e vivido com prazer e plenitude atua no campo. Quando as pessoas não cumprem sua missão, o sistema permanece em desequilíbrio", explicou. Essa reflexão, amadurecida ao longo de anos de investigação pessoal, está entre os elementos que considera mais relevantes no livro.

Uma obra acessível e prática

Segundo a autora, o livro foi construído para pessoas que, como ela no início da jornada, encontram dificuldade em compreender a Constelação e em aplicar o que aprendem nos cursos. Para facilitar esse processo, a publicação virá acompanhada de um kit prático. "Apesar de ensinar no final da obra como montar o material, decidi oferecer o kit pronto, porque percebi que muitos demorariam para confeccioná-lo", relatou.

A **reflexão sobre o campo**, *conceito essencial na Constelação*, também **ocupa lugar de destaque no livro.** Para Erica, trata-se de um **entendimento ainda em aberto**, permeado por *múltiplas teorias*. Seu texto convida o leitor a **experimentar, explorar e observar o fenômeno** *em vez de procurar respostas definitivas*

Na apresentação, a autora ampliou a reflexão para dimensões espaciais e temporais. Utilizou exemplos didáticos para explicar como se configuram a primeira, a segunda e a terceira dimensões do espaço, e como a quarta, o tempo, é percebida de maneira mecanicista pela sociedade. Ao trazer a teoria da relatividade de Einstein, destacou que o tempo não é linear. Pode se expandir e contrair. "Nossa organização social nos faz esquecer que vivemos ciclos, como as estações do ano, que revelam a fluidez do tempo", afirmou.

Ciclos cósmicos e filosofia védica

Erica introduziu, ainda, a visão da filosofia védica sobre o tempo da Terra, conhecida como Yugas ou Eras Védicas. Com base em escritos milenares, explicou que a humanidade atravessa ciclos de milhões de anos, cada um marcado por diferentes configurações de harmonia e declínio.

Atualmente, segundo essa tradição, vivemos o período chamado Kali Yuga, caracterizado por desafios morais e espirituais, mas ainda distante do fim da Terra.

"O planeta pode sofrer com destruições, mas sua energia é permanente e cíclica", observou.

A consciência eterna

Erica destacou que, sob a ótica védica, a consciência não se perde. "Nós somos consciência eterna, e a energia do amor também permanece. Cabe a nós corrigir o fluxo, para que esse amor alcance as novas gerações", declarou.

A quinta dimensão, nesse sentido, representaria o espaço-tempo expandido acessado no campo das Constelações, onde se torna possível perceber simultaneamente passado, presente e futuro em movimento.

Dimensões do espaço

Erica Lopes fez explicação didática sobre as dimensões espaciais. A primeira, o comprimento, corresponde ao deslocamento linear com apenas um grau de liberdade. A segunda acrescenta a largura, o que permite maior amplitude, mas ainda sem altura. A terceira, por sua vez, incorpora a profundidade, possibilita olhar de cima ou de baixo e compreender o espaço em perspectiva.

Com esse raciocínio, Erica ressaltou que vivemos em três dimensões espaciais. Para além delas, a quarta dimensão se manifesta no tempo, elemento que, segundo a autora, costuma ser interpretado de maneira mecanicista.

A visão mecanicista do tempo

Na perspectiva cotidiana, o tempo é fragmentado em dias, meses e anos, organizados em uma sequência cronológica rígida. Essa forma de encará-lo, apontou Erica, gera estresse e a sensação de permanente corrida contra o relógio. Ela lembrou que Einstein, ao formular a Teoria da Relatividade, já havia demonstrado que o tempo pode se expandir e se contrair, assumir curvaturas e diferentes ritmos de acordo com o espaço.

"A organização social nos impede de perceber essa flexibilidade, embora a própria natureza, por meio das estações do ano, revele a fluidez do tempo", afirmou.

O salto quântico como metáfora

Durante a exposição, Erica Lopes estabeleceu um paralelo entre o movimento dos elétrons no átomo e as transformações humanas. Explicou que, quando um elétron recebe determinada quantidade de energia, ele salta de uma camada para outra, o que altera seu estado.

Essa mudança rápida e profunda, afirmou, inspirou a expressão popular "salto quântico" para designar momentos de virada na vida pessoal, profissional, emocional ou espiritual.

Na interpretação de Erica, cada indivíduo também pode receber energia proveniente de seu sistema familiar, especialmente dos pais e avós.

Essa herança energética, quando integrada de forma consciente, possibilita mudanças estruturais na vida, sem que seja necessário carregar os fardos de gerações anteriores.

O eixo vida e morte

Inspirada no curso de Fernando Freitas, Erica apresentou a ideia de que o principal movimento humano se estabelece no eixo vida e morte. “Ou você olha para a vida, ou olha para a morte. Esse é o eixo essencial do campo”, afirmou.

No esquema visual exibido, **a infância aparece como ponto de entrada no campo**, marcada pela **predominância da consciência pessoal**. A *adolescência* surge em seguida, já com *maior presença do ego*, até o ingresso na vida adulta. Para a autora, **o centro do campo corresponde ao estado de plenitude**, no qual *a pessoa habita o presente com equilíbrio energético*

Nesse centro, a vida pode se desenrolar em dois estados principais: o da presença, ligado à consciência plena, ou o do estresse, associado a neuroses e à compulsão de repetição. Erica observou que muitas pessoas revivem padrões inconscientes sem perceber, e perpetua ciclos de sofrimento.

Ao avançar no ciclo vital, envelhecer com consciência depende da capacidade de autoconhecimento. Recorreu novamente à metáfora do cavalo: o cavaleiro, que representa pai e mãe, conduz; o cavalo, que representa a criança, carrega a energia vital; e a rédea, que simboliza a mente, permite direcionar a vida quando bem conduzida.

Contribuições do Triângulo Emocional para a leitura do campo

Durante sua exposição, Erica Lopes apresentou os fundamentos do Método do Triângulo Emocional, elaborado a partir de vivências clínicas e reflexões sobre o lugar do sujeito no sistema familiar. Segundo a autora, a técnica permite visualizar com mais clareza os pontos de ruptura e de fidelidade invisível que comprometem o fluxo do amor dentro do sistema.

O triângulo é formado por três vértices principais: feridas da criança, dores oriundas do pai e dores oriundas da mãe. Cada uma dessas âncoras carrega informações emocionais profundas, armazenadas de forma simbólica no corpo e na psique do constelado. O modelo triangular é então utilizado como base estrutural para interpretar os movimentos dos bonecos no campo da autoconstelação na água.

Para Erica, a posição dos bonecos — que representam pais, filhos e antepassados — não é apenas aleatória ou estética.

Ela comunica padrões inconscientes. Revela, por exemplo, inversões hierárquicas (como a criança a se posicionar atrás do pai), fixações em vínculos simbióticos com a mãe, ou alianças ocultas com dores ancestrais.

"Muitas vezes o que vemos no campo é um coração que aprendeu a amar a partir da dor", afirmou a consteladora, em menção aos padrões de codependência e relações não funcionais que se repetem entre gerações.

Eixos da consciência e interpretação do campo

A autora propôs um mapa de leitura simbólica do campo, estruturado em dois eixos principais. O eixo horizontal (vida-morte) e o eixo vertical (masculino-feminino).

Acima do diafragma, situam-se os conteúdos ligados ao céu e à transcendência, enquanto abaixo dele manifestam-se os impulsos ligados à Terra, à sobrevivência e ao inconsciente coletivo.

Esses eixos, segundo Erica, ajudam a identificar a natureza das exclusões e das desconexões emocionais.

O lado direito do campo frequentemente revela vínculos interrompidos com o sistema paterno, enquanto o lado esquerdo expõe os padrões da linhagem materna. Os "excluídos" – sejam pessoas esquecidas, rejeitadas ou falecidas – ocupam posições simbólicas importantes, o que revela a influência dos não-vistos no comportamento dos vivos.

Nesse modelo, a consteladora busca observar o grau de consciência da criança interior frente à história emocional: se há simbiose mal-resolvida com a mãe, se há posicionamentos invertidos com o pai ou se a criança permanece presa a vínculos antigos que a impedem de amadurecer.

A Constelação na água como tecnologia de acesso ao inconsciente

A posição e o movimento dos bonecos são interpretados à luz dos eixos simbólicos e da base triangular. Essa abordagem permite uma leitura objetiva e profunda, baseada na movimentação espontânea das figuras.

Ao contrário das Constelações com representantes, em que a percepção corporal e emocional dos participantes interfere diretamente na dinâmica, a Constelação na água oferece uma alternativa mais introspectiva e acessível à prática individual.

O método apresentado por Erica Lopes propõe *uma inovação prática*: **o uso da água como campo informacional.** Em vez de depender de representantes humanos, **o campo é composto por bonecos simbólicos ancorados na água**, que, segundo a autora, **atua como um** *condutor e revelador de informações ocultas*

A autora salienta, no entanto, que esse método exige um nível elevado de maturidade emocional e conhecimento prévio sobre Constelações. "Trata-se de um caminho para quem já passou por processos terapêuticos e deseja aprofundar a autorresponsabilidade e a capacidade de leitura do próprio campo", reforçou.

Impactos para a prática clínica e autoconhecimento

O Triângulo Emocional se revela não apenas como um instrumento técnico, mas também como uma chave de integração emocional. Ao nomear e localizar as feridas, o método facilita a reintegração das partes fragmentadas da psique ao promover maior autonomia afetiva e clareza de identidade.

A proposta de sair da condição de "cavalo" — termo usado por Erica para indicar o sujeito tomado por lealdades invisíveis — e elevar-se à consciência simbólica e espiritual do próprio lugar no sistema é uma das principais transformações que o método propõe.

Ao final da Constelação, a observação do triângulo formado por pai, mãe e criança permite ao constelado identificar se os vínculos foram equilibrados, se há liberdade afetiva para seguir e se o fluxo do amor foi restabelecido. "O objetivo é que a criança consiga sair do triângulo simbiótico e alcançar o amor maduro, livre das amarras invisíveis que a prendem ao passado do sistema familiar", pontuou.

A obra de Erica Lopes apresenta, portanto, um avanço metodológico relevante para a prática das Constelações Sistêmicas, com potencial de aplicação clínica, educativa e social. Ao reunir elementos teóricos, simbólicos e práticos, o livro não apenas apresenta um método, mas inaugura uma nova possibilidade de olhar o campo familiar com profundidade e autonomia.

A consciência corporal como porta de entrada para o campo

Um dos pontos centrais abordados por Erica Lopes foi a importância do corpo como instrumento de percepção no trabalho de autoconstelação.

Segundo a autora, é preciso desenvolver a escuta interna para acessar os registros emocionais armazenados no corpo. A percepção sensorial torna-se, assim, o primeiro canal para captar o que se apresenta no campo.

Erica defende que a leitura do campo exige treino e iniciação nas Constelações.

A consteladora destacou que, para interpretar os movimentos simbólicos da alma familiar, é necessário um processo prévio e mais profundo de autoconhecimento e familiaridade com as sensações corporais.

O método do Triângulo Emocional exige do constelador e do constelado a capacidade de reconhecer em si as respostas físicas que surgem diante das imagens que colapsam no campo.

A autora reconhece que cada pessoa acessa o campo de maneira singular. Algumas sentem calor, outras pressão no peito, outras ainda reagem emocionalmente sem compreender de imediato a razão.

O treino constante e a repetição das práticas são, portanto, ferramentas fundamentais para refinar a escuta corporal e a interpretação simbólica.

O campo como revelador de padrões de vínculo

Durante a demonstração prática, Erica propôs um exercício sistêmico com base em uma Constelação na água. Por meio de sorteio, a escolhida foi a terapeuta e consteladora sistêmica Adriana Renucci. A técnica consistiu em posicionar os elementos familiares no campo líquido, a observar os movimentos espontâneos.

A primeira análise focou na mãe da participante, cujo movimento indicou uma permanência simbiótica na relação com a própria mãe. Esse dado revelou um bloqueio no amadurecimento emocional, com a figura materna permanecendo ligada à infância. Ao lado, o pai foi posicionado na esfera masculina, mas sem vínculo estabelecido com a mãe.

Ambos estavam orientados para a vida, mas em trajetórias isoladas. A ausência de vínculo entre o casal foi registrada como fator essencial para compreender os impactos na geração seguinte.

A criança — representada como bebê — ao ser colocada no campo, demonstrou ausência de vínculo com os pais e tendência a recuar em direção aos ancestrais, o que indicava a presença de lealdades invisíveis a dores antigas do sistema.

Esse movimento revelou um padrão recorrente nas Constelações: a criança que não teve vínculo pleno nos primeiros anos de vida tende a repetir a busca por conexão em relações futuras, muitas vezes a criar laços simbióticos ou de codependência emocional.

A dinâmica entre gerações e o lugar dos ancestrais

Ao estender a análise para os avós paternos e maternos, Erica reforçou a leitura de que os vínculos mais presentes na infância influenciam diretamente o campo de força emocional da pessoa. A convivência predominante com os avós paternos e com a avó materna foi interpretada como indicativo de onde os vínculos se fortaleceram e de onde também poderiam ter se formado lealdades inconscientes.

A disposição dos avós no campo seguiu os princípios da metodologia: a avó foi colocada na esfera doméstica e o avô na esfera do trabalho, observando-se o primeiro movimento espontâneo do casal.

A consteladora explicou que **o comportamento dos antepassados no campo** *simboliza padrões de relação* que tendem a se repetir, especialmente se não foram integrados pelas gerações seguintes

O campo revelou que as questões mais dolorosas pareciam vir dos ramos familiares com menor convivência afetiva. Essa constatação reforçou a premissa do método: aquilo que foi excluído ou está distante se aproxima com mais força na alma da pessoa, na tentativa inconsciente de ser visto e integrado.

A abertura para o campo e a postura do constelado

Ao final da demonstração, Erica destacou que o método da autoconstelação na água não exige, necessariamente, que o constelado verbalize suas questões.

Muitas vezes, o simples posicionamento dos bonecos e a leitura do campo são suficientes para ativar a consciência sistêmica da pessoa, mesmo que em silêncio.A consteladora reforçou que a alma vê o que está sendo mostrado, mesmo que a mente não compreenda de imediato.

Essa abordagem amplia a acessibilidade da técnica, pois permite que o processo terapêutico se realize com respeito ao tempo, à privacidade e à disposição emocional de cada um. Ao evitar projeções racionais e interpretações precipitadas, o método convida o constelado a permanecer num estado de abertura, confiança e entrega.

O campo, nesse contexto, atua como uma lente simbólica e precisa, ao revelar com clareza os pontos de ruptura e as possibilidades de integração.

A lealdade invisível entre mulheres de uma mesma linhagem

Ao analisar o posicionamento dos bonecos no campo, Erica Lopes destacou a existência de alianças femininas invisíveis entre gerações, especialmente entre avós, mães e filhas.

Um dos movimentos observados foi a fidelidade inconsciente entre a avó e a mãe da constelada, onde ambas se conectavam a partir das próprias dores não integradas.

Esse tipo de vínculo revela uma busca por pertencimento baseada na dor compartilhada e não no amor maduro.

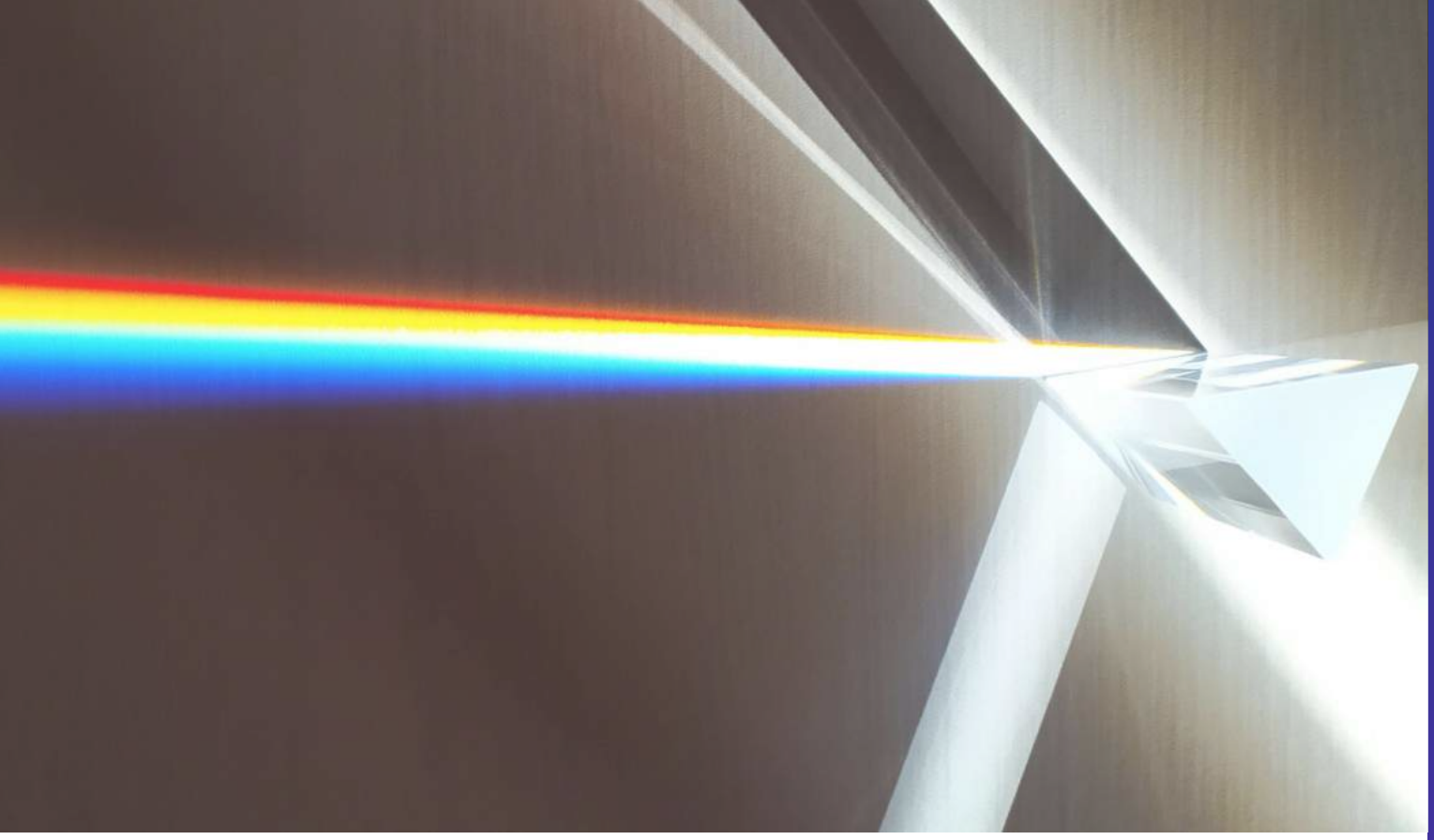
A neta, ao observar esse padrão, tende a repetir a mesma dinâmica, ao buscar fusões simbióticas com figuras femininas.

O método identifica essas conexões como formas de compensar vínculos simbióticos interrompidos com a própria mãe — vínculos que, quando não vividos de forma plena na infância, se reproduzem em outras relações afetivas ao longo da vida.

Na leitura do campo, Erica mostrou que a avó ocupava simbolicamente um lugar maior que o do avô.

Sua postura corporal indicava uma necessidade inconsciente de "ser mãe do marido", a perpetuar um ciclo de inversões hierárquicas e rompimento do fluxo amoroso natural entre os papéis familiares.





Padrões simbióticos e o bebê como sensor do campo

Outro ponto abordado foi o papel do bebê enquanto sensor emocional do campo sistêmico. Na Constelação, o bebê — posicionado simbolicamente como observador — identificava o membro da família com maior carga emocional e, a partir de um amor cego, direcionava sua energia na tentativa inconsciente de curar o sistema.

Esse movimento é uma das bases do método do Triângulo Emocional: a criança que não encontra apoio afetivo íntegro em seus pais, volta-se para figuras anteriores da árvore genealógica, conecta-se a exclusões ou dores não verbalizadas.

No caso apresentado, a criança se voltava para um ancestral mais antigo. Reforçou a tese de que o sistema familiar busca compensações transgeracionais quando os vínculos diretos são frágeis ou rompidos.

A consteladora destacou que, ao olhar para o campo, é possível identificar padrões de codependência, ausência de separação simbólica entre os membros do sistema e recorrência de vínculos simbióticos como forma primária de relação.

Adolescência, rupturas e o retorno à infância

Na sequência da leitura do campo, Erica conduziu a Constelação até a fase da adolescência.

O movimento mostrou que, mesmo após a criança simbolicamente "crescer", ela retornava à esfera da infância, especialmente à esfera da mãe. Esse retorno indicava uma fixação emocional em estágios iniciais de desenvolvimento afetivo, o que impede a livre circulação do amor e da autonomia no sistema.

A consteladora explicou que, para as meninas, há um ciclo natural de transição: da infância (esfera da mãe) para a vida (esfera do pai), e de volta à esfera da mãe na adolescência, momento em que se colhem os aprendizados do feminino. Quando esse ciclo é interrompido por traumas ou lealdades ocultas, a jovem permanece enredada em vínculos simbióticos com a figura materna, impedindo-se de seguir em direção à vida adulta com independência emocional.

O campo também indicou que, nos casos em que há ausência de maturidade dos pais (quando eles próprios permanecem emocionalmente na infância), a criança precisa crescer rapidamente. Ocupa lugares que não lhe cabem — como o de cuidadora dos próprios pais.

Integração, identidade e movimento de cura

Erica finalizou a demonstração ao apontar que o objetivo da Constelação é permitir que o constelado retome seu lugar no sistema, ao integrar o que foi fragmentado.

Ao crescer simbolicamente dentro do campo, a criança pode finalmente sair do triângulo simbiótico formado por pai, mãe e ela mesma ao romper os padrões repetitivos e ao assumir a própria identidade.

Esse processo implica atravessar diversas camadas de vínculo e dor — desde as lealdades infantis até as compensações invisíveis com os ancestrais.

O campo, nesse contexto, atua como espelho e roteiro de cura: revela as feridas, aponta as repetições e orienta os movimentos de reconexão.

A Constelação se encerrou com um movimento de retorno à vida, mas não sem antes revelar as complexidades emocionais envolvidas na formação do sujeito.

O *método do Triângulo Emocional*, ao **estruturar o campo em vértices de feridas e ancestralidade, oferece uma ferramenta precisa de observação dos padrões afetivos** ao propor não só uma leitura, mas *um caminho possível de reconciliação com a própria história*

Erica Lopes destacou que muitas vezes o que se entende como vida adulta não passa de uma continuidade simbólica da infância ferida.

Ao observar o campo, é possível identificar adultos que, apesar de já terem filhos, trabalho ou diplomas, permanecem psicologicamente vinculados a traumas precoces.

São adolescentes no corpo de adultos, sem um desenvolvimento emocional completo, ao repetir padrões herdados dos pais e avós.

Esse fenômeno ocorre especialmente quando não houve, na infância, um adulto que pudesse acolher e proteger a criança diante da dor.

A Constelação revelou pais emocionalmente ausentes, voltados para as próprias feridas, o que deixava a criança sem referências internas de segurança.

Assim, ela crescia apenas no corpo, mas permanecia retida psiquicamente em situações não elaboradas do passado.

O crescimento precoce e a ruptura do eixo feminino

A análise do campo demonstrou o impacto do crescimento forçado. A constelada, que começou a trabalhar aos 14 anos, teve de acessar responsabilidades adultas antes de receber estrutura emocional para isso.

Movimentos assim, comuns em histórias de escassez ou negligência emocional, empurram a criança para um lugar que não é dela: desloca sua identidade e seu eixo energético.

No caso apresentado, a energia masculina — associada à ação, à produtividade e à sobrevivência — tornou-se predominante.

Já a energia feminina, relacionada ao acolhimento, à sensibilidade e ao enraizamento, ficou marginalizada.

A consequência foi uma atuação no mundo marcada por esforço e tensão, sem espaço para o descanso emocional ou o equilíbrio interior.



Yolanda Freire, psicóloga, consteladora e diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do CECS: "O trabalho com Constelações é um caminho de expansão de consciência individual e coletiva"



A carga emocional herdada dos avós

Um dos momentos mais reveladores da Constelação foi a percepção de que a figura adulta estava fortemente conectada às dores infantis do avô paterno. Mesmo sem ter plena consciência dessa conexão, a constelada agia a partir dessas lealdades invisíveis.

O campo indicou que a força que deveria vir do pai foi suprida pelo avô, o que inverteu a ordem natural do sistema e sobrecarregou a neta com uma carga que não era dela.

Essas identificações profundas com ancestrais geralmente não são cognitivas, mas emocionais. A alma reconhece os vazios, busca pertencer e, muitas vezes, tenta compensar a dor de alguém do passado por meio do próprio destino.

Quando essa dinâmica não é vista, ela se transforma em padrões repetitivos que limitam o avanço na vida e geram sensação de paralisia, ansiedade ou frustração crônica.

O desalinhamento sistêmico e os ajustes possíveis

Erica Lopes apontou que grande parte das dificuldades emocionais se deve ao desalinhamento de papéis dentro do sistema familiar.

Quando o pai está fora de lugar, quando o avô ocupa posições que não lhe cabem, ou quando os filhos tentam cuidar dos pais, o sistema inteiro perde estabilidade.

A Constelação permite observar essas distorções com clareza e reposicionar cada figura em seu lugar original.

No caso demonstrado, o pai deveria estar atrás da filha como fonte de força, e não lateralizado ou substituído.

O avô, por sua vez, precisaria retornar ao lugar de ancestral, liberar a neta da função de portadora de suas dores.

O simples reposicionamento simbólico dos bonecos no campo já iniciava um movimento de cura, ao permitir à constelada olhar para a vida com mais leveza e integridade.

A potência do campo como ferramenta de consciência

A leitura final do campo mostrou uma constelada voltada para a vida, mas ainda carregada pelas dores invisíveis da linhagem paterna.

Apesar do desejo de seguir em frente, a presença de lealdades ocultas, vínculos simbióticos e pesos emocionais não elaborados dificultava o avanço real.

A consteladora reforçou que a alma vê e sente o que o corpo ainda não compreende, e que o campo revela essas verdades com precisão.

Erica concluiu que, para que a transformação ocorra, é preciso olhar com coragem para as histórias que nos habitam.

O método do Triângulo Emocional oferece uma estrutura simbólica e prática para essa jornada: um caminho de consciência, reposicionamento e reconexão com a própria essência.

O corpo como território de percepção e integração

Erica Lopes reforçou a importância do corpo como canal direto de acesso às dores ancestrais e às emoções ocultas no sistema familiar.

Ao convidar a constelada a realizar respirações conscientes e a se posicionar fisicamente no campo, a autora propôs um exercício de escuta sensível que transcende o racional.

Ao entrar simbolicamente no lugar da mãe, a constelada sentiu, no próprio corpo, a presença de uma dor na garganta e no peito — representações físicas daquilo que não pôde ser dito nem acolhido.

Essas manifestações corporais, segundo Erica, são portais para camadas mais profundas da psique. Por meio delas, o inconsciente revela histórias ocultas, exclusões e fidelidades invisíveis.

O corpo, quando respeitado e escutado, torna-se uma bússola precisa para acessar conteúdos que a mente não alcança.

A **criança**, em seu **desejo de pertencer e de curar o sistema**, *assume o sofrimento de outros*. Acredita que, ao fazê-lo, pode manter o equilíbrio familiar. No entanto, **essa tentativa de compensação** *interfere no fluxo natural da vida* e **impede o sujeito de ocupar seu próprio lugar com leveza e liberdade**

Esse processo não é uma técnica isolada, mas uma construção sensível e complexa entre presença, escuta e acolhimento.

A lealdade à dor como forma de amor infantil

Durante a constelação, emergiu com força o tema da fidelidade sistêmica.

A constelada revelava um vínculo intenso com o avô paterno, identificado como fonte da força que o pai não pôde oferecer.

Esse avô, por sua vez, estava associado a dores profundas não resolvidas, cuja energia atravessava o campo e chegava até os descendentes.

Ao se posicionar simbolicamente "atrás" dele, a constelada assumia, inconscientemente, a função de carregar sua dor.Esse movimento revela um dos princípios fundamentais das Constelações Sistêmicas: o amor infantil é cego.

Outro aspecto importante observado no campo foi a presença de um bebê excluído no sistema. Essa vida interrompida — pertencente ao lado materno — aparecia como um ponto de atração para a alma da constelada. Sugeriu um padrão de repetição de destinos inconclusos.

Quando uma vida não se realiza, ela permanece no campo em busca do reconhecimento.

E aqueles que chegam depois, especialmente os mais sensíveis, podem se alinhar a essa história e assumir inconscientemente seu fardo ou sua missão interrompida.

Erica apontou que a constelada, ao olhar para esse bebê, sinalizava a possibilidade de estar a repetir um destino indefinido.

A ausência de um fechamento simbólico para essa vida ressoava em sua própria trajetória. Dificulta a clareza de propósito e o sentimento de pertencimento pleno.

O campo, nesse contexto, funcionava como um espelho preciso das fidelidades invisíveis que ainda prendiam a constelada ao passado não resolvido.

A síntese terapêutica e a potência do método

Ao final da demonstração, Erica Lopes reforçou que o método do Triângulo Emocional permite realizar uma leitura precisa do campo emocional e sistêmico.

Cada movimento, cada posição e cada sensação corporal são elementos de um mapa complexo que aponta onde o fluxo da vida foi interrompido e onde ele pode ser restaurado.

O método oferece não apenas um diagnóstico das dinâmicas familiares, mas também caminhos práticos para a integração emocional e espiritual do sujeito. A consteladora destacou que não se trata de resolver todos os pontos de uma só vez, mas de identificar o eixo mais essencial para a transformação.

O trabalho consiste em trazer à consciência os vínculos ocultos, as dores herdadas e as fidelidades inconscientes que impedem o avanço. A partir dessa consciência, é possível fazer um novo movimento, olhar para a vida com gratidão e autonomia.

A escuta da consteladora e os limites do cliente

A consteladora Adriana Renucci, participante da sessão demonstrativa, compartilhou a experiência ao trabalhar com Constelações na água a utilizar uma base circular. Ao comentar o método apresentado por Erica Lopes, destacou a diferença significativa que a geometria da base produz na percepção simbólica do campo. Para ela, a estrutura triangular oferece novas camadas de leitura, permite identificar nuances que a base redonda não revela com tanta precisão.

Ao final da Constelação, a mediadora Yolanda Freire e a apresentadora Erica Lopes agradeceram Adriana pela disponibilidade em colaborar com a demonstração.



Adriana Renucci, terapeuta e consteladora sistêmica, participante da sessão demonstrativa: A estrutura triangular oferece novas camadas de leitura, permite identificar nuances que a base redonda não revela com tanta precisão

A *leitura simbólica* e o **potencial das águas**

Na sequência, a consultora em Gestão Social e consteladora Sandra Schwarzstein pediu a palavra para expressar seu agradecimento à autora Erica Lopes e para levantar uma questão técnica. Sandra, que se apresentou como iniciante na prática das Constelações, destacou a potência simbólica do triângulo utilizado por Erica, o que chamou de "triângulo sanador".

A dúvida de Sandra se concentrou na ordem dos elementos no campo: ao observar que Erica posicionou a água antes dos bonecos, perguntou se esse gesto tinha intencionalidade terapêutica.

Erica explicou que sim. “Faz parte do show”, disse. A água, ao ser colocada previamente, tem a função de desorganizar momentaneamente o campo, ao permitir que novas informações emerjam com mais fluidez. Trata-se de uma ruptura simbólica no fluxo repetitivo, que cria espaço para que o sistema revele outras camadas de significado.

A autora observou que, por vezes, os movimentos espontâneos dos elementos demoram a ocorrer, ou não se manifestam, se o campo ainda estiver rigidamente estruturado. A água, nesse caso, atua como catalisadora do movimento.

Sandra, por sua vez, associou essa dinâmica ao princípio da física quântica segundo o qual pequenas alterações em um ponto do sistema podem produzir efeitos em dimensões mais amplas. A analogia com o bater de asas de uma borboleta que reverbera em outra parte do mundo foi trazida como metáfora para o impacto simbólico da água no campo.

“Achei tão simbólico e bonito essa mudança das águas”, observou Sandra. “Quero agradecer a sua generosidade de partilhar essa sensibilidade com a gente”, destacou.

Quanto à pergunta sobre o conteúdo do livro, Erica respondeu que a introdução sobre física quântica, mencionada por Sandra, não foi incluída no volume publicado.

No entanto, todos os fundamentos, práticas e bases simbólicas do método do Triângulo Emocional estão descritos em detalhe na obra, o que permite que consteladores iniciantes e experientes possam utilizá-lo como ferramenta de aprofundamento terapêutico.

Erica Lopes também anunciou: quem adquirir o livro físico receberá um kit prático e um encarte com o passo a passo da metodologia.

Percepção fenomenológica e o eixo do amor interrompido

Na sequência, a mediadora Yolanda Freire observou que a leitura exige percepção aguçada e que o livro reúne informações consistentes, além de apresentar um passo a passo de atendimentos que ajuda a compreender as relações descritas.

Erica Lopes complementou: embora o método permita explorar diferentes camadas de consciência e múltiplas leituras do mapa, a pergunta central é saber qual amor de fato chega ao outro e porque não chega.

Quando os pais aparecem de costas, diz, há um bloqueio intenso do amor.

O trabalho consiste em reconhecer a interrupção, assumir essa realidade e, a partir desse "sim" interno, retomar o movimento e adotar escolhas diferentes.

Tempo interno e digestão sistêmica na autoconstelação

Na sequência, a educadora e terapeuta Selma Horta dirigiu uma pergunta à autora, a fim de compreender melhor o tempo necessário para realizar uma autoconstelação profunda e eficaz. Ela se referia a um comentário anterior de Erica, sobre o campo poder permanecer sem movimento por até três dias, caso certos elementos não fossem incluídos.

A dúvida girava em torno de como lidar com esse tempo de latência quando se está constelando a si mesmo.Erica respondeu que o tempo mencionado não se refere a uma regra fixa, mas sim à sensibilidade de quem conduz o processo.

Em suas próprias autoconstelações, ela frequentemente abre o campo, observa os movimentos iniciais e, a partir da intuição, sente quando deve incluir novos elementos. O campo pode ser pausado e retomado em outro momento, conforme o que emerge na experiência interior. Ela enfatizou que o campo continua vivo mesmo após o encerramento da prática formal.

Muitas vezes, as imagens permanecem em movimento interno, e o constelador — ou o constelado — elabora novas compreensões ao longo de horas ou dias. Esse tempo de digestão simbólica é necessário para que o inconsciente integre as informações recebidas e reorganize as camadas emocionais mais profundas.

A prática da autoconstelação, portanto, requer escuta refinada, paciência e disponibilidade para o trabalho interno.



O campo como espaço de escuta simbólica e presença intuitiva

Erica falou sobre a presença de bebês excluídos no sistema — figuras simbólicas cuja origem, por vezes, remonta a muitas gerações passadas.

Diante da impossibilidade de identificar com precisão a identidade desse excluído, ela compartilhou sua prática: posiciona no campo a imagem de um bebê, um excluído genérico, e então se coloca intuitivamente no lugar da figura constelada.

A partir desse movimento, inicia uma escuta sensível que pode durar horas ou dias, a respeitar o tempo necessário para que o campo revele novas informações.

Em suas palavras, a compreensão nem sempre acontece no instante da prática. Às vezes, o campo não se movimenta. Mas, ao retornar no dia seguinte, tudo já se reorganizou.

Trata-se de um processo de elaboração simbólica que continua para além da prática formal.

Para Erica, esse tipo de prática revela a profundidade e a autonomia que a autoconstelação possibilita.

Ao **permitir que o constelador se coloque simultaneamente como sujeito e observador**, *o método abre um campo de transformação interna* que conduz ao que **Erica Lopes denominou de** *autoindividuação*

Nesse processo, o indivíduo se separa simbolicamente dos vínculos infantis com pai e mãe, rompe com fusões emocionais e inicia um caminho em direção à própria inteireza.

O trabalho com as imagens internas, realizado com respeito ao tempo do corpo e do campo, favorece a construção de uma identidade emocional madura e livre.

Erica sublinhou que esse percurso exige paciência e disposição para acolher o que emerge sem julgamento, a respeitar as camadas que se revelam no tempo do inconsciente.

Erica ainda destacou que, ao encerrar uma sessão com um cliente, é fundamental reconhecer o tempo necessário para a integração das informações.

Por isso, frequentemente orienta que o assunto não seja mais debatido após a sessão, a fim de permitir que as imagens se acomodem no interior do constelado.

A autora compartilhou que, em sua metodologia, costuma enviar uma fotografia da solução final.

Esse gesto simples serve como âncora simbólica para que o cliente continue o processo de elaboração mesmo após o encerramento do processo.

A Constelação como caminho de expansão da consciência

Em suas considerações finais, a mediadora Yolanda Freire, destacou a profundidade simbólica e metodológica do encontro.

Para ela, a leitura do livro de Erica Lopes possui uma linearidade formativa, capaz de conduzir o leitor por um percurso de autoconhecimento.

No entanto, afirmou que o espaço experiencial criado pelo Projeto Autoria amplia essa leitura, permite que os conceitos sejam vivenciados em sua potência terapêutica.

Yolanda Freire **refletiu sobre o papel do constelador na sociedade contemporânea.** *Mais do que facilitar movimentos sistêmicos,* **trata-se de promover elevação de consciência**

Erica, por sua vez, observou que quando o constelador amplia sua própria consciência — inclusive em níveis espirituais —, torna-se capaz de influenciar o campo ao seu redor por ressonância.

A transformação pessoal, segundo ela, reverbera nas relações, nas escolhas e no ambiente.

Erica mencionou a possibilidade de utilizar o método como recurso de supervisão entre colegas consteladores, ao destacar o valor formativo da prática compartilhada.

Yolanda concluiu com agradecimentos à autora e a todos os participantes, ao reconhecer a beleza da partilha de experiências, saberes e trajetos de vida.

Em nome do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas, agradeceu a presença do público e a generosidade da convidada.



Sandra Schwarzstein, consultora em Gestão Social e consteladora: A analogia com o bater de asas de uma borboleta que reverbera em outra parte do mundo foi trazida como metáfora para o impacto simbólico da água no campo



Selma Horta, educadora e terapeuta levantou questão sobre o tempo necessário para realizar uma autoconstelação profunda e eficaz

Como ter acesso ao livro

Após ter disponibilizado a versão digital do livro (e-book), o lançamento oficial da versão física ocorrerá no dia 11 de outubro, na 1ª Bienal do Livro do Paraná, em Curitiba e a autora disponibiliza seu Instagram: erica_elopesferreira e um telefone (41) 9.9716-0098 (WhatsApp) como caminho para acessar o livro e o que o acompanha. **(Texto publicado no dia 24 de setembro de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



Mapa de Evidências reúne produção científica e *redefine debate sobre Constelação Familiar e Sistêmica*

Evento do **CECS apresenta síntese de estudos internacionais sobre a abordagem**, com exposição da **médica e pesquisadora Vânia Meira e Siqueira Campos** e **mediação de Roseny Flávia Martins**. Encontro discute *fundamentos científicos, limites metodológicos e diretrizes para desenvolvimento de novas pesquisas*

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), por meio do Grupo de Trabalho (GT) Científico, promoveu evento histórico, com a apresentação do Mapa de Evidências em Constelação Familiar e Sistêmica no dia 23 de setembro de 2025. A iniciativa inédita organiza e sistematiza a produção bibliográfica da área, oferece uma visão clara, consistente e atualizada sobre as pesquisas mais recentes.

O encontro teve como convidada especial a médica Vânia Meira e Siqueira Campos, responsável técnica pelo projeto. A mediação ficou a cargo de Roseny Flávia Martins, coordenadora do GT Científico do CECS, com a colaboração especial da pesquisadora Erica Lopes Ferreira e o médico Marcelo Bertelli.

Durante a apresentação, foram compartilhadas contribuições dos colaboradores do acervo bibliográfico de 2025 que participaram ativamente desse trabalho pioneiro. A iniciativa amplia o diálogo e fortalece a base científica das Constelações Sistêmicas.

Foi um espaço de aprendizado, troca de saberes e integração, que reafirmou o compromisso do CECS em promover maior visibilidade e rigor científico à área.

Vânia Meira e Siqueira Campos é médica anestesiologista, mestre e doutora em Ciências da Saúde, consteladora familiar e organizacional.

É coordenadora temática do Mapa de Evidências da Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica e membro do Comitê de Pesquisa em Constelação Familiar do Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin).

Pós-graduada em psicossomática e acupuntura, é também facilitadora de PSYCH-K, revisora de artigos científicos e pesquisadora com publicações em artigos e livro sobre vínculos parentais e seus efeitos a longo prazo.

Mapeamento científico e consolidação do acervo bibliográfico das Constelações Sistêmicas

Na abertura do evento, a diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, situou o encontro como parte de um esforço institucional de compartilhamento de saberes científicos e de consolidação de acervo especializado.

O GT Científico criado pelo CECS e que *Roseny Flávia Martins coordena dedicou os anos de 2024 e 2025* à **catalogação minuciosa das referências até constituir um acervo com mais de 650 entradas bibliográficas, disponibilizado aos associados da instituição**

Roseny também destacou a colaboração de Marcelo Bertelli, Erica Lopes Ferreira e outros integrantes do grupo, além da participação de representantes de diferentes GTs do CECS voltados às dimensões acadêmica, teórica e ética. Ao apresentar a convidada, Roseny sublinhou o caráter pioneiro do projeto. Até onde o grupo identificou, trata-se do primeiro Mapa de Evidências do mundo dedicado especificamente às Constelações Familiares e Sistêmicas. A formulação é relevante porque desloca o debate do plano opinativo para um terreno mais delimitado: o da sistematização do que já foi publicado, dos critérios de inclusão adotados e da qualidade do que efetivamente pode ser considerado evidência científica.

Desafios metodológicos na investigação científica da Constelação Familiar

Afinal, a Constelação Familiar é ciência ou não é ciência? Em vez de responder por afirmação genérica, a médica e pesquisadora Vânia Meira e Siqueira Campos propôs delimitar o problema nos termos do método científico.

A Ciência, observou, exige conhecimentos sistemáticos e racionais, produzidos por observação e pesquisa, com procedimentos padronizados capazes de assegurar objetividade, comparabilidade e replicabilidade.

No caso das Constelações, reconheceu, o desafio é duplo: por um lado, há a dificuldade de traduzir em linguagem metodológica um fenômeno cuja matriz é fortemente fenomenológica; por outro, persiste a indeterminação sobre em que campo do conhecimento as pesquisas devem ser situadas — se mais próximas das ciências da saúde, da psicologia, da sociologia ou de abordagens interdisciplinares.

A conferencista também chamou atenção para uma tensão interna ao próprio campo. Segundo ela, embora exista um segmento comprometido com rigor, pesquisa e debate acadêmico, ainda há grupos de consteladores pouco interessados nesse tipo de exame.



Vânia Meira e Siqueira Campos, médica anestesiologista, mestre e doutora em Ciências da Saúde, consteladora familiar e organizacional, coordenadora temática do Mapa de Evidências da Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica e integrante do Comitê de Pesquisa em Constelação Familiar do Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin): ela defende a necessidade de ampliar pesquisas metodologicamente robustas para consolidar o campo científico das Constelações

Bert Hellinger reconhecia a necessidade de uma descrição cientificamente fundamentada dos procedimentos e das percepções da abordagem, ainda que admitisse a *dificuldade de encontrar uma base científica evidente para um trabalho ancorado*, em parte, na filosofia

Nesse contexto, Vânia recorreu a uma carta de Bert Hellinger à pesquisadora Ursula Franke-Bryson, escrita após o doutorado desta, para argumentar que o fundador da abordagem não era contrário à pesquisa científica, como por vezes se afirma.

Para Vânia, essa formulação ajuda a sustentar uma posição intermediária: a Constelação pode ser entendida como filosofia aplicada, cujos efeitos, ao menos em parte, podem ser submetidos a mensuração científica.

A exposição recuperou ainda a trajetória que levou à formulação do Mapa de Evidências.

Vânia relatou pesquisas iniciadas em ambiente universitário a partir de 2006, quando, em parceria com o médico e pesquisador José Miguel de Deus, passou a explorar as Constelações como instrumento auxiliar no cuidado de mulheres com dor pélvica crônica. José Miguel de Deus é médico ginecologista, professor titular da Faculdade de Medicina da UFG e coordenador de grupo de Constelação Familiar no HC-UFG desde 2006, com foco em aconselhamento socioemocional e saúde da mulher.

Um estudo observacional publicado em 2014 apontou redução da intensidade da dor em pacientes que, além do tratamento habitual, participaram de Constelação. O trabalho, no entanto, não entrou no mapa por não descrever de forma suficientemente detalhada como a intervenção foi realizada. Em 2024, nova pesquisa qualitativa indicou que a participação em Constelação, somada ao tratamento convencional, favoreceu a alta ambulatorial desse grupo, desfecho considerado difícil nessa população.A pesquisadora também relembrou a inclusão da Constelação Familiar em 2018 no rol das práticas integrativas e complementares do SUS, durante o Primeiro Congresso Internacional de Práticas Integrativas e Complementares, organizado pelo Ministério da Saúde.

Embora a incorporação tenha sido celebrada, ela reconheceu que o formato da aprovação, sem um suporte metodológico mais robusto como o oferecido hoje por um Mapa de Evidências, abriu espaço para questionamentos e resistências posteriores.

Foi justamente da necessidade de responder a esse tipo de contestação — inclusive em debates institucionais travados em Brasília — que surgiu a organização preliminar do material bibliográfico que mais tarde seria incorporado ao trabalho do Cabsin.

Mapa de evidências como instrumento de síntese e delimitação do estado da pesquisa

Na parte mais substantiva da fala, a médica e pesquisadora Vânia Meira e Siqueira Campos explicou o que é, afinal, um Mapa de Evidências.

Trata-se de um instrumento de síntese que busca preencher lacunas de conhecimento sobre determinado tema por meio da organização visual e metodológica da literatura disponível.

O **mapa publicado em dezembro de 2024**, na *plataforma da Bireme*, partiu de **mais de 7.800 registros identificados em bases indexadas e literatura cinzenta**. Após triagem por *títulos, resumos, leitura integral e aplicação de critérios de elegibilidade,* **apenas 16 publicações foram incluídas**. O número, *longe de ser apresentado como fragilidade a ser ocultada*, foi exposto como **dado central da realidade atual do campo**

Esse conjunto final reuniu 12 estudos primários — um deles desdobrado em mais de uma publicação — e uma revisão sistemática posteriormente atualizada. A distribuição geográfica dos trabalhos mostrou concentração na Europa, com presença pontual de publicações no Brasil, na África do Sul, nos Estados Unidos e no Canadá.

Segundo a análise apresentada, a maioria dos resultados foi classificada como "potencialmente positiva": havia relevância estatística associada à intervenção, mas sem efeito de grande magnitude. Os estudos com efeito claramente positivo foram minoria; outros permaneceram inconclusivos.

A conferencista insistiu que o mapa não autoriza a afirmação de inexistência de evidência. Ao contrário, permite dizer que há evidências, ainda que limitadas, heterogêneas e metodologicamente desiguais.

Segundo a síntese apresentada, 15% dos desfechos em saúde analisados mostraram efeito positivo com relevância estatística e magnitude elevada, em temas como bem-estar psicológico, relações sociais, ansiedade, ideação paranoide e psicopatologia geral.

Outros 75% foram considerados potencialmente positivos ao alcançar sintomas físicos ligados a dermatopatias, bem-estar psíquico e social, depressão, mudanças psicoemocionais e espiritualidade. Os resultados inconclusivos concentraram-se em temas como transtornos alimentares, propósito de vida e gravidade de adicções.

Efeitos observados e desafios para o avanço da pesquisa

A médica e pesquisadora Vânia Meira e Siqueira Campos observou que a maior parte dos estudos ainda se concentra em níveis de evidência mais baixos, com poucos trabalhos robustos no topo da pirâmide científica. A heterogeneidade dos desenhos dificultou comparações e afetou a avaliação da qualidade. Dos estudos incluídos, apenas dois foram considerados de alta qualidade metodológica: um qualitativo e um relato de caso brasileiro sobre dificuldades de comportamento e aprendizagem infantil.

Ensaios clínicos randomizados alemães receberam classificação moderada. A revisão sistemática, por sua vez, ficou com qualidade baixa, não por defeito formal apenas, mas porque o campo ainda carece de estudos primários suficientes e comparáveis.

Entre os exemplos destacados, Vânia mencionou um ensaio clínico alemão com avaliação em diferentes momentos — duas semanas, quatro meses, oito meses, doze meses e até cinco anos após participação em seminário de Constelação —, que apontou estabilidade de resultados especialmente no funcionamento de sistemas sociais. Citou também estudo com pacientes com dermatite atópica e psoríase, cujo desenho perdeu força por ausência de randomização, mas ainda assim mostrou melhora do prurido e da qualidade da pele. Outro ponto sensível da apresentação foi a discussão sobre efeitos adversos. Em três das 16 publicações, houve relatos espontâneos de dor, choro, tensões relacionais temporárias ou agravamento de quadro alimentar. Como esses efeitos não foram aferidos com instrumentos específicos nem medidos de forma padronizada, a pesquisadora afirmou que não se pode estabelecer nexo causal com segurança.

A partir desse diagnóstico, **a médica Vânia Meira e Siqueira Campos defendeu** que *o passo seguinte não é a celebração acrítica do mapa*, **mas o uso estratégico do que ele torna visível**: a **necessidade de produzir estudos primários mais robustos, mais bem descritos e metodologicamente comparáveis**

Em contrapartida, chamou atenção para o custo-benefício potencial da intervenção, sobretudo no campo da saúde pública, quando associada a tratamentos convencionais em condições complexas e de longa duração.

Foi nesse horizonte que situou a criação do Comitê de Pesquisa em Constelação Familiar do Cabsin, coordenado por José Miguel e com Roseny Flávia Martins como coordenadora adjunta. O objetivo, segundo ela, é oferecer orientação a pesquisadores interessados, elevar a qualidade dos desenhos de pesquisa e permitir que futuras revisões sistemáticas encontrem um campo mais sólido do que o atual.

Ao final, Vânia enquadrou esse esforço em uma programação mais ampla. Mencionou a agenda 2025-2034 da OMS para implementação de medicinas tradicionais, complementares e integrativas. Anunciou a intenção de apresentar o mapa em formato de pôster nesse circuito internacional e relatou a retomada de um ensaio clínico randomizado com mulheres com dor pélvica crônica, interrompido em parte por resistências produzidas no ambiente institucional.

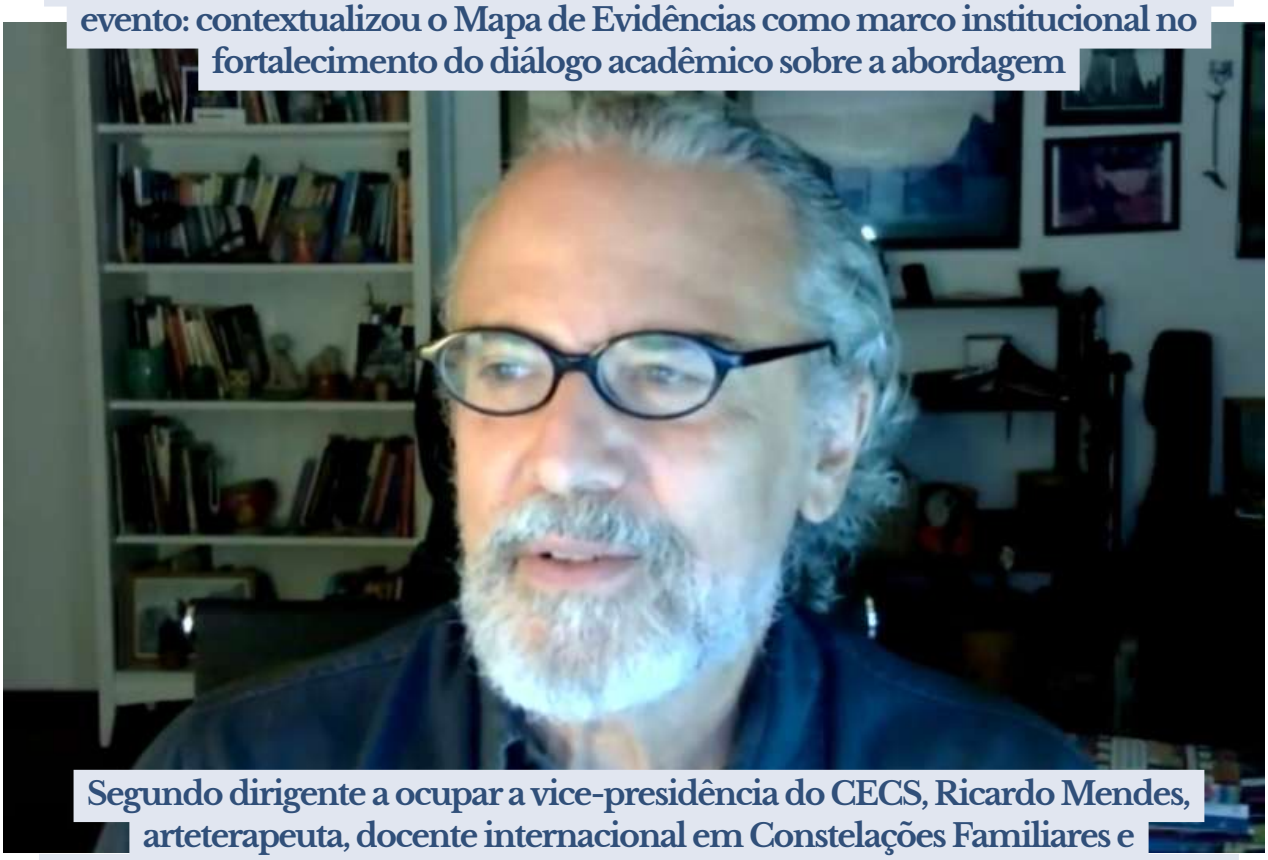
Para o CECS, a abertura dessa discussão em chave acadêmica cumpre dupla função. De um lado, oferece ao campo das Constelações uma base de interlocução mais rigorosa com universidades, sistemas de saúde e órgãos reguladores. De outro, impõe aos próprios praticantes uma exigência de método, descrição e avaliação que desloca o debate para além do testemunho e da convicção pessoal. É nesse intervalo entre prática, filosofia e pesquisa que o Mapa de Evidências passa a se afirmar como marco institucional e como teste de maturidade científica da área.

Reflexão sobre ciência e paradigma

Ao abrir a rodada de intervenções, o segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes, trouxe ao debate uma reflexão sobre o lugar das Constelações Familiares no campo científico. O dirigente relatou ter participado, no dia anterior, de uma reunião em que a abordagem foi classificada como “pseudociência”, observação que o levou a refletir sobre os critérios que definem legitimidade no campo do conhecimento.



Roseny Flávia Martins, pesquisadora, diretora científica do CECS, coordenadora do Grupo de Trabalho Científico da instituição e mediadora do evento: contextualizou o Mapa de Evidências como marco institucional no fortalecimento do diálogo acadêmico sobre a abordagem



Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes, arteterapeuta, docente internacional em Constelações Familiares e Xamanismo: a busca por evidências científicas para as Constelações Familiares Sistêmicas é legítima e necessária

Ricardo lembrou que a própria psicologia enfrentou, ao longo de sua história, dificuldades semelhantes para ser reconhecida como ciência. Durante décadas, a área buscou adaptar parte de suas vertentes aos métodos de mensuração, experimentação e validação que caracterizam o modelo científico dominante. Na avaliação dele, essa trajetória ilustra como determinadas áreas do conhecimento precisaram negociar seu espaço dentro de um paradigma metodológico específico.

Para o vice-presidente do CECS, a busca por evidências científicas para as Constelações Familiares é legítima e necessária, sobretudo porque o método científico ainda constitui o principal referencial de validação para políticas públicas, instituições acadêmicas e sistemas de saúde. No entanto, ele ponderou que a experiência prática com a abordagem sugere um fenômeno mais amplo do que aquele que pode ser completamente capturado pelos instrumentos tradicionais de investigação.

Nesse sentido, Mendes propôs uma reflexão sobre a possibilidade de construção de novos paradigmas epistemológicos capazes de dialogar com fenômenos complexos e multidimensionais.

Segundo ele, o desafio não seria abandonar o rigor científico, mas reconhecer que determinadas práticas podem exigir marcos teóricos mais amplos, capazes de integrar dimensões fenomenológicas, relacionais e sistêmicas que ultrapassam as fronteiras dos métodos convencionais.

A busca por rigor sem perder a essência do método

Ao responder à reflexão de Ricardo Mendes, a médica Vânia Meira e Siqueira Campos reconheceu a pertinência da questão e situou o debate no contexto do crescimento acelerado das Constelações Familiares, especialmente no Brasil. Segundo ela, a expansão da abordagem ocorreu, em muitos casos, sem parâmetros mínimos de descrição metodológica ou acompanhamento sistemático dos resultados, o que contribuiu para o surgimento de críticas e questionamentos.

Vânia recordou que, desde o início de sua trajetória com as Constelações, em 2003, sempre buscou conciliar o encantamento com a riqueza fenomenológica da abordagem com a necessidade de produzir dados observáveis.

Ao lado do médico José Miguel de Deus, também envolvido nas pesquisas sobre o tema, ela destaca que a formação médica os colocou diante de uma exigência permanente de resultados mensuráveis. Nesse ponto, a pesquisadora observou que o método científico exige acompanhamento sistemático dos efeitos de uma intervenção, algo que nem sempre está alinhado com a orientação original de Bert Hellinger, que enfatizava o caráter pontual do trabalho sistêmico. Para fins de pesquisa, entretanto, torna-se necessário acompanhar os desdobramentos da intervenção ao longo do tempo.

Vânia Meira e Siqueira Campos citou *a experiência realizada na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (UFG),* onde **o acompanhamento de participantes ao longo de quase duas décadas resultou em mais de 15 mil registros em livro de presença**. Para a pesquisadora, **o retorno espontâneo de participantes e a indicação do trabalho a outras pessoas constituem indícios empíricos relevantes de benefício percebido**, *ainda que esses dados precisem ser analisados com instrumentos metodológicos mais rigorosos*

Informação científica e responsabilidade pública

A psicóloga Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, destacou a importância do Mapa de Evidências não apenas como instrumento de validação científica, mas também como ferramenta de informação pública.

Segundo ela, a sistematização da literatura permite esclarecer à população em que contextos a prática pode ser aplicada, quais resultados podem ser esperados e quais são os limites. Para Yolanda, a produção de evidências também cumpre um papel pedagógico ao orientar profissionais, pesquisadores e usuários sobre as condições adequadas de utilização da abordagem.

A psicóloga chamou atenção para as dificuldades institucionais enfrentadas por pesquisadores interessados em investigar o tema. Ela mencionou, por exemplo, os impactos de posicionamentos institucionais de conselhos profissionais, que podem limitar a participação de determinadas categorias em pesquisas relacionadas às Constelações Sistêmicas, inclusive no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na avaliação de Yolanda, esse cenário revela tensões históricas entre campos do conhecimento. Assim como a psicologia enfrentou resistência no passado em sua relação com a medicina, ela observa que dinâmicas semelhantes podem se repetir quando práticas emergentes tentam dialogar com estruturas institucionais já consolidadas.

Apesar desses obstáculos, a diretora do CECS ressaltou que iniciativas como o Mapa de Evidências abrem novos caminhos para o desenvolvimento de pesquisas mais consistentes. Ao ampliar o acesso a informações sistematizadas, o trabalho contribui para fortalecer uma cultura de investigação e qualificação profissional.

Ela também destacou que os resultados de uma intervenção sistêmica não se limitam necessariamente ao desaparecimento imediato de sintomas. Em muitos casos, o processo terapêutico pode conduzir o indivíduo a buscar tratamentos médicos mais adequados, acessar novos recursos de cuidado ou reorganizar sua relação com o próprio processo de adoecimento. Para Yolanda, esses desdobramentos também devem ser considerados resultados relevantes no campo da saúde.

Pesquisa científica e enfrentamento da desinformação

Ao retomar a palavra, Vânia Meira e Siqueira Campos abordou os desafios enfrentados na condução de pesquisas clínicas que envolvem Constelações Familiares. Ela mencionou um estudo aprovado por comitê de ética que investiga os efeitos da prática em mulheres com dor pélvica crônica, conduzido dentro dos protocolos exigidos para ensaios clínicos.

Segundo a pesquisadora, a divulgação do estudo chegou a ser dificultada após a publicação da nota técnica do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que gerou restrições à comunicação pública de iniciativas relacionadas ao tema. Mesmo assim, novos canais de divulgação foram posteriormente abertos, o que permitiu retomar o recrutamento de participantes.

Durante esse processo, relatou Vânia, uma denúncia anônima foi encaminhada à ouvidoria do Hospital das Clínicas ao questionar a realização de uma pesquisa que teria como objeto uma “pseudociência”. A acusação afirmava, ainda, que a prática poderia trazer prejuízos à saúde mental das participantes.

A resposta institucional, elaborada pelo pesquisador José Miguel, baseou-se nos dados reunidos pelo Mapa de Evidências. O argumento central foi que o papel da ciência é justamente investigar hipóteses e avaliar práticas por meio de protocolos éticos e metodológicos adequados. Assim, questionar é legítimo, mas impedir a pesquisa seria incompatível com os próprios princípios do método científico.

Vânia também situou o projeto no contexto das diretrizes internacionais para práticas integrativas e complementares em saúde. Segundo ela, a Organização Mundial da Saúde incentiva a investigação científica de saberes tradicionais e práticas terapêuticas utilizadas em diferentes culturas, desde que avaliadas com critérios rigorosos.

O Mapa de Evidências como orientador de novas pesquisas

A psicóloga, psicodramatista e especialista em Constelações Sistêmicas Ariani Cabral Mol também destacou a relevância do Mapa de Evidências para orientar futuras investigações acadêmicas. Segundo ela, ao examinar o material, chamou sua atenção a presença de estudos que dialogam com diferentes abordagens terapêuticas, incluindo interfaces com o psicodrama.

Para Ariani, além de sintetizar o conhecimento já produzido, o mapa pode desempenhar um papel estratégico ao indicar lacunas de pesquisa. Essa função permitiria orientar pesquisadores interessados em desenvolver novos estudos, apontando áreas ainda pouco exploradas e metodologias que precisam ser fortalecidas.

Ela ressaltou que um dos aspectos mais relevantes do trabalho apresentado é justamente o nível de detalhamento metodológico empregado na análise das publicações existentes, o que facilita a identificação de caminhos promissores para investigações futuras.

A construção de uma agenda de pesquisa

Em resposta às observações de Ariani Cabral Mol, Vânia Meira e Siqueira Campos relatou que a busca por evidências científicas acompanha sua trajetória com as Constelações desde os primeiros contatos com a abordagem, no início dos anos 2000.

Segundo ela, o interesse pela investigação surgiu logo após o impacto inicial provocado pela dimensão fenomenológica da prática.

Diante dessa experiência, a pesquisadora buscou compartilhar suas observações com o médico José Miguel, então já inserido no ambiente acadêmico e acostumado ao rigor da produção científica.

Desde então, ambos passaram a acompanhar sistematicamente as publicações internacionais sobre o tema. Consultaram bases de dados e mantiveram contatos com grupos de pesquisa europeus. Estudos realizados na Alemanha e na Holanda, por exemplo, tornaram-se referências importantes nesse processo.

Vânia Meira e Siqueira Campos também recordou um caso clínico observado no Brasil que *envolveu um adolescente com dermatite atópica grave que apresentou melhora após participação em uma Constelação*. Anos mais tarde, ela **encontrou na literatura científica um estudo com resultados semelhantes**, o que **reforçou a percepção de que fenômenos observados na prática poderiam ter correspondência em investigações acadêmicas**

Por fim, Vânia destacou que uma das principais funções do Comitê de Pesquisa em Constelação Familiar do Cabsin será justamente apoiar pesquisadores interessados em desenvolver estudos na área. O grupo pretende atuar em diferentes frentes, incluindo orientação metodológica, indicação de canais de publicação e articulação entre pesquisadores.

Segundo ela, muitas experiências práticas relatadas por facilitadores e profissionais da área acabam não sendo aproveitadas pela comunidade científica por não seguirem protocolos metodológicos adequados. O objetivo do comitê, portanto, é ajudar a transformar essas experiências em estudos capazes de dialogar com o campo acadêmico internacional e ampliar o corpo de evidências disponível.

Leituras críticas do mapa

Ao tomar a palavra, a pesquisadora e autora Erica Lopes Ferreira destacou o trabalho de revisão empreendido pelo grupo que se debruçou sobre os artigos que serviram de base para o Mapa de Evidências.

Segundo ela, o exame mais atento dessa produção permitiu identificar não apenas resultados clínicos e metodológicos, mas também a diversidade de matrizes teóricas e estratégias analíticas mobilizadas em diferentes contextos de pesquisa.

Erica chamou atenção, inicialmente, para um artigo publicado na área de psiquiatria que abordava depressão e desejo de morrer, ao ressaltar o interesse do estudo por examinar os efeitos da intervenção diante de problemas de saúde concretos. Em sua leitura, esse tipo de investigação ajuda a compreender como a Constelação Familiar vem sendo testada em cenários marcados por sofrimento psíquico relevante, o que desloca o debate para o terreno dos efeitos observáveis e das formas de abordagem clínica.

Ela também mencionou um estudo sul-coreano, de 2018, voltado ao impacto do aborto na experiência de mulheres casadas, ao destacar o emprego de metodologia fenomenológica como recurso para acessar dimensões subjetivas que nem sempre se apresentam de modo plenamente consciente.

Na avaliação da pesquisadora, esse tipo de desenho amplia o horizonte da investigação ao admitir que determinadas vivências não se deixam reduzir a indicadores lineares ou imediatamente verbalizáveis.

Outro exemplo trazido por Erica foi um artigo brasileiro situado no campo das práticas integrativas em saúde no SUS, no qual a Constelação aparece relacionada a debates mais amplos sobre promoção de saúde e medicinas tradicionais e complementares.

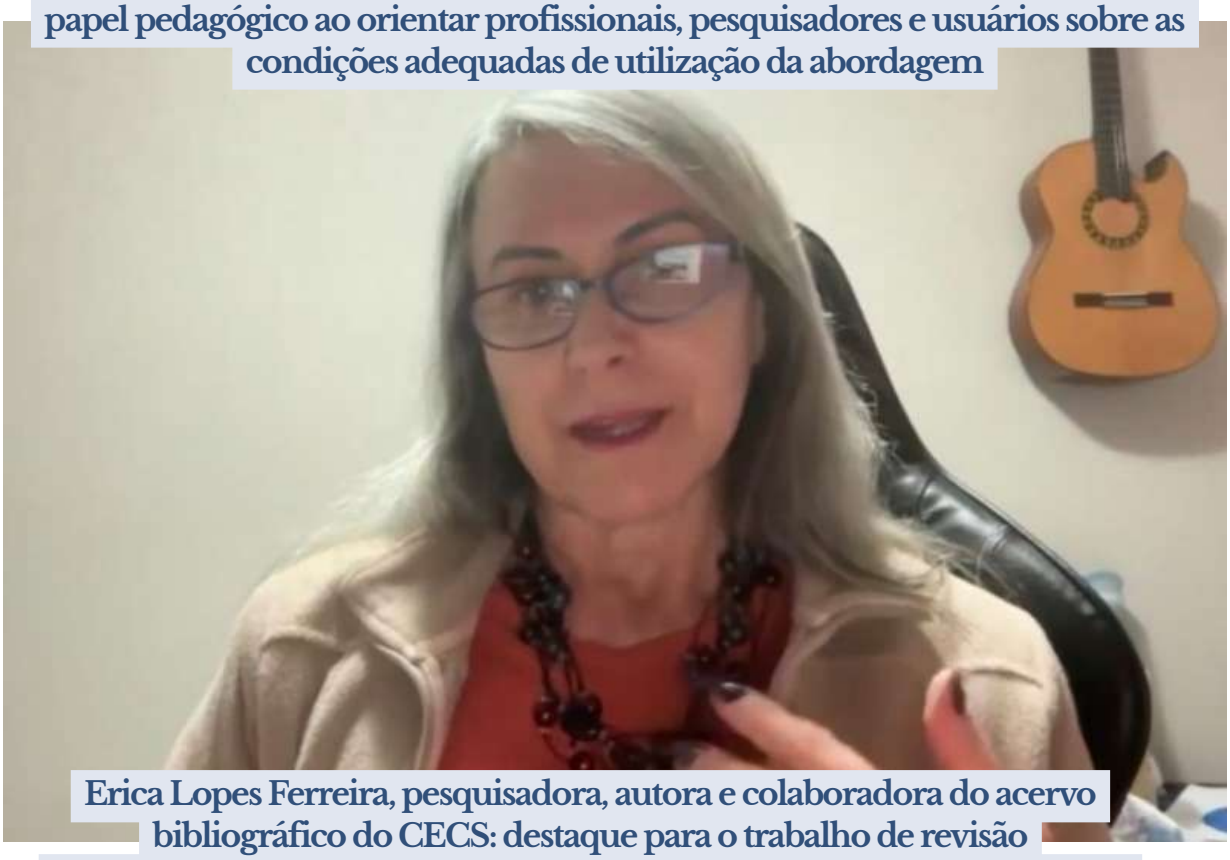
Também chamou sua atenção um estudo sul-africano, ainda que com amostra pequena, que examinava efeitos ligados à intuição e à consciência em famílias extensas, bem como uma pesquisa alemã, situada em ambiente psiquiátrico, que relatava a inserção periódica da Constelação em hospital-dia sob referência explícita à abordagem sistêmico-fenomenológica de Bert Hellinger. Ao mencionar ainda um artigo vinculado à análise transacional e um estudo comparativo com chineses e mexicanos apoiado em referências foucaultianas, Erica sustentou que o mapa revela um campo heterogêneo, intelectualmente mais rico do que por vezes se supõe. Para ela, ainda que existam fechamentos institucionais e resistências acadêmicas, há também uma abertura significativa para a pesquisa, sobretudo quando se observam os diferentes enquadramentos disciplinares e epistemológicos presentes na literatura.

Mapa executivo e agenda de pesquisa

Em resposta, Vânia Meira e Siqueira Campos observou que essa é precisamente uma das funções centrais do mapa: oferecer, em sua forma executiva, uma visualização sintética do que vem sendo produzido, em que regiões do mundo, com quais resultados e sob que nível de qualidade metodológica.



Yolanda Freire, psicóloga e diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS: a produção de evidências também cumpre um papel pedagógico ao orientar profissionais, pesquisadores e usuários sobre as condições adequadas de utilização da abordagem



Erica Lopes Ferreira, pesquisadora, autora e colaboradora do acervo bibliográfico do CECS: destaque para o trabalho de revisão empreendido pelo grupo que se debruçou sobre os artigos que serviram de base para o Mapa de Evidências

Segundo ela, a publicação do mapa cumpre o papel de dar inteligibilidade ao estado atual do campo, mas não esgota o trabalho analítico necessário.

A pesquisadora informou que, a partir da publicação do mapa, foi preparado um manuscrito complementar, destinado à submissão acadêmica, voltado justamente à análise das lacunas identificadas e à proposição de uma agenda de pesquisa para a área.

Em sua avaliação, o ponto decisivo agora é ampliar o número de estudos, sobretudo pesquisas com maior robustez metodológica, sem excluir delineamentos como relatos de caso, desde que realizados de acordo com critérios técnicos capazes de assegurar melhor qualidade e aproveitamento científico.

Vânia defendeu a ampliação de estudos prospectivos, com grupos de comparação e acompanhamento ao longo do tempo, ao citar como referência os ensaios alemães que identificaram estabilidade de desfechos positivos cinco anos após a participação em seminários de Constelação, especialmente no funcionamento de sistemas sociais. Para ela, esse tipo de resultado indica o potencial de investigações longitudinais mais consistentes.

Também propôs que a Constelação seja progressivamente comparada a outras abordagens, não para isolá-la de forma artificial, mas para situá-la de maneira mais clara no interior de um campo integrativo de cuidado.

Reiterou, nesse sentido, que a defesa da abordagem não implica oposição à medicina convencional, ao uso de medicamentos ou a cirurgias quando indicadas, mas sim a exploração de possibilidades complementares de cuidado cuja utilidade precisa ser mais bem documentada.

Entre física, filosofia e novos métodos

Em nova intervenção, Erica Lopes Ferreira ampliou o debate para um plano epistemológico mais geral.

Em tom reflexivo, argumentou que os grandes esforços históricos de explicação da realidade estiveram tradicionalmente concentrados na filosofia e na física, campos que, a seu ver, oferecem recursos conceituais importantes para pensar fenômenos que escapam aos modelos mecanicistas mais estreitos. A pesquisadora sustentou que a Constelação Familiar talvez não se deixe acomodar plenamente em esquemas metodológicos excessivamente lineares.

Por isso, seria necessário tanto criar metodologias quanto se apropriar de ferramentas já desenvolvidas por tradições filosóficas e científicas mais amplas.

Sua observação reforçou uma linha de argumento recorrente ao longo do encontro: a de que o avanço da pesquisa na área dependerá não apenas de maior quantidade de estudos, mas também de maior sofisticação epistemológica.

Comitê e fortalecimento do campo

Ao comentar a observação, Vânia Meira e Siqueira Campos assinalou que o retrato oferecido atualmente pelo mapa corresponde ao tipo de pesquisa que o campo conseguiu produzir até aqui, mas que esse quadro tende a se transformar com o trabalho do comitê recém-formado.

Segundo ela, o grupo reúne pesquisadores e profissionais dispostos a pensar, de forma colegiada, estratégias para tornar a produção científica mais robusta e capaz de sustentar futuras atualizações do próprio mapa com um volume mais expressivo de evidências.

SUS, institucionalização e mudança de paradigma

Em seguida, o médico pediatra Marcelo Bertelli trouxe ao debate uma questão decisiva para a consolidação institucional das Constelações: sua inserção no sistema público de saúde. Ao atuar em município do Rio Grande do Sul, ele relatou tentativas de introduzir, no âmbito da rede pública, práticas e conceitos sistêmicos, ainda que nem sempre sob a denominação explícita de Constelação Familiar. Marcelo observou que a discussão não se limita à produção de evidências bibliográficas. Para ele, há também um desafio político e institucional: reabrir o diálogo com o SUS e pensar formas respeitosas, consistentes e permanentes de disponibilizar essas práticas na rede pública, especialmente agora que o tema das práticas integrativas voltou a ganhar relevância em políticas e programas de financiamento.

Ao recordar a recente criação do Comitê de Espiritualidade da Infância na Sociedade Brasileira de Pediatria, o médico sugeriu que mudanças paradigmáticas antes impensáveis podem se tornar possíveis quando conseguem tradução institucional adequada.

Na sua leitura, algo semelhante pode ocorrer com a Constelação Familiar, desde que haja articulação entre pesquisadores, gestores e representantes dos serviços públicos de saúde.

Marcelo também evocou sua própria trajetória profissional para ilustrar a mutabilidade dos paradigmas: lembrou que, em 1991, foi duramente criticado ao defender, em congresso de medicina comunitária, a coleta de exames citopatológicos por enfermeiras, prática que hoje se tornou amplamente aceita na atenção básica. A analogia serviu para reforçar a ideia de que transformações institucionais, embora inicialmente existam resistências, podem se consolidar ao longo do tempo.

Evidências, representatividade e ética no serviço público

Ao responder, Vânia Meira e Siqueira Campos afirmou que o campo se encontra hoje mais fortalecido para esse diálogo, em parte pela aproximação entre as associações representativas dos consteladores no Brasil. Para ela, essa representatividade é indispensável quando se trata de interlocução com o SUS, pois o sistema de saúde exigirá, legitimamente, evidências concretas relacionadas a desfechos.

Segundo a pesquisadora, foi justamente para responder a esse tipo de demanda que o mapa assumiu importância estratégica. Ao sintetizar resultados positivos e potencialmente positivos e ao fazê-lo em uma plataforma vinculada à Bireme e à Opas/OMS, o documento passou a oferecer ao campo um instrumento de interlocução muito mais sólido diante de gestores, pesquisadores e órgãos públicos.

Vânia Meira e Siqueira Campos **destacou o papel do Comitê de Pesquisa em Constelação Familiar,** que, a seu ver, **fortalece o reconhecimento institucional da prática ao reunir voluntariamente profissionais inseridos no ambiente acadêmico e comprometidos com a produção de resultados publicamente discutíveis**. Esse trabalho, observou, *ajuda a deslocar o debate do campo da convicção para o da argumentação sustentada por pesquisa*



Marcelo Bertelli, médico pediatra, pesquisador e articulador de práticas sistêmicas no âmbito da saúde pública: debate sobre inserção de abordagens integrativas no SUS

Ao comentar a experiência concreta da Universidade Federal de Goiás, ela enfatizou a importância da credibilidade ética acumulada por José Miguel ao longo de décadas de atuação com mulheres com dor pélvica crônica. Segundo Vânia, foi esse histórico de conduta acadêmica e humana que permitiu a abertura institucional necessária para a criação do projeto de extensão e pesquisa, mesmo em meio a resistências.

A médica relatou ainda que o ambulatório de dor pélvica crônica vinculado ao projeto é o único do estado e atende mulheres com trajetórias marcadas por sofrimento persistente, repetição de procedimentos e, muitas vezes, ausência de explicação orgânica suficiente para os sintomas.

Nesse contexto, sustentou, a proposta integrativa não busca substituir tratamentos convencionais, mas ampliar o olhar sobre situações clínicas complexas, em consonância com a agenda internacional da OMS para medicinas tradicionais, complementares e integrativas.

Defesa do SUS e articulação política

A socióloga Miriam Coelho Braga, primeira membra benemérita do CECS, reforçou a centralidade do SUS no horizonte estratégico do campo. Em sua intervenção, sustentou que a defesa das Constelações Familiares passa necessariamente pela defesa do sistema público de saúde, sobretudo porque é nele que se colocam, de forma mais concreta, as questões relativas à gestão, financiamento e acesso. Miriam defendeu que o diálogo precisa começar no nível municipal, onde decisões políticas e orçamentárias se materializam de maneira mais direta. Na sua avaliação, a representatividade conjunta das associações da área pode favorecer esse processo e acelerar a construção de uma interlocução mais efetiva com gestores públicos.

Ao mesmo tempo, ela chamou atenção para a resistência historicamente manifestada por conselhos profissionais, em especial no campo médico, e destacou a importância simbólica e política da presença de médicos engajados na discussão.

Para a socióloga, a presença de diferentes profissionais no debate ajuda a reconfigurar o ambiente institucional e a demonstrar que a pauta não se restringe a um segmento isolado.

Sua fala também teve caráter propositivo. Miriam sugeriu maior integração entre entidades, grupos de trabalho e espaços acadêmicos, de modo que eventos e iniciativas futuras possam ampliar sua capacidade de mobilização pública. A seu ver, a sensibilização do SUS e a valorização das práticas integrativas exigem não apenas produção de conhecimento, mas também articulação política e comunicacional.

Transdisciplinaridade e base epistemológica

Na sequência, Suzana Wayand Dias, diretora de Estruturação Acadêmica e Qualificação de Facilitadores em Constelações Sistêmicas, ampliou o debate para o plano da transdisciplinaridade. Segundo ela, a preocupação com resultados e evidências precisa vir acompanhada de um esforço de alargamento epistemológico, capaz de dialogar com referenciais oriundos de campos como a física, a epigenética e a fenomenologia.

Para Suzana, a explicação dos processos envolvidos nas Constelações não pode ficar restrita à psicologia nem a uma fenomenologia tomada de forma isolada. O desafio, a seu ver, é construir uma base epistemológica mais ampla, apta a sustentar um campo de investigação que lida com fenômenos complexos, relacionais e dificilmente redutíveis a causalidades simples.

Essa ampliação, observou, também integra as tarefas do comitê de pesquisa, que não deverá atuar apenas na orientação metodológica de estudos, mas também na reflexão sobre os fundamentos conceituais e teóricos necessários para dar maior densidade ao campo.

Um ponto de partida, não de chegada

Em sua resposta, Vânia Meira e Siqueira Campos concordou com a observação de Suzana e reiterou que o mapa foi concebido como um começo. Segundo ela, o documento precisava partir do trabalho de Bert Hellinger e das pesquisas diretamente associadas à abordagem que estava sendo mais fortemente questionada, mas isso não significa que o campo se esgote nesse recorte.



Ariani Cabral Mol, psicóloga, psicodramatista e especialista em Constelações Sistêmicas: atuação na interface entre psicodrama, práticas integrativas e investigação acadêmica



Suzana Wayand Dias, diretora de Estruturação Acadêmica e Qualificação de Facilitadores em Constelações Sistêmicas do CECS: construir uma base epistemológica mais ampla



Miriam Coelho Braga, socióloga, pesquisadora e primeira membra benemérita do CECS: análise institucional, políticas públicas, articulação entre conhecimento científico e gestão social

Ao contrário, a pesquisadora afirmou que há um universo mais amplo em desenvolvimento e que o trabalho do comitê deverá justamente favorecer a expansão desse horizonte, integrando novos referenciais, novos desenhos de pesquisa e novas formas de pensar a produção de evidências.

Encerramento e marco institucional

No encerramento do encontro, a mediadora Roseny Flávia Martins agradeceu a participação dos presentes e assinalou que a gravação do evento poderá, futuramente, ser compartilhada para ampliar o acesso público às informações debatidas.

Roseny Flávia Martins avalia que **o Mapa de Evidências tende a constituir um marco histórico** para os **profissionais e pesquisadores que se dedicam** ***a construir pontes*** **entre a fenomenologia e a medicina baseada em evidências**

Roseny observou, inclusive, que a própria medicina baseada em evidências é relativamente recente em termos históricos.

A observação serviu para relativizar a ideia de paradigmas imutáveis e para situar o momento atual como parte de um processo mais amplo de transformação nos modos de produzir, validar e aplicar conhecimento em saúde.

O encerramento da live reafirmou a percepção de que o Mapa de Evidências não representa um ponto final no debate, mas um dispositivo de passagem: ao mesmo tempo em que confere maior clareza ao estado atual da produção científica sobre Constelação Familiar e Sistêmica, também explicita a distância ainda a ser percorrida para que o campo alcance maior densidade metodológica, legitimidade institucional e capacidade de interlocução pública. **(Texto original relativo à live histórica com a médica e pesquisadora Vânia Meira e Siqueira Campos no dia 23 de setembro de 2025 e atualizado em 12 de fevereiro de 2026)**

Dagmar Ramos *defende Constelações Sistêmicas* e apresenta estudo sobre florescimento humano durante *3º Ecopis, em Goiânia*

"O **conhecimento científico avança para reconhecer que integrar o ser humano em todas as suas dimensões é o verdadeiro caminho para o florescimento**", destaca médica em *mesa-redonda que discutiu o tema 'Constelações, Saúde e Ciência' durante Encontro do Centro-Oeste de Práticas Integrativas em Saúde, no Centro de Convenções de Goiânia.* Ela **sustentou a importância da abordagem** e *apresentou o Global Flourishing Study* ao lado dos médicos consteladores José Miguel de Deus e Vânia Meira e Siqueira Campos tendo como moderadora a psicóloga Juliana Pires

A médica Dagmar Ramos, segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, participou do 3º Encontro do Centro-Oeste de Práticas Integrativas em Saúde (Ecopis) no dia 26 de setembro de 2025, no Centro de Convenções de Goiânia.

Dagmar Ramos integrou a mesa-redonda que discutiu o tema 'Constelações, Saúde e Ciência', no auditório Lago Azul. Ela esteve ao lado dos consteladores José Miguel de Deus e Vânia Meira e Siqueira Campos tendo como moderadora a psicóloga da Secretaria de Estado da Saúde de Goiás (SES-GO), Juliana Pires.

Na apresentação, Dagmar Ramos apresentou o Global Flourishing Study, maior estudo internacional sobre florescimento humano, liderado por universidades como Harvard e Baylor, que envolve mais de 200 mil participantes em 22 países.

Médica psiquiatra, homeopata e psicoterapeuta, Dagmar Ramos fez uma breve apresentação da biografia de Bert Hellinger, o criador das Constelações Familiares e enfatizou a defesa da abordagem no Brasil ante a insistentes ataques de setores que atuam para coibir a prática no serviço público, como Serviço Único de Saúde (SUS) e Judiciário.

Da fundação do SUS às Constelações

Dagmar Ramos iniciou a apresentação ao resgatar sua trajetória como uma das fundadoras do Sistema Único de Saúde (SUS). Especialista em Medicina Preventiva e Social, atuou como diretora regional de saúde em São Paulo durante a institucionalização do sistema.

"Gosto de dizer que **sou uma das fundadoras do SUS.** Naquele tempo, **defendíamos um sistema único, inclusivo e de alta qualidade.** Essa *sempre foi uma pauta que me era muito cara*" (Dagmar Ramos)

Diretora do IBS Sistêmicas, a médica lembrou seu primeiro contato com Bert Hellinger e reconheceu o impacto da abordagem em sua atuação profissional. "Como tantos colegas no Brasil, fui profundamente tocada pela profundidade e beleza do trabalho desenvolvido por esse grande psicoterapeuta alemão".



Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos, médicos José Miguel de Deus, Vânia Meira e Siqueira Campos e psicóloga Juliana Pires durante o 3º Encontro do Centro-Oeste de Práticas Integrativas em Saúde (Ecopis) no Centro de Convenções de Goiânia: mesa-redonda discutiu o tema 'Constelações, Saúde e Ciência'

Abordagem presente em mais de 40 países

Criadas na Alemanha nos anos 1980 por Bert Hellinger, as Constelações Sistêmicas são um método terapêutico com influências da psicanálise, análise junguiana e transacional, terapia primal, espiritualidade e tradições africanas. Seu objetivo é revelar dinâmicas ocultas nos vínculos familiares e sociais, permitir o reposicionamento de papéis, sentimentos e histórias dentro de sistemas relacionais.

Hoje, a abordagem está presente em mais de 40 países e integra oficialmente a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do SUS. Profissionais de diversas áreas, como medicina, psicologia, direito, enfermagem e gestão organizacional, utilizam a ferramenta como parte das intervenções.

Florescimento humano: um novo paradigma de saúde

No centro da exposição de Dagmar Ramos esteve o Global Flourishing Study, estudo internacional longitudinal (2021–2027) que investiga o que significa ter uma vida plena, saudável e com propósito. A pesquisa foi desenvolvida por instituições como Harvard, Baylor e Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e envolveu 202.898 participantes em 22 países, com representantes de quase metade da população mundial.

Um dos destaques do estudo é a contribuição do professor brasileiro Alexander Moreira-Almeida, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), coordenador do Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (Nupes), uma referência internacional. Segundo a palestrante, o estudo apresenta um índice com 109 indicadores que compõem sete domínios centrais do chamado florescimento humano: felicidade e satisfação com a vida; saúde física e mental; sentido e propósito; caráter e virtudes; relações sociais próximas; estabilidade material e financeira; religião e espiritualidade.

O conceito vai além da simples ausência de doenças. Considera múltiplas dimensões integradas da vida humana e propõe uma visão ampliada da saúde, o que inclui elementos materiais, emocionais, relacionais, éticos e espirituais.

Brasil é o país mais otimista do estudo

Entre os dados já disponíveis, o Brasil aparece em primeiro lugar no quesito otimismo, indicador vinculado à percepção positiva sobre a vida, esperança e resiliência diante das adversidades. Em contrapartida, o estudo revela que os índices de florescimento são mais elevados em idosos do que em jovens, o que acende um sinal de alerta sobre o sofrimento emocional das novas gerações.

Outro dado revelador: países com maior PIB não são necessariamente os que apresentam melhores índices de florescimento. “A Indonésia, por exemplo, aparece entre os primeiros colocados, enquanto potências econômicas como Japão e Suécia ocupam posições mais discretas”, pontuou Dagmar.



De acordo com Dagmar Ramos, **as Constelações Familiares dialogam diretamente com os domínios investigados pelo estudo**. "Essa *abordagem favorece a reconexão com a própria história, fortalece vínculos sociais e familiares, estimula virtudes como perdão, gratidão e compaixão*, além de **abrir espaço para a vivência espiritual**", destacou

Ela enfatizou ainda que o método fenomenológico das Constelações permite acessar contextos adoecedores muitas vezes invisíveis nos modelos tradicionais de cuidado em saúde. "Trata-se de uma escuta ampliada do ser humano, que considera seus vínculos, raízes e pertencimentos", afirmou.

Ao falar sobre virtudes e espiritualidade, Dagmar abordou a importância do perdão e do reconhecimento como atos transformadores. "O perdão verdadeiro nasce do reconhecimento. É quando alguém diz: 'Eu errei. Eu assumo o que fiz'. Isso é força", refletiu, ao citar ensinamentos de Bert Hellinger.

Para ela, as Constelações são uma das práticas que mais contribuem para a integração entre ciência e espiritualidade.

"O conhecimento científico avança para reconhecer que integrar o ser humano em todas as suas dimensões é o verdadeiro caminho para o florescimento", pontuou.

Defesa das Constelações no SUS e no Judiciário marca posicionamento

Ao concluir a participação no 3º Encontro do Centro-Oeste de Práticas Integrativas em Saúde (Ecopis), Dagmar Ramos, defendeu a inclusão, na carta final do evento, de um posicionamento firme em favor da manutenção das Constelações Familiares Sistêmicas no serviço público brasileiro — especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS) e no Poder Judiciário.

Dagmar destacou que o CECS assume papel protagonista nas mobilizações nacionais que visam conter as investidas políticas e institucionais que buscam restringir a prática das Constelações em espaços públicos.

A entidade articula frentes técnicas e políticas sob a premissa de que a abordagem compõe o escopo das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics) e representa um direito da população a um cuidado integral sem custos, conforme previsto nas diretrizes do SUS e nos marcos dos direitos humanos. O alerta se dá em resposta à Resolução nº 06/2025 do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), que instituiu um Grupo de Trabalho (GT) para avaliar a presença das Constelações Familiares nos serviços públicos.

O CECS aponta que o GT foi formado sem a participação de representantes técnicos, profissionais ou acadêmicos vinculados a entidades legalmente estabelecidas no campo, como o próprio CECS, a Associação Brasileira de Consteladores Sistêmicos (ABC) e o Instituto Brasileiro de Consteladores Familiares (IBCF).

Segundo Dagmar, o processo revela vícios de origem e conduz um debate enviesado, sem base empírica, pautado por um viés político excludente e antidemocrático."A condução desse GT carece de representatividade técnica e institucional. É um processo que avança no sentido de impor restrições arbitrárias e injustificadas à prática das Constelações nos serviços públicos, sem o devido diálogo com as entidades que sustentam essa abordagem no Brasil", afirmou.

Ela citou o Instituto Questão de Ciência (IQC) como a entidade instrumentalizada contra as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Inicialmente, se lançou contra a homeopatia, não enfrentou a forte oposição do Conselho Federal de Medicina. Agora se volta contra as Constelações. "Esse cenário reforça a necessidade de permanecermos unidos", declarou.

Ao finalizar, Dagmar Ramos conclamou os participantes do congresso a formalizarem esse compromisso coletivo. "Já conseguimos reunir três associações, porém precisamos de algo maior: unir todas as práticas integrativas na defesa das Constelações. Que a carta 3º Ecopis possa trazer a imprescindível defesa da abordagem", concluiu.

O lugar das Constelações dentro do campo científico

Na sequência, a apresentação foi feita pela médica anestesiologista, mestre e doutora em Ciências da Saúde, consteladora familiar e organizacional, Vânia Meira e Siqueira Campos.

Ela é coordenadora temática do Mapa de Evidências da Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica e integrante do Comitê de Pesquisa em Constelação Familiar do Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin).

Vânia Meira destacou a importância de compreender o lugar das Constelações dentro do campo científico. Recordou que ciência é conhecimento sistemático e racional, fruto de observação e pesquisa, sustentado por métodos padronizados que asseguram objetividade e replicabilidade.

Nesse contexto, apresentou o desafio de avaliar o caráter fenomenológico das Constelações Familiares e Sistêmicas, reconhecidas como filosofia aplicada à vida por Bert Hellinger, mas cujos efeitos já podem ser mensurados com ferramentas científicas.

Mapa de evidências

A médica citou experiências de pesquisa que consolidam a base de evidências sobre a efetividade clínica da Constelação. Entre elas, os estudos conduzidos pelo professor José Miguel de Deus, que analisaram mulheres com dor pélvica crônica. O ponto central da apresentação foi o Mapa de Evidências em Constelação Familiar e Sistêmica, iniciativa coordenada por Vânia Meira e publicada em dezembro de 2024 na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), ligada à Organização Pan-Americana da Saúde (Opas).



A médica psiquiatra, homeopata e psicoterapeuta Dagmar Ramos durante o 3º Encontro do Centro-Oeste de Práticas Integrativas em Saúde, no Centro de Convenções de Goiânia: ela destacou o impacto da obra de Bert Hellinger e defendeu a continuidade da abordagem no SUS e no Judiciário

O trabalho envolveu análise de mais de sete mil registros, dos quais 16 artigos atenderam aos critérios metodológicos exigidos, fruto de 12 estudos primários e uma revisão sistemática.

De acordo com Vânia Meira, o mapa organiza de forma gráfica e acessível as pesquisas existentes, permite identificar efeitos positivos, potencialmente positivos ou inconclusivos, além de indicar os locais onde foram conduzidos.

"A maior parte das investigações está na Europa, mas já existem produções importantes no Brasil, que fortalecem o reconhecimento acadêmico e institucional da abordagem", destacou.

Avanços e desafios

Para a pesquisadora, a sistematização das evidências é estratégica diante das críticas dirigidas às práticas integrativas. "Não somos contrários a críticas, desde que sejam construtivas. Precisamos apresentar dados claros e consistentes, capazes de sustentar o diálogo com a comunidade científica", afirmou.

Ela reforçou que o número de pesquisas ainda é limitado, mas a qualidade avança.

> "Hoje já temos **revisão sistemática publicada e trabalhos que se aproximam dos níveis mais altos da pirâmide da evidência científica.** É *um caminho que consolida as Constelações Familiares como prática integrativa de relevância para a saúde*" (Vânia Meira e Siqueira Campos)



A médica anestesiologista, mestre e doutora em Ciências da Saúde, coordenadora do Mapa de Evidências da Constelação Familiar e Sistêmica Vânia Meira e Siqueira Campos: diálogo com a comunidade científica

Na sequência, Vânia Meira fez a apresentação o médico ginecologista e professor titular da Faculdade de Medicina da UFG, José Miguel de Deus. Junto com Vânia Meira e Siqueira Campos, ele coordena desde 2006 um grupo de Constelação Familiar que nasceu no Ambulatório de Ginecologia do Hospital das Clínicas da UFG. O projeto funciona como aconselhamento socioemocional, com o objetivo de apoiar pacientes, resolver conflitos transgeracionais e contribuir para a melhora de quadros clínicos complexos.

O professor compartilhou relatos de mulheres atendidas no projeto ao longo dos anos. Uma paciente de 41 anos afirmou ter experimentado melhora na saúde física e emocional, além de recuperar sonhos e motivação na vida profissional. Outra relatou desaparecimento do vaginismo, redução das cólicas, melhora nos relacionamentos familiares e reconciliação com o ex-marido. Esses testemunhos ilustram, segundo ele, o alcance das Constelações no enfrentamento do sofrimento crônico.

Evidências publicadas

O professor destacou estudos conduzidos em parceria com a UFG que comprovaram benefícios da Constelação em mulheres com dor pélvica crônica.

Em 2014, artigo publicado em periódico internacional mostrou que pacientes submetidas à vivência, em complemento ao tratamento convencional, tiveram redução estatisticamente significativa da intensidade da dor. Outro trabalho demonstrou que a abordagem favoreceu a alta ambulatorial em casos de difícil manejo clínico.

Novo ensaio clínico

Mais recentemente, o professor anunciou a retomada de um ensaio clínico controlado, aprovado pela Plataforma Brasil em 2021, mas postergado devido à pandemia. O estudo, em andamento na Faculdade de Medicina da UFG, prevê a participação de 88 mulheres com dor pélvica crônica.

As voluntárias serão divididas em dois grupos: 44 receberão apenas o tratamento convencional e 44 participarão também de vivências de Constelação Familiar. O acompanhamento incluirá instrumentos validados internacionalmente, como o WHOQOL (qualidade de vida), GAD-7 (ansiedade), PHQ-9 (depressão) e a escala de resiliência CD-RISC-10. As avaliações ocorrerão antes da intervenção e depois de três, seis e 12 meses.

De acordo com o pesquisador, esse é um dos primeiros ensaios clínicos randomizados sobre Constelações no Brasil. “Se os resultados forem positivos, teremos evidências robustas que poderão ampliar o reconhecimento científico da prática”, explicou.

“**Queremos oferecer suporte** a *quem deseja investigar Constelações de forma séria*, com **base em critérios científicos**. Assim, será possível **consolidar ainda mais a legitimidade dessa prática dentro da saúde integrativa**” (José Miguel de Deus)

Além das pesquisas individuais, José Miguel de Deus integra o Comitê de Constelação Familiar do Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin), ao lado de outros pesquisadores do país. O grupo reúne profissionais com titulação mínima de mestrado para apoiar projetos acadêmicos na área e fortalecer a produção científica no Brasil e no exterior. **(Texto publicado no dia 27 de setembro de 2025 e atualizado em 19 de janeiro de 2026)**



O ginecologista, professor titular da Faculdade de Medicina da UFG, pioneiro em pesquisas sobre Constelação aplicada à saúde da mulher no Brasil José Miguel de Deus: “Se os resultados do ensaio clínico forem positivos, teremos evidências robustas que poderão ampliar o reconhecimento científico da abordagem”

CECS lança Núcleo de Direito Sistêmico para fortalecer práticas, promover aperfeiçoamento e fomentar pesquisas na *aplicação das Constelações na Justiça*

Iniciativa visa **fortalecer a prática adequada**, especializada e **ética das Constelações nas áreas da Justiça**, congregar **profissionais operadores do Direito interessados na aplicação da abordagem, estabelecer parcerias acadêmicas e estimular o aperfeiçoamento dos profissionais, apoiar projetos e promover debates, estudos e pesquisas**. *Evento de lançamento, on-line, reúne 11 palestrantes* e conta com **mediação da advogada e diretora do CECS, Haline Cristina Medeiros.** Na saudação aos participantes, **Dagmar Ramos destaca trabalho voluntário que sustenta o núcleo e pontua que o Direito Sistêmico representa não apenas inovação, mas também uma prática revolucionária que dialoga com outras áreas do cuidado humano.** Um dos **momentos mais simbólicos da solenidade foi a homenagem ao juiz Sami Storch, pioneiro na aplicação das Constelações Familiares no Judiciário brasileiro**

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) promoveu, no dia 29 de setembro de 2025, o lançamento oficial do Núcleo de Direito Sistêmico, iniciativa voltada a consolidar e dar clareza às práticas sistêmicas aplicadas no campo da Justiça. O objetivo é fortalecer a abordagem inovadora na pacificação de conflitos.

O evento, realizado de forma on-line, contou com a mediação da diretora do CECS, Haline Cristina Medeiros, advogada, mediadora de conflitos e coautora da obra Constelação Familiar: História, Teoria, Pesquisa e Ética.
A saudação de abertura foi feita pela segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos, médica psiquiatra, homeopata e psicoterapeuta, que destacou a missão da instituição em defender e difundir as Constelações Familiares Sistêmicas frente às tentativas de restrição da abordagem no Judiciário e no Sistema Único de Saúde (SUS).

Dagmar Ramos valorizou o trabalho voluntário que sustenta o núcleo e pontuou que *"o Direito Sistêmico representa não apenas inovação na Justiça, mas também uma prática revolucionária que dialoga com a medicina, a psiquiatria e outras áreas do cuidado humano"*



Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica psiquiatra Dagmar Ramos, homeopata e psicoterapeuta: O Direito Sistêmico representa não apenas inovação na Justiça, mas também uma prática revolucionária que dialoga com outras áreas do cuidado humano

O Núcleo de Direito Sistêmico tem como metas compor grupos de trabalho para desenvolvimento e apoio de projetos, buscar parcerias com universidades e instituições de pesquisa, estabelecer convênios com escolas especializadas, entre outras ações que possam proporcionar clareza sobre o uso responsável da prática e seus resultados, bem como estimular o desenvolvimento contínuo e de excelência dos profissionais que utilizam a abordagem sistêmica nas áreas da Justiça.

Reconhecimento a Sami Storch

Um dos momentos mais simbólicos da solenidade foi o reconhecimento ao juiz Sami Storch, pioneiro na aplicação das Constelações Familiares no Judiciário. O magistrado compartilhou sua experiência em um processo de inventário que se arrastava por 30 anos, no qual a Constelação revelou dinâmicas familiares ocultas e permitiu a solução do conflito. Durante a reunião, os participantes discutiram ainda a necessidade de criar uma revista científica dedicada ao Direito Sistêmico e de organizar um congresso anual.

Haline Medeiros anunciou a intenção de realizar um simpósio presencial em 2026, voltado ao compartilhamento de projetos e à troca de experiências para aprofundamento de estudos, pesquisas e debates sobre a aplicação da abordagem nas áreas da Justiça e seus resultados. A reunião confirmou que o Núcleo de Direito Sistêmico deve funcionar como espaço de integração entre ciência, prática e Justiça.

Para Dagmar Ramos, trata-se de um marco: "A consolidação do núcleo é a oportunidade de oferecer um caminho de legitimidade e ética às Constelações Familiares Sistêmicas, ampliar sua relevância no Direito e fortalecer uma comunidade engajada em práticas transformadoras".



A advogada e diretora Haline Cristina Medeiros, responsável pela mediação do evento realizado pelo CECS: A reunião confirmou que o Núcleo de Direito Sistêmico deve funcionar como espaço de integração entre ciência, prática e Justiça



O juiz de Direito do Tribunal de Justiça da Bahia, Sami Storch, pioneiro na aplicação das Constelações Familiares no Judiciário brasileiro

Lançamento do **Núcleo de Direito Sistêmico reúne 11 palestrantes** de *diferentes áreas*

O lançamento do Núcleo de Direito Sistêmico reuniu 11 palestrantes com atividades em diferentes áreas e reforçou o compromisso do CECS com a integração ética entre Justiça, ciência e práticas sistêmicas. Veja o perfil dos profissionais.



Sami Storch

Juiz de Direito do Tribunal de Justiça da Bahia desde 2006, é pioneiro na aplicação das Constelações Familiares no Judiciário brasileiro. Autor do livro A Origem do Direito Sistêmico e docente da Escola Hellinger, é palestrante internacional e referência. Tema: "Abrindo caminhos com as Constelações na Justiça".



O juiz de Direito do Tribunal de Justiça da Bahia, Sami Storch, pioneiro na aplicação das Constelações Familiares no Judiciário brasileiro

Lizandra Cericato

Juíza de Direito do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS) desde 1998, formadora da Enfam, especialista sistêmica e mestranda em Ciências Quânticas. Coordena o Projeto Justiça Sistêmica no Sistema Penal e atua como pesquisadora do Nupedia/UFMT. Tema: "Justiça Sistêmica para galerias de faccionados da Penitenciária Estadual do Jacuí (RS)".



A juíza de Direito do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, Lizandra Cericato, especialista sistêmica e pesquisadora do Nupedia/UFMT

Silvana Maria de Freitas

Juíza de Direito do Tribunal de Justiça de Rondônia (TJRO) desde 2001, possui MBA em Poder Judiciário e Processo Civil. É pós-graduada em Direito Constitucional e atua também como consteladora sistêmica e gestalt-terapeuta. Desde 2024, cursa Dinâmica Energética do Psiquismo. Tema: "Constelações para o desenvolvimento pessoal do magistrado no TJRO".



A juíza de Direito do Tribunal de Justiça de Rondônia, Silvana Maria de Freitas, consteladora sistêmica e gestalt-terapeuta



O professor titular da Universidade Federal de Pernambuco, PhD Marcelo L. Pelizzoli, constelador familiar e autor de 18 livros

Marcelo L. Pelizzoli

Professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), PhD, constelador familiar e terapeuta de Internal Family Systems (IFS). Autor de 18 livros, apresentou o trabalho desenvolvido no Espaço de Diálogo e Reparação. Tema: "Paradigma restaurativo e sistêmico nos conflitos – o caso do Espaço de Diálogo e Reparação (UFPE)".



O delegado de Polícia aposentado e advogado Alber Rosa de Figueiredo, mestre em Relações Internacionais e mediador de conflitos

Alber Rosa de Figueiredo

Delegado de Polícia aposentado, advogado e mediador de conflitos. Mestre em Relações Internacionais pela Unisul e fundador do Instituto Oriri, é também formado em Direito Sistêmico, Constelação Familiar e Terapia de Regressão. Tema: "Novas possibilidades do Direito Sistêmico na Justiça Criminal".



A policial penal de Santa Catarina Elaine Ribeiro Lampe, graduada em Direito e idealizadora do Projeto Transforma-dor

Elaine Ribeiro Lampe

Policial penal em Santa Catarina, graduada em Direito, com pós-graduações em Ciências Criminais e Gestão de Unidades Prisionais. É idealizadora do Projeto Transforma-dor, implementado em presídios femininos de Joinville e Florianópolis, com impacto em apenadas e profissionais da segurança. Tema: "Projeto Transforma-dor em presídios femininos de Santa Catarina".

Danielle Bento

Terapeuta integrativa especializada em Constelação Familiar, formada em Administração de Empresas. É coordenadora do ConstelaSJC, polo irradiador de Cultura de Paz em São José dos Campos - desde 2017. Tema: "Projeto ConstelaSJC – Polo irradiador de Cultura de Paz".



A terapeuta integrativa Danielle Bento, especializada em Constelação Familiar e coordenadora do ConstelaSJC em São José dos Campos

Rosemary Marostica

Advogada, conciliadora e mediadora, especialista em Direito Civil, Empresarial e de Família. Professora e coautora em Direito Sistêmico. É coordenadora do ConstelaSJC - polo irradiador de Cultura de Paz em São José dos Campos - desde 2017. Tema: "Projeto ConstelaSJC – Polo irradiador de Cultura de Paz".



A advogada e mediadora Rosemary Marostica, especialista em Direito de Família e coordenadora do Polo de Cultura de Paz de São José dos Campos

Flávia Padilha

Advogada, terapeuta transpessoal e facilitadora de Constelações Familiares. Idealizou e coordena o Movimento PH Sistêmico, iniciativa voluntária em Varas Cíveis e Criminais da Infância e Juventude desde 2016. Tema: "PH Sistêmico: movimento voluntário em Varas da Infância e Juventude".



A advogada e terapeuta transpessoal Flávia Padilha, facilitadora de Constelações Familiares e idealizadora do Movimento PH Sistêmico

Maria Edineide da Silva

Advogada, facilitadora em solução pacífica de conflitos. Presidente da Comissão de Direito Sistêmico da OAB de Itapevi, idealizadora e coordenadora do projeto OAB Constela. Tema: "OAB Constela – Um olhar sobre as relações humanas na advocacia".



A advogada Maria Edineide da Silva, presidente da Comissão de Direito Sistêmico da OAB de Itapevi e idealizadora do projeto OAB Constela



A juíza de Direito do Tribunal de Justiça de São Paulo, Roberta de Oliveira Ferreira Lima, pós-graduada em Direito Sistêmico pela Hellinger Innovare

Roberta de Oliveira Ferreira Lima

Juíza de Direito do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP) desde 2008, graduada pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e pós-graduada em Direito Sistêmico pela Hellinger Innovare. Tema: "Desatando nós: Constelações Familiares na Vara da Infância e Juventude".

Dagmar Ramos **defende Constelações** e **celebra criação** do *Núcleo de Direito Sistêmico*

Na saudação aos participantes, a presidente do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), médica psiquiatra, homeopata e psicoterapeuta Dagmar Ramos, destacou a alegria e a emoção em reunir profissionais que aplicam as Constelações no campo jurídico, ao lembrar a trajetória do movimento no Brasil e ao homenagear pioneiros da abordagem.

Dagmar Ramos fez referência ao juiz Sami Storch, reconhecido como **introdutor do Direito Sistêmico no país**, e *destacou a relevância da expansão das Constelações em situações de conflitos*, como **ferramenta de apoio nos tribunais, mediações, presídios e medidas socioeducativas**

Segundo ela, mestres internacionais como Gunther Weber e Jakob Schneider acompanham com admiração a experiência brasileira, considerada única no mundo.

Reação aos ataques e surgimento do movimento #SouDaConstelação

A presidente ressaltou que o Centro de Excelência nasceu em resposta a um "ataque terrível" às Constelações, sobretudo no âmbito do Judiciário, quando o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou uma nota técnica em condenação à abordagem.

Foi nesse contexto que surgiu o movimento #SouDaConstelação, liderado por consteladores e apoiado por psicólogas que contestaram a nota.

"Desde o início, percebemos que o documento era cheio de erros, falhas e poderia ser juridicamente questionado", afirmou Dagmar.

Segundo ela, a criação da associação foi necessária não apenas para a defesa jurídica da abordagem, mas também com a missão de zelar pela excelência da prática e da formação de profissionais no Brasil.

Dagmar também alertou para a influência do Instituto Questão de Ciência (IQC) que, segundo a presidente do CECS, atua com a intenção de combater práticas integrativas e complementares reconhecidas pelo SUS.Ela lembrou que o instituto já se posicionou contra a homeopatia e, sem apoio institucional do Conselho Federal de Medicina (CFM), voltou sua atenção às Constelações.

“Estamos falando de um movimento estimulado por grandes laboratórios farmacêuticos, que busca desacreditar abordagens consolidadas como a medicina chinesa, a homeopatia e agora as Constelações”, declarou.

Dagmar Ramos relatou que o CECS está atento e atuante junto ao Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), onde um grupo de trabalho (GT) tenta cercear a prática das Constelações no serviço público.

“Estamos ali a revelar os graves equívocos desse GT, que não demonstra interesse em uma discussão séria, científica ou filosófica sobre a abordagem”, destaca.

“Uma luta coletiva, feita com coragem, dedicação e fé”

Entre os avanços obtidos pelo CECS, Dagmar destacou o trabalho para esclarecer sobre o uso da abordagem, feito junto ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que discutia restringir as Constelações no Judiciário. A instituição também ajuizou uma ação civil em Brasília contra a nota técnica do Conselho Federal de Psicologia, com perspectivas positivas de vitória. “Se conseguirmos a anulação, será um marco na defesa das Constelações no Brasil”, afirmou.

Hoje, o CECS reúne cerca de 300 associados, todos voluntários. “É uma luta coletiva, feita com coragem, dedicação e fé”, completou.

Homenagens e reconhecimento à primeira presidente Andréa Vulcanis

No início da fala, Dagmar Ramos fez questão de homenagear a primeira presidente do CECS, Andréa Vulcanis, procuradora da União e atual secretária do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Goiás.

"Rendemos **nossa reverência à Andréa Vulcanis**, cuja **visão pioneira, firmeza, sensibilidade e coragem nos alertaram** para *a importância de transformar a defesa das Constelações em posicionamento* **no seu espaço legítimo e no exercício pleno do Direito**", pontuou Dagmar Ramos

"Ela nos mostrou a importância da excelência. Foi quem orientou juridicamente a criação da associação e assumiu essa missão mesmo sem tempo disponível", destacou.

Dagmar também agradeceu à advogada e mediadora Haline Cristina Medeiros, diretora do CECS e responsável pela mediação do evento que lança o Núcleo de Direito Sistêmico.

"Obrigado a todos por estarem aqui, por resistirem às críticas e perseguições, por continuarem esse trabalho corajoso. Hoje damos mais um passo importante para a consolidação das Constelações no Judiciário brasileiro", concluiu.

Mediadora Haline Cristina Medeiros destaca importância de dar maior visibilidade ao Direito e Justiça Sistêmicos, especialmente por seus resultados impactantes na pacificação de conflitos

A advogada e mediadora de conflitos Haline Cristina Medeiros, diretora do CECS, fez a saudação inicial ao público. Em sua fala, destacou a emoção de estar ao lado de referências que considera mestres e ressaltou a importância de dar maior visibilidade ao Direito e Justiça Sistêmicos.

"É uma alegria estar aqui. Eu sempre tive como referência essas pessoas que participam desta live. É quase inacreditável reunir todos hoje. Estou aqui a serviço. Trago meu trabalho para o CECS, com o propósito de dar visibilidade ao Direito Sistêmico e aos resultados positivos dessa abordagem na resolução de conflitos, que tanto contribui para a pacificação social. Esse é o futuro em que acredito. É por isso que sigo esse caminho com tanto amor", pontuou.

Haline apresentou os objetivos do Núcleo de Direito Sistêmico, entre eles o fortalecimento da comunidade jurídica sistêmica, a construção de parcerias com universidades e instituições de pesquisa, além de ser um espaço de encontro e integração entre operadores do Direito comprometidos com a aplicação da filosofia hellingeriana nas mais diversas áreas da Justiça.

"**Queremos ser um lugar de reunião para aqueles que acreditam na força das Constelações** e no *potencial transformador dessa prática dentro da Justiça*. Por isso **reunimos aqui profissionais com projetos pioneiros em várias áreas**, que *compartilharão experiências e conquistas*" (Haline Cristina Medeiros)

Na sequência, Haline introduziu o juiz Sami Storch, pioneiro na aplicação das Constelações no campo jurídico. Admiradora declarada de seu trabalho desde 2019, ela sublinhou a profundidade, a seriedade e a transparência da atuação.

Juiz Sami Storch aponta força associativa, defesa institucional, retomada das vivências no fórum e efeitos observáveis

Juiz de Direito do Tribunal de Justiça da Bahia (TJBA) desde 2006, pioneiro na aplicação de Constelações Familiares no Judiciário brasileiro, autor do livro 'A Origem do Direito Sistêmico' e docente da Escola Hellinger, Sami Storch abriu sua fala com reconhecimento ao trabalho associativo e ao CECS. Defendeu a força coletiva para enfrentar resistências e consolidar práticas que favorecem a pacificação social. Enquadrou o Direito Sistêmico como "serviço do amor" e das "ordens da vida", orientado por objetivos que superam a atuação individual.

Sami Storch sublinhou a relevância de uma associação sustentada por seus associados, capaz de *representar a voz de quem, isoladamente, não alcança a mesma potência política e jurídica*. **Saudou a liderança inaugural da advogada Andréa Vulcanis** e **elogiou a criação do Núcleo de Direito Sistêmico do CECS**

Considerou estratégica a atuação judicial que busca anular a nota do CFP contrária às Constelações e avaliou que uma decisão favorável produzirá amplo impacto para profissionais e jurisdicionados. Relatou a retomada de vivências no Fórum, após período de recolhimento motivado pelo julgamento no CNJ. Descreveu encontros com até 50 participantes e destacou transformações percebidas por partes e advogados após três horas de trabalho.

Mencionou casos de inventários longos e conflituosos, sobretudo em disputas de terra, nos quais a Constelação ilumina elementos ocultos que bloqueiam acordos. Exemplificou sobre a função reveladora do "irmão considerado encrenqueiro", que frequentemente está voltado para um ponto essencial ignorado pelos demais.

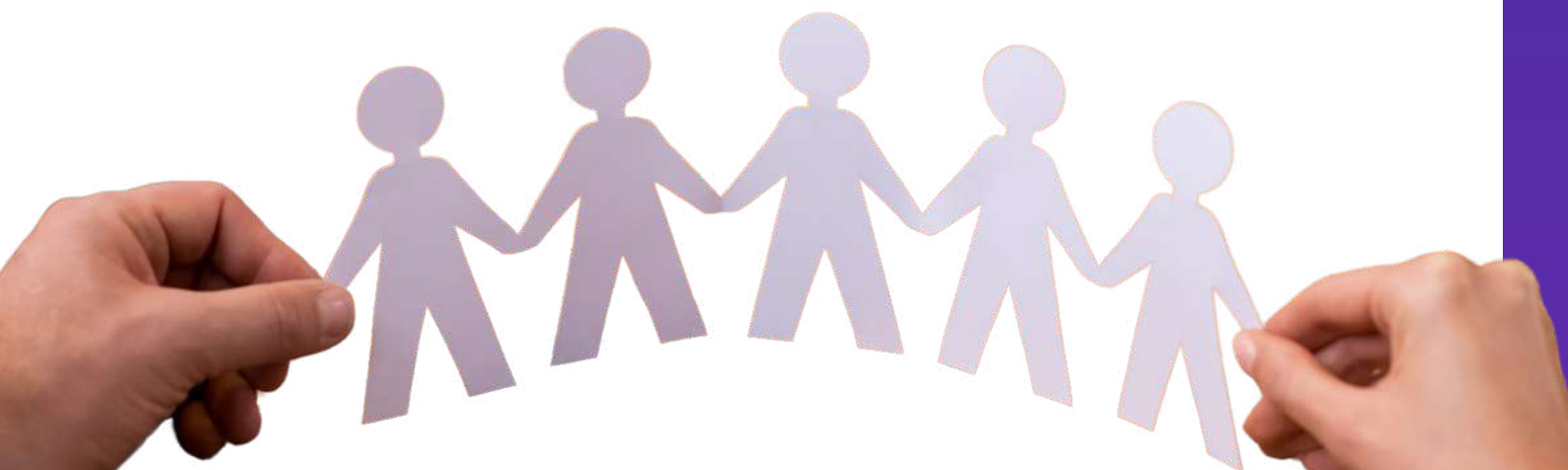
Crítica às narrativas e abertura de percepção

Storch apontou o ambiente "contaminado por fake news" e por narrativas que perpetuam litígios.

Defendeu verificação direta e experiência vivida, com atenção aberta e sensível. Para ele, o Judiciário pode manter-se como "campo de guerra" que multiplica razões sem resolver o núcleo do conflito, ou converter-se em "campo de paz, de olhar e de encontro", quando introduz práticas que alcançam dinâmicas profundas. Ao tratar das Constelações Familiares Sistêmicas, enfatizou a ética, humildade, reconhecimento de hierarquias e equilíbrio entre dar e receber.

Considerou "inversão" colocar o Direito Sistêmico a serviço de interesses pessoais, de vaidades ou de usos político-eleitorais. Vinculou a eficácia da Constelação à postura de serviço, ao respeito às ordens do amor e ao não atravessamento de limites pessoais e institucionais. Defendeu formação rigorosa de consteladores, com zelo sobre técnica e limites. Reiterou que qualquer profissional, ao integrar princípios sistêmicos, eleva a qualidade da atuação, mesmo sem conduzir Constelações formais. Propôs que o CECS apoie continuamente critérios de excelência e supervisão, para consolidar práticas responsáveis nas diversas áreas do Direito.

Storch celebrou a expansão do trabalho com Constelações Sistêmicas na Justiça e convocou a comunidade para a continuidade do esforço coletivo. Reafirmou disponibilidade para contribuir nas frentes institucional, formativa e prática. Por fim, reconheceu que o campo ainda se encontra em fase inicial e que "há muito mais por vir" na integração entre Constelações e sistema de Justiça.
(Texto publicado no dia 06 de outubro de 2025 e atualizado em 20 de janeiro de 2026)



Irmgard Rauscher e a Yoni *como centro simbólico e terapêutico do feminino* nas Constelações Sistêmicas

Live internacional promovida pelo CECS com **psicoterapeuta alemã traz reflexões sobre trauma e cura no corpo**: a **Yoni pode carregar memórias de abusos sexuais, repressões religiosas, atmosferas familiares puritanas, violências de guerra, escravidão ou colonização**. "*Quando uma mulher resgata a conexão com o feminino sagrado, a sexualidade se transforma, assim como a personalidade*", afirma a convidada. "Compartilhamos o interesse profundo pelas **dores e forças das mulheres**", afirma médica Dagmar Ramos. *"Há uma tarefa no masculino: reverenciar o sagrado que nos traz à vida"*, diz mediador, médico Marcelo Bertelli. **Tradução consecutiva foi realizada por Malu Scardazi**



Participantes da live internacional promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), em 07 de outubro de 2025, que reuniu saberes científicos, espirituais e simbólicos sobre a sexualidade e o sagrado feminino, com foco na metodologia das Constelações Yoni

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) promoveu, no dia 07 de outubro de 2025, uma live internacional com a presença da psicoterapeuta alemã Irmgard Rauscher. O encontro, mediado pela diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins, e pelo médico Marcelo Bertelli, teve como tema "Yoni Constelações – Nas Asas do Feminino Sagrado". A tradução consecutiva foi realizada por Malu Scardazi.

A proposta reuniu elementos científicos, vivenciais e simbólicos para tratar das camadas profundas do feminino, a partir da abordagem das Constelações Familiares Sistêmicas.

Rauscher destacou que o corpo feminino guarda registros emocionais e sistêmicos que podem silenciar a expressão da identidade, mas também revelar caminhos de cura e ressignificação.

Irmgard Rauscher apresentou a Yoni como *símbolo do feminino sagrado* e como portal de memória corporal, emocional e ancestral

Em sua abordagem, a Yoni, quando constelada, adquire expressão simbólica e revela traços profundos da condição interna da mulher.

Segundo Rauscher, é comum que esse espaço sagrado da mulher apresente bloqueios originados por traumas individuais ou transgeracionais.

Experiências como abuso sexual, repressão religiosa, educação puritana e falta de reconhecimento da feminilidade resultam em congelamento, anestesia ou tensão crônica do corpo feminino. "Qualquer forma de violência simbólica ou física desorganiza o centro da força vital da mulher", pontuou.

Ela afirmou que, ao ser representada em uma Constelação Sistêmica, a Yoni pode falar, transmitir sentimentos, trazer mensagens e manifestar sua dor ou potencial adormecido.

"A Yoni ganha voz, transmite emoções e revela o que o corpo silencia. Ela também guarda o potencial de cura e de renascimento do feminino, quando acolhida e escutada", destacou.

Diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins dá boas-vindas aos presentes e destaca trajetória da instituição

Na abertura da live internacional promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a diretora científica Roseny Flávia Martins deu as boas-vindas ao público e situou o evento dentro da trajetória recente da instituição, fundada em fevereiro de 2024.

Especialista em saúde da mulher, violência doméstica e pesquisadora com título de PhD, Roseny salientou o compromisso acadêmico do CECS e o avanço do Grupo de Trabalho Científico: "Durante esse período, organizamos uma base de dados com mais de 650 referências. Esse acervo fortalece nosso eixo de pesquisa e reafirma o compromisso científico da instituição com a qualificação das Constelações Sistêmicas", afirmou.

A diretora também destacou o papel fundamental do médico e constelador Marcelo Bertelli, que atuou como mediador do encontro e foi o responsável pela interlocução com a convidada internacional Irmgard Rauscher.

"Marcelo tem sólida formação e vivência internacional. Está conosco desde o início como colaborador do Grupo de Trabalho Científico. Foi ele quem indicou e viabilizou esse diálogo com a doutora Irmgard", explicou. Em seguida, Roseny Flávia Martins passou a palavra ao mediador, o que marca oficialmente o início do evento.

Uma trajetória dedicada ao cuidado feminino

No início da mediação, o médico Marcelo Bertelli apresentou a trajetória de Irmgard Rauscher com base em sua longa experiência clínica e formativa.

Nascida em Munique, Alemanha, e marcada pelas vivências do pós-guerra, Rauscher iniciou a atuação como enfermeira. Chegou à gerência de enfermaria em uma clínica na Baviera. Seu contato com a psicossomática e os efeitos profundos dos traumas da guerra despertaram o interesse pelas dinâmicas ocultas do sofrimento humano. A partir da década de 1990, formou-se com Bert Hellinger em Constelações Familiares e aprofundou os estudos com nomes de referência como Jakob Schneider, Dr. Gunthard Weber, Matthias Varga von Kibéd, Sneh Victoria Schnabel, Peter A. Levine e Anngwyn St. Just.

Em 1995, ao lado do esposo, assumiu a direção de um centro de seminários na Baviera.

Com sólida base em psicoterapia corporal e terapia sistêmica, Irmgard Rauscher passou a ministrar workshops na Alemanha, Suíça e Itália. Em 2006, lançou o livro Feuerroter Wandel ("Transformação Vermelho-Fogo"), no qual abordou a menopausa como rito de passagem feminino e aprofundou reflexões sobre o ciclo de vida da mulher com base em Constelações Familiares Sistêmicas.

Desde 2014, integra os ensinamentos tântricos à sua prática. Desenvolveu as chamadas Constelações Yoni, voltadas à restauração da sexualidade feminina e ao resgate do feminino ferido.

A live representou **um espaço de profunda escuta e ressonância** *entre ciência, espiritualidade e a linguagem do corpo feminino.* Para participantes, **o conteúdo oferecido proporcionou um olhar expandido** *sobre a dor, a cura e o sagrado que habita a experiência de ser mulher*

Rauscher destacou que a Yoni não representa apenas um órgão físico, mas uma matriz simbólica, fonte de sabedoria e centro de transformação. O trabalho com Constelações Sistêmicas nesse campo pode contribuir para restaurar a autonomia, a integridade e a potência de cada mulher.

Saudação institucional reforça afinidades acadêmicas e compromisso com o feminino

Na abertura oficial da live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos, realizou a saudação especial à convidada internacional Irmgard Rauscher.

Com formação em medicina preventiva e social, a dirigente destacou o vínculo que compartilha com a convidada, não apenas pela amizade mútua com o professor Dr. Gunthard Weber, mas sobretudo pelo compromisso científico e terapêutico com as questões do feminino.

"Temos muito em comum, inclusive além da medicina. **Compartilhamos o interesse profundo pelas dores e forças das mulheres**. É uma honra recebê-la nesta *iniciativa do CECS, que tem como missão criar pontes entre ciência, alma e corpo*. Que este seja **apenas o primeiro de muitos encontros possíveis**" (Dagmar Ramos)



A psicoterapeuta alemã com atuação em clínicas para mulheres vítimas de trauma Irmgard Rauscher é formada por Bert Hellinger e fundadora das Constelações Yoni: "Ela ganha voz, transmite emoções e revela o que o corpo silencia"

Ela expressou expectativa por uma partilha significativa e ressaltou o valor simbólico e epistemológico da presença de Irmgard Rauscher no evento.

Dimensões da Yoni como espaço simbólico e terapêutico

A psicoterapeuta alemã Irmgard Rauscher deu início à apresentação com uma saudação de gratidão à comunidade brasileira pelo convite e destacou a relevância do tema escolhido. Segundo ela, o conceito de "Yoni" deriva do sânscrito e pode ser traduzido como "lugar sagrado" ou "lugar divino". Compreende toda a anatomia sexual feminina: vulva, vagina, útero e ovários.

A partir da experiência clínica, Rauscher observou que muitas mulheres mantêm uma relação de distanciamento, vergonha ou culpa em relação a seus corpos e à própria Yoni.

Em vez de orgulho, dignidade ou prazer, **a relação com a região íntima permanece marcada por tabus e silenciamentos**, independentement e da idade. *"Lá embaixo ainda é uma zona de tabu para muitas mulheres"*, destacou Irmgard Rauscher



Constelação Yoni: metodologia de escuta e reconexão

Irmgard Rauscher afirmou que esse cenário a motivou a criar as Constelações Yoni, uma abordagem terapêutica que integra fundamentos das Constelações Familiares Sistêmicas com saberes tântricos e práticas de escuta profunda do corpo.

A proposta consiste em possibilitar que a mulher ouça sua Yoni, compreenda o que ela comunica e identifique as necessidades.

Para a psicoterapeuta, esse processo é essencial para a reconquista da autoestima, da segurança emocional e da expressão autêntica da sexualidade. Ela defendeu que cada mulher é singular, assim como sua Yoni, e que reconhecer essa individualidade favorece relações mais saudáveis e respeitosas consigo mesma e com os parceiros.

Traumas e bloqueios transgeracionais

Um dos eixos centrais da abordagem de Rauscher é a compreensão dos traumas armazenados no corpo, especialmente os de origem transgeracional.

A Yoni, segundo ela, pode carregar memórias de abusos sexuais, repressões religiosas, atmosferas familiares puritanas, violências de guerra, escravidão ou colonização.

Esses traumas, mesmo não vividos diretamente, afetam o corpo das mulheres por meio das heranças invisíveis transmitidas por gerações anteriores.

Rauscher também mencionou os **traumas pessoais**, como *abuso físico e emocional, experiências sexuais traumáticas, abortos, complicações no parto e cirurgias ginecológicas* que **podem cristalizar bloqueios e sintomas ao longo da vida**

Entre os impactos possíveis, citou disfunções sexuais, distúrbios alimentares, depressão, miomas, infertilidade, insegurança e dificuldades no campo profissional.

Potencial de cura, vitalidade e renascimento

Para Rauscher, escutar a Yoni é escutar o corpo. Ao reconhecer e dar voz aos silenciamentos, a mulher acessa o potencial de cura e renascimento que reside em sua própria sexualidade.

"É chegada a hora de cada mulher saber do potencial imenso de sua Yoni", afirmou. Segundo ela, esse processo não apenas restaura a força interior, mas também permite uma sexualidade mais consciente, criativa e integrada, onde o prazer físico e espiritual se torna expressões de liberdade.

A abordagem das Constelações Yoni, segundo Rauscher, convida à reconciliação com o feminino, ao reconhecimento da dor ancestral e à reconstrução da dignidade.

Sexualidade feminina e cura ancestral em Constelações Sistêmicas

Após introduzir os fundamentos conceituais das Constelações Yoni, a psicoterapeuta alemã Irmgard Rauscher aprofundou a apresentação com reflexões sobre a relação entre trauma, vitalidade e consciência corporal feminina.

A convidada internacional defendeu que **o corpo feminino,** *sobretudo a Yoni* — compreendida como **o centro sagrado da sexualidade e da criação** — carrega **registros profundos de dores pessoais, coletivas e transgeracionais**

Segundo Rauscher, uma Yoni traumatizada não acessa seu pleno potencial. "Ela não chega à vitalidade plena, pois o plexo nervoso da Kundalini permanece bloqueado. Os traumas geram cicatrizes energéticas que se inscrevem na fisiologia e na psique", afirmou. Para ela, os impactos emocionais e físicos nesta região comprometem diretamente a saúde integral da mulher.

"Estudos recentes já confirmam: a Yoni possui ligação direta com o cérebro por meio de uma complexa rede neural. Isso nos permite afirmar que ela também carrega sua própria consciência. Tudo o que ali ocorre impacta toda a estrutura da mulher", pontuou.

A especialista apontou que bloqueios nessa região favorecem sintomas como depressão, entorpecimento emocional, perda de libido, infecções recorrentes, dores pélvicas, miomas e até dificuldades profissionais.

"A mulher sexualmente ferida experimenta a perda do seu poder criativo e da sua autodeterminação", destacou.

A Constelação como linguagem do corpo

Na sequência, Irmgard explicou o papel das Constelações Yoni como método terapêutico de escuta do corpo feminino.

"Nesta abordagem, a Yoni ganha voz. Ela relata suas dores, revela bloqueios e nos transmite o que o corpo, por si só, não verbaliza. Isso permite localizar feridas, dar nome aos traumas e iniciar processos de cura", informou. A Constelação, nesse sentido, transforma o invisível em presença simbólica.

A autora salientou ainda que mesmo vivências consideradas leves — como sexo insensível ou desrespeitoso — produzem impactos significativos. "Isso ativa estresse negativo no cérebro, provoca tensão crônica e afeta não apenas a saúde física, mas também a psíquica e relacional", alertou.

Dimensões simbólicas da cura

Diferentemente de uma Constelação Sistêmica convencional, a Constelação Yoni propõe posições específicas no campo morfogenético. Entre elas, estão arquétipos como o princípio feminino divino, a deusa, a mulher anciã sábia, guias ancestrais, animais de poder e figuras pessoais significativas — como avós ou bisavós. "Cada posição traz consigo uma mensagem simbólica que facilita o entendimento do sintoma como expressão de um conteúdo profundo", explicou.



Médica e psicoterapeuta com especialização em medicina preventiva e social, Dagmar Ramos: A iniciativa tem como missão criar pontes entre ciência, alma e corpo

Rauscher defendeu que toda manifestação corporal possui significado. “O corpo é um aliado. Ele fala por meio dos sintomas. Ouvir essas mensagens nos aproxima do nosso sagrado interior.”

Ao final da prática, a terapeuta costuma estruturar um “círculo de suporte” para cada mulher. “Trata-se de um conjunto de representações — heroínas, arcanjos, ancestrais — que simbolizam proteção, força e reintegração”, relatou.

Traumas infantis e impactos na vida adulta

A mediadora e diretora científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Roseny Flávia Martins, formulou uma pergunta sobre os efeitos dos abusos sexuais na infância, inclusive quando ocorrem de forma indireta. A questão, segundo a mediadora, buscou compreender as manifestações emocionais e físicas observadas nas mulheres adultas que passaram por situações de violência sexual precoce.

A psicoterapeuta Irmgard Rauscher explicou que os sintomas decorrentes desse tipo de trauma são amplos e profundos, atingem tanto o corpo quanto a mente.

“**Quando uma criança é abusada sexual e emocionalmente**, *as consequências se projetam para a vida adulta em diferentes níveis*. **Muitas mulheres sofrem de** *depressão, transtornos alimentares, síndrome do pânico e medo intenso de sair de casa*. Em casos mais graves, **aparecem pesadelos recorrentes, ideações suicidas e múltiplas manifestações psicossomáticas**” (Irmgard Rauscher)

Rauscher destacou que o trauma infantil não processado gera bloqueios energéticos e compromete a relação da mulher com seu próprio corpo.

A ruptura entre a consciência corporal e o centro energético feminino — a Yoni — impede a expressão plena da vitalidade e da autoconfiança.

Efeitos do tratamento medicamentoso

A convidada também abordou a interferência dos tratamentos farmacológicos no processo de reconexão. “Muitas mulheres, diante de sintomas graves, recorrem a medicamentos psiquiátricos, que, embora necessários em determinados momentos, reduzem a sensibilidade emocional e física. Essa diminuição sensorial interfere na reconexão com a Yoni e com o coração interior”, constatou.

Segundo ela, o equilíbrio terapêutico exige abordagens integrativas e respeitosas, capazes de restaurar gradualmente o vínculo entre corpo, emoção e consciência.

“O remédio, de certo modo, protege para que a mulher não sinta demais, mas também impede que ela se reconecte plenamente com sua essência”, avaliou.

Interação com o público

Durante o momento de interação com o público, a participante Maria Cristina dirigiu à convidada internacional Irmgard Rauscher uma pergunta sobre a disponibilidade de literatura em português sobre Constelações Yoni.

A dúvida apontou para o desejo de aprofundamento teórico por parte da audiência, o que reflete o interesse acadêmico e clínico pelo tema abordado.

Em resposta, Rauscher esclareceu que, até o momento, não há obras publicadas em língua portuguesa dedicadas especificamente às Constelações Yoni. Informou, entretanto, que trabalha atualmente na redação de um livro sobre o tema, ainda em fase de desenvolvimento, redigido originalmente em alemão.

A psicoterapeuta também destacou que publica reflexões e artigos em sua página pessoal, disponível em alemão e inglês. “Escrevo nos meus blogs, onde abordo muitos aspectos do trabalho com a Yoni. Embora ainda não exista um livro completo publicado, esses textos já oferecem uma introdução valiosa”, afirmou.



O médico Marcelo Bertelli, mediador da live internacional: "Quanto mais cedo olharmos para a jornada da sexualidade, mais felicidade podemos promover"

Yolanda Freire propõe reflexão sobre sexualidade e transformação feminina na maturidade

Durante a live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a psicóloga e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, direcionou à convidada internacional Irmgard Rauscher uma pergunta que ampliou o campo conceitual do debate: “A Yoni atravessa fases de desenvolvimento? Como as Constelações Yoni abordam os temas de trauma e transformação em mulheres na maturidade, especialmente após os 60 anos?”, indagou.

A questão levou à abordagem de uma dimensão sensível do feminino — muitas vezes silenciada social e culturalmente — sobre a sexualidade de mulheres mais velhas e os bloqueios impostos pelo patriarcado.

Em resposta, Irmgard Rauscher afirmou que “muitas mulheres que chegam à maturidade experimentaram, ao longo da vida, apenas uma sexualidade masculina, frequentemente marcada por décadas de silêncio, desinformação e ausência de conexão com seus próprios desejos”.

Segundo ela, é comum que mulheres com 40 ou 50 anos de casamento nunca tenham explorado suas próprias preferências íntimas.

A psicoterapeuta explicou que esse tabu — tanto dentro quanto fora das relações — permanece como herança de uma estrutura social patriarcal, que nega à mulher o direito à expressão plena da própria sexualidade.

“Há milhares de anos perdemos o contato com a deusa, e, sem essa identificação com o sagrado feminino, não conseguimos nos celebrar. Carregamos a ausência da deusa dentro de nós”, destacou.

Para Rauscher, a transformação começa quando a mulher se reconhece como guardiã da deusa e começa a questionar os modelos herdados.



“Quando uma mulher resgata sua conexão com o feminino sagrado, *sua sexualidade se transforma*, assim *como sua personalidade*. Trata-se de **um despertar que não se limita à intimidade:** ele *expande a inteligência, a presença e a potência das mulheres maduras*” (Irmgard Rauscher)

Yolanda Freire considerou a resposta um convite à redescoberta da potência feminina na maturidade. A troca sintetizou o espírito do encontro: acolher, integrar e transformar os saberes do corpo, da alma e da ancestralidade.

Dinâmica dos grupos na Constelação Yoni

Na sequência da live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a participante Maria Isabel Lopes dirigiu uma pergunta à convidada internacional Irmgard Rauscher a propósito da dinâmica dos grupos e a possibilidade de acompanhamento mais profundo para casos de abuso ou feridas emocionais graves.

"Gostaria de saber se os grupos são abertos ou fechados e se, nos casos de abuso ou questões mais profundas, há possibilidade de um trabalho continuado", questionou.

“Aceito tantas mulheres quanto possível para um fim de semana, a fim de garantir que todas possam passar por sua Constelação. Sentamo-nos em um círculo formado apenas por mulheres. Mesmo diante de temas extremamente íntimos, há um espaço de escuta e acolhimento mútuo. Aquelas que escutam compreendem por que também passaram por vivências semelhantes”, explicou a convidada.



Diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins mediou o evento e fez perguntas que aprofundaram o campo terapêutico das Constelações Yoni: Ela indagou sobre os efeitos dos abusos sexuais na infância, inclusive quando ocorrem de forma indireta

Cura coletiva e força feminina

A especialista destacou que o ambiente se constitui como um campo de apoio formado por um círculo sagrado feminino. “Choramos juntas, rimos juntas, dançamos juntas. Isso gera um movimento libertador. O campo formado nesse círculo tem um enorme poder de cura”, informou.

Segundo Irmgard, a proposta dos encontros não é apenas reconhecer o trauma, mas permitir que a dor encontre um fluxo transformador. “Encontramos a causa energética do trauma. A cura começa quando conseguimos enxergar o que aconteceu, permitir que a dor flua, e, sobretudo, que o amor também flua. Este é o verdadeiro movimento de cura”, pontuou.

Com base em sua experiência clínica, Irmgard afirmou que tudo pode emergir dentro desse campo feminino: “Uma mulher tem dentro de si a força de acolher tanto a vida quanto a morte. Quando ela encontra esse espaço interno, tudo pode se transformar.”

Proteção da deusa interior e dignidade feminina

Na sequência da live, a participante Anapaula Brum direcionou à convidada internacional Irmgard Rauscher uma pergunta sobre um dos conceitos centrais de sua abordagem terapêutica: o que significa, na prática, proteger a deusa interior. Irmgard Rauscher explicou que a proteção da deusa interior começa com o reconhecimento da própria origem divina.

“Cada mulher carrega dentro de si essa dimensão sagrada”, afirmou. Segundo a psicoterapeuta alemã, esse processo de reconexão se fundamenta em um movimento interno de respeito e dignidade, em que a mulher passa a se enxergar como filha — ou representante — da deusa.

“É um estado de consciência que se constrói a partir da mente, mas que se enraíza no corpo e no espírito. Essa percepção transforma o modo como a mulher se relaciona consigo mesma e com o mundo”, completou.

A prática cotidiana do sagrado feminino

Irmgard destacou ainda que o cultivo dessa conexão pode ser aprofundado por meio de práticas meditativas, que servem como canal de escuta interior e presença. “Sempre é possível acessar essa dimensão por meio da meditação. Ela fortalece a consciência de que a deusa habita em cada mulher e que sua presença merece ser honrada”, disse.

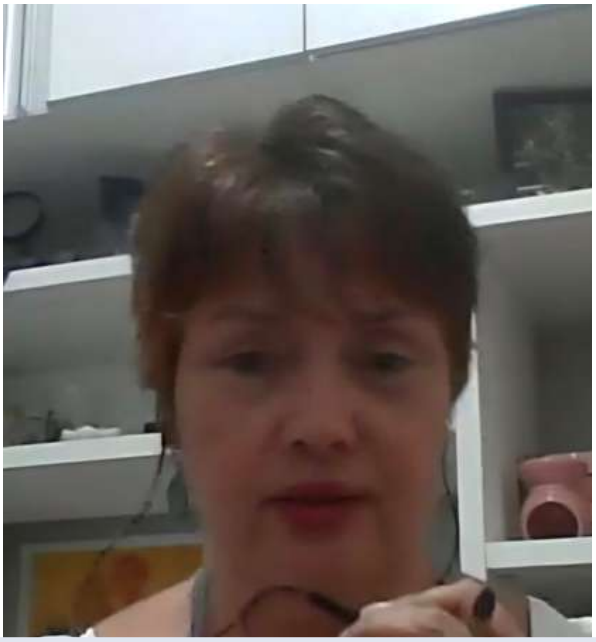
Reflexões sobre a Lua da Colheita e a cura feminina

Na parte final da live internacional promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a socióloga Miriam Coelho Braga, primeira membra benemérita da entidade, trouxe uma reflexão simbólica e afetiva ao mencionar a coincidência do encontro com a chegada da Lua da Colheita no céu brasileiro. Em tom reverente, ela destacou o momento como um “presente”, e celebrou o espaço de cura e aprendizado aberto ao feminino durante a transmissão.

“Hoje temos, aqui no Brasil, a Lua da Colheita. Acolhemos essa live com expectativa e compromisso. Somos tocadas também pela lembrança de que o Dr. Gunthard Weber trabalhou com nossa turma, e nos recomendou o professor Franz Ruppert com sua bibliografia sobre trauma”, afirmou.

Ela citou a obra ‘Meu Corpo Meu Trauma Meu Eu’, referência fundamental na abordagem psicoterapêutica dos efeitos do trauma.

Miriam também destacou a importância do contexto político atual do Brasil, ao citar atuação da ministra das Mulheres, Márcia Lopes, e incorporação dos traumas femininos como pauta de saúde pública. “Convido todos a meditar nessa Lua da Colheita, símbolo do nosso feminino, e a buscar essa complementariedade com o masculino. É tempo de reconciliação e cura”, pontuou.



A psicóloga e diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, Yolanda Freire contribuiu com reflexões sobre o feminino na maturidade: “Como as Constelações Yoni abordam os temas de trauma e transformação em mulheres especialmente após os 60 anos?”

Menopausa e o corpo não olhado

A participante Ana Paula fez uma pergunta direta à convidada especial Irmgard Rauscher: "Uma menopausa desregulada e agressiva pode ter relação com uma Yoni não olhada ao longo da vida?" A especialista foi objetiva em sua resposta: "Sim, pode ser".

A resposta breve, porém incisiva, encerrou com clareza a correlação entre processos fisiológicos e aspectos emocionais ou energéticos não resolvidos na trajetória feminina.

Na sequência, Eunice Nunes da Costa, participante de Campo Grande (MS), compartilhou sua vivência como mulher que, ao longo da vida, assumiu papéis tradicionalmente atribuídos ao masculino — o sustento da casa, a criação dos filhos, a liderança familiar. Perguntou como, diante desse contexto, seria possível se reconectar com a própria Yoni e resgatar o amor-próprio feminino.

Irmgard Rauscher respondeu com uma fala sensível e poética, ao conclamar as mulheres a resgatar sua história ancestral anterior ao patriarcado. E complementou: "Uma mulher que se reconecta com a deusa interior é capaz de se maternar. Esse é um caminho que começa pelo coração."



A tradução consecutiva da live internacional com a presença da psicoterapeuta alemã Irmgard Rauscher foi realizada por Malu Scardazi

"Vivemos em um mundo de homens, mas **precisamos desenvolver respeito por nós mesmas e pelos valores femininos**: *carinho, amorosidade, doação e profundidade*. **Não devemos seguir os homens, mas descobrir quem somos**" (Irmgard Rauscher)

Considerações finais com reverência ao feminino

O mediador, médico Marcelo Bertelli, nas palavras finais expressou reverência profunda ao feminino.

“Às vezes, **é preciso silenciar e entrar em um lugar de muito, muito respeito pelo feminino**”, destaca Marcelo Bertelli. Ele **reafirmou a crença na cura sistêmica** e no **equilíbrio entre os polos masculino e feminino:** *“Quanto mais cedo olharmos para a jornada da sexualidade, mais felicidade podemos promover”*

Marcelo dirigiu agradecimentos à professora Irmgard Rauscher ao reiterar a importância de encontros como aquele para a transformação individual e coletiva: “Espero que possamos tê-la conosco novamente, para continuar o aprendizado. Nós, homens, também precisamos continuar a aprender sobre isso. Há uma tarefa no masculino: reverenciar o sagrado que nos traz à vida”, concluiu. **(Texto publicado no dia 14 11 de outubro de 2025 e atualizado em 20 de janeiro de 2026)**



Maria Cristina, Maria Isabel Lopes, Anapaula Brum, Miriam Braga, Ana Paula e Eunice Nunes da Costa contribuíram com perguntas e reflexões que ampliaram os horizontes do debate: Um diálogo marcado pela escuta, pelo acolhimento e pela força do feminino coletivo

Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas participa do *3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa*, no Rio de janeiro

Evento promovido por instituições científicas internacionais reúne delegações de 70 países e marca lançamento da Estratégia da OMS para a Medicina Tradicional 2025–2034. CECS atua com seis representantes dentro da missão institucional de contribuir para reconhecimento científico, ético e pedagógico das Constelações como abordagem complementar no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)



O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) participou do 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa (WCTCIM) que se encerrou no dia 18 de outubro de 2025. O evento reuniu pesquisadores, profissionais de saúde, gestores e formuladores de políticas públicas de 70 países para refletir sobre soluções inovadoras no enfrentamento dos desafios contemporâneos, resgatar as práticas tradicionais da saúde e sistematizá-las para trabalhos científicos.

O evento foi co-organizado pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin), pela European Society of Integrative Medicine (Esim) e pela International Society for Traditional, Complementary & Integrative Medicine Research (ISCMR).

A edição de 2025 coincidiu com o lançamento da Estratégia da Organização Mundial da Saúde para a Medicina Tradicional 2025–2034, além de celebrar o Dia Mundial da Medicina Tradicional, instituído em 1991 pela OMS.

A **presença do CECS reforçou as articulações científicas e estratégicas** voltadas ao *fortalecimento das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics) no Brasil*, avalia a segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, *médica Dagmar Ramos*



O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) participa do 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa (WCTCIM) em curso no Rio de Janeiro até o dia 18 de outubro de 2025

O CECS foi representado no evento pelo segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes, Roseny Flávia Martins (diretora Científica), Yolanda Freire (Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações), Suzana Wayand Dias (Estruturação Acadêmica e Qualificação de Facilitadores), Alzira Cristina da Silva (Ética) e Rosângela Ferreira (Eventos).

O CECS participou do congresso dentro da missão institucional de contribuir para o reconhecimento científico, ético e pedagógico das Constelações Sistêmicas como abordagem complementar no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). A entidade atua na defesa de sua aplicabilidade como ferramenta de cuidado integral voltada à prevenção de adoecimentos recorrentes, à resolução de conflitos familiares e ao enfrentamento de padrões psicossociais crônicos, especialmente em contextos de atenção primária à saúde e saúde mental.

Realizado em formato híbrido, o congresso combinou sessões presenciais e transmissões on-line, o que ampliou o alcance internacional da discussão. Atividades culturais e práticas integrativas compuseram a programação e reforçaram o compromisso com um modelo de cuidado mais amplo, humanizado e centrado na pessoa.

A Constelação Familiar foi oficialmente incorporada à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde por meio da Portaria nº 702/2018 do Ministério da Saúde, o que a integra formalmente ao rol das Pics reconhecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). O CECS, neste contexto, atua na produção de conhecimento, formação e articulação institucional da abordagem.

A **delegação do CECS teve como missão** *ampliar a visão sobre a Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa* com as suas delegações de cinco regiões, *dialogar com lideranças científicas nacionais e internacionais*, *compreender os avanços metodológicos* para esta área da saúde, *apresentar avanços metodológicos* e *consolidar a inserção das práticas de Constelações Sistêmicas* **no campo da saúde integrativa**

Composição da **delegação CECS:**

Ricardo Mendes

Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS. Economista, autor, pós-graduado em marketing e arteterapeuta. Atua na difusão internacional das Constelações Sistêmicas e na articulação com instituições acadêmicas.

Roseny Flávia Martins

Diretora científica do CECS. Fisioterapeuta, pesquisadora com título de PhD, autora e especialista em violência doméstica e saúde da mulher. Coordena a produção científica institucional.

Yolanda Freire

Diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações. Psicóloga clínica, mestre em Psicologia Social e da Personalidade, com especialização em Psicologia Junguiana. Coordena a Clínica Social de Psicologia da SBS-OPJ/RJ e integra o colegiado do Instituto Iniciático da Consciência (IIC DEP-SP).

Suzana Wayand Dias

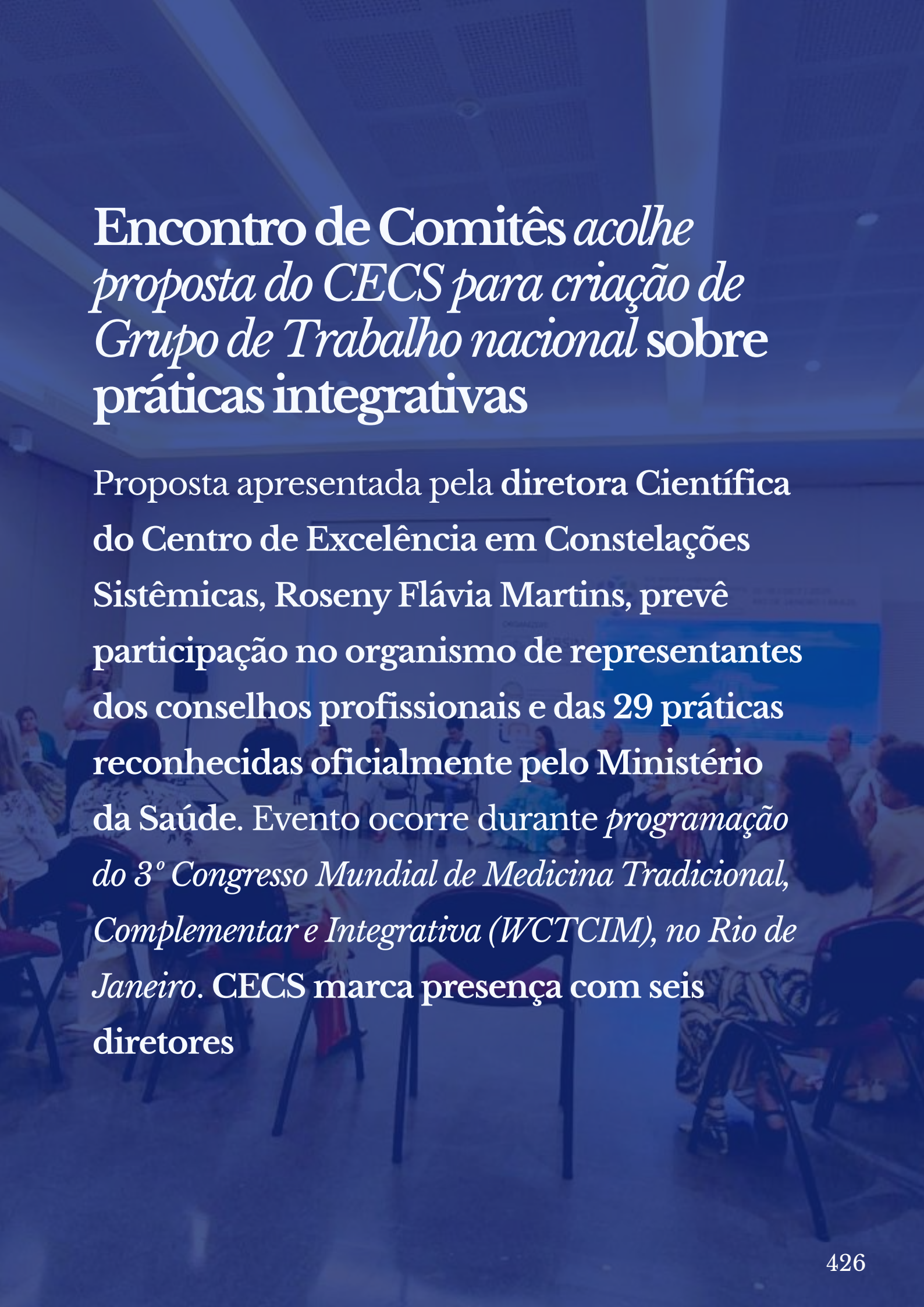
Diretora de Estruturação Acadêmica e Qualificação de Facilitadores. Doutora em Administração e Economia das Organizações, mestre em Administração das Organizações, farmacêutica industrial e professora na área de negociação e mediadora.

Alzira Cristina da Silva

Diretora de Ética do CECS. Psicóloga clínica, professora universitária, especialista em Docência na Educação Superior e coordenadora do Instituto IAC.

Rosângela Ferreira

Diretora de Eventos do CECS. Historiadora, jornalista e psicanalista. Possui maestria internacional em Neuropsicologia Clínica e mestrado em Administração. Atua na organização de congressos, encontros e seminários científicos. **(Texto publicado no dia 18 de outubro de 2025 e atualizado em 20 de janeiro de 2026)**



Encontro de Comitês *acolhe proposta do CECS para criação de Grupo de Trabalho nacional* sobre práticas integrativas

Proposta apresentada pela **diretora Científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas, Roseny Flávia Martins, prevê participação no organismo de representantes dos conselhos profissionais e das 29 práticas reconhecidas oficialmente pelo Ministério da Saúde**. Evento ocorre durante *programação do 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa (WCTCIM), no Rio de Janeiro*. **CECS marca presença com seis diretores**

O 2º Encontro de Comitês de Práticas Integrativas e Complementares de Conselhos Profissionais, realizado no dia 15 de outubro de 2025, no Rio de Janeiro, acolheu proposta apresentada pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) para a criação de um Grupo de Trabalho nacional (GT) com a participação de representantes dos conselhos profissionais e das 29 práticas reconhecidas oficialmente pelo Ministério da Saúde.

A proposta foi apresentada pela diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, que destacou a necessidade urgente de construir um canal técnico e permanente de escuta entre os conselhos e as práticas integrativas.

O objetivo é **qualificar os critérios de formação, ampliar a segurança institucional e evitar retrocessos no campo das políticas públicas em saúde.** A sugestão *recebeu apoio unânime das lideranças presentes*

O encontro ocorreu durante a programação do 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa (WCTCIM), realizado no Rio de Janeiro. A atividade reuniu representantes dos conselhos de biomedicina, enfermagem, fisioterapia, nutrição, farmácia e psicologia — além de profissionais das áreas de medicina e odontologia — para debater os desafios da regulamentação e da formação nas práticas integrativas.

A formação do GT visa aprofundar o alinhamento técnico, ético e pedagógico entre os conselhos e as práticas reconhecidas, especialmente diante da diversidade epistemológica do campo. Entre os temas a serem debatidos estão a carga horária mínima exigida para formação em cada prática, os conteúdos programáticos essenciais e os critérios adotados para validação institucional.

Foi também aprovada a realização de uma oficina nacional sobre o tema, com o objetivo de compreender como os conselhos têm atualizado seus vínculos com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e como os cursos de formação em saúde estão incorporando essas práticas nos currículos.



O CECS participou do encontro com seis diretores: segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes, Roseny Flávia Martins (diretora Científica), Yolanda Freire (Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações), Suzana Wayand (Estruturação Acadêmica e Qualificação de Facilitadores), Alzira Cristina (Ética) e Rosângela Ferreira (Eventos).

Ricardo Mendes defendeu o diálogo interprofissional e criticou posturas excludentes. Roseny Martins reiterou a urgência de regulamentações específicas que considerem a singularidade de cada prática e propôs a criação imediata do grupo técnico nacional. Yolanda Freire denunciou a ausência de escuta qualificada por parte do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Alzira Cristina da Silva relatou os impactos negativos da Nota Técnica emitida pelo CFP em 2023, que resultou na descontinuidade de um curso de pós-graduação em Constelações Sistêmicas.

"Um espaço importante de construção coletiva"

O 2º Encontro de Comitês de Práticas Integrativas e Complementares de Conselhos Profissionais é evento voltado à articulação entre os conselhos profissionais de saúde e o fortalecimento das políticas públicas voltadas às Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics). O encontro foi promovido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com apoio do Cabsin e de entidades parceiras.

O foco é a formação, regulamentação e expansão das 29 Práticas Integrativas e Complementares em Saúde oficialmente pelo Ministério da Saúde. Segundo a diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins, o debate priorizou a definição de critérios mínimos para a carga horária dos cursos de formação em cada prática integrativa, com respeito à autonomia dos conselhos e à diversidade epistemológica envolvida.

“O encontro permitiu que cada conselho expusesse sua posição sobre as exigências formativas. Foi um espaço importante de construção coletiva, mesmo com a ausência de alguns conselhos convidados”, afirmou Roseny Flávia Martins.

A participação da delegação do CECS nesse diálogo estratégico *reforça o compromisso institucional da entidade com a qualificação, a ética e a integração* da Constelação Sistêmica ao campo das Pics

A formação desse GT nacional pretende criar um espaço contínuo de escuta e cooperação, abordar temas como a carga horária mínima exigida para formação em cada prática, os conteúdos programáticos essenciais, e os critérios adotados por cada profissão no reconhecimento ou restrição ao exercício das práticas. Uma oficina conjunta vai tratar, entre outros temas, da forma como os conselhos têm atualizado ou elaborado seus vínculos com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

Durante os debates, foi observado que a invalidação de uma única prática por parte de um conselho pode ter efeitos sistêmicos, tanto na implementação da política quanto na percepção das demais práticas. Ou seja, quando um conselho deslegitima uma prática, o impacto não é apenas técnico, mas também político e institucional, fragiliza a confiança na política como um todo.

Conselho Federal de Psicologia mantém critérios restritivos

Durante o 2º Encontro de Comitês de Práticas Integrativas e Complementares de Conselhos Profissionais, a representante do Conselho Federal de Psicologia (CFP) apresentou o posicionamento da entidade quanto à utilização das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics) por profissionais da psicologia.

Segundo a representante, o CFP reconhece a importância das Pics como política pública de saúde e busca acompanhar os debates sobre o tema em espaços interinstitucionais. No entanto, destacou que a atuação profissional com essas práticas no âmbito da psicologia está condicionada à avaliação técnica e normativa do conselho, por meio de um sistema específico.

Desde 2022, o CFP instituiu o Sistema de Avaliação de Práticas Psicológicas Aluízio Lopes de Brito (SAPP), criado com a finalidade de analisar a compatibilidade de práticas psicológicas com os princípios científicos, técnicos e éticos da profissão.

O sistema leva o nome do ex-conselheiro federal Aluízio Lopes de Brito, falecido durante a pandemia, idealizador da proposta de análise estruturada de práticas no campo da psicologia. A avaliação é realizada a partir de solicitações formais feitas por entidades, coletivos ou grupos auto-organizados.

Mais recentemente, o próprio plenário do CFP também passou a ter prerrogativa para acionar o sistema. Uma vez submetida, a prática é analisada por relatores e pareceristas técnicos. O resultado da análise pode enquadrar a prática como compatível, incompatível ou inconclusiva, o que orienta o exercício profissional de psicólogas e psicólogos.

"É hora de parar com o medo e abrir os braços", diz Ricardo Mendes ao defender diálogo interprofissional e integração entre saberes no cuidado em saúde. Durante participação no 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa, Ricardo Mendes destacou a urgência de uma postura colaborativa e integradora entre os diferentes campos do cuidado à saúde, especialmente diante dos desafios complexos da contemporaneidade.

Ao comentar os obstáculos enfrentados por profissionais que atuam com práticas integrativas e sistêmicas, Mendes afirmou que os enfrentamentos institucionais não podem mais se sustentar sob uma lógica de exclusão ou censura.

"E a gente só não foi queimado numa fogueira porque o que trazemos para o mundo é algo muito grande", disse, ao referir-se à resistência que essas práticas ainda enfrentam em certos setores institucionais.



Ele criticou a rigidez de posicionamentos que tentam reduzir a compreensão da saúde a perspectivas unidimensionais. Para Mendes, o cenário atual exige maturidade institucional e abertura ao diálogo. "A disputa que a gente sente, às vezes, no posicionamento de conselhos ou de alguns institutos, ou a ideia de que o mundo pode ser reduzido a um espaço tão pequeno, não se sustenta mais. Não estamos mais em um momento de brigar, de excluir ou de proibir. Estamos em um tempo de construir pontes e estabelecer parcerias sérias", afirmou.

Ricardo Mendes também ressaltou a importância de reconhecer e valorizar o papel dos profissionais da medicina e da psicologia, sem buscar substituí-los, mas sim complementá-los dentro de uma visão ampliada de saúde.

"Tenho uma compaixão imensa pelos médicos, que atuam no final da linha, que é o corpo físico. Mas antes do corpo adoecer, há muitas instâncias que geram os sintomas e doenças que nem sempre são consideradas", pontuou.

"**Precisamos urgentemente abraçar os médicos, os psicólogos.** *Ninguém quer substituir ninguém.* A gente **precisa somar.** Está mais do que claro que **não seremos mais silenciados** — então **é hora de parar com o medo e abrir os braços**", destacou Ricardo Mendes, *sob aplausos de representantes instituições presentes ao encontro*

Segundo Ricardo Mendes, a proposta das Constelações Sistêmicas e das Pics não é ocupar o lugar de outras disciplinas, mas ampliar as possibilidades de cuidado por meio da escuta, da complexidade e da abordagem integrada do ser humano.

CECS

Roseny Flávia Martins propõe grupo de trabalho entre conselhos e **representantes das Pics** para *garantir reconhecimento técnico e normativo das práticas integrativas*

Durante participação no 2º Encontro de Comitês de Práticas Integrativas e Complementares de Conselhos Profissionais, a diretora científica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Roseny Flávia Martins, defendeu a necessidade de maior aproximação institucional entre os conselhos profissionais e os representantes das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics). Ela propôs a criação de um grupo técnico misto (GT) para debater as especificidades formativas e assistenciais de cada prática reconhecida. A proposta foi aceita pelo encontro. Com mais de três décadas de experiência no Sistema Único de Saúde (SUS), Roseny afirmou ter encontrado, nas Constelações Sistêmicas, uma abordagem capaz de integrar dimensões físicas e emocionais do cuidado. "Percebi que a Constelação Sistêmica é uma metodologia extraordinária. Ela permite acessar e transformar dores físicas e emocionais, sem a necessidade do toque tradicional", destacou.

Ela afirmou que sua atual atuação como pesquisadora e dirigente do CECS está voltada para o desenvolvimento científico e institucional das Constelações Sistêmicas ao ressaltar ainda a recente criação, no âmbito do Cabsin, de um Comitê Nacional de Constelações Familiares e Sistêmicas, espaço que deverá reunir lideranças da área com foco em articulação e validação científica.

Roseny defendeu que a heterogeneidade das Pics exige modelagens formativas diferenciadas, adequadas às especificidades de cada prática. "Não é possível aplicar critérios uniformes. A carga horária necessária para a formação em apiterapia não é a mesma que se exige para Constelação Familiar Sistêmica. É essencial que os conselhos compreendam isso e que as práticas também estejam abertas ao diálogo", afirmou.

A proposta original de Roseny foi a criação de um grupo de trabalho interinstitucional, composto por membros dos conselhos e representantes de cada uma das 29 práticas integrativas atualmente reconhecidas pelo Ministério da Saúde, com o objetivo de construir orientações conjuntas que reconheçam as diferentes realidades e necessidades formativas.

Roseny também chamou atenção para a fragilidade normativa que impacta diretamente os profissionais que atuam com Pics no SUS. Segundo ela, muitos trabalhadores exercem as práticas por dedicação pessoal, mesmo sem respaldo normativo claro nos municípios.

"Quem trabalha com Pics o faz por vocação. Muitos são concursados, utilizam carga horária reduzida com autorização informal de gestores, e pagam suas próprias formações. Mas quando há mudança de gestão ou falta de simpatia institucional, tudo se perde — inclusive grupos com centenas de pacientes", lamentou.

Por fim, colocou-se à disposição para colaborar com a organização do grupo técnico e articulações institucionais entre os diferentes conselhos e práticas.

"É **hora de avançarmos.** Precisamos **nos encontrar, dialogar e deliberar.** *A construção coletiva é o único caminho possível para consolidar as Pics como política pública efetiva e estável dentro da saúde brasileira*" (Roseny Flávia Martins)

Yolanda Freire cita ausência de escuta qualificada e exclusão de profissionais com trajetória nas Constelações Sistêmicas

Ao participar do 2º Encontro de Comitês de Práticas Integrativas e Complementares de Conselhos Profissionais, a psicóloga clínica e diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Yolanda Freire, apresentou uma crítica contundente à falta de espaço institucional para diálogo entre os conselhos profissionais e os psicólogos que atuam com Constelações.

Segundo a diretora, embora haja fiscalização constante por parte do Conselho Federal de Psicologia (CFP), ainda persiste uma ausência de escuta ativa e inclusiva no que diz respeito aos profissionais da psicologia que têm longa trajetória no campo sistêmico.

"Temos um conselho que nos fiscaliza, mas não nos escuta. Cria comissões de análise sobre as práticas sem incluir psicólogos que atuam com Constelação há 20 anos, com sólida formação e experiência comprovada", afirmou.

Yolanda expressou preocupação com a forma como os espaços de construção normativa vêm sendo ocupados, segundo ela, sem a participação dos próprios profissionais que desenvolvem práticas clínicas e comunitárias com base no olhar sistêmico, especialmente dentro do SUS.

"Hoje, psicólogos que atuam com Constelações não podem se apresentar como profissionais que oferecem à população um trabalho legítimo de transformação das repetições sistêmicas, mesmo quando o fazem com rigor e respaldo teórico", declarou.

Ao abordar os fundamentos das Constelações como campo de atuação psicológica, destacou que a prática lida com camadas profundas do inconsciente familiar e dos campos informacionais que se repetem sob a forma de doenças, violências e padrões disfuncionais. Ainda assim, lamentou que as Constelações sigam sendo alvo de resistência institucional.

Yolanda defendeu que profissionais das práticas integrativas que atuam nas políticas públicas merecem reconhecimento institucional, especialmente aqueles que se dedicam à pesquisa, à sistematização metodológica e ao cuidado direto da população.

"Hoje, enquanto psicóloga, não posso desenvolver estudos e pesquisas dentro da minha área com liberdade. Fala-se muito, mas não se abre espaço para o exercício efetivo do nosso trabalho", pontuou.

Ela finalizou a intervenção com um apelo à criação de espaços reais de troca, pesquisa e diálogo institucional. "É preciso coragem para sustentar esse campo de atuação dentro das políticas públicas. A todos os conselhos que estão dispostos a discutir de forma aberta, eu deixo aqui meu reconhecimento. O momento pede escuta, responsabilidade e abertura para um diálogo que inclua, de fato, quem está na prática", concluiu Yolanda Freire.

"Há conselhos que ainda sustentam, inclusive em comissões de direitos humanos, que *Constelações são práticas que violam direitos de mulheres e crianças*, quando **na verdade elas atuam diretamente na prevenção e transformação dessas violências**" (Yolanda Freire)

Alzira Cristina aponta desamparo institucional e relembra impacto da Nota Técnica do CFP em programa de pós-graduação

Durante participação no 2º Encontro de Comitês de Práticas Integrativas e Complementares de Conselhos Profissionais, a psicóloga clínica e diretora de Ética do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Alzira Cristina, relatou com emoção a exclusão institucional enfrentada por psicólogos que atuam com Constelações Sistêmicas e destacou os efeitos concretos das posições do Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre a prática.

"Fiquei profundamente emocionada com **a forma como outras profissões acolhem os profissionais que atuam com Constelações. Vi enfermeiros e farmacêuticos sendo abraçados**, e senti, sinceramente, inveja. Porque *a minha categoria não me acolhe*" (Alzira Cristina)

Ela compartilhou sua dor por não ver esse mesmo reconhecimento vindo da psicologia, apesar de sua trajetória profissional consolidada: "Sou psicóloga clínica há 23 anos, consteladora há 16, e formo consteladores desde 2015".

Alzira utilizou uma analogia provocativa para ilustrar a limitação imposta à liberdade profissional dos psicólogos: “Se eu quisesse, nas horas em que não estou em atendimento, trabalhar como motorista de aplicativo, eu poderia. Mas se eu quiser atuar com Constelação, preciso enviar uma proposta ao Sistema de Avaliação de Práticas Psicológicas (SAPP), como se estivesse pedindo autorização para exercer um ofício qualquer, mesmo sendo uma escuta humanizada".

A diretora também compartilhou um marco importante de sua trajetória: em 2016, foi convidada a estruturar uma pós-graduação lato sensu em Constelação Sistêmica na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (SP).

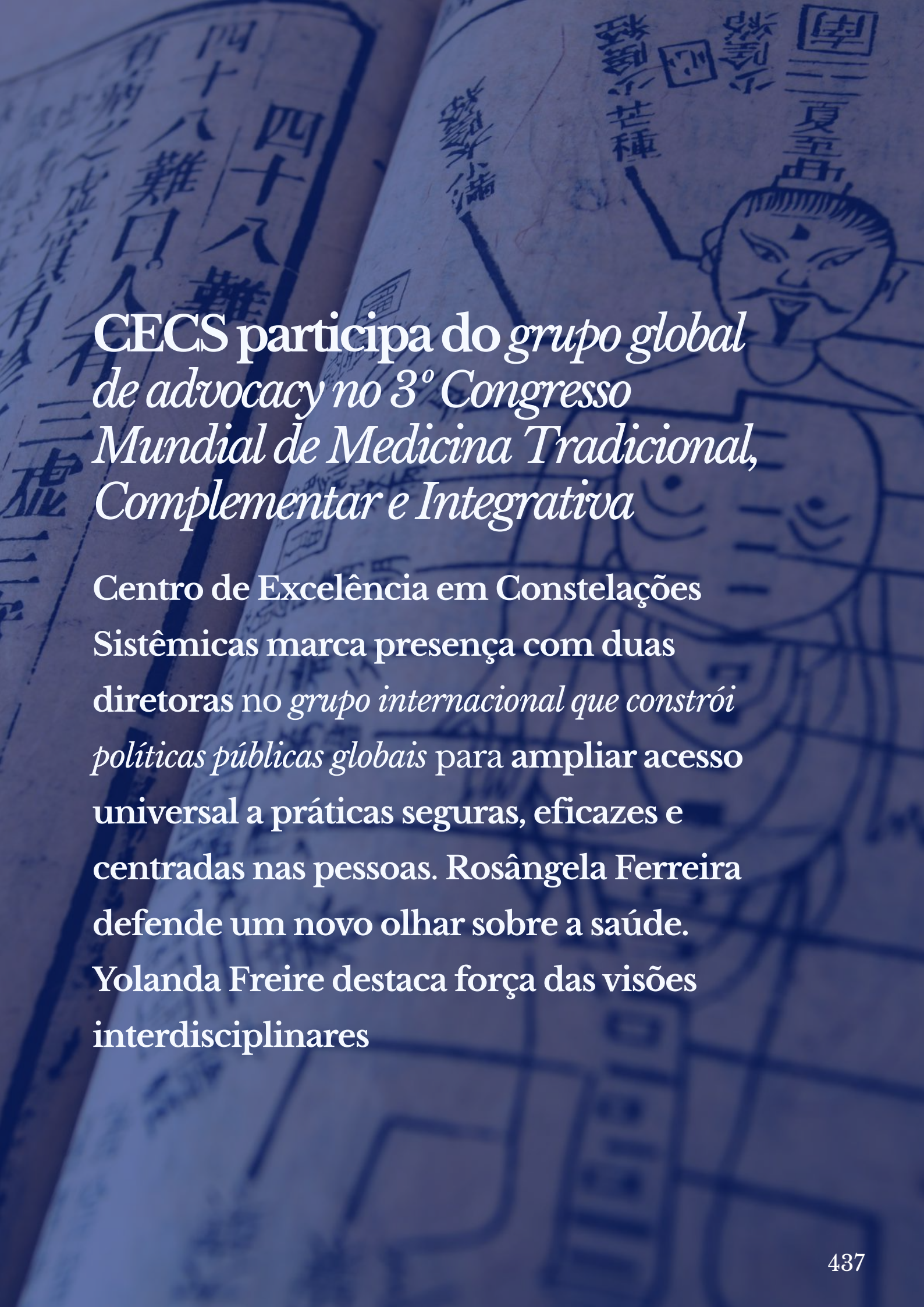
A primeira turma teve início em 2017, e até 2023 foram 24 turmas formadas com excelência. No entanto, segundo Alzira, a Nota Técnica emitida pelo Conselho Federal de Psicologia em 2023, contrária à prática das Constelações, gerou impactos negativos diretos sobre a continuidade do curso.

"Em decorrência da nota, a universidade optou por não mais ofertar o curso, mesmo com sua trajetória de sucesso e credibilidade acadêmica. Fui uma das cinco psicólogas que redigiram uma carta aberta ao CFP ao solicitar diálogo. Também organizamos um abaixo-assinado. Fomos ignoradas", lamentou.

Segundo Alzira, esse episódio marca a origem de um novo ciclo de mobilização da comunidade das Constelações, que culminaria na fundação do CECS. “É dessa dor, desse apagamento institucional e da falta de escuta, que nasce o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas. Ele não é apenas uma instituição formadora — é uma resposta ética, política e técnica ao silêncio que nos foi imposto”, concluiu. **(Texto publicado no dia 18 de outubro de 2025 e atualizado em 20 de janeiro de 2026)**



Diretores do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas durante 2º Encontro de Comitês de Práticas Integrativas e Complementares de Conselhos Profissionais, realizado no Rio de Janeiro: evento acolhe proposta apresentada pelo CECS para a criação de um Grupo de Trabalho nacional (GT) com a participação de representantes dos conselhos profissionais e das 29 práticas reconhecidas oficialmente pelo Ministério da Saúde



CECS participa do *grupo global de advocacy no 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa*

Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas marca presença com duas diretoras no *grupo internacional que constrói políticas públicas globais* para **ampliar acesso universal a práticas seguras, eficazes e centradas nas pessoas. Rosângela Ferreira defende um novo olhar sobre a saúde. Yolanda Freire destaca força das visões interdisciplinares**

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) participou do 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa (WCTCIM), realizado de 15 a 18 de outubro de 2025, no Riocentro, Rio de Janeiro.

O evento, organizado pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin), em parceria com a International Society for Traditional, Complementary and Integrative Medicine Research (ISCMR) e a European Society for Integrative Medicine (Esim), reuniu pesquisadores, profissionais de saúde nas diversas especialidades, autoridades e representantes de saberes tradicionais de 70 países.

Com o tema central "Fortalecendo a Saúde Pública Global por meio da Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa: Diversidade de Conhecimento, Sociedades Saudáveis e Saúde Planetária", o congresso foi palco para o lançamento da nova Estratégia da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa (MTCI) 2025–2034, que propõe ampliar o acesso universal a práticas seguras, eficazes e centradas nas pessoas.

Entre as iniciativas apresentadas, destacou-se o Roteiro Global de Advocacy (Global Advocacy Roadmap – GAR), liderado pela Coalizão TCIH, que busca mobilizar a sociedade civil mundial em torno da integração das práticas tradicionais e integrativas aos sistemas de saúde.

O CECS esteve presente nesse movimento internacional, representado pelas diretoras Rosângela Ferreira (Eventos) e Yolanda Freire (Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações). Elas participaram dos encontros virtuais regionais de Advocacy e da oficina híbrida global, realizada durante o congresso.

De acordo com a diretora do CECS, Rosângela Ferreira, **a construção de políticas públicas robustas e acessíveis a todos** *requer um novo olhar sobre a saúde*, que **reconheça a contribuição das diversas práticas tradicionais, complementares e integrativas** *para o bem-estar integral do ser humano*

As Constelações Sistêmicas estão entre as 29 práticas integrativas reconhecidas pelo Ministério da Saúde e ofertadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), no Brasil. O Roteiro Global de Advocacy define quatro eixos estratégicos, como Advocacy, Aliança, Conscientização e Amplificação, e prevê ações colaborativas até dezembro de 2025, quando acontecerá a publicação do documento oficial.

Rosângela Ferreira destaca ainda a importância da participação ativa na pesquisa global promovida pela Coalizão TCIH, como forma de contribuição concreta para a formulação de novas políticas públicas baseadas em evidências e alinhadas à diversidade cultural e terapêutica.

Para Yolanda Freire, diretora do CECS, **é essencial a integração de visões diferenciadas e interdisciplinares** na *construção de parâmetros de boas práticas e na indicação de políticas de aprimoramento e consolidação das TCIM*

A atuação do CECS reforça o compromisso da instituição, juntamente com as demais lideranças e associações que integram o grupo de Advocacy (GAR) do país na promoção da saúde integrativa e na valorização dos saberes tradicionais como parte essencial da construção de uma saúde planetária mais humana, inclusiva e sustentável. **(Texto publicado no dia 19 de outubro de 2025 e atualizado em 20 de janeiro de 2026)**



Entre as iniciativas apresentadas no 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa, realizado no Rio de Janeiro, destacou-se o Roteiro Global de Advocacy: O CECS esteve presente nesse movimento internacional, representado pelas diretoras Rosângela Ferreira (Eventos) e Yolanda Freire (Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações)

Dagmar Ramos, o florescimento humano e o pertencimento sistêmico: *a cidade como organismo vivo e campo de consciência coletiva*

Em palestra no *fórum "Deixa eu dizer que te amo, Goiânia, deixa eu gostar de você"*, realizado *no CineX do Centro Cultural Oscar Niemeyer*, **médica apresenta leitura integrativa da cidade** com base na **Constelação Sistêmica Organizacional da capital goiana** e nos indicadores do *Global Flourishing Study*. Ela **defende o florescimento humano como expressão da reintegração a vínculos históricos, simbólicos e afetivos.** Evento idealizado pelo **publicitário Marcus Vinicius Queiroz reuniu especialistas em urbanismo, inteligência artificial, literatura e arte** para discutir o *papel da urbe como espaço de integração humana e social*

Segunda dirigente a ocupar a presidência do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos apresentou uma reflexão interdisciplinar sobre a cidade, o pertencimento e o bem-estar coletivo durante o fórum "Deixa eu dizer que te amo, Goiânia, deixa eu gostar de você", realizado no dia 20 de outubro de 2025, no CineX do Centro Cultural Oscar Niemeyer.

O fórum foi uma iniciativa do publicitário, consultor em marketing político, apresentador do Show da Manhã da Jovem Pan FM e ativista da felicidade Marcus Vinicius Queiroz. O evento integrou as festividades alusivas aos 92 anos de Goiânia, celebrado no dia 24 de outubro de 2025.

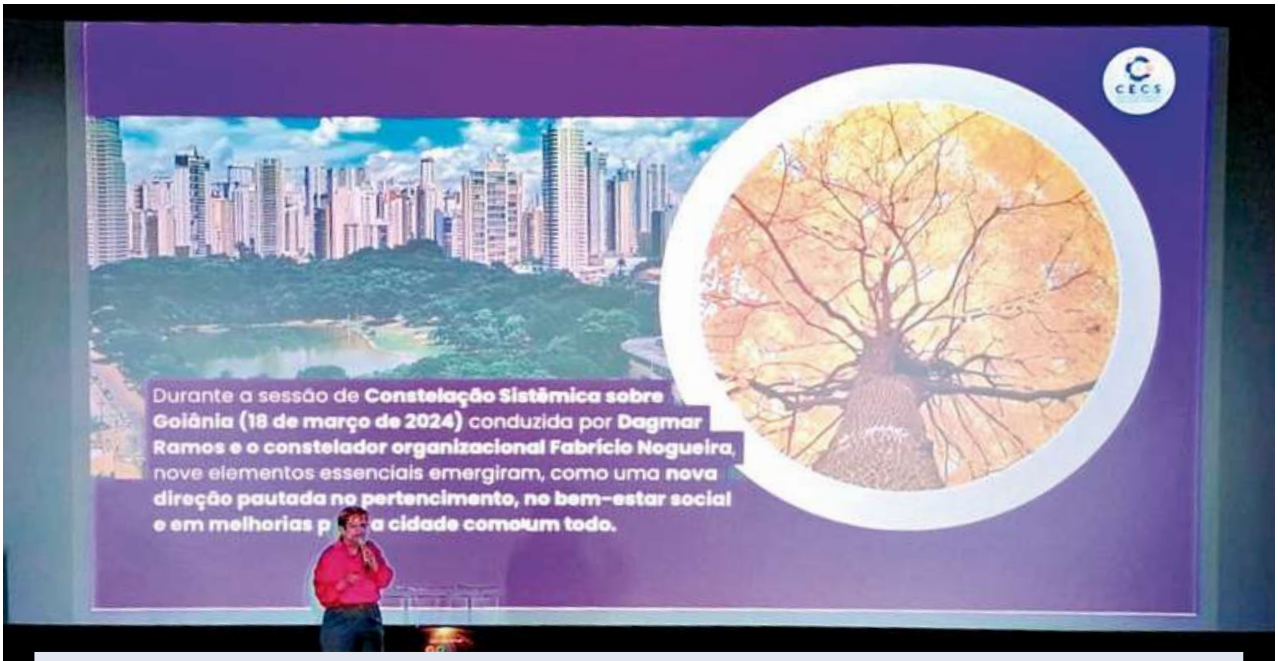
Com formação em medicina preventiva e social, psiquiatria, homeopatia e Constelações Sistêmicas, Dagmar conduziu a palestra intitulada "O Florescimento Humano, a Constelação e a Cidade".

A médica ancorou sua análise nos primeiros resultados do Estudo Global de Florescimento Humano (Global Flourishing Study), uma investigação longitudinal conduzida pelas universidades Harvard e Baylor, com participação brasileira liderada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), instituição pública e gratuita, classificada entre as 100 melhores unidades de ensino superior da América Latina e entre as mil do mundo.

O estudo reúne mais de 202 mil participantes em 22 países com o objetivo de compreender, com base empírica e rigor metodológico, o que caracteriza uma vida boa, plena e satisfatória.

O instrumento de pesquisa aplica 109 indicadores que atravessam dimensões diversas da vida humana. Foram sete domínios analisados pelo estudo: felicidade e satisfação com a vida, saúde física e mental, sentido e propósito, caráter e virtudes, relações sociais próximas, estabilidade financeira, religião e espiritualidade.

Dagmar Ramos aprofundou o **conceito de florescimento humano** *a partir de uma perspectiva científica, filosófica e social*. A exposição partiu do conceito de que **as cidades influenciam diretamente na qualidade de vida de seus habitantes**, ao mesmo tempo em que *refletem os padrões de bem-estar da população*



A médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos conduziu a palestra intitulada "O Florescimento Humano, a Constelação e a Cidade": Nenhuma urbe prospera sem vínculos, sem memória e sem pertencimento

Dados preliminares reforçam evidências já consolidadas nas **abordagens integrativas de saúde e psicoterapia**: *espiritualidade, vínculos afetivos e clareza de propósito* ocupam lugar de *destaque entre os fatores que mais favorecem o florescimento humano*

A saúde física e mental, embora fundamentais, sustentam esse processo, mas não o determinam de forma isolada, aponta Dagmar Ramos.

A palestrante também destacou que os países com maior desenvolvimento econômico não foram necessariamente os mais bem posicionados no índice de florescimento humano.

A Indonésia aparece como a nação mais florescente na primeira fase da pesquisa, e superou países como Japão e Suécia, que, apesar de seu alto nível de desenvolvimento, apresentam índices preocupantes de suicídio e transtornos mentais.

O estudo também investigou aspectos emocionais, como otimismo e pessimismo.

A cidade em Constelação: *pertencimento e bem-estar* como estruturas invisíveis do florescimento urbano

Na continuidade da palestra, a médica e presidente do CECS Dagmar Ramos apresentou os resultados simbólicos da Constelação Sistêmica Organizacional sobre Goiânia, realizada em 18 de março de 2024, solicitada pelo presidente da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário de Goiás (Ademi-GO), Felipe Melazzo, e pelo publicitário Marcus Vinicius Queiroz.

O consultor organizacional e constelador sistêmico Fabrício Nogueira participou junto com Dagmar Ramos na condução da Constelação. A abordagem utilizou os fundamentos das Constelações Organizacionais para revelar dinâmicas ocultas que afetam o pertencimento, o bem-estar e a coesão coletiva da capital goiana.

Foram representados nove elementos estruturantes do campo sistêmico de Goiânia: a Cidade, seu Bem-estar, o Pertencimento, a População, os Governantes, o Governador Pedro Ludovico, o Arquiteto Attilio Corrêa Lima, os Índios Goyazes e os Empreendedores.

A configuração inicial mostrou um Centro vazio, que sinalizou a ausência de integração entre os elementos. A Cidade aparecia isolada e distante do Bem-estar, que, por sua vez, não se aproximava das forças que o sustentam.

Os Índios Goyazes expressaram sentimento de exclusão histórica, como se não fossem reconhecidos como parte constitutiva da identidade urbana.

O **Brasil**, apesar de enfrentar adversidades em outras áreas, **ocupa o primeiro lugar entre os países mais otimistas**. Para Dagmar Ramos, *esse traço cultural deve ser reconhecido como um ativo social e emocional relevante* para a **saúde coletiva**

Os Empreendedores mantinham o olhar elevado, dissociado do Bem-estar coletivo — representação simbólica da verticalização econômica sem vínculo com o tecido social.A População, nesse campo, manifestava ausência de pertencimento. Segundo Dagmar Ramos, "a Constelação revelou um sentimento difuso de desenraizamento e a urgência de reconhecer as origens e os protagonistas da cidade".

Quando os representantes reverenciaram figuras fundadoras — como Pedro Ludovico Teixeira e o arquiteto Attilio Corrêa Lima — e incluíram os índios Goyazes como parte legítima da narrativa de origem, o campo sistêmico passou a se reorganizar: o Bem-estar, antes virado para fora, voltou-se para a Cidade. A representação final resultou em uma mandala simbólica de integração. Os elementos, antes dispersos, encontraram lugar comum.

"Somente quando os povos originários foram honrados, *a população foi vista* e os *empreendedores voltaram o olhar à coletividade*, o *campo permitiu a presença do bem-estar*. É **nesse nível arquetípico que uma cidade também pode adoecer ou florescer"**, constatou Dagmar Ramos

A Constelação, inspirada nos fundamentos sistêmicos do psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, extrapola a experiência subjetiva. Ao revelar padrões relacionais e estruturas invisíveis que influenciam o coletivo, oferece uma ferramenta complementar para o planejamento urbano, a escuta social e a formulação de políticas públicas baseadas em pertencimento e reparação simbólica.

A Constelação de Goiânia, neste contexto, não apenas expôs vínculos esquecidos, mas propôs um caminho restaurativo.



Convidados especiais levam ideias e perspectivas diversas ao Fórum "Deixa eu dizer que te amo, Goiânia" ao reunir saberes sobre urbanismo, tecnologia, saúde mental, arte e literatura: eles recebem homenagem e do organizador Marcus Vinícius Queiroz

Memória, reconhecimento e responsabilidade tornam-se, assim, fundamentos invisíveis e estruturais para um futuro urbano mais justo, integrado e humano.

A cidade que floresce em cada um de nós: o espaço urbano como campo simbólico da vida compartilhada

Na parte final da conferência, a médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos propôs uma reflexão sensível sobre a cidade como organismo vivo que, ao florescer, amplia também o florescimento humano individual.

Para além de seu aspecto físico e administrativo, a cidade foi apresentada como campo simbólico, emocional e espiritual, capaz de refletir e influenciar a consciência de seus habitantes.

Inspirada pelo escritor lusitano Valter Hugo Mãe, Dagmar reforçou que a cidade é, sobretudo, um lugar de encontros. “Os outros somos nós mesmos”, diz o autor português, numa síntese poética que aponta para a interdependência como fundamento da experiência urbana.

A cidade, nesse sentido, é um espaço de acolhimento preparado para o outro — um território de afeto, memória e transformação mútua.

Ao citar Valter Hugo Mãe, a palestrante destaca que a cidade é palco de encontros e desencontros, onde o amor, a amizade e a alteridade (conceito filosófico que se refere ao reconhecimento do outro como diferente de si, com dignidade própria, subjetividade e valor) se tornam expressões fundamentais da vida em comunidade.

Trata-se de um lugar que nos molda tanto quanto o moldamos. Configura um ciclo contínuo entre identidade e pertencimento, sendo essa visão.

Dagmar Ramos constata que quando a cidade se reconecta com sua história, com os símbolos fundadores e o bem-estar da população, ela se transforma em uma mandala coletiva, capaz de sustentar o florescimento integral do ser humano.

O desenvolvimento urbano não se resume a infraestrutura ou planejamento técnico, mas *se alicerça na capacidade de construir vínculos, restaurar memórias* e *promover pertencimento*

Nesse contexto, a cidade torna-se expressão ampliada da subjetividade humana — um campo onde ética, beleza e espiritualidade se entrelaçam, e onde a vida encontra, finalmente, um espaço legítimo para ser celebrada. Ou seja: quando o coletivo floresce, o propósito de vida se expande.

Participações no fórum ampliam olhar sobre a cidade

O fórum "Deixa eu dizer que te amo, Goiânia, deixa eu gostar de você" se traduziu como evento multidisciplinar com as participações especiais da arquiteta e urbanista com mestrado em governança e sustentabilidade, Ana Zornig Jayme, presidente do IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), que compartilhou perspectivas sobre urbanismo humanizado, ao destacar modelos de planejamento centrados na experiência cidadã da capital paranaense.

Celso Camilo, professor e doutor em Inteligência Artificial pelo Centro de Excelência em IA da Universidade Federal de Goiás (UFG), abordou o papel da inteligência artificial no planejamento urbano ao ampliar as possibilidades da tecnologia como aliada da gestão pública.

Geraldo Rocha, empresário e escritor, conduziu uma dinâmica de jogral sobre cidadania e leitura ao envolver o público em uma performance interativa com foco na construção coletiva do espaço urbano.

Eduardo Oliveira, sócio-diretor da CINQ (Conhecimento, Inovação, Natureza e Qualidade), trouxe reflexões sobre inovação, natureza e qualidade de vida nos contextos urbanos ao conectar sustentabilidade e inteligência coletiva.

A programação também contou com a presença sensível da cantora Gabih e do músico Emídio Queiroz, que ofereceram momentos artísticos que dialogaram com os temas centrais do evento, ao promover um encontro entre estética, afeto e cidadania.

Homenagem à potência criativa da juventude e à história do rádio em Goiás

O fórum prestou uma homenagem especial a Elias Augusto Gabriel, artisticamente conhecido como HeyDoc, DJ e produtor musical goianiense que leva o nome da cidade a palcos internacionais. Diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o artista encontrou na música um canal profundo de expressão, comunicação e autorrealização.



Médica Dagmar Ramos e publicitário Marcus Vinícius Queiroz entregam homenagem especial a Elias Augusto Gabriel, artisticamente conhecido como HeyDoc, DJ e produtor musical goianiense diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que leva o nome da cidade a palcos internacionais

Sua trajetória tem inspirado debates sobre inclusão, neurodiversidade e o papel da arte como ferramenta de transformação. A médica Dagmar Ramos foi escolhida para entregar a ele a honraria.

Também foi homenageado Jonas Pires, carinhosamente conhecido como Peninha, diretor artístico da Rádio Araguaia FM nas décadas de 1980 e 1990. Sua atuação foi determinante para a consolidação da emissora como referência no cenário radiofônico goiano. Peninha marcou uma era de inovação, carisma e renovação estética nas ondas do rádio FM em Goiás. **(Texto publicado no dia 22 de outubro de 2025 e atualizado em 20 de janeiro de 2026)**

‘Do Pé de Araçá às Leis do Amor’: Ercília Gonçalves propõe *travessia entre vivência, teoria e escuta sistêmica*

Na **7ª edição do Projeto Autoria**, promovido pelo *Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS)*, a **psicóloga e socióloga apresenta obra que reúne autobiografia, Constelações Familiares e poética clínica.** Autora reflete sobre *ancestralidade, vínculos familiares e supervisão como prática formativa*. “Ao escrever, **acessei partes da minha história, da minha pré-história e de zonas profundas da memória que costuram o presente**”, afirma. “**Uma escrita que rega o solo da escuta e alimenta o fluxo da memória**”, pontua mediadora Yolanda Freire

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), por meio da Diretoria de Fundamentos e Teoria, realizou no dia 22 de outubro de 2025 a 7ª edição do Projeto Autoria, com a participação da socióloga e psicóloga Ercília Gonçalves.

A autora apresentou o livro 'Do Pé de Araçá às Leis do Amor', obra que transcende os limites da autobiografia e se transforma em um mergulho profundo nas relações humanas e familiares à luz da visão sistêmica.

No texto, Ercília conduz o leitor por uma travessia simbólica — da infância entre os frutos e sombras do araçazeiro ao encontro com as grandes verdades do amor e da reconciliação.

O livro é, ao mesmo tempo, narrativa pessoal e ensaio teórico sobre as Constelações Familiares e a Terapia Sistêmica. A autora propõe um olhar que une o existencial e o científico, o cotidiano e o transcendental ao reforçar a ideia de que "o amor é a força que costura as dores e alegrias da vida".

Ercília presta homenagem ao "guarda-chuva sistêmico" que lhe deu guarida e sentido, ao expressar gratidão por uma jornada que a conduziu do microcosmo familiar às leis universais do amor.

O prefácio, assinado pela psicóloga e terapeuta sistêmica Adriana Aguilar Mendes Lodi, criadora do Método DPS, descreve a leitura como "uma viagem literária arrebatadora" que mistura poesia, saberes técnicos e lembranças afetivas.

"Ercília é uma dessas deusas que pinta, borda e dá o sopro que uma flauta espera imprimindo arte em tudo o que toca — livros, bordados, panela no fogo, poesia e lirismo. Uma narrativa cultural e emocional, que convida o leitor a revisitar seu próprio 'pé de araçá' e enxergar-se pela primeira vez", escreveu Adriana.

A mediação do encontro coube à psicóloga e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS.

Ercília Gonçalves: trajetória de excelência na terapia sistêmica e no estudo das dinâmicas familiares

A psicóloga e socióloga Ercília Gonçalves atua como terapeuta sistêmica nas áreas de família e casal, com formação pela Equipisis, em Belo Horizonte. Com trajetória marcada pela formação continuada, realizou cursos intensivos em escolas de Roma e Milão, além de integrar o Núcleo de Pesquisas do Rio de Janeiro.



Participantes da 7ª edição do Projeto Autoria, realizado pelo CECS, em encontro marcado por reflexões profundas sobre escuta terapêutica, narrativa de vida e os fundamentos das Constelações Sistêmicas na clínica contemporânea: psicóloga e socióloga Ercília Gonçalves apresenta o livro 'Do pé de araçá às leis do amor'

Possui pós-graduação na USP em Violência Doméstica e especialização em Constelação Familiar pelo Instituto Desenvolvimento Sistêmico para a Vida (Idesv) e pelo Instituto Vera Bassoi (IVB).

É também cofundadora do Circular – Centro de Estudos e Atendimentos Sistêmicos, instituição voltada à difusão e ao aprofundamento das abordagens sistêmicas no campo das relações humanas.

Com trajetória acadêmica e clínica marcada pela integração entre filosofia, ciência e espiritualidade, Ercília se tornou referência nacional na abordagem das relações familiares sob a ótica sistêmica.

Encontro marcado pela escuta, generosidade e escrita com alma

A abertura do evento ficou a cargo da mediadora Yolanda Freire. Em sua saudação, destacou a relevância do Projeto Autoria como espaço de valorização das produções teóricas e vivenciais que integram o campo das Constelações Familiares Sistêmicas.

"Estamos no 7º Autoria e é uma honra receber Ercília Maria de Araújo Gonçalves, autora de uma obra tão profunda e generosa. 'Do Pé de Araçá às Leis do Amor é mais do que um livro': é uma travessia tecida com beleza, consistência e escuta sensível", afirmou Yolanda.

Segundo a mediadora Yolanda Freire, **o texto de Ercília Gonçalves apresenta uma escrita sólida e afetiva**, *capaz de traduzir, com linguagem poética e rigor conceitual*, **as camadas que constituem o olhar sistêmico sobre a vida, as relações e os vínculos familiares**

"É um presente para todos nós, especialmente para os associados e associadas que caminham com o CECS na sustentação deste espaço de saber, cuidado e pertencimento", pontuou.

A literatura como veículo de consciência sistêmica

Ao elogiar a trajetória da autora, Yolanda Freire reforçou o compromisso do CECS em reconhecer, apoiar e difundir as produções que nascem no seio da comunidade de profissionais ligados ao campo das Constelações Sistêmicas.

"Trazer esse livro é reconhecer a potência de uma escrita que, ao mesmo tempo, encanta e ensina. Recebemos hoje uma autora cuja presença é tão gentil quanto sua obra. Uma autora que dá prazer de ler, de escutar, de partilhar."

A iniciativa do Projeto Autoria integra a proposta do CECS de fomentar não apenas a formação técnica, mas também a construção de pensamento crítico e sensível dentro da abordagem sistêmica, com destaque para autores que promovem pontes entre experiência clínica, trajetória pessoal e reflexão teórica.

O livro como expressão do íntimo

A psicóloga e socióloga Ercília Gonçalves iniciou sua participação com agradecimentos ao CECS e à mediadora Yolanda Freire.

Reconheceu o espaço como uma oportunidade simbólica de partilha, não apenas de uma obra, mas de fragmentos de alma e consciência.

"Falar do livro é um ato de exposição interior. Ao escrever, *acessei partes da minha história, da minha pré-história e de zonas profundas da memória* que costuram o presente" (Ercília Gonçalves)

Para Ercília, narrar-se representa mais do que relatar eventos. É propor perguntas existenciais. "Aquilo que me acontece agora tenta me dizer o quê?" Ao lançar essa provocação, a autora reforçou o compromisso do livro com a escuta interna e com o exercício contínuo da consciência.



A psicóloga e socióloga Ercília Gonçalves, referência nacional em terapia sistêmica, apresenta o livro 'Do pé de araçá às leis do amor': "A Constelação não fecha, ela alarga. Cura como o ato de consentir a realidade tal como ela é, amorosa, contraditória, imperfeita"

O araçá como confidente simbólico

No centro da narrativa, está o pé de araçá — árvore comum na Mata Atlântica, pouco conhecida por muitos, mas carregada de simbolismo para a autora. A planta, segundo Ercília, nasceu espontaneamente nas proximidades de sua casa de infância, em um vilarejo rural: "Talvez um pássaro tenha deixado a semente. Talvez tenha sido o próprio destino. Fato é que aquele pé de araçá cresceu como testemunha silenciosa das minhas primeiras experiências com o mundo".

A autora descreveu o fruto como espirituoso e doce ao mesmo tempo, metáfora que se repete ao longo da obra como imagem da travessia entre delicadeza e profundidade. O araçá se torna confidente, e a escrita se estabelece como instrumento para nomear vivências, subjetividades e aprendizados que transbordam a autobiografia.

Uma travessia entre o pessoal e o sistêmico

A obra propõe um olhar que conecta a narrativa pessoal ao campo das Constelações Familiares Sistêmicas. A escrita em primeira pessoa se articula com o pensamento teórico, sem perder a dimensão afetiva: "Esse livro nasceu do meu desejo de compartilhar as confidências do meu percurso, que é também o território do meu fazer clínico, acadêmico e existencial".

Ao conjugar vida e teoria, a autora tece um caminho que transita entre o microcosmo da experiência individual e as leis universais que sustentam a visão sistêmica. O livro assume, assim, um caráter reflexivo e formativo, ao mesmo tempo íntimo e coletivo.

A biografia como alicerce para construção do pensamento

Em continuidade à conversa, a mediadora Yolanda Freire ressaltou a singularidade da obra de Ercília Gonçalves ao entrelaçar narrativa autobiográfica e elaboração conceitual. Destacou que o livro não apenas apresenta uma história pessoal, mas constrói, a partir dela, um campo de pensamento profundamente alinhado às Constelações Familiares Sistêmicas.

"**A escrita nasce da vida e se transforma em conhecimento**. O **seu livro propõe um caminho que** *não separa vivência de teoria*. Ao contrário, **a biografia sustenta os conceitos com a força** *de quem atravessou o que escreve*" (Yolanda Freire)

Ao retomar a imagem do desnudar-se, já mencionada por Ercília, a mediadora trouxe uma analogia simbólica extraída do tarô: a carta da Estrela.

Segundo Yolanda, a imagem da mulher despida, a derramar água sobre a terra seca e sobre o curso do rio, evoca o gesto da autora: "Uma escrita que rega o solo da escuta e alimenta o fluxo da memória. Uma água elaborada, que passou por tempo e cuidado."



A psicóloga e consteladora Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Teoria do CECS, conduziu a mediação do evento com escuta sensível: "'Do pé de araçá às leis do amor' é um presente para todos nós, especialmente para os associados e associadas que caminham com o CECS na sustentação deste espaço de saber, cuidado e pertencimento"

A citação como costura de saberes

A mediadora fez referência ao uso das citações no livro, ao destacar a forma como Ercília as insere com equilíbrio e propósito.

"As citações aparecem como um fio delicado. Não como demonstração de erudição, mas como parte da tessitura que dá corpo à narrativa", apontou.

Yolanda mencionou que, ao folhear o livro, surpreendeu-se inicialmente com a quantidade de autores citados, mas logo percebeu que cada referência ocupava um lugar coerente dentro da estrutura da obra: "Não são fragmentos soltos. Cada citação conduz o leitor com leveza e precisão, como quem oferece não um conceito, mas uma vivência tecida com palavras."

Yolanda preparou a transição para a próxima fala de Ercília, referindo-se à personagem simbólica da "menina" presente no texto, e convidou a autora a compartilhar o relato sobre o processo de criação do livro — o "parto" da obra.

Yolanda Freire compartilhou com o público um dos trechos mais simbólicos e sensíveis da obra 'Do pé de araçá às leis do amor'. A passagem, escrita como um diálogo íntimo com a própria criança interior, revela o tom terapêutico e reconstrutivo que atravessa todo o livro. Em tom de invocação amorosa, a autora se dirige à sua "pequena", oferecendo presença, acolhimento e permanência.

"Minha pequena, venha, eu te vejo. O vento está forte, mas ele vai passar." Assim se inicia a invocação, que caminha entre a escuta e o afeto. A autora apresenta uma consciência madura que reconhece a vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, oferece sustento: "Sinta minha mão segurando a tua. Pode sentir o meu pulsar. E eu sinto o teu pulsar. Agora estamos rítmicas."

O texto reflete um movimento de reconexão e pertencimento, onde a dor se encontra com o cuidado: "Seguimos, vou cuidar de ti, minha pequena, e vou derramar em ti todo o meu amor." A tempestade simboliza o trauma ou o sofrimento atravessado, mas há promessa de amanhecer: "A noite anoitece, e daqui a pouco será meia-noite. Daí pra frente vai clarear."

O trecho integra poesia, psicologia e espiritualidade num só corpo. A reconciliação com a criança ferida é conduzida com suavidade: "Tu és essa parte de mim que escapa de mim e só tem sossego quando voltas até mim." A voz narrativa assume a responsabilidade de cuidar e proteger: "Nunca irei te abandonar, tu sabes. Estás em mãos seguras."

Yolanda destacou o valor simbólico e terapêutico desse trecho ao lê-lo com emoção e respeito. A autora transforma o gesto literário em um ato de integração e cuidado interno ao ofertar ao leitor não apenas a beleza estética do texto, mas também uma proposta de cura a partir da escuta profunda de si.

Feridas simbólicas e caminhos de cura

Ercília Gonçalves, na sequência, pontuou sobre potência curativa do contato com a própria criança interior. Segundo ela, o trecho lido por Yolanda Freire evocou imagens internas de vulnerabilidade e de cuidado: "Carregamos essa criança desvalida, abandonada, ferida. Em muitas situações, nos cabe dialogar com essa parte infantil ainda desprotegida".

Foi desse lugar existencial que emergiu o livro 'Do pé de araçá às leis do amor'. A autora contou que a obra nasceu em um momento de atravessamento emocional profundo, e escrita se deu de modo inesperado: "Sou uma pessoa irremediavelmente poética. Vejo poesia na vida e no entorno. Isso me ajuda a atravessar as dificuldades com mais assentimento e a reconhecer, com esperança, os momentos bons".

Gestado **por mais de 20 anos**, o livro teve o **primeiro capítulo iniciado em 2001.** Intitulado *'Minha história e meus recursos',* **esse texto inicial abriu caminho para os demais**, que só foram finalizados em 2023: *"Esse livro só poderia nascer quando eu estivesse sentada na minha cadeira de avó. Foi quando minhas netas chegaram que entendi o tempo certo da obra"*, revela Ercília Gonçalves

Ercília explicou que a escolha pela escrita em primeira pessoa foi intencional. Atravessou seu próprio sistema familiar e precisou lidar com segredos transgeracionais. "Na concepção sistêmica, o segredo é aquilo que todos sabem, mas não pode ser falado", disse. A autora admitiu receios ao abordar aspectos delicados de sua história, mas relatou que seu sistema familiar acolheu positivamente a obra.

Nesse percurso autobiográfico, ela revisitou sua genealogia. Descobriu, por exemplo, que sua existência está ligada a um evento histórico: a Guerra do Paraguai. Seu bisavô, convocado para o conflito, casou-se para evitar o alistamento militar, e dois meses depois a guerra terminou. "Esse foi o incidente internacional que me deu a graça da vida", brincou.

Modelo sistêmico e integração de saberes

Na segunda parte da obra, Ercília introduz conceitos centrais das Constelações. Segundo ela, o pensamento sistêmico representou um divisor de águas em sua forma de perceber o mundo e conduzir a própria existência. Ao ampliar a consciência, conseguiu tratar de temas que, até então, permaneciam como contabilidades emocionais em aberto.



A autora afirma que a família é um "santuário de laços e nós". Por isso, muitas vezes, é preciso transgredir certas lealdades invisíveis para libertar-se e reestruturar a própria identidade. Inspirada por autores como o rabino Newton Bonder, ela convida o leitor a fazer perguntas fundamentais: sobre o nome que recebeu, as origens, as histórias por trás de escolhas. "Nosso nome é nossa identidade. Carrega uma história e as expectativas do nosso sistema", afirmou.

O livro, composto por quinze capítulos, apresenta um formato interativo. Propõe reflexões, questionamentos e convites ao leitor para que também revisite sua própria história.

A autora menciona que suas numerosas citações não são meramente ornamentais. Elas resultam de diálogos profundos com pensadores e pensadoras que influenciaram seu percurso.

"*Meu hobby é a leitura.* Converso com os autores, discuto com eles, e trago das nossas trocas algumas lembranças. **Que o meu pé de araçá convide o seu pé de araçá para dançar. Que seja uma dança** *com ritmo próprio e muitas coreografias*" (Ercília Gonçalves)

A psicóloga Yolanda Freire retomou a conversa ao destacar que a obra alcança um ponto raro de equilíbrio entre narrativa autobiográfica, literatura e teoria — traço potencializado pela construção do diálogo com grandes nomes da cultura e do pensamento universal.

Yolanda salientou que o leitor se sente inserido numa roda de conversa com nomes como Violeta Parra, Fernando Pessoa e T. S. Eliot, costurados com precisão à voz pessoal da autora. "É como se estivéssemos a tomar um café, com bolo de milho e pão de queijo, em um encontro mineiramente afetuoso com esses autores e suas ideias", comentou, de forma bem-humorada.

Ao valorizar a qualidade das citações e a organicidade entre pensamento e emoção, a mediadora leu um trecho específico da obra, que, segundo ela, expressa com clareza o olhar das Constelações Familiares sobre os vínculos, os deslocamentos simbólicos e as histórias herdadas de forma inconsciente:

"Os passageiros do trem, nossos antepassados, permanecem em nós de alguma maneira, e assim a construção de nossas narrativas é sempre recheada de muitas outras que fizeram parte da viagem".

A imagem do "trem da existência" funciona, nesse contexto, como uma poderosa metáfora sistêmica. Ela expõe o modo como ocupamos lugares herdados e carregamos bagagens simbólicas que, por vezes, não nos pertencem.

Ao trazer essa abordagem de forma poética e pedagógica, Ercília oferece ao leitor a possibilidade de um deslocamento de consciência, que permite ver com mais clareza os vínculos entre destinos familiares, repetições e possibilidades de escolha.

Assentos simbólicos e revisitações familiares

Em resposta à leitura da mediadora, Ercília Gonçalves destacou a metáfora do trem como uma representação potente das vivências familiares e das heranças emocionais inconscientes. "Todos, em algum momento da vida, ocupamos assentos que não nos pertencem. É preciso consciência para identificar esses lugares e devolvê-los a quem de direito — com respeito e amorosidade", refletiu.

A autora associou essa ideia à ampliação da consciência e à importância de revisitar, com maturidade, o próprio sistema familiar. Para Ercília, o livro 'Do pé de araçá às leis do amor' convida o leitor a realizar esse retorno simbólico às origens.

"Esse gesto de voltar à família de origem não busca condenar ou reviver dores, mas sim libertar. Libertar-se de padrões herdados, de lealdades invisíveis, de expectativas não ditas que moldam, silenciosamente, nossos caminhos", afirmou.

Ercília também pontuou que sua caminhada, cada vez mais espiritualizada, passou a ser atravessada por uma percepção ampliada da vida e do pertencimento: "Somos poeiras das estrelas. Tudo o que está fora também está em nós. Essa conexão nos chama à compaixão, à revisão de posturas, à escolha por uma escuta mais profunda da vida."

A autora destacou a influência do pensamento do psiquiatra húngaro-americano Iván Böszörményi-Nagy, fundador da terapia familiar contextual, ao refletir sobre os "livros de contabilidade invisíveis" que carregamos dentro dos vínculos familiares: "Nem sempre vivemos como gostaríamos, mas como fomos inscritos nesses sistemas. Tomar consciência disso liberta. Cura."

Segundo Ercília Gonçalves, **o pensamento sistêmico representou um divisor de águas em sua prática clínica**: "Passei a *ver com mais nitidez os entrelaçamentos*, a *abrir e fechar focos com mais precisão.* Mas *foi com as Constelações Familiares que esse olhar encontrou completude*. Elas **trouxeram um brilho novo ao meu trabalho, e à minha vida"**

Ao comentar o impacto das Constelações Familiares em sua trajetória pessoal e profissional, Ercília reforçou a importância de viver aquilo que se propõe a estudar ou ensinar: "Teoria sem vivência é letra morta. Nenhum livro será útil se não passar primeiro pelo nosso corpo e pela nossa história."

Ela sublinhou que o processo terapêutico não alcança um fim definitivo, mas exige compromisso contínuo com a própria evolução: "A Constelação não fecha, ela alarga. Cura como o ato de consentir a realidade tal como ela é: amorosa, contraditória, imperfeita". Ao citar Franz Kafka, um dos escritores mais influentes do século XX, que dizia que um livro deve ser "um machado para o mar congelado dentro de nós", Ercília resumiu o desejo que impulsionou sua escrita: "É esse o espírito que habita o meu livro."

Livro traduzido para o inglês

Ercília compartilhou outro aspecto pessoal de grande significado: o livro foi traduzido para o inglês, numa tiragem reduzida, como um gesto de afeto para as netas que vivem fora do Brasil. "Elas não dominam o português. Senti que precisava entregar a elas essa parte da minha história. Isso é legado. Isso é continuidade."

Ela reiterou que a obra não é apenas uma construção teórica ou uma narrativa autobiográfica.

É também um presente às gerações futuras: "Sou continuidade por meio delas. Este livro também é uma forma de me manter presente no futuro da minha linhagem."

O casal como ponto de transição

Ao comentar a estrutura da obra 'Do pé de araçá às leis do amor', Yolanda Freire destacou a escolha da autora por dedicar dois capítulos à formação do casal e à transição entre o amor romântico e os desafios relacionais cotidianos. Para a mediadora, essa opção reflete a preocupação em oferecer uma leitura generosa e realista sobre os vínculos afetivos contemporâneos.

Segundo Yolanda, a narrativa percorre com profundidade os processos formativos da vida a dois — desde o encantamento inicial até os desafios de sustentar um projeto comum ao longo do tempo: "Ercília propõe uma escuta sobre o que nos move em direção ao outro, mas também sobre aquilo que se repete nas relações, sobre os padrões que se instalam silenciosamente e sobre a possibilidade de superá-los com consciência."

Ela salientou que o livro estabelece um diálogo direto com as novas gerações, ao abordar as transições que envolvem o casal e a família a partir de um olhar sistêmico: "Trata-se de um conteúdo que nem sempre nos foi ensinado, mas que pode ser profundamente transformador para quem deseja romper com repetições inconscientes."

Yolanda também observou a progressão narrativa da obra, que parte da história familiar e alcança, ao longo dos capítulos, o olhar sobre o indivíduo e suas mitologias internas. Para ela, Ercília conduz o leitor por um percurso que inclui as lealdades herdadas, os mitos pessoais que estruturam o comportamento e as escolhas que surgem à luz do autoconhecimento.

"Há um convite constante à autorreflexão. O livro propõe que o leitor questione qual nome carrega, quais histórias o atravessam, que tipo de amor se repete e a quem, ainda que inconscientemente, permanece leal", destacou.

Na parte final da análise, Yolanda apontou o papel simbólico da avó, figura que Ercília ocupa de forma ativa e reflexiva em sua obra. Para ela, a autora se inscreve no arquétipo da anciã — aquela que, ao olhar para o passado com ternura e lucidez, transforma a trajetória pessoal em um bem coletivo.

"A avó que escreve é também a conselheira. Ela não oferece apenas a memória, mas a prática. A prática da escuta, do cuidado, da presença. Cada capítulo carrega a experiência clínica de uma terapeuta que não teoriza de longe, mas que mergulhou na complexidade das relações humanas", pontuou.

A mediadora concluiu ao afirmar o que a autora entrelaça com rara precisão a história pessoal com os aportes teóricos das Constelações Familiares Sistêmicas e da psicoterapia, ao construir uma obra que ensina, emociona e acolhe.

A terra, a infância e o sagrado feminino

Ao rememorar a origem rural, Ercília Gonçalves traçou uma conexão poética com a natureza. A psicóloga e socióloga revelou que sua alma camponesa moldou profundamente a visão de mundo e de cuidado: "Minha placenta foi enterrada aos pés de uma roseira branca. Por anos, observei aquele arbusto florescer. Talvez por isso, nunca me desvencilhei do encantamento que a natureza exerce sobre mim".

Ercília também evocou as imagens femininas que a cercaram na infância: benzedeiras, curandeiras, mulheres de saias rodadas com ramos sobre as orelhas, carregadas de saberes ancestrais.

Para ela, essas figuras não apenas representavam um modo de viver, mas fundaram um campo simbólico onde espiritualidade, corpo e comunidade coexistiam em harmonia: “A prática da benzeção me ensinou que há sabedoria no invisível. Hoje, entendo como essas práticas são integrativas e fundamentais.”

O legado ancestral e o desejo de partilha

Em um mergulho antropológico, Ercília reconheceu no passado dos povos primitivos um alicerce comum à humanidade. Fogueiras, cantos, tambores, invocações — imagens que remetem à busca por proteção, transcendência e pertencimento. “Tudo isso sempre me intrigou. A antropologia é um chamado para mim. Busco compreender como os antigos lidavam com o medo, com o erro e com o sagrado. Há muita beleza nessa escuta”, refletiu.

A autora concluiu a fala ao evocar o tempo necessário para amadurecer a obra. Lembrou que a gestação de ‘Do pé de araçá às leis do amor’ atravessou mais de duas décadas e que o livro só pôde nascer quando ela compreendeu sua missão como testemunha de uma experiência vivida.

“Tudo tem seu tempo. A obra só se revelou inteira quando eu já ocupava o lugar de avó. Hoje, tenho clareza de que o livro é um legado. Não se trata apenas de narrar minha história, mas de abrir caminhos. Porque o céu não é perto para ninguém. Nada vem sem esforço. Mas há sempre ‘patoazinhos’ — pequenas forças ocultas — que nos ajudam a chegar aonde precisamos chegar”, afirmou.

Ao **entrelaçar a experiência pessoal com os saberes que reuniu ao longo da jornada**, Ercília Gonçalves reforçou o *sentido do livro como ferramenta de partilha*. Para ela, o **gesto de publicar é, acima de tudo, um convite à troca**: *“Quero ouvir o leitor. Quero saber o que ele sentiu. É nesse encontro de histórias que encontramos potência”*

A travessia do livro como prática integrativa

Na continuidade do encontro, a mediadora Yolanda Freire destacou a confluência entre as múltiplas dimensões que atravessam a obra de Ercília Gonçalves. Para ela, o livro se constrói na intersecção entre ciência e sensibilidade, resultado da escuta refinada de quem transita, com naturalidade, entre os campos da psicologia e da sociologia. "É um trabalho que combina teoria, prática clínica e poesia cotidiana. A escrita de Ercília realiza um processo de limpeza simbólica — quase como uma faxina da alma — capaz de dissolver antigos mitos e atualizar narrativas que pesam na experiência das famílias e dos indivíduos", afirmou.

Yolanda chamou atenção para a solidez com que a autora aborda temas como transgeracionalidade, epigenética e as Leis do Amor propostas por Bert Hellinger, inserindo-os no contexto de uma visão sistêmica complexa. Para ela, Ercília oferece uma leitura sensível e acessível de temas profundos, sem renunciar ao rigor. "O livro exige de nós a coragem de encarar não só a nossa existência singular, mas o trem do qual fazemos parte — com suas bagagens trocadas, histórias herdadas e destinos inconscientes. Ler Ercília é também aprender a identificar o que carregamos por nós e o que deve retornar a quem de direito", apontou.

Ao se referir aos capítulos finais da obra, Yolanda valorizou o espaço dedicado à supervisão clínica, frequentemente ausente nas reflexões públicas sobre terapia. Segundo ela, a autora amplia o olhar sobre o processo terapêutico ao incluir o papel fundamental da escuta supervisionada.

"Ercília nos lembra que o processo de formação de um terapeuta não se encerra na técnica. É na supervisão — esse espaço ético e generoso — que o olhar se refina, que a escuta amadurece, que as intervenções ganham precisão e responsabilidade. É um ponto alto do livro, sobretudo por tratar de um tema tão pouco debatido, mas essencial na prática clínica sistêmica", avaliou.



A educadora e terapeuta Selma Horta expressou emoção ao ouvir a leitura de trecho do livro 'Do pé de araçá às leis do amor': em tom de gratidão, destacou a sensibilidade do conteúdo e a relevância do trabalho apresentado

Supervisão e fractais: a clínica como lugar de poesia e repetição

Ercília Gonçalves compartilhou, ao longo do encontro, reflexões sobre sua experiência com grupos de supervisão clínica, especialmente a partir de sua trajetória formativa junto à também terapeuta Adriana Aguilar. Por anos, ambas conduziram cursos voltados à abordagem sistêmica das relações familiares e conjugais, até que, em determinado momento, a vida — como ela própria define — "convida a entrar para o baile e, depois, a sair dele". Com o encerramento do ciclo de cursos, vieram novos chamados. Colegas da área clínica passaram a procurá-la com o desejo de aprofundar o olhar sistêmico em suas práticas profissionais, o que motivou a criação de um espaço singular: o Grupo de Supervisão Poesia dos Fractais.

Inspirado na teoria dos fractais, o grupo tomou forma como proposta teórico-vivencial. "Os fractais sempre me fascinaram. Essa ideia de que o todo está na parte e a parte está no todo — como acontece com um galho de samambaia ou uma flor do brócolis — me parece profundamente compatível com o pensamento sistêmico", explicou a autora. Para ela, cada indivíduo representa um fractal de seu sistema familiar: uma repetição singular, mas inseparável do conjunto.

Ao longo de cinco anos, entre 2018 e 2023, Ercília manteve o grupo ativo em encontros quinzenais, nos quais as experiências clínicas compartilhadas geravam novas camadas de reflexão sobre padrões transgeracionais, repetições inconscientes e o campo das sincronicidades — especialmente aquelas que se manifestam em datas significativas, como propõe a psicogenealogia de matriz francesa.

"O trabalho com a supervisão foi arrebatador. Os casos clínicos nos permitiam dialogar com o que há de mais profundo no olhar sistêmico, e cada supervisando trazia algo que também me convocava a rever minha própria trajetória", afirmou. Ela associou a experiência à sua contínua prática na clínica individual e familiar, nunca interrompida, e ressaltou o quanto esse espaço de escuta e construção conjunta a impulsionou a pesquisar e integrar saberes diversos.

Ao finalizar o relato, Ercília declarou que fez questão de incluir essa experiência no livro 'Do pé de araçá às leis do amor'. Para ela, o livro representa uma tentativa de se retratar — consigo mesma, com os sistemas familiares que acompanhou ao longo de décadas e, de forma mais ampla, com a própria humanidade.

“Essa era a minha ideia: **compor uma obra que acolhesse a diversidade de histórias, dores, curas e movimentos possíveis** *dentro dos vínculos humanos*” (Ercília Gonçalves)

Para a terapeuta Ercília Gonçalves, compreender as leis do amor não foi um aprendizado imediato. Segundo ela, trata-se de um processo contínuo, construído no tempo e no contato cotidiano com as histórias humanas. “A gente aprende todo dia. E o que sustenta minha prática clínica está justamente no pé dessas três leis”, afirmou, referindo-se aos princípios enunciados por Bert Hellinger: pertencimento, hierarquia e equilíbrio nas trocas.

Ercília observa que grande parte do sofrimento psíquico, como ela testemunha em décadas de clínica, emerge do desrespeito a essas leis fundamentais que regem os vínculos humanos. “As pessoas adoecem quando as leis são violadas. Isso vale para todas as relações, em qualquer lugar ou contexto. É algo profundamente belo e coerente. Não há como negar”, declarou. A autora reconhece que Bert Hellinger teve a genialidade de organizar e expressar com clareza ideias essenciais que, embora visíveis no cotidiano, costumavam passar despercebidas:

“Ele conseguiu reunir conceitos poderosos em poucas palavras. É uma síntese que nos desafia a olhar para aquilo que sempre esteve diante de nós.”

Ao escrever ‘Do pé de araçá às leis do amor’, Ercília não imaginava que daria forma pública a esse processo tão íntimo. O livro, segundo ela, representou também uma jornada de reconexão com os próprios antepassados, um movimento de reconhecimento e inclusão dos erros herdados.

“Eu revisitei meus pais, meus avós. Descobri que há muitos erros dentro de nós e que precisamos nos apresentar a eles. Alguns confundem, mas precisam estar ali, mesmo que na plateia. De tempos em tempos, um desses erros precisa subir ao palco, dançar conosco, e depois voltar ao seu lugar para que possamos ficar de pé”, explicou.

A poética dos eus e a ancestralidade como guia

A mediadora Yolanda Freire lançou um convite à escuta e ao diálogo com o público ao destacar a potência do livro 'Do pé de araçá às leis do amor' como uma obra que transita entre a clínica, a memória e a poesia.

Yolanda retomou um dos temas centrais da obra — a relação com os erros, os equívocos e os personagens internos que compõem a identidade de cada sujeito. "Quantos erros nós carregamos dentro de nós? Quantos deles somos?", questionou, antes de introduzir mais uma peça poética de Ercília Gonçalves.



A consultora Vanir Manhães, especializada em gestão de pessoas e processos, expressou gratidão e admiração pela abordagem da autora: "Quero agradecer profundamente. Ainda não li o livro, mas me comprometi a fazê-lo. As conexões que Ercília constrói são belíssimas"

Na leitura, ela deu voz ao poema 'Quantos erros', que figura entre os textos autorais presentes na obra. Yolanda elogiou a escrita de Ercília: "Querida, gratidão por trazer tantos eus lindos para nós. Seu livro é rico, especial. Eu me sinto honrada por tê-lo lido e recebido em meu coração", declarou.

Reconhecimento e gratidão

Durante o encerramento do encontro, a educadora e terapeuta Selma Horta expressou emoção ao ouvir a leitura do trecho final da obra. Em tom de gratidão, destacou a sensibilidade do conteúdo e a relevância do trabalho apresentado.

"Fiquei profundamente emocionada com a leitura. Quero conhecer a obra na íntegra, sem dúvida. Selma também agradeceu a abertura do espaço de partilha e escuta: "É uma alegria estar aqui. Gratidão profunda por colocar esse espaço à disposição de todos nós."

A força emocional da escrita

A historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos do CECS Rosângela Ferreira destacou a força emocional da escrita de Ercília Gonçalves e a forma como sua obra promove uma tessitura simbólica entre experiências vividas, aprendizados e afetos.

"Mais do que sentir nas palavras, é possível ver a emoção que Ercília inscreve em cada trecho da sua jornada. Ao ler o livro e depois conhecê-la pessoalmente, percebi como essa narrativa se constrói com delicadeza e inteireza. Não se trata apenas de um produto, mas de um processo profundo de diálogo entre eus, dores, amores e partilhas", afirmou.

Para Rosângela, o que torna a obra singular é sua capacidade de integrar, e não fragmentar: "Há uma presença sensível que costura os momentos, dá sentido a cada parte e constrói, de fato, uma jornada com integridade. Não se trata de capítulos isolados, mas de uma travessia que une o vivido e o pensado."

Ao final, resumiu sua percepção com uma imagem: "É lindo testemunhar essa integridade ao longo da escrita e da vida da autora — como a sombra de um araçá que acompanha, acolhe e dá forma."

Novas lentes para o mundo

A consultora Vanir Manhães, especializada em gestão de pessoas e processos, expressou gratidão e admiração pela abordagem da autora, ao mesmo tempo em que compartilhou uma reflexão pessoal despertada pela conversa.

"Quero agradecer profundamente. Ainda não li o livro, mas me comprometi a fazê-lo. As conexões que Ercília constrói são belíssimas", afirmou. Com emoção, Vanir destacou o vínculo afetivo que mantém com Minas Gerais: "É um lugar muito especial. Fui casada com um mineiro, tenho um filho meio mineiro. Tenho um carinho imenso por essa terra."

Na sequência, formulou uma pergunta que se desdobrou em reflexão: "Fiquei curiosa para saber quando o pensamento sistêmico entrou em sua vida. Foi no início da jornada? Ou já na prática profissional?"

Em sua fala, destacou a transformação que experimentou ao tomar contato com a abordagem: "Para mim, fez tanto sentido. O pensamento sistêmico oferece novas lentes para enxergar o mundo. É realmente algo extraordinário."

A origem do olhar sistêmico

Em resposta à pergunta da consultora Vanir Manhães, a autora Ercília Gonçalves narrou como se deu a aproximação com o pensamento sistêmico. Segundo ela, esse encontro transformou profundamente sua trajetória pessoal e profissional.

"A psicologia foi minha segunda graduação. Já na reta final do curso, me vi completamente fascinada pelo pensamento sistêmico", afirmou.

Na mesma época, sua colega e amiga Adriana Aguilar também iniciava esse percurso. "Decidimos buscar uma formação sólida, que fosse além de cursos pontuais", contou. As duas ingressaram na EquipSIS, instituição sediada em Belo Horizonte.

Ercília citou o escritor Guimarães Rosa para expressar o impacto dessa travessia: "Foi um acidente de percurso, mas foi o que salvou a minha alma". Desde então, há quase três décadas, ela mantém a coerência entre prática profissional e vida pessoal.

"**O pensamento sistêmico orienta minha conduta** *em casa, com meus filhos, com meu marido*. Se não houver **essa vivência cotidiana**, não faz sentido levá-lo a mais ninguém. *Trata-se de um modo de viver*" (Ercília Gonçalves)

Durante a live de lançamento da obra 'Pé de Araçá – As Leis do Amor', a psicóloga e terapeuta sistêmica Adriana Aguilar, criadora do Método DPS (Desenvolvimento de Posturas Sistêmicas), participou com uma fala marcada pela afetividade e reconhecimento mútuo.

"Ercília é uma irmã de vida", afirmou. Segundo Adriana, muitas das histórias narradas foram vividas pelas duas, lado a lado. "Esse livro também foi gestado na nossa amizade. Há nele muito do que construímos juntas", completou.

Adriana foi responsável pelo prefácio da obra e destacou a amplitude dos talentos de Ercília: "Ela escreve, pinta, borda, costura ideias e sentimentos com maestria". Para ela, acompanhar o impacto do livro nas pessoas e escutar os comentários dos leitores equivale a receber um presente. "Tomo para mim um pouco da autoria dessa obra, não do texto, mas das experiências que a construíram."

Histórias tão intensamente mineiras

A atriz, escritora e facilitadora de Constelação Familiar pela abordagem TSFI (Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa), Ingra Lyberato, expressou profundo envolvimento com os relatos.

“Estou me sentindo privilegiada por essa escuta. Estar aqui, em Minas Gerais, ouvindo histórias tão intensamente mineiras, com essa textura emocional tão própria, é uma experiência curativa”, afirmou.

Ao destacar o traço visceral das histórias familiares mineiras, a atriz afirmou reconhecer nesse repertório não apenas dramas individuais, mas expressões profundas da formação do Brasil: “Sou baiana, venho de outra linhagem igualmente rica, mas percebo em Minas uma densidade que me toca de forma muito especial. Há algo aqui que revela camadas profundas da alma brasileira.”

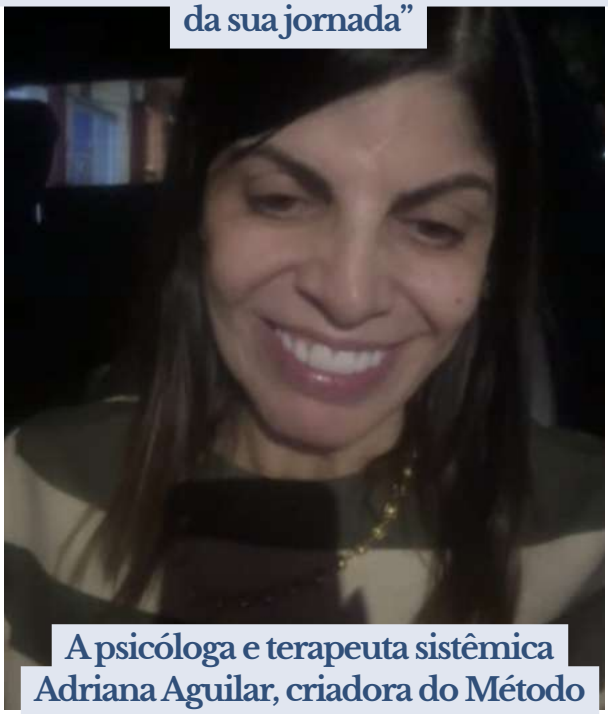
Ingra encerrou a participação com um agradecimento emocionado à leitura realizada por Yolanda Freire durante a transmissão. “Fui tocada pela sensibilidade da leitura e pela delicadeza com que os trechos foram trazidos. Sinto-me verdadeiramente presenteada.”

Encerramento: parto, partilha e reconhecimento

Ao final da live sobre a obra ‘Do pé de araçá às leis do amor’, a mediadora Yolanda Freire realizou um agradecimento emocionado e reflexivo, ao destacar a importância do espaço de escuta, leitura e partilha promovido pelo encontro.



A historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos do CECS Rosângela Ferreira destacou a força emocional da escrita de Ercília Gonçalves e a forma como sua obra promove uma tessitura simbólica entre experiências vividas, aprendizados e afetos: “Mais do que sentir nas palavras, é possível ver a emoção que ela inscreve em cada trecho da sua jornada”



A psicóloga e terapeuta sistêmica Adriana Aguilar, criadora do Método DPS (Desenvolvimento de Posturas Sistêmicas): “Esse livro também foi gestado na nossa amizade. Há nele muito do que construímos juntas”



A atriz, escritora e facilitadora de Constelação Familiar pela abordagem TSFI (Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa), Ingra Lyberato: "Fui tocada pela sensibilidade da leitura e pela delicadeza com que os trechos foram trazidos. Sinto-me verdadeiramente presenteada"

"Ler um livro é participar de um parto. Há entrega, dedicação e uma partilha que exige coragem. Cada livro carrega o presente singular de quem o escreveu", afirmou.

Yolanda destacou que o encontro com a leitura é sempre múltiplo: por vezes, a afinidade se dá com o conteúdo; em outras, com a forma ou o olhar técnico. "O mais enriquecedor é poder acolher essa diversidade, essa multiplicidade de vozes, estilos e experiências", completou.

Dirigindo-se à autora Ercília Gonçalves, Yolanda expressou gratidão pela confiança no projeto e por compartilhar sua obra com o grupo.

A mediadora finalizou com um agradecimento ao público e ao Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas, que sustenta o espaço de encontros autorais.

"É um espaço que existe para combater a desinformação e o preconceito, para mostrar que se trata de um trabalho inclusivo, generoso e sério. Isso nos honra. Gratidão imensa a todas e todos. Que possamos nos reencontrar nos próximos eventos do Autoria", concluiu Yolanda Freire. **(Texto publicado no dia 27 de outubro de 2025 e atualizado em 20 de janeiro de 2026)**

A doença como expressão do inconsciente sistêmico: Dagmar Ramos inaugura projeto CECS Constela *com abordagem fenomenológica dos sintomas*

CECS dá início a **encontros on-line mensais voltados à prática, à reflexão e à formação continuada de profissionais da abordagem sistêmica**. Segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, **médica apresenta tema Sintomas e Doenças.** *"O corpo fala o que a consciência ainda não consegue nomear"*, afirma. Para diretora de Eventos, historiadora, jornalista e psicanalista **Rosângela Ferreira, que coordenou a abertura**, *"a Constelação revela o invisível e transforma os vínculos"*

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) iniciou, no dia 30 de outubro de 2025, um novo projeto voltado ao fortalecimento da prática e da formação continuada dos associados: os Encontros On-line de Constelação. O CECS Constela é um espaço de troca, aprendizado e vivência para profissionais e interessados na abordagem sistêmica.

O projeto realiza **encontros mensais pela plataforma Zoom, conduzidos por associados experientes** que, *de forma voluntária*, **compartilham conhecimento e prática com a comunidade**

Cada edição é conduzida por um facilitador convidado, a fim de proporcionar aos participantes a experiência direta da Constelação — seja como observadores, representantes ou constelados escolhidos pelo campo.

A estreia contou com a condução da médica psiquiatra e homeopata Dagmar Ramos, presidente do CECS, especialista em Medicina Preventiva e Social.

O tema central foi "Sintomas e Doenças": olhar sistêmico sobre o corpo, a saúde e as manifestações físicas como expressões de dinâmicas familiares inconscientes. A prática ao vivo abordou um caso de vitiligo, ao demonstrar o uso do campo sistêmico como ferramenta de escuta e transformação.

Um espaço de prática, reflexão e aprimoramento

A abertura da primeira edição do CECS Constela foi realizada pela historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos da instituição, Rosângela Ferreira, que destacou a relevância acadêmica e formativa do novo ciclo iniciado.

"Trata-se de um espaço criado para fomentar o desenvolvimento dos associados e fortalecer o aprendizado prático e contínuo. A proposta visa ampliar a integração da comunidade do CECS, ao promover reflexão e observação dos trabalhos desenvolvidos por outros profissionais. Essa vivência permite aprender com os colegas e enriquecer a própria atuação clínica e sistêmica", afirmou Rosângela.



Participantes durante abertura do CECS Constela, nova iniciativa do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas dedicada à prática, ao intercâmbio e ao aprofundamento da abordagem fenomenológica: encontro marcou o início de um ciclo formativo on-line com foco em sintomas, saúde e dinâmicas familiares.

Segundo ela, os encontros mensais terão entre uma hora e meia e duas horas de duração, sempre com temas definidos, pensados como subsídios para expansão de repertório, aprimoramento técnico e ampliação de olhares sobre questões recorrentes no campo das Constelações Familiares Sistêmicas. Rosângela Ferreira ressaltou a importância do tema de estreia — "Sintomas e Doenças" — diante do contexto global de fortalecimento das práticas integrativas na saúde.

Ela fez referência ao recente Congresso Mundial de Práticas Integrativas promovido pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin), realizado no Rio de Janeiro.

Segundo a diretora, as Constelações Familiares ocupam posição de destaque dentro desse conjunto de práticas e apresentam, cada vez mais, potencial de inserção nos serviços públicos de saúde, como o SUS.

“A Constelação oferece uma perspectiva capaz de identificar e expandir a compreensão dos conflitos internos e relacionais que se manifestam por meio de sintomas, doenças e processos de adoecimento. Isso se expressa tanto nos vínculos familiares quanto no campo físico, onde a saúde revela dimensões invisíveis”, pontuou.

Dagmar Ramos: experiência clínica e liderança sistêmica

A escolha de Dagmar Ramos para conduzir o primeiro encontro foi destacada por Rosângela Ferreira como simbólica e estratégica. A médica possui extensa trajetória na integração da Constelação ao cuidado em saúde, com participação ativa em projetos públicos de práticas integrativas no SUS.

“Sua atuação aliada à saúde e a longa caminhada com as Constelações Sistêmicas a qualificam para abrir essa jornada conosco.

Dagmar trará uma introdução teórica e, na sequência, uma vivência prática. Essa combinação fortalece o propósito do CECS Constela: articular formação e experiência dentro de uma proposta comunitária e colaborativa”, concluiu Rosângela.

Sintomas e doenças: o corpo como expressão do sistema

A médica psiquiatra e homeopata Dagmar Ramos, presidente do CECS, abriu o projeto CECS Constela com uma reflexão sobre o papel dos sintomas e das doenças no contexto das Constelações Familiares Sistêmicas. Em sua fala, destacou que sintomas e doenças representam expressões legítimas do sistema familiar. Atuam como caminhos de busca por equilíbrio.

Segundo Dagmar, essa perspectiva já estava presente nos ensinamentos de Bert Hellinger e ganhou aprofundamento com o trabalho de Gunthard Weber, com quem desenvolveu laços de amizade e colaborou diretamente no primeiro estudo multicêntrico sobre sintomas e doenças. A pesquisa envolveu sete países, duas equipes brasileiras e coordenação alemã de Stephan Hausner.

Dagmar ressaltou que os primeiros estudos científicos sobre Constelações Familiares mostraram justamente a eficácia da abordagem sistêmica em questões relacionadas à saúde. “A doença e o sintoma expressam algo que busca equilíbrio no sistema. O corpo fala o que muitas vezes a consciência ainda não consegue nomear”, afirmou.



Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, médica, psiquiatra e homeopata Dagmar Ramos com trajetória na integração das Constelações Sistêmicas ao cuidado em saúde pública: “A doença e o sintoma expressam algo que busca equilíbrio no sistema”

Com vasta experiência clínica, a médica contou que integrou as Constelações Familiares à sua atuação psiquiátrica. “Sou uma médica homeopata que atua num hospital psiquiátrico, onde introduzi as Constelações com resultados significativos”, relatou. Ressaltou ainda a importância de uma escuta sem julgamentos e de uma postura de presença e compaixão, sem expectativa ou piedade. Para ela, conduzir uma Constelação exige esvaziamento interno. “Aprendi com a homeopatia que precisamos olhar e escutar o paciente sem julgamento. Na Constelação é a mesma postura. A cura não é algo que impomos, mas que pode emergir do campo, se formos fiéis ao método fenomenológico”, afirmou.

Dagmar enfatizou que a condução de uma Constelação de sintomas e doenças requer sensibilidade para reconhecer o momento certo de encerramento. Compartilhou um ensinamento do próprio Weber, que também enfrentou o dilema de querer conduzir o cliente até uma resolução plena.

“Com o tempo, compreendemos que o encerramento acontece no momento de tomada de consciência. Quando o cliente enxerga a dinâmica por trás do sintoma, o trabalho já cumpriu seu papel. A mudança se inicia ali. Como dizia Jakob Schneider, é o momento do ‘aham’. A Constelação não precisa resolver tudo, ela precisa revelar algo essencial”, explicou.

Silêncio, presença e preparação do campo

A médica também abordou a importância da preparação do campo, ao enfatizar que atenção plena, silêncio e presença criam o espaço necessário para que o movimento sistêmico se manifeste. Citou a experiência com práticas de mindfulness como aliadas naturais da abordagem fenomenológica das Constelações.

> "É um *espaço vivo* **onde tudo comunica:** o **corpo**, a **emoção** e a **energia**. *Cuidar do ambiente e do estado interno é cuidar do campo*. **O corpo dos representantes e do cliente indica o que precisa ser visto**" (Dagmar Ramos)

Dagmar destacou a ética como fundamento essencial na condução de Constelações voltadas para sintomas e doenças. "É preciso confiar no movimento da vida, sem interferir com intenções. A atitude interna é de escuta, entrega e respeito."

O sintoma como chamado ao reconhecimento sistêmico

Durante a exposição, Dagmar Ramos abordou a conexão entre sintomas físicos e dinâmicas familiares não reconhecidas. Para ela, histórias interrompidas, lealdades invisíveis e vínculos esquecidos podem se manifestar por meio de doenças e desconfortos corporais.

"Constelar um sintoma é permitir que a vida volte a fluir em seu curso natural. Cada dor pode revelar um pertencimento não reconhecido", afirmou.

Nesse processo, o corpo assume o papel de mensageiro. Segundo a médica, a escuta do corpo amplia o campo de percepção e cria espaço para o surgimento de novas compreensões, essenciais à cura. Imagens utilizadas na apresentação reforçaram esse entendimento simbólico, em apoio à dimensão sensível da prática.

Dagmar destacou a importância da atitude interna do constelador durante o trabalho. Inspirada por aprendizados com o mestre turco Zaman, representado na série da Netflix Another Self, adotou uma prática simples, porém potente: convidar os representantes a fechar os olhos no início da Constelação para acessar um estado mais interno.

Essa mudança sutil impactou sua forma de conduzir. “Não aprendi assim, mas percebi que essa orientação ajuda. O campo responde à presença de quem conduz. A Constelação acontece quando estamos disponíveis para algo maior”, afirmou. Para ela, atenção flutuante, escuta aberta e conexão com o campo são requisitos indispensáveis.

Fundamentos psicocorporais e escolas integrativas

Dagmar compartilhou influências marcantes em sua formação. Mencionou sua trajetória na Escola da Dinâmica Energética do Psiquismo (DEP), onde aprendeu conceitos fundamentais como respiração consciente, percepção flutuante e campos mórficos. “Essa formação me abriu para a psicoterapia e me permitiu compreender que o corpo comunica o que a mente ainda silencia”, observou.

Ela também citou autores como o pensador norte-americano e criador da Psicologia Integral Ken Wilber e o psiquiatra italiano Roberto Assagioli, formulador da Psicossíntese, ao reforçar a importância de abordagens integrativas e transpessoais no trabalho com Constelações Sistêmicas.

Para ela, confiar no tempo do campo, respeitar o fenômeno e sustentar o processo sem invadir são práticas que definem a ética do facilitador.

A metáfora do sino tibetano

Ao concluir a exposição teórica, Dagmar Ramos compartilhou um insight transformador: conduzir uma Constelação é como fazer soar um sino tibetano. Explicou que a mão que sustenta o sino representa o campo; a bacia do sino, o cliente e sua questão; e o bastão que toca o sino, o constelador.

“O **campo precisa de firmeza**, *mas não pode ser rígido*. O **som só se expressa plenamente quando o facilitador confia no movimento** e *se retira no tempo certo*. **A melodia é o processo**, e **o constelador deve saber quando tocar e quando silenciar**”, explicou Dagmar. Essa imagem, presente em seu livro *As Constelações Familiares na Medicina*, ilustra a **delicadeza e a precisão exigidas por essa prática**

Ao final, Dagmar convidou os participantes a apresentar questões objetivas ligadas a sintomas ou doenças, para que uma Constelação pudesse ser conduzida. Reforçou que o critério de escolha seguiria a percepção do campo. “Vamos olhar para essas questões e sentir qual delas se apresenta como mais apropriada para este momento”, afirmou.

Repetição de padrões ou singularidade do campo?

A psicóloga clínica, professora universitária e diretora de ética do CECS, Alzira Cristina da Silva, trouxe à palestra uma questão recorrente entre profissionais da abordagem sistêmica. Em sua fala, questionou Dagmar Ramos, sobre a possibilidade de padrões repetitivos entre determinadas doenças e suas raízes sistêmicas. Citou como exemplo a crença de que certos sintomas, como bipolaridade ou dificuldades financeiras, estariam sempre ligados a eventos específicos no sistema familiar, como assassinatos ou rupturas com figuras parentais.

Alzira propôs uma reflexão crítica: essas associações se repetem de fato em diferentes sistemas ou representam experiências únicas? “Existe repetição nos campos, ou cada sistema mostra uma causa específica?”, indagou.

Dagmar respondeu com base em sua vivência clínica e na experiência acumulada em projetos de pesquisa. Relatou que, no início, também questionava as generalizações feitas por Bert Hellinger. No entanto, com o tempo, reconheceu a profundidade de suas observações. “Doenças psicóticas, como transtornos graves do humor e comportamentos suicidas, quase sempre aparecem vinculadas a episódios de violência no sistema familiar. Isso se confirma amplamente na prática clínica”, afirmou.

Ainda assim, ponderou que a violência está presente em muitos contextos sociais, o que exige cuidado ao interpretar as correlações entre sintomas e eventos transgeracionais. “Nem toda repetição revela uma regra. Cada Constelação traz nuances. É preciso escutar o campo, sem rigidez e sem expectativa”, destacou.

Dagmar compartilhou aprendizados do estudo internacional do qual participou como coordenadora de uma das equipes brasileiras. Um dos temas investigados foi a fibromialgia. Equipes de países como Argentina, México e França também trabalharam com o mesmo foco. Em muitos casos, observou-se a presença de uma dinâmica comum: o movimento interrompido em direção ao pai.

Contudo, a constatação não se sustentou como regra absoluta. Com o tempo, o grupo percebeu que a principal contribuição da pesquisa não estava em encontrar padrões fixos, mas em definir um modelo ético e eficaz para conduzir Constelações com foco em sintomas e doenças.

"A partir dessa experiência, passamos a iniciar as Constelações com representantes para o cliente e para o sintoma. A escuta do que o sintoma comunica orienta os próximos passos", explicou.

Constelar por um familiar: limites e possibilidades

A presidente do CECS, Dagmar Ramos, também respondeu à dúvida de uma participante sobre a viabilidade de constelar por um familiar que não se encontra presente.

Segundo ela, embora em um primeiro momento essa prática fosse desencorajada, hoje já se reconhece sua validade em certos contextos — especialmente quando o cliente direto está impossibilitado de participar, como ocorre em casos psiquiátricos graves.

Relatou sua experiência no hospital onde atua como médica psiquiatra e homeopata, e descreveu como Constelações realizadas com familiares podem produzir efeitos significativos. "Quando uma mãe compreende que o filho carrega algo muito grande, todo o sistema passa a vê-lo com mais respeito e gratidão. Isso muda a forma como lidam com ele. O sintoma não desaparece necessariamente, mas a postura da família transforma o campo", afirmou.

Dagmar **compartilhou um momento vivido** em um congresso internacional na Alemanha, **durante uma Constelação conduzida por um pediatra. Ao final do trabalho, um menino de sete anos agradeceu à irmã mais velha, constelada por depressão**. Disse: *"Obrigado porque você carrega tudo isso. Assim eu posso brincar"*

Para Dagmar, essa cena sintetiza a essência da escuta sistêmica: reconhecer o que está por trás do sintoma, perceber quem sustenta determinada carga e permitir que o sistema se reorganize com mais consciência e amor. “É esse tipo de movimento que dá sentido ao nosso trabalho. A Constelação revela o invisível e transforma os vínculos”, concluiu.

A Constelação como ferramenta de investigação do vitiligo

Na etapa prática do encontro inaugural do CECS Constela, Dagmar Ramos conduziu uma Constelação voltada à investigação sistêmica das possíveis causas de um caso de vitiligo. A escolha do tema emergiu a partir de um relato espontâneo de uma participante, que trouxe a situação do filho, acometido pela afecção cutânea. O campo indicou ressonância coletiva, e o trabalho se desenvolveu a partir daí.

O vitiligo é uma condição dermatológica caracterizada pela despigmentação localizada da pele, de natureza não contagiosa, com etiologia ainda pouco compreendida pela medicina convencional..

Definido clinicamente como uma leucopatia adquirida, o quadro se manifesta por lesões acrômicas causadas pela destruição dos melanócitos, células responsáveis pela síntese de melanina

Embora seja reconhecido como uma doença autoimune, estudos têm demonstrado a influência de fatores psicossomáticos, traumas emocionais e experiências de exclusão em seu desencadeamento e evolução.No campo das Constelações Familiares Sistêmicas, o corpo é visto como uma via de expressão das dinâmicas inconscientes do sistema familiar.

Nesse contexto, o sintoma não aparece como um inimigo a ser combatido, mas como um mensageiro a ser escutado. Ao conduzir a constelação, Dagmar Ramos posicionou representantes para o cliente e para o sintoma, conforme a metodologia desenvolvida no estudo multicêntrico internacional do qual participou como coordenadora. A condução respeitou os princípios fenomenológicos e se manteve ancorada na ética da escuta profunda, sem interpretações apressadas ou intervenções diretivas.

A **condução de Dagmar Ramos**, *ancorada em sua formação médica e sistêmica, integrou ciência, prática e presença*. A **Constelação com foco no vitiligo** mostrou-se, assim, como *um exercício de escuta ampliada* — **do corpo, do campo e das histórias que nele vivem**

Ao final do encontro inaugural do CECS Constela, a historiadora, psicanalista e jornalista Rosângela Ferreira fez considerações finais com a comunidade presente. Em sua fala, destacou a importância dos princípios que conduziram o encontro: presença, escuta profunda, ausência de julgamento e fidelidade ao fenômeno.

Rosângela reconheceu a potência do campo que se formou ao longo do encontro. "É lindo perceber a grandeza do mistério que se revela. A beleza desse campo que nos convida à humildade para ver o que é, não o que gostaríamos que fosse", afirmou.



Rosângela Ferreira, historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de Eventos do CECS, responsável pela coordenação do encontro: "A Constelação revela o invisível e transforma os vínculos"

Para a diretora, o encontro demonstrou a maturidade exigida dos profissionais das Constelações Familiares Sistêmicas, que devem renunciar a hipóteses mentais fixas para acolher as imagens reveladas pelo campo.

"Foi uma vivência profunda, marcada pela entrega sincera de todos. Agradeço à Dagmar pela generosidade e a cada participante pela construção coletiva de um espaço de aprendizado real", concluiu.

A prática como fonte permanente de aprendizado

Em seguida, Dagmar Ramos fez suas palavras de encerramento. Agradeceu a troca ao valorizar a profundidade do trabalho vivenciado e a qualidade do grupo presente.

“Foi uma experiência rica. Toda vez que conduzimos uma Constelação, aprendemos. O campo se abre, e nós lemos o que ele nos mostra. Isso é extraordinário”, disse.

Dagmar reforçou que, embora a experiência com representantes qualificados fortaleça a prática, resultados igualmente potentes ocorrem em contextos mais simples.

Relatou vivências em hospitais públicos com pacientes humildes, muitas vezes leigos, mas profundamente tocados pelos movimentos das Constelações Familiares.

“A sinceridade dessas pessoas provoca movimentos inesperados. Isso tem acontecido em muitos lugares do Brasil, especialmente nas iniciativas vinculadas ao SUS”, afirmou.

Expressou ainda sua alegria pelo início do projeto CECS Constela, ao destacar sua relevância como espaço de formação, troca e vivência da abordagem sistêmica.



Arteterapeuta e docente internacional em Constelações Sistêmicas e Xamanismo, Ricardo Mendes conduziu o encerramento do evento com vocalização meditativa

O momento de encerramento do encontro ficou a cargo do vice-presidente do CECS e diretor de Relações Internacionais, Ricardo Mendes. Arteterapeuta e docente internacional em Constelações Familiares e Xamanismo, conduziu uma breve dinâmica de vocalização coletiva. Com os olhos fechados e as mãos sobre o coração, os participantes foram convidados a entoar um som conjunto, com foco na expansão do campo interno. A proposta visou ancorar as experiências vividas e consolidar o estado de presença.

Ao final, a comunidade expressou um sentimento comum: “Que possamos sair daqui com o coração mais ampliado, mais cheio, mais feliz. E que possamos compartilhar tudo isso com as pessoas à nossa volta.” **(Texto publicado no dia 04 de novembro de 2025 e atualizado em 21 de janeiro de 2026)**

Transtorno do Espectro Autista e vínculos sistêmicos: *a criança como manifestação do campo familiar*

Na live promovida pelo CECS, fonoaudióloga e mestre em Educação Arlete De Gasperin apresenta fundamentos sistêmicos do método que desenvolveu a partir de pesquisa com famílias de crianças com TEA. *"Não se trata de curar o autismo, mas de restaurar o fluxo de vida no sistema familiar"*, destaca

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), por meio do Grupo de Trabalho (GT) Científico, realizou no dia 03 de novembro de 2025 a live “Da ausência à presença – visão sistêmica no autismo”, com a fonoaudióloga e mestre em educação Arlete De Gasperin.

A convidada especial é uma das principais referências no Brasil em Constelações Familiares aplicadas ao campo do autismo. Realizado de forma on-line, pela plataforma Zoom, a mediação ficou a cargo de Jacqueline Texeira e Erica Lopes.

A atividade integra a agenda científica do CECS e buscou ampliar o olhar terapêutico sobre o autismo, por meio de *uma abordagem sistêmica que considera vínculos familiares e pertencimento* como **elementos-chave no desenvolvimento humano**

Na abertura do evento, a mediadora Jacqueline Texeira apresentou a biografia de Arlete De Gasperin: mentora de desenvolvimento pessoal para mulheres, escritora, fundadora e diretora do Instituto Arlete De Gasperin Brasil.

Sua trajetória no campo terapêutico se consolidou com o trabalho de pesquisa realizado na Associação dos Amigos dos Autistas de Videira (AMA - Videira), durante o período como doutoranda.

O trabalho de pesquisa resultou na criação de método próprio para desenvolvimento de adultos, denominado Dinâmica para Integração Familiar Interna (DIFI) — fruto de um projeto social voltado ao autismo, às Constelações Familiares e a Análise Transacional, que originou o livro "Autismo: Relatos de Pais – Da Ausência à Presença", publicado em seis idiomas.

Com uma formação acadêmica sólida, Arlete é graduada em Fonoaudiologia pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ela também cursou doutorado em Perturbações de Linguagem na Universidade Fernando Pessoa, em Portugal.

A busca contínua por conhecimento e aprimoramento a levou a especializações em áreas como Constelações Familiares e Organizacionais, tendo sido formada pelo Instituto Brigitte Champetier de Ribes (Espanha), e em Constelações Estruturais pelo SySt Basic Training, com Matthias Vargas Von Kibed e Insa Sparrer e em Análise Transacional, Organizacional e Educacional pela Unat.

Nascida em Pinhalzinho (SC), atualmente vive em Curitiba (PR), onde desenvolve as atividades profissionais. Ao longo da carreira, Arlete reuniu uma bagagem multidisciplinar que dialoga com educação, saúde, comportamento humano e Constelações Sistêmicas. Tornou-se referência no Brasil e no exterior pelo seu olhar humanizado, integrativo e transformador.

A importância dos pais no processo terapêutico

Durante a abertura da live, Arlete De Gasperin expressou gratidão pelo convite, ao destacar a importância do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) e da equipe que o idealizou e mantém.

Compartilhou a motivação em contribuir com a temática do autismo e apresentou a primeira edição do livro "Autismo: Relatos de Pais – Da Ausência à Presença", cuja capa foi inspirada em um sonho pessoal. A obra nasceu do desejo de comunicar uma vivência profunda que se consolidou ao final de sua experiência como doutoranda em Portugal.

Arlete desenvolveu sua pesquisa na Universidade Fernando Pessoa, na linha de Perturbação da Linguagem. Sua proposta partia da hipótese de que as Constelações Familiares poderiam contribuir para a melhora dos sintomas de crianças com diagnóstico de autismo.

Essa abordagem se sustentava em princípios da pedagogia sistêmica e nas ideias de Bert Hellinger, segundo os quais a criança pode manifestar, no corpo e no comportamento, conflitos e exclusões presentes em seu sistema familiar.

Arlete afirmou que, ao trabalhar com os pais, torna-se possível alcançar transformações significativas nas crianças. Segundo ela, os pais são vetores da vida e carregam a força de reorganização do sistema.

Relembrou que Hellinger destacava o amor cego das crianças, que tendem a servir aos seus sistemas familiares, mesmo às custas do próprio bem-estar.

O tratamento clínico bem-sucedido dos pais representa frequentemente a melhor forma de terapia para uma criança com problemas emocionais. Com base nesse entendimento, desenvolveu a hipótese de que, ao olhar para os pais e incluí-los no processo terapêutico, poderia haver melhora significativa nos sintomas das crianças. Reforçou que o autismo não é uma doença, mas uma perturbação do neurodesenvolvimento, e que cada criança demanda uma escuta singular.

Da pesquisa à criação do projeto social

Durante a realização da pesquisa em Portugal, Arlete enfrentou resistência institucional. Após realizar uma Constelação com sua orientadora e observar uma melhora em seu estado emocional, ouviu que o trabalho seria classificado como "bruxaria" e, por isso, não poderia ser aceito dentro dos critérios científicos tradicionais. Recusou-se a abandonar o tema e optou por retornar ao Brasil, onde estruturou a iniciativa como um projeto social.

A aplicação do projeto teve início em 19 de dezembro de 2019 e seguiu até maio de 2020. Parte dos atendimentos ocorreu presencialmente, e outra parte de forma on-line, em razão da pandemia de Covid-19.

Mesmo sem o respaldo formal do doutorado, Arlete criou instrumentos próprios para escuta e avaliação, sempre pautada por suas leituras e vivências clínicas. Ao final da experiência, reuniu os relatos dos pais e decidiu registrar os resultados em livro.

O livro nasceu do **desejo de compartilhar com o mundo** os efeitos do **trabalho realizado com os pais de crianças autistas.** Arlete De Gasperin destacou que *não se trata de uma proposta de cura, mas de uma ampliação do olhar terapêutico por meio da abordagem das Constelações Familiares Sistêmicas*

Paralelamente, idealizou o seminário internacional As Novas Constelações Familiares e o Autismo, com palestrantes de diferentes áreas e países, ao promover diálogos interdisciplinares em português e espanhol. O seminário foi posteriormente descontinuado, mas contribuiu para a expansão do tema no meio científico e terapêutico.

A obra "Autismo: Relatos de Pais – Da Ausência à Presença" foi publicada em seis idiomas, está disponível em formato audiobook e circula de forma gratuita em eventos e instituições. Arlete finalizou sua fala ao reforçar que o livro é uma ponte entre ciência, experiência e amor, e que segue seu caminho como instrumento de transformação para famílias em todo o mundo.

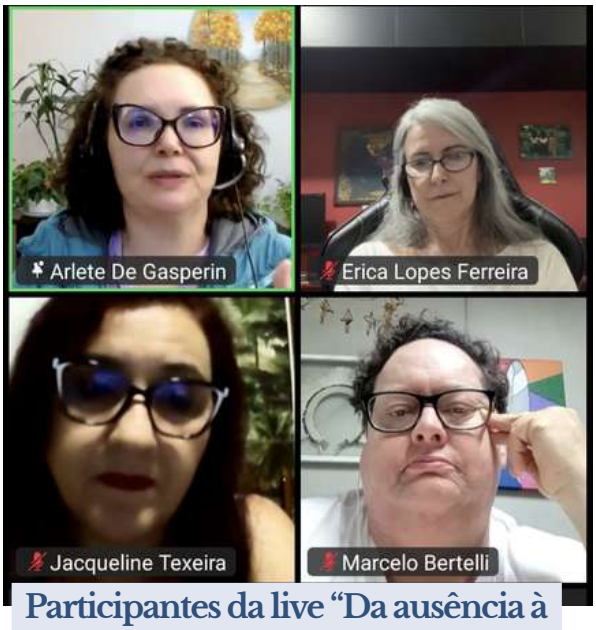
Relato de mãe destaca ganhos emocionais no desenvolvimento do filho

Durante a live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a convidada especial Arlete De Gasperin compartilhou vídeos de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que participaram do projeto social coordenado por ela.

O primeiro depoimento exibido foi o de 'E', mãe de 'MH', de 7 anos, que relatou avanços significativos no desenvolvimento emocional do filho após a vivência com as Constelações Familiares.

Segundo 'E', o projeto não se dirige diretamente à criança autista, mas à família como um todo. "Quem participa do projeto não é o autista, é a família. Com a família mais centrada, a criança consegue desenvolver melhor", afirmou. A mãe relatou que, antes da intervenção, "MH' apresentava episódios frequentes de choro, ecolalia intensa e dificuldade de comunicação verbal. 'E' explicou que as respostas do filho, quando ocorriam, dependiam de perguntas muito objetivas. Caso contrário, 'MH' repetia falas de personagens de desenhos animados. Essa condição tornava a comunicação com outras pessoas bastante limitada e exigia, da família, um conhecimento profundo dos conteúdos que ele assistia para compreender o que dizia.

Após o início das Constelações Familiares, 'E' observou um avanço notável na regulação emocional de 'MF'. "Imagina a alegria quando a tua criança consegue ficar centrada emocionalmente.



Participantes da live "Da ausência à presença – visão sistêmica no autismo", realizada em 3 de novembro de 2025, pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS): evento marca o compartilhamento do método sistêmico da fonoaudióloga Arlete De Gasperin com foco no impacto terapêutico junto a famílias de crianças com TEA

Não tem preço", declarou. Ela destacou que os resultados surgiram em pouco tempo — o grupo começou as atividades no final de dezembro e, em março, já havia relatos positivos de todos os participantes.

"Cada criança tem seu tempo, mas todos estão tendo muito ganho com a Constelação", reforçou. Ao final do depoimento, 'E' convidou o público a conhecer o Projeto da Arlete nas redes sociais, onde estão disponíveis outros relatos de pais e mães envolvidos.

Ela destacou que a Constelação pode potencializar o efeito de outras terapias, ao ajudar a criança a se organizar emocionalmente para responder melhor aos estímulos escolares, terapêuticos e familiares.

"Se a **criança está com um turbilhão na cabeça**, ela *não vai render na terapia*. Por isso, **incentivo todos a fazer a Constelação, para que a criança esteja mais organizada mentalmente e consiga avançar onde quer que esteja,** *inclusive dentro da própria casa*" (Arlete De Gasperin)

Na sequência da live promovida pelo CECS, a convidada especial Arlete De Gasperin exibiu o segundo depoimento em vídeo, desta vez de 'C', mãe de 'PG', de 11 anos. A fala evidenciou os efeitos transformadores das Constelações para as famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente no modo como os pais compreendem o diagnóstico e o papel que desempenham no processo terapêutico.

'C' iniciou o relato ao explicar que participa, como voluntária, da AMA - Videira, uma organização que atende exclusivamente pessoas com diagnóstico de autismo e suas comorbidades. Em 2019, Arlete De Gasperin apresentou à entidade a proposta de realizar o projeto de Constelação com as famílias, o que marcou o início de uma jornada que, segundo 'C', alterou profundamente a percepção de todos os envolvidos.

"O projeto é maravilhoso. Ele traz experiências mágicas para nós. Proporciona um olhar diferente, uma suavidade na compreensão do processo e do próprio transtorno", afirmou. Para 'C', esse novo olhar não nega as dificuldades, mas permite encará-las com mais clareza, aceitação e humanidade. "Aquilo que, até um determinado momento, nos assusta, começa a fazer parte da vida de forma natural", completou.

Ela destacou que o foco do projeto não está diretamente nas crianças, mas nos pais. "Nossos filhos são os beneficiários do processo, mas não são eles que participam. Somos nós, pais, que passamos pela experiência. Somos desconstruídos e reconstruídos para que nossos filhos recebam os benefícios", afirmou. A mãe ressaltou a importância dessa inversão de lógica: por muitos anos, foram as crianças que ocuparam o centro das terapias.

Nas Constelações, os pais assumem o protagonismo como *agentes de mudança nos sistemas familiares.*

Para 'C', esse é o aspecto mais transformador da experiência. "São as famílias trabalhando pelos seus filhos", resumiu.

Ao final do depoimento, ela fez um convite direto e emocionado ao público: "Se você tiver a oportunidade, venha conhecer o projeto, venha conhecer a Constelação. É uma vivência que modifica. Só passando por ela para entender. Mas posso afirmar: é mágica. Ela tem o poder de nos transformar."



Arlete De Gasperin, fonoaudióloga, mestre em Educação, escritora e fundadora do Instituto Arlete De Gasperin Brasil desenvolveu o método denominado Dinâmica para Integração Familiar Interna - DIFI, a partir do trabalho realizado com os pais de crianças com TEA: "A criança é a fiel depositária dos sintomas, mas não é a dona. O sintoma é do sistema. O trabalho é reconectar"

Mediadora destaca impacto emocional dos relatos e questiona padrões nas relações familiares

A mediadora Jacqueline Texeira compartilhou uma reflexão sensível sobre o impacto emocional provocado pelos depoimentos de mães de crianças autistas. A fala antecedeu uma pergunta direcionada à convidada especial, Arlete De Gasperin.

Jacqueline destacou que, ao ter contato com os relatos apresentados durante a live, experimentou uma emoção intensa. "É uma emoção muito forte perceber o quanto esses pais precisam de acolhimento. Eles se colocam a partir de um lugar de esvaziamento profundo", observou. Para a mediadora, a escuta atenta a essas experiências revela a urgência de oferecer espaços terapêuticos que reconheçam e validem o sofrimento emocional das famílias.

Em seguida, formulou uma pergunta à convidada: "Você percebe algum padrão nas relações desses pais com os filhos autistas? Encontrou elementos recorrentes ao longo dos atendimentos realizados?" A questão buscou aprofundar a compreensão sistêmica sobre as dinâmicas familiares que emergem nos processos terapêuticos com Constelações Familiares.

Arlete De Gasperin destaca a importância de acolher a dor dos pais

Em resposta à pergunta formulada pela mediadora Jacqueline Texeira sobre possíveis padrões nas relações entre pais e filhos autistas, Arlete De Gasperin ofereceu uma análise profunda com base em sua experiência terapêutica e nos fundamentos das Constelações Familiares Sistêmicas.

Antes de abordar diretamente a questão, Arlete retomou a fala da mediadora sobre acolhimento. Destacou que, em muitos contextos, os pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista não são vistos em sua totalidade emocional. "O olhar se volta exclusivamente ao diagnóstico: autismo. O pai e a mãe assumem funções operacionais, tornam-se motoristas de terapia, mas raramente alguém pergunta sobre a dor deles, o trauma do diagnóstico ou o luto simbólico vivido pela perda do filho idealizado", afirmou.

Para a consteladora, esse luto representa a transição do filho neurotípico imaginado para o filho atípico real. Trata-se de uma ruptura psíquica que exige elaboração, mas que, muitas vezes, permanece silenciada. Diante disso, o foco de seu trabalho concentra-se no acolhimento e na escuta das dores dos pais.

Utiliza recursos da análise transacional para explicar os estados de ego e auxiliar os responsáveis a transitarem para o estado do "adulto presente", especialmente nos momentos críticos, como o recebimento do diagnóstico.

Arlete destacou que, **diante da notícia do autismo, muitos pais regridem emocionalmente a traumas anteriores,** *perdem a capacidade de se conectar com o presente e com o filho real.* O trabalho, portanto, busca **restaurar essa presença, respeitar a trajetória individual e sistêmica de cada um**

"Os pais são tomados por uma força anterior a eles, que permitiu que a vida acontecesse. Quando essa consciência se instala, eles se tornam mais disponíveis emocionalmente para olhar para os filhos e para as suas próprias questões", explicou.

Ao responder diretamente à pergunta sobre padrões, Arlete confirmou a existência de repetições sistêmicas entre os pais.

Observou que homens e mulheres tendem a se emaranhar em tipos distintos de padrões familiares, o que influencia na forma como vivenciam a parentalidade. Segundo ela, esses padrões envolvem tanto dor quanto ganhos secundários, que precisam ser reconhecidos e respeitados para que possam ser transformados.

Ela ressaltou que o julgamento distancia o terapeuta dos pais. "Nos momentos em que julguei, percebi que os pais se afastavam do trabalho. Quando passei a honrá-los em seus roteiros de vida, eles se aproximaram." Esse reconhecimento, segundo Arlete, é o ponto de partida para que os pais desenvolvam respeito por si mesmos e, a partir disso, consigam renunciar aos ganhos secundários que mantêm a dor ativa.

"Sim, é possível observar padrões. Mas é necessário olhar para eles com respeito, sem pressa de corrigir. O primeiro passo é acolher a história que cada um carrega", assinalou.

Mediadora provoca reflexão sobre o aumento de diagnósticos e a atipicidade como nova norma

Na continuidade da live, a mediadora Jacqueline Texeira propôs uma reflexão sobre a crescente presença do tema autismo no debate público contemporâneo.

Ela citou estudos que projetam uma realidade futura em que a "atipicidade" se torne o padrão. A partir dessa provocação, questionou a convidada Arlete De Gasperin: "Quando você desenvolveu esse trabalho com as Constelações, também percebeu esse movimento na sociedade?"

Arlete iniciou a resposta com uma análise fundamentada em sua vivência como fonoaudióloga. Observou que, em relação ao período de sua formação acadêmica, houve um crescimento expressivo no número de diagnósticos. Para ela, esse aumento decorre, em parte, de um fenômeno sistêmico: "Quando uma criança recebe o diagnóstico, outros membros da família — pai, mãe, avós, tios — passam a se reconhecer nos mesmos traços. O que antes era silenciado ou ignorado, passa a emergir."

Arlete apontou ainda a influência de fatores sociais e culturais, como o excesso de estímulos digitais, a velocidade da vida moderna e a fragilidade na estruturação dos processos educativos. Em sua análise, muitos pais encontram dificuldade em conduzir a educação dos filhos. "Nem toda birra é um Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), mas muitas vezes o diagnóstico vem para justificar a ausência de limites claros", alertou.

A consteladora destacou um ponto recorrente entre as famílias atendidas: “Amo meu filho, mas odeio o autismo.” Para ela, essa separação é ilusória. “O autismo está no filho. Não é possível amar um e rejeitar o outro. Quando essa rejeição se manifesta, os sintomas tendem a aumentar. O sistema responde”, explicou.

Arlete também abordou o conceito de ganho secundário, muito presente no trabalho sistêmico. Segundo ela, trata-se de um movimento inconsciente que mantém determinados padrões, mesmo quando causam sofrimento. “As mães, em especial, assumem uma carga imensa — cuidam, não dormem, se sobrecarregam — e, muitas vezes, permanecem nesse lugar por fidelidade ao sistema familiar de origem”, pontuou.

A exclusão da figura paterna e seus efeitos no sistema

Um dos pontos centrais da fala de Arlete foi a ausência simbólica da figura paterna nas dinâmicas familiares, especialmente em casos de autismo. A partir dos escritos de Bert Hellinger, ela explicou que muitos transtornos mentais, inclusive o autismo, manifestam-se em contextos em que o pai é excluído — não necessariamente de forma física, mas pela desautorização afetiva dentro da relação com a mãe.

“Quando a mãe diz à criança que o pai não vale nada, ainda que o pai esteja ausente fisicamente, ela compromete a percepção da criança sobre si mesma. A criança entende que metade dela também não vale. Isso rompe sua inteireza”, afirmou. Para Arlete, reconhecer e honrar a origem — tanto materna quanto paterna — é fundamental para o equilíbrio sistêmico.

Ela reforçou que excluir o pai é excluir todo um sistema. “Não se exclui apenas uma pessoa, mas toda uma linhagem familiar. E isso cobra um preço psíquico alto. O trabalho com Constelações Familiares Sistêmicas permite reconhecer esses vínculos e restaurar o fluxo da vida.”



Jacqueline Texeira, mediadora do evento e integrante do GT Científico do CECS: “Eles se colocam a partir de um lugar de muito esvaziamento. É urgente acolher esses pais”

Arlete detalha metodologia com base na *escuta, teoria e transformação sistêmica*

A mediadora Jacqueline Texeira interpelou a convidada especial, Arlete De Gasperin, sobre a metodologia utilizada na condução do projeto aplicado junto a famílias de crianças autistas: “Como você estrutura esse trabalho? É um grupo de Constelações? Há aula teórica antes? Como funciona?”

Arlete iniciou a resposta ao explicar a organização das atividades quando o projeto ainda era presencial. Pela manhã, concentrava-se no trabalho teórico com os pais. À tarde, conduzia as Constelações. A maioria das temáticas abordadas nas vivências estava relacionada aos filhos, mas, em muitos casos, dava prioridade a questões pessoais dos pais, especialmente quando emergiam com intensidade. Mesmo nessas situações, observava melhoras nos filhos, ainda que não fossem diretamente constelados.

A base teórica do projeto envolvia o uso da Análise Transacional, com foco no entendimento dos estados do ego como elementos formadores do quadro de referência de cada indivíduo.

Por meio de exercícios e explanações, os pais eram convidados a reconhecer em qual estado se encontravam em diferentes situações, especialmente diante das crises com os filhos.

“O filho que não dorme ativa o desespero de pais exaustos. No segundo mês sem dormir, o desespero toma conta. Isso é humano”, afirmou.

A compreensão desses gatilhos emocionais possibilitava aos pais reconhecerem padrões e assumirem posturas mais conscientes. Ao mesmo tempo, observava progressos significativos nas crianças: melhora no sono, no controle esfincteriano, na seletividade alimentar, no desenvolvimento da linguagem e na interação social.

Entre os exemplos apresentados, Arlete citou o caso de um menino de 11 anos que chorava ao ver banana ou salsicha, outro que não dormia e passou a dormir, e um terceiro que lidava com incontinência fecal e, após o processo, passou a usar o banheiro sozinho, e relatou: “Mamãe, eu senti o meu corpo.”

Durante a pandemia, adaptou o projeto para o ambiente on-line. Após um período com atendimentos individuais via Skype, passou a utilizar o Zoom para atividades em grupo. Ao fim do projeto, que durou seis meses, aplicou um questionário de satisfação e percepção de melhora. Reaplicou o mesmo instrumento após seis meses e, cinco anos depois, novamente – incentivada pela mediadora Erica Lopes. Os resultados indicaram manutenção dos avanços ao longo dos anos. Arlete apresentou esses dados no 3º Congresso Mundial de Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa (WCTCIM), realizado no Rio de Janeiro. O evento foi promovido pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin), em parceria com outras instituições científicas e acadêmicas.

"Dez famílias participaram. Seis responderam ao questionário cinco anos depois. Isso é significativo. O impacto foi duradouro", observou. Um dos relatos mais marcantes veio de um jovem que, anos após o projeto, pediu ao psiquiatra para reduzir as terapias, ao argumentar que o excesso de sessões atrapalhava sua socialização com os colegas no futebol. Outro, antes resistente a lavar o cabelo, passou a fazê-lo naturalmente. "Os pais nem lembravam mais que isso havia sido um problema", contou Arlete.

Ela também destacou que os avanços se estenderam para além dos sintomas. Crianças passaram a cantar, tocar instrumentos, frequentar a escola com mais autonomia e expressar desejos e limites com mais clareza. "Não se trata de curar o autismo, pois não é uma doença. Trata-se de restaurar o fluxo de vida e o pertencimento dentro do sistema familiar", destacou.

Arlete De Gasperin revelou que **a experiência deu origem ao desenvolvimento de um método próprio** denominado *Dinâmica para Integração Familiar Interna (Difi)*, que **será apresentado em seu segundo livro**, com lançamento previsto para o próximo ano

Na reta final da live, o médico pediatra Marcelo Bertelli, especialista em práticas integrativas, emocionou-se ao comentar a profundidade do trabalho conduzido por Arlete De Gasperin com famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Declarou sentir orgulho pela seriedade da metodologia aplicada e pelos resultados alcançados: "Vejo até onde a Constelação pode ir. É um trabalho que já deu certo e precisamos aprender com ele."

Marcelo relatou suas tentativas de inserir uma escuta sistêmica no serviço público e expressou o desejo de ampliar o diálogo entre medicina e Constelações. Em seguida, questionou: "Como foi o início desse processo com os pais? Como eles, que até então estavam centrados em terapias e no diagnóstico dos filhos, se abriram para olhar para si e reconhecer que sua transformação poderia impactar diretamente os filhos?"

Arlete iniciou a resposta ao agradecer a sensibilidade do colega e reforçou a disposição em construir caminhos conjuntos para tornar esse trabalho acessível a mais famílias. Retomou a origem do projeto, ao revelar que inicialmente resistiu à ideia de trabalhar com autismo. Só aceitou a proposta após perceber um movimento maior que a conduziu — um "chamado do campo", como definiu.

Compartilhou detalhes da fase em que, ainda no interior de Santa Catarina, recebeu um número extraordinário de atendimentos em um curto espaço de tempo, fato que permitiu viabilizar a pesquisa de doutorado em Portugal. Na volta ao Brasil, uma conexão com a AMA - Videira possibilitou que ela aplicasse o projeto de forma social com 10 famílias.

A adesão dos pais surgiu, segundo Arlete, a partir do momento em que ela olhou para suas dores com humanidade:

"Foi quando tornei esses pais humanos, vi a dor deles e passei a trabalhar a partir disso."

Ela utilizou recursos da Análise Transacional, com foco nos estados de ego e nos quadros de referência pessoais. Aliava teoria e prática, com vivências corporais que ativavam memórias profundas e propiciavam mudanças comportamentais. Desde os primeiros encontros, observou respostas rápidas: crianças que não falavam passaram a interagir, outras que não dormiam passaram a descansar melhor. Situações consideradas imutáveis começaram a se dissolver.

Arlete destacou que o trabalho tocou não apenas os filhos, mas avôs, mães e pais. Ressaltou que muitos dos sintomas se relacionam com exclusões sistêmicas, especialmente da figura paterna. "Quando a mãe desautoriza o pai, mesmo que ausente, exclui também a parte da criança que veio dele. E isso compromete a inteireza do filho", explicou. Para ela, o autismo, no olhar das Constelações, está a serviço da reconciliação familiar.

Primeiro, com os grandes excluídos do sistema. Depois, com o pai.

Afirmou que muitas mães sustentam padrões dolorosos por fidelidade sistêmica, mesmo ao custo de suas próprias vidas. Reconheceu o ganho secundário presente em algumas situações — como o acesso a benefícios sociais ou a permanência em padrões conhecidos —, mas ressaltou que esse ganho jamais é consciente: "Não é culpa. É dor. E só quando essa dor é respeitada, o processo pode começar."

Arlete De Gasperin afirmou que o **ponto de partida do processo é a consciência de que os pais também precisam de cuidado**. "O primeiro passo é o *pai e a mãe perceberem que foram atravessados pelo autismo*. **Não há culpa, não há erro**. *Há destino*"

Ela demonstrou preocupação com a medicalização excessiva e com discursos que buscam culpabilizar pais por meio de análises genéticas: "Muitos testes apontam a origem genética paterna. Isso agrava os julgamentos e alimenta o afastamento. Quando o pai é excluído, o sistema inteiro sofre. O sintoma aumenta."



Marcelo Bertelli, médico pediatra, especialista em práticas integrativas e participante da live promovida pelo CECS: "Vejo até onde a Constelação pode ir. É um trabalho que já deu certo"

Apontou ainda que, quando um novo parceiro assume o lugar do pai e o desqualifica, o sintoma na criança tende a intensificar-se. "O autismo aumenta porque o sistema responde. Não se trata de julgar, mas de incluir. É o campo que conduz."

Por fim, Arlete De Gasperin explicou que seu método integra Constelações Familiares, Análise Transacional, Epigenética, Programação Neurolinguística (PNL), visualizações baseadas na Linguagem Hipnótica de Milton Erickson e outras abordagens que acessam o inconsciente familiar e individual.

“Trabalho a partir da **linguagem simbólica e da energia do campo**. *A transformação acontece quando o inconsciente é tocado com respeito*” (Arlete De Gasperin)

A live “Da ausência à presença – visão sistêmica no autismo”, promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), encerrou-se com considerações finais marcadas por emoção, reconhecimento mútuo e o desejo de ampliar o acesso a práticas terapêuticas integrativas voltadas às famílias de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A mediadora Jacqueline Texeira destacou o encantamento provocado pela troca de saberes e afetos. “Eu ficaria aqui por horas”, disse, ao reconhecer a densidade e a beleza do encontro conduzido por Arlete De Gasperin.

Na sequência, a convidada especial agradeceu o espaço e reiterou sua disponibilidade para colaborar com novos projetos, especialmente junto a profissionais da saúde. Relatou a importância do acolhimento inicial dado pelos pediatras às famílias e a necessidade de oferecer escuta e apoio neste momento tão delicado.

Relembrou, com sensibilidade, um dos relatos presentes no livro “Autismo: Relatos de Pais – Da Ausência à Presença”, no qual uma mãe afirma que não é mãe de um autista, mas mãe do seu filho, MH.

A partir da metáfora usada por Michelangelo ao esculpir Davi — retirando apenas o que não era Davi —, Arlete reforçou a necessidade de olhar para a criança além do diagnóstico: “O autismo é só a parte que falta no biscoito. O que existe ali é um filho, com potencialidades que esperam ser reconhecidas”.

Para Arlete, **o autismo não é uma experiência isolada** na criança, mas um *fenômeno que atravessa o sistema familiar*.

“A **criança é a fiel depositária dos sintomas**, *mas não é a dona*. Os **sintomas pertencem ao sistema**, *às histórias que vêm de longe*, com **dívidas emocionais acumuladas**. O trabalho é **reconectar**”, concluiu Arlete De Gasperin

“Trazer mais informação é um ato de amor”

A escritora, consteladora e cirurgiã-dentista, mediadora Erica Lopes agradeceu a partilha e afirmou que se encantou com o trabalho de Arlete desde o primeiro contato, durante um evento anterior em Goiânia. Destacou a profundidade da dor vivida pelos pais e reforçou o papel da informação como ferramenta de transformação: “Se a gente puder trazer mais informação para que as pessoas olhem para a criança, e não apenas para o autismo, a vida se torna mais leve”.

Ao finalizar o encontro, a diretora científica do CECS, Roseny Flávia Martins, expressou gratidão em nome da instituição e parabenizou Arlete pelo trabalho e pela trajetória inspiradora. “Obrigada por nos lembrar que é possível sonhar e realizar”, afirmou.



Erica Lopes, cirurgiã-dentista, escritora e mediadora da live, integrante do GT Científico do CECS: “Se a gente puder trazer mais informação, a vida passa a ser mais leve”



Roseny Flávia Martins, diretora Científica do CECS, pesquisadora PhD e organizadora do evento: “Obrigada por nos lembrar que é possível sonhar e realizar”



‘E’, mãe de ‘MH’, de 7 anos, que relatou avanços significativos no desenvolvimento emocional do filho após a vivência com as Constelações Familiares



‘C’, mãe de ‘PG’, de 11 anos: relato evidenciou os efeitos transformadores das Constelações para as famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Roseny também destacou a importância da atuação do Grupo de Trabalho Científico (GT Científico) do CECS, ao agradecer aos envolvidos — com menções especiais a Erica, Jacqueline e Marcelo — pelo empenho na organização do evento. Encerrou com um convite à participação: “Que mais pessoas se associem ao CECS, para que possamos manter esta associação com a excelência que ela merece. Gratidão a todos.” **(Texto publicado no dia 11 de novembro de 2025 e atualizado em 21 de janeiro de 2026)**

Dagmar Ramos relata trajetória em defesa das Constelações durante encontro promovido pelo *Raízes Instituto*, de Florianópolis

Em evento de reciclagem, médica compartilha bastidores da mobilização nacional pela valorização das Constelações e destaca olhar clínico-sistêmico sobre sintomas e doenças. Participam da condução do evento as professoras Maria Inês Araújo Garcia Silva e Sonia Suzana Caldas de Farias, referências na abordagem. Integrantes da entidade do Sul do país manifestam intenção de se filiar ao Centro de Excelência. *"Teremos muito a fazer juntos"*, afirma médica

A segunda dirigente a ocupar a presidência do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos, especialista em medicina preventiva e social, participou do encontro de reciclagem promovido pelo Raízes Instituto, sediado em Florianópolis (SC), no dia 22 de novembro de 2025.

Em sua apresentação, Dagmar Ramos compartilhou as lutas institucionais travadas pelo CECS em defesa da abordagem sistêmica. Na segunda parte do encontro, trouxe uma reflexão profunda sobre Constelação, sintomas e doenças, um olhar sistêmico sobre o corpo, a saúde e as manifestações físicas enquanto expressões de dinâmicas familiares inconscientes.

O *Raízes Instituto*, responsável pela organização do encontro, é *reconhecido nacionalmente pela excelência e ética na atuação com Constelação Familiar clássica*. Com uma trajetória marcada por **tradição e compromisso,** reúne professores com décadas de experiência e formação internacional, sendo **referência na área**

O evento foi conduzido pelas professoras Maria Inês Araújo Garcia Silva e Sonia Suzana Caldas de Farias, nomes de destaque no cenário nacional da Constelação Familiar, psicologia e desenvolvimento humano.

Maria Inês Araújo Garcia Silva é psicóloga clínica, consteladora familiar e sócia-fundadora do Raízes Instituto. Com mais de 40 anos de experiência, possui formação direta com Bert Hellinger, criador e principal referência mundial das Constelações. Sua atuação se destaca pela consistência clínica e pela formação de novos profissionais na abordagem sistêmica.

Sonia Suzana Caldas de Farias é economista, psicóloga, consteladora familiar e contoterapeuta. Dedica sua trajetória a movimentos voltados ao universo feminino e é criadora de diversas ferramentas e mecanismos de desenvolvimento pessoal. Com uma abordagem inovadora e sensível, utiliza a contoterapia como recurso terapêutico de fortalecimento emocional e transformação interior.

A condução do evento pelas duas especialistas conferiu profundidade, sensibilidade e rigor técnico ao conteúdo, ao promover reflexões significativas e experiências enriquecedoras aos participantes.

Lutas institucionais e defesa das Constelações

Durante a apresentação no encontro de reciclagem promovido pelo Raízes Instituto, a presidente do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), médica Dagmar Ramos, compartilhou um relato minucioso sobre o histórico de mobilização em torno da defesa institucional das Constelações Sistêmicas no Brasil.

Ela contextualizou os desafios enfrentados por consteladores, instituições e praticantes diante das críticas e tensões recentes, especialmente no campo jurídico da saúde pública e acadêmico.

Em sua fala, relembrou sua trajetória de formação na Dinâmica Energética do Psiquismo (DEP), em São Paulo, nos anos 1990, quando teve contato com fundamentos da espiritualidade, psicologia transpessoal e técnicas de expansão de consciência. O primeiro contato com as Constelações aconteceu logo depois, e rapidamente a abordagem passou a ocupar lugar central em sua prática profissional e pessoal.

Após retornar a Goiânia para assumir responsabilidades no Hospital Espírita Eurípedes Barsanulfo – Casa de Eurípedes —, fundado por sua família e referência em saúde mental no estado de Goiás, Dagmar inseriu a homeopatia e aprofundou o trabalho com a psiquiatria e a Constelação Familiar. Ela relatou ainda ter participado da segunda turma do treinamento internacional em Constelações, coordenado por mestres como Jakob Schneider, Sieglinde Schneider e Gunthard Weber. Este último, também médico psiquiatra, convidou Dagmar para coordenar a equipe brasileira do primeiro estudo multicêntrico internacional sobre sintomas, doenças e Constelações, que envolveu sete países.

A experiência levou à fundação do Instituto Brasileiro de Soluções Sistêmicas (IBS Sistêmicas), com sede em Goiânia, responsável pela formação de mais de 600 profissionais nas áreas de Constelação Familiar e Organizacional. Ao mesmo tempo, manteve atuação na medicina, e conciliou a maternidade e posteriormente a experiência como avó, que compartilhou de maneira afetiva com os presentes.

Críticas, notas técnicas e mobilização política

Dagmar relatou que, a partir de 2023, as Constelações passaram a sofrer ataques coordenados, especialmente após a publicação da Nota Técnica nº 1/2023, do Conselho Federal de Psicologia, em 03 de março daquele ano.

A nota intensificou as críticas que associaram a prática a violações de direitos humanos ao alegar, por exemplo, que a abordagem poderia retraumatizar mulheres vítimas de violência doméstica. Em paralelo, tramitava no Conselho Nacional de Justiça (CNJ) um processo de avaliação da legitimidade do uso das Constelações no sistema judiciário.

A médica destacou que o Brasil havia se tornado referência mundial na aplicação da Constelação no Judiciário, com iniciativas pioneiras lideradas por magistrados como Sami Storch. Ela mesma contribuiu com projetos aplicados em presídios no Ceará e em unidades de atendimento socioeducativo em Goiás. A reação institucional surgiu com força a partir de uma carta escrita por seis psicólogas de diferentes universidades públicas em defesa da abordagem, endereçada ao CFP, que, no entanto, não respondeu à solicitação de audiência.

Diante do cenário adverso, nasceu o movimento *"Sou da Constelação"*, que **reuniu terapeutas, psicólogos, profissionais de diversos áreas consteladores e apoiadores**

A atriz e escritora Ingra Lyberato aderiu à mobilização, que cresceu rapidamente. O grupo buscou diálogo com parlamentares e membros do CNJ, com articulação institucional e conscientização. O movimento contou com o apoio jurídico da advogada e procuradora federal Andréa Vulcanis, Secretária de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Goiás, que viabilizou o envolvimento do conceituado escritório Walter Moura Advogados Associados (WMAA).

O movimento conseguiu barrar, em uma votação apertada no CNJ, uma proposta que poderia inviabilizar o uso da Constelação em ambientes jurídicos. A vitória foi possível graças a um pedido de vista feito por um dos membros do conselho. Isso impediu que a votação, que já estava em 7 a 1 contra, fosse concluída naquele momento.

Fundação do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas e novos rumos

A partir da mobilização, nasceu formalmente o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), com o objetivo de reunir consteladores e profissionais comprometidos com formação séria, alinhamento técnico e ético, e fortalecimento institucional da abordagem.

O CECS atua também na produção de um código de ética próprio e no suporte à atuação das Constelações no judiciário.

A associação conta hoje com cerca de 300 membros e trabalha para expandir sua base, viabilizar financeiramente o trabalho jurídico, de comunicação e estrutura. A meta da atual gestão é criar núcleos regionais, inspirados no modelo da Associação Alemã de Constelações Sistêmicas (DGfS), com quem mantém diálogo e cooperação ativa.

Dagmar Ramos fez **reflexões sobre a jornada**, ao **reforçar o papel da união, da atuação coletiva e da formação sólida** para *assegurar o futuro da abordagem no Brasil*

Durante encontro promovido pelo Raízes Instituto, Dagmar Ramos, fez relatos atualizados sobre as ações de defesa institucional da abordagem sistêmica diante de novos episódios de questionamento.Ela revelou que, após os acontecimentos no Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com a interrupção da votação, o Instituto Questão de Ciência (IQC) levou uma nova denúncia ao Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH). Segundo ela, já se comprovou que a denúncia foi forjada, construída a partir do relato de mulheres que alegaram se sentir lesadas por uma Constelação, sem respaldo técnico nem espaço de defesa.

Na ocasião, no dia 08 de fevereiro de 2023 — mesma data do nascimento de seu neto — Dagmar seguiu diretamente da maternidade para Brasília, onde participou de uma reunião com o então ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida, acompanhada de outros consteladores. O grupo reivindicou espaço de escuta e esclarecimento, uma vez que a denúncia estava sendo processada sem a participação de representantes da área.

Na sequência, foi criado um Grupo de Trabalho (GT) no CNDH com o objetivo de avaliar os impactos das Constelações, especialmente no que tange aos direitos humanos.



Participantes do encontro de reciclagem do Raízes Instituto, realizado em Florianópolis (SC), em 22 de novembro de 2025: presidente do CECS, Dagmar Ramos defende fortalecimento institucional das Constelações Sistêmicas no Brasil

GT sem *representação técnica da abordagem*

Dagmar destacou que um novo GT, criado no ano seguinte, não incluiu nenhum representante do campo das Constelações. Após articulação direta junto à defensora pública federal Charlene da Silva Borges, presidente do Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH), as três principais associações do país se uniram e assinaram uma nota conjunta em que destacou a ausência de paridade e de conhecimento técnico na composição do grupo.

A ação foi liderada pelas três entidades representativas do campo no Brasil: Associação Brasileira de Consteladores Sistêmicos (ABC), Instituto Brasileiro de Consteladores Familiares (IBCF) e Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS).

A nota foi enviada à ministra dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), Macaé Evaristo, e ao CNDH, o que gerou abertura para que o CECS participasse de uma reunião.

Durante o encontro, ficou evidente, segundo Dagmar, o aparelhamento do GT pelo IQC, que havia indicado dois falsos "notórios saberes" em Constelação: ambos assumidamente críticos da abordagem e sem qualquer vivência ou formação na área.

A então presidente do CNDH, Charlene da Silva Borges, sensibilizada com os fatos apresentados, promoveu mudanças na estrutura do GT. Ainda assim, o processo permanece indefinido e em fase de estagnação.

CECS avança diálogo com Raízes Instituto e convida profissionais para filiação

Ao final da explanação, Dagmar Ramos reforçou a importância da organização e do fortalecimento institucional por meio do CECS. Convidou os profissionais ligados ao Raízes Instituto a se filiarem à entidade, ao destacar que a associação está comprometida com o processo de acolhimento e integração regional.

A presidente ressaltou que há espaço para colaboração efetiva e construção conjunta. “Teremos muito a fazer juntos”, pontuou.

O corpo como expressão de dinâmicas sistêmicas

Dando continuidade à sua participação no encontro promovido pelo Raízes Instituto, a presidente do CECS, Dagmar Ramos, abordou o tema das Constelações, sintomas e doenças com base em sua experiência clínica e acadêmica de mais de duas décadas.

Dagmar relatou ter estruturado um curso de aprofundamento focado nas relações entre sintomas, doenças e Constelações, ao destacar sua vivência acumulada ao longo de 22 anos de prática com o método fenomenológico.

O curso, que está em andamento, tem revelado descobertas significativas e deve se transformar em um projeto de pesquisa aplicado ao hospital psiquiátrico onde atua. Segundo a médica, os resultados preliminares, observados em pacientes com diferentes diagnósticos, são promissores tanto no acolhimento dos sintomas quanto na adesão ao processo terapêutico.

Ela explicou que o olhar sistêmico sobre o corpo permite compreender os sintomas e doenças como expressões de algo mais profundo que busca equilíbrio — uma visão que dialoga diretamente com os fundamentos da homeopatia, sua especialidade médica.

"O **corpo fala** *o que muitas vezes* **a consciência ainda não pode nomear**. Ao **escutar o corpo,** *abrimos espaço* para a **verdade que pede integração**" (Dagmar Ramos)

Em sua exposição, Dagmar fez referência às obras "A Doença como Caminho" e "A Doença como Linguagem da Alma", dos autores Thorwald Dethlefsen e Rüdiger Dahlke. Apontou que, aliadas à abordagem das Constelações, essas leituras ganham uma nova dimensão interpretativa e terapêutica.

Ela defendeu que as Constelações oferecem uma abordagem revolucionária no campo da medicina e da psicologia, ao tratar sintomas como manifestações simbólicas de lealdades familiares inconscientes.

Na prática clínica, segundo Dagmar, constelar um sintoma permite que a vida volte a fluir em seu curso natural. O corpo, nesse processo, torna-se aliado e mensageiro da cura. Destacou ainda a importância da postura interna do constelador, ancorada na escuta, na presença e na ausência de julgamento.

“A presença, o olhar sem expectativa e a entrega ao campo são atitudes que transformam o processo terapêutico”, ressaltou.

O campo como ferramenta terapêutica

Dagmar enfatizou a importância da qualidade do campo gerado em uma Constelação, especialmente quando se trata de temas ligados à saúde.

Segundo ela, o campo é formado a partir do silêncio, da atenção plena e da presença do facilitador. “É um espaço vivo, onde tudo comunica: corpo, emoção, energia. Cuidar do ambiente, do estado interno e dos representantes é cuidar do cliente”, disse. A médica também abordou a delicadeza necessária ao conduzir cada movimento do cliente com o sintoma, em respeito ao tempo da consciência e ao ponto de integração possível. Ela compartilhou que sua forma de constelar teve também influência da série ‘Another Self’ (‘Uma Nova Mulher’, no Brasil, da Netflix), e que incorporou práticas como o fechamento dos olhos e a reconexão com o corpo no início das sessões.



Médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos durante participação no encontro de reciclagem do Raízes Instituto: “A presença, o olhar sem expectativa e a entrega ao campo são atitudes que transformam o processo terapêutico”

Clínica, evidências e a necessidade de pesquisa científica

Dagmar finalizou a apresentação com uma convocação ao engajamento acadêmico e institucional. Destacou que as evidências clínicas já apontam os efeitos das Constelações na saúde mental, e que agora o desafio está em transformar essas experiências em dados científicos organizados.

"Precisamos avançar nesse campo. Sabemos que nada começa com a pesquisa pronta. Começa com a evidência clínica, e depois se transforma em projetos formais de pesquisa. Esse é o caminho", afirmou.

Segundo Dagmar Ramos, **uma das metas do CECS é justamente oferecer apoio técnico e institucional** a **consteladores e institutos que desejam submeter práticas a protocolos de pesquisa,** tendo em vista *colaborar para o reconhecimento e expansão da abordagem no meio acadêmico e científico*

Durante a aula conduzida pela médica Dagmar Ramos, a psicóloga clínica, consteladora familiar e sócia-fundadora do Instituto Raízes, Maria Inês Araújo Garcia Silva, fez intervenções que valorizaram a trajetória apresentada e ressaltaram a importância do compromisso institucional com a abordagem sistêmica.

Maria Inês iniciou a fala com elogio à participação de Dagmar, ao classificar a exposição como "uma pincelada maravilhosa". Ela destacou que o convite para sua presença no evento foi motivado pela clareza de sua dedicação. Citou, também, a atuação do CECS. "O trabalho que vocês fazem é de uma entrega, de uma disponibilidade que só quem tem a postura do verdadeiro constelador poderia sustentar", afirmou.

Ela também reconheceu a entrega de tempo, amor e energia envolvidos nas lutas travadas pelo CECS, ao reforçar o comprometimento do Instituto Raízes em apoiar o movimento. "Vamos trabalhar, sim, para que nossos alunos se associem. Temos pessoas potentíssimas aqui no Sul. Quem sabe possamos, como Instituto Raízes e como egrégora, constituir esse núcleo e atuar juntos no fortalecimento da Constelação", propôs.

Diálogo entre saberes e novas formas de representação

Em tom reflexivo, Maria Inês destacou a postura ética e serena de Dagmar diante dos desafios institucionais. “A sua atitude nos ensina que não é preciso justificar ou se defender o tempo todo. Quando algo emerge, o próprio movimento nos impulsiona para o próximo passo”, pontuou. Segundo ela, essa postura favorece não apenas a legitimidade da Constelação como abordagem, mas também a criação de um espaço de convivência entre diferentes visões de mundo.

Para Maria Inês, esse campo de possibilidades se constrói por meio do respeito à inclusão e ao diálogo entre saberes diversos ou mesmo opostos. “É também uma nova forma de apresentar a Constelação em espaços delicados, que exigem responsabilidade e presença.”

A metáfora do beija-flor e o significado da entrega

Ao encerrar a fala, a fundadora do Instituto Raízes expressou gratidão pelo compartilhamento da experiência e reiterou o interesse em contribuir ativamente com os esforços institucionais.

“Deixamos esse campo aberto para vocês, no que for preciso. Vamos refletir juntos sobre como podemos contribuir com uma obra tão grandiosa e essencial”, declarou.

Durante a participação da médica Dagmar Ramos no encontro promovido pelo Raízes Instituto, a economista, psicóloga, consteladora familiar e contoterapeuta Sonia Suzana Caldas de Farias, professora da casa, fez um depoimento em que destacou a grandeza do comprometimento ético e institucional da palestrante Dagmar Ramos com a abordagem sistêmica.

Sonia iniciou sua fala ao recordar a imagem do beija-flor que, em meio à floresta em chamas, insiste em buscar gotas de água no oceano para tentar conter o fogo. Ela reconheceu em Dagmar Ramos essa postura de entrega total, mesmo diante das adversidades. “O meu passarinho é muito pequeno perto do teu, mas eu vejo o teu beija-flor a abençoar todos nós”, disse.

Ela destacou o gesto de Dagmar ao sair da maternidade, no dia do nascimento do neto, para defender publicamente as Constelações em reunião com o Ministério dos Direitos Humanos.

Suzana Caldas de Farias lembrou a **motivação que uniu, desde o início, as fundadoras** do *Raízes Instituto*: o **desejo de que o mundo conheça a potência da Constelação Familiar.** *"Foi por isso que nós nos unimos. Um dia, lá atrás, percebemos que o mundo precisava conhecer esse trabalho. E é isso que a gente faz, todos os dias"*, destacou

Ela agradeceu a presença de Dagmar Ramos e manifestou o desejo de que sua contribuição continue sendo compartilhada amplamente.

Ao concluir a participação no encontro promovido pelo Raízes Instituto, a médica psiquiatra e psicoterapeuta Dagmar Ramos fez uma homenagem afetiva e profissional ao médico alemão Gunthard Weber, figura central na disseminação internacional das Constelações Familiares e uma de suas maiores referências pessoais e acadêmicas. Dagmar destacou o impacto do trabalho de Gunthard Weber, com quem compartilhou não apenas vínculos profissionais, mas também um encontro de alma, como ela própria definiu.

Segundo a médica, Weber, atualmente com mais de 80 anos, segue ativo em ações humanitárias na África, com especial atenção a projetos educativos voltados a crianças em situação de vulnerabilidade.



Maria Inês Araújo Garcia Silva, psicóloga clínica, consteladora familiar e sócia-fundadora do Raízes Instituto: com mais de 40 anos de experiência, possui formação direta com Bert Hellinger, e sua atuação se destaca pela consistência clínica e pela capacitação de novos profissionais na abordagem sistêmica



Sonia Suzana Caldas de Farias, economista, psicóloga, consteladora familiar e contoterapeuta: dedica sua trajetória a movimentos voltados ao universo feminino e é criadora de diversas ferramentas e mecanismos de desenvolvimento pessoal

Embora não viaje mais para o Brasil, mantém interesse e acompanha os desdobramentos da abordagem sistêmica no país. Ela também lembrou a passagem histórica do alemão por Porto Alegre.

Encerramento: disposição para futuras colaborações

A psicóloga clínica Maria Inês manifestou admiração pela entrega pessoal de Dagmar, ao definir sua disponibilidade de alma como “surreal”.

Em resposta, a médica atribuiu essa entrega ao legado familiar: “Meu pai, minha mãe e meus avós fizeram muito mais”. Maria Inês, então, fez uma reverência simbólica à ancestralidade de Dagmar, ao reconhecer os alicerces éticos e espirituais que sustentam seu trabalho.

Ao concluir, a representante do Instituto Raízes agradeceu a contribuição da convidada e reiterou a disposição para futuras colaborações.



As professoras Maria Inês Araújo Garcia Silva e Sonia Suzana Caldas de Farias, do Raízes Instituto, durante encontro de reciclagem: compromisso institucional com a abordagem sistêmica

“**Gostaríamos de deixar este campo aberto** para vocês, no que for preciso. Vamos sim *refletir sobre como podemos contribuir mais com uma obra tão grandiosa e essencial*”, afirmou.

A troca entre as profissionais encerrou o encontro em tom de respeito mútuo, admiração e compromisso com a continuidade de um legado coletivo voltado à ética, à saúde integral e à transformação humana por meio da abordagem sistêmica. **(Texto publicado no dia 27 de novembro de 2025 e atualizado em 22 de janeiro de 2026)**

CECS

Exercício sistêmico *é um treino de amor, ética e escuta,* afirma **Rose Militão**

Durante **8ª edição do Projeto Autoria, promovido pelo CECS**, psicóloga apresenta o livro *'Exercícios Sistêmicos para o trabalho com pessoas'*, propõe **escuta ética e transformadora nas Constelações**, pontua **importância da integração entre prática clínica e trajetória pessoal**. *"Sem sonho, a vida se torna íngreme"*, destaca. *"A pessoa segue até onde sua história permite"*, pontua mediadora **Yolanda Freire**



O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), por meio da Diretoria de Fundamentos e Estruturação Teórica, realizou no dia 26 de novembro de 2025 a 8ª edição do Projeto Autoria. A convidada especial foi a psicóloga Rose Militão, que apresentou a obra 'Exercícios Sistêmicos para o trabalho com pessoas'. O evento, realizado em formato on-line, pela plataforma Zoom, contou com mediação da psicóloga Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS.O Projeto Autoria é uma iniciativa do CECS dedicada à apresentação de livros voltados à formação, ao aprofundamento teórico e à troca de experiências entre profissionais e estudiosos das Constelações Sistêmicas. O livro, inicialmente voltado a consteladores, ampliou-se para todos que trabalham com pessoas, ao adotar o termo "Facilitador" e ao oferecer glossário e referências que aprofundam o conteúdo.

Perfil | Rose Militão

Com carreira multifacetada, Rose Militão atua como psicóloga clínica (casais e família), escritora, palestrante especialista em Constelação Sistêmico-Familiar e facilitadora de grupos em diversas empresas ao redor do país. É diretora clínica do Instituto Militão e fundadora da Escola de Constelação, em Fortaleza (CE). Especialista em Constelação Sistêmico-Familiar, desenvolve trabalhos nos contextos clínico e organizacional desde os anos 2000.

Uma das associadas fundadoras do CECS, Rose Militão integrou a primeira diretoria do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas como responsável pela área de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações.



Psicóloga clínica, escritora e especialista em Constelações Sistêmicas, Rose Militão atua com famílias, grupos e empresas ao integrar prática e teoria com ética e sensibilidade: "É um exercício para aprender a amar o outro com suas dores e seus limites"

Reconhecimento à trajetória

Na abertura do encontro, Yolanda Freire destacou a relevância da presença de Rose Militão no Projeto Autoria. Ao apresentá-la como uma das fundadoras do CECS e primeira diretora da área de Fundamentos e Estruturação Teórica, ressaltou sua importância na consolidação de um campo que une prática, teoria e ética.

Para Yolanda, Rose representa uma profissional que alia excelência clínica, competência no trabalho com grupos e coragem institucional.

Yolanda Freire relembrou o protagonismo **de Rose Militão como uma das seis psicólogas signatárias da Carta Aberta em Defesa das Constelações enviada ao Conselho Federal de Psicologia (CFP)** em *contestação à Nota Técnica assinada pelo presidente Pedro Paulo Gastalho de Bicalho em 03/03/2023*

Yolanda compartilhou leitura da obra 'Exercícios Sistêmicos para o trabalho com pessoas', descrevendo-a como um material preciso, bem estruturado e escrito com generosidade. Segundo ela, os exercícios propostos pela autora despertam ideias, memórias e reflexões.

A mediadora observou que o livro não se limita à técnica, mas convida à sensibilidade e à escuta profunda. Destacou ainda que a obra exige um ritmo de leitura pausado, como quem degusta cada proposta e respeita o espaço interno que ela ativa.

Entre teoria e experiência

Yolanda ressaltou a relevância de escutar Rose Militão, não apenas como autora, mas como mulher cuja trajetória carrega décadas de dedicação à psicologia e às Constelações Familiares Sistêmicas. Enalteceu sua capacidade de construir caminhos entre a prática vivencial e a fundamentação teórica, o que amplia a legitimidade do campo sistêmico.

Ao dar as boas-vindas, convidou Rose a compartilhar o percurso da escrita que começou ainda cedo em sua vida profissional, mas que encontrou neste livro uma forma plena de expressão.

Referências formadoras

Rose Militão iniciou sua participação ao reconhecer a importância em sua formação do professor, astrólogo e terapeuta Maurice Jacoel, presente na live. Afirmou que ele representou um apoio decisivo nos primeiros passos de sua trajetória, especialmente no período em que atuava no universo organizacional, marcado por lógica pragmática e foco em resultados. Com mais de duas décadas de trabalho em empresas, relatou que sua prática incluía treinamento e desenvolvimento de pessoas, sustentado pela Andragogia, metodologia centrada no aprendizado do adulto. Ao ingressar no campo da Constelação, buscou compreender seus fundamentos, pois seu percurso anterior lhe exigia clareza conceitual e explicitação dos processos.

Do pragmatismo à fenomenologia

Rose explicou que ingressou no ambiente das Constelações Sistêmicas quando o campo brasileiro ainda se orientava principalmente por vivências fenomenológicas. Descreveu o estranhamento inicial ao buscar explicações para processos vividos de modo predominantemente sensorial.

Rose explicou que ingressou no ambiente das Constelações Sistêmicas quando o campo brasileiro ainda se orientava principalmente por vivências fenomenológicas. Descreveu o estranhamento inicial ao buscar explicações para processos vividos de modo predominantemente sensorial. Reconheceu Maurice Jacoel como figura fundamental para sua adaptação, especialmente por responder com paciência às suas indagações sobre método, fundamentação, limites e possibilidades. Na época, ambos iniciaram turmas de formação e dialogaram sobre a tensão entre o pensamento andragógico e a vivência fenomenológica – dois campos que se encontravam, mas não se substituíam.

Defesa ética e institucional

Ao refletir sobre sua atuação institucional, Rose relembrou o episódio da resposta técnica ao Conselho Federal de Psicologia (CFP). Segundo relatou, em face de tratamento injusto às Constelações, decidiu atuar com firmeza. Entre 40 psicólogas que inicialmente se apresentaram, apenas seis permaneceram no processo, incluindo ela. Afirmou que a nota representou o possível à época, e que o movimento gerado pelo CFP acabou, paradoxalmente, por impulsionar o diálogo, o encontro e a reorganização interna do campo sistêmico no Brasil.

Considerou o episódio um marco que estimulou revisões, aprofundamentos e processos de autorreflexão.

Rose Militão explicou que **a dinâmica de grupo funciona como laboratório** *com início, meio e fim definidos*, no qual **comportamentos são provocados e analisados conforme objetivos específicos**

Os exercícios sistêmicos, por sua vez, não se enquadram nessa lógica. Para ela, não constituem uma educação de laboratório, pois operam dentro do movimento fenomenológico, que convoca o aqui e agora e acolhe o que emerge no campo. O exercício sistêmico propõe uma tarefa, mas não se fecha em previsibilidade; abre-se para o encontro entre facilitador, grupo e fenômeno.

A **complexidade** da *prática sistêmica*

Rose observou que ensinar Constelação é tarefa de alta complexidade. Explicou que o pensamento pragmático não responde sozinho às necessidades da prática, assim como a entrega à experiência fenomenológica tampouco sustenta o processo sem organização cognitiva.

Para ela, a formação do constelador exige percepção, sintonia, compreensão do campo e manejo da intuição – elementos que não se transmitem de modo linear.

Declarou que os exercícios sistêmicos favorecem esse desenvolvimento gradativo da sensibilidade, tanto em grupo quanto no atendimento individual.

O lugar do amor na Constelação

Ao aprofundar a dimensão humana da prática, Rose destacou que o exercício sistêmico treina o olhar para o que verdadeiramente importa. Afirmou que, em Constelações Familiares Sistêmicas, a pergunta essencial é: "Para onde vai o meu amor?". Explicou que o foco excessivo em agradar o cliente pode afastar o facilitador da figura sistêmica que precisa de inclusão. O exercício sistêmico, nesse sentido, favorece o encontro com o outro e com o que o sistema denuncia – geralmente a pessoa excluída.

Sensibilidade, exposição e pertencimento

Por fim, Rose abordou o medo de exposição, fenômeno que considera comum entre profissionais. Associou-o ao receio de julgamento, tanto em apresentações presenciais quanto nas redes sociais.

Durante sua fala no Projeto Autoria, a psicóloga Rose Militão compartilhou uma reflexão pessoal que, segundo ela, marcou profundamente o momento atual de sua trajetória.

Aos 65 anos, contou ter se deparado recentemente com um vídeo sobre a diferença entre ser velho e ser idoso. Após decidir publicá-lo, o conteúdo viralizou e alcançou 2,8 milhões de visualizações, o que mobilizou idosos interessados em seu trabalho.

Sem recorrer a métricas estratégicas, o vídeo tocou diretamente um público sensível à temática da maturidade. Para Rose, o alcance inesperado revela que o caminho se manifesta à medida que alguém decide caminhar.

Ao citar o poeta sufi Rumi — "quando você começa a caminhar, o caminho aparece" —, afirmou que o livro 'Exercícios Sistêmicos para o trabalho com pessoas' nasce desse gesto de entrega.

O constelador precisa ocupar seu lugar, assumir sua prática e encontrar seu público. Segundo Rose, esse **caminho requer coragem, rigor e amor ao trabalho**, *elementos que sustentam a formação e a atuação responsáveis* no campo das **Constelações Sistêmicas**

Exercício sistêmico como preparação interior

Segundo Rose, os exercícios sistêmicos constituem um espaço de iniciação e amadurecimento pessoal, anterior à própria atuação como constelador. Ela considera o livro uma contribuição prática e afetiva para quem deseja trabalhar com pessoas. O exercício, nesse sentido, prepara o campo interno do facilitador para o encontro com o outro, provocando e permitindo ser provocado. Essa vivência estabelece um lugar de escuta, responsabilidade e expansão de consciência.

Rose ressaltou a transição que viveu entre sua atuação anterior, orientada por metas, e o universo da Constelação, ancorado na vivência e no campo fenomenológico. A partir da introdução do livro, propõe uma distinção entre a profissional da dinâmica de grupo — com intencionalidade clara e objetivos definidos — e a consteladora, que se coloca em outro lugar de escuta, entrega e ritualidade.

No primeiro contato com Bert Hellinger, em Brasília, optou por não interpretar teoricamente o que vivia, mas apenas sentir. Reconheceu ali a travessia entre razão e experiência, entre cognição e sentido.

Para Rose, **a Constelação Sistêmica exige mais do que entrega emocional.** Requer também **organização mental.** Acredita que *sem estrutura cognitiva não há transformação genuína*

Segundo ela, vivências intensas sem reflexão podem se reduzir à repetição ritualística, semelhante a práticas religiosas desprovidas de elaboração.

Apontou como essencial o estudo sistemático da teoria. Citou como leitura obrigatória o livro 'A fonte não precisa perguntar pelo caminho', de Bert Hellinger, que considera uma referência em sua jornada. Destacou também a importância de espaços de aprofundamento, como o Clube do Saber Sistêmico, que coordena mensalmente com foco na leitura e análise de obras fundamentais.

Um gesto de integração

A autora afirmou que escreveu o livro não apenas para compartilhar conteúdo técnico, mas para marcar uma virada pessoal. Considera o exercício sistêmico como um novo filho.

Mas reconhece que, ao abraçar essa nova etapa, acabou deixando o "primeiro filho" — a dinâmica de grupo — temporariamente de lado. Fez, então, um gesto simbólico de reconciliação: reverenciou a metodologia que lhe conferiu reconhecimento nacional e internacional e que, segundo ela, não deve ocupar lugar secundário no campo das Constelações Familiares.

Rose reiterou que cada jogo, cada vivência, cada estrutura desenvolvida no trabalho com grupos pode se integrar com profundidade à prática das Constelações Sistêmicas, desde que se compreenda sua função e se respeite sua especificidade.

Limite, ética e escuta no exercício sistêmico

A psicóloga Yolanda Freire destacou, durante o encontro, um ponto que considera central na obra de Rose Militão: a distinção profunda entre a lógica da dinâmica de grupo e a proposta dos exercícios sistêmicos. Enquanto a primeira costuma se ancorar em objetivos definidos, muitas vezes inseridos em contextos organizacionais e empresariais, o exercício sistêmico opera a partir da escuta do campo e do respeito ao ritmo de cada participante.

Yolanda apontou que, ao longo do livro 'Exercícios Sistêmicos para o trabalho com pessoas', Rose evidencia essa diferença ao oferecer exercícios nos quais o outro se move até onde pode, sem imposição de um "resultado final". Mencionou como exemplo o exercício 'Queridos pais, abençoe o seu filho', no qual a autora sinaliza a importância de reconhecer limites pessoais — especialmente quando há dores profundas relacionadas a pai e mãe.



A mediadora Yolanda Freire, psicóloga e diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do CECS: "O exercício sistêmico não exige um desfecho, mas propõe um caminho possível"

Para Yolanda, esse cuidado revela uma postura ética e sensível do facilitador diante do campo sistêmico. O exercício não exige um desfecho, mas propõe um caminho possível.

A retirada ou suspensão da participação, quando necessária, não representa fracasso, mas afirmação da escuta interna. “A pessoa segue até onde sua história permite. Essa atitude, para mim, define a base ética da prática com exercícios sistêmicos”, afirmou.

Segundo Yolanda Freire, a **abertura ao não resultado** *expressa respeito ao outro*, **valoriza o processo subjetivo** e **fortalece o lugar da Constelação Sistêmica** como **abordagem que reconhece o humano** em suas **potências e fragilidades**

Para Rose Militão, a prática com exercícios sistêmicos carrega um princípio ético inegociável: o respeito aos limites de quem participa. Ao refletir sobre a transição de sua atuação como facilitadora em dinâmicas de grupo para o campo sistêmico, a psicóloga ressaltou o contraste metodológico.

No universo empresarial, cada comportamento do participante costumava ser avaliado, inclusive sua ausência de participação. Tudo se transformava em relatório.

A chegada ao campo das Constelações exigiu outra escuta. “Falar sobre pai e mãe fora da igreja é recente e delicado. Muitos carregam histórias de dor, de abandono, de narcisismo, e não é simples evocar esses vínculos”, afirmou. Por isso, entende que o exercício deve tocar o outro apenas até onde ele suporta. “Não é sobre todos conseguirem acolher os pais de imediato. É sobre permitir que esse encontro simbólico aconteça no tempo de cada um”, destacou.

Vínculo com os pais e a função sistêmica

Rose compartilhou um exercício que costuma propor antes de palestras ou formações: a entrada simbólica dos pais. "Abrimos a porta, e os pais entram.

Nem todos recebem. O que se revela ali é a memória que cada um carrega dos seus genitores."

Para ela, esse trabalho expõe a fragilidade das relações familiares e aponta o desafio da geração atual, marcada por traumas não elaborados.

Ao analisar o cenário contemporâneo, identificou um fenômeno social crescente: pais emocionalmente fragilizados projetando nos filhos o desejo de felicidade que não viveram.

"Essa idealização transforma os filhos em reféns", explicou. Tal dinâmica, segundo ela, tem alimentado uma geração de crianças sem referência de autoridade e pais esvaziados de força.

A Constelação e o esporte de alto rendimento

Rose Militão desenvolve, há oito anos, o método denominado Constelação de Alinhamento de Resultados no Esporte (CARI), uma abordagem que articula os fundamentos das Constelações Sistêmicas ao universo esportivo de alta performance. A proposta é fruto de uma imersão longa e dedicada, que já resultou em entrevistas, atendimentos clínicos e formações, e atualmente encontra-se em processo de sistematização para publicação em livro.

Segundo a autora, a metodologia surgiu da necessidade concreta de compreender, à luz da perspectiva sistêmica, as recorrentes dificuldades emocionais e existenciais enfrentadas por atletas profissionais, especialmente no que diz respeito à relação com suas figuras parentais.

Militão acompanhou por seis anos o Fortaleza Esporte Clube e, nos dois anos mais recentes, realiza o trabalho junto ao Ceará Sporting Club.

"Cada experiência é um acontecimento. O que mais emerge, com intensidade, é a dor que os atletas carregam na relação com os pais, sobretudo com o pai. As maiores barreiras não estão no campo físico, mas no campo sistêmico", afirmou a psicóloga.

Ela destacou que, apesar de muitos atletas conquistarem altos salários e reconhecimento público, como vencimentos mensais na casa de R$ 800 mil, não conseguem manter estabilidade emocional ou financeira no médio e longo prazos.

"Estão sistemicamente fragilizados. Mais de 95% dos jogadores, após três anos do encerramento da carreira, enfrentam sérias dificuldades econômicas. Muitos chegam à falência", informa.

O fenômeno, segundo Militão, remonta ao rompimento ou enfraquecimento dos vínculos sistêmicos fundamentais, especialmente o pertencimento familiar, que se expressa por meio da relação com o pai e a mãe.

"São eles que nos colocam em contato com nossos ancestrais. Não existe outro caminho possível para acessar essa rede de pertencimento, que é a fonte da força vital, senão por intermédio dos nossos pais — aqueles que nos deram a vida", afirma.

A **experiência do CARI** mostra que a **prosperidade, a abundância e a sustentabilidade emocional** no esporte **estão diretamente ligadas à integridade sistêmica do indivíduo**. "*Não se trata apenas de talento ou preparo físico, mas de estar inteiro diante da vida*", destaca Rose Militão

A educação parental e o lugar do constelador

A autora destacou a relevância do constelador na discussão sobre educação parental. Entende que, diante de um mundo em que diferentes gerações — dos baby boomers à geração Z — convivem em um mesmo campo social e emocional, os profissionais das Constelações têm um papel determinante: "Precisamos falar da força do pai e da mãe. Isso dá estrutura. Isso é vínculo sistêmico."

Criticou o estranhamento que ainda existe em torno da abordagem, inclusive por parte de entidades como o Conselho Federal de Psicologia. Para Rose, não há como compreender a proposta das Constelações sem reconhecer sua raiz fenomenológica e seu compromisso com o essencial: o pertencimento e a inclusão.



Amor, ego e autorresponsabilidade

Ao retornar à reflexão sobre o exercício sistêmico, Rose o definiu como um treino diário de amor. "É um exercício para aprender a amar o outro com suas dores e seus limites. Isso me transforma como mãe, avó, mulher e consteladora", constata. Para ela, o trabalho sistêmico não é movido por idealizações, mas pela coragem de olhar para si com honestidade.

Em tom pessoal e autêntico, reconheceu os desafios da própria vaidade e ambição. "Quero ser a melhor, a mais bonita, a mais rica. Mas todos os dias eu digo ao meu ego: hoje você não será o protagonista." Assumiu que esse movimento constante de autorresponsabilização é o que a torna uma pessoa melhor, não por bondade, mas por enfrentamento interno.

Exercícios e histórias como dispositivos de transformação

Ao abordar a estrutura do livro, Rose Militão revelou que dividiu os exercícios sistêmicos em três partes, sendo uma delas dedicada à "história e pele". Compartilhou uma narrativa, citada na página 103, que serve de metáfora para os processos de liberação emocional.

Dois monges atravessam um rio com uma jovem, mas apenas um deles continua a carregar a experiência internamente, mesmo horas depois.

"Essa história nos ensina sobre passado, presente e futuro. Sobre o que escolhemos carregar", observa.

Rose propôs, a partir disso, um exercício prático: colocar três pontos no chão — passado, presente e futuro — e perguntar ao participante onde seu corpo sente mais pertencimento. "É revelador. Muitos se apegam à dor como se disputassem quem foi mais maltratado. Há um apego à sofrência que precisa ser reconhecido", aponta.

Rose Militão pontua que **o exercício sistêmico**, *diferente da dinâmica de grupo*, **abre espaço para o que emerge** — *sem forçar, sem esperar um fim predeterminado,* **apenas com a intenção de tocar, acolher e possibilitar um novo movimento**



Participantes da 8ª edição do Projeto Autoria, promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), em encontro on-line com a psicóloga Rose Militão, autora do livro 'Exercícios Sistêmicos para o trabalho com pessoas'

Versão anterior, versão atual, versão avançada

A psicóloga Rose Militão retomou sua fala com uma metáfora poderosa: a travessia do rio como símbolo da transição entre versões de si mesma. "O rio nunca olha para trás. Nós olhamos, como referência", afirmou. Para ela, a dinâmica de grupo representa uma versão anterior, ligada ao passado. A versão atual traduz o presente, e a versão avançada sinaliza o futuro que se deseja construir.

Rose propôs uma reflexão sobre o que se deixa para trás e o que se escolhe carregar: "Já chega de ferida. A forma de falar, de lidar, de estar no mundo, muda quando nos reconhecemos adultos diante de adultos".

A pergunta do milagre

Inspirada no terapeuta familiar Steve de Shazer, Rose apresentou um exercício que se tornou um dos pilares de sua prática: a pergunta do milagre. Trata-se de um convite para o participante imaginar que, ao adormecer, um milagre aconteceu e seu problema desapareceu. A proposta consiste em visualizar e descrever o que mudou, como o corpo reage, como se vive sem aquela carga.

Segundo Rose, esse movimento simbólico abre espaço para reorganizações profundas. "Todos os problemas desaparecem. O que os sustenta somos nós mesmos." A técnica, presente na página 58 do livro, conduz o participante por três dimensões: o eu emocional, o eu mental e o eu pragmático — cada qual refletindo sobre o próximo passo a ser dado.

Com quem você parecerá menos

Outro exercício destacado por Rose envolve a lealdade invisível aos ancestrais.

Ao pedir que a pessoa escreva um problema e relate como está sua vida em decorrência dele, ela então questiona: "Se esse problema desaparecesse, com quem você pareceria menos?" A resposta costuma apontar para a mãe, o pai ou outro membro do sistema familiar.

Essa reflexão ativa o vínculo sistêmico e revela o quanto, muitas vezes, a permanência na dor está associada à fidelidade inconsciente. Para Rose, esses exercícios funcionam como pequenas Constelações: "São insights poderosos, que nos colocam diante de verdades evitadas e nos impulsionam a transformar."

O som do sonho

Na sequência, Rose trouxe outro exercício essencial: a pergunta sobre o som do sonho. A proposta convida à introspecção, em ambiente de silêncio e música suave, para evocar um sonho guardado. O participante fecha os olhos, visualiza-se dentro do sonho já realizado e acessa as sensações que essa conquista provoca.

"*Não existe* objetivo ou meta sem sonho. O sonho é a âncora. ***Sem ele, a vida se torna íngreme*"** (Rose Militão)

Rose relembrou com humildade sua tentativa juvenil de falar sobre sonhos com moradores de rua, sem compreender que o vazio de necessidades básicas inviabiliza o acesso ao campo simbólico do desejo. "Sonho só existe quando a fome já foi saciada", pontuou.

O projeto social Florescer

Dessa vivência nasceu o projeto Florescer, com o objetivo de levar a Constelação para espaços de vulnerabilidade social, como abrigos e serviços de assistência a pessoas em situação de rua. "Não vamos oferecer comida ou banho, mas pertencimento", afirmou.

A proposta prevê a atuação de voluntários consteladores para trabalhar o sentimento de exclusão, não apenas do ponto de vista social, mas também sistêmico: "É uma exclusão que começa na origem, no vínculo com os pais, na história familiar. O trabalho precisa começar por ali."

Constelação e o poder da imagem interna

Rose compartilhou uma vivência com o time do Ceará Sporting Club, onde aplicou o exercício do som do sonho antes de uma final contra o Fortaleza. Propôs aos jogadores que visualizassem a vitória e que acessassem a imagem do troféu já conquistado. Em seguida, perguntou a cada um qual era a crença que os guiava naquele momento.

A maioria citou avós, símbolos religiosos ou gestos repetidos como mantras. "Aproveitei essas imagens internas para ancorar o exercício.

Fomos ao campo e ativamos esse sonho coletivo." O resultado, segundo ela, veio não apenas no placar, mas na força emocional resgatada pelo grupo.

Sonho como alavanca de transformação

Ao finalizar, Rose reiterou que os exercícios sistêmicos ampliam a escuta e a capacidade de amar: "Essas práticas me ajudam a ser uma pessoa melhor. Não por virtude, mas por autoconhecimento. Meu ego quer tudo: beleza, sucesso, protagonismo. Todos os dias eu digo a ele: hoje você não será o protagonista do meu dia."

Essa consciência, afirmou, nasceu no campo da Constelação, e não da psicologia: "Eu me responsabilizo por mim, e isso me torna mais humana. Mais inteira."

Segundo Rose, **a força do exercício sistêmico** *revelou-se como prática de integração*: entre **passado, presente e futuro**; entre **desejo** e **realidade**; entre o *eu ferido* e o *eu que deseja florescer*

Encerramento e reverência ao legado

A diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), Yolanda Freire, encerrou a 8ª edição do Projeto Autoria com um agradecimento comovido à psicóloga Rose Militão.

Em suas palavras, reconheceu não apenas a presença da convidada, mas sua contribuição à história e à identidade institucional do CECS.

"Rose, você é um presente para as Constelações. Um presente para todos *nós que integramos o CECS*. Você **firmou nosso chão, deu solidez ao passo que ousamos dar"** (Yolanda Freire)

Yolanda destacou que a participação da autora reverberou não apenas no conteúdo apresentado, mas também na forma como inspirou a escuta e o vínculo entre os participantes.



“Em nome do Centro de Excelência, agradeço profundamente por sua disponibilidade, mesmo em meio a desafios de saúde. Que venham outros livros, novas partilhas e mais caminhos de expansão da consciência. Que seus escritos sigam a inspirar quem escolhe trilhar este campo”, concluiu.

Com esse gesto, a diretora selou o encontro como um marco na série de eventos do Projeto Autoria, que se consolida como espaço de circulação teórica, diálogo ético e valorização do pensamento nas Constelações Familiares Sistêmicas. **(Texto publicado no dia 04 de dezembro de 2025 e atualizado em 22 de janeiro de 2026)**

Ressonâncias, campos e vínculos: Ternise Castelar Torres analisa *relacionamentos afetivos e as complexidades sistêmicas*

Live do 2º CECS Constela faz incursão aprofundada no campo dos vínculos afetivos, com ênfase em memórias transgeracionais, inconscientes emergentes e emaranhamentos relacionais. "Costumo dizer que a Constelação é como estar em um prédio de frente para o mar. Cada andar oferece um ponto de vista diferente da mesma paisagem", afirma convidada especial, educadora, psicóloga, empresária, idealizadora do Instituto Serendy. "A cada encontro, incorporamos novos saberes a partir dessa troca generosa que nos reúne", diz mediadora Rosângela Ferreira

A educadora, psicóloga, empresária, idealizadora, fundadora e diretora do Instituto Serendy, Ternise Castelar Torres, foi a convidada especial do 2º CECS Constela, realizado no dia 27 de novembro de 2025. O projeto marca uma nova fase da instituição voltada à vivência prática e partilha de experiências sistêmicas.

A iniciativa visa fortalecer o campo de atuação dos profissionais associados ao CECS por meio de encontros on-line mensais, com estrutura que combina prática, escuta e troca de saberes.

São convidados facilitadores entre os próprios associados, sempre em contribuição voluntária. Na segunda edição, Ternise Castelar Torres desenvolveu o tema 'Relacionamentos afetivos e as complexidades sistêmicas'.

O evento teve como mediadora a historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos do CECS, Rosângela Ferreira.

Trajetória acadêmica e referência profissional na abordagem sistêmica: quem é Ternise Castelar Torres

Doutoranda em pedagogia sistêmica (Cudec/México), mestre em psicologia do desenvolvimento e pós-graduanda em pedagogia sistêmica.

Formada pela Hellinger Sciencia (Novas Constelações por Bert e Sophie Hellinger) e pelo IAG - Associação Internacional para Soluções Sistêmicas de Bert Hellinger (sede em Munique-Alemanha).

Consteladora desde 2004 e formadora de Consteladores desde 2010 em Brasília, Belo Horizonte e Porto Alegre, sendo a primeira turma em parceria com Mimansa Farny. Fez Formações em psicologia transpessoal na Unipaz-DF, no Institute of Core Energetics New York e ICDEP – Instituto Cultural Dinâmica Energética do Psiquismo. Possui a primeira formação em matemática.

Um espaço de partilha, prática e aprendizado entre profissionais

A historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos do CECS, Rosângela Ferreira, conduziu a abertura do encontro com uma fala sensível, oportunidade em que situou o propósito da iniciativa.

"O CECS Constela tem exatamente esse objetivo: ser um espaço de partilha, de aprendizado vivo, onde também aprendemos ao observar os colegas em prática. A cada encontro, ampliamos nosso repertório e o nosso olhar. Incorporamos novos saberes a partir dessa troca generosa que nos reúne aqui", destacou.



A psicóloga, educadora, empresária, fundadora e diretora do Instituto Serendy, Ternise Castelar Torres, com formações nacionais e internacionais em Constelações: "Sinto que o CECS Constela foi concebido dentro de um campo muito amoroso, com o qual me conecto profundamente"

Na sequência, a mediadora convidou os participantes a mergulharem em uma reflexão sobre os relacionamentos afetivos a partir da perspectiva das Constelações Familiares Sistêmicas. Para ela, olhar para os vínculos com esse enfoque exige compreender que nenhum encontro afetivo nasce isolado. Cada relação carrega, em seu núcleo invisível, marcas de histórias anteriores. Ela observou que todo relacionamento é atravessado por histórias que nos antecedem, por pertencimentos, lealdades invisíveis, movimentos interrompidos que seguem a pedir lugar. Muitas vezes, vivemos sem perceber essas dinâmicas. Amar, nesse contexto, é também reconhecer o que repetimos, o que tentamos reparar e o que ainda não foi visto dentro de nós e do nosso sistema.

Rosângela Ferreira ressaltou a generosidade da convidada ao compartilhar sua trajetória, experiência e visão com os participantes: "Recebemos Ternise Castelar Torres, que de forma muito generosa cedeu seu tempo e espaço para partilhar conosco sua jornada e seus conhecimentos. É uma honra tê-la conosco neste momento de escuta e aprofundamento."

A **edição marcou mais um passo** na *consolidação do CECS Constela* como **espaço formativo, dialógico e vivo dentro do campo das Constelações**, ao **reunir profissionais em torno da prática consciente** e da **ampliação de repertórios sistêmicos**

A educadora, psicóloga e diretora do Instituto Serendy, Ternise Castelar Torres, iniciou a participação com agradecimento ao convite e ao destacar a qualidade do CECS Constela como espaço de aprendizado ético e profundo. Para ela, a proposta do projeto se distingue pela seriedade e pelo campo amoroso construído desde sua origem.

"É uma alegria estar aqui. Sinto que o CECS Constela foi concebido dentro de um campo muito amoroso, com o qual me conecto profundamente. Ao mesmo tempo, percebo a seriedade do trabalho que está sendo desenvolvido. É uma honra fazer parte desta iniciativa e contribuir, ainda que com uma gota, para esse vasto oceano de saber que são as Constelações Familiares Sistêmicas", avaliou.

Ternise compartilhou aspectos de sua trajetória até chegar à abordagem sistêmica. Formada inicialmente em matemática, lecionou por alguns anos antes de atuar no Banco do Brasil. Aos 30 anos, sentiu-se chamada a buscar novos sentidos para a vida e iniciou uma profunda jornada de autoconhecimento, que a levou ao curso de psicologia.

Foi nesse percurso que conheceu Pierre Weil, figura central da psicologia transpessoal, educador e psicólogo francês residente no Brasil. Com ele, teve seus primeiros contatos com as bases de uma visão sistêmica do ser humano e da consciência.

A partir daí, envolveu-se em diversas formações e abordagens integrativas, o que incluiu trabalhos corporais e a formação pela Dinâmica Energética do Psiquismo (DEP), no Brasil.

Essas experiências reforçaram em Ternise uma compreensão integral do ser humano — como corpo, mente, espírito e história —, perspectiva que mais tarde encontraria eco e aprofundamento nas Constelações Familiares.

O encontro com a Constelação Familiar e sua metodologia de trabalho

O primeiro contato com a Constelação Familiar aconteceu em 2002, dentro de seu exercício clínico como psicóloga. Segundo relatou, a experiência com um adolescente atendido no consultório despertou a curiosidade sobre dinâmicas que não se explicavam apenas por abordagens convencionais.

Foi então que se aproximou do campo sistêmico por meio de uma formação conduzida pelo IAG – Associação Internacional para Soluções Sistêmicas de Bert Hellinger, tendo ingressado na segunda turma oferecida no Brasil.

Durante a formação, teve aulas com mestres de renome internacional como Jakob Schneider, Sieglinde Schneider e Gunthard Weber — referências das Constelações.

Foi, no entanto, com Sieglinde Schneider, esposa de Jakob, que viveu uma experiência determinante com a Constelação Individual.

"Realizei uma Constelação que tocava uma das questões mais importantes da minha vida. A forma como Sieglinde conduziu o processo me impactou profundamente. Pude ver com clareza os elementos da cena sistêmica que se revelavam à minha frente. A partir dali, compreendi a potência da Constelação Individual como recurso clínico. É essa metodologia que carrego comigo até hoje", afirmou.

Formação de profissionais e compromisso com o aprofundamento

Desde 2010, Ternise passou a formar consteladores em diversas capitais brasileiras. A primeira turma surgiu a partir de uma parceria com Mimansa Farny, terapeuta alemã que foi uma das pioneiras em trazer as Constelações Familiares para o Brasil na década de 1990. Ela a convidou a conduzir uma formação ao substituir sua presença em um workshop.

"O tema era casais. A primeira pessoa atendida trazia uma história com 22 relacionamentos. Depois disso, senti que poderia lidar com qualquer tema que chegasse ao campo", pontuou.

Em Brasília, o Instituto Serendy formou até o momento 15 turmas, sempre com forte ênfase na dimensão ética, epistêmica e formativa da Constelação Familiar.

Desde o início, a proposta do instituto inclui grupos de estudo permanentes, parcerias com instituições acadêmicas e a criação de uma pós-graduação.

O esforço tem sido no sentido de reduzir crenças e aumentar a clareza conceitual, uma compreensão neutra da Constelação, em diálogo com o pensamento científico.

A Constelação como encontro entre campos de realidade

Ternise abordou também os fundamentos filosóficos que sustentam sua prática. Inspirada por reflexões de Bert Hellinger, destacou que a Constelação integra dois campos de conhecimento: o material e o fenomenológico.

A relação entre ambos, segundo ela, desafia a racionalidade comum e exige uma escuta expandida.

"Costumo dizer que **a *Constelação é como estar em um prédio de frente para o mar.* Cada andar oferece um ponto de vista diferente da mesma paisagem.** No térreo, vemos uma parte. Conforme subimos, a visão se amplia. O topo oferece uma perspectiva mais abrangente. **A Constelação nos convida a acessar esse andar mais alto** — *mais espiritual, mais profundo* — onde **acessamos não só os vínculos atuais,** mas os **laços ancestrais que nos atravessam**" (Ternise Castelar Torres)

"Desejo que este encontro seja um espaço vivo de reflexão. Sinta-se à vontade para perguntar, complementar, participar. A Constelação não se esgota em uma técnica; ela se revela no vínculo, no campo e na presença", afirmou.

A Constelação como campo de informação e consciência

Na continuidade da apresentação, a educadora e psicóloga Ternise Castelar Torres introduziu os fundamentos que sustentam sua compreensão sobre o campo nas Constelações Familiares Sistêmicas.

Inspirada nas contribuições do biólogo britânico Rupert Sheldrake, a convidada destacou que a teoria dos campos morfogenéticos oferece uma base para entender como as informações se organizam e se transmitem em sistemas vivos, inclusive no sistema familiar.

Segundo Ternise, os campos são estruturas autônomas, com diferentes níveis de consciência que se interpenetram. Dentro dessa visão sistêmica, os campos são como andares de um prédio. Em cada um, experimentamos diferentes formas de percepção e compreensão da realidade.

A convidada observou que, a partir da concepção, um ser já se manifesta como um campo de energia em interação com ressonâncias e dissonâncias que transcendem a matéria.

Ao resgatar princípios da física quântica, abordou o conceito de "causação descendente": uma informação não material se manifesta como forma, e esta, por sua vez, também influencia o campo.

Segundo ela, quando realizamos uma Constelação e abordamos, por exemplo, padrões de dependência afetiva herdados, acessamos campos de informação que nos formaram. Ao constelá-los, esses padrões se elevam a um novo nível de consciência.

Registros corporais e herança psíquica

Ternise aprofundou a discussão com referências à biologia do desenvolvimento e à psicologia do desenvolvimento. Relembrou que, nos estágios iniciais da gestação, há similaridade morfológica entre embriões de diferentes espécies, o que revela um campo comum na base da existência. Essa visão amplia a compreensão do humano como parte de uma herança evolutiva que ainda influencia estruturas internas de percepção.

Abordou, ainda, aspectos da psicogênese, ao destacar como experiências precoces moldam padrões de comportamento e influenciam relações afetivas futuras. Aos três anos, já aprendemos a nos vincular. Quando nos percebemos a agir como crianças em relações adultas, muitas vezes estamos apenas reproduzindo uma memória afetiva não integrada, pontuou.

Ternise mencionou também a influência de Arthur Janov, psicólogo e psicoterapeuta estadunidense, criador da teoria do grito primal, ao falar sobre registros corporais e as memórias psicoemocionais que moldam nosso funcionamento.

Ternise ressaltou a **importância dos primeiros anos de vida** como período **determinante para a formação da percepção de segurança, do pertencimento e da autoestima**. *A forma como nascemos pode marcar profundamente nosso modo de agir no mundo*. Uma **experiência de parto traumática** pode estabelecer um **padrão inconsciente de esforço e sacrifício**

A partir da abordagem das Constelações, Ternise introduziu a contribuição de Ken Wilber, pensador e criador da Psicologia Integral, para pensar os diferentes níveis do inconsciente.

Ternise destacou que o trabalho sistêmico pode revelar o inconsciente pessoal (freudiano), o coletivo (junguiano), o filogenético, o arquetípico e o inconsciente emergente, este último definido como aquilo que está mais pronto para ser revelado.

A Constelação permite que venha à tona exatamente o que o cliente está pronto para ver. O constelador não impõe; ele acompanha, sustenta e respeita o tempo interno do outro, afirmou.

Reforçou que a Constelação é relacional, fenomenológica e existencial. Atua no encontro entre campos de consciência. Revela tanto ressonâncias quanto complementaridades nos relacionamentos afetivos.

Segundo ela, a relação afetiva também é um campo. Nele se encontram dois sistemas, duas histórias, dois inconscientes. Quando esses campos entram em contato, revelam aspectos que estavam ocultos. A Constelação nos dá o mapa para esse reconhecimento.

Vivência prática: Constelação individual como experiência formativa

Na etapa seguinte do encontro, Ternise Castelar Torres conduziu os participantes a uma vivência prática por meio de uma Constelação individual realizada ao vivo. A condução envolveu uma temática sensível: a dinâmica relacional entre pais e uma filha, explorada sob a ótica dos princípios fundamentais da abordagem sistêmica.

A prática ilustrou, com profundidade, a aplicação concreta dos conceitos anteriormente discutidos, como os campos de informação, os vínculos transgeracionais, os movimentos interrompidos e os emaranhamentos sistêmicos.

Mais do que uma demonstração técnica, a experiência se consolidou como um espaço formativo, ao integrar teoria e fenomenologia em tempo real — característica central das Constelações Sistêmicas, especialmente nas suas versões mais contemporâneas, como as propostas por Bert Hellinger.

Ao mobilizar a escuta sensível e a observação atenta, os participantes puderam reconhecer, de forma experiencial, como o campo relacional se organiza, se manifesta e se transforma a partir da intervenção fenomenológica.

A vivência prática *também evidenciou o potencial da Constelação individual* como ferramenta terapêutica e pedagógica nos contextos clínico e formativo

Gratidão pelo conflito e o papel do outro

Após a Constelação, o segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, Ricardo Mendes, arteterapeuta e docente internacional em Constelações Familiares e Xamanismo, trouxe uma reflexão sobre o papel do outro nas relações afetivas.

Segundo Ricardo, o campo do relacionamento é muitas vezes marcado por papéis que emergem em função de conflitos necessários para o crescimento. Às vezes, o outro ocupa um papel incômodo, desafiante, mas essencial ao nosso desenvolvimento. Segundo ele, ninguém entra em nossa vida para nos infernizar. Mesmo quando a experiência é dolorosa, ela traz algo que precisamos integrar.

Para ilustrar, utilizou a imagem de uma peça de teatro. Numa dramaturgia, sempre há antagonistas. Alguém precisa sustentar o papel do vilão. E esse papel, por mais difícil que seja, é fundamental para o enredo se completar.

Ricardo relacionou essa compreensão com o movimento de gratidão dentro das Constelações. Ou seja, quando olhamos o outro com esse entendimento, conseguimos reconhecer o valor que ele teve, mesmo nas dificuldades.

Ao lembrar o que nos atraiu inicialmente, reencontramos as qualidades que ainda estão lá. Elas não desaparecem: "Caramba, quando eu me apaixonei por essa pessoa, não foi por isso que ela está representando agora, foi por todas as qualidades que eu enxergava, e devem existir ainda essas qualidades, porque elas não saem correndo".

A constelação como representação de campos e liberação de ressonâncias

Ternise Castelar Torres retomou a palavra após o comentário do vice-presidente da instituição, Ricardo Mendes, para ampliar a reflexão sobre os vínculos afetivos e os papéis representados nos relacionamentos. Segundo ela, é comum que o outro, em uma relação, atue como uma expressão de dinâmicas não resolvidas dentro do próprio sistema familiar.

Segundo ela, em determinados momentos, deixamos de agir apenas como indivíduos e passamos a representar campos mais amplos. Carregamos não só nossas vivências pessoais, mas também memórias coletivas, familiares e ancestrais. Quando acessamos esses conteúdos por meio de uma Constelação, tocamos não apenas a nossa dor, mas também as dores ressonantes em outros membros do sistema.

Gratidão pelo conflito e o papel do outro

Para Ternise, essa capacidade de atuação dentro de um campo maior é o que confere às Constelações Sistêmicas um potencial de transformação tão significativo.

Segundo ela, trabalhamos aspectos nossos e de outros, e isso justifica por que uma única Constelação pode liberar tanto. É um campo que se organiza e se equilibra quando olhamos com consciência, responsabilidade e amorosidade para essas dinâmicas ocultas.

Ternise reafirmou a **proposta das Constelações** *como ferramenta de ampliação de consciência*, com **efeitos que reverberam além do sujeito que constela**, ao **impactar toda a rede de pertencimento à qual ele está ligado**

Ao final do encontro, Ricardo Mendes agradeceu à convidada especial, Ternise Castelar Torres, e compartilhou brevemente sua experiência emocional e profissional ao longo da atividade.

Ele informou que tem poucas oportunidades de vivenciar uma Constelação como participante, de simplesmente assistir. “Ainda estou aqui impactado.

Quando a gente ocupa esse lugar, acaba faltando tempo para assistir, conhecer o nosso trabalho. Ainda estou vibrando aqui dentro do campo. Só tenho a agradecer”, concluiu.

Na saudação final, a diretora de eventos do CECS, Rosângela Ferreira, reforçou o valor da escuta e da observação entre colegas como elementos essenciais na ampliação do olhar profissional e no aprofundamento da abordagem sistêmica.



Segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, arteterapeuta e docente internacional em Constelações Familiares e Xamanismo, Ricardo Mendes: O campo do relacionamento é muitas vezes marcado por papéis que emergem em função de conflitos necessários para o crescimento



A mediadora Rosângela Ferreira, historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas: "O CECS Constela tem exatamente esse objetivo de ser um espaço de partilha, de aprendizado vivo, onde também aprendemos ao observar os colegas em prática"

"Estar nesse lugar de condução, do fazer, muitas vezes nos distancia da possibilidade de apenas observar. Por isso, quando conseguimos acompanhar o trabalho de um colega, somos presenteados com a riqueza das nuances que ele nos oferece. Olhares diferentes dos nossos revelam camadas que talvez não veríamos sozinhos. E isso é aprendizado. É nesse campo tão amplo, como o que nos foi oferecido hoje, que compreendemos ainda mais a potência da partilha. Agradeço profundamente por essa experiência", declarou.

Rosângela Ferreira fez um convite à associação à entidade, ao reforçar o caráter coletivo e em constante construção do CECS Constela, projeto que marca a nova fase de atuação prática e integrativa do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas: "Seguimos nesse processo de reunir cada vez mais profissionais para nos ajudar, nos apoiar nesta construção".

Segundo Rosângela, cada associado é parte viva desse processo: "Contamos com a participação de todos. Sabemos que, por vezes, alguns se envolvem mais diretamente, enquanto outros permanecem em um campo mais passivo. Mas o nosso convite é para que todos se unam de forma mais ativa, para que essa prática e essa abordagem ganhem, de fato, o espaço que merecem — um espaço que nos acomoda e, ao mesmo tempo, nos desafia em nossos processos de desenvolvimento." Rosângela encerrou com um agradecimento especial à convidada: "Muito obrigada, Ternise Castelar Torres, pela sua presença generosa e por tudo que foi compartilhado nesta noite". **(Texto publicado no dia 06 de dezembro de 2025 e atualizado em 22 de janeiro de 2026)**

Cuidado e poder: *os desafios* das práticas integrativas na saúde

Evento promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas apresenta o Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas de Saúde (Lapacis/Unicamp). Professor Doutor Nelson Filice de Barros discute institucionalização das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI), critica hegemonia biomédica na definição de evidências científicas e destaca necessidade de uma lógica horizontal entre os saberes. Mediadora Roseny Flávia Martins, diretora Científica do CECS, reforça importância de compreender o cenário das práticas integrativas com profundidade crítica e contextual

O Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), por meio do Grupo de Trabalho (GT) Científico, realizou no dia 10 de dezembro a live "Apresentação do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas de Saúde – Lapacis Unicamp | SP", com o PhD Nelson Filice de Barros.

O convidado especial é professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e sociólogo de referência na área da saúde coletiva. Como coordenador do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas de Saúde (Lapacis), é uma voz influente na América Latina ao moldar a pesquisa e a compreensão social das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI).

Seu trabalho oferece uma perspectiva crítica das ciências sociais, essencial para o desenvolvimento de políticas públicas de saúde culturalmente sensíveis e equitativas, o que torna suas contribuições vitais para o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas. A mediação foi conduzida pela diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, pesquisadora PhD, autora, especialista em violência doméstica e saúde da mulher.

Mobilização e resposta institucional

Em sua saudação inicial, Roseny Flávia Martins ressaltou a importância de encontros ao vivo, como forma de interação direta com pesquisadores de referência. "Há o benefício de estar presente, poder receber o professor Nelson Filice de Barros, perguntar, conversar com ele, neste momento tão importante para as práticas integrativas e as Constelações sistêmicas", afirmou. Também agradeceu à pesquisadora Jane Rocha, responsável pelo primeiro contato com o convidado.

A diretora científica do CECS destacou o amadurecimento do debate em torno das Constelações Familiares e Sistêmicas no Brasil.

Apontou que esse processo envolve dimensões legislativas, posicionamentos de conselhos profissionais, produção científica, políticas públicas, qualificação da formação e responsabilidade ética na prática.

Roseny relembrou que, em março de 2018, a Constelação Familiar foi oficialmente incorporada à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, iniciada em 2006.



Participantes da live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) com a apresentação do professor PhD Nelson Filice de Barros (Unicamp), que defendeu o reconhecimento da diversidade de saberes como eixo estruturante das políticas públicas em saúde

Em 2020, o Projeto de Lei nº 4.887 propôs a regulamentação da atividade profissional do constelador. Em 2023, uma nota técnica do Conselho Federal de Psicologia declarou que as Constelações não constituíam uma prática de aporte psicológico ao citar ausência de evidências científicas robustas. A publicação gerou repercussão nacional, especialmente entre profissionais e instituições que observam eficácia na aplicação da metodologia.

Diante da nota técnica, surgiu o movimento Sou da Constelação, com mais de 2 mil participantes, seguido pela criação do Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS). Em resposta ao documento do CFP, um grupo de psicólogas elaborou uma contranota técnica, em que questionou a validade científica e jurídica da publicação. O CECS formalizou juridicamente uma refutação com base em quatro pontos principais: ausência de queixa formal que justificasse o documento, omissão da identidade dos profissionais responsáveis pela elaboração, inexistência de participação de especialistas na área das Constelações e falta de referências bibliográficas na composição desse documento.

CECS

Após a **criação do CECS**, diversos *avanços foram registrados*: o **Mapa de Evidências Científicas sobre a Efetividade Clínica da Constelação Familiar e Sistêmica**, *publicado em dezembro de 2024 pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin)*; a **ampliação do Comitê de Constelações Familiares e Sistêmicas do Cabsin**, em *agosto de 2025*; e a **organização do repositório científico do CECS, com mais de 650 referências bibliográficas sobre Constelações**

Roseny Flávia ainda mencionou que o Instituto Questão de Ciência (IQC) publicou diversos conteúdos críticos sobre o uso de Constelações no Sistema Único de Saúde (SUS) e no Judiciário.

Chegou a propor, por meio de sugestão legislativa, o banimento da prática do serviço público.

A proposta foi rejeitada por inconstitucionalidade em maio de 2025, que garantiu a continuidade voluntária da prática.

Em sua fala, Roseny Flávia Martins destacou que as Constelações continuam sendo aplicadas em vários tribunais, com índice de até 99% de conciliação em casos de cidadania.

No SUS, entre 2019 e 2022, foram registradas mais de 24 mil sessões de Constelação Familiar, conforme dados oficiais do Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica (Sisab). Ao encerrar a saudação, a mediadora apresentou a biografia do convidado.

As origens do interesse acadêmico pelas MTCI

O professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Dr. Nelson Filice de Barros, PhD, iniciou a apresentação com uma reflexão autobiográfica sobre o percurso intelectual que o levou ao campo das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI). Ainda na graduação em Ciências Sociais, no início dos anos 1990, em Campinas, deparou-se com um ambiente marcado pela forte presença de práticas esotéricas e por uma efervescência cultural que remetia aos movimentos contraculturais da década de 1960.

Durante esse período, a chegada da Universidade Internacional da Paz (Unipaz) em Campinas (SP) e a circulação de autoridades como o educador e psicólogo francês Pierre Weil provocaram inquietações intelectuais sobre a ausência de diálogo entre tais práticas e a universidade. A ausência de pesquisa acadêmica sobre esse campo mobilizou o desejo de inseri-lo no ambiente universitário.

O desafio de legitimar um campo marginalizado

A trajetória acadêmica de Dr. Nelson Filice de Barros tomou forma a partir de sua inserção no programa de mestrado em Sociologia da Saúde na Faculdade de Medicina da Unicamp. A pesquisa inicial voltou-se ao então chamado campo das medicinas alternativas.

O objetivo era compreender os motivos que levavam médicas e médicos a renunciar a uma identidade social consolidada para adotar práticas que demandavam constante justificação.

"Na época, quem praticava algo fora da biomedicina era visto ou como alguém que não gostava de medicina, ou como um mau aluno que tentava sobreviver no mercado", relatou.

Essa visão estigmatizante motivou a investigação sobre o modelo biomédico e seus limites, sobretudo no que diz respeito à cultura de cuidado. A pesquisa revelou que muitos profissionais não abandonavam a medicina por incompetência ou desinteresse, mas por reconhecerem os limites técnicos da biomedicina, o que os levava a buscar formas ampliadas de cuidado.

A coexistência de lógicas terapêuticas

No processo de pesquisa, Barros entrevistou médicas e médicos que combinavam práticas díspares — como biomedicina e homeopatia, alopatia e ayurveda —, mesmo quando essas apresentavam lógicas aparentemente excludentes.

Segundo ele, embora isso representasse um "absurdo lógico" na epistemologia formal, no contexto real do cuidado, práticas distintas poderiam se complementar em benefício da pessoa atendida. O foco, afirmou, era atender à vida concreta, não defender ortodoxias disciplinares.

Esse movimento levou à reflexão sobre o surgimento do conceito de medicina complementar, que se consolidou na segunda metade da década de 1990.

Nelson Filice de Barros destacou a *mudança de lógica do "ou isso ou aquilo"* para o **"isso e aquilo"**, ao **sinalizar uma transição epistemológica importante**. Ainda assim, reconheceu que, à época, *não compreendia as implicações mais amplas desse processo*

A análise crítica se aprofundou ao identificar que, dentro do movimento das MTCI, formaram-se dois grupos distintos. Um deles via essas práticas como patrimônio da humanidade ao reivindicar políticas públicas de acesso universal. Outro grupo identificou nessas práticas uma oportunidade de mercado, tratando-as como commodities no setor da saúde — um dos mais lucrativos do mundo.

Para Barros, o deslocamento da lógica dos movimentos hippies para a lógica dos yuppies expressa o modo como as MTCI foram, gradualmente, absorvidas pelo arranjo neoliberal, sem perder sua potencialidade transformadora, mas a sofrer deslocamentos importantes.

Medicina baseada em evidências: entre critérios e reducionismos

Dr. Nelson Filice de Barros contextualizou o surgimento da Medicina Baseada em Evidências (MBE), criada em 1992, na Austrália, dentro de um programa de residência médica. O princípio fundamental da MBE consiste em realizar intervenções apenas com base em evidências comprovadas, a utilizar critérios metodológicos específicos como ensaios clínicos randomizados duplo-cegos e meta-análises.



O professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), PhD Nelson Filice de Barros, sociólogo de referência na área da saúde coletiva, coordenador do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas de Saúde (Lapacis): "O desafio é reconhecer que o cuidado pode vir de diferentes fontes, sem subordinação entre elas"

Embora reconheça o valor técnico desses métodos, ele questiona o monopólio de uma única forma de produzir evidência. A crítica não nega a importância da validação científica, mas propõe a ampliação da noção de evidência, o que inclui outros formatos de conhecimento válidos, especialmente em campos como as MTCI.

A lógica da evidência e o controle das práticas integrativas

Na continuidade da apresentação, o professor Nelson Filice de Barros aprofundou a crítica ao modelo da Medicina Baseada em Evidências (MBE), ao apontar a forma como esse paradigma foi apropriado para estabelecer um controle normativo sobre as Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI). Segundo ele, "a evidência exigida é sempre a evidência que o outro quer, não a que o praticante reconhece como válida; é a evidência do método dominante, não da tradição envolvida".

Barros explicou que esse critério funciona como um mecanismo de exclusão epistêmica, que impõe condições rígidas para a validação de práticas não biomédicas.

A exigência de comprovação segue moldes específicos: ensaios clínicos randomizados, estudos duplo-cegos, e meta-análises, sem considerar outras formas legítimas de conhecimento.

"Não te dizem que você não pode. Apenas colocam uma condição. E essa condição é que você comprove segundo o que eu determino", afirmou.

O conceito de complementaridade e as implicações políticas

Ao abordar a definição institucional de "complementar", Barros destacou a distinção entre a lógica da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o uso político do termo.

Para a OMS, práticas como a medicina chinesa, originárias de sistemas culturais distintos, entram como complemento à biomedicina ao serem integradas aos sistemas nacionais.

No entanto, segundo Barros, o uso da noção de "complementar" no Brasil se tornou parte de um arranjo neoliberal, voltado à mercantilização dessas práticas dentro do mercado da saúde. Nesse contexto, surgem disputas por legitimidade e acesso.

Enquanto **uma parcela da população busca formas ampliadas de cuidado** — que incluam, por exemplo, *benzimentos ou banhos de ervas* —, os **serviços hospitalares, estruturados pela racionalidade biomédica**, *tendem a marginalizar ou subvalorizar essas práticas*

O professor defendeu o uso de diferentes práticas em regime de horizontalidade, sem hierarquias. "O desafio de integrar está em reconhecer que o cuidado pode vir de diferentes fontes, sem subordinação entre elas", afirmou. Esse reconhecimento exige romper com a estrutura que coloca a biomedicina como centro e as demais práticas como auxiliares ou inferiores. A trajetória de Barros o levou a investigar a noção de medicina complementar como objeto sociológico. Ainda nos anos 1990, seu doutorado buscou compreender como práticas tidas como logicamente incompatíveis — como homeopatia e alopatia — podiam coexistir no cotidiano do cuidado.

A experiência empírica mostrou que, longe de serem excludentes, essas práticas, quando aplicadas com sensibilidade clínica, podem se articular de forma funcional e ética.

A fundação do Lapacis e a institucionalização das MTCI

Em 2003, Dr. Nelson Filice de Barros ingressou como docente na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, na área de Ciências Sociais e Saúde.

Já naquele momento, buscou consolidar uma linha de pesquisa voltada às MTCI. Sua formação foi marcada pela valorização da produção bibliográfica em formato de livros, com sua dissertação e tese publicadas.

Porém, logo enfrentou a exigência institucional de publicar artigos científicos em volume e periodicidade.

Esse cenário impulsionou a criação de um grupo de pesquisa estruturado. Em 2006, ano da publicação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), em 03 de maio, Barros e sua equipe refundaram o Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (Lapacis) como uma celebração e afirmação política e acadêmica da institucionalização do campo.

A trajetória de pesquisa e os marcos de financiamento público

A refundação do Lapacis consolidou uma perspectiva de pesquisa comprometida com a diversidade epistêmica e com a universalização do acesso às práticas integrativas. No início, o grupo contou com estudantes de iniciação científica e poucas alunas de mestrado e doutorado, voltadas a temas como homeopatia e yoga.

Em 2013, o Brasil teve o único edital público voltado exclusivamente à pesquisa em práticas integrativas, financiado com recursos do Ministério da Saúde por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O grupo ampliou seus estudos na atenção primária do Sistema Único de Saúde (SUS), com ênfase em serviços públicos.

Barros se posiciona como parte de um coletivo que compreende as MTCI como patrimônio da espécie humana. Segundo ele, "essas práticas devem estar disponíveis a todas e todos que queiram, precisem ou tenham curiosidade. E quem tem capacidade de garantir esse acesso é o SUS".

Ensino, extensão e democratização do conhecimento

Ainda em 2006, Dr. Nelson Filice de Barros realizou estágio pós-doutoral e, em 2008, retornou com financiamento do governo britânico para estudar o uso das práticas integrativas em pessoas com diabetes tipo 2. A partir de então, o Lapacis fortaleceu sua vertente de ensino. As reuniões semanais de pesquisa foram transformadas em disciplinas de pós-graduação abertas a alunos especiais.

O laboratório garantiu o acesso da comunidade não acadêmica à universidade, com manutenção da qualidade do debate e respeito aos diferentes níveis de formação.

A equipe adotou estratégias pedagógicas para tratar *"diferentes como diferentes"*, com **respeito ao tempo de maturação dos alunos** e **promoção da inclusão aliada ao rigor intelectual**

Com o amadurecimento do trabalho, o Lapacis passou a integrar formalmente o programa de pós-graduação em Saúde Coletiva da Unicamp, com uma linha de pesquisa reconhecida. Paralelamente, estudantes da Faculdade de Medicina organizaram ligas acadêmicas em temas como homeopatia, acupuntura, medicina integrativa e fitoterapia — experiências que ampliaram a presença das MTCI na formação médica.

Barros finalizou essa etapa de sua fala com a defesa do compromisso ético e público da universidade com o conhecimento plural. Ao valorizar epistemologias diversas e ao garantir espaços formais para práticas historicamente marginalizadas, o Lapacis afirma-se como um centro de excelência acadêmica, comprometido com a justiça epistêmica e com o fortalecimento das políticas públicas em saúde.

Consolidação do Lapacis como núcleo de ensino, pesquisa e formação crítica

Ao avançar em sua exposição, o professor Nelson Filice de Barros afirmou que, em 2013, o Lapacis era o único espaço no Brasil com uma linha de pesquisa específica sobre práticas integrativas em saúde.

Naquele ano, a equipe criou uma disciplina optativa no catálogo do curso de medicina da Unicamp. A proposta segue vigente até hoje, como uma oferta aberta a todos os estudantes da universidade, ainda sem alcançar o status de disciplina obrigatória.

O laboratório, fundado em 2006 como desdobramento direto da publicação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), completa em breve duas décadas de existência. Segundo Barros, o processo de amadurecimento institucional do Lapacis tem seguido os ciclos dos setênios, o que permite o desenvolvimento gradual de projetos, formação de quadros e definição de estratégias de atuação.

Formação para além da graduação e pós-graduação tradicionais

Entre os principais avanços do Lapacis, Barros destacou a criação de um curso de formação voltado a profissionais já atuantes no campo da saúde. A proposta não se enquadra nos moldes da pós-graduação acadêmica ou da graduação, mas visa atender pessoas que desejam aprofundar a compreensão sobre o cuidado a partir de uma lógica emancipada e plural.

O curso parte do princípio de que existe uma falha estrutural na formação de profissionais de saúde no Brasil, que permanecem ancorados em uma monocultura epistêmica.

"É uma deformação formativa. O mundo do cuidado é muito mais amplo do que a biomedicina", afirmou. Barros apontou que, entre as 14 graduações da área da saúde, apenas o curso de farmácia contempla formalmente disciplinas obrigatórias de homeopatia e fitoterapia. As demais oferecem, quando oferecem, apenas disciplinas optativas.

Pluralismo médico, injustiça epistêmica e cultura do cuidado

A limitação curricular resulta em um déficit de saber que restringe a atuação profissional e impede o acesso a outras racionalidades médicas. O professor Nelson Filice de Barros classificou essa realidade como um caso de injustiça epistêmica. "Os estudantes são formados com ausência de pluralismo médico e epistêmico. Um debate essencial permanece fora dos currículos", observou.

Ao abordar a formação em pesquisa, ele destacou que nem todos os profissionais desejam se tornar pesquisadores. Para tanto, é necessário realizar o que o professor Boaventura de Sousa Santos denomina de ruptura epistemológica: questionar os fundamentos da técnica, interrogar seus limites e deslocar o olhar para além da competência operacional. Para Barros, a pesquisa começa quando se pergunta por que uma técnica é feita de determinada maneira, a quem interessa sua estrutura e quais relações de poder sustentam sua manutenção. "É preciso ir às entranhas da técnica e formular perguntas que desafiam a própria lógica do cuidado instituído", afirmou.

Expansão da cultura de cuidado como movimento social

Barros reiterou que nem todos os profissionais das MTCI precisam atuar como pesquisadores. No entanto, os que expandem sua forma de cuidar para além dos protocolos biomédicos integram um movimento social. "Quem sente os limites do modelo biomédico e adota práticas diversas não está apenas sendo alternativo. Está a ampliar as formas de cuidado", explicou.

Para o professor, a formação técnica não basta. É necessário compreender o sentido do cuidado, sua função social e suas bases culturais. “Capacitar para 29 práticas integrativas sem debater o que é cuidado, o que é cuidado que emancipa, é o mesmo que reduzir tudo à lógica biomédica. Agulha vira comprimido. Relaxamento vira calmante”, sintetizou.

Ensino na graduação e mudança metodológica

Na graduação, a disciplina MD 378 segue aberta. Em sua última oferta, apenas duas estudantes se matricularam. A proposta atual é reformular a metodologia, priorizar vivências práticas e experiências diretas com as práticas integrativas, em vez de aulas expositivas. “Nossa aposta agora é proporcionar experiências. Quase nada de fala. Muito de prática”, explicou.

Na pós-graduação, o Lapacis mantém a linha de pesquisa vinculada ao Programa de Saúde Coletiva da Unicamp. Estudantes ingressam como alunos especiais. No primeiro ano, passam por uma etapa de equalização conceitual, com seminários teóricos e metodológicos sobre a pesquisa científica no campo das MTCI. “As pessoas chegam com vontade, mas sem muita noção da vida acadêmica, especialmente dentro de uma faculdade de medicina”, relatou.

Formação para ruptura e compromisso com a crítica

No segundo ano, os estudantes constroem seus projetos de pesquisa. O objetivo é conduzir o pesquisador à ruptura epistemológica, condição fundamental para ultrapassar a técnica e analisar as relações com a cultura, o cuidado e os sistemas de poder. “É neste ponto que se define o mestrado, o doutorado e a maturidade crítica da pesquisa”, pontuou Barros.

A **atuação do Lapacis** segue **ancorada em três pilares**: *pesquisa científica*, *formação crítica* e *compromisso com a ampliação da cultura* do *cuidado em saúde*. A proposta se afirma como **um modelo de excelência em educação, pesquisa e transformação social no campo das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas**

Ao retomar sua fala, o professor Nelson Filice de Barros destacou a importância estratégica do curso de especialização promovido pelo Lapacis, voltado a profissionais da saúde que atuam com práticas integrativas.

O curso, já consolidado, busca fortalecer uma base crítica de formação capaz de sustentar um movimento social ainda difuso no Brasil.

"Temos uma política pública e temos a exigência por evidências. No entanto, ainda não temos um movimento social organizado em torno das MTCI", afirmou.

Para Barros, o país conta com milhares de trabalhadores da saúde que atuam isolados, em redes informais ou grupos locais, mas sem articulação nacional: "Esses profissionais operam a política pública no cotidiano. Ao introduzir práticas, valores e ações que emancipam, desafiam o sistema a cuidar mais e melhor."

Celebração e crítica: os 20 anos do Lapacis

O professor anunciou a celebração dos 20 anos do Lapacis, programada para o próximo ano, em evento de dois dias. O encontro, segundo ele, terá caráter comemorativo, mas também crítico: "Acabou de ser publicada a nova estratégia da Organização Mundial da Saúde para MTCI até 2034. Ela avança, mas também é limitada. Precisamos debater isso."

Ao contextualizar historicamente o campo das medicinas tradicionais, Barros relembrou o estigma que marcou essas práticas durante décadas. "Nos anos 1990, medicina tradicional era igual a medicina popular. E medicina popular era igual a crendice", disse. Hoje, afirmou, o reconhecimento das medicinas tradicionais ocorre em meio a um processo de revalorização histórica, impulsionado por movimentos pós-coloniais, feministas, negros, indígenas e LGBTQIA+.

Invisibilidade das sabedorias indígenas e quilombolas

Barros criticou a exclusão das matrizes indígenas e quilombolas dos debates sobre MTCI no Brasil. "Temos 300 etnias indígenas e não sabemos falar uma palavra de suas línguas. Não conhecemos seus mitos criadores, formas de cuidado, epistemologias", observou. O mesmo se aplica aos povos quilombolas, historicamente silenciados.

Segundo o professor, as práticas integrativas institucionalizadas até hoje no Brasil têm origem, em sua maioria, em tradições externas. "O que fazemos com o saber ancestral brasileiro? Como reintegrar esse patrimônio na política pública?", questionou.

A ciência como ruptura na continuidade da experiência humana

O professor argumentou que a ciência moderna promoveu uma cisão com a ancestralidade humana.

> “Temos **200 mil anos de espécie e 500 anos de ciência.** ***A ciência é herdeira de toda essa experiência*****, mas age como se tivesse inventado o mundo”**, alerta professor Nelson Filice de Barros

Barros explicou que esse processo apagou a história de transmissão oral de saberes: “A maioria de nós não conhece a quinta geração da própria linhagem familiar. Sem o sonho das gerações passadas, como sonhar as futuras?” Para ele, a ciência apropriou-se de saberes ancestrais ao renomeá-los: transformou alquimia em química, astrologia em astronomia, rituais de cura em farmacologia. O mais eficaz da ciência foi interromper a consciência de continuidade histórica.

Essencialismo estratégico e o desafio da pluralidade

O professor introduziu o conceito de essencialismo estratégico como ferramenta política para reunir práticas distintas sob o nome de práticas integrativas.

“O que as 29 práticas da PNPIC têm em comum? Essencialmente, não são biomédicas. Por isso se agrupam. Mas, na essência, são profundamente diferentes. Vêm de tradições, culturas e tempos distintos”, explicou.

Barros alertou para o fato de que muitas práticas ainda permanecem fora da institucionalização. O desafio atual não se resume à ampliação da política pública, mas ao reconhecimento do caráter plural da própria sociedade brasileira.

Pluriepistemicidade e o estado plurinacional

Ao concluir a exposição, Barros aprofundou a reflexão sobre os marcos estruturais do conhecimento e do cuidado.

“Quando debatemos MTCI no SUS, discutimos pluriepistemicidade. Isso significa reconhecer mais de uma forma de produzir conhecimento em saúde dentro do sistema público”, pontuou. No entanto, argumentou, esse debate precisa avançar.

Segundo o professor, **o Brasil exige a construção de uma noção de estado *plurinacional***, em que **convivam e se afirmem a matriz indígena, a matriz africana, a matriz europeia e a matriz caipira — *esta última entendida como síntese cultural de todas as demais***

"Não dá para achar que somos uma coisa só. Somos muitos. E precisamos construir políticas a partir dessas diferenças", pontuou.

Convite à celebração e continuidade do diálogo

O professor Nelson Filice de Barros convidou para a celebração dos 20 anos do Lapacis, celebração que está sendo reagendada. A nova data será anunciada em breve. Ele encerrou com um convite: "Sintam-se convidadas e convidados a compor esse movimento. O Lapacis é lugar de pesquisa, mas também de construção coletiva de um outro modo de cuidar, de ensinar e de viver."

A importância da visão ampliada sobre as MTCI no Brasil

A mediadora Roseny Flávia Martins fez uma intervenção ao final da exposição do professor Dr. Nelson Filice de Barros, ao reconhecer a relevância da abordagem histórica, crítica e ampliada apresentada. Para ela, o panorama exposto ajuda a compreender com maior profundidade o cenário atual das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI) no Brasil.

"Isso é importantíssimo para que as pessoas compreendam onde estão e para onde desejam caminhar. Nós, que atuamos no Centro de Excelência em Constelações Sistêmica, muitas vezes colocamos uma lupa sobre apenas uma das 29 práticas reconhecidas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC)", afirmou.

Roseny destacou que, diante desse recorte especializado, a reflexão ampla e contextual promovida pela fala do professor contribui decisivamente para revelar o que realmente está em jogo no campo das práticas integrativas no país: "Essa visão nos permite entender com mais clareza o que acontece no Brasil neste momento e o que de fato se faz necessário."

Roseny Flávia Martins ressaltou a diversidade das abordagens contempladas pela política nacional: “Como foi dito, **as 29 práticas** são *profundamente distintas entre si*, muitas vindas de outras culturas e tradições, enquanto **seguimos sem reconhecer**, apropriadamente, **as práticas originárias do próprio território brasileiro**”



A diretora Científica do CECS, Roseny Flávia Martins, pesquisadora PhD e autora ressaltou a importância da reflexão ampliada, sobretudo para profissionais das Constelações Familiares Sistêmicas: “Essa visão nos permite entender com mais clareza o que acontece no Brasil neste momento e o que de fato se faz necessário”

Ao final do encontro promovido pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), a mediadora, diretora Científica da instituição, Roseny Flávia Martins, agradeceu a presença de todos os participantes e celebrou o momento de profunda troca intelectual e humana.

“Gostaria de agradecer a todos por este momento de intensa reflexão e aprendizado. Que essa conversa amplie os nossos horizontes, para que possamos compreender, de forma mais abrangente, os contextos nos quais estamos inseridos”, afirmou.

A diretora destacou ainda a importância da escuta qualificada e do compartilhamento de experiências como motores de transformação das práticas de cuidado.

Ao agradecer ao professor Dr. Nelson Filice de Barros pela generosa participação, Roseny encerrou a transmissão. “Seguimos nesse caminho tão maravilhoso”, concluiu. **(Texto publicado no dia 18 de dezembro de 2025 e atualizado em 24 de janeiro de 2026)**

Daniel Rezende e o filme *'O Filho de Mil Homens'*, sucesso da Netflix: *escuta, pertencimento e reorganização simbólica dos vínculos humanos*

Live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas celebra os 100 anos de nascimento de Bert Hellinger. Evento reúne o diretor de cinema, roteirista e montador, indicado ao Oscar por 'Cidade de Deus' e premiado em Cannes ('A Árvore da Vida'), Daniel Rezende. Ele aceitou o desafio de adaptar a obra do escritor português Valter Hugo Mãe. "O impossível me dá energia. Fazer o que não sei me movimenta", afirma. "Você não só trouxe a essência, mas a expandiu", diz médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos. "O que mais me tocou no filme foi que, apesar de mostrar a construção de uma família pelo afeto, ele traz a ancestralidade como uma influência profunda na estrutura emocional dos personagens", pontua atriz, escritora e diretora de Comunicação, Ingra Lyberato. Entre conceitos centrais discutidos estão a escuta como gesto fundador do humano, a ruptura de padrões patriarcais de masculinidade, e a arte como campo simbólico capaz de acessar conteúdos inconscientes e transgeracionais

Em homenagem aos 100 anos de nascimento de Bert Hellinger, o Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS) realizou no dia 16 de dezembro uma live especial com enfoque sistêmico sobre o filme 'O Filho de Mil Homens', sucesso da Netflix dirigido pelo aclamado cineasta brasileiro Daniel Rezende e protagonizado pelo ator Rodrigo Santoro.

Com o tema 'O Filho de Mil Homens em uma visão sistêmica', a live contou com a participação do diretor e roteirista Daniel Rezende, da médica, psicoterapeuta e segunda dirigente a ocupar a presidência do CECS, Dagmar Ramos, da atriz, escritora e diretora de Comunicação da instituição, Ingra Lyberato. Juntos, eles fizeram uma reflexão profunda sobre o filme como espelho dos vínculos humanos.

A obra, inspirada no livro do escritor português Valter Hugo Mãe, acompanha a história de Crisóstomo (Rodrigo Santoro), um pescador solitário em busca de pertencimento por meio da paternidade. Em sua trajetória, encontra personagens também à margem, e juntos formam uma família nada convencional. O enredo se transforma numa poderosa metáfora sobre amor, vínculos e reconciliação.

"Cada personagem carrega a pergunta silenciosa: 'Qual é o meu lugar?'" A live buscou conectar a arte cinematográfica com os princípios das Constelações Familiares.

A produção de Daniel Rezende é descrita como uma Constelação de encontros, onde cada gesto desenha destinos e resgata histórias.

Para Dagmar Ramos, *a live foi um espaço para integrar* **arte, sensibilidade e consciência sistêmica:** "Quando *cada personagem encontra o próprio lugar, o amor deixa de ser falta e passa a ser força de reconciliação*, **capaz de reorganizar destinos e restaurar vínculos**"

Na abertura da live, Dagmar Ramos destacou as conexões entre o pensamento literário de Valter Hugo Mãe e os fundamentos das Constelações Familiares Sistêmicas desenvolvidas por Bert Hellinger.

Segundo ela, "aqui destacamos a filosofia, a mensagem, a poesia, a leitura do ser humano trazida por Valter Hugo Mãe, escritor português, e essa conexão com o trabalho que nós desenvolvemos por meio dos ensinamentos, das ordens do amor de Bert Hellinger e de seu método incrível das Constelações Sistêmicas".

Para Dagmar, a convergência entre o conteúdo do filme e os princípios sistêmicos justifica a escolha da obra para o evento comemorativo. "Celebrar 100 anos de Bert Hellinger, falar sobre Valter Hugo Mãe e trazer aqui esse grande artista brasileiro, diretor e roteirista Daniel Rezende, faz todo o sentido", afirmou.

Antes de iniciar a conversa com os convidados, Dagmar leu um trecho do livro 'No Centro Sentimos Leveza', de Bert Hellinger:

"Ordens do Amor inspira-nos com humildade e nos comove ao nos fazer presenciar a veemência das forças do destino. Ao mesmo tempo, contudo, nos oferece uma saída, por levar-nos por caminhos que, às vezes, mudam os destinos considerados os mais problemáticos".

Arte como espelho das forças do destino

Dagmar observou que o enredo de 'O Filho de Mil Homens' ilustra com precisão os movimentos de reconciliação e cura que as Constelações Familiares Sistêmicas propõem. Para ela, o filme espelha personagens que carregam silenciosamente a pergunta "qual é o meu lugar?", e é nessa busca que se revelam as forças do pertencimento e da reorganização amorosa. "Quem assistiu ao filme e leu o livro sabe que é exatamente disso que se trata", afirmou. A live marcou um momento de convergência entre arte, literatura e pensamento sistêmico, ao destacar o legado de Bert Hellinger e sua contribuição para a compreensão profunda dos vínculos humanos.

Encontro entre arte e experiência pessoal

Em sua primeira manifestação durante a live, a atriz, escritora e diretora de Comunicação do CECS, Ingra Lyberato, expressou emoção diante da ocasião e da presença dos convidados.

Ela destacou a importância do reencontro com o cineasta Daniel Rezende e relembrou a circunstância marcante em que ambos se conheceram, poucas semanas antes do início da pandemia de Covid-19, um período de incertezas e transformações coletivas.





Na celebração dos 100 anos de Bert Hellinger, o CECS promove live com o diretor de 'O Filho de Mil Homens', Daniel Rezende, em diálogo com médica e psicoterapeuta Dagmar Ramos, atriz, escritora e diretora de Comunicação da instituição, Ingra Lyberato: evento marca momento singular de convergência entre arte, clínica, filosofia e consciência social, ao reafirmar o cinema como instrumento legítimo de investigação do humano profundo

Ao abordar **o conteúdo do filme** *'O Filho de Mil Homens',* Ingra Lyberato pontuou: "O que mais me tocou no filme foi que, apesar de mostrar a **construção de uma família pelo afeto**, ele traz a *ancestralidade como uma influência profunda* na **estrutura emocional dos personagens**"

Ao iniciar sua participação na live promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), o diretor e roteirista Daniel Rezende agradeceu o convite e expressou entusiasmo diante da oportunidade de compartilhar, em diálogo com o público, aspectos da obra 'O Filho de Mil Homens'.

CECS

O cineasta, responsável pela adaptação do romance de Valter Hugo Mãe, destacou o caráter especial do reencontro com Ingra Lyberato, com quem vivenciou, segundo ele, um momento significativo antes do início da pandemia. Rezende saudou o público e chamou atenção para o expressivo número de participantes conectados à transmissão. Segundo ele, reunir tantas pessoas em uma noite de terça-feira, com interesse por uma conversa que entrelaça arte e perspectiva sistêmica, revela a potência do tema.

"Estamos nos reencontrando aqui para falar deste filme. É muito especial ver que, numa noite como esta, temos mais 200 pessoas reunidas para ouvir e participar (durante a live, o número de participantes chegou a 270). Isso me deixa muito feliz", afirmou. Rezende definiu o tema da live como "muito legal de falar", expressão que remete à leveza com que costuma abordar assuntos de densidade emocional. Ao referir-se ao próprio filme, classificou-o como uma obra bela, feita com sensibilidade, e destacou que discutir seus significados em uma perspectiva ampliada é uma experiência valiosa. O tom acolhedor e reflexivo de sua intervenção inicial marcou o início de uma conversa que, ao longo da live, articularia cinema, afetividade e Constelações Familiares Sistêmicas em torno do eixo comum da busca por pertencimento.

Literatura, cinema e o humano profundo

Na sequência da live, Dagmar Ramos retomou a palavra para compartilhar sua trajetória de leitura da obra do escritor português Valter Hugo Mãe, autor do romance 'O Filho de Mil Homens'. Relatou que há anos acompanha e lê os livros do autor. Segundo ela, desde os primeiros contatos com a escrita de Valter, percebeu na densidade de sua prosa uma vocação natural para o cinema.

"Sempre que lia os livros, pensava: isso daria um belíssimo roteiro cinematográfico", afirmou. Chegou a comentar essa percepção em encontros com profissionais da dramaturgia.

Dagmar mencionou, entre esses diálogos, uma conversa com a roteirista turca Nuran Evren Şit, que veio ao Brasil para participar de três eventos que ela e Ingra Lyberato organizaram com o apoio institucional do CECS. A autora da série 'Another Self' — traduzida no Brasil como 'Uma Nova Mulher' — foi apresentada ao público brasileiro por seu trabalho diretamente associado às Constelações Familiares. Dagmar contou que, durante uma entrevista conjunta, sugeriu a Nuran que conhecesse a obra de Valter Hugo Mãe, ao reforçar que diversos de seus livros poderiam resultar em adaptações cinematográficas notáveis.

A menção revela não apenas o apreço estético da presidente do CECS pela obra do autor português, mas também uma tentativa de estabelecer pontes entre linguagens — literatura, cinema e Constelações — como formas complementares de acessar o humano em profundidade.

Ao saber da decisão de Daniel Rezende no sentido de adaptar justamente 'O Filho de Mil Homens', Dagmar descreveu um sentimento de comoção. Classificou a escolha como um gesto sensível e sintonizado com os fundamentos do trabalho desenvolvido pelo CECS.

"Fiquei muito emocionada quando soube que você havia escolhido esse livro lindo e maravilhoso. Pensei que seria a oportunidade de trazer para o cinema esse conteúdo com o qual lidamos diariamente, ao integrar a filosofia e os ensinamentos de Bert Hellinger aos nossos atendimentos e pesquisas", declarou.

Ao refletir sobre a densidade simbólica do autor português, Dagmar observou que Valter Hugo Mãe acessa com precisão a complexidade do ser humano, ao contemplar tanto os aspectos sombrios quanto os luminosos da existência.

Em sua leitura, porém, essa incursão nunca se dissocia de uma orientação amorosa: "Ele olha para o lado sombra e para o lado luz, mas traz luz a tudo isso. Compreende a essência amorosa que funda o humano. Como dizem muitos autores, o amor é o que funda o humano. A obra de Valter Hugo Mãe é um presente para a humanidade, sobretudo nestes tempos."

Cinema como expansão da escuta amorosa

Ao comentar a adaptação realizada por Daniel Rezende, Dagmar não hesitou em classificá-la como uma das mais belas obras cinematográficas que já viu. Segundo ela, o diretor não apenas preservou a essência da obra original, mas expandiu sua potência simbólica.

"Você *não só trouxe a essência, mas a expandiu.* Trouxe *um grito que estava ali e que não estava escrito*, **mas estava presente**", afirmou Dagmar Ramos, ao **reconhecer a delicadeza do trabalho de direção** como um *gesto de escuta profunda daquilo que habita os interstícios do texto literário*

Nos 100 anos de nascimento de Bert Hellinger, ela lembra que o Brasil abriga atualmente um grande coletivo de consteladores e que muitos deles têm manifestado, nas redes sociais, uma conexão imediata entre o filme e os fundamentos das Constelações Familiares Sistêmicas.

"Os comentários no Instagram sobre o filme são inúmeros, são milhares. Muitos consteladores identificaram essa ponte. Por isso a ideia de trazê-lo aqui, por isso, desde já, o nosso profundo agradecimento", pontuou.

Afeto, pertencimento e linhagens invisíveis

Em nova intervenção durante a live, a atriz, escritora e diretora de Comunicação do CECS, Ingra Lyberato, destacou que a obra aborda, com delicadeza, aspectos profundos da natureza humana, dos afetos que marcam os vínculos entre as pessoas. "Esse filme fala do humano, da natureza humana e dos afetos", afirmou.

Ao fazer o elo entre a narrativa do filme e os fundamentos das Constelações Familiares Sistêmicas, Ingra trouxe à tona uma das distinções centrais da abordagem: a relação entre origem biológica e vínculos afetivos construídos.

Lembrou que, sob a perspectiva sistêmica, o pai e a mãe ocupam lugar de origem, de raiz da vida, mas que há outras formas legítimas de pertencimento que emergem da força dos afetos e da busca por conexão.

Nesse sentido, reconheceu no filme a representação de uma família fundada não por laços sanguíneos, mas por encontros existenciais capazes de gerar solidez emocional.

"Esse filme fala de uma família construída pelo afeto, pela busca desse lugar de pertencimento. E quando essas pessoas se encontram, há uma solidez comovente, uma conexão profunda, de coração e de alma", destacou.

A atriz apontou ainda que, mesmo em uma estrutura familiar formada por escolhas e não por herança direta, a presença da ancestralidade permanece ativa.

Ela ressaltou a riqueza de visões que a conversa poderia trazer, inclusive por ela mesma não ter lido o livro original. Afirmou que essa condição lhe permite trazer uma leitura do filme mais direta, vinda exclusivamente da experiência cinematográfica.

“Falei para a Dagmar que seria bom ter alguém que não leu o livro. São dois caminhos que se encontram: o da ancestralidade e o da família construída, cultivada pelo afeto, pelo encontro de corações que se buscam e se encontram”, pontuou.

A força literária e o encontro com o cinema

O diretor Daniel Rezende narrou o percurso que o levou à adaptação cinematográfica de ‘O Filho de Mil Homens’, romance do escritor português Valter Hugo Mãe. O cineasta definiu a obra como um dos livros mais belos que já leu e relatou ter sido arrebatado ainda no primeiro capítulo, especialmente pela forma como o autor apresenta o personagem Crisóstomo.

Já havia lido ‘O paraíso são os outros’, texto breve que recebeu de presente. Durante a pandemia, pouco após seu primeiro encontro com Ingra Lyberato, recebeu de uma amiga — figurinista com quem já havia trabalhado — a indicação direta do romance. “Ela fez como a Dagmar. Pegou o livro e disse: ‘Você precisa ler isso aqui.’”Ao iniciar a leitura, percebeu que estava diante de uma obra literária que operava num nível de profundidade raro. Disse que o livro possui uma estrutura que, embora não linear, se organiza em histórias paralelas.

Daniel Rezende destacou a *fluidez da escrita de Valter Hugo Mãe*, que **mistura descrição, fluxo de pensamento, filosofia e sensorialidade** *em uma mesma frase*

Mais do que a técnica, o que o impressionou foi o modo como o autor trata os personagens, de forma humanizada, poética e sem artifícios: “Fiquei completamente arrebatado não só pelas histórias, mas pela forma como ele escreve”.

Família, condição humana e desconstrução

Rezende afirmou que a obra o tocou profundamente porque reconheceu, nas dores dos personagens, aspectos universais da condição humana.

Mesmo sem ter vivido o que viveram, sentiu que conhecia cada um deles: “São dores que atravessam o tempo. O mundo muda, mas há questões que permanecem simples e ainda assim inalcançáveis.”

Enfatizou o impacto causado pela figura do Crisóstomo, que representa um tipo de masculino raramente retratado na arte.

Segundo o diretor, trata-se de uma masculinidade sensível, generosa e aberta, que contrasta com modelos tradicionais moldados por rigidez emocional e distanciamento.

Compartilhou que vinha, desde 2016, em um processo pessoal de desconstrução da própria masculinidade, ao buscar compreender o mundo sob novas lentes. Declarou que flerta com o ceticismo e que não se vincula a visões religiosas, mas que se interessa por tudo o que envolve o humano nas relações. Essa busca atravessou a escolha do projeto.

Após anos a dirigir obras voltadas ao público infantojuvenil, buscava uma narrativa ancorada em afetos mais complexos. Encontrou em 'O Filho de Mil Homens': "Os personagens do livro não encontram seu lugar no mundo. Mas, ao se reconhecerem, formam uma nova família fundada na escuta, na empatia e na alteridade".

Visão cinematográfica do afeto

O diretor relatou que, ao longo da leitura, sentia que cada página fortalecia seu desejo de transformar aquela história em filme.

A partir dessa convicção, criou um processo de produção baseado no conceito de faísca: a necessidade de que uma emoção inicial, sentida por ele, se propagasse por toda a equipe criativa até alcançar o público.

"Essa faísca tem que sair de dentro, contaminar quem vai contar a história comigo, e depois sair da tela para tocar as pessoas", disse. Ressaltou que a cena em que faíscas saem do umbigo de Crisóstomo não é gratuita, mas uma imagem-síntese dessa força transformadora.

Ao mencionar os desafios da adaptação, afirmou que muitas pessoas consideraram o livro inadaptável. A estrutura fragmentada, a linguagem lírica e a ausência de uma trama tradicional dificultariam a transposição para o audiovisual. Reconheceu a complexidade, mas disse que se sente estimulado por desafios considerados inviáveis.

"O impossível me dá energia. ***Fazer o que eu sei não me interessa.*** **Fazer o que não sei me movimenta"** (Daniel Rezende)



Diretor e roteirista brasileiro Daniel Rezende, com trajetória reconhecida no cinema nacional e internacional, indicado ao Oscar por 'Cidade de Deus' e premiado em Cannes por 'A Árvore da Vida' é o diretor de 'O Filho de Mil Homens', sucesso da Netflix: adaptação da obra do escritor português Valter Hugo Mãe com linguagem marcada pelo silêncio, pela escuta e pela presença

A partir desse impulso, decidiu levar adiante o projeto, convencido de que era possível transpor para a linguagem do cinema a delicadeza do texto literário.

Relações humanas e *ancestralidade*

Rezende retomou o tema da ancestralidade. Segundo ele, embora o livro já contenha essa camada simbólica, o filme ampliou essa dimensão, talvez de forma inconsciente.

Explicou que a ancestralidade atravessa as relações entre os personagens e está presente no modo como cada um carrega, mesmo sem saber, os ecos dos antepassados.

Declarou que a escolha de dar ênfase a esse aspecto surgiu da percepção de que, ao criar novos vínculos, as personagens não anulam a origem, mas constroem um pertencimento que inclui também o passado: "As relações humanas me moveram. E a ancestralidade está lá, inerente. Eu só tentei escutar isso e transformar em imagem."

Com esse percurso, Daniel Rezende revelou não apenas a gênese de sua adaptação cinematográfica, mas também a confluência entre arte, processo pessoal e transformação coletiva — pilares que sustentam o diálogo entre o filme e os fundamentos das Constelações Familiares Sistêmicas.

A potência da fidelidade entre linguagens

Dagmar Ramos retomou a palavra para estabelecer um elo direto entre as reflexões de Daniel Rezende e a literatura de Valter Hugo Mãe. Ela leu um trecho de 'O Filho de Mil Homens': "Quem tanto pede o que lhe pertence, assim o mundo convence."

Para ela, essa frase expressa com precisão a experiência do diretor diante da obra: "Foi o que você fez, não é? Você foi tomado por essa certeza de que ali tinha algo belíssimo e que poderia, sim, passar para outra arte sem perder a sua essência."

Dagmar descreveu a transposição do texto literário para o cinema como um gesto de confiança no valor simbólico da narrativa e na potência da linguagem audiovisual.

Ela compartilhou ainda a vivência da primeira exibição do filme com um grupo de consteladores de Goiânia. "Nós choramos uma grande parte do filme", relatou.

Desde então, assistiu à obra outras duas vezes e passou a recomendá-la com entusiasmo: "Sou daquelas que fica a apontar o dedo e a dizer: você tem que assistir. Inclusive aqui no grupo."

A recepção afetiva e a presença coletiva

Daniel Rezende acolheu a fala com bom humor e expressou satisfação com o envolvimento afetivo do público. Incentivou as sessões coletivas, mas fez uma observação prática: "Pode assistir junto, gente, o pessoal assiste junto, mas depois cada um vai para sua casa e dá o play na Netflix de cada conta. Porque tem que contabilizar muitos plays." A fala descontraída manteve o tom caloroso da conversa, ao mesmo tempo em que destacou a importância de valorizar a circulação digital da obra.

O símbolo, o sonho e o inconsciente

Na sequência, Ingra Lyberato introduziu uma nova camada de análise ao compartilhar que, após assistir ao filme, sonhou com ele por noites consecutivas. Declarou-se impressionada com a força simbólica das imagens e ressaltou a maneira como o conteúdo da obra se enraizou em seu universo onírico. Relacionou a experiência à prática da consciência sistêmica, à escuta da ancestralidade e ao contato com os conteúdos inconscientes que habitam o sujeito: "É abertura do coração, da alma, da consciência para entender que a nossa ancestralidade nos entrega muitas heranças, positivas e negativas."

Ingra lembrou que, desde a infância, sua mãe a treinou para recordar os sonhos — prática associada ao estudo da psicologia analítica do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Jung. Mais tarde, seu envolvimento com o xamanismo intensificou essa relação com o mundo simbólico. A atriz destacou que o filme contém cenas diretamente conectadas a esse campo imagético, como a profundidade do mar, a concha e as figuras que nadam: "Ali é um universo simbólico riquíssimo que me tocou profundamente."

Ao refletir sobre a experiência, afirmou que o impacto do filme não se encerra na superfície emocional da narrativa.

"Eu **me deliciei assistindo, me identifiquei, me emocionei.** Mas **o filme ficou comigo.** *Sonhei com ele porque tocou em pontos inconscientes e sensíveis*" (Ingra Lyberato)

Finalizou ao apontar para o diálogo entre arte e inconsciente.

Refletiu e indagou: "A arte é expressão do inconsciente também. Muitos terapeutas se utilizaram da arte para acessar esse mundo. Por isso, gostaria de te ouvir, Daniel, sobre esse universo onírico, simbólico, arquetípico que está ali retratado. Isso está no filme de forma consciente?"

A pergunta de Ingra abriu espaço para uma nova inflexão na conversa, ao aproximar o campo simbólico da arte cinematográfica das camadas profundas exploradas pelas Constelações Familiares Sistêmicas.

A permanência da obra além do tempo de tela

Daniel Rezende expressou um dos maiores elogios que considera possível receber sobre um filme: o fato de a obra permanecer no espectador após a sessão.

Para ele, essa permanência marca a diferença entre um filme que se encerra em si e aquele que continua vivo no campo simbólico e emocional do público:

“Não tem nada que eu goste mais de ouvir do que a frase ‘seu filme ficou comigo’. Porque um filme que dura duas horas termina ali. Mas os que ficam duram uma vida inteira, duram gerações.”

Rezende afirmou acreditar que tanto o livro de Valter Hugo Mãe quanto a adaptação cinematográfica possuem esse potencial de permanência. Observou, no entanto, que algumas pessoas enfrentam dificuldades iniciais com a linguagem do autor português. Reconheceu isso sem julgamento, ao tratar como exceção: “Algumas pessoas dizem que não bateu, que pararam de ler. Acontece, mas é raro.”

Ao comentar a fala de Ingra Lyberato, que revelou ter sonhado repetidamente com o filme, o diretor reagiu com entusiasmo. Para ele, o fato de a obra ter entrado nos sonhos é um sinal inequívoco de que ultrapassou os limites da narrativa objetiva: “Ele não ficou só quando você voltou para casa e abriu a geladeira. Ele foi para o seu sonho.”

Da poesia escrita à linguagem visual

Rezende retomou a estrutura literária do romance para explicar os desafios da adaptação. Disse que o livro é fortemente marcado por um fluxo de pensamento contínuo e que a poesia reside na maneira como Valter Hugo Mãe organiza palavras de modo inesperado e belo: “O maior desafio era me desprender da poesia da palavra e transformá-la em poesia visual.”

Reconheceu que manteve alguns momentos de narração em voz off — a cargo da atriz Zezé Motta — como forma de preservar a vibração original do texto. A primeira fala da narração, inclusive, corresponde à citação lida anteriormente por Dagmar Ramos:

“Quem tanto pede o que lhe pertence, assim o mundo convence.”

Segundo o diretor, não foi por acaso que essa frase foi escolhida para abrir o filme.

Ele então explicou que, para manter a profundidade do texto sem depender do verbal, precisou se apoiar em símbolos. Declarou que estudou simbologia e consultou especialistas para construir uma linguagem imagética coerente com os temas do filme.

Um dos elementos que mais o orientou foi a luz laranja, associada à energia da Kundalini e à ativação do primeiro chakra, o da base. Essa cor aparece em momentos-chave da narrativa, como na concha que brilha em tons alaranjados no fundo do mar — uma criação exclusivamente cinematográfica, ausente no livro.

Do símbolo à narrativa ancestral

Rezende comentou ainda outras escolhas visuais que inseriu no filme a partir de elementos simbólicos. A cena em que Crisóstomo nada entre cadeados, gaiolas e âncoras representa, segundo ele, obstáculos invisíveis e condicionamentos que aprisionam.

A partir dessa metáfora, expandiu o uso de símbolos em outros núcleos da trama: "O pai da Isaura fabrica cadeados. A mãe cria coelhos em gaiolas. A casa da Isaura parece uma gaiola. A pintura da direção de arte reforça isso."

Mencionou também a presença da carta "A Estrela" do Tarot, inserida por sugestão de sua companheira, Cris Nunes, astróloga e taróloga, que leu o livro ao seu lado. A carta representa o sonho, o ideal, a busca de algo maior — um símbolo que, para ele, conecta-se diretamente à jornada das personagens.

A construção do protagonista no cinema

Ao falar sobre a diferença entre o livro e o filme, Daniel Rezende abordou uma mudança central: no romance, o protagonista Crisóstomo não tem passado conhecido. Todos os demais personagens possuem histórias anteriores que os explicam. Ele não.

Essa ausência de origem gerava, no processo de roteiro, uma dificuldade para o diretor, especialmente ao imaginar Rodrigo Santoro no papel: "Todos os outros tinham traumas, histórias. E o Crisóstomo parecia um homem branco a dizer as coisas mais lindas do mundo, sem saber de onde vinham."

Para evitar essa armadilha narrativa, o diretor decidiu criar uma origem para o personagem. No filme, Crisóstomo também carrega marcas de exclusão. Foi criado fora dos códigos sociais da vila onde vive.

Essa escolha justificou a sensibilidade, escuta, ausência de dureza: “Ele não foi codificado com os códigos da sociedade. Por isso, ele é capaz de amar e escutar.”

Essa construção também levou Rezende a reduzir radicalmente os diálogos do personagem. Investiu no silêncio, nos olhares e, sobretudo, na escuta como marca essencial do protagonista: “O Crisóstomo fala pouco. Ele escuta. É um homem que escuta.”

A partir dessa decisão, intensificou o uso de códigos visuais para comunicar o desenvolvimento da narrativa. Um exemplo citado foi o varal com uma única camisa, que depois passa a ter uma camisa e uma camiseta infantil — símbolo sutil, mas eficaz da formação da nova família.

Em seu entendimento, foi ali que se tornou possível traduzir cinematograficamente aquilo que, na literatura e nas Constelações Familiares Sistêmicas, já se reconhece como essencial: o pertencimento que se funda na escuta, na memória e na presença dos que vieram antes.

A leitura que se expande na imagem

Ao retomar sua fala, Dagmar Ramos compartilhou sua própria trajetória de leitura da obra ‘O Filho de Mil Homens’, ao revelar uma experiência que se transformou após o contato com o filme dirigido por Daniel Rezende.

Contou que leu o romance duas vezes, discutiu com alunos e pacientes, e recomendou sua leitura a todos ao redor.

Daniel Rezende mencionou aquela que se tornaria, segundo ele, a **imagem icônica do filme**: *a cena em que a ancestralidade inteira aparece atrás de Crisóstomo.* Para o diretor, **essa imagem cristaliza o elo entre presente e passado, entre o visível e o invisível, entre a experiência do sujeito e as linhagens que o constituem**

No entanto, após assistir ao filme, sentiu necessidade imediata de reler o livro. Ao fazê-lo, percebeu algo que, segundo suas palavras, talvez nem o próprio diretor tenha plena consciência: o filme, ao invés de interpretar ou deslocar o livro, aprofunda sua essência: "Você compreende o livro de uma forma mais profunda. E não há nenhuma desconexão entre filme e livro. É impressionante."

Dagmar relatou também ter acompanhado entrevistas de Valter Hugo Mãe nas quais o autor português comenta seu envolvimento emocional com a adaptação. Segundo ela, o escritor revelou receio inicial diante da possibilidade de que o filme se sobrepusesse ao livro, temor que reconheceu com humildade: "Ele dizia com simplicidade que tinha medo de que o filme fosse muito maior do que o livro e que as pessoas esquecessem o livro. Mas ninguém esquece Valter Hugo Mãe. Nunca."

Aprofundamento e escuta como gesto de fidelidade

Para Dagmar, a adaptação feita por Daniel Rezende não apenas preserva o livro como o expande — em profundidade simbólica, densidade afetiva e coerência poética: "Você não traiu nada do livro. Você aprofundou. Você entrou fundo. Como numa Constelação."

Comparou o gesto de adaptação ao processo terapêutico que ocorre nas Constelações Familiares Sistêmicas, no qual não há previsibilidade nem controle, mas sim entrega e escuta radical: "Você abre uma Constelação e o que há é uma conexão profunda com quem está ali. Um vínculo de amor sem julgamento. De escuta."

Definiu a Constelação como um campo de escuta — mas não qualquer escuta: uma escuta que não parte de certezas, mas da disposição de não saber.

A escuta verdadeira exige entrega, suspensão de julgamento e humildade diante do que se revela: "Se você acha que sabe, você vai errar. Vai fazer uma péssima Constelação. Você precisa entrar sabendo que não sabe muito. E que aquilo vai se revelando ali."

Segundo Dagmar, esse foi exatamente o caminho trilhado por Daniel Rezende no processo de adaptação: um mergulho sensível, não programático, na essência da narrativa.

Afirmou que a compreensão oferecida pelo filme reverbera em quem já leu o livro, de modo que não é mais possível dissociar uma obra da outra: "Não dá mais para pensar que existe o livro separado do filme. Há uma conexão profunda entre eles."

A imagem do grito e a presença do não dito

Dagmar compartilhou também uma reação emocional específica ao filme: a cena do grito de Crisóstomo. Ao vê-la, sentiu estranhamento. Não recordava se tal momento estava no livro. Relatou a conversa com a filha Tereza, psicóloga, que também havia lido o livro várias vezes.

"Perguntei: Tereza, esse grito está no livro? Ou foi só no filme?" A filha respondeu que não. Ainda assim, Dagmar insistiu: "Parece que li esse grito. Ou talvez ele estivesse lá de outra forma."

Para ela, essa cena sintetiza a operação simbólica realizada pelo filme — captar aquilo que está latente, mas não explícito, e tornar visível o que já existia em potência na narrativa literária. Finalizou com emoção: "Foi lindo. Muito obrigada."

A expressão do corpo e o grito que liberta

Em nova intervenção na live, Ingra Lyberato sugeriu a retomada da experiência vivida com Daniel Rezende em um contexto anterior à produção do filme, ao relacionar diretamente o momento do grito presente na narrativa cinematográfica à prática terapêutica que conduz. Ingra é facilitadora da TSFI – Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa –, abordagem que integra fundamentos das Constelações Familiares com elementos da traumaterapia e da escuta somática.

Relatou que, em sessões, é comum que o participante manifeste o desejo de gritar, sentimento frequentemente associado à liberação de traumas: "A gente fala: grita. Isso precisa sair do corpo. O corpo guarda todas as memórias, pessoais e ancestrais."



Para Ingra, esse grito tem uma função mais profunda do que uma descarga emocional. Trata-se de um movimento de vazão, reorganização e reintegração interna, que pode surgir como resposta corporal à escuta e à conexão estabelecida no campo sistêmico.

A **imagem do grito** no filme, segundo Ingra Lyberato, **remete diretamente a esse gesto terapêutico.** "É algo que *já conhecemos em contextos de cura.* E quando vi essa cena, **liguei imediatamente ao que vivemos nas Constelações e na traumaterapia"**

A atriz também destacou a simbologia do abraço que aparece na sequência final do filme. Associou essa cena ao momento de encerramento típico das Constelações, que costuma ser acompanhado por gestos de reconciliação e pertencimento. Em sua prática, denomina esse gesto de "Abraços que curam". Explicou que, ao orientar os participantes a se entregarem ao abraço, costuma dizer: "Sente o seu coração abrindo. Sente essa conexão de coração para coração."

Segundo Ingra, trata-se de um momento profundamente restaurador, em que feridas emocionais recuam e vínculos se refazem por meio da presença afetiva.

O filme, ao representar esse tipo de abraço, tocou um ponto que ela considera essencial na experiência sistêmica: "É o coração que sofreu, que se armou, que se partiu. E que ali, naquele abraço, se cura. Se abre para uma nova relação."

A escuta como condição do reconhecimento

Ingra finalizou a fala ao retomar um dos princípios mais citados nas Constelações Familiares Sistêmicas: o reconhecimento do outro por meio da escuta.

Evocou a frase "Eu vejo você", expressão que, para ela, só pode ser pronunciada com verdade quando há disponibilidade afetiva real.

"Esse 'eu vejo você' é porque eu te escuto, é porque meu coração se abriu. Não tem como ver o outro se a escuta e o coração não se abrirem", explicou

A interpretação que se multiplica no encontro com o outro

Ao retomar a palavra, Daniel Rezende fez questão de ressaltar um aspecto essencial da criação cinematográfica: a natureza coletiva da arte. Disse que, embora esteja à frente da direção, o filme é resultado do trabalho de muitas pessoas, um processo que funciona como uma grande família criativa. Explicou também por que acredita que o filme e o livro 'O Filho de Mil Homens' não competem entre si. Para ele, as duas obras se complementam: "Eles não competem. Eles se completam."

Ao adaptar o romance de Valter Hugo Mãe, afirmou ter feito uma leitura pessoal do texto, que se tornou, por sua vez, objeto de novas interpretações por parte de cada espectador: "A beleza da arte está nisso. Cada um lê e interpreta a partir da sua experiência." Ressaltou que os símbolos e emoções do filme têm força universal, mas a forma como são assimilados é sempre subjetiva. Admitiu que não conhece profundamente as Constelações Familiares Sistêmicas antes de realizar o projeto, embora algumas pessoas tenham mencionado afinidades entre a narrativa do filme e a abordagem. Por curiosidade e interesse, decidiu participar de uma vivência. Relatou que assistiu à Constelação de outra pessoa e fez a sua: "Foi uma experiência interessantíssima."

As raízes tântricas da experiência artística

Apesar desse contato pontual com as Constelações, Rezende afirmou que a matriz principal de sua busca espiritual e estética está no Tantra, tradição filosófica à qual tem se dedicado há anos.

Relatou ter participado de diversos retiros e vivências com diferentes mestres, entre eles Carol Teixeira, com quem teve experiências marcantes e cuja metodologia influenciou diretamente a construção do filme. Disse ter conhecido Ingra Lyberato justamente em um desses retiros tântricos.Ressaltou que os princípios do Tantra foram levados para o set de filmagem e utilizados, inclusive, na preparação dos atores.

A sutileza do toque, a respiração, o silêncio e a escuta do corpo foram elementos fundamentais na criação da linguagem do filme: "No fundo, o Tantra é isso: como você se conecta com o seu corpo, com o universo e com o outro. É presença. É verdade."

O grito como limiar entre o antes e o depois

Em seguida, o diretor compartilhou uma vivência pessoal decisiva. Relatou que, em um dos primeiros retiros que fez com Carol Teixeira, durante uma meditação ativa, sentiu uma dor intensa no peito.

A facilitadora percebeu o bloqueio e aproximou-se. Colocou a mão em seu tórax e o encorajou: "Dá o grito mais alto que você puder." Obedeceu. Gritou com toda a força: "Eu era um animal. Eu era um dinossauro. Era a junção de todos os seres vivos."

Depois desse momento, afirmou ter certeza de que sua vida se dividiu entre antes e depois daquele grito.

"Eu como *artista, como pessoa, como homem, como pai, como parceiro, como amigo* — **sou outro depois daquele grito**" (Daniel Rezende)

Foi essa experiência visceral que o levou a criar a cena do grito no filme. No romance, Crisóstomo se comunica verbalmente com Isaura e diz frases de extrema beleza. No roteiro, isso não funcionava: "Quando ele falava, parecia um grande chavequeiro."

A solução narrativa foi substituir a fala pelo gesto, pelo silêncio, pelo grito. Primeiro, Crisóstomo grita sozinho na praia. Depois, pede que Isaura também grite. Não oferece explicações. Apenas pergunta: "Ajudou?"

Segundo Rezende, esse momento traduz a escuta verdadeira: "Ele quer saber se ela está melhor. Ele a escuta. Ninguém nunca a escutou antes."

O corpo como lugar de verdade e presença

O diretor revelou que essa cena se tornou a mais pessoal de todo o filme. Narrada com grande emoção, contou que a gravação ocorreu logo na primeira diária do ator Johnny Massaro.

Durante a terceira tomada da sequência, começou a chorar de forma incontrolável. Precisou interromper as filmagens, foi acolhido pela equipe e demorou a se recompor. Ao olhar ao redor, percebeu que outras pessoas do set também estavam profundamente tocadas. "Eu disse: se isso está acontecendo aqui, é porque há verdade no que estamos filmando."

Para Daniel Rezende, o que o filme oferece — e o que o aproxima de tantos profissionais da área terapêutica — é precisamente essa conexão com a verdade: "A sociedade não nos ensina a estar presentes. Nos ensina a adaptar o que sentimos aos moldes sociais. Isso não é verdade."

Afirmou que, ao contrário, o filme foi feito com verdade e presença, fundamentos que reconhece no Tantra e que, segundo ele, fazem com que a obra ressoe com terapeutas, consteladores, psicólogos e pessoas que atuam com escuta profunda: "O filme se conecta porque é isso que ele tem: verdade e presença."



A linguagem do respeito como expressão do amor

Dagmar chamou atenção para outro momento significativo da narrativa. Trata-se da cena em que Isaura escreve em seu diário e é surpreendida por Crisóstomo.

Acostumada a ser invadida e desautorizada por figuras autoritárias, como a mãe e o pai, Isaura reage com susto ao perceber a presença dele.

Diante do gesto impulsivo da jovem, Crisóstomo recua. Em seguida, pede desculpas com delicadeza. Isaura lhe pergunta: "O amor espera ou estraga tudo?", ele responde: "Não sei. Eu iria gostar de ler o que você está escrevendo."

Segundo Dagmar, essa frase representa uma das expressões mais profundas de amor que se pode ouvir. "Você quer uma frase de amor maior do que isso?"

Observou que o impacto da fala transforma Isaura. Primeiro ela se assusta, depois abre um sorriso. “Foi como um grito”, disse. Ela destacou que o sorriso da personagem cresce aos poucos, até revelar um novo estado interno: o da abertura confiante diante de um outro que respeita sua autonomia.

O masculino que rompe com o padrão patriarcal

Ao retomar a palavra, o diretor Daniel Rezende refletiu sobre cenas-chave do filme que, segundo ele, não existem no livro original. Explicou que partiu de uma interpretação sensível da obra para criar um personagem que rompesse com os códigos tradicionais do masculino. “O patriarcado ensina ao homem que ele precisa vencer, competir, conquistar, saber tudo, nunca demonstrar fragilidade ou vulnerabilidade”, pontuou.

No entanto, Crisóstomo age na contramão dessa lógica. A cena em que ele diz “eu não sei, mas gostaria de ler o que você está escrevendo” exemplifica esse novo modelo de masculinidade. "Ele não apenas admite que não sabe, mas escuta."

Rezende mencionou o desejo de oferecer uma nova referência de homem.

Citou que cresceu com padrões como Rocky Balboa, Rambo, James Bond e John McClane: “Eu queria que o Crisóstomo fosse um homem admirável, que todo homem desejasse ser.”

Ele comentou também a cena em que um pescador ridiculariza Crisóstomo, ao sugerir que ele “namorava a mulher do Maricas” em uma insinuação ofensiva. No livro, essa provocação existe, mas a reação do personagem é nova no filme. Em vez de reagir com violência, Crisóstomo responde com firmeza e afeto: “Ele vai para um lugar fora dos códigos do masculino e desarma quem faz bullying.”

Sexualidade como presença, escuta e consentimento

Rezende destacou a construção cuidadosa da primeira noite entre Crisóstomo e Isaura. Descreveu a cena como totalmente tântrica. Havia ali o olhar, o cheiro, o toque sutil, o respeito e o consentimento: “A gente não aprende o que é sexo. Aprende outra coisa.”

Revelou que pretendia filmar uma cena sem beijo, centrada apenas na presença de duas pessoas em contato real.

Por fim, incluiu um beijo, mas manteve a essência da proposta: mostrar um encontro baseado na escuta e no cuidado. Disse que essa sempre foi sua cena favorita, desde o roteiro até a filmagem. O diretor afirmou que desejava que Crisóstomo tratasse Isaura com o mesmo respeito com que tratava a natureza: "Ele cheira a concha, olha a concha, escuta a concha. Isaura é parte desse todo."

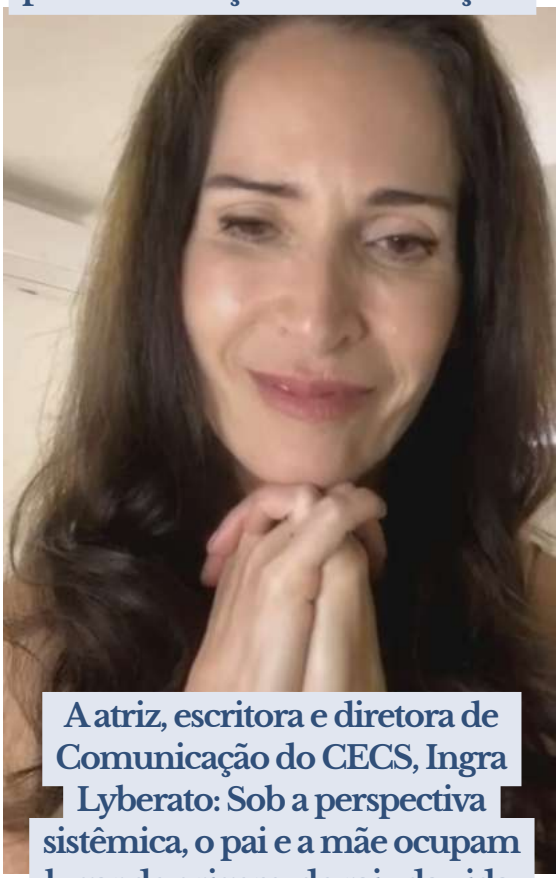
Ressaltou a presença do consentimento em pequenos gestos. Na cena com o vizinho, Isaura tem a alça do vestido puxada duas vezes e a recoloca. Já com Crisóstomo, ela mesma guia a mão dele até a alça, ao sinalizar abertura e desejo: "São códigos sutis, mas enormes. Simples, mas gigantescos."

A educação pelo exemplo e pelo silêncio

Dagmar Ramos interveio para destacar a força simbólica dessas construções. Compartilhou que muitos comentaram ter chorado na cena do sexo e levado as experiências do filme para a terapia. Ressaltou o gesto de humildade de Crisóstomo ao deitar a cabeça sobre o corpo de Isaura. Ingra Lyberato retomou o diálogo e destacou dois aspectos centrais: a desconstrução de Camilo em relação à homossexualidade e as cenas com as borboletas. Enfatizou o gesto de abertura do coração e o pedido de desculpas como elementos de profunda transformação.



A médica, psicoterapeuta, especialista em medicina preventiva e social, Dagmar Ramos: "Quando cada personagem encontra o próprio lugar, o amor deixa de ser falta e passa a ser força de reconciliação"



A atriz, escritora e diretora de Comunicação do CECS, Ingra Lyberato: Sob a perspectiva sistêmica, o pai e a mãe ocupam lugar de origem, de raiz da vida, mas que há outras formas legítimas de pertencimento que emergem da força dos afetos e da busca por conexão

Dagmar retomou o papel educativo da narrativa. Ressaltou a forma amorosa como Crisóstomo argumenta com Camilo, ao usar o silêncio, as metáforas e os gestos como veículos pedagógicos: “É a educação que a gente precisa. Pela escuta, pelo exemplo, pelo amor.”

Ao se dirigir diretamente ao diretor, **Dagmar Ramos expressou um agradecimento** *emocionado: “Receba nosso grande agradecimento. Nosso abraço. Nosso silêncio ao seu lado. E nossa alegria por você ter produzido esse filme.”* **Ampliou o reconhecimento à obra de Valter Hugo Mãe**

Por fim, indicou outros títulos do autor português que, em sua visão, merecem adaptação cinematográfica. Destacou ‘A desumanização’ e ‘Homens imprudentemente poéticos’, ao mencionar o lirismo dos títulos: “É a coisa mais linda deste mundo. São muitas histórias.”

As borboletas como imagem da dor e da memória

Daniel Rezende iniciou sua nova intervenção ao esclarecer que, apesar de parecer um detalhe menor, a cena das borboletas representa uma das intenções mais simbólicas do filme.

Queria adaptar o momento em que Antonino se masturba, presente no livro, mas desejava apresentar esse gesto com poesia e beleza. Inspirou-se em uma breve menção a uma borboleta feita por Valter Hugo Mãe.

Criou, então, a imagem de borboletas que surgem durante o ato solitário, mas que morrem quando a lembrança da violência o invade.

"Isso poderia ser magicamente poético", afirmou. Disse ainda que algumas pessoas reagiram mal à cena: "Tem gente que não consegue assistir, porque a armadura é mais forte."

A educação como reprodução e ruptura de sistemas

Em seguida, o diretor voltou-se para a construção do personagem Camilo. Destacou a importância do avô do menino: um homem culto, mas profundamente preconceituoso. "Essa dicotomia me interessava. Eu conheço pessoas assim. Talvez eu tenha sido assim", disse. Ressaltou que foi educado por uma sociedade que ensina a não escutar e a cultivar preconceitos. Disse que Camilo, no filme, representa o olhar institucionalizado. É ele quem cita a escola, a igreja, o modelo familiar. É ele quem repete o que ouviu do avô ao ver um homem com as unhas pintadas: "A humanidade vai nascer pelo cu".

Para demonstrar a possibilidade de ruptura, Rezende criou uma cena original com o avô e um vendedor de churros: "Não falo sobre sexualidade, gênero ou orientação. Apenas indiquei que o homem pinta as unhas." Essa imagem bastou para disparar a violência simbólica do avô e, posteriormente, a repetição pelo neto. Mais tarde, diante de relações fundadas no respeito, Camilo começa a rever suas ideias. Gestos simples, como o preparo artesanal de uma geleia, revelam mundos distintos: "São visões de mundo completamente diferentes."

Ancestralidade, bagagem e transformação

Na parte final da live, Rezende conectou os temas da ancestralidade e da transmissão intergeracional. Disse que, durante o processo criativo, percebeu que o filme tratava disso. "Não é sobre espiritualidade. É sobre a ancestralidade. Sobre a bagagem que recebemos."

Usou a imagem de uma mala herdada, carregada por muitos sem nunca ser aberta. O gesto de Crisóstomo é o de acolher o menino com empatia e permitir que ele, por si, abra sua própria mala. Ao ver o que há dentro, Camilo decide o que mantém e o que pode abandonar: "Isso tem tudo a ver com o Tantra. Honrar os antepassados, mas saber que nem tudo precisa ser carregado."

O diretor encerrou ao afirmar que desejava criar uma referência de masculinidade. Disse que se inspirou em Jiddu Krishnamurti filósofo, escritor, orador e educador indiano, um pensador que compara a repetição geracional a um disco riscado: "Por isso que eu começo o filme com o disco riscado." O gesto de Crisóstomo, ao romper com os padrões, abre espaço para que Camilo faça escolhas conscientes: "A gente muda o mundo quando deixa de perpetuar. Quando abre a mala e escolhe o que segue adiante."

Reconhecimento das verdades transgeracionais

Em nova manifestação, a atriz e escritora Ingra Lyberato destacou a repercussão imediata do diálogo junto ao público que acompanhava a live. Observou que diversas pessoas expressavam, em tempo real, a percepção de que o filme operava no mesmo campo de compreensão das Constelações. Segundo ela, essa leitura surge porque a obra nasce de uma busca autêntica e de um sentimento que dialoga diretamente com a realidade humana.

Ingra afirmou que **o filme aborda temas essenciais da existência**, como **a vida em sua complexidade**, a **herança transgeracional**, as **influências recebidas**, os **padrões repetidos** e os *processos de reflexão que emergem das dinâmicas ocultas*

Ressaltou que essas camadas não se apresentam como abstrações, mas como experiências reconhecíveis, que atravessam o espectador de forma profunda.

Para ela, é justamente por tocar esses núcleos sensíveis que a narrativa alcança o coração das pessoas, pois ali se reconhecem verdades vividas, compartilhadas e sentidas.

O outro como espelho e revelação

Ao retomar a palavra, Dagmar Ramos concluiu a participação na live ao destacar um dos momentos mais tocantes da relação entre Crisóstomo e Camilo. Mencionou a cena em que, diante da escuta sensível e da convivência com uma nova visão de mundo, Camilo pergunta: “Quem te ensinou tudo isso?” Ao que Crisóstomo responde: “Você.”

Para Dagmar, essa resposta expressa uma beleza comovente, pois revela o modo como o encontro verdadeiro entre pessoas transforma a ambos — quem escuta e quem fala. Dagmar também destacou a força humanista da obra de Valter Hugo Mãe, ao citar duas de suas máximas presentes no filme.

A primeira subverte a célebre frase de Sartre e afirma: “O paraíso são os outros.” A segunda, presente em outra obra do autor, diz: “Os outros somos nós mesmos.” Para ela, essas duas ideias perpassam tanto o livro quanto o filme, orienta a experiência estética e ética da narrativa. “É tudo muito lindo, muito bonito”, concluiu.

O valor de uma arte que acredita no ser humano

Ao encerrar o encontro, o diretor Daniel Rezende agradeceu pelo convite e pela escuta atenta do público ao longo de toda a conversa. Ele incentivou a divulgação do filme, disponível na Netflix, e destacou a importância do apoio do público para que obras como essa continuem a ser produzidas. Pediu que o filme seja compartilhado em grupos de família, entre amigos e colegas de trabalho.

Ao refletir sobre a postura de muitos artistas diante do mundo, fez uma crítica à visão fatalista frequentemente presente em obras artísticas. Disse reconhecer essa tendência, mas afirmou preferir caminhos que ofereçam uma alternativa: "Faltam obras com uma visão otimista do mundo." Manifestou, com isso, o desejo de criar mais filmes que celebrem a dignidade humana.

Convidou ainda o público a conhecer seu perfil no Instagram (@danirez), onde compartilha vídeos com curiosidades sobre o processo de criação do filme. Reforçou o desejo de participar de novas conversas e encontros futuros: "Se a gente tiver uma outra oportunidade, vai ser um prazer."

Um olhar de esperança para o ser humano

Na última fala do encontro, a atriz e escritora Ingra Lyberato, diretora de comunicação do CECS, expressou profunda emoção ao retomar o contato com o diretor Daniel Rezende.

Comentou que também compartilha da visão otimista sobre o ser humano apresentada por Rezende.

Para ela, há um lugar essencial dentro de cada pessoa, um espaço interno de potência e beleza, que aguarda apenas permissão para emergir.

"Esse lugar está lá, aguardando a permissão", disse, com firmeza e ternura.

Agradeceu a generosidade de Daniel, que aceitou o convite mesmo em meio a diversos compromissos profissionais.

Finalizou ao dirigir palavras afetuosas à presidente Dagmar Ramos, ao reconhecer sua entrega e entusiasmo ao conduzir o diálogo e abrir espaço para a escuta coletiva.

O instante perfeito como síntese da escuta e da consciência

Na última manifestação da live, Dagmar Ramos encerrou o encontro ao retomar uma citação de Valter Hugo Mãe, autor que abre o seu livro 'Constelações Familiares na medicina', cuja obra dialoga diretamente com o espírito da conversa.

Dagmar Ramos leu o trecho em que o escritor Valter Hugo Mãe afirma: "**A felicidade está na atenção a um detalhe.** Como se *o restante se ausentasse para admitir a força de um instante perfeito*"

Para Dagmar, a experiência compartilhada durante a live configurou exatamente esse instante, vivido como algo mágico e pleno. A presidente do CECS agradeceu a presença de Daniel Rezende e situou o encontro como parte da homenagem maior a Bert Hellinger.

Destacou o percurso do pensador alemão como o de alguém que ousou ser diferente, escolheu escutar e sustentou seu trabalho mesmo diante de críticas intensas.

Segundo Dagmar, Hellinger tinha clareza de que oferecia à humanidade um presente de natureza espiritual, que pode receber diferentes nomes — abordagem, método, técnica ou terapia —, embora essas classificações não deem conta de sua essência.

Para ela, trata-se de arte e consciência, uma oportunidade genuína de desenvolvimento humano, de ampliação da felicidade e de disseminação de princípios que Hellinger reuniu nas Ordens do amor.

Ressaltou que essas máximas se manifestam de modo sensível e profundo no filme 'O Filho de Mil Homens', dirigido por Daniel Rezende, obra que, em sua avaliação, traduz com especial delicadeza esses fundamentos. Encerrou com um agradecimento final, em tom de reconhecimento e reverência. **(Texto publicado no dia 04 de janeiro de 2026 e atualizado em 22 de janeiro de 2026)**

Pensamento complexo e consciência sistêmica: *a visão transdisciplinar* de Cornelia Bonenkamp no CECS Constela

Na **terceira edição do projeto**, especialista internacional aborda o tema *"Pensamento Sistêmico Complexo – Visualização e Constelações"*. Evento **reúne profissionais em roda de conversa com experiência vivencial e reflexões sobre regras invisíveis que regem sistemas humanos.** *"O pensamento linear e mecanicista é totalmente adequado para máquinas. Um carro pode ser desmontado em mil peças e, ao ser remontado corretamente, voltará a andar. No entanto, corta um ser humano ou uma árvore em mil partes e junta de novo na maneira certa. Funciona? Não. Assim, precisamos, para as relações vivas, não o raciocínio linear, mecanicista, com certo e errado, bom e mal. Importa usar o pensamento sistêmico complexo"*, destaca **Cornelia Bonenkamp. Mediadora do evento, historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos do CECS, Rosângela Ferreira**, aponta: "Precisamos **enxergar as pessoas, as organizações, como sistemas vivos, atravessados por histórias, afetos e conflitos**"



A terceira edição do 'CECS Constela', promovida pelo Centro de Excelência em Constelações Sistêmicas (CECS), contou com a presença da especialista internacional Cornelia Bonenkamp para discutir o tema 'Pensamento Sistêmico Complexo - Visualização e Constelações': encontro reuniu profissionais da área em uma roda de conversa que combinou prática e reflexão conceitual

Especialista em Constelações Familiares e Organizacionais com reconhecimento internacional, Cornelia Bonenkamp foi a convidada especial da terceira edição do 'CECS Constela' que ocorreu no dia 18 de dezembro de 2025 com o tema 'Pensamento Sistêmico Complexo - Visualização e Constelações'.

O projeto combina prática de Constelação, escuta qualificada e troca de saberes entre profissionais da abordagem. A mediação foi conduzida pela historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos do CECS, Rosângela Ferreira.

Cornelia Bonenkamp é especialista em pensamento sistêmico/complexo e visualização/Constelação Organizacional há 15 anos e em Constelação Familiar há 21 anos.

Trabalha com visualizações e Constelações à base do pensamento sistêmico complexo há 24 anos. Também oferece formação em visualizações e Constelações Organizacionais há mais de 14 anos. É reconhecida pelo Infosyon, associação internacional de Constelações Organizacionais da Alemanha.

A convidada integra o grupo de consteladores com ampla trajetória internacional e sólida base teórica. Seu trabalho dialoga com a complexidade do pensamento sistêmico e suas aplicações nas relações humanas, organizacionais e sociais.

Um espaço de travessia, de partilha e de conexão entre teoria e vivência

O encontro iniciou com palavras da diretora de eventos do CECS, Rosângela Ferreira, que acolheu o público ao destacar o papel do autoconhecimento na jornada dos profissionais sistêmicos. Segundo ela, "tudo está em movimento, tudo está em evolução", e isso exige disposição constante para aprender com os pares, em processos coletivos que renovam a escuta, a percepção e a prática.

Rosângela reforçou que, para quem atua no campo das Constelações, não existe ponto de chegada. O saber se constrói de forma contínua, orgânica e integrada à experiência de vida. Nesse espírito, o evento se propôs como um espaço de travessia, de partilha e de conexão entre teoria e vivência.

Ao introduzir o tema da noite, Rosângela abordou a inadequação de leituras tradicionais sobre o funcionamento das organizações. Indicadores, cargos e estruturas hierárquicas não são suficientes para explicar a complexidade dos vínculos que operam dentro dos sistemas organizacionais.

"Precisamos enxergar as organizações como sistemas vivos, atravessados por histórias, afetos e conflitos", afirmou. Esse olhar convida à superação da lógica linear e à adoção de perspectivas mais amplas, que reconhecem a interdependência entre os elementos e os impactos sistêmicos de cada ação. Rosângela destacou que o pensamento sistêmico complexo permite deslocar o foco da causalidade direta para uma visão integrada, onde tudo se conecta. Nesse campo, as decisões não afetam apenas partes isoladas, mas reverberam em todo o sistema.

Ao reconhecer essa rede de relações, o profissional passa a atuar com mais consciência, compreendendo que "tudo é sempre maior do que a soma das partes".

Essa abordagem amplia a lente com que se observam as organizações e oferece novos caminhos para intervir de forma mais sensível e efetiva.

Rosângela encerrou sua introdução ao saudar Cornelia Bonenkamp. Destacou sua trajetória íntegra, o compromisso com a formação de qualidade e a profunda experiência prática aliada a uma sólida base teórica.

"É uma alegria e uma honra receber Cornelia nesta noite. Sua presença nos enriquece e nos inspira", afirmou. A estrutura do encontro previa um momento inicial de fala da convidada, seguido por um exercício prático que permitiria aos participantes vivenciar os conceitos apresentados de forma direta.

Trajetória pessoal e ruptura com padrões convencionais

Em sua fala de abertura, a especialista Cornelia Bonenkamp compartilhou uma experiência marcante de sua vida que, segundo ela, provocou uma virada profunda na trajetória pessoal e profissional.

Nascida e formada na Alemanha, Cornelia atuou como professora por vários anos antes de se mudar para o Brasil, onde vive há mais de duas décadas."Gostava muito de trabalhar com jovens e crianças, mas o sistema de notas e avaliações me desanimou profundamente", revelou. Ao perceber que aquele modelo educativo não mais dialogava com seus valores, se perguntou: "O que fazer? Vou trabalhar num colégio alemão no estrangeiro". E se candidatou.

Cornelia narrou um episódio decisivo: foi enviada ao México, após um período de preparação que incluiu o aprendizado de nova língua. Antes da viagem, acreditava conhecer o país e seu povo a partir do que ouvira ou lera. No entanto, ao chegar, deparou-se com uma realidade completamente diferente da que imaginava."Foi um dos maiores presentes que recebi na vida", afirmou. A experiência desconstruiu suas certezas e dissolveu os preconceitos internalizados."Nunca mais acreditei cegamente em estereótipos. O que a mídia diz, o que as pessoas falam — tudo isso é apenas uma possibilidade de olhar para algo, não uma verdade absoluta."



A especialista em Constelações Familiares e Organizacionais com 24 anos de experiência em pensamento sistêmico complexo Cornelia Bonenkamp, trainer certificada pelo Infosyon (Alemanha) e que atua com visualizações sistêmicas e formação de profissionais em diversos países: "Não existe sistema sem regras do jogo"

Essa *vivência no México* tornou-se um **ponto de inflexão**. A partir dela, **Cornelia Bonenkamp iniciou sua imersão no campo do pensamento sistêmico complexo**, uma **abordagem que valoriza a multiplicidade de perspectivas** e reconhece a *interdependência entre todos os elementos de um sistema*

Ao introduzir o tema central do encontro, Cornelia lançou uma pergunta ao público: "O que é pensamento sistêmico para vocês?" A indagação não visava obter respostas definitivas, mas convidar à reflexão e ao diálogo. Com essa abertura, a especialista preparou o campo para uma abordagem que rejeita simplificações e convida à escuta ativa dos fluxos invisíveis que atravessam sistemas humanos, sociais e organizacionais. A partir de sua vivência e prática internacional, Cornelia destacou que o pensamento sistêmico complexo exige o abandono de verdades fixas. Em vez de respostas lineares, ele propõe uma visão ampla, relacional e dinâmica da realidade.

A provocação feita por Cornelia Bonenkamp — "O que é pensamento sistêmico para vocês?" — encontrou eco imediato no vice-presidente e diretor de Relações Internacionais do CECS, Ricardo Mendes.

Arteterapeuta com ampla formação, Ricardo atua como docente em Constelações Familiares e práticas xamânicas ao integrar abordagens ancestrais e contemporâneas em sua trajetória acadêmica e terapêutica.

Em resposta à pergunta da convidada, Mendes ofereceu uma síntese clara e sensível sobre o pensamento sistêmico. "Para mim, é um olhar amplo", afirmou.

"É uma visão que reconhece que cada um de nós é um componente de um todo muito maior. Influenciamos esse todo e somos guiados por ele."

Com isso, Ricardo enfatizou a interdependência como um princípio fundamental da abordagem sistêmica. "Não existe indivíduo sem o sistema, nem sistema sem os indivíduos", declarou. A fala sintetiza a ideia de que o sujeito está em constante relação com os contextos aos quais pertence — sejam eles familiares, sociais ou organizacionais — e que qualquer movimento interno repercute no coletivo, da mesma forma que as dinâmicas do coletivo moldam a experiência individual. Ao trazer essa perspectiva, Ricardo Mendes reforçou a base filosófica e prática da Constelação Sistêmica: a compreensão profunda de que somos seres de vínculo, pertencimento e influência mútua.

O reconhecimento do contexto e da reverberação dos atos

Rosângela Ferreira, também respondeu à pergunta de Cornelia Bonenkamp. Sua fala complementou a visão apresentada por Ricardo Mendes e reafirmou os princípios do pensamento sistêmico. "Falei um pouco sobre isso na abertura, mas retomo agora: trata-se de olhar o todo, o contexto", declarou Rosângela. Para ela, o ser humano não se dissocia do meio ao qual pertence.

Cada ação, ainda que aparentemente isolada, reverbera em múltiplos níveis e alcança um campo muito mais amplo do que aquele visível à primeira vista.

Segundo Rosângela, essa percepção se aplica tanto às dinâmicas familiares quanto às organizacionais. "Precisamos observar todas as partes envolvidas", afirmou. Ao adotar esse olhar, o profissional sistêmico reconhece que nenhuma decisão ocorre no vazio e que todo movimento gera implicações que tocam diferentes dimensões da realidade.

Rosângela Ferreira destacou que **o pensamento sistêmico exige sensibilidade para mapear essas conexões e compreender os efeitos cruzados entre ações individuais e estruturas coletivas.** Sua fala reforçou a proposta do evento: *criar um espaço de reflexão* onde *não apenas se estuda o pensamento complexo*, mas **também se vive em comunidade**

A diretora de Estruturação Acadêmica e Qualificação de Facilitadores em Constelações Sistêmicas do CECS, Suzana Wayand Dias, também contribuiu para o debate proposto por Cornelia Bonenkamp. Doutora em Administração, com especialização em Economia da Organização, mestre em Administração das Organizações, farmacêutica industrial e professora de negociação, Suzana trouxe à discussão uma perspectiva ancorada na teoria de sistemas.

Ela destacou que o pensamento sistêmico opera a partir da compreensão de que existe uma dinâmica contínua entre as partes e o todo. "Estamos construindo a ideia de que essa interação não gera uma simples soma, mas sim um resultado muito maior quando se compreende a complexidade envolvida", afirmou.

Segundo Suzana, é justamente ao reconhecer a complexidade dos sistemas que se revela seu verdadeiro potencial. A lógica sistêmica rompe com a linearidade tradicional e convida à observação de como os elementos se relacionam em camadas interdependentes, onde o todo emerge como algo qualitativamente superior à mera adição de partes isoladas.

Suzana Wayand reforçou o **valor epistemológico da abordagem e sua aplicabilidade** *tanto em ambientes organizacionais quanto em contextos de desenvolvimento humano*. **Sua fala alinhou fundamentos acadêmicos à prática terapêutica** e *contribuiu para a profundidade conceitual do encontro*

A atriz, escritora e diretora de Comunicação do CECS, Ingra Lyberato, também contribuiu com uma reflexão sensível e profunda à questão proposta por Cornelia Bonenkamp. Ao abordar o pensamento sistêmico complexo, Ingra destacou a presença de trocas que ultrapassam o plano visível das interações humanas imediatas.

"Pensei nessas trocas sistêmicas, complexas e amplas", afirmou. Para ela, o campo sistêmico não se limita ao presente. Envolve relações com o passado e o futuro, o que adiciona novas camadas de complexidade à compreensão do sistema.

Essa visão temporal expande o entendimento linear dos vínculos e insere os sujeitos em uma rede dinâmica de pertencimento intertemporal. Ingra também apontou para a existência de forças que não se restringem às trocas conscientes entre os indivíduos.

"Talvez existam forças comuns, como a alma do sistema", observou. Essas forças, embora possam receber diferentes nomes, operam como princípios invisíveis que regem o equilíbrio entre o dar e o receber dentro de um sistema.

Sua contribuição ampliou o escopo da conversa ao sugerir que a compreensão do pensamento sistêmico exige não apenas uma análise relacional entre as partes, mas também a escuta das dimensões intangíveis que sustentam a ordem profunda dos sistemas humanos. Ingra Lyberato propôs, assim, uma leitura que incorpora a complexidade do tempo e da energia que atravessa os vínculos.

A quinta disciplina e o deslocamento do pensamento linear

A mediadora Rosângela Ferreira incorporou à discussão uma referência fundamental para o campo do pensamento sistêmico: o cientista de sistemas norte-americano Peter Senge.

Autor da obra 'A Quinta Disciplina', Senge consolidou o pensamento sistêmico como um dos pilares da aprendizagem organizacional.

Rosângela destacou a relevância desse conceito para o encontro. "Peter Senge chamou de quinta disciplina esse deslocamento — o pensamento sistêmico como base para as demais capacidades de uma organização que aprende", afirmou.

A mediadora Rosângela Ferreira ressaltou que **o pensamento sistêmico não funciona como um conhecimento isolado, mas como uma disciplina que sustenta e articula outras práticas essenciais**, como o *domínio pessoal*, os *modelos mentais*, a *construção de uma visão compartilhada* e a aprendizagem em equipe

A menção à obra de Senge aprofundou o caráter acadêmico da roda de conversa e reforçou a ideia central do evento: compreender que sistemas vivos, sejam organizacionais ou familiares, exigem uma mudança radical de paradigma.



A historiadora, jornalista, psicanalista e diretora de eventos do CECS, Rosângela Ferreira, foi a mediadora do encontro: "Tudo está em movimento, tudo está em evolução", e isso exige disposição constante para aprender com os pares, em processos coletivos que renovam a escuta, a percepção e a prática

Essa mudança envolve abandonar modelos lineares e abraçar a complexidade como ferramenta de leitura e ação no mundo.

A família como origem do pensamento sistêmico

A educadora e terapeuta Selma Horta trouxe à roda de conversa uma contribuição centrada no ponto de partida do pensamento sistêmico: a família. Em sua explanação, destacou que o primeiro sistema no qual o indivíduo se reconhece é o núcleo familiar, onde se formam as crenças fundamentais que moldam a percepção de mundo.

"O pensamento sistêmico se inicia na família. Para mim, ele nasce das crenças que construímos nesse primeiro sistema", afirmou.

Selma ressaltou que muitas dessas crenças, embora estruturantes, revelam-se limitantes ao longo da vida, sendo desveladas apenas com o amadurecimento e a reflexão.

Ela destacou a importância de reconhecer esse início, mesmo diante da complexidade crescente que o pensamento sistêmico alcança nas esferas organizacionais e sociais.

"Quero agregar tudo que Ingra e os colegas já disseram, mas sem deixar de olhar para essa célula originária, que muitas vezes carrega limitações profundas", afirmou.

Selma enfatizou que, antes de se tornar uma ferramenta de análise sofisticada, o pensamento sistêmico começa com a experiência subjetiva dentro da família.

Essa matriz inicial influencia os modos de se relacionar, perceber e agir no mundo. Sua fala reorientou a discussão para uma dimensão essencial: a origem afetiva e emocional dos padrões sistêmicos que, mais tarde, sustentam ou limitam a complexidade das relações humanas.

A definição de sistema e a importância das regras invisíveis

Dando continuidade à discussão, Cornelia Bonenkamp aprofundou o conceito de sistema como base essencial para a compreensão do pensamento sistêmico. Para ela, a clareza sobre o que constitui um sistema é decisiva para qualquer abordagem séria da complexidade.

"Um sistema, na natureza, surge quando dois ou mais elementos estabelecem um funcionamento conjunto", explicou. Para ilustrar esse princípio, Cornelia recorreu a um exemplo vivo: a semente da árvore Noz de Pará. Segundo ela, o destino dessa semente depende inteiramente do ambiente onde ela cai.

Em São Paulo ou na Alemanha, a semente não sobrevive. Em pastos abertos, até cresce, mas não frutifica. Somente na floresta amazônica encontra as condições ideais para florescer plenamente.

Cornelia destacou que os sistemas naturais não podem ser compreendidos sem a análise de suas condições específicas. "Não existe sistema na natureza separado do seu contexto", afirmou. Esse raciocínio vale também para os sistemas humanos.

A metáfora do jogo e as regras que organizam os vínculos

Ao transpor o conceito de sistema para as relações humanas, Cornelia ofereceu outra imagem didática: a de um jogo de futebol. "O que importa mais no futebol: os jogadores ou as regras do jogo?", perguntou ao grupo. Para ela, a resposta é clara: "As regras definem o jogo."

Mesmo com jogadores e bola, se as regras mudam, o jogo pode se tornar vôlei, basquete ou handebol. As regras determinam a dinâmica, os limites e as possibilidades de ação. Essa lógica se aplica também aos sistemas familiares, sociais e organizacionais.

Cornelia afirmou que **todo sistema humano opera a partir de regras** — *muitas vezes implícitas ou inconscientes* — que **regem comportamentos, vínculos e pertencimentos**

"Essas regras podem se manifestar como crenças profundas, transmitidas ao longo de gerações. E mesmo quando não percebidas, continuam a estruturar os relacionamentos dentro do sistema", destacou. Ao concluir sua explanação, Cornelia reforçou: "Não existe sistema sem regras do jogo." A afirmação não apenas sintetizou seu pensamento, mas também convidou os participantes a refletir sobre os códigos invisíveis que moldam suas próprias experiências coletivas.

As regras invisíveis nos sistemas humanos

Diante da pergunta sobre a quem se referia — se aos seres humanos, aos animais ou à natureza — Cornelia Bonenkamp esclareceu que falava, naquele momento, especificamente dos sistemas humanos. Segundo ela, embora existam dinâmicas observáveis entre os animais, as interações humanas se organizam de maneira singular a partir de regras implícitas que operam como verdadeiras estruturas invisíveis.

"Entre seres humanos, realmente existem regras do jogo", afirmou. Essas regras não costumam ser explícitas, mas exercem forte influência sobre pensamentos, comportamentos e decisões. "Se não observamos as regras, elas nos movimentam de forma inconsciente", disse.

Cornelia explicou que cada família, organização ou coletivo possui suas próprias regras — muitas vezes formadas por crenças enraizadas ou estruturas sociais consolidadas. Como exemplo, citou o sistema político.

"Quase no mundo inteiro, as pessoas falam mal dos políticos", observou. No entanto, destacou que raramente se questiona o sistema em si — suas lógicas, estruturas e mecanismos.

Para ilustrar seu argumento, Cornelia propôs uma reflexão hipotética: "Imaginem se Lula fosse presidente dos Estados Unidos ou da Alemanha. Ele faria o mesmo que faz no Brasil?" A resposta, segundo ela, é negativa, porque os sistemas são diferentes, e cada sistema condiciona, consciente ou inconscientemente, a atuação dos indivíduos que o integram.

Isso vale para o campo educacional. "As pessoas criticam os professores, os pais, os alunos. Mas quase ninguém fala do sistema escolar", afirmou.

Segundo ela, o professor recebe uma tarefa que já carrega um modelo predeterminado: transmitir conteúdo a crianças de uma faixa etária específica e atribuir notas. Essa estrutura, por si só, gera tensões, independentemente da competência dos profissionais envolvidos.

Cornelia encerrou a reflexão ao ampliar o olhar sobre o funcionamento dos sistemas de poder. Em sua leitura, os sistemas operam como camadas hierárquicas de influência.

"Em muitos países, as populações criticam os políticos. Mas o político não é o topo da pirâmide", alertou. Acima dele, situam-se a indústria e a mídia. E, no topo dessa cadeia de influência, estão os bancos.

Ao revelar essa estrutura, Cornelia apontou para a necessidade de enxergar os sistemas além das figuras visíveis.

As regras do jogo não se limitam aos papéis ocupados, mas definem as condições estruturais que moldam o comportamento coletivo. "Se existissem outras regras, tudo seria diferente", concluiu.

O pensamento mecanicista e a ilusão do julgamento moral

Em novo momento de sua fala, Cornelia Bonenkamp abordou as estruturas invisíveis de poder e a necessidade de revisar os modelos de pensamento que condicionam as relações humanas.

Ela iniciou o raciocínio com um dado contundente: "3% da população detém quase 90% dos bens. São os bancos privados." Segundo a especialista, enquanto a sociedade mantém seu foco em discursos contra figuras políticas, o verdadeiro controle sistêmico permanece fora do campo de visão — e, portanto, sem crítica efetiva. Para Cornelia, o ponto central está na incapacidade de reconhecer as regras que regem esses jogos de poder.

"Importa muito observar as regras do jogo", enfatizou Cornelia. Ela alertou que **todos fomos educados dentro de um paradigma linear e mecanicista**, que *se baseia na dicotomia entre certo e errado, bom e mau*. **Esse modelo**, herdado da lógica das máquinas, **é inadequado para compreender a complexidade dos sistemas vivos**

Cornelia exemplificou a limitação dessa visão com clareza: “Desmonte um carro em mil peças. Se cada peça for recolocada no lugar certo, o carro funcionará. Nesse caso, a lógica de certo e errado é válida.”

No entanto, ao aplicar esse raciocínio às relações humanas, surge o equívoco: “Não podemos desmontar um ser humano ou uma árvore em partes e remontá-los esperando o mesmo funcionamento.”

As interações humanas exigem outra forma de pensar — uma que reconheça a subjetividade, os vínculos afetivos e os padrões inconscientes transmitidos entre gerações.

“Na lógica do certo e errado, tentamos apenas encaixar os outros no nosso mundo”, afirmou. Essa postura impede o verdadeiro encontro com o outro e reduz o diálogo a um desejo de controle.

O pernil, a avó e a descoberta de um padrão familiar

Para ilustrar a necessidade de abrir espaço ao desconhecido, Cornelia apresentou uma narrativa simbólica. Conta-se que Maria, ao assar um pernil, deixa a porta do forno aberta. Diante da crítica que recebe por desperdiçar energia, ela se recusa a fechar a porta.

Essa reação causa estranhamento, mas revela, ao ser investigada com abertura e escuta, um padrão familiar não consciente.

Ela narrou um fato: **“Maria faz um pernil e deixa a porta aberta.**
Ana: ‘Maria fecha a porta, desgaste de energia!’
Maria: ‘Não vou fechar a porta’.
E, desse jeito, ela é julgada de ruim em relação a esse assunto.
Ana, naquilo que falou, queria que Maria fizesse o que estava na mente dela.
E nem conectou verdadeiramente com Maria.
No pensamento sistêmico complexo, ausentamos certo e errado, bom e mal. Sempre têm perguntas.
Com as perguntas, nos conectamos com o outro.
Ana: ‘Maria, o que faz você não fechar o forno?’
Maria: ‘A minha mãe e minha avó nunca fecharam o forno, e desse jeito sai o pernil mais saboroso’.
Maria está provavelmente seguindo os padrões da família.
E o que a família esqueceu é que, antigamente, os fornos eram pequenos e não cabia um pernil.
E quando a avó compra um novo forno, esquece de fechar porta.
Quando isto está na consciência de Maria, provavelmente ela vai testar o que acontece quando se fecha a porta”.

A história aponta para um comportamento herdado que, embora aparentemente irracional, guarda uma lógica interna profunda. A tradição surgiu da limitação de espaço nos fornos antigos. Com o tempo, a origem se perdeu, mas o gesto se perpetuou.

Ao tomar consciência desse padrão, Maria pode optar por mantê-lo ou transformá-lo. Para Cornelia, esse é o papel do pensamento sistêmico: tornar visível o que opera no invisível. "Quando isso entra na consciência, surgem novas possibilidades", pontuou.

Ao encerrar a reflexão, Cornelia reforçou a **importância de abandonar o julgamento moral nas relações humanas**: "Importa muito *sair da lógica do certo e errado ao lidar com os outros*." Em vez de julgar, ela propõe perguntar. **Em vez de concluir, convida a ouvir**

A prática sistêmica, segundo Cornelia, nasce do acolhimento do que é, não da imposição do que deveria ser. E é a partir desse campo de escuta, sensível e ampliada, que se torna possível transformar padrões cristalizados em consciência e escolha.

A permanência invisível dos padrões familiares

Ricardo Mendes compartilhou uma reflexão sobre padrões inconscientes e fidelidades invisíveis dentro dos sistemas familiares."Essa história do pernil é muito interessante, mas já vivi algo ainda mais simples", afirmou. Ricardo relatou que, ao herdar a casa de seus pais após o falecimento deles, passou a ter liberdade total para reorganizar o espaço. Nada o impedia de mudar os móveis de lugar, vender objetos ou transformar os ambientes. No entanto, por um longo período, tudo permaneceu exatamente como era.

"Um dia me dei conta de que os móveis continuavam no mesmo lugar", contou. A partir dessa constatação, surgiu a dúvida: gostava da disposição como estava ou apenas se acostumara a ela? A dificuldade em distinguir preferência pessoal de condicionamento revelou a força silenciosa dos vínculos e memórias transmitidos pelo espaço físico da casa.

Ricardo descreveu ainda o desconforto que sentiu ao perceber o impacto das sugestões feitas por sua esposa, quando ela passou a morar no mesmo espaço: “Ela dava ideias, mas eu me incomodava. Afinal, esse móvel sempre esteve ali.” A reação, embora aparentemente simples, revelou a profundidade das lealdades invisíveis aos padrões familiares. Segundo ele, até gestos cotidianos carregam camadas de pertencimento e memória que muitas vezes não se reconhecem conscientemente. “Será que aquele era o lugar certo para o móvel, ou apenas o lugar ao qual eu me afeiçoei sem questionar?”

Ricardo Mendes reforçou uma das **premissas centrais do pensamento sistêmico**: *a repetição de padrões não conscientes* como forma de **manter o vínculo com os que vieram antes**. Apontou, com sensibilidade, como **até escolhas triviais podem expressar fidelidade a sistemas familiares** — *mesmo quando não há mais necessidade prática de manter tais configurações*

Cornelia Bonenkamp desenvolveu uma nova reflexão a partir de uma pergunta central: como funciona o ser humano enquanto sistema? Para responder, ela propôs uma cena cotidiana. Uma criança cai na rua e começa a chorar. Três pessoas testemunham a mesma situação, mas cada uma interpreta de forma distinta: uma expressa tristeza, outra reclama do barulho, e uma terceira enxerga aquilo como parte natural do aprendizado. “A informação é a mesma para todos”, explicou Cornelia, “mas cada um processa com base em seus padrões e crenças inconscientes.”

Segundo a especialista, o sofrimento, os julgamentos ou a compaixão emergem menos do fato em si e mais da lente com que se observa a realidade. “Nosso racional justifica o que sentimos, mas ele não é a origem da decisão”, afirmou. Para ela, a mente consciente funciona, em mais de 80%, como um porta-voz de um governo que desconhece a origem das escolhas. Nesse cenário, o reconhecimento das limitações próprias e alheias torna-se essencial: “Somos diferentes, mas todos temos o mesmo valor como seres humanos.” Cornelia destacou que o que nos diferencia não é a genética, mas o contexto. “Uma criança criada em uma aldeia indígena, em uma favela ou em uma família de elite em Nova York se desenvolve de forma completamente diferente”, observou.



Ricardo Mendes, segundo dirigente a ocupar a vice-presidência do CECS, arteterapeuta, docente em Constelações e práticas xamânicas, com abordagem transdisciplinar: "É uma visão que reconhece que cada um de nós é um componente de um todo muito maior. Influenciamos esse todo e somos guiados por ele"

Essa perspectiva se alinha à epigenética, campo de estudo que mostra como o ambiente molda a expressão genética. Ela citou pesquisas do biólogo celular norte-americano Bruce Lipton, que identificou casos em que mulheres adotaram meninas que, anos depois, desenvolveram câncer de mama como elas próprias — mesmo sem relação genética com as mães adotivas, enquanto as mães biológicas nunca tiveram câncer de mama: "O contexto é determinante. Ele nos torna confiantes ou inseguros, agressivos ou receptivos."

A *complexidade*, segundo Cornelia, exige que, **ao observarmos um sistema, perguntemos: quais são as regras do jogo? E que outros sistemas têm influência nisto?** Essa *atitude investigativa* permite **compreender os padrões invisíveis que organizam as relações**

Ao retomar a fala de Ricardo Mendes sobre os móveis mantidos no lugar pelos hábitos familiares, ela reforçou: "Cada um é diferente. Cada um tem desejos distintos. E ninguém tem as mesmas necessidades que o outro."

O reconhecimento dessas diferenças deve conduzir ao diálogo respeitoso e à negociação: "Importa perguntar qual é o seu desejo e qual é o meu. E, a partir disso, buscar caminhos possíveis para ambos." Um exemplo sugerido por ela: manter os móveis de um jeito por um mês, e depois, de outro. O importante é que ambos se sintam vistos e respeitados.

Cornelia compartilhou, ainda, três conselhos dados por um empresário judeu de Nova York sobre como manter um casamento saudável. Primeiro: colocar o casamento em primeiro lugar e não os filhos.

Segundo: reservar um tempo semanal exclusivo para o casal — alternando atividades desejadas por cada um. Terceiro: encerrar o dia com um gesto de conexão, como um beijo, não como formalidade, mas como afirmação do vínculo: “Esse beijo não diz ‘tudo bem’. Diz ‘somos juntos’”. Ela reforçou a importância de reconhecer as próprias limitações, desejos e imperfeições — sem julgamento — e de abrir espaço para o outro expressar os seus: “Quando nos abrimos ao outro com clareza sobre o que queremos e não queremos, podemos construir algo em conjunto. Sem julgamento, mas com respeito.”

A convivência com os limites do outro como prática de respeito

Após a reflexão da convidada especial Cornelia Bonenkamp sobre convivência, desejos individuais e acordos nas relações humanas, Ricardo Mendes acrescentou uma lembrança atribuída a Bert Hellinger, criador das Constelações Familiares. Segundo ele, Hellinger também oferecia uma sugestão simbólica para casais que desejam cultivar vínculos mais saudáveis. “Hellinger dizia que cada pessoa em uma relação deveria ter direito a cinco pecados”, contou Ricardo. A proposta consistia em que cada parceiro listasse cinco comportamentos considerados "imperfeições" e entregasse ao outro. Nenhuma das partes poderia julgar, criticar ou tentar modificar o que estivesse na lista recebida.

“Essa troca criava um espaço de aceitação dentro da relação”, afirmou. O exercício, embora simples, propunha um deslocamento da exigência de correção para a prática do respeito. Ao reconhecer que o outro possui aspectos que não se alinham com expectativas pessoais — e que, mesmo assim, merece espaço — instala-se uma convivência mais realista e menos idealizada.

Segundo Ricardo Mendes, são “dicas valiosas”, que contribuem para a construção de relações mais autênticas, baseadas na escuta, na autonomia e na aceitação mútua.

A visualização como ferramenta para ampliar a consciência

Em mais um desdobramento de sua fala, a especialista internacional Cornelia Bonenkamp abordou o papel das visualizações e das Constelações como recursos estratégicos para gerar consciência. Para ela, compreender o funcionamento dos sistemas exige mais do que racionalidade: exige clareza profunda, capaz de acessar níveis inconscientes do comportamento humano.

“O que queremos com a visualização Constelação? Ter maior clareza”, afirmou. Cornelia destacou que cerca de 90% das ações humanas são movidas por conteúdos inconscientes.

Nesse cenário, tornar-se consciente de padrões ocultos é fundamental para transformar dinâmicas repetitivas, tanto no âmbito pessoal quanto organizacional. Segundo ela, a Constelação, quando bem aplicada, permite acessar rapidamente essas camadas profundas e, com isso, revelar informações que escapam à lógica linear. “Importa muito a consciência. E a ferramenta da visualização possibilita isso em um tempo muito curto”, explicou.

Cornelia reforçou que qualquer sistema — seja familiar, institucional ou empresarial — opera com base em estruturas culturais que, na prática, funcionam como regras do jogo. (E, muitas vezes, além disso têm acontecimentos no campo informacional do sistema que inconscientemente estão captados e se movimentam). Essas regras moldam comportamentos, vínculos e decisões, muitas vezes de maneira inconsciente.

Para ilustrar esse raciocínio, ela lançou uma pergunta ao grupo: “Faz sentido para vocês que é muito importante ter maior clareza sobre o que é sistema, incluindo as regras do jogo ou crenças?”

Ela ressaltou que, ao reconhecer que toda relação carrega uma cultura própria, torna-se possível compreender por que determinados padrões se mantêm. E mais: porque, sem essa consciência, não se consegue observar com nitidez o todo. “Gerar consciência faz diferença em grau”, ponderou.

Heranças invisíveis e o despertar da consciência transgeracional

A atriz, escritora e diretora de Comunicação do CECS, Ingra Lyberato, trouxe uma intervenção sensível ao dialogar com a fala de Cornelia Bonenkamp sobre desejos, necessidades e padrões herdados. A partir de sua própria trajetória, compartilhou uma descoberta pessoal relacionada à herança transgeracional da arte em sua família. “Eu achava que tinha dado um passo inédito ao me tornar atriz”, afirmou. Com o tempo, porém, começou a perceber que esse movimento criativo não surgira do nada. “A ficha começou a cair quando liguei os pontos com minha avó”, contou.

Dona de casa, costureira e inventora de personagens, a avó se transformava diante dos netos: colocava bigode, usava barba postiça, engrossava a voz, criava histórias.

“Ela encenava dentro de casa, talvez sem se dar conta de que também fazia arte.”

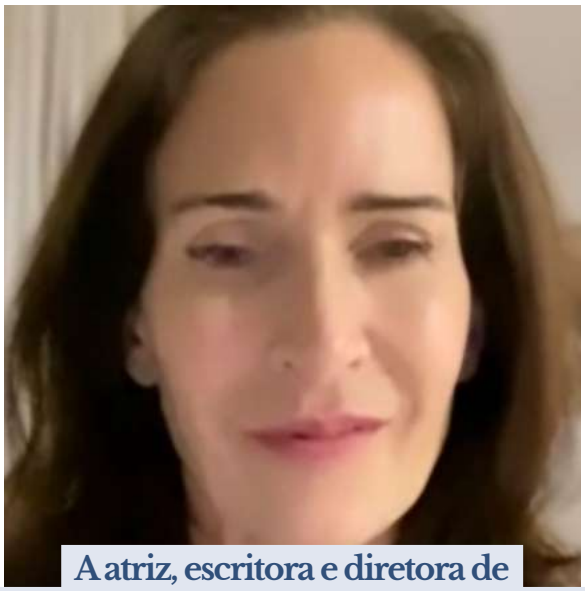
Ingra mencionou que sua mãe deu continuidade a esse impulso criativo ao se casar com um artista, o que gerou mais experiências e significados.

“Durante muito tempo, me vi como desbravadora”, disse. No entanto, passou a reconhecer que o caminho artístico que trilhou talvez estivesse enraizado em desejos que já pulsavam nas gerações anteriores.

A reflexão de Ingra se concentrou na possibilidade de que certos desejos pessoais não sejam inteiramente autônomos, mas frutos de movimentos iniciados por antepassados.

“Às vezes, o desejo que sinto como meu talvez seja, na verdade, o desejo de uma outra geração que passou a viver por intermédio de mim”, observou.

Ela destacou que o surgimento dessa consciência não representou um peso, mas uma libertação: “Perceber isso começou a gerar um distanciamento saudável. Consigo olhar essa herança com mais clareza e maturidade.”



A atriz, escritora e diretora de Comunicação do CECS Ingra Lyberato se prontificou a realizar uma experiência vivencial, a fim de aprofundar o campo de escuta e conexão, agora não apenas conceitual, mas integrada ao corpo, à emoção e à presença

A diferença entre o silêncio e a verdade no campo sistêmico

Em resposta à reflexão feita por Ingra Lyberato sobre os desejos herdados e a consciência que emerge das gerações anteriores, Cornelia Bonenkamp compartilhou uma narrativa simbólica para ilustrar o impacto que a verdade — ou sua ausência — pode ter sobre os sistemas familiares.

“Vou dar um exemplo”, anunciou. Ela descreveu duas pequenas propriedades rurais vizinhas, onde moravam duas famílias: a de João e a de Pedro. Em um primeiro cenário, Pedro volta para casa em silêncio. Carrega um peso visível, mas sem revelar o motivo.

No segundo cenário, Pedro volta para casa e comunica à família o ocorrido. Conta que João o agrediu, que reagiu com um pedaço de madeira e acredita tê-lo matado. Decide ir até a casa da viúva, Elisa, e relata tudo com franqueza. Ela, dentro da fala de João, reconheceu a corresponsabilidade do marido dela. João Assume a responsabilidade pelo que aconteceu, expressa arrependimento e oferece ajuda para cuidar das crianças. "Essa fala, esse reconhecimento, libera o campo. Problemas reconhecidos e tratados deixam de ser repetidos", afirmou.

Cornelia destacou que, **no trabalho sistêmico, a Constelação e a visualização são ferramentas eficazes** para **trazer à tona cargas ocultas no sistema familiar**: "Importa muito *olhar para o nosso bem-estar interno. Importa reconhecer os pesos que, muitas vezes, carregamos sem saber*"

Segundo ela, a libertação começa com o reconhecimento amoroso daquilo que foi herdado: "Mesmo no sofrimento, amor é conexão. Quando posso reconhecer o que carrego, agradecer e dizer que isso não começou em mim, mas veio do passado, consigo deixar no passado. E, assim, fico livre para aprender algo novo."

Esse processo, no entanto, não se encerra na consciência. Cornelia reforçou a importância de criar padrões de ação: "Precisamos aprender novos caminhos até que se tornem automáticos. O ser humano funciona no automatismo. E é preciso substituir padrões antigos por outros mais saudáveis, sem julgamento."

A criação de novos contextos como caminho para a liberdade interior

A psicóloga Yolanda Freire, diretora de Fundamentos e Estruturação Teórica das Constelações do CECS, trouxe uma contribuição à discussão ao abordar a relação entre consciência, visualização e criação de novos contextos. Sua fala dialogou diretamente com os relatos de Ingra Lyberato e as reflexões de Cornelia Bonenkamp ao ampliar o campo da escuta para o papel ativo do indivíduo na transformação dos próprios padrões. "A visualização e a ampliação da consciência não apenas revelam o que está oculto, mas também abrem caminho para um novo compromisso com a própria vida", afirmou. Segundo Yolanda, criar contextos não é apenas uma metáfora terapêutica, mas uma prática concreta, que exige presença, decisão e alinhamento com os próprios dons e talentos.

Ela destacou que o contexto originário, ou seja, o sistema familiar de origem, muitas vezes condiciona não apenas os vínculos afetivos, mas também a forma como o indivíduo lida com suas potencialidades. “Esse contexto pode nos impor até mesmo a maneira de viver os nossos dons”, observou. Yolanda também refletiu sobre o papel do facilitador ou terapeuta dentro do processo sistêmico. Para ela, quem atua nesse campo não conduz apenas uma intervenção, mas faz um convite à criação de um novo contexto interno. “Esse convite precisa se consolidar, precisa ganhar espaço na vida da pessoa para que se torne realidade”, afirmou.

Ela ressaltou a importância de perguntas direcionadoras que sustentam esse processo: “Qual é o resultado desejado de uma Constelação? Como você se vê após essa experiência? O que você busca aqui?” Segundo Yolanda, essas perguntas não têm apenas valor reflexivo, mas atuam como âncoras na construção de um novo caminho.

Ao finalizar a intervenção, destacou que esse novo contexto precisa estar em ressonância com os dons pessoais, com o que ela chamou de espaço adiante: “Escuto essa possibilidade como uma liberdade. A liberdade de incluir novos contextos que estejam mais afinados com aquilo que realmente somos.”

Entre o caminho herdado e o chamado da transformação

Ingra Lyberato, retomou a palavra para compartilhar uma nova camada de sua vivência pessoal. Ao refletir sobre a interseção entre herança familiar e escolha consciente, revelou um sentimento de ambivalência — não como conflito, mas como coexistência de trajetórias.

“Me sinto bem com os dois caminhos”, afirmou. De um lado, reconhece o percurso herdado, marcado pela expressão artística. De outro, o envolvimento atual com as terapias sistêmicas, que, segundo ela, têm trazido maior sentido e profundidade à sua experiência de vida: “É a sensação que tenho hoje. As terapias despertam mais interesse.”

Ao mencionar a carreira de atriz, Ingra relatou ter vivido recentemente uma experiência intensa, que evocou memórias do passado e provocou desconforto: “Veio muita coisa à tona, e nem sei se tudo aquilo me pertence. Foi desafiador.” A fala revelou o quanto certos contextos podem ativar conteúdos transgeracionais que permanecem em elaboração. Ela concluiu ao reconhecer que o processo ainda está em andamento: “Não sei exatamente o que está se passando, mas é algo que está se desenvolvendo agora.”

Sua observação reafirma um dos princípios do pensamento sistêmico: a consciência se constrói em camadas, e o autoconhecimento não se dá em rupturas absolutas, mas em movimentos graduais de integração.

A demanda aparente como ponta do iceberg sistêmico

Ricardo Mendes, trouxe uma imagem poderosa para expressar a compreensão do trabalho terapêutico dentro da abordagem sistêmica. Em diálogo com Cornelia Bonenkamp, reconheceu o impacto de suas reflexões e destacou a profundidade que se revela quando se vai além da narrativa inicial do cliente. "Tudo o que você, Cornelia, fala é muito interessante. Dá vontade de continuar conversando sem parar", disse, antes de compartilhar sua própria percepção sobre o processo de escuta terapêutica. Para ele, o tema que o cliente traz como queixa ou conflito raramente é o mais importante. "Enxergo essa questão como a ponta do iceberg", afirmou. Segundo Ricardo, o objetivo não é resolver diretamente o conflito declarado, mas investigar o que levou a pessoa até aquele ponto. "Cada um de nós tem dificuldades em áreas diferentes. E isso tem uma origem", pontuou. O foco do trabalho está em ampliar a visão do cliente para que ele compreenda o campo mais amplo que sustenta sua vivência atual.

Ricardo Mendes ressaltou que **a função do facilitador sistêmico** *não é* **pacificar relações externas de forma imediata**, *mas abrir espaço para uma compreensão mais profunda de si*. "Não estou ali para ajudar a pessoa a fazer as pazes com alguém. **Estou para ajudá-la a entender o que a trouxe até esse impasse**", explicou

Essa mudança de perspectiva permite que o cliente perceba que o conflito atual não se limita ao presente nem à relação aparente, mas integra um sistema mais amplo de influências, repetições e lealdades invisíveis.

O essencial: estar bem consigo e com a vida

Em resposta à reflexão de Ricardo Mendes, Cornelia Bonenkamp reforçou a importância de olhar além da narrativa evidente. Para ela, a maioria das dificuldades trazidas para o campo terapêutico esconde uma desconexão mais profunda: a dificuldade de estar em paz consigo mesmo e com a própria existência.

"Quando ouço uma questão — seja de um líder, seja de qualquer pessoa — a primeira coisa que faço é sentir qual é, de fato, a questão central", afirmou. Na maioria dos casos, Cornelia identifica que a raiz está na ausência de um vínculo saudável com o próprio eu e com a vida. A partir disso, propõe um deslocamento do foco externo para um olhar interno: "Vamos observar como está sua relação com você mesmo? Como está sua relação com a vida?"

Segundo Cornelia, esse movimento interior é o ponto de partida para qualquer processo de mudança real. Ao alcançar clareza sobre si, o cliente pode reconhecer os pesos que carrega, deixar no passado o que já não lhe pertence e, com isso, criar espaço para um novo estado de presença.

"Esse é o essencial", declarou. Para que esse novo estado se consolide, ela recomenda um compromisso prático: manter por 30 dias uma atitude coerente com o novo olhar que emerge. "Com clareza, vem a liberdade. E, com liberdade, nasce a possibilidade de praticar um novo caminho", disse.

O obstáculo como mestre no caminho de crescimento

Ricardo Mendes complementou a reflexão anterior com um olhar sobre a forma como os desafios se apresentam no percurso de quem busca autoconhecimento. Em diálogo com Cornelia Bonenkamp, destacou a importância de reinterpretar o papel dos aparentes "obstáculos" que surgem nas relações ou nas experiências de vida.

É bonito ajudar o cliente a olhar para aquele que aparece como uma dificuldade e perceber que, na verdade, essa pessoa está a serviço do seu crescimento, ponderou. Segundo ele, quando o cliente reconhece que o outro — mesmo quando incômodo ou desafiador — cumpre uma função dentro do processo evolutivo, um novo campo de percepção se abre.

Ricardo propôs uma mudança de postura: sair do julgamento e entrar na gratidão. "Ele pode agradecer a esse que, aparentemente, é um obstáculo, mas que, de fato, se dispõe a ajudá-lo a dar passos novos", argumentou.

Segundo avalia, esse reconhecimento transforma o vínculo e oferece ao cliente a possibilidade de integrar a experiência com mais lucidez e menos resistência: “É muito bonito isso.”

Dando sequência ao diálogo sobre obstáculos e desafios, Cornelia Bonenkamp abordou a tendência humana de rejeitar os problemas e alertou para as consequências desse movimento de exclusão. “Ninguém quer problemas. Queremos excluí-los. Mas, pela natureza, o que excluímos, atraímos”, afirmou.

Para ela, o problema, ao contrário do que se imagina, é um elemento necessário e estruturante na trajetória do ser humano.

“Qualquer problema é perfeito”, declarou. Cornelia recorreu a uma metáfora simples e eficaz para ilustrar a ideia: o preparo de um bolo com ingredientes mal escolhidos e processo mal executado. O resultado, naturalmente, não será bom. Ainda assim, é coerente com os elementos utilizados.

“Não podia ser diferente”, disse. “Da mesma forma, qualquer problema nosso é o resultado perfeito dos ingredientes internos e contextuais que estão presentes”, refletiu.

Cornelia defendeu que, ao invés de negar o problema ou tentar escondê-lo, o essencial é acolhê-lo: “Importa abraçar o problema e explorar seus ingredientes. Com consciência, podemos trocar elementos e produzir novos resultados.”

Segundo ela, o problema é sempre um convite ao despertar: “Ninguém cresce na zona de conforto. O problema nos acorda. Se o escondemos, ele volta — com outra forma, mas com a mesma função.”

Para interromper o ciclo de repetição, é preciso enfrentar a dificuldade de frente, agradecer sua presença e perguntar: “O que posso aprender com você?”

A partir desse gesto, o padrão se dissolve: “Quando o problema é acolhido e compreendido, nunca volta do mesmo jeito.”

A fala de Cornelia consolidou a visão sistêmica de que o desconforto não é um erro do percurso, mas um sinal vital de que algo precisa ser visto, integrado e transformado.

Encerrando esse momento de exposição, Cornelia convidou o grupo para um exercício de conexão com o bem-estar interno — prática que considera essencial tanto para terapeutas quanto para líderes.

“Se eu carrego, *inconscientemente*, a ideia de que tudo o que faço está errado, atrairei críticas em todos os âmbitos da vida” (Cornelia Bonenkamp)

O reconhecimento desses padrões internos é, para ela, condição básica para qualquer transformação consistente.

Com delicadeza, lançou ao grupo a proposta: “Alguém quer que exploremos a relação com o bem-estar interno, para mostrar como faço? Mas, para isso, alguém precisa dizer: quero explorar.”

Ingra Lyberato, se dispôs a participar da prática e aceitou o convite da especialista. Com esse gesto, o grupo seguiu para a experiência vivencial, a fim de aprofundar o campo de escuta e conexão, agora não apenas conceitual, mas integrada ao corpo, à emoção e à presença.

A Constelação Organizacional como ferramenta estratégica de consciência

Após conduzir a experiência vivencial com Ingra Lyberato sobre bem-estar interno, Cornelia Bonenkamp retomou a palavra para apresentar, de forma concisa, os fundamentos de seu trabalho no campo das Constelações Organizacionais.

Com mais de 15 anos de atuação nessa área, ela é reconhecida internacionalmente pelo Infosyon, associação alemã de referência em Constelações Organizacionais, da qual é trainer com currículo verificado.

Cornelia relatou a recente participação em um encontro de cinco dias na Universidade de Bremen, na Alemanha, voltado exclusivamente à abordagem sistêmica no contexto organizacional. “Para mim, é uma ferramenta poderosa”, afirmou.

No entanto, alertou que sua aplicação exige compreensão profunda do funcionamento das empresas e do comportamento humano, sempre com base no pensamento sistêmico complexo.

Segundo Cornelia, a Constelação Organizacional oferece uma vantagem importante em relação a métodos tradicionais de diagnóstico e aconselhamento. “Podemos explorar, em duas ou três horas, uma dificuldade real dentro da empresa e gerar consciência a partir dela”, explicou.

Em contraste, ela observou que abordagens convencionais, como o coaching baseado apenas em perguntas e escuta linear, muitas vezes consomem tempo excessivo e oferecem menos precisão.

Ao trabalhar com visualizações sistêmicas, Cornelia propõe uma ampliação imediata do campo de percepção. A partir da representação de dinâmicas ocultas, líderes e gestores conseguem reconhecer padrões invisíveis, identificar bloqueios e, sobretudo, acessar novos caminhos de decisão com mais clareza.

“O essencial é ampliar a visão para que o líder, ao tomar consciência da situação, saiba qual é o próximo passo”, observou.

Diante da relevância e da potência do tema, Ricardo Mendes propôs a continuidade do debate em um novo encontro. A iniciativa foi acolhida com entusiasmo pelos participantes e sinalizou o interesse coletivo em aprofundar os desdobramentos teóricos e práticos das Constelações Organizacionais no contexto contemporâneo.

A influência do propósito do líder nas dinâmicas organizacionais

Antes do encerramento do encontro, a mediadora Rosângela Ferreira propôs à convidada especial Cornelia Bonenkamp uma síntese das reflexões apresentadas em seu recente compromisso na Universidade de Bremen, na Alemanha, voltado ao tema das Constelações Organizacionais. Cornelia aceitou o convite e compartilhou os principais pontos debatidos no evento. Ela enfatizou a importância de se observar o papel do propósito no campo organizacional: “Explorar a situação é o primeiro passo. E, em uma empresa, quem dá o propósito, quem define o sentido, é o dono. Isso precisa estar claro.”

Cornelia reforçou o **valor estratégico da Constelação Organizacional** como *instrumento de diagnóstico profundo*, **capaz de alinhar pessoas, processos e estruturas dentro de sistemas corporativos vivos e interdependentes**

Quatro perfis de empresários e *seus impactos nos sistemas*

Com base em sua longa experiência no campo organizacional, Cornelia apresentou quatro perfis típicos de empresários, cada um com implicações distintas nas dinâmicas sistêmicas da empresa.

O primeiro perfil é o do empresário sobrecarregado, que acumula tarefas, aponta problemas constantes e tenta resolver tudo sozinho: "Esse empresário (problemas na personalidade dele) atrai conflitos, tanto nos colaboradores quanto nos clientes, porque carrega internamente a sensação de estar só."

O segundo tipo é o empresário movido por interesses pessoais. Seu negócio existe apenas como meio de sustento ou de conquista de bens: "Ele busca status, segurança financeira e prestígio. Não há julgamento. É um padrão antigo. Mas esse foco gera também egocentrismo nos colaboradores e desconexão, o que costuma refletir em alta rotatividade e ausência de pertencimento."

O terceiro perfil é o do empreendedor que ama o que faz e tem como objetivo servir bem: "Ele sabe que precisa de uma equipe e valoriza o trabalho conjunto. Esse é o início de uma estrutura colaborativa. Cada um se sente importante, necessário."

O quarto perfil é uma evolução do anterior. Além de prezar pela colaboração e pela qualidade, pensa na sustentabilidade e no bem-estar coletivo: "É aquele que escolhe oferecer apenas alimentos que contribuam para a longevidade. O propósito transcende o individual e se alinha a um impacto social positivo."

Cornelia alertou que, a partir de maio, entra em vigor no Brasil uma nova legislação que exige mais clareza e responsabilidade social das empresas. Nesse cenário, conhecer e assumir o propósito institucional torna-se ainda mais essencial. "Observar o propósito é um passo. Não é tudo, mas já abre um campo importante de consciência. Porque, se eu ignoro o propósito do lugar onde estou, ele me movimenta inconscientemente", explicou. Segundo ela, essa desconexão pode gerar comportamentos incoerentes: "Um mesmo diretor de marketing, em uma empresa, se sente travado; em outra, floresce. A diferença está no contexto."

Para Cornelia Bonenkamp, **a Constelação Organizacional** *não oferece respostas prontas*, mas **revela o que está oculto**: "É uma *ferramenta de investigação*. **Não resolve, mas amplia a consciência. E com essa consciência, os líderes começam a enxergar aquilo que antes passava despercebido** — e é aí que **começam a fazer a diferença**"

Cornelia finalizou ao mencionar que compartilha reflexões sobre esses temas também em sua página no LinkedIn, onde continua a ampliar os diálogos sobre consciência organizacional e transformação sistêmica.

Agradecimento e celebração pelo encerramento do ciclo anual

A educadora e terapeuta Selma Horta expressou um agradecimento emocionado pela trajetória vivida ao longo do ano e pela qualidade da contribuição oferecida pela convidada especial Cornelia Bonenkamp.

"Quero agradecer profundamente por este encerramento de ano tão enriquecedor, proporcionado pela proposta do CECS e, hoje, de forma ainda mais especial, pela presença da Cornelia, cuja contribuição foi riquíssima", afirmou.

Selma destacou o impacto pessoal da convivência com a especialista ao longo de 2025.

"Meu coração transborda de alegria por ter tido você tão próxima neste ano. Isso me fez crescer muito. Sou muito grata ao CECS, especialmente a você, Cornelia, e à Yolanda e à Miriam, com quem estive mais próxima. Sinto-me feliz e engrandecida com a presença de vocês."

Ao se despedir, desejou boas festas e fez votos para o futuro da instituição: "Que a próxima gestão seja igualmente rica em conteúdo e composta por mentes tão generosas e comprometidas com uma contribuição tão graciosa e transformadora".

CECS

A congruência entre pensamento e sentimento como base para a ação eficaz

Antes do encerramento, Cornelia Bonenkamp fez uma última observação de caráter essencial. De forma direta, destacou a importância da coerência entre pensamento e emoção nos processos individuais e coletivos."Existe um ponto que considero absolutamente central: a congruência entre o que se pensa e o que se sente", afirmou. Para a especialista, sem esse alinhamento interno, os esforços tendem ao fracasso ou à repetição de padrões disfuncionais: "Se há dúvida ou desalinhamento entre pensamento e sentimento, nada acontece de forma verdadeira. Surgem conflitos, bloqueios, repetição de problemas."

Cornelia concluiu a fala ao reforçar que a congruência interna é o fundamento da motivação genuína e da ação eficaz: "Só com essa integração é possível alcançar mudanças reais e sustentáveis."

Gratidão e compromisso com o legado de Bert Hellinger

Ricardo Mendes expressou seu agradecimento à convidada especial Cornelia Bonenkamp, ao destacar a importância do encontro e o valor do caminho coletivo trilhado no campo das Constelações Sistêmicas.

"Quero agradecer profundamente por toda a sabedoria que você acumula e generosamente compartilha ao longo dos anos. É uma alegria estarmos aqui juntos, nutridos por esse conteúdo tão significativo", afirmou.

Ricardo ressaltou que a coerência entre o sentir e o pensar é uma das bases do trabalho desenvolvido pela comunidade do CECS.

"Esse sentir, esse pensar — é isso que nos orienta. É por isso que estou aqui. Se não houvesse esse sentido profundo, não faria parte", declarou.

Em tom de reconhecimento, enfatizou que todos os presentes compartilham dessa mesma clareza e propósito. "Estamos aqui porque isso faz sentido. Caminhamos juntos diante das demandas que escolhemos acolher e do papel que desejamos exercer, em profunda gratidão a tudo o que Bert Hellinger nos trouxe e transformou em nossas vidas", pontuou.

Na conclusão do encontro, a convidada especial Cornelia Bonenkamp expressou gratidão pela experiência compartilhada com o grupo e destacou a harmonia vivida durante o evento. "Talvez vocês tenham percebido: estive totalmente em flow com vocês. Não gostaria de estar em nenhum outro lugar. Amei estar aqui, em conexão com todos", afirmou.

Com sensibilidade, Cornelia reiterou a singularidade de cada indivíduo e de cada abordagem dentro do campo das Constelações: “Cada pessoa é única, cada um é diferente, e cada profissional trabalha com a ferramenta da visualização e com a relação familiar de forma distinta. E nenhum é melhor do que o outro.” Ela finalizou com uma mensagem de união e colaboração: “Ao compartilhar, ao trocar, podemos crescer juntos.”

Encontro encerra o ano com partilha, propósito e convite ao futuro

A mediadora Rosângela Ferreira encerrou o último encontro do ano do CECS com uma mensagem de gratidão, reconhecimento e entusiasmo pelo caminho trilhado em comunidade.

“O CECS é vivo exatamente por esse espaço, por esse lugar onde todos podem construir juntos. Somos muito gratos pela presença de todos nesta noite e, em especial, à Cornelia Bonenkamp, que nos ofereceu, neste encerramento, uma reflexão profunda — tanto sobre o indivíduo quanto sobre o coletivo que estamos formando”, destacou. Em sua fala, Rosângela ressaltou a importância de revisitar o propósito comum que une os participantes:

“Esse foi um verdadeiro presente. Fechamos com chave de ouro este nosso último encontro do ano, sendo convidados a refletir sobre o propósito maior que nos move e a nos perguntar se estamos, de fato, conectados com ele.”

A mediadora também anunciou, com entusiasmo, os próximos passos do CECS: “Já temos data para nos reencontrarmos presencialmente.

Vamos nos reunir nos dias 30 e 31 de janeiro de 2026, em São Paulo. Será uma oportunidade de nos vermos, nos abraçarmos e fortalecermos ainda mais os vínculos e o sentido dessa construção coletiva.”

Por fim, deixou um convite aberto e afetuoso aos associados: “Queremos receber todos que puderem estar conosco nesse encontro. Será um momento de retomada, de avaliação do caminho até aqui e de planejamento do futuro que queremos construir juntos.”

A encerrar o evento em tom de gratidão, Rosângela afirmou: “Ficamos com essa mensagem de partilha, generosidade e muito conhecimento compartilhado de forma amorosa. Gratidão a todos”. **(Texto publicado no dia 08 de janeiro de 2026 e atualizado em 25 de janeiro de 2026)**